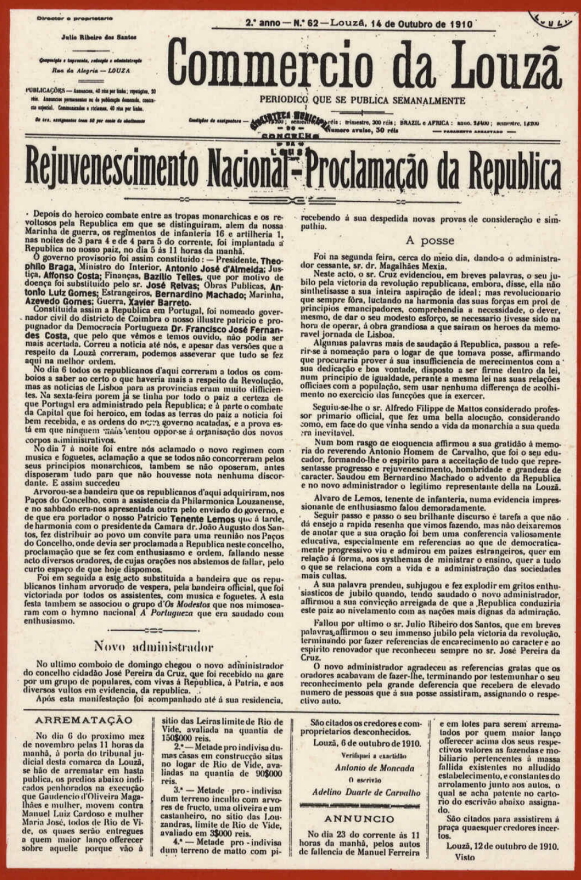
DINIS MANUEL ALVES

Commercio da Louzã

500 DIAS ATÉ À REPÚBLICA



Director e proprietario
Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, condições especiaes. Communicados a reclame, 40 réis por linha.

Não ha assignaturas menos de um mez de abatimento

2.º anno — N.º 62 — Louzã, 14 de Outubro de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — [illegible]: trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, $200; semestre, $120

Numero avulso, 30 réis

CONCURSO

Rejuvenescimento Nacional — Proclamação da Republica

Depois do heroico combate entre as tropas monarchicas e os revoltosos pela Republica em que se distinguiram, alem da nossa Marinha de guerra, os regimentos de infanteria 16 e artilheria 1, nas noites de 3 para 4 e de 4 para 5 do corrente, foi implantada a Republica no nosso paiz, no dia 5 ás 11 horas da manhã.

O governo provisorio foi assim constituido: — **Presidente, Theophilo Braga**, Ministro do Interior. **Antonio José d'Almeida**; Justiça, **Affonso Costa**; Finanças, **Bazilio Telles**, que por motivo de doença foi substituido pelo sr. **José Relvas**; Obras Publicas, **Antonio Luiz Gomes**; Estrangeiros, **Bernardino Machado**; Marinha, **Azevedo Gomes**; Guerra, **Xavier Barreto**.

Constituida assim a Republica em Portugal, foi nomeado governador civil do districto de Coimbra o nosso illustre patricio e propugnador da Democracia Portugueza **Dr. Francisco José Fernandes Costa**, que pelo que vêmos e temos ouvido, não podia ser mais acertada. Correu a noticia até nós, e apesar das versões que a respeito da Louzã correram, podemos asseverar que tudo se fez aqui na melhor ordem.

No dia 6 todos os republicanos d'aqui correram a todos os comboios a saber ao certo o que haveria mais a respeito da Revolução, mas as noticias de Lisboa para as provincias eram muito difficientes. Na sexta-feira porem já se tinha por todo o paiz a certeza de que Portugal era administrado pela Republica; e á parte o combate da Capital que foi heroico, em todas as terras do paiz a noticia foi bem recebida, e as ordens do novo governo acatadas, e a prova está em que ninguem [illegible] oppor-se á organisação dos novos corpos administrativos.

No dia 7 á noite foi entre nós aclamado o novo regimen com musica e foguetes, aclamação a que se todos não concorreram pelos seus principios monarchicos, tambem se não oppozeram, antes dispozeram tudo para que não houvesse nota nenhuma discordante. E assim succedeu.

Arvorou-se a bandeira que os republicanos d'aqui adquiriram, nos Paços do Concelho, com a assistencia da Philarmonica Louzanense, e no sabbado ern-nos apresentada outra pelo enviado do governo, e de que era portador o nosso Patricio **Tenente Lemos** que á tarde, de harmonia com o presidente da Camara dr. João Augusto dos Santos, fez distribuir ao povo um convite para uma reunião nos Paços do Concelho, onde devia ser proclamada a Republica neste concelho, proclamação que se fez com enthusiasmo e ordem, fallando nesse acto diversos oradores, de cujas orações nos abstemos de fallar, pelo curto espaço de que hoje dispomos.

Foi em seguida a esse acto substituida a bandeira que os republicanos tinham arvorado de vespera, pela bandeira official, que foi victoriada por todos os assistentes, com musica e foguetes. Á esta festa tambem se associou o grupo *d'Os Modestos* que nos mimoseou com o hymno nacional *A Portugueza* que era saudado com enthusiasmo.

Novo administrador

No ultimo comboio de domingo chegou o novo administrador do concelho cidadão José Pereira da Cruz, que foi recebido na gare por um grupo de populares, com vivas á Republica, á Patria, e aos diversos vultos em evidencia, da republica.

Após esta manifestação foi acompanhado até á sua residencia, recebendo á sua despedida novas provas de consideração e simpathia.

A posse

Foi na segunda feira, cerca do meio dia, dando-o o administrador cessante, sr. dr. Magalhães Mexia.

Neste acto, o sr. Cruz evidenciou, em breves palavras, o seu jubilo pela victoria da revolução republicana, embora, disse, ella não sinthetisasse a sua inteira aspiração de ideal; mas revolucionario que sempre fôra, luctando na harmonia das suas forças em proi de principios emancipadores, comprehendia a necessidade, o dever, mesmo, de dar o seu modesto esforço, se necessario tivesse sido na hora de operar, á obra grandiosa a que sairam os heroes da memoravel jornada de Lisboa.

Algumas palavras mais de saudação á Republica, passou a referir-se á nomeação para o logar de que tomava posse, affirmando que procuraria prover á sua insufficiencia de merecimentos com a sua dedicação e boa vontade, disposto a ser firme dentro da lei, num principio de iguaidade, perante a mesma lei nas suas relações officiaes com a população, sem usar nenhuma differença de acolhimento no exercicio das funcções que ia exercer.

Seguiu-se-lhe o sr. Alfredo Filippe de Mattos considerado professor primario official, que fez uma bella alocução, considerando como, em face do que vinha sendo a vida da monarchia a sua queda era inevitavel.

Num bom rasgo de eloquencia affirmou a sua gratidão á memoria do reverendo Antonio Homem de Carvalho, que foi o seu educador, formando-lhe o espirito para a acceitação de tudo que representasse progresso e rejuvenescimento, hombridade e grandeza de caracter. Saudou em Bernardino Machado o advento da Republica e no novo administrador o legitimo representante della na Louzã.

Alvaro de Lemos, tenente de infanteria, numa evidencia impressionante de enthusiasmo falou demoradamente.

Seguir passo e passo o seu brilhante discurso é tarefa a que não dá ensejo a rapida resenha que vimos fazendo, mas não deixaremos de anotar que a sua oração foi bem uma conferencia valiosamente educativa, especialmente em referencias ao que de democraticamente progressivo viu e admirou em paizes estrangeiros, quer em relação á forma, aos systhemas de ministrar o ensino, quer a tudo o que se relaciona com a vida e a administração das sociedades mais cultas.

A sua palavra prendeu, subjugou e fez explodir em gritos enthusiasticos de jubilo quando, tendo saudado o novo administrador, affirmou a sua convicção arreigada de que a Republica conduziria este paiz ao nivelamento com as nações mais dignas da admiração.

Fallou por ultimo o sr. Julio Ribeiro dos Santos, que em breves palavras affirmou o seu immenso jubilo pela victoria da revolução, terminando por fazer referencias de encorecimento ao caracter e ao espirito renovador que reconheceu sempre no sr. José Pereira da Cruz.

O novo administrador agradeceu as referencias gratas que os oradores acabavam de fazer-lhe, terminando por testemunhar o seu reconhecimento pela grande deferencia que recebera de elevado numero de pessoas que á sua posse assistiram, assignando o respectivo auto.

ARREMATAÇÃO

No dia 6 do proximo mez de novembro pelas 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta comarca da Louzã, se hão de arrematar em hasta publica, os predios abaixo indicados penhorados na execução que Gaudencio d'Oliveira Magalhães e mulher, movem contra Manuel Luiz Cardoso e mulher Maria José, todos de Rio de Vide, os quaes serão entregues a quem maior lanço offerecer sobre aquelle porque vão á

sitio das Leiras limite de Rio de Vide, avaliada na quantia de 150$000 reis.

2.º — Metade pro indivisa duas casas em construcção sitas no logar de Rio de Vide, avaliadas na quantia de 90$000 reis.

3.º — Metade pro-indivisa dum terreno inculto com arvores de fructo, uma oliveira e um castanheiro, no sitio das Louzandras, limite de Rio de Vide, avaliado em 3$000 reis.

4.º — Metade pro-indivisa dum terreno de matto com pi-

São citados os credores e comproprietarios desconhecidos.

Louzã, 6 de outubro de 1910.

Verifiquei a exactidão

Antonio de Moncada

O escrivão

Adelino Duarte de Carvalho

ANNUNCIO

No dia 23 do corrente ás 11 horas da manhã, pelos autos de fallencia de Manuel Ferreira

e em lotes para serem arrematados por quem maior lanço offerecer acima dos seus respectivos valores as fazendas moobiliario pertencentes á massa fallida existentes no alludido estabelecimento, e constantes do arrolamento junto aos autos, o qual se acha patente no cartorio do escrivão abaixo assignado.

São citados para assistirem á praça quaesquer credores incertos.

Louzã, 12 de outubro de 1910.

Visto

PROJECTO LOUSÃ EM DATAS

Edições EPL

Commercio da Louzã

500 DIAS ATÉ À REPÚBLICA

PROJECTO "LOUSÃ EM DATAS"

DINIS MANUEL ALVES
Professor da EPL – Jornalista

Commercio da Louzã

500 DIAS ATÉ À REPÚBLICA

PROJECTO "LOUSÃ EM DATAS"

EDIÇÃO DA ESCOLA PROFISSIONAL DA LOUSÃ

Alto Patrocínio
CÂMARA MUNICIPAL DA LOUSÃ
BIBLIOTECA MUNICIPAL DA LOUSÃ
DELEGAÇÃO DO CENTRO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

TÍTULO:	COMMERCIO DA LOUZÃ – 500 DIAS ATÉ À REPÚBLICA
AUTOR:	DINIS MANUEL ALVES
EDITOR:	EDIÇÕES EPL – ESCOLA PROFISSIONAL DA LOUSÃ
EXECUÇÃO GRÁFICA:	TIPOGRAFIA LOUSANENSE, LDA. – LOUSÃ
TIRAGEM:	600 EX.
DEPÓSITO LEGAL:	103007/96

"Deve ser bom escrever em plena liberdade, como é bom colher um fruto da própria árvore e mastigá-lo. Mas que sabor, que triunfo, escrever com liberdade debaixo da tirania! Cada palavra, cada pensamento, é um risco que se corre, um desafio que se lança. Não há sossego de fora que se tenha, noite que se durma em paz. Mas lá na última morada do ser, na consciência profunda da dignidade humana, que segurança, que serenidade! A verdade, com todas as atribulações, foi servida. A vida pode continuar."

MIGUEL TORGA, DIÁRIO V, 1949

"Os homens desapparecem mas a Ideia não morre. Travada a lucta entre a reacção e a liberdade, entre as trevas e a luz, não ha duvidas sobre quem colherá os louros da victoria".

in "COMMERCIO DA LOUSÃ", 1909

INTRODUÇÃO

O jornal "**Commercio da Louzã**" começou a publicar-se a 4 de Abril de 1909, ano e meio antes da proclamação da República. Ao lançar o seu programa aos mares da crítica, anunciava-se arredio de partidários e partidos — "*um jornal sem política*", como antevia o colaborador "**João Ninguém**".

Mas a política foi tema que sempre esteve presente no periódico lousanense, neste longo prólogo da República que acompanhou. No seu programa, o t'arrenego à política talvez quisesse significar ausência de comprometimento declarado a um determinado partido. Mas os textos desmentem que o jornal evitasse o empenhamento político, no caso em defesa do ideal republicano.

Não se renegava a política, mas a "*má política*" da qual chegavam constantes ecos da capital e doutras paragens, através de abundantes citações e reproduções integrais de prosas de outros jornais em Lisboa, Aveiro ou Coimbra publicados.

Não se assumia oficialmente como republicano, apesar das confessadas "*ideias republicanas dos seus directores*"; mas o "**Commercio da Louzã**" fez cruzada pela chegada breve da "**LUZ**", que aqui significava o advento da República, por troca com um regime decrépito, que levara Portugal à condição de um "*leão moribundo*".

Páginas desfraldadas a favor da instrução popular, da aprendizagem da leitura a desaguar no leito sofrido dos pobres a quem os herdeiros da sorte e da fortuna desprezavam; páginas impressas com o vigor de quem clamava contra as injustiças do caciquismo local, do clero reaccionário e dos "*camaristas*" lousanenses que pareciam saber apenas da sua vidinha tratar.

Pela instrução popular, significava tomar partido contra um trono que assentava "*sobre um pedestal chamado Ignorância*", contra uma "*monarquia nova*" que esclerosava de velhos problemas.

Contra o clero conservador, porque sustentáculo de um trono agora com face de um "*jeune roi*" pelo jornal considerado incompetente, entre outros variados mimos.

Contra a Rotina, a Intolerância e a Escravidão, porque o contraponto dava pelo nome de Liberdade, Razão e Justiça.

Querendo apurar dominâncias ideológicas pelo texto dos sessenta e poucos números cumpridos até ao dealbar da República, diremos que o "**Commercio da Louzã**" se fez no berço do ideário socialista, uma "*extrema esquerda liberal*" que José Tengarrinha encontrou nos jornais portugueses que não eram declaradamente órgãos de partidos.

Um jornal que lutava contra os poderosos também para se manter de pé, que de quando em vez lá surgiam as referências à devolução de vários

exemplares, ou à má vontade de quem, podendo, negava a publicidade que em tempos sobejara para os antecessores periódicos publicados na terra, um "*rotativo*" e outro "*franquista*".

O livro que a **Escola Profissional da Lousã** agora dá à estampa, pretende-se homenagem aos jornalistas que fizeram o "**Commercio da Louzã**", e nomeadamente ao seu proprietário e director **JÚLIO RIBEIRO DOS SANTOS**.

Homenagem que quisémos de conteúdo útil, trazendo ao final do século páginas memoráveis de uma publicação do concelho da Lousã, quando o século mal despira as fraldas. Vale também como documento — pela reprodução de alguns dos textos publicados naquele periódico; como registo que interessa carregar até ao presente, como convite ao conhecimento, por parte das gerações mais jovens que estudam nesta escola, de uma experiência de jornalismo assaz diferente da que se vive hodiernamente.

Valerá ainda como convite à leitura dos jornais de antanho, fascinantes mananciais de relatos e registos narrativos de um jornalismo que assumia uma causa. A caminhada inexorável rumo à República foi aqui o pretexto da selecção e das quase inúteis intrusões do narrador, que desde já pede penitência pelos erros que os leitores venham a assinalar.

A República como pretexto para uma evocação, porque nunca será demais exortarmos o sagrado valor da Liberdade, tão bem definida nas páginas do "**Commercio da Louzã**" como "**a noiva eterna das almas juvenis, o ideal sublime por que combatem todos**".

NO seu número inaugural, de 4 de Abril de 1909, o "**Commercio da Louzã**", depois de longos considerandos sobre a necessidade e os riscos de incumprimento de um "Programma", não resistia a avançar com o seu:

"Lançamos hoje aos mares da critica o *Commercio da Louzã*, e a critica, não resistindo à praxe, pede-nos certamente Programma: — definição de — ao que vimos:

— A dar o nosso esforço, tanto quanto possamos à defeza dos direitos e dos interesses d'este concelho e da sua população, e no firme proposito de seguirmos, d'olhos vendados, como o symbolo da justiça, sem querermos vêr nem conhecer partidos ou partidarios". (Nota 1)

Mas logo neste primeiro número se percebia uma determinada postura ideológica, denotada no ênfase posto à "*instrução popular*", que perpassava das notícias referentes às comemorações da "**Festa da Árvore**" em vários pontos do concelho.

Apartidário, mas reivindicativo, como augurava na sua primeira crónica o colaborador de Coimbra, que assinava "**José**":

"(...) Limito-me a cumprimentar-vos pela ideia que tivesteis de fundar nessa pittoresca villa um jornal que seja como que o seu defensor, o porta-voz das suas reclamações, a campainha de alarme para vibrar sonora e bem alto quando sejam olvidados os seus sagrados interesses pela *alta* politica que ande embrenhada nalguma escura negociata, ou, quando acima d'elles sejam collocadas as conveniencias d'algum eleiçoeiro ou cacique local".

Um jornal sem política, assim prescrevia outro colaborador de Coimbra, no caso um que assinava "**João Ninguém**":

"Duas coisas me moveram a acceitar o vosso amavel convite de collaboração: a minha amizade por vós (...) e eu saber que o vosso jornal não tinha política, senhora com quem não tenho relações, mas que me parece pessoa detestavel, pelos males que lhe tenho visto causar e pelas patifarias e injustiças que lhe tenho visto praticar.

E então numa terra pequena?!

Ella mette-se em casa dos grandes, d'olho manhoso e sorriso matreiro, ouve o que os patrões dizem e vai contal-o aos criados; vai até á cosinha cheirar as panellas e provar os guizados, ouve os criados dizer mal dos patrões, ajuda-os nisso se fôr preciso e vai para a sala dizer tudo quanto ouviu, se é que não accrescenta alguma coisa da sua lavra (...)".

Um cartão de apresentação que renegava a "*política*", esta com costas largas para acoitar todos os males, quase todas as perfídias acima da terra praticadas.

NO segundo número, explicitava-se melhor o sentido desta esconjuração: não se tratava afinal de renegar a actividade política em si, antes a má política dos maus políticos:

"Em Portugal a politica deixou de ser o conjunto de principios reguladores da vida da nação, para se transformar num simples processo de satisfazer vaidades, crear odios e inutilisar aptidões.

Ser politico, entre nós, não é ser cidadão: é ser o influente eleitoral que procura arranjar o maior número de votos para conseguir as boas graças do chefe, é abastardar a intelligencia, é escravizar a vontade, é muitas vezes afundar o caracter" —lia-se no editorial intitulado "**A Crise Nacional**", um repositório cáustico das causas que levavam os portugueses a sentir repugnância pela política:

"Hoje em dia nota-se uma repugnancia extraordinaria pela politica, tratando cada um de nós de fugir d'ella como quem foge de um tenebroso abysmo" — sinalizava-se, fazendo-se de seguida o contraponto:

"Será que a politica não traga a quem nella se intromete mais que desgostos, desillusões e prejuizos de dinheiro?

Não é.

Ser politico é ser cidadão: cidadão consciente que trabalha com alma, de boa fé, pelo engrandecimento material e moral do país a que pertence, que intervém em todos os actos da vida nacional, onde é chamada a sua intervenção, com o tributo desinteressado da sua opinião ou do seu voto".

O editorial fechava apontando sintomaticamente a necessidade do "*capricho humano mudar para outro caminho*". (Nota 2)

OS factos, porém, pareciam não ter ouvidos para as preces purificadoras do novel jornal lousanense.

No seu número terceiro, o editorial voltava a zurzir na "*política*", desta feita a propósito da crise ministerial então vivida (Nota 3), da constituição de um novo governo e de um parlamento considerado improdutivo:

"Vai em dois meses que se abriu a actual sessão parlamentar, a segunda da legislatura que decorre, e ainda dos seus trabalhos não resultou coisa que se visse e que aproveitasse às forças produtivas da actividade nacional.

Politica e só politica, e eis do que se tem tratado, e mais nada!"

A continuar o rame-rame da política estéril, nada mais havia a vaticinar que um "*desenlace fatal de uma desastrosa catastrofe*".

A propósito do congresso municipalista que se realizara em Lisboa, o número quatro do "**Commercio da Louzã**" tomava partido: — a favor do município, contra o poder centralizador sediado na capital:

"Monarquicos e republicanos, conservadores e liberais, nenhum deixou de reclamar a maxima autonomia nas relações do municipio com o poder central e de reivindicar para a velha instituição, que tem sido o principal elemento da nossa independencia, o logar de honra a que tem direito e só um regimem excessivamente centralizador lhe tem acintosamente negado".

Logo a seguir...

"É consolador ver assim a alma portuguêsa ter uma aspiração generosa, como é essa do rejuvenescimento da Patria pela rehabilitação do municipio". (Nota 4)

ÊNFASE ao municipalismo, também aos problemas da "*instrucção*". A preocupação neste âmbito será uma das pedras de toque do jornal dirigido por António Cruz Alves dos Santos. As páginas do periódico lousanense albergarão, por várias edições, desenvolvidas notas da cobertura do "**Congresso Pedagógico**" realizado em Lisboa no mês de Abril. (Nota 5)

"**João Ninguém**" encarregava-se, na edição cinco, dos primeiros aforamentos ao movimento republicano. Então não é que havia quem atribuísse à realização de um congresso republicano em Setúbal a responsabilidade pelo tremor de terra que sacudira Portugal a 23 de Abril?!

No mesmo número, partido tomado a favor dos pobres, contra a carestia do pão:

"Mais um pouco de amor pelos pobresinhos, senhores padeiros, que elles nem sempre teem os estomagos dispostos a ingerir pão de milho!"

Ainda nesta edição, o elogio ao pároco chamado a pregar o sermão à chegada de Nossa Senhora da Piedade. Um elogio que mostrava já, de forma clara, para que lado pendiam as simpatias do jornal lousanense:

"O sr. padre José Amaro, com o seu discurso fluente e correcto, historico-socialista, conseguiu, em parte, agradar immenso ao selecto auditorio. Os nossos parabens".

O jornal já havia defendido a necessidade do "*capricho humano mudar para outro caminho*", já temera um "*desenlace fatal de uma desastrosa catastrofe*". A 18 de Maio de 1909, sob o título "**Que virá?...**", **F. Duarte** preenchia as reticências com o que arriscava ser a vontade do povo sofrido de então:

"No seu animo, começa a predominar com afincada insistencia a ideia de fazer estalar e ruir um systema de instituições que, deformadas e sophismadas, o acorrentam a uma vida de sofrimentos, miseria e sobressaltos".

NA edição seguinte, a primeira página era quase totalmente preenchida por uma transcrição de um artigo publicado no jornal "**A Lucta**", que o "**Commercio da Louzã**" assumia como seu editorial (Nota 6). Artigo "*firmado pelo brilhante jornalista e distincto deputado da nação sr. dr. João de Menezes*", reportava-se à decisão do congresso republicano que reunira em Setúbal, de "*efectuar em todo o paiz um grande movimento nacional para que a convenção luso-transvaaliana seja declarada sem valor algum*". (Notas 7 e 8)

Uma questão que agitara sobremaneira o parlamento, com o Partido Republicano a apelar ao esforço do povo, para assim se "*salvar a honra da nação portugueza, victima da tyrania do regimem e do despotismo da monarchia nova*".

O jornal lousanense a assumir-se, cada vez mais, como um jornal desafecto ao regime, na linha do que já sucedia com outros importantes órgãos da imprensa, a nível nacional. Atente-se, a propósito, numa passagem do artigo de João de Menezes:

"A resolução do congresso mereceu o aplauso incondicional dos jornaes que representam oficialmente o bloco regenerador-dissidente, e esse aplauso foi até

ao ponto de se declarar que, á campanha republicana, prestariam os dois partidos monarchicos o seu concurso. No entender d'esses jornaes, o terreno extra-parlamentar, tratando-se d'uma questão de soberania nacional — perante a qual não podia haver distincção de partidos — era mesmo mais proprio do que o terreno parlamentar, para se discutir o gravissimo assumpto".

No número onze, o jornal lousanense haveria de retomar o tema, voltando a dar-lhe dignidade de primeira página. **F. Duarte** insurgia-se contra o tratado, e não tinha pejo em advogar a violência, se fosse caso disso:

"Se não quizermos que este povo de tão gloriosas tradicções historicas, de tão grandes recursos ainda, se afunde na tutela estrangeira, vilipendiosa e miseravel, temos de reagir, ainda que por processos violentos, contra taes systemas de administração e governação publicas". (Nota 9)

A 1 de Junho, o número nove do semanário lousanense voltava a ocupar a sua primeira página com temas ligados ao movimento republicano. Noticiava-se a tentativa frustrada de punição de um oficial reformado da marinha de guerra, que havia proferido conferência sobre o polémico convénio com o Transwaal, e que nela manifestara posição contrária ao referido tratado. O jornal parabenizava o ministro da marinha por ter impedido a consumação da punição ao conferencista.

O espaço mais nobre da primeira página ficava a cargo de outra transcrição, agora do jornal "**O Mundo**". Um artigo, o último da autoria do abade Paes Pinto, considerado pelo "**Commercio da Louzã**" um "*espirito culto de revolucionario, a quem, de ha dezoito annos a esta parte tanto deveu o partido republicano*".

O texto intitulava-se "**Republica e Religião**", e o jornal da Lousã, lembrando-se do que prometera no seu "Programma", tratava de desdramatizar a inclusão de tal prosa:

"Não o fazemos com o fim de servir esta ou aquella ideia, mas sim por vêrmos nas palavras do honrado sacerdote, que quaesquer que sejam as instituições liberaes, seja qual for o nome que se lhe dê, teem por dever acatar e fazer respeitar as crenças de cada um".

Na página dois, o texto da autoria de "**V.**", sob o título e o pretexto "**As illusões d'um sonho**", comportava gordo repositório dos ideais da Igualdade, Liberdade e Fraternidade.

O autor sonhava com a chegada do "*grande Reformador*", vindo para "*resgatar a humanidade, que se debatia nas garras do Despotismo e da Tyrania*"; nem acordou com o "*enorme e ensurdecedor ruido*" provocado pelas "*ruinas d'um mundo velho, corrupto, fundado em alicerces de lodo que desabavam*", e davam lugar a outro mundo, este feito "*de Paz, de Amor, de Justiça e de Bondade*", "*inundando de uma Luz rutilante infinitamente mais intensa do que a do Astro Rei*".

Repare-se na ironia subtil da chamada a final de frase, não do sol, mas do astro a quem coube em sorte emparelhar a cognome com a monarquia...

No sonho de "**V.**", os homens "*uniram-se num doce amplexo de confraternisação*":

"Os ricos deixaram de esbanjar em luxos e vaidades o que de direito pertencia aos seus irmãos famintos; acabou a distincção de castas; deixaram de existir logares reservados nas egrejas e outros logares publicos para a aris-

Director e administrador — Antonio Cruz Alves dos Santos

Proprietario — Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetição, 20 réis por linha. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações offerecidas a este jornal

1.º anno — N.º 1 — Domingo, 4 de Abril de 1909

Commercio da Louzã

SEMANARIO QUE SE PUBLICA AOS DOMINGOS

Condições de assignatura — Anno, 1$200 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400 réis; semestre, 1$200 réis
— PAGAMENTO ADEANTADO —
Numero avulso, 50 réis

BIBLIOTECA MUNICIPAL
CONCELHO

O COMPROMISSO...

Fazer Programma, é praxe, é quasi vicio, nesta boa terra portugueza, onde a laranjeira medra, onde a vinha se multiplica e as... *vinhas* abundam.

Desde o pretendente á poltrona ministerial, ao mais simples candidato a uma cadeirita burocratica; desde o fidalgo arruinado, ao *vidinha catita* que anda á pesca de noiva *pesada*, ao diplomado que fita olhares cubiçosos numa sinecura; que ajudando á vida de margem a *furar*, tudo, tudo se rende á praxe, ao vicio de fazer Programma; — como quem diz: — tudo faz o pregão dos proprios merecimentos e valimento, num grande estendal de promessas seductoras, de protestos d'encantar... até que attinge a desejada meta. Depois...

A vaidade domina á proporção que a idade avança; o igoismo empolga ao passo que a consideração rodeia; a presumpção intolerante — e quantas vezes grotesca!! — sobresáia atrevidamente ao mesmo tempo que a commodida e solicitante apresentação de antes — no programma consubstanciada — se eclipsa e desapparece...; e o Programma espaventoso, de tudo que ha de bom, lá vai, repudiado e feito em pedaços, á valla funda do esquecimento.

Esta é a regra, da qual são raras, bem raras as excepções a apartar:

Olhos ao alto, ás culminancias da politica e da administração do estado: — essa regra inteiramente em fóco, pois que nem um dos *messias*, ou dos dentistas que ha boas dezenas d'annos taes culminancias attingiu, á regra faltou ainda.

Reparo á supremacia que das altas culminancias se escôa, paiz em fóra — ás chefias de districto e de concelhos, e que d'estas se ramifica ou se espelha na influencia official e na collaboração individual de partidarios e de amigos — ás vezes de... Peniche: — a reflexão nitida e clara da regra: — o Programma lançado ás féras, para dar logar ao capricho, á convenção, á subtileza, á acção interesseira e dominantemente arbitraria.

E' a historia de ha longo tempo, é a historia de hoje...

E o jornal? Tambem fez sempre Programma, de ordinario moldado na promessa: — da independencia na critica, dôa a quem doer; da pugna persistente por ideaes de progresso e de civilização; da defeza das regalias e dos direitos individuaes; da lucta intemerata contra tudo o que represente um principio nocivo á felicidade, ao menos relativa da sociedade; contra tudo o que symbolise immoralidade e carencia de civismo. Depois...

O encosto á facção partidaria, a *lealdade* de ir com ella, de defende-la, lá obriga a subordinar a orientação ao que á facção interessa, a amoldar a critica e a acção ao convencionalismo de um estreito e acanhado espirito de simples partidarismo politico.

E *aqui*, como *acolá*, o tão promettedor Programma, lá vai á valla funda do esquecimento.

Mas ainda *aqui*, ha excepções que apartar da regra?

Sem duvida; e em meio d'esse tremendo desabar do Programma, é consolador registar que, pelo que ao jornal respeita, excepções tambem se destacam.

Lançamos hoje aos mares da critica o *Commercio da Louzã*, e a critica, não resistindo á praxe, pede-nos certamente Programma: — definição de — ao que vimos:

— A dar o nosso esforço, tanto quanto possamos á defeza dos direitos e dos interesses d'este concelho e da sua população, e no firme proposito de seguirmos, d'olhos vendados, como o symbolo da justiça, sem querermos vêr nem conhecer partidos ou partidarios.

E' isto Programma? Para a critica será; para nós é o Compromisso, formulado com a maior simplicidade e sem emolduração berrante: — por isso mesmo para respeitar e cumprir, na decisão firme de que o não colha a derrocada do *Programma*.

E assim formulado e conscienciosamente tomado o Compromisso, saudando a sociedade portugueza, saudamos em especial os nossos conterraneos e a imprensa.

ORPHEON ACADEMICO

Realisou se na quinta-feira passada, no Colyseu dos Recreios, de Lisboa, um sarau, promovido pelo Orpheon Academico, que se compõe de estudantes de Coimbra, o qual decorreu animadissimo, cujo producto foi destinado á fundação do *Jardim-escola João de Deus*.

Proferiu uma allocução o illustre lente da Universidade, sr. dr. Egas Moniz, que assim, amavelmente accedeu ao pedido que lhe foi feito pelo Orpheon. No espectaculo tomaram parte alguns artistas do theatro de D. Maria, da capital.

INSTRUCÇÃO

A Festa da Arvore

Em Foz d'Arouce e Freixo

Realisou-se na terça-feira, 30 de março ultimo, como estava annunciado, a «Festa da Arvore» e a distribuição de livros de estudo ás creanças pobres nas escolas officiaes de Foz d'Arouce e do Freixo, ficando adiada a de Casal d'Ermio, que se devia realizar no mesmo dia, devido ao mau tempo.

Receberam livros em Foz d'Arouce 22 creanças de ambos os sexos, e no Freixo 15, sendo plantadas, pelas creanças, em cada uma d'estas localidades, 2 acacias.

Esta festividade é promovida pelo «Nucleo Louzanense da Liga Nacional de Instrucção composto dos srs. dr. João Augusto dos Santos, advogado: Alfredo Filippe de Mattos, professor; e Antonio Henrique dos Santos, Bernardino Lopes Padilha e Abel Baptista, commerciantes.

Nestas localidades decorreu com grande enthusiasmo. Em Foz d'Arouce discursou brilhantemente o sr. dr. João Augusto dos Santos sobre a acção benefica e indispensavel da instrucção popular, e da «Festa da Arvore» como sequencia e complemento d'aquella, que tanto interessa á vida agricola do Paiz, terminando por apellar para as creancinhas, recommendando-lhes o cuidado e o amor pelas plantas que iam pôr e de que jamais se esqueceriam no futuro.

Em seguida o professor da escola, sr. Antonio Duarte Vaz, leu um magnifico discurso, que não podemos transcrever n'este numero por ser muito extenso, mas a que não deixaremos de dar a publicidade que merece.

Terminou, levantando vivas á Patria, á Liga Nacional de Instrucção, ao Nucleo Louzanense que foram muito correspondidos, colhendo os oradores vastos applausos.

No Freixo, fallou em primeiro logar o respectivo professor sr. Alfredo Filippe de Mattos, secretario do Nucleo, que, a proposito da distribuição dos livros, proferiu a seguinte

ALLOCUÇÃO

Meus senhores: — O homem moderno, verdadeiramente civilisado, é solidario, na alegria e na tristeza, com a familia, com a patria e com a humanidade.

Se algum membro da sua familia soffre physica ou moralmente, elle corre a minorar-lhe a dôr, tomando igualmente parte nas suas alegrias.

Se a fome, a peste ou a guerra flagellam a sua patria, desfaz-se dos proprios recursos, offerecendo-lhe o seu obulo, o seu braço e a sua intelligencia.

Se um cataclismo fere uma nação, levando ao seu seio o luto e a dôr, logo acode pressuroso o mundo civilisado, soccorrendo-a na sua desdita.

E' a solidariedade humana!

Pois bem, meus senhores. Portugal, a nossa querida Patria que a tradição gloriosa dos nossos antepassados nos ensinou a amar tanto, soffre e soffre muito.

Tem uma divida publica de 880 mil contos, que, dividida pelos cinco millões e meio de portuguezes que nós somos, não fallando nas colonias, dá uma capitação de 160$000 reis. E' quanto deve cada um de nós, independentemente de sexo ou idade! E numa situação d'estas só não treme quem já não córa quando o credor lhe diz: Dá me o que me deves!...

Tem cerca de metade da sua superficie inculta, quasi tudo charnecas e areaes improductivos. Os homens que as deviam arrotear e plantar emigram para as duas Americas numa média de 20:000 em cada anno. Teem fome na sua Patria; o trabalho não é remunerador. E o Estado importa por anno cerca de 9$000 contos em cereaes, batatas, etc, que tão bem se criam nos terrenos do paiz!

Tem quatro millões de analphabetos em cinco millões e meio de habitantes! Quatro millões de individuos que, não sabendo lêr nem escrever, nem tendo uma arte ou officio em que possam ganhar a vida, são a desgraça e a deshonra da sua Patria, onde quer que se encontrem. São tambem para si proprios, tristes miseraveis! Esta é a causa fundamental dos males da Patria.

Assim o comprehendeu a associação benemerita que se chama Liga Nacional de Instrucção e cujos membros, sem abdicarem das suas crenças religiosas ou politicas, se alistaram e organisaram numa legião de bravos e fervorosos patriotas cuja bandeira tem escripto: — Guerra ao analphabetismo! E lá vai combatendo-o com todas as forças da sua alma, por todos os meios compativeis com os seus recursos materiaes e moraes.

«O Nucleo Louzanense», animado dos mesmos patrioticos ideaes, luctando nas mesmas fileiras e honrando-se com a sombra e lemma da mesma nobilitante bandeira, não podia deixar de acudir ás creancinhas das escolas que, não tendo meios para comprar os livros agora approvados, estavam prestes a ser vencidas por terem de abandonar a escola.

Sim! A lei é dura, mas é lei.

E ella obriga o professor a não admittir livros nas escolas que não sejam os approvados, sob pena de sua pensão das suas funcções e vencimentos por tempo de seis mezes e de demissão no caso de reincidencia.

Os recursos pecuniarios do Nucleo são ainda poucos, o auxilio que elle agora presta é pequeno, comquanto satisfaça inteiramente as notas enviadas pelo professorado, mas tem a grande qualidade de vir na occasião opportuna.

E vós, meus meninos e minhas meninas, não desanimeis nunca! Estudae sempre bem os livros que tiverdes; e, se algum vos faltar que não puderdes comprar, recorrei ao Nucleo por intermedio do vosso professor e recebe-lo-heis, bem como vestuario, calçado e até alimentos quando os seus recursos para tanto chegarem. E' esta uma das suas formas de combater o analphabetismo.

Em vosso nome, pois, meus meninos e minhas meninas, agradeço, profundamente reconhecido, á direcção do Nucleo Louzanense da Liga Nacional de Instrucção — de que me excluo n'este agradecimento que faço como professor d'esta escola — o grande beneficio que acaba de vos prestar.

Em seguida discursou mais uma vez com muito brilho o sr. dr. João Santos salientando os perigos do analphabetismo, sobre tudo para os emigrantes, os quaes, se não souberem ler, são em toda a parte postos á margem, condemnados a não terem trabalho, porque este é desvalorisado pela imperfeição resultante da ignorancia. Depois numa linguagem moldada ás intelligencias infantis, mostrou as grandes vantagens da arborisação, especialisando e exemplificando sobre madeiras, fructos e flores, d'uma maneira admiravel.

O primeiro dia da «Festa da Arvore» foi na verdade, não só um dia de festa, mas de intensa educação civica.

Na Louzã

Realisou-se em 1 do corrente a «Festa da Arvore», e a distribuição de livros de estudo ás creanças pobres da escola do sexo feminino.

Foram contempladas onze creanças com os livros offerecidos pelo Nucleo Louzanense da Liga Nacional de Instrucção, fazendo uma allocução relativa ao acto o secretario do mesmo Nucleo sr. Alfredo Filippe de Mattos e seguindo-se a plantação de duas acacias no terreiro da escola, o que os alumnos fizeram com o maior enthusiasmo.

Por uma infeliz coincidencia não poude comparecer o digno presidente do Nucleo, sr. dr. João Augusto dos Santos, bem como os vogaes, srs. Antonio Henriques dos Santos, Bernardino Lopes Padilha e Abel Baptista, retidos no exercicio de jurados commerciaes.

O jornal lançava o seu programa aos mares da crítica.

*** O fundo cinzento assinalará, em todos os recortes, os artigos a que fazemos referência directa no texto. Em casos esporádicos, os leitores notarão a falta de uma ou mais linhas de texto, nos recortes. É uma situação incontornável, pelo facto de tais linhas já faltarem nos originais ou cópias da colecção do *"Commercio da Louzã"*.**

Director e administrador — Antonio Cruz Alves dos Santos

1.º anno — N.º 2 — Domingo, 11 de Abril de 1909

Proprietario — Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetição, 20 réis por linha. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações offerecidas a este jornal

BIBLIOTECA MUNICIPAL — DO — CONSELHO DE LOUZÃ — EXEMPLAR ADQUIRIDO POR COMPRA

Commercio da Louzã

SEMANARIO QUE SE PUBLÍCA AOS DOMINGOS

PREÇOS DA ASSIGNATURA — Anno, 1$200 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400 réis; semestre, 1$200 réis

Numero avulso, 50 réis

A CRISE NACIONAL

Hoje em dia nota-se uma repugnancia extraordinaria pela politica, tratando cada um de nós de fugir d'ella como quem foge de um tenebroso abysmo.

Será que a politica não traga a quem nella se intromette mais que desgostos, desillusões e prejuizos de dinheiro?

Não é.

Ser politico é ser cidadão: cidadão consciente que trabalha com alma, de boa fé, pelo engrandecimento material e moral do país a que pertence, que intervem em todos os actos da vida nacional, onde é chamada a sua intervenção, com o tributo desinteressado da sua opinião ou do seu voto.

Em Portugal ninguem pode deixar de reconhecer que existe ainda um grande amor pela nossa terra, que não é indifferentemente que lemos nos jornais. A ironia com que o estranjeiro della falla, que ha na nossa alma uma fibra de patriotismo que ainda nos domina e impulsiona em momentos de perigo nacional.

Parecia assim que todos nós deviamos ser politicos, e na politica deviamos encontrar o principal motivo de atração da nossa actividade civica.

E tal não succede.

O português, em regra, não quer saber como é governado, nem se importa com as moralidades que este ou aquelle ministerio imprime á administração publica. Olha com frieza para a agitação que á sua volta fazem, de vez em quando, os profissionaes da politica, os jornalistas de combate, os pamphletarios, os revolucionarios.

Trabalha, e trabalha como um mouro, dentro da sua officina, da sua fabrica, do seu estabelecimento, para se sustentar a si e aos seus, e no principio do anno pagar á boca do cofre os impostos com que as necessidades do estado hajam por bem tributá-lo.

Nem vota quando as combinações e manejos ministeriaes intendem dever consultar a opinião eleitoral; nem se comove com as tricas em que o egoismo dos homens unicamente se debate para conquistar o poder; nem se preocupa com novas formulas de administração e organisação social dos povos.

Abstenção completa e absoluta.

*

Porque chegaria o cidadão português a um estado doentio de indifferença politica, como este que no momento actual, com raras excepções nos ataca?

Não é difficil encontrar a resposta.

Em Portugal a politica deixou de ser o conjunto de principios reguladores da vida da nação, para se transformar num simples processo de satisfazer vaidades, crear odios e inutilisar aptidões.

Ser politico, entre nós, não é ser cidadão: é ser o influente eleitoral que procura arranjar o maior numero de votos para conseguir as boas graças do chefe, é abastardar a intelligencia, é escravizar a vontade, é muitas vezes afundar o caracter.

Os homens publicos, que gozam dos grandes favores da politica e os bons rendimentos de opimos logares, é que teem dado o exemplo d'esta mesquinha luta de interesses e rivalidades em que, sem o pensarmos, nos vemos de repente involvidos.

Não se quer saber de mais nada. Pode a industria definhar, á falta de um regimen de protecção que a defenda da fraude; pode o commercio esbarrar á vontade na fallencia, á falta de repressão da agiotagem e da atenuação do agravamento dos cambios; pode a agricultura morrer na miseria e na fome, á falta de providencias que a ponham immediatamente em condições favoraveis de producção.

Tudo isso nada vale ao pé de fazer cair um governo que não tenha dos adversarios as simpatias pessoais, ou fazer subir um outro que garanta aos amigos a situação invejavel de *potencia favorecida*.

Quer dizer: a politica entre nós tornou-se uma coisa absolutamente nociva, não só ao agregado social do qual os politicos nenhum caso fazem, mas a cada individuo isoladamente pelas consequencias de ordem pessoal que um acto, aliás sem intenção, pode lamentavelmente provocar.

Assim tem sido nos ultimos annos da vida collectiva, e, por mal de todos nós, continuará ainda a ser emquanto o capricho humano não mudar para outro caminho.

Antonio Angelo de Mello

Vindo das Caldas da Rainha onde foi fazer uso de banhos, já se encontra em Polares com sua ex.ma esposa e filhos, o escrivão de fazenda daquelle concelho e nosso bom amigo e patricio sr. Antonio Angelo de Mello.

INSTRUCÇÃO

Ainda a Festa da Arvore

Damos em segunda publicidade dos dois discursos de que no 1.º numero do nosso semanario promettemos occupar-nos.

Como então dissemos, o primeiro foi lido pelo sr. Antonio Duarte Vaz professor official de Foz d'Arouce, na sessão solemne da «Festa da Arvore» da sua escola; o segundo foi proferido pelo sr. Alfredo Filippe de Mattos, professor official do Freixo, por occasião da «Festa da Arvore» na escola para o sexo masculino de Serpins, a cuja sessão presidiu como membro do Nucleo Nacional de Instrucção promotor da Festa.

* * *

Meus senhores: — A Escola Primaria de que eu sou o mais obscuro obreiro, é a grande alavanca de que os povos mais avançados teem lançado mão para remover todas as difficuldades que se oppõem á felicidade das nações.

Em Portugal tem infelizmente faltado, até hoje, a essa formidavel alavanca o fulcro onde ella devia apoiar-se para alcançar os resultados praticos colhidos pelos paizes que acompanham a evolução e o progresso.

Esse ponto de apoio, meus senhores, devia ser o Estado se bem comprehendesse a alta missão de governar.

No nosso paiz ha interesses mesquinhos e egoistas — a que é preciso attender — e a escola é considerada ainda pelos grandes [illegible] como uma cousa de que para a execução d'esses interesses meramente pessoaes.

Ainda predomina o preconceito de que os braços necessarios ás lides agricolas, escassearão na razão directa do desenvolvimento da instrucção publica.

E' por isso que os governos, recrutados quasi sempre dentro d'essa casta d'homens, não querem cidadãos conscientes e livres, mas tão sómente machinas passivas capazes de produzirem o pão que nem ao menos chega para saciar esses pobres famintos que o produzem á custa de um labôr insano.

Nenhum outro paiz tem melhor solo nem melhor clima do que nós.

Não obstante nem com estes dois elementos naturaes o nosso paiz produz pão em abundancia para saciar o pobre povo que se debate nas garras da fome e da miseria.

Compramo-lo a peso de ouro a essas nações que comprehendem o alto papel da escola e que não fogem deslumbrados pela luz do A. B. C.

Todavia, meus senhores, se o Estado nega o seu appoio á escola, lançando o povo na mais degradante ignorancia, e matando lentamente os primeiros obreiros do progresso e da civilisação, a mingua de proventos a que tem jus, nem por isso a iniciativa particular deixa de prestar o seu auxilio á santa causa do resurgimento da nossa querida Patria, pela escola.

E' por isso que nos quatro cantos d'este abençoado paiz já tremula a bandeira redemptora da Escola baseada pela benemerita «Liga Nacional d'Instrucção» e seus nucleos, e nomeadamente o «Nucleo Louzanense», a cuja selecta Direcção tenho a honra de fallar na rudez da minha linguagem falta de recursos oratorios, mas em que vai toda a sincera convicção da minha alma de crente.

Permitta-me a meretissima Direcção do Nucleo Louzanense que lhe tribute, em nome das creanças contempladas, a minha homenagem e agradecimento pelos livros generosamente offerecidos, cujos beneficios são a prova cabal de que tão sympathica instituição «não foi o grão esteril lançado entre os pendidos», (no dizer d'um illustre morto) antes pelo contrario, cahindo em optimo terreno, fructificou com admiravel fecundidade no primeiro anno da sua sementeira....

E vós, meus amiguinhos, dir-vos-hei tambem alguma coisa, procurando fallar ás vossas intelligencias infantis.

A modesta festinha que hoje celebramos, não com o brilho que merece, mas dentro dos limites dos acanhados recursos da nossa terra, e tanto quanto pode esperar d'um improviso, a nossa festa como ia dizendo não é d'uma significação tão pequena como julgareis.

Ella não tem decerto para vós os attractivos das festas em que ha as cerimonias rituaes nem o estralejar de foguetes, mas nem porisso deixará de ficar gravada no vosso espirito infantil até á época em que possaes comprehender nitidamente a alta significação da «Festa da Arvore».

Aprendei, meus pequitos a amar as arvores e a vêr nellas uma grande factor de riqueza nacional: o laboratorio onde se purifica o ar e ainda as amoraveis habitações dos cantores dos bosques — as avesinhas.

Ellas são essas grandes amigas do homem, sacrificando-se muitas vezes por elle, amortecendo á custa da propria vida o choque das grandes avalanches que desabam das montanhas com extraordinaria velocidade e que levariam, se não existissem essas florestas protectoras, a ruina e a morte ás populações que habitam as faldas da cordilheira dos Alpes e de outras serranias.

São ainda as suas ramadas que desempenham o grande papel de quebrar a furia dos ventos attenuando assim as grandes correntes aereas.

E' ás suas raizes que devemos a estabilidade do solo sem as quaes as terras se desaggregariam, escavando barranco, empobrecendo uns terrenos e alagando outros.

E' á custa da sua folhagem que as florestas, de áridas se tornam humosas e productivas.

As arvores sustentam variadas industrias que empregadas como combustivel nas industrias fabris, nas forjas, nas cosinhas e fogões, quer como materia prima na carpintaria, na marcenaria na serraria, nas officinas de sanleiros, entalhadores, etc.

São aos milhões os braços empregados nas diversas artes que tiram das arvores a materia prima.

Serão só estes os beneficios resultados que colhemos das arvores?

E a refrigerante sombra a que nos acolhemos nas horas calmosas do estio?...

São ainda as arvores que, indo buscar á atmosphera, com os seus milhões de bocquinhas — os estomatos, os vapores d'agua disseminada: attrahem a si as nuvens dando logar ás chuvas.

Sommem todos estes beneficios e muitos que deixo de emmumerar, e vejam se as arvores merecem ou não de nós mais amor, mais protecção e mais carinho do que os que os que lhe temos dispensado.

Diz um proverbio arabe que o homem que plantou uma arvore em sua vida, não passou inutilmente sobre a terra.

Aprendamos como o Kadiha Amu-Abrachide, do velho octogenario a plantar para os nossos filhos e netos arvores com que vendam a enriquecer-se.

Não sejamos egoistas como aquelles que se esquivam a planta-las só porque julgam que nunca lhe hão de colher os fructos.

Façamos por não merecer mais dos estrangeiros o titulo de arboricidas em cujo conceito somos tidos.

✦

O homem, meus senhores, é quem na vida mais necessidades tem a satisfazer, mórmente depois que attingiu o estado civilisado.

A sua simplicidade de outr'ora, vivendo em cavernas, nú ou semi-nú, alimentando-se da caça e da pesca e d'alguns fructos silvestres criados expontaneamente, contrasta d'um modo flagrante com as exigencias da vida nos tempos modernos. E para satisfação das suas necessidades, o homem soccorre-se abundantemente de todos os reinos da natureza, assim do animal, como do vegetal e mineral.

Mas nos paizes de poucos recursos como o nosso, e onde o solo ingrato se adapta a tão variadas culturas, é, sem duvida, ao reino vegetal que vamos procurar os elementos essenciaes á vida.

Com effeito, meus senhores, da planta se alimenta o homem e d'ella se alimentam os animaes domesticos; da planta se veste, e com ella se aquece no rigor do inverno; com a planta constroe a casa onde habita e á sombra das arvores passa a calma do estio; da planta lhe vem remedio para as suas doenças e ás plantas deve a purificação constante do ar, tão essencial á sua saude; finalmente, entre algumas taboas nos embalaram ao nascer e por ellas o nosso corpo será protegido um dia contra os primeiros vermes da terra...

E quando passamos a considerar o papel das plantas sob o ponto de vista economico-social, ainda melhor a nossa intelligencia concebe as grandes vantagens da arborisação.

Os grandes jasigos de carvão mineral, de que o mundo inteiro se serve, como combustivel, alimentando as fornalhas de tantos motores, não são mais que florestas soterradas em tempos longinquos; e, quando um dia se esgotarem, só á lenha das florestas actuaes poderemos recorrer para os substituirem.

Se bem se attender um dia ao progresso nacional, poder-se-hão aproveitar as excellentes condições maritimas do paiz, estabelecendo carreiras de navegação para as nossas extensas colonias, valorisando-as; poder-se-ha crear uma armada proporcional aos nossos dominios continentaes, insulares e ultramarinos, por forma a assegurar a sua independencia sem o favor de estranhos quasi sempre pago com usura; e para construir navios é necessario madeira.

As dunas, ou depositos de areia arrastados pelo vento, tão prejudiciaes á agricultura, encontram na arborisação cuidada um obstaculo efficaz.

— Ah! Se a historia se não perdesse, Portugal teria aproveitado bem a lição de el-rei D. Diniz quando mandou semear o pinhal de Leiria.

Finalmente, sob o ponto de vista da esthetica, como é triste um campo desarborisado! Como é agradavel um campo verdejante e florido!

Não fallarei já dos fructos deliciosos que as plantas nos dão. Tenho abusado da vossa paciencia, meus senhores, e por isso vou terminar.

Antes, porém, devo agradecer em nome do Nucleo que neste logar represento, as palavras elogiosas que acabaes de me dirigir, senhor professor, pois que, nelle, somos solidarios. A iniciativa foi de um, a gloria é de todos.

E vós, meus meninos e minhas meninas — futuros cidadãos d'esta patria tão empobrecida. — futuras esposas e mães, consoladoras e guias de vossos maridos e filhos aprendei desde já a ama-la e a engrandece-la! Ide pôr esses, como vos, meigos arbustos e tratae-os com amor, porque elles vos trarão alegres recordações no futuro e darão animo para maiores comprehendimentos a favor da arborisação e progresso da nossa Patria.

A meditação de Jesus

Oh Christo! — quando no meio de uma plebe corrompida pela servidão, e encendida contra ti pela credulidade em palavras d'hypocritas, tu eras arrastado pelas vagas populares na terrivel procella do dia extremo da vida, por certo que o teu coração verteu sangue debaixo do peso de tão dilatada agonia:

Como, pois, foi possivel que diante dos insensatos que te atormentavam, rei da philosophia eterna, não clamasses segunda vez ao Pae, como na solidão de Gethsemani, para que te afastasse dos labios o calix que trasbordava de fel e de amargura?

Como foi possivel que tu, o que havias condemnado as gerações passadas, e arremessado as futuras por um caminho até ahi incognito, não curvasses a cabeça diante do espectro de padecer atroz, e não trahisses a tua missão, dizendo *basta!*, e fazendo cahir a teus pés com a face no pó os verdugos da tua innocencia?

Nessa hora, Filho do Homem, não eras tu fraco e mortal como todos os teus irmãos?

Na historia da tua mysteriosa passagem na terra muitas paginas quizeste, oh Christo, que fossem deixadas em branco; porventura porque se essa historia fosse completa, a sabedoria do homem poderia egualar a sabedoria de Deus.

Nós achamos hoje os vestigios dos teus pés pela subida do Golgotha; mas estão apagados os que estampaste nas ruas de Salem, na hora em que os assassinos tinham vestido a toga de juizes, e, julgando-te pela lei do odio popular, blasphemavam da justiça.

Foi essa hora de dolorosa anciedade, que a tradição guardou no thesouro incompleto do Evangelho, e por isso a tua constancia entre as affrontas e atrocidades das turbas desenfreadas por hypocritas, é o mais terrivel e profundo dos mysterios da tua morada na terra.

Na cruz semi-morto estorceste-te, oh Christo, nos trances da agonia e bradaste ao Senhor: — *Heli! Heli!* — porque padeceste é soffreste em silencio na hora em que eras cheio de vida?

Por certo que, quando os esbirros e algozes te levavam entre apupos e risadas perante Pilatos, e entre os

"Ser politico, entre nós, não é ser cidadão: é ser o influente eleitoral que procura arranjar o maior número de votos para conseguir as boas graças do chefe, é abastardar a intelligencia, é escravizar a vontade, é muitas vezes afundar o caracter" —lia-se no editorial do número 2, de 11 de Abril de 1909, intitulado "A Crise Nacional", um repositório cáustico das causas que levavam os portugueses a sentir repugnância pela política.

Director e administrador — Antonio Cruz Alves dos Santos

Proprietario — Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 50 réis por linha; repetição, 20 réis por linha. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abattimento

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações offerecidas a este jornal

1.º anno — N.º 3 — Domingo, 18 de Abril de 1909

Commercio da Louz

SEMANARIO QUE SE PUBLICA AOS DOMINGOS

— Condições de assignatura — Anno, 1$200 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400 réis; semestre, 1$200 réis — PAGAMENTO ADIANTADO — Numero avulso, 50 réis

BIBLIOTECA MUNICIPAL CONCELHO DA LOUSÃ

AGRADECIMENTO

Aos nossos collegas da Imprensa, que se referiram ao apparecimento do nosso modesto semanario, desejando-lhe longa existencia; a todos os nossos amigos que nos honram com o favor da sua assignatura, e aos nossos dignos collaboradores que com os seus escriptos egualmente honram as columnas do *Commercio da Louzã*, a redacção, extremamente grata, agradece reconhecida.

MAIS POLITICA...

Depois de uma prolongada demora de quasi duas semanas, ficou, finalmente, constituido o novo governo, — bem ou mal, não nos importa a nós discuti-lo, — tendo feito já a sua apresentação parlamentar.

Coisa extraordinaria, pois: quando toda a gente, e até os proprios politicos de profissão, não faz senão gritar — mais administração e menos politica!, — desde quarta-feira que se iniciou nas camaras o debate sobre a crise ministerial em termos que promette prolongar-se por esses tempos além.

A lista dos parlamentares que hão de usar da palavra sobre a formação do ministerio é interminavel, e não é preciso ter qualidades excepcionais de astrologo politico para prever que do lado das opposições está assente o proposito de não deixar a muito longe aos novos ministros a posse das suas pastas.

Lucra com isto alguma coisa o pais?

Vai em dois mêses que se abriu a actual sessão parlamentar, a segunda da legislatura que decorre, e ainda dos seus trabalhos não resultou coisa que se visse e que aproveitasse ás forças productivas da actividade nacional.

Politica e só politica, e eis do que se tem tratado, e mais nada!

Mas nem sequer é essa politica generosa e patriotica, que procura dar ás instituições sociais o progresso compativel com o levantamento crescente dos povos modernos.

E' antes a politica reduzida á expressão pequenina de capricho pessoal, quem sabe até se não da ambição insoffrida de meia duzia, e que se limita á destruição integral de o que podia ser aproveitado para o rejuvenescimento da nacionalidade.

E' triste dizê-lo, mas não ha duvida: os homens publicos do nosso pais, e tantos d'elles com intelligencia, com honestidade e acção, perdem todo o seu esforço na esterilidade de lutas em que predomina o capricho vulgar!

E que resultado pode vir d'essas lutas para o pais inteiro? Acaso a esterilidade da acção dos politicos fica unicamente com elles e não se faz sentir tambem na vida nacional?

Que o digam o commercio, a agricultura, a industria, qualquer d'elles atravessando uma cris e deploravel, cujas consequencias podem ser bem desastrosas, e caindo dia a dia, mais precipitadamente para a miseria.

Que fazem os politicos para os salvar da perda que os ameaça da ruina que lhes está em cima, da fome que já assaltou alguns?

Limitou-se a discutir se é o sr. José Luciano quem manda, ou o sr. Vilhena quem deve formar ministerio, se o sr. Alpoim é ou não um liberal sincero e o sr. Amaral um dido dos republicanos...

E assim se vae perdendo tudo, mais rapidamente do que muitos pensam, até que se chegue ao desenlace fatal de uma desastrosa catastrofe.

Da substituição á pena de morte

(Fragmento)

.....

E' tão cruel, tão repugnante e repulsiva a ideia da morte que o facto da sua applicação tem sido, é, será talvez longo tempo objecto de viva discussão. Moralistas, jurisconsultos e philosophos se teem occupado d'ella — teem voltado a questão de todos os lados — teem-na examinado por todos os seus differentes aspectos. Sem entrarmos em profundo exame, cremos que a verdadeira lucta é entre a humanidade e a justiça, entre a commiseração e a necessidade. — Isto posto, sobremodo convirá saber se existe a possibilidade de encontrar, ou se já effectivamente se encontrou meio de satisfazer a justiça sem tão crua e repugnantemente offender a humanidade — de remediar a necessidade sem prejudicar a commiseração.

Talvez!

Sem interrogar a historia, nem indicar as amplas paginas, — dadas por tantos bons engenhos ao exame serio e grave da applicação da pena de morte, já considerada como pacto, já encarada como direito — diremos unicamente, com a nossa humilde razão, que em these regeitamo-la absolutamente; em hypothese hemos até hoje reconhecido a necessidade de admitti-la em algumas circumstancias — casos especiaes que a lei comprehende na sua generalidade, mas que nós quizeramos ver melhor e mais singularmente consignados.

Ha pouco annos, numa sociedade que ainda hoje vive em Lisboa com a denominação de Escolas-tico-Philomatica, composta de mancebos todos no viço da idade e do talento, todos distinctos pelo merito pessoal, e quasi todos pertencentes ás mais notaveis familias, todos emfim esperanças da patria e seu futuro adorno, nessa sociedade, diziamos, que tivemos a honra de presidir, foi largamente tratada a questão, e com tal clareza e profundidade que muitos, bons e claros talentos, dos primeiros de Portugal, assistindo ás suas sessões, ficaram maravilhados. Algumas vezes, deixando o nosso logar, tomámos parte na discussão, e ahi singelamente mais por satisfazer as exigencias da nossa convicção, do que por levar luzes aonde as havia tão sobejas, enunciámos esta mesma opinião, sem alinho nem concerto de phrase, mas reflectida e longamente ponderada.

Da justiça é confessar porém que a maioria d'aquella nobre e generosa mocidade consultando mais os empenhos da compaixão do que as exigencias sociaes fervorosos se declararam inteiramente contra a applicação da pena de morte. Fomos então de opinião diversa, hoje porém folgamos de totalmente adoptar aquella.

Não somos incoherentes: professamos ainda hoje a doutrina de que então estavamos embebidos.

Em geral os instinctos do povo são sanguinarios. Uma desgraçada, e bem desgraçada experiencia tem feito vêr que o apparato dos supplicios longe de alcançar o salutar effeito que se deseja, familiarisa as turbas com a idéia da tremenda justiça das leis. O cutello que decepa a cabeça do delinquente corta tambem os restos de horror que ainda lá se aninhavam num canto da alma do quasi corrompido. — O laço que afoga o assassino suffoca ao mesmo passo um vislumbre de piedade que temperava ainda o coração do que se dispõe a lançar mão do ferro. — Finalmente o sangue que escorre do cadafalso, vae excitar a sede do leão popular que ruge em volta d'elle. E' a verdade demonstrada pela pratica.

Deixando de parte muitas rasões, a apparencia de vingança que toma a justiça, defensora da sociedade; o desprezo da morte, filho d'um philosophismo estupido e brutal; a ineficacia do exemplo; e ainda mais as consequencias terriveis d'esse exemplo, quasi sempre contrarias ao fim d'elle, tudo d'um lado se suppõe á applicação da pena de morte. Os funestissimos resultados da impunidade, já tambem por infeliz experiencia mais que provados; a responsabilidade dos juizes que no acto de condemnarem ou absolverem tomam de facto os hombros o grave encargo da sua sentença, cujo effeito vae reflectir-se em toda a sociedade, e que se deixarem sobre a terra um coração endurecido ao crime tem de responder perante Deus e os homens, de todos os seus futuros attentados — a necessidade de cercear um membro corrupto e damnoso por que não contamine os outros — e ainda mais o perigo a que ficam expostos os innocentes assim sujeitos ao ferro, aos ardis, e ás traições dos perversos; tudo d'um lado e com mais peso faz inclinar a balança para aquella necessaria, mas custosissima expiação.

Se porém o espirito da justiça e o da humanidade de unidos tiverem dado com outro meio que preenchendo egual e ainda melhor fim, não seja exposto aos mesmos inconvenientes, e ás mesmas perigosas consequencias, não teremos acaso resolvido o problema com vantagem de ambas as opposições?

Esse meio acaba em Paris de o apontar á curiosidade e á discussão o celebre romancista Eugene Sue — é a cegueira.

De feito nenhum castigo, nenhuma pena ha no mundo tão severa, tão duradoura, tão aturada e tremenda como esta. Poupa-se ao povo um espectaculo sanguinoso e feroz, evita-se habituá-lo á morte e ao horror, evita-se a continuação de crimes pela impossibilidade do criminoso, pela fraqueza, pela incapacidade, pela nullidade para o mal a que ficará reduzido ainda o mais forte, posto assim á mercê de todos; não se corta, mas paralisa se, que é o mesmo, o membro perigoso da sociedade; dá-se um exemplo ainda mais terrivel pela continuidade dos seus dolorosos effeitos, e sem deixar logar á impunidade, nem á sequencia dos delictos abrem-se de par em par as portas do arrependimento — salutar arrependimento, amplissimo, illimitado, todo estendido por uma vida longa que ainda poderá ser semeada de boas acções, de virtudes, e edificativos exemplos, ao passo que os remorsos, de continuo repellidos pelas trevas exteriores para o fundo d'alma, dissipam mais poderosa e efficazmente porque nenhuma distracção os inutilisará ou lhes neutralisará o effeito, a interior cerração produzida pelo habito do crime. O mais perigoso delinquente, o monstro mais indomavel, a natureza mais dominada pelos instinctos do sangue, reduzida á inacção, inoffensiva, e conscia da sua insufficiencia tornar-se-ha uma lição incessante e proveitosa — lição viva e espantosa que cada dia e a cada hora descerrará os labios para proclamar a justiça que soffrera.

Não: Nenhum cadafalso; nenhum algoz poderia dar licção ou exemplo assim.

Acabado o espectaculo da execução, o povo, que a elle concorreu como a qualquer corrida de touros, esquece a impressão que lá recebera, se acaso a recebeu, e volta á sua vida incuidadosa — vida por viver — brando apenas o tremendo exe que tivera diante dos olhos co desastre de um artequim, alguns riso, outros com blasphemias, o escarneo — a menor parte com ril piedade. — Nas almas mais formadas e que mais soffrem de s lhante pena, algumas semanas, se dias, bastam para extinguir a imp são. — O tempo que apaga as dô d'alma é tambem poderoso para a gar estas dôres, que em geral m são dos sentidos.

Não é assim a pena da cegueir a impressão que d'ella deve r não na diluem horas, nem dias, semanas. Vivida sempre e sempre acção é uma conselheira incessant um exemplo interminavel, um facl sempre acceso á entrada dos dois c minhos, do bom e do máu, illuminand com mui proficua luz os escolhos d'u e as vantagens do outro.

Preenchendo o mesmo fim, produ zindo maior e muito melhor effeitc ao passo que evita as funestas conse quencias de uma pena que é a appli cação legal d'uma acção prohibida — difficil de conciliar com a sociedade, inifficaz segundo o diz a experiencia e a tantos respeitos perigosa, cremos que a substituição da pena indicada por Eugene Sue merece a seria consideração dos nossos magistrados e juizes.

Do *Panorama*.

Mendes Leal — Junior.

Conferencia

O sr. J. E. Carvalho de Almeida realisa hoje no Theatro Louzanense, pelo meio dia, uma conferencia sobre assumptos agricolas, e em especial sobre adubos chimicos, a qual tem por fim elucidar os lavradores d'este concelho sobre o modo de emprego e vantagens dos adubos chimicos compostos especialmente sobre o papel que a potassa tem nas adubações.

O convite é feito, sendo a entrada livre, pelos srs. O. Herold & C.ª, negociantes em Lisboa e Porto, de adubos chimicos e encarregados da Propaganda do Syndicato da Potassa, do qual faz parte o governo allemão, da Propaganda das Fabricas Unidas de Phosphato Thomaz, e do Nitrato de Sodio, Cal azotada, Enxofre, etc.,

A seguir á conferencia o conferente sr. Carvalho d'Almeida pode, sem encargo algum para o lavrador, visitar propriedades e indicar adubações desde o momento que haja tempo disponivel ou se justifique maior demora pela extensão da propriedade.

FILHA INGRATA

(Conto electrico)

Em fins de maio de 188., na margem direita do rio Canha, existia uma pequena vivenda, junto da qual havia um moinho, cuja asenha era movida pela corrente do mesmo rio.

Uma tarde, cerca das 4 horas estavam duas raparigas, uma de uns 17 e outra de 15 annos, lavando roupa na limpida e serena agua d presa.

Subito ouviu-se um tiro bem pe

Número 3, de 18 de Abril de 1909. A continuar o rame-rame da política estéril, o jornal vaticinava um "desenlace fatal de uma desastrosa catastrofe".

Mas... (temos um *mas*) chega o primeiro domingo e nos estabelecimentos officiaes a bandeira portugueza, a gloriosa bandeira das quinas, *trapejava* altiva no topo das hastes, a banda regimental tocava na Avenida os seus mais alegres *boleros*, as mais repenicadas *malagueñas* e nos theatros havia espectaculos variados, com pernas de bailarina e tudo!

Pois se elle era domingo de Nosso Senhor!...

***

Agora outra — e esta de fazer arripiar os cabellos.

Devem já saber que o abalo que sacudiu ha poucos dias este malfadado Portugal, arrazou casas de gente pobre e egrejas e matou innocentes creanças, foi castigo de Deus.

O que se não sabe bem foi a origem do terrivel castigo:—uns dizem que foi o livro de Emilio Bossi, *Christo nunca existiu*, outros que o congresso republicano em Setubal.

Seriam talvez as duas coisas:—o livro e o congresso. Seriam.

Mas não me explicarão como é que Deus, sendo infinitamente bom e infinitamente misericordioso, como o pintam, levou o seu castigo até á ferocidade de matar creanças que nunca leram o livro de Bossi, esmagar santos que estavam socegados nas egrejas e nunca foram republicanos e soterrar pobres homens que só pensavam na sua barriga vazia, não sabendo sequer, talvez, que havia n'esse dia um comicio republicano em Setubal?

Diz-me aqui um *crente* ao ouvido que isso succedeu assim porque Deus castiga nos filhos os erros dos paes.

O' senhores, por favor, não calumniem mais Deus e não façam com que deixem de ter fé na sua justiça os já poucos que n'elle acreditam!

Haverá n'algum canto da terra um regulo sanguinario, um juiz eleito illustrado ou um regedor eleiçoeiro e feroz que fizesse *justiça* egual? Não!

Então Deus que é Grande, Deus que é Bom, Deus que é Justo, que é Misericordioso e Creador do céu e da terra, faz justiça inferior á do mais insignificante dos homens?! Pelo amor d'elle, senhores não sejam tão sendeiros!

***

Nota final:— O commandante da policia de Lisboa *mandou* abrir uma subscripção entre os seus subordinados para acudir á desgraça do Ribatejo e *ordenou lhes* que trabalhassem de graça nos espectaculos que para o mesmo fim ali se realisassem.

O' caridade, caridade a quanto obrigas!...

Coimbra, 2-V-909.

João Ninguem.

Camara Municipal

Sessão de 1 de maio

Presidente: Dr. João Augusto dos Santos.

Vereadores presentes: Padre Antonio Lopes Cortez Froes, Cesar Henriques Lopes, Diamantino Sequeira Neves Barreto e Manuel das Neves.

Esteve presente o administrador do concelho, bacharel Fortunato Gomes de Seiça.

Aberta a sessão, foi lida e approvada a acta da sessão anterior, sendo presente o seguinte expediente:

Requerimentos:

Foi apresentado um do dr. Abilio Maria Mendes Pinheiro de Magalhães Mexia, da Quinta do Areal, desta freguezia da Louzã, pedindo licença para vedar com muros umas propriedades que possue no logar das Poças e sitio da Fornea

Outro de João Antunes dos Santos, desta villa, pedindo licença para depositar algum material de construcção na rua da Feira, para uns reparos que tem a fazer na casa que possue entre esta e a rua da Viscondessa do Espinhal.

Outro do Fernando de Campos Magalhães Mexia, desta villa a pedir auctorisação para depositar no Barroco Grande, (estrada da Senhora da Piedade) uma porção de cascalho, desabado duma sua propriedade para a dita estrada.

***

O presidente apresentou um orçamento para concertos na cadeia das mulheres e janellas dos Paços do Concelho, tudo na importancia de 45$890 reis.

Poz em arrematação uma empreitada d'abertura de caixa, empedramento, cilindramento, ensaibramento e regularisação de vermas, na extensão de 97 metros, na estrada d'esta villa ao Marco de Cova do Lobo, entre os perfis 101 e 106 na importancia de 19$953 reis.

O secretario pediu auctorisação para lançar na acta algumas observações sobre a proposta do sr vice-presidente apresentada na sessão anterior; a camara determinou que essas observações sejam apresentadas na proxima sessão.

Resolveu vistoriar o local em que o dr. Abilio de Magalhães Mexia pretende construir os muros de vedação, no proximo sabbado, pelas 9 horas da manhã.

Deliberações:

Com relação ao abaixo assignado apresentado pelos manipuladores de pão desta Villa e Villarinho, deliberou a camara pedir ao sr. administrador deste concelho se digne pedir informações sobre o peso e preço do pão em Coimbra, afim desta camara poder, corridos os tramites, alterar o artigo 35.º das posturas municipaes; declarando tambem que emquanto se não fizer essa alteração se faça cumprir o disposto neste artigo.

Resolveu conceder a licença pedida nesta sessão pelo sr. Fernando de Campos de Magalhães Mexia, sob a fiscalisação do sr. presidente.

Concedeu tambem a licença requerida pelo sr. João Antunes dos Santos nesta sessão, sob fiscalisação do sr. vereador Henriques Lopes.

Aprovou os orçamentos e condições apresentadas pelo sr. presidente nesta sessão.

Aprovou as contas da gerencia de 1908 por as encontrar exactas.

Resolveu alterar a 10.ª condição da empreitada na estrada desta villa ao Marco de Cova do Lobo.

Resolveu fazer a arrematação das empreitadas de que tratou nesta sessão, no dia 30 de maio, pelas 11 horas da manhã, mandando affixar editaes para esse fim.

Concedeu licença a José Antunes Pinto, dos Ramalhaes, para fazer um muro de vedação á sua propriedade que possue naquelle logar.

Auctorisou o pagamento dumas arvores para plantar na estrada da Senhora da Piedade.

Tambem auctorisou o pagamento aos empregados do municipio, bem como as despezas feitas nas estradas municipaes.

Por proposta do sr. presidente foi lançado na acta um voto de sentimento pela catastrophe de 23 d'abril que deixou os povos do Ribatejo reduzidos á miseria, pedindo ao sr. administrador do concelho para dar conhecimento desta sua resolução ás camaras de Benavente, Villa Franca de Xira e Salvaterra de Magos.

Pelo sr. vice-presidente foi dito que achava conveniente que fossem convidadas todas as corporações e pessoas de representação deste concelho para reunirem nesta salla em dia designado pelo presidente para se resolver sobre o modo de se angariarem alguns donativos para minorar as necessidades mais urgentes dos povos do Ribatejo, que foram victimas da catastrophe de 23 d'abril.

Propoz o presidente para se representar ao governo para incluir na viação municipal a estrada da Senhora da Piedade, partindo do Zambujeiro ao Cabo do Soito, na extensão de 3 kilometros, aproximadamente; do Casal do Espirito Santo á Ponte do Boque, pela Cachaça e Rogella, na extensão, aproximadamente, de 7 kilometros, e a estrada da Avenida da Estação ao Freixo, passando pela Calçada junto á casa do sr. Francisco José de Figueiredo Junior; propoz mais que se represente ao governo pedindo se aprove e faça na estrada do Freixo a Poiares, por Casal d'Ermio o primeiro lanço do Freixo a Casal d'Ermio e que prosigam as obras na estrada districtal n.º 120, começando com essas obras na Fonte das Louzas; accrescentando que estas obras se tornam de reconhecida necessidade, para minorar os meios de vida duma grande parte dos municipes

Aprovou esta proposta, e a de se estender uma variante na estrada real n.º 51, de maneira a vir terminar em Foz d'Arouce em vez de terminar em Segade, e que se officie ás camaras e juntas de parochia interessadas no assumpto, para representarem nesse sentido.

Pela localidade

Pão cáro

Quando no nosso ultimo numero abordámos este assumpto, pedindo á ex.ma camara para obrigar os padeiros a fornecer pão com o peso determinado nas posturas, não pensámos em ferir alguem, mas sim estabelecer entre os padeiros e o povo um principio de justiça, ha tanto tempo desprezado entre nós.

Soubemos que o presidente do nosso municipio, sr. dr. João Augusto dos Santos, mandou intimar os srs. padeiros para o cumprimento da referida postura, ao que elles responderam ser-lhes impossivel, na parte referente ao pão de 100 grammas, por não haver preço adequado a este peso, apresentando na primeira sessão um abaixo assignado em que expunham á ex.ma vereação a necessidade de mandar alterar a postura e de se mandar estudar os typos de pão, qualidades das farinhas empregadas, e preços porque são vendidas em Coimbra, visto a nossa reclamação se fundar no preço do pão naquelle mercado, para assim poderem satisfazer ás exigencias do publico.

A camara achando justo o exposto, resolveu mandar estudar o assumpto, mas emquanto não for alterado o codigo municipal quer que seja observado o presente.

Os manipuladores de pão com tudo isto apenas nos forneceram o pão de 250 grammas a 30 reis, deixando os *freguezes de dez reis*, prohibidos de comer pão.

Mais um pouco de amor pelos pobresinhos, senhores padeiros, que elles nem sempre teem os estomagos dispostos a ingerir pão de milho!

Ou lhe façam pão para dez reis ou então lhe pesem a parcella correspondente ao seu dinheiro, emquanto não for alterado o referido codigo, para evitar que alguns commerciantes d'aqui continuem a importar d'outras localidades o pão para o nosso consumo, com prejuizo da industria da nossa terra

Até Coimbra

Na terça feira ultima sahiram Coimbra a ex.ma sr.ª D. Eufemia pico do Rego e a menina Emili Prazeres Carvalho, regressando esta villa.

—Tambem no domingo foi la cidade regressando no mesm a esta villa o sr. Joaquim Ferre Espirito Santo, escrivão de fa deste concelho.

—De visita a seu sogro e nosso tricio o sr. dr. Antonio de Magalh Mexia, esteve na Quinta Grande de Coselhas o sr. dr. João Augusto dos Santos, presidente do nosso senado.

Visitas

De visita á ex.ma sr.ª D. Anna da Costa Santos, encontram-se nesta villa, sua ex.ma filha D. Emilia Santos Menano, seu genro o sr. dr. Paulo Menano, delegado do Procurador Regio em Fornos d'Algodres; sua ex.ma irmã D. Julia da Costa Simões de Carvalho, e seu cunhado o sr. Francisco M. Simões de Carvalho, escrivão de fazenda naquelle concelho.

Os nossos cumprimentos.

—De visita a seu irmão o sr. Augusto dos Santos, que se encontra a ares, na Flor da Rosa, vimos nesta villa, no sabbado ultimo o sr. Antonio dos Santos, empregado na repartição de fazenda do concelho de Coimbra.

Novo notario e advogado

Está entre nós, exercendo já nesta comarca as funcções de notario para que foi nomeado ha dias, o nosso amigo sr. dr João dos Santos Apostolo.

Os nossos sinceros parabens.

Ferreira da Silva

A acompanhar um seu cunhado que embarcou para o Rio de Janeiro, vimos nesta villa com sua ex.ma esposa e gentis filhinhas, o nosso amigo sr. Manuel Ferreira da Silva, aspirante de fazenda em Goes

Lua de mel

Vindos do Porto, onde foram passar a lua de mel, chegaram na sexta feira ultima a esta villa o nosso amigo sr. José Carranca e a sr.ª D. Alzira d'Assumpção Agostinho.

P'rá Figueira e para o Porto

Em passeio seguiram d'aqui para a Figueira da Foz, afim de assistirem á tourada que ali se realisou no domingo ultimo, seguindo depois para o Porto, o sr. José Simões Polaco e sua esposa a sr.ª D Eugenia da Piedade Carranca, filha do nosso presado assignante sr. Manuel Fernandes Carranca.

Padre José Amaro Alves

Esteve no domingo nesta villa, de onde é natural, o sr. padre José Amaro Alves, que aqui veio propositadamente, para prégar o sermão á chegada de Nossa Senhora da Piedade, procissão, que conforme noticiámos, se realisou ante hontem com o maximo explendor, tomando nella parte muitas pessoas que gosam de geraes sympathias na Louzã.

O sr. padre José Amaro, com o seu discurso fluente e correcto, historico-socialista conseguiu, em parte, agradar immenso ao selecto auditorio.

Os nossos parabens.

Nascimento

Na terça feira ultima, deu á luz uma robusta creança do sexo masculino a ex.ma sr.ª D. Maria da Luz Serrano Correia, esposa do nosso presado amigo sr. Illydio d'Aquino Corrêa, zeloso e intelligente fiscal da Companhia «Singer», a quem por tal motivo apresentamos as nossas sinceras felicitações.

Bando Precatorio

Na quarta feira, 28 do mez passado, reuniu a troupe musical «Os Modestos», a fim de tratar de assumptos varios, entre os quaes principalmente, a organisação dum bando precatorio, que devia ter logar no passado domingo, mas que por caso de força maior ficou adiado para 9 do corrente, em favor das victimas do terremoto no Ribatejo.

Não se cansem pois em fazer bem, que assim serão sempre agradaveis, a todos, mesmo aos pessimistas, cheios de vaidade, e áquelles onde não reina senão a má lingua e a má vontade de fazer qualquer coisa util.

Varias noticias

Boa camaradagem

Na quinta feira ultima recebemos na nossa redacção a visita dos intelligentes e sympaticos redactores do nosso collega «A Luz» de Coimbra, os srs. Luiz Esteves Costa, alumno de linguas e curso commercial, Humberto de Moraes Silvano, alumno do 5.º anno dos lyceus, e Francisco Victor Duarte, alumno do 7.º anno dos lyceus.

Agradecendo cordealmente a amabilidade, aqui lhe patenteamos o nosso reconhecimento.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço não pudemos publicar este numero a carta do nosso correspondente de Coimbra a quem pedimos desculpa.

Não perde pela demora. Ficará p'ró numero seguinte.

—Egualmente pedimos desculpa de não inserirmos tambem neste numero a secção «Pelo Burgo», do nosso presado collaborador «Obscuro».

Aos lavradores

Sulfato, enxofre e adubos chimicos compostos da casa

O. HEROLD & C.ª

Vendem-se na Cruz de Ferro na Mercearia de

EUGENIO AMARO

Tambem se encarrega de mandar vir machinas para sulfatar.

P. M. S. P.

MALA REAL INGLEZA

PAQUETES CORREIOS A SAHIR DE LISBOA

Araguaya — Em 17 de Maio, para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, SANTOS, Montevideu e Buenos-Ayres.

Asturias — Em 31 de Maio, para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, SANTOS, Montevideu e Buenos-Ayres.

Avon — Em 14 de Junho, para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, SANTOS, Montevideu e Buenos-Ayres.

Preço da passagem de 3.ª classe para o Brazil..... 38$500

» » » » » » Rio da Prata.... 40$500

A BORDO HA CRIADOS PORTUGUEZES

Nas agencias do Porto e Lisboa podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, mas para isso recommendamos toda a antecipação.

AGENTES

Porto: **TAIT & Co.** Rua da Nova Alfandega, 19

Em Lisboa: **JAMES RAWES & Co.** Rua d'El-Rei, 31-1.º

Em crónica enviada de Coimbra, João Ninguém criticava os que atribuíam a origem do terramoto que assolara Portugal à realização do Congresso Republicano em Setúbal.

O jornal insurgia-se ainda contra a carestia do pão, na Lousã, e pedia à Câmara que tomasse medidas.

Director e administrador — Antonio Cruz Alves dos Santos

Proprietario — Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetição, 20 réis por linha. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações offerecidas a este jornal

1.º anno — N.º 7 — Terça-feira, 18 de Maio de 1909

Commercio da Louzã

SEMANARIO QUE SE PUBLÍCA A'S TERÇAS-FEIRAS

Condições de assignatura — Anno, 1$000 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400 réis; semestre, 1$200 réis
— PAGAMENTO ADIANTADO —
Numero avulso, 50 réis

BIBLIOTECA MUNICIPAL
CONCELHO DA LOUSÃ

Que virá?...

E' uma lei fatal e immutavel a que nos assevera que os povos no decorrer da sua vida historica, soffrem e experimentam vivas e intensas crises sociaes.

No dominio dos factos e na esphera das ideias, no campo material e mental, esta lei se exerce com rigor e precisão, se verifica e fundamenta experimentalmente.

Por ella, a critica e philosophia historicas concluiram que, ás lethargias profundas e funestas, originarias de temerosas degradações e abastardamentos, se succedem, ainda que atribiliariamente, manifestações de actividade tão prodigiosa que, ás vezes, tudo invade e avassala.

Como caracterisar pois, á face d'um criterio scientifico, a crise social que no actual momento historico, a nossa nacionalidade atravessa e em que desesperadamente se debate?

Estaremos por ventura, perpassando sob os ultimos arrancos d'um baixo imperio, ou avançamos, aceleradamente, prestes a galgar uma montanha de terrenos soltos e desagregados em que nos podiamos afundar desastrada e ignominiosamente?

Desde todos os tempos, e muito primordialmente nos tempos modernos, a confecção, preexistencia, guarda e defeza das instituições politicas e sociaes de qualquer povo civilisado, como elementos basilares do desenvolvimento progressivo da sua actividade e aperfeiçoamento dos seus systemas de governação publica, derivam e alicerceiam-se num consenso de vistas, geral e unanime, em uma harmonia social pesada e consciente, em uma grande e profunda communhão de principios e esforços.

E mais uma vez as leis da historia nos asseveram que, quando este conjuncto predomina, essas instituições, boas ou más, não só satisfazem mas até utilisam particular e collectivamente: em contrario surge a desordem, a anarchia, o cáos...

Generalisando e concentrando-nos numa analyse profunda do que se vem desenrolando no scenario da nossa vida politica e social, qual deverá ser a conclusão logica e insophismavel a que devemos chegar?

Evidentemente só podemos concluir que permanecemos no cáos, conduzidos ou arrastados por grupos dominantes, os quaes emmaranhados em uma profunda e desastrada desorientação politica, sacrificam, com inaudito descaro, os interesses geraes e collectivos da nação aos baixos e mesquinhos interesses do seu capricho oligarchico e individual.

Mas por ventura, do mesmo modo poderemos concluir que possa preexistir esta confusão onde tudo se baralha e ninguem se entende, sem reacção, passivamente, soffrendo apenas as suas ruinosas consequencias? De modo algum, para sermos coherentes com Historia.

Do norte ao sul do pais, este povo tão soffredor e bom, determinado pela lei commum da evolução universal e humana integra-se nos processos adequados á conquista d'uma *étape* de relativa estabilidade mais perfeita, por que almeja e de que carece.

No seu animo, começa a predominar com afincada insistencia a ideia de fazer estalar e ruir um systema de instituições que, deformadas e sophismadas, o acorrentam a uma vida de soffrimentos, miseria e sobresaltos.

Mas como tambem é inegavel, que o embate violento e brusco de taes acontecimentos, é sempre um cataclismo atroz, que ordem de maiores soffrimentos estarão para se nos deparar?

Que virá?

F. Duarte.

Juiz de Direito

Tomou hontem posse do logar de Juiz de Direito d'esta comarca, o sr. dr. Antonio de Saldanha Moncada, á qual assistiram o pessoal judicial e muitos outros cavalheiros.

Ao iniciar os seus serviços na comarca pronunciou sua ex.ª, em phrase muito sincera, uma alocução dirigida aos seus subordinados, em que deixou bem frisada no auditorio a vontade de acertar.

Para isso disse-lhes que era preciso haver entre todos a maxima Lealdade, pois que os empregados judiciaes a principiar por sua ex.ª, constituiam a mais sagrada das familias.

E' realmente a historia de todos os tempos, que os grandes homens teem conseguido fraternisarem se com o povo pelo seu respeito de egualdade.

O nosso modesto semanario apresentando as vossas boas vindas congratula-se muito com a forma como se apresentou perante os que respeitosamente o escutaram, e faz votos para que o respeito de todos os nossos concidadãos corresponda condignamente ao proceder de tão illustre magistrado.

Festa a Nossa Senhora da Piedade — Grande romaria

Além d'amanhã realisar-se-ha na pittoresca Ermida da Senhora da Piedade a costumada festa á Senhora do mesmo nome, que tantos forasteiros costuma attrahir á Louzã, não só pela importancia da solemnidade, como tambem pelas bellezas naturaes que esta villa encerra, que são de um mimo extraordinario pela sua paisagem.

A gravura que neste logar inserimos representa a vista da Ermida do Castello historico, cuja descripção deixamos á auctorisada penna do grande historiador que se chamou Manuel Pinheiro Chagas.

Poucas terras em Portugal se podem ufanar de estarem como que engastadas em tão esplendidas paizagens como a pequena villa da Louzã. Uma das mais encantadoras e ao mesmo tempo das mais originaes é a que a nossa gravura representa.

Quando o viajante sae da villa da Louzã, e, deixando ficar atraz de si a casaria branca da povoação, a que dá vivissimo realce o verde dos milhaes e o doirado das espigas, passando ainda além dos campos cultivados, por entre os quaes serpeiam longos renques de oliveiras, se embrenha a final na serra e perde completamente de vista a paizagem da planicie, depara-se-lhe na frente a muralha negra e musgosa do antigo castello, depois as ruinas á flor do solo da velha povoação arruinada, depois penhascos, não áridos e nus, mas revestidos de viçosissima alcatifa, que se penduram sobre um abysmo de verdura, no fundo do qual corre o Arouce. Quem se collocar num d'esses penedos e relancear os olhos em torno de si, goza um espectaculo verdadeiramente admiravel!

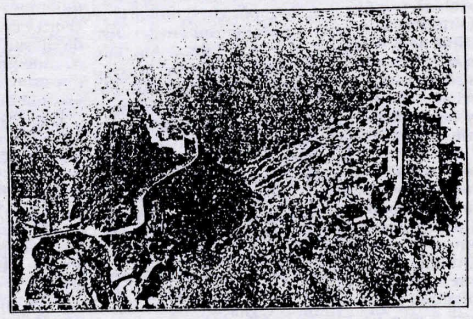
Acha-se embrenhado n'um eremiterio entre serros. Nem um ruido, nem um lampejo do mundo exterior! Por todos os lados um horisonte de verdura! as montanhas empinadas correram a sua cortina de penhascos entre o viajante e a planicie. Dir-se-hia um valle encantado, um como que jardim de Armida, onde fada ignota, escondida entre a ramaria dos arvoredos, tem de reter para todo o sempre, com languidos feitiços, o imprudente que alli se aventurou.

No fundo corre, serpeia, desliza fazendo infinitos meandros o Arouce, placido e limpido, cujas aguas transparentes se azulam espelhando o ceo. O ouvido enlevado escuta o murmurio do rio nas pedras do leito, e o gorgeiar de outros fios de agua, que brotam aqui ou além, e que, resvalando por entre as fragas, levam ao affluente do Mondego as suas liquidas pareas. De um lado a muralha sombria da antiga fortaleza, e no centro d'esta admiravel bacia, erguendo se imponente e banhando os pés no Arouce, o penhasco das ermidas cingido pela capellinha de Nossa Senhora da Piedade, como por diadema sacrosanto.

Separa o Arouce do pincaro do castello o penhasco das ermidas. Aquelle fica na margem direita, este na margem esquerda. O viajante que descer do solar arruinado atravessa o rio por uma ponte, erguida no seculo XVII, como se vê da inscripção gravada n'uma lapida engastada no arco e olhando ao poente. Já não está intacta a lapida, e o tempo implacavel roubou ao fundador d'este pobre monumento a innocente gloria de transmittir o seu nome á posteridade. Apenas se pode ler o seguinte: «É obra de devoção a Nossa Senhora e a S. João. Era de 1744.»

Superior á legenda campeia a cruz cavada na pedra, e quasi ao fundo da lapida o symbolo devoto do nome de Jesus.

Passada a ponte, sobem-se os degraus de uma longa escadaria, e encontra-se primeiro a capella de S. João. Só da sua singela architectura podêmos inferir alguma coisa sobre o seculo em que foi construida. Rude e simples, não se encontram n'ella nem os brincados lavores da renascença, nem essas extravagancias de ornamentação que distinguem as obras do seculo XVII, e que provam a intima affinidade existente entre as letras e as artes, porque parece ter tambem o gongorismo invadido a architectura. A capella de S. João deve ser, por conseguinte, pelo menos dos fins do seculo XV. Vem robustecer esta opinião o facto de existir uma licença del-rei D. João III, que em 1537 houve por bem conceder que alli se fizesse o bodo costumado.



Sobem-se uns poucos de lanços de escada e encontra-se a capellinha do Senhor da Agonia. N'um dos parapeitos do pequeno alpendre que lhe fica junto ergue-se uma cruz de pedra com a seguinte inscripção: «Estas obras mandou fazer o capitão Francisco Barbosa, natural d'esta villa. Era de 1624.» A gloria d'este honrado capitão deslumbrou provavelmente o fundador da ponte, que nutriu o legitimo desejo de enviar aos vindouros o seu nome de envolta com o do sr. Francisco Barbosa. Mas o tempo logrou-o, como já vimos.

Ao cabo de outros dois lanços de escada encontra-se a final a capella da Senhora da Piedade, cujo branco perfil se estampa no azul da atmosphera e domina a serena paizagem que descrevemos. Construida nos fins do seculo XVII, esta santa capellinha tornou-se logo, e até hoje tem sido, objecto de grande devoção para o singelo povo d'aquelles arredores. A tranquilidade magestosa d'aquelle ermo, o silencio augusto d'essa vasta cathedral de verdura, onde a capellasinha se ergue como sanctuario redondito, como tabernaculo mysterioso, como custodia de pedra onde habita a candida imagem de Maria, contribuiu de certo muito para inspirar ás populações campestres, cujos instinctos são tão naturalmente poeticos, esses devotos pensamentos. Parecer-lhes-hia, sem que podessm nem soubessem definir esse sentimento vago, que essa capella tão proxima do ceo, tão banhada de puris-simos ares, tão rumorejada de melodias da brisa e das aguas, tão rescendente de suaves fragrancias, era: habitação onde mais se devia comprazer a Virgem Santa, o meigo vulto feminino que illumina com tão doce luz, que perfuma com tão casto aroma a austeridade do dogma christão. Julgariam talvez que a sua prece humilde, confundindo-se com os murmurios que se exhalam da natureza, iria abrir um sorriso no rosto formoso da imagem, e dos labios d'Ella voaria logo, purificada e elherea, aos pés do throno do Omnipotente.

Seja como for, é certo que a Senhora da Piedade do penhasco das ermidas é invocada sempre pelos louzanenses em todas as tribulações da sua vida pouco tempestuosa. É por intercessão d'Ella que se desatam das nuvens as torrentes de agua que vão reverdecer os campos, requeimados por alguma sécca estival, é Ella quem doira de novo a espiga já murcha e desbotada. Angustias de mãe, timidos desejos namorada, anciedades de filhos pelos paes enfermos, procura consolação e abrigo no seio da Virgem da Piedade. Conta-nos o sr. padre José Daniel de Carvalho Montenegro, illustradissimo sacerdote, a quem devemos os apontamentos que serviram de base a este pequeno artigo, que no dia ultimo de novembro vira uma mulher, com uma carta na mão e o rosto resplandecente de alegria, dirigir-se á capellinha, e alli prostrada erguer fervorosas acções de graças a Nossa Senhora. Tardaram-lhe novas do filho vagueando em longes terras; com o coração enluctado invocára o auxilio da Mãe dolorosa, e o lucto transformára se-lhe em jubilo, flor do coração maternal, que ella vinha depor aos pés da Virgem misericordiosa.

No dia 24 de junho ha feira annual na villa, e romaria a Nossa Senhora e a S. João, que, apesar da visinhança, não deixa de fazer tambem o seu mi

A 18 de Maio de 1909, F. Duarte constatava que o país permanecia no caos.

Director e administrador — Antonio Cruz Alves dos Santos

Proprietario — Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetição, 20 réis por linha. Annuncios permanentes ou de publicação demorada contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações offerecidas a este jornal

1.º anno — N.º 8 — Terça-feira, 25 de Maio de 1909

Commercio da Louzã

SEMANARIO QUE SE PUBLÍCA A'S TERÇAS-FEIRAS

Condições do assignatura — Anno, 1$200 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400 réis; semestre, 1$200 réis
Numero avulso, 50 réis

BIBLIOTECA MUNICIPAL — DO — CONCELHO — L.O.U.S.Ã

OS COMICIOS

Quando chegou a Lisboa a noticia de ter sido assignada a convenção luso-transvaaliana, o parlamento não funcionava. Tinha pedido a demissão o governo Campos Henriques e o sr. D. Manuel estava entregue ao seu duro officio de reinar chamando presidentes do conselho pelo telephone.

Organisado o novo ministerio, no proprio dia em que se apresentou á camara dos pares—16 de abril foi interpelado pelos srs. Julio de Vilhena e Teixeira de Sousa a respeito da convenção com o Transvaal, e como outros illustres proceres seguissem na esteira dos dois chefes regeneradores, succedeu que, até ao dia da sua despedida, o gabinete do sr. Sebastião Telles de outro assumpto não teve que occupar-se.

A camara alta discutiu sob todos os aspectos a convenção africana, e a orientação dos pares oposicionistas afirmou-se no sentido de que a referida convenção estava nulla, porquanto o consentimento para a sua assignatura, dispensando o *referendum* das côrtes, era ilegitimo e inconstitucional.

Se na camara dos pares o blóco monarchico oposicionista manifestou por maneira tão solemne o seu parecer, contrahindo com o paiz um compromisso iniludivel, no mesmo sentido se afirmou na camara dos deputados em sessão de 21 de abril. N'esse dia, o illustre *leader* da dissidencia progressista, com aplauso unanime das oposições enviou para a mesa o seguinte *negocio urgente:*

«Nos termos do art. 62.º n.º 5 § unico do regimento, desejo expôr immediatamente á camara e pedir que se considere como questão de ordem, preferindo a qualquer outra, o seguinte assumpto urgente, para o que a camara se encontra já plenamente habilitada:

— Ilegitimidade e inconstitucionalidade do consentimento dado por parte do chamado governo da provincia de Moçambique á convenção de 1 de abril corrente, com o governo do Transvaal, e consequente nulidade desta con-venção.

Consultada a camara, foi regeitada a urgencia por 57 votos contra 33. Passando-se á primeira parte da ordem do dia, desistiram da palavra todos os deputados da oposição que estavam inscriptos, desistencia que renovaram quando em seguida foi posta á discussão a resposta ao discurso da Corôa.

A atitude das oposições obedecia, evidentemente, a um proposito, a esse proposito foi explicado no final da sessão pelo dr. João Pinto dos Santos, *leader* dissidente, pelo sr. Pereira dos Santos, *leader* regenerador, e pelo nosso correligionario dr. Affonso Costa: — os deputados oposicionistas desistiam de tomar parte em qualquer discussão politica por entenderem que, a todas as questões, sobrelevava a do abuso do poder, commettido pelos ministros que, usurpando as prerogativas parlamentares, exauctoraram as côrtes mandando assignar o convenio de 1 de abril, para todos os effeitos irrito e nullo.

Assim, na camara dos pares e na camara dos deputados, as oposições monarchicas apresentaram em termos claros e definidos a questão — havia que apurar gravissimas responsabilidades de alguns ministros da Corôa, reus do crime de abuso do poder, e havia que discutir a ilegitimidade e a inconstitucionalidade do consentimento dado para se fazer a convenção.

Passados dois dias — 23 de abril — o congresso republicano aprovava por unanimidade a proposta seguinte, apresentada pelo deputado dr. Affonso Costa:

«O Congresso do Partido Republicano, considerando que a convenção de 1 de abril corrente, assignada pelo legitimo representante do governo do Transvaal e por um representante ilegitimo, não já da nação portugueza, e nem sequer do seu governo, mas de um só ministro, que abusou do seu poder e invadiu a esphera de acção reservada ao parlamento do paiz, é nula, por falta de capacidade d'esse signatario e por falta de consentimento da patria portugueza, resolve:

Efectuar em todo o paiz um grande movimento nacional para que a dita convenção seja declarada sem valor algum e assim se resolva mais uma vez, graças ao esforço do povo, salvar a honra da nação portugueza, victima da tyrania do regimen e do despotismo da monarchia nova.»

A resolução do congresso mereceu o aplauso incondicional dos jornaes que representam oficialmente o bloco regenerador-dissidente, e esse aplauso foi até ao ponto de se declarar que, á campanha republicana, prestariam os dois partidos monarchicos o seu concurso. No entender d'esses jornaes, o terreno extra-parlamentar, tratando-se d'uma questão de soberania nacional — perante a qual não podia haver distincção de partidos — era mesmo mais proprio do que o terreno parlamentar, para se discutir o gravissimo assumpto.

Passados alguns dias, o terceiro ministerio do sr. D. Manuel desappareceu e, aquelle que o substituiu, presidido por um dos ministros responsaveis pela assignatura do tratado, com dispensa do *referendum* parlamentar, obteve o adiamento das côrtes durante dois mezes, com o voto favoravel dos conselheiros d'Estado do partido regenerador, que pouco antes, de pleno acordo com os outros grupos da opposição, considerava esse adiamento um perigo, desde que estava pendente uma gravissima questão nacional.

Estes são os factos.

Se consultarmos, desapaixonadamente, os diarios das sessões das duas camaras e os jornaes politicos, veremos que aos partidos monarchicos oposicionistas coube a iniciativa da impugnação do tratado por inconstitucional e que o partido republicano, desde o dia em que se ocupou do assumpto, dentro ou fóra do parlamento, sempre teve o cuidado de separar os dois termos da questão:

a) — Inconstitucionalidade do acto;

b) — Vantagens ou desvantagens da convenção.

Adiadas as côrtes, faltando os documentos oficiaes indispensaveis para se discutir em todas as suas minucias o tratado, ha um ponto que póde discutir-se desde já: — o abuso de poder commettido pelos ministros que violaram, scientemente, o artigo 10 do Acto Adicional de 5 de julho de 1852, os artigos 1.º e 2.º da lei de 11 de fevereiro de 1863 e o artigo 1.º da lei de 2 de maio de 1882.

Para julgarem esse crime constitucional não careceram os pares do reino e deputados, que o apreciaram no parlamento, senão das declarações feitas por alguns ministros; de mais não precisa o partido republicano para elucidar o publico.

Estabelecida a origem da campanha republicana, cujo annuncio mereceu os mais vivos aplausos do *blóco*, parece-nos que ninguem pode acusar de incoherentes aquelles que convocam os comicios, e supomos tambem que todos prestarão homenagem á coherencia dos deputados republicanos ou de qualquer outra parcialidade politica que, perante o povo, apareçam a protestar contra o procedimento dos ministros que violaram a lei esquecendo os seus deveres e ofendendo os direitos inalienaveis e imprescriptiveis da soberania nacional.

Apelou-se para o povo; que perante elle compareçam aquelles que o chamaram á contenda, para dizerem da sua justiça contra o tratado, ainda que não queiram pronunciar-se contra o adiamento das côrtes.

Ha quem não considere ilegal o adiamento? E' uma opinião pela qual, certamente, o povo que assistir ao comicio não considerará inhibidos de falar aquelles que pretenderem discorrer apenas sobre a inconstitucionalidade da convenção de 1 de abril.

Cada um fala como quer e vota como entende. E nós temos a certeza de que, na reunião popular de ámanhã, haverá para todos os oradores, quaesquer que sejam as suas opiniões, muito mais tolerancia e mais resreito do que, ás vezes, costuma haver no parlamento.

João de Menezes.

Ainda o congresso pedagogico

(Conclusão)

Ainda o snr. Antonio da Costa Oliveira, discordando do orador precedente, é de opinião que se não reclame o auxilio oficial e historia a questão de ordenados, desde Rodrigo da Fonseca Magalhães, pedindo a descentralização do ensino.

Falam sobre esta tese os snrs. Mendes Correia, Reis Santos, Tito Larcher, Francisco Nunes Chaves e Lima Basto, acentuando todos a má situação do professorado e fazendo varias considerações sobre os culpados deste estado de coisas.

Usa da palavra a snr.ª D. Amalia Luazes, para pedir aos seus colegas da provincia que compareçam mais cedo na sessão nocturna, para tratarem da organisação dum instituto para os filhos dos professores, ideia que já lançou ha 4 annos e ainda não teve o prazer de vêr frutificar.

A's 8 horas da noite reunem de novo os congressistas, expondo a snr.ª D. Amalia Luazes a sua ideia generosa da fundação dum instituto para os filhos dos professores, ideia que foi muito bem aceite.

Seguidamente, proseguem os trabalhos, presidindo o snr. Ernesto de Vasconcellos, secretariado pelas snr.as D. Amalia Luazes e D. Emilia de Almeida.

Começa o snr. Ernesto Korroc por defender a sua tese sobre *O analfabetismo e o ensino profissional em Portugal* — , a que já nos referimos. Foi muito aclamado pela assistencia.

O snr. Santos Ruivo propõe que sejam attendidos opportunamente os methodos de ensino e o snr. Rodrigues Direito occupa-se do ensino, da situação do professorado e da inspecção escolar.

O snr. Luiz Matheus diz que o professorado não deve libertar-se totalmente do poder central e que os professores podiam desempenhar varios cargos, como o de secretario da junta de paroquia, etc., para suavizar de algum modo a sua situação monetaria.

Ha um conjuncto de manifestações contra esta ideia de todos os lados da sala.

Leem-se nesta altura telegramas de felicitações de varias colectividades e individuos.

Lê-se em seguida a tese do snr. Carneiro de Moura, a que já nos referimos e que requer uma remodelação completa da legislação primaria.

A snr.ª D. Maria Clara Correia Alves mostra-se partidaria de que seja banido da escola primaria o ensino religioso, levantando-se a proposito disso um conflito entre esta senhora e a snr.ª D. Amalia Luazes, movimentando-se a assembleia, propondo-se que se não discuta o assunto.

Falam Simões Coelho e Rodrigues de Aragão, que se refere elogiosamente ao relatorio do snr. Carneiro de Moura.

O snr. Manuel Joaquim da Costa disserta sobre o ensino da taquigrafia na escola primaria. O snr. Fraga Perri de Linde defende a mesma tese.

O snr. Fernão Botto Machado, depois de uma bem elaborada serie de considerações, propõe que os paes, mães, tutores, educadores, escritores de teatro e caricaturistas imponham ao respeito geral o professor primario.

Referindo-se ás afirmações da snr.ª D. Amalia Luazes, diz que o ensino religioso deve ser ministrado, fazendo o professor ver aos alunos os erros da doutrina cristã. E' muito aplaudido.

Segue-se o snr. Adolfo Lima, defendendo o seu trabalho, sobre o ensino primario, a que já nos referimos e depois de falarem as snr.as D. Amalia Luazes, D. Emilia Clara, e os snrs Armando Carmo, Antonio Leitão e Simões Coelho, foi encerrada a sessão.

—

No dia 15 de manhã foram os congressistas visitar o Asilo D. Pedro V, onde ficaram maravilhados pelo metodo e ordem que em tudo encontraram.

A's duas horas da tarde reuniram de novo, presidindo o snr. Antonio Francisco dos Santos, secretariado pela snr.ª D. Anna de Castro Osorio e pelo snr. Joaquim Pedro Dias.

O snr. Tito Larcher pretende que a lei se coadune com as caracteristicas de cada região, visto que são diferentes os costumes de cada uma. Que o canto coral se inicie pelas canções regionaes, que a ginastica deve começar pelos jogos populares, que desenvolvem todos os musculos.

O snr. Dr. Reis Santos, referindo-se á tese — *O que deve ser o ensino primario*, — diz que é preciso que do congresso saia um plano defi-

O "Commercio da Louzã" costumava reproduzir artigos de opinião publicados noutros jornais. Aqui, um texto da autoria do deputado republicano e jornalista João de Menezes, publicado no jornal lisboeta "A Lucta".

Director e administrador — Antonio Cruz Alves dos Santos

Proprietario — Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetição, 20 réis por linha. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações offerecidas a este jornal

1.º anno — N.º 9 — Terça-feira, 1 de Junho de 1909

Commercio da Louzã

SEMANARIO QUE SE PUBLÍCA A'S TERÇAS-FEIRAS

Condições de assignatura — Anno, 1$200 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400 réis; semestre, 1$200 réis
— PAGAMENTO ADEANTADO — Numero avulso, 30 réis

BIBLIOTECA MUNICIPAL
LOUZÃ
CONCELHO

Interesses locaes e a Imprensa local

Na grande *strugle for life* dos tempos modernos, os povos, para resistir e vencer, carecem de adestrar-se civica e materialmente, por forma a desempoeirar-se d'aquellas mesquinhas e obsoletas traças que constituiram os processos de vida das passadas gerações.

O progresso evolutivo das ideias e, consequentemente, a utilitaria apropriação dos elementos e forças da natureza, transformaram a vida moderna em um problema, porventura tão complexo, que sómente será dado resolver aquelles que, numa paciente e methodica experiencia e observação adquiram os necessarios e indispensaveis ensinamentos.

E sendo certo que as condições merologicas, geoteluricas, etc., isto é, as condições de riqueza e productividade naturaes, são actualmente considerados como factores imprescindiveis para o bem-estar geral dos povos d'uma dada região, com mais força de motivos, as forças e actividade collectivas se devem orientar em ordem a integrar-se na resolução d'esse problema.

E quem melhor o porá em equação, que o mesmo é dizer, pô-lo em condições de ser resolvido, como a imprensa local?

Nós sabemos que a organisação das sociedades se faz por nucleos, no geral, com caractéres intensamente distinctos e differentes. E em tal conformidade, poderá porventura a imprensa das capitaes a denominada grande imprensa, tratar, estudar e relacionar interesses tão vastos e heterogenios?

Não. A essa imprensa se reserva missão quiçá mais grandiosa:—a orientação social e em synthese das grandes sociedades; a communicação e relacionamento do progresso universal.

E assim nós vemos a necessidade absoluta da imprensa local.

E como deverá ser redigida esta imprensa? Hoje, em todas as manifestações da actividade humana, deve predominar o utilitarismo pratico e racional. E neste caso pois, a phraseologia amaneirada e pretenciosa, que fez seu successo na epoca do gongorismo, em nada pode ser tida.

Um facto, uma ideia, um alvitre, um projecto, um plano, seja emfim o que fôr, deve ser dito e relatado, somente com clareza e precisão.

* * *

Um motivo originou as simples considerações que deixo expostas.

Sabem os leitores qual é?

A carta publicada em o ultimo numero deste jornal, que se refere á arborisação da Serra, assignada por A. L. iniciaes em que eu advinho um espirito lucido e finamente artistico, e sobre tudo um grande amigo da sua Louzã.

E' que, positivamente, n'essa carta expõem-se verdades incontestaveis e uma necessidade inadiavel, cuja satisfação trará á villa e aos povos das faldas da Serra, immediatos e incalculaveis beneficios.

Oxalá o dr. João Santos, digno presidente da edilidade louzanense, e cuja capacidade intellectual e tempera moral são das melhores, e para quem A. L. appella, se dedique com a devida ponderação a tão momentoso assumpto e o resolva com o seu esforço conjugado harmonicamente com a boa vontade e desinteresse de todos os bons louzanenses.

Coimbra.

F. Duarte

Tentativa de perseguição

«O sr. Marinha de Campos, official de fazenda reformado, da marinha de guerra, e um dos mais distinctos jornalistas, fez, na séde da Associação de Lojistas de Lisboa, uma conferencia ácêrca do convenio com o Transwaal, analisando-o e criticando-o com a maior imparcialidade, mostrando conhecer o assumpto que versou com reconhecida competencia.

Como, porém, condemnou o tratado, foi chamado á majoria general da armada e ali interrogado pelo chefe do estado maior, a quem respondeu: que fizera effectivamente a conferencia sobre o convenio com o Transvaal; que não pedira licença para a fazer, por desnecessaria, e tanto que outros officiaes teem feito conferencias sem prévia auctorisação, e até um d'elles foi pedi-la á majoria e ahi lhe disseram que não era precisa.

O sr. Marinha de Campos retirou em liberdade.

Dizem que o sr. Augusto de Castilho lhe quiz impôr o castigo de 20 dias de prisão, mas o sr. ministro da marinha opôz-se, no que procedeu bem.

Esta tentativa de perseguição ao sr. Marinha de Campos, levantou um grande movimento de protesto contra o sr. Castilho.»

Honra, pois, ao nobre ministro da marinha pelo acto de independencia que acaba de praticar.

Republica e Religião

Aqui deixamos á apreciação dos nossos leitores o artigo que publicamos em seguida, o ultimo que escreveu o abade Paes Pinto, que foi um espirito culto de revolucionario, a quem, de ha dezoito annos a esta parte tanto deveu o partido republicano.

Destinara-o a ser publicado na *Voz d'Ourem*, offerecendo-o este jornal ao *Mundo* d'onde com a devida vénia o transcrevemos por nelle acharmos um trabalho sincero e honesto, cheio de verdades.

Não o fazemos com o fim de servir esta ou aquella ideia, mas sim por vêrmos nas palavras do honrado sacerdote, que quaesquer que sejam as instituições liberaes, seja qual for o nome que se lhe dê, teem por dever acatar e fazer respeitar as crenças de cada um.

Quando saudei a *Voz de Ourem* pelo seu apparecimento entre os jornaes democraticos, pedi logo que me reservassem um cantinho para eu dizer da minha justiça sobre o assunto desta epigrafe, não porque presidisse ao meu espirito a ideia de um monopolio, mas para que eu tenha sempre a vez, quando lá chegar algum escrito meu. De resto, é um campo aberto para todas as affirmações, e não deixarei de as lêr com toda a atenção, como sucedeu ás do nosso correligionario Cesar da Silva, que, em o n.º 10 deste jornal e artigo dictatorial, apresentou considerações muito reflectidas, posto que com côres em demazia carregadas, contra a Igreja, sob a epigrafe «Politica e Religião». Os meus juizos são mais suaves, e as minhas affirmações jámais maguarão alguem.

Muitos temem a Republica, por cuidarem que ella será fundada no odio á religião. E' um erro: nada existe fundado entre os homens no odio á religião; nem a maçonaria, que é o inimigo implacavel da Igreja, tomou por fundamento esse odio. Só pode odiar a religião, quem odeia a liberdade, porque sendo aquella a expressão de sentimentos intimos, ninguem, a não serem os tiranos, pensa em a supprimir. A Republica tem por fundamento a liberdade, portanto ha de respeitar a religiosidade do coração humano. Eu nunca aconselhei republicano algum que se fizesse religioso, não porque eu não deseje que todos o sejam, mas para mostrar que mesmo sem religião me servem. E é verdade: na cultura das relações politicas abstraio da crança, e, quando trato dos sentimentos ou principios religiosos, não penso nos ideaes politicos. Tão disforme é a politica na religião como esta naquella. As coisas para retomarem a sua beleza natural devem reduzir-se á extrema simplicidade. Da mistura resulta a confusão e desta a ignorancia.

Tão erradamente pensam os que querem fun[illegible]tica na affirmação das crença[illegible]nos que querem reconstruir [illegible]ção e prohibição dellas. A re[illegible] de santificar, mas não cria os [illegible] civicos, e a politica não pode entrar na consciencia do individuo e dizer lhe: «prohibo-te que acrediteis em Deus ou que manifestes em publico a tua crença». Se algum republicano disser que, estabelecida a Republica, se hão de abolir as crenças, comete um crime de traição ao regime que professa; se algum crente atacar a Republica por não ter religião, deixemo-lo, porque é hipocrita. A religião só precisa liberdade, e a Republica não a pode negar. A religião só pode ser prejudicada pelo vicio dos seus crentes, porque negam por obras o que affirmam por palavras, mas nunca pela Republica, pois será irremediavelmente perdida, se deixar algum dia de garantir a liberdade de consciencia.

Tenho para mim que uma Republica sem religião ha de concorrer melhor para a pureza das crenças do que uma Republica com ella; e a razão é porque o Estado é incompetente para dirigir para Deus as consciencias, e, se o tentar, é perseguição certa. Muitos acusam a Igreja tornando a responsavel por todas as carnificinas perpetradas através da historia. E' uma injustiça. Quem autorisou, quem executou essas chacinas não foi a igreja, foi o Estado, pois que, no direito canonico e na disciplina ecclesiastica, nem uma só disposição se encontra, sanccionando perseguições sanguinarias; nos codigos civis e penaes dos Estados é que estão todas. O grande verdugo da consciencia humana foi sempre o Estado, que, quanto mais religioso se diz, mais cruel se faz.

Venha um Estado sem religião e sem odio a ella, e os crentes viverão em paz. Esta doutrina tem adversarios? Nunca a verdade esteve sem elles. Apresentem-se os contradictores, mas produzam argumentos, e não atirem com insultos. Se o fizerem, não lhe levaremos a mal, porque cada um é o que é, e dá o que tem. Não quero, desta vez, tomar-lhe mais espaço, por lhe ser preciso para outras colaborações. Temos tempo. Basta, por hoje, fixar a ideia culminante: a Republica fundada na Democracia, como querem todos os espiritos hodiernos, não é, nem pode ser inimiga da religião.

Abade Paes Pinto.

Discurso de um bebado

Entrou um vagabundo em uma taberna e pediu de beber.

Servido, e no acto de beber, um moço dos que ali estavam lhe disse: Alto! pronuncie um discurso: é muito pobre o licôr que não solta a lingua a um homem.

O bebado sorveu apressadamente a bebida, e quando o licôr lhe esquentou o sangue se dirigiu aos circumstantes.

Ergueu-se com certa graça e dignidade que não puderam occultar seu desasseio nem seus farrapos.

— «Senhores, lhes disse, ao contemplal-os esta noute, parece-me contemplar um sombrio quadro de minha juventude. Este rosto escaveirado que vêdes, foi em algum tempo tão limpo e tão são como o vosso, porque cheguei a contar-me entre os homens.

Tambem tive amigos, um emprego e uma posição. Tive uma esposa tão bella como o sonho de um artista; mas lancei a inapreciavel perola do seu respeito e da sua honra a um copo de vinho, e — como Cleopatra — ao vêl-as dissolverem-se, as traguei com o liquido transbordante.

Tive filhos tão bellos e tão puros como as flôres da primavera, e os vi murcharem e morrer sob a candente maldição de um pae beberrão.

Tive um solar onde o amor accendia á chamma sobre o altar e perante elle officiava; mas, aquella chamma sagrada eu apaguei e em seu logar deixei trevas e desolação.

Tive ambições e aspirações que se ergueram tão alto como a estrella da manhã; mas eu as matei e afoguei para não mais recordal-as.

Agora apenas sou um esposo sem esposa, um pae sem filhos, um vagabundo sem lar e um homem que tem mortas todas as suas aspirações e todos os seus enthusiasmos.

Tudo o vortice do vicio tragou».

O vagabundo cessou de falar.

De suas mãos o copo cahiu e contra o sólo desfez-se em pedaços; as janellas da pocilga se abriram e violentamente se cerraram.

Quando os circumstantes ergueram a vista o vagabundo havia desapparecido.

B. J.

Camara Municipal

Sessão de 22 de maio

Presidente: Dr. João Augusto dos Santos.

Vereadores presentes: padre Antonio Lopes Cortez Froes, Cesar Henriques Lopes e Diamantino Sequeira Neves Barreto e Manuel das Neves.

Esteve presente o administrador do concelho, bacharel Fortunato Gomes de Seiça.

Aberta a sessão, foi lida e approvada a acta da sessão anterior, sendo presente o seguinte expediente:

Officios

Um do escrivão de fazenda d'este concelho pedindo a esta camara para tratar da desamortisação, o qual será copiado na acta.

Outro da Commissão Districtal a pedir copia authentica da deliberação tomada por esta camara em sessão de 24 de abril ultimo, sobre as percentagens para o proximo anno de 1910

Requerimentos:

Um de Joãe Antunes dos Santos desta villa a pedir licença para lançar na estrada publica das Reguengas ao Meiral algum cascalho que o ribeiro ali lançou numa sua propriedade confinante com o mesmo ribeiro.

O presidente lembrou que se consignasse na acta, que não interveio nesta deliberação, e a camara resolveu que fosse desde já approvada.

Outro de Joaquim da Costa Baeta, da Catasilva, e outros, pedindo para que a serra do Sobral não seja incluida no regimem florestal, mas sim aforada, como tem sido feito noutros concelhos do paiz, pela forma que mais vantagens offereça aos interesses do municipio e dos signatarios. Nesse requerimento apresentam as razões, pelas quaes julgam inconveniente o regimem florestal.

A camara tomou na devida con-

A religião foi um dos temas mais versados pelo "Commercio da Louzã". A 1 de Junho de 1909, transcrição de um artigo da autoria do abade Paes Pinto, "espirito culto de revolucionario".

sideração a petição deste requerimento, promettendo em tempo opportuno deliberar neste sentido como achar de Justiça.

Outro de Joaquim Ferreira, desta villa, a pedir licença para reconstruir um muro junto a estrada que do Meiral segue para as Reguengas.

A camara em vista da informação do presidente, resolveu conceder a licença pedida, sob a fiscalisação do mesmo sr. presidente.

O secretario requereu para que o auto levantado contra elle seja numerado em todas as suas folhas e rubricado pelo administrador do concelho e por elle secretario.

Nesta altura apresentou o secretario a sua resposta á queixa constante do auto, que foi lida em voz alta pelo presidente.

A camara mandou que se juntasse ao auto o recibo da entrega do mesmo e mais documentos passado pelo secretario, o que tudo vae ser devidamente numerado e rubricado.

A camara resolveu fazer na segunda feira proxima uma sessão extraordinaria pelas 11 horas da manhã para tratar da inquirição das testemunhas constantes do auto levantado contra o secretario, e em que este apresentará a resposta á resolução do assumpto de que se trata.

O presidente informa que no dia 2 de maio não se fez a arrematação por não ter havido licitantes, e por isso resolveu a camara fazer as obras por conta propria.

Disse o presidente que telegraphou no dia 28 ao ex.mo sr. ministro do reino pedindo para que os exames do 2.º grau sejam, como no anno anterior, feitos na escola desta villa.

Ao que toda a camara deu o seu apoio.

Depois de junta a resposta do secretario ao auto, foi novamente confiado tudo á guarda do sr. administrador do concelho.

Theatro da Louzã

Recebemos na nossa redacção a amavel visita do distinctissimo artista Mr Aragrev, que no proximo domingo exhibirá pela primeira vez neste theatro as suas phantasticas experiencias de ventriloquia com os bonecos falantes.

Mr. Aragrev pede-nos para que, por meio do nosso jornal, façamos constar ao illustrado publico d'esta villa que o não confunda com os que ultimamente aqui tem estado; apresentando nos provas irrefutaveis do seu reconhecido merito de artista neste genero.

As illusões d'um sonho

Entregue ás minhas cogitações, embevecido nos meus pensamentos utopistas, como que arremessado a um mundo empyrico de absolutas justiça e felicidade, deitei-me e cahi num somno delicioso, que só é dado gosar a quem tem a consciencia limpa de remorsos.

Não tardou que á placidez d'esse somno não se viessem juntar as delicias de bellos e phantasiosos sonhos que realisavam a felicidade idealisada, e eis-me em pleno goso d'uma patria nova, patria modelo, a patria que eu phantasiara.

O meu coração trasbordava d'alegria e só um pequeno pensamento me preocupava o espirito: — a lembrança de que a vida humana seria curtissima para usufruir tão completa felicidade.

E alem uma bella figura masculina de olhar limpido como o chrystal, cingindo alvas vestes, alvas como as neves das serranias, madeixas fluctuando ao sabor da brisa doce, empunhava o mesmo azorrague com que outrora enxotara os vendilhões da casa de Deus.

Vi com enorme pasmo, que os escorraçados eram em numero tal, que me convenci que o grande Reformador nunca poderia ter vindo mais a proposito resgatar a humanidade, que se debatia nas garras do Despotismo e da Tyrannia.

Cada chicotada, que açoitava essa escumalha social, fazendo-a debandar cobardemente entre uivos de odio, era um novo sorriso que me assomava aos labios. Perdoem-me os leitores a quem porventura seja applicavel esta doutrina, os meus sentimentos de vingança, mas que querem?... o Mestre tambem, castigando, não corrigia só, vingava.

Não tardou que a meus ouvidos chegasse um enorme e ensurdecedor ruido, eram as ruinas d'um mundo velho, corrupto, fundado em alicerces de lodo que desabavam, dando logar a outro mundo feito de Paz, de Amor, de Justiça e de Bondade, inundado de uma Luz rutilante infinitamente mais intensa do que a do Astro Rei.

De repente ouve-se o ruido secco de alguma coisa que estala: era o mesmo pulso de aço, que ha pouco empunhava o azorrague, que estalava as gargalheiras e quebrava as algemas com que os despotas opprimiam o povo escravisado.

Da bocca d'aquelle grande revolucionario jorrava com enorme impetuosidade uma torrente de palavras que doiam mais do que o latego com que retalhara os corpos asquerosos dos biltres.

A sua eloquencia era tão assombrosa, nas suas palavras ia tanta convicção que o meu fervor crescente fez-me entrever na diaphaneidade do seu vulto a um tempo bello e athletico, escripto a lettras de fogo:

«Eu sou a Verdade».

E era com effeito a verdade, porque os intrujões, os trapaceiros, em summa os vendilhões e fariseus hodiernos, tremiam de cobardia e rugiam improperios, fugindo como as corujas da Luz.

Os seus sublimes discursos do alto d'um monte, verde como esmeraldas, chegavam aos ouvidos dos crentes como os ecos d'uma formidavel trombeta, sem que o menor sussurro obstasse a que as suas doutrinas sublimes fossem escutadas pelo auditorio estupefacto.

No cume do monte tremulava uma bandeira em que estavam gravadas estas sugetisvas palavras:

«Egualdade e Fraternidade».

Entre muitas verdades que o meu bom sonho me deixou ouvir ao sublime Mestre, ficaram-me gravadas na memoria as seguintes:

«Ensinae os ignorantes que é justamente o contrario da orientação dos reaccionarios, que negam um direito sagrado aos seus irmãos quem um estupido destino tornou desgraçados.»

«O meu reino não é só dos que o compram a preço de ouro a quem illegalmente lh'o vende, porque o mesmo era que fecha-lo aos pobres a quem faltam os meios para o comprarem.»

«Interpretae bem o meu codigo, aliás accessivel a todas as intelligencias, que diz mais em 10 artigos do que todos os codigos do mundo, pois só servem para quebrar a cabeça aos bacharéis.»

«Não saiaes de dentro do horisonte do meu Decalogo e tereis completado o vosso aperfeiçoamento moral e social.»

Acto continuo os homens uniram-se num doce amplexo de confraternisação.

Os ricos deixaram de esbanjar em luxos e vaidades o que de direito pertencia aos seus irmãos famintos; acabou a distincção de castas; deixaram de existir logares reservados nas egrejas e outros logares publicos para a aristocracia. Aristocracia e plebe fundiram se e essa liga (sem ser metallica) chama-se Povo.

Proclamou-se um governo que tinha por divisa a *Maxima liberdade*.

Numa palavra, começou-se a viver vida nova, a respirar uma atmosphera mais pura de Justiça. Tinham acabado emfim os privilegios revoltantes, tinhamos attingido a meta da nossa phantasia, tinhamos realisado o nosso ideal!

Mas oh! dur realidade das coisas, tantas alegrias passados n'curta duração do meu sonho, haviam de saccudir-me, despertando-me e fazendo-me voltar a este inferno onde já não ecoava a voz d'Aquelle que o meu sonho trouxera da Galiléa para reformar esta sociedade corrupta, para pôr nos eixos esta caranguejola esfacellada politica e moralmente.

Acordei e... em vez da Luz fulgurante que vira no monte de esmeralda achei-me com com uma pobre lamparina de petroleo que as delicias do somno me fizera esquecer de apagar. Em vez de homens eguaes perante a Lei, como eu os sonhara, dividi da minha janella entre-aberta um que passava impando de importancia e outro que arqueava a espinha ridiculamente n'uma cortezia humilhante não correspondida.

Esfreguei os olhos para me certificar da realidade que me custava admittir, entrando tão abruptamente lavei-me e resmunguei macambuzio: Ora bolas para tal sonho! já que o céo cá d'este valle de miseria é só para os endinheirados que o podem comprar, melhor seria não ter visto o ceu que o meu sonho me prodigalisou, porque, francamente, ficou-me a crescer agua na bocca e já não ando de vontade sobre o nosso planeta Terra, pois vejo com immensa magua que as coisas continuam no mesmo pé e que os fariseus actuaes em vez de mostrarem no lombo as vergoadas do tagante, exhibem ao contrario as suas nedias carnes em que o latego do meu sonho innocente nem sequer deixara vestigios.

... 31 de maio de 1909.

V.

Alfredo da Silva Figueiredo

Chegou hoje de automovel a esta villa, pela volta do meio dia, vindo de Coimbra onde tem estado em tratamento da longa doença que o tem retido no leito, achando-se já felizmente melhor, este nosso digno conterraneo, que deu entrada no seu lindo chalet que possue junto da estação do caminho de ferro, subindo a escada desamparado, com grande satisfação dos que assistiram á sua chegada.

Alfredo Silva, por quem os habitantes da pittoresca Louzã têm alta estima e muita consideração, pelo seu bello caracter, tem sido muito visitado pelos seus amigos e pessoas das suas relações.

Oxalá o possamos vêr, dentro em breve, completamente restabelecido.

« Os Modestos »

Reuniram-se hontem em assembleia geral os socios deste sympatico grupo musical, sendo, entre outras, tomadas as seguintes resoluções:

nomear uma commissão para tratar da organisação dum regulrmento interno para a boa ordem desta collectividade. A commissão ficou assim composta: — srs. dr. João dos Santos Apostolo, Adelino Amaro Pinto, Manuel das Neves Fonseca, Antonio Furtado e Raul Duarte Rosa.

—abrir entre os socios uma subscripção para a compra de um clarinete.

Na referida reunião subscreveram-se alguns socios.

— Foram admittidos nesta sociedade mais os srs: José Mascarenhas de Lemos, Antonio Agostinho, José Augusto Pimenta, Julio Correia de Souza Portugal Ribeiro, Bernardino Henripues Lopes, a firma Mattos & Ribeiro, Benjamim Grillo, Antonio Rodrigues Valente, e João Fernandes Carranca.

Festa do Espirito Santo

Realisou-se no domingo a festividade ao Espirito Santo no Casal do mesmo nome.

Dizem-nos que houve por lá grossa pancadaria, não só dos arrogantes gaiteiros nas pelles dos bombos, mas ainda por aquelles que não perdem occasião de mostrar as suas valentias; que o diga o Manuel Martins, da Gandara, a quem racharam a cabeça, chegando a esta villa em mísero estado. E lá foi participação do *feito* para juizo, onde por certo lhe será dito que o corpo humano não é nenhum zabumba...

Que lhes preste.

Anniversario

Na quinta feira ultima passou o anniversario natalicio do sr. Adelino Amaro Pinto, digno presidente do Grupo Musical *Os Modestos*, que nesse dia lhe manifestaram quanto o estimam e consideram; pois que fazendo já hoje parte d'este grupo pessoas distinctas, pelo seu saber e posição, todos correram a sua casa a felicita-lo.

O sr. Amaro Pinto agradeceu a gentileza, offerecendo aos seus hospedes um abundante *copo d'agua*, durante o qual o grupo executou lindos trechos de musica.

O *Commercio da Louzã*, a quem o sr. Amaro tem dispensado as melhoras provas de consideração e auxilio, apresenta-lhe tambem os protestos da sua estima, fazendo votos para que a sua linha de conducta o conduza de forma a não desmerecer o conceito em que já hoje é tido entre nós.

8 **FOLHETIM**

ANDRÉ THEURIET

O PADRE DANIEL

III

O primo ia conversando comsigo mesmo n'este tom, e apressou o passo. A' luz da lua a sua sombra delgada projectou se sobre a estrada branca e parecia correr deante d'elle. Era meia noite quando atravessou o logar de Pressigny. Tinha que andar ainda meia hora para chegar a Templiers; não quiz parar no logar. Não tinha prevenido Beauvais de que chegaria n'essa noite e estremecia ao pensar naquella primeira entrevista; mas uma força mysteriosa o impellia para a quinta.

Quando chegou ao alto da collina de Marets, distinguiu o telhado agudo da torrinha, brandamente illuminado pela lua. E então não pensou em Daniel, nem mesmo no modo por que seria recebido. Estava deante d'elle a torre dos seus sonhos! Entrou no pateo em cuja porta está ainda esculpida a cruz dos Templarios. Tudo estava silencioso. Foi direito á janella do rez do chão, onde antigamente dormia seu tio, e bateu levemente. Uma voz d'homem meio adormecida exclamou:

—Quem está ahi?

E quasi immediatamente se entreabriu a janella.

—Sou eu, murmurou o primeiro com uma voz timida.

—Eu, quem?

—Daniel.

—Já vou abrir.

Um rosto todo barbado appareceu um instante na penumbra. Em breve um filete luminoso se filtrou atravez dos guardaventos, que machinalmente Beauvais tornara a fechar, e depois ouvia-se uns passos pausados resoar pela sala

—Afinal Brusseries, a minha casa é perto d'aqui!...

E, por um instante, teve a idéa de fugir. O raio luminoso desappareceu e os passos afastaram-se. O padre, muito trémulo, dirigiu-se para o lado da porta que se abriu por fora. Beauvais afastára-se para permittir a entrada ao recem-chegado.

—Até que chegou! disse elle apenas.

—Venho um pouco tarde, murmurou o primo em voz baixa.

Beauvais, sem responder, trancou cuidadosamente a porta e conduziu o primo para a sala. Foi só ahi que se poderam examinar mutuamente.

Ambos ficaram egualmente surprehendidos. Beauvais tinha quasi o dobro da altura de seu primo e era grosso em proporção. O chambre que trazia vestido deixava vêr uma das suas herculeas pernas. Os cabellos abundantes e a barba espessa, mal cuidada, formavam-lhe uma moldura desordenada no rosto muito córado. O padre, mesmo no meio da sua agitação, comparava-o mentalmente a Nemrod, o selvagem caçador da escritura. Quando a Beauvais parecia procurar pelo quarto o primo que tinha em casa, o primo a quem a sotaina sem roda e o embaraço em que estava, tornavam ainda mais delgado e mais pequeno do que era costume, emquanto que á sombra do tricornio o seu rostosinho imberbe parecia mais magro e mais pallido.

—E' uma creança, pensava Beauvais.

—Irei para Brusseries, dizia o padre comsigo.

Este exame durára apenas um segundo. Beauvais pôz o candieiro em cima da meza e disse em voz baixa:

—Ora chegou o primo!

Depois apertou nas suas grandes mãos a macia mão do padre.

—O primo está aqui em sua casa, muito lhe agradeço o ter vindo; mas não faço barulho; a pequena dorme aqui ao lado; ámanhã quando ella accordar, quero fazer-lhe esta surpreza... Quasi que em coisa alguma está mudado, meu primo!

O padre, admirado e enternecido, replicou:

—Nem o senhor tão pouco.

—Não faça barulho, repetiu ainda Beauvais a meia voz.

Depois fez sentar o primo como o teria feito a uma creança e collocou-se em frente d'elle. Conversaram alguns momentos emquanto se examinavam, em seguida Beauvais levantou-se e, caminhando em pontas de pés, foi buscar carne fria que tinha na cosinha emquanto o padre, que ficára na obscuridade, murmurou:

—E' muito differente do que eu ainda ha pouco pensava.

Beauvais voltou com um guardanapo e fez um gesto de quem queria extendel-o.

—Não, não, disse o primo.

—Pois não é verdade? respondeu Beauvais. O guardanapo era para o senhor prior, o primo comia, como eu, sobre o oleado.

Collocou um pastellão de caça em cima da mesa, depois trouxe uma garrafa de vinho.

—A garrafa, continuou elle, estava alli á sua espera; o vinho fal-o ha recuperar as forças com tantas fadigas... E' vinho de Bordeus.

—Bordeus! exclamou o primo pensando em Daniel.

—Chut!... a pequena!... Como ella ámanhã vae ficar contente!

Beauvais encheu dois copos até meio e quiz fazer uma saude. O padre olhava para elle amigavelmente. Beauvais tinha lagrimas nos olhos. Levantando o copo, toda a sua dôr voltára.

—Nunca irei para Bruasseries! disse impensadamente o padre.

Depois diligenciou comer.

Agora estavam ambos callados; o espirito da morta descera para o meio d'elles e ambos se esforçavam por não alludir áquella de quem tanto teriam querido falar!

Continua.

Proclamara-se um governo que tinha por divisa a Máxima Liberdade, mas apenas em sonho...

tocracia. Aristocracia e plebe fundiram-se e essa liga (sem ser metallica) chama-se Povo.

Proclamou-se um governo que tinha por divisa a Maxima Liberdade".

Escusado será dizer que o articulista sofreu forte desilusão ao acordar...

PROLETÁRIOS VÍTIMAS DOS "ZANGÃOS SOCIAIS"

A orientação socialista do jornal voltava a sinalizar-se com a inclusão, em primeira página, de um artigo intitulado "**Protecção aos operarios**". Na página três justificava-se a recuperação do texto, publicado quatro anos antes noutro periódico editado no concelho:

"É do '*Louzanense*' de 1905 o nosso primeiro artigo, que, pela sua doutrina e pelo pouco que se tem feito, do que reclama em favor do operario, nunca é demais repeti-lo e propaga-lo entre as camadas sociaes, até que alguma coisa se faça em favor d'aquelle que gasta a maior parte da sua existencia em proveito do abastado, que olha para elle, depois de gasto, como quem olha para uma machina, já sem concerto, que se atira para o monturo das coisas inuteis".

DO que o abastado largava mão, podia o operário lousanense gastá-lo nos saldos que o jornal anunciava, na mesma edição. A "**Loja do Povo**" prometia "*explendidas occasiões que se não encontram mais*". Cobertores desde 500 réis, lenços a partir de cinco. Quem tivesse a sorte de 2.500 réis amealhados e se dispusesse a gastá-los à uma na "**Loja do Povo**", tinha direito a "*um lindo sabonete MIMOSO*".

O estabelecimento de Abel Baptista também saldava, o mesmo valendo para a "**Casa Louzanense**"; João Lima, agente da "**Singer**" em Covas de Serpins, facilitava a compra "*a 500 réis semanaes*".

Anúncios que muitos não leriam já, fugindo à miséria em barcos da "**Mala Real Ingleza**", rumo à Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco ou Santos. Emigrassem com a ajuda do "Avon", do "Aragon", do "Danube" ou do "Araguaya", em todos a companhia prometia um supremo luxo: "*A bordo ha criados portugueses*".

NO número onze, o título "**Alimentação publica**" parecia prometer texto arredado de política, dado o tema. Mas não. A deficiência na alimentação era, para o articulista "**Alguem d'Algures**", causa do "*depauperamento phisico das raças*", e consequência da "*avareza e sovinice como é remunerado o proletariado que trabalha e produz, muito menos para si do que para os* ***zangãos sociais***".

Os bafejados da sorte, os capitalistas, os terratenentes comeriam tudo, e o resultado infalível traduzia-se na "*fome que mata lentamente os engeitados da patria descaroavel e madrasta*":

"Em conclusão: A Fome com todo o seu cortejo lugubre de misérias já penetrou em muitos lares onde os abastados e felizões nem de leve põem a sua ideia. Mas não importa porque o egoismo feroz de que estão possuidos não lhes dá azo a pensarem nos seus irmãos famintos, para só pensarem

nas suas respeitáveis barrigas sempre em constantes e difficeis funções digestivas".

E nem os clamores dos jornais em defesa dos desafortunados da sorte conseguia alterar o rumo das coisas:

"Não importa que os clamores dos que soffrem e ainda dos que sentem a desgraça alheia, feitos pela boca da Imprensa lhe cheguem aos ouvidos calejados, porque esses clamores hão de voltar de recochete como se batessem nalguma muralha de granito, sem penetrarem nesses corações mais duros que o silex e mais frios que o gelo dos polos".

A notícia da morte do Presidente da República Brasileira servia para lembrar o homem que se dedicara aos desfavorecidos:

"Pouco conhecedores dos seus altos merecimentos de estadista, apenas nos limitaremos a manifestar o nosso sentir pela morte d'aquelle que em vida tanto vellou pela saudé publica, pois que, por conterraneos nossos sabemos que o Brazil de hoje já não é o *açouge* d'outros tempos, em que as classes rudes eram abatidas pela intensidade das febres, com escandalosa indifferença dos poderes publicos".

O "*Brazil de hoje*", note-se, era uma República, não uma monarquia...

BRASIL que acolhera portugueses de todos os cantos, também da Lousã. João Elisário de Carvalho Montenegro era um dos filhos da terra que no Brasil jogara a sorte, e por ali fizera imensa fortuna. O Comendador não era dos que tinham os ouvidos calejados, insensíveis à miséria alheia. Bem pelo contrário, foi dos maiores beneméritos que a Lousã regista nos seus anais. O "**Commercio da Louzã**" de 22 de Junho de 1909 dedicava-lhe a quase totalidade da primeira página, com direito a retrato, o primeiro retrato pessoal dado à estampa em primeiras páginas, desde a edição primeira:

"(...) estampando no logar que lhe pertence, o seu retrato, expondo assim mais uma vez a consideração publica àquelle que tanta necessidade tem minorado, e que a tanto lar tem levado a felicidade; sim, porque a sua obra de caridade não tem sido só socorrer com o seu dinheiro os pobres, tem sido, o proteger e auxiliar o desenvolvimento da instrucção entre nós, na sua querida Louzã...".

REI "CREANÇA" E INCOMPETENTE...

QUATRO colunas de merecidas loas a Montenegro, a quinta coluna guardada para a actualidade política. A iminência da dissolução da câmara dos deputados era motivo para mais uma zurzidela nos poderes públicos instalados:

"A dissolução da camara dos deputados é mais um golpe de estado, que não podemos nem devemos consentir (...) é necessario que o povo mande um dia, e que diga aos politicos de officio que isto ainda não é o paiz por elles conquistado; que attendam ao que reclamamos com justiça; que é preciso que se resolvam com a maior urgencia as questões agora suscitadas". (Nota 10)

Novidade a assinalar: o rei era agora visado directamente nas críticas do periódico lousanense:

"Nós conhecemos bem a incompetencia de D. Manuel, para Chefe da nação. Creança ainda; não dá valor ao juramento que fez perante os representantes do paiz, mas sabem muito bem os que o rodeiam, que esse juramento deve ser cumprido". (Nota 11)

A "*monarquia nova*" esclerosava de velhos problemas...

"A monarchia nova tem commetido erros graves, desde o desprezo a que deitou as colonias que estão em risco de desapparecerem, até ao escandalo do addiamento sucessivo do parlamento e ameaça de dissolução. Durante o reinado de D. Manuel já foram empenhados os rendimentos provenientes da concessão do monopolio dos phosphoros, as receitas ainda livres dos caminhos de ferro do estado e as setenta e duas mil obrigações da Companhia Real dos Caminhos de Ferro.

Durante o reinado de D. Manuel já tivemos quatro governos que nada fizeram que nos interesse. É precizo que assim não continue". (Nota 12)

UM discurso que Bernardino Machado proferira num comício em Viseu, merecia relevo na edição treze, de 29 de Junho. No jornal seguinte, uma breve anunciava comício republicano também na Lousã:

"No proximo domingo terá logar no grande salão do sr. Bernardino Lopes Padilha, proximo da estação um comicio promovido pelo Centro Ramada Curto, de Coimbra, em que usarão da palavra além do nosso illustre conterraneo sr. dr. Fernandes Costa, que tão considerado é entre nós pelo seu muito saber, os grandes propagandistas da ideia republicana os srs:

Dr. Malva do Valle, Dr. Julio da Fonseca, Ramada Curto, José Cardoso, Julio Gonçalves, Pestana Junior, Carneiro Franco, Mario Malheiros e Floro Henriques, constando-nos á ultima hora que virá o sr. Dr. Bernardino Machado.

Este comicio que trará á Louzã mais de 400 pessoas, entre as quaes a maior parte virá por aproveitar o comboio especial a preços baratissimos, para apreciar as suas bellezas ha-de forçosamente ficar bem gravado na memoria de todos pela ordem como veem sendo feitos os comicios d'esta natureza".

O ênfase na "*ordem*" sabia a pedido aos lousanenses. Aos republicanos de nada interessavam tumultos, sendo estes o pior que lhes podia acontecer, dando pretextos de bandeja aos seus detractores, que assim e com facilidade poderiam anunciar ao povo pacato ou monarquia ou barafunda.

Bernardino Machado já em Viseu repisara a tecla da ordem, de um partido republicano pacificador:

"O partido republicano é hoje a unica força pacificadora da nação, porque é o unico partido que se apoia nos dictames da razão publica (...) Suceda, porem, o que suceder, aos embustes, ás degradações, ás violências e aos rancores dos monarchicos não responderemos com a pena de Talião".

O partido republicano queria-se da tolerância, e sinal disso o facto de, no dito comício de Viseu até se terem tolerado vivas à monarquia "*em contraste com o que succede fóra das assembleias republicanas onde os vivas á Republica são declarados subversivos*".

Terminando, Bernardino Machado "*pediu que lá fora mantivessem todos a mesma ordem que tinha reinado naquella assembleia*".

PARA o comício da Lousã, o "Commercio" também augurava ordem: "O povo espera com curiosidade a festa dos republicanos, e estamos certos de que se a manifestação se limitar apenas ao comicio no recinto já designado, que não haverá a mais pequena nota discordando assim uma prova da sua hospitalidade aos excursionistas que por certo irão dizer que a Louzã merece ser visitada não só pelas suas bellezas naturaes que são importantes como ainda pela cortesura do seu povo.

Lá iremos, para no proximo numero fazer a nossa modesta apreciação".

AINDA nesta edição, chamava-se a atenção das autoridades para as irrequietudes de alguns garotos, que se divertiam atirando pedras às árvores:

"**Á auctoridade competente** — Chamamos a atenção da auctoridade competente para o facto de os garotos todos os dias se entreterem a atirar pedradas ás arvores da Praça do Municipio, com grande risco da segurança dos transeuntes que, com a imprudencia do rapazio, podem ser attingidos pelas pedradas.

Ainda ha dias vimos uma pobre rapariga, com o labio superior completamente rachado, sendo dito por ella que tinha sido uma pedrada atirada por um rapaz.

Alem d'isto, resulta tambem o prejuizo para as proprias arvores, que estão sendo damnificadas com o furor dos rapazes.

É preciso lembrarmo-nos de que vivemos n'uma villa, e não em alguma povoação sertaneja.

Ahi fica o competente aviso".

Dias depois, os adultos haveriam de imitar os garotos. Os alvos não eram agora as árvores da Praça do Município, mas os excursionistas republicanos vindos de Coimbra.

11 DE JULHO DE 1909
GRAVES TUMULTOS NO COMÍCIO REPUBLICANO

O comício não haveria de decorrer na "*ordem*" desejada. Os sub-títulos da manchete da edição de 16 de Julho eram bem sinal disso mesmo:

"**Chegada dos excursionistas — A contra-manifestação — Apedrejamento á casa do sr. Padilha onde se realisou o comicio e aos comboios que conduziam para Coimbra os excursionistas — Tiros — Arrombamento pela madrugada do dia seguinte 12 do corrente — Outras noticias**".

Suficiente para percebermos que a Lousã viveu um domingo de autêntica polvorosa. O comboio especial trouxera cerca de 500 republicanos vindos de Coimbra para assistirem ao comício. Logo no percurso da estação ao Centro Republicano "Progresso", aos vivas aos chefes do Partido Republicano sucederam-se manifestações de apoio à monarquia, estas da autoria de contra-manifestantes.

"... Um desordenado berreiro de vivas á Monarchia, sendo a ultima palavra d'esta phrase, pronunciada pela maior parte d'essa pobre gente, sem a primeira

syllaba, dando assim a ideia nitida da consciencia de quem levantava os vivas á Monarchia" — lia-se no jornal lousanense.

Aquando da primeira salva de palmas ao orador, "o nosso illustre conterraneo e talentoso advogado Dr. Fernandes Costa (...) de cá de fora apedrejavam as janellas, partindo muitos vidros, disparando-se alguns tiros de rewolver".

Fernandes Costa conseguiu suster os ânimos exaltados dos republicanos, que pretendiam deixar a sala para, no exterior, tirarem desforço dos monárquicos. De seguida usou da palavra *"o dr. Antonio Augusto, parocho de Villa Secca"*.

"Os desordeiros eram os mesmos que em 1901 trouxeram toda a Louzã inquieta com os seus disturbios e os seus desrespeitos ás auctoridades; com a diferença de que então combatiam a eleição d'uma camara que sustou a venda dos baldios, que foram extorquidos ao livre disfructo dos pobres, recebendo o nosso municipio uma insignificancia por esses terrenos que hoje são propriedade dos abastados, e hoje promovem tumultos para que o pobre povo não oiça como são gastos os dinheiros que annualmente são arrancados á sua miseria, sem que com elles se trate de desenvolver as industrias, o commercio, a agricultura, a fim de evitar a enorme emigração para o Brazil e outros paizes" — acrescentava o "**Commercio da Louzã**", em prosa inaugurada lembrando uma vez mais o "Programma" enunciado no seu número inaugural:

"É necessario que mais uma vez digamos aos nossos conterraneos que o nosso jornal nascido para tratar dos interesses da comarca, se não affastará do seu programma, apesar das ideias republicanas dos seus directores. Enquanto puder viver será esta a sua linha de conducta, não podendo, morrerá no campo da honra".

Em consequência, prometia-se imparcialidade na descrição dos graves tumultos de domingo. Mas tal como o anúncio da realização do comício vinha prenhe de entrelinhas *"republicanas"*, também a narração dos acontecimentos de domingo não conseguiria esconder a alma republicana dos seus directores.

"Vozearia arruaceira", *"malta açulada"*, *"desordenado berreiro"*, *"pobre gente"*, *"inconscientes"*, eram alguns dos epítetos elencados para classificar os contra-manifestantes.

A inauguração do Centro Republicano da Lousã ficava assim manchada por graves distúrbios, e haveria de constituir tema obrigatório das edições seguintes do "**Commercio da Louzã**".

A edição de 16 de Julho não se finava pelo relato dos distúrbios, e pela publicação de algumas das intervenções. A páginas três surgiam algumas notas à margem — o proprietário do jornal desmentia ter afirmado que o pessoal da Fábrica do Penedo também atirara pedras; um padre não nomeado arregimentara os seus criados e grande número de vizinhos para colaborarem na arruaça; as portas da rectaguarda do salão onde decorrera o comício foram arrombadas mais tarde, *"tendo o pobre do tanoeiro que ali dorme com sua*

familia, de fugirem d'ali a pedirem guarida á visinhança"; e as perseguições a começarem...

"Começam as perseguições: — processos a esmo, ameaças a todos que tiveram a *ousadia* de ir ouvir os oradores.

Aos padeiros disseram na segunda-feira que fossem vender o pão aos republicanos. Já se vê porque não deixaram comer no domingo a enorme quantidade de pão que tinham manipulado para os excursionistas.

Estamos mesmo a vêr que se se chega a proclamar a Republica, muita gente por ahi se amua e não mais come; antes isso" — rematava com ironia o autor destas notas, lamentando "*do fundo do nosso coração, com a força que nos dá a nossa consciencia, que só na Louzã se pratiquem selvagerias como as que acabamos de presenciar, venha a sua causa de onde quer que venha*".

A última nota dava conta das senhoras que mandaram as criadas desfraldar panos negros, à chegada dos excursionistas. Panos que anunciavam o terror, na opinião do articulista. A atitude de tais senhoras ficava para já sem "*nome*":

"Não damos o nome porque ainda algum respeito temos pelas ideias dos outros, mas rasgada a cortesia de todo para comnosco, irá tudo".

Para os próximos números, o "**Commercio da Louzã**" prometia extractos do discurso de Ramada Curto, e de outros oradores do comício de 11 de Julho.

A secção vulgarmente designada de "Carteira", na qual se dava conta das chegadas, partidas, doenças e demais fait-divers dos ilustres, dedicava um espacinho a Samuel dos Santos:

"Veio de Lisboa assistir ao comicio de domingo este nosso amigo e dedicado correligionario, de Serpins".

TIROS DE "REWOLVER" E UMA BENGALA PERDIDA...

O "**Commercio da Louzã**", no que aos tumultos dizia respeito, reportou lançamento de pedras e alguns tiros de "*rewolver*". Não notou qualquer desaguisado tratado à bengalada — a bengala perdida num estabelecimento hoteleiro da vila não deveria pertencer a nenhum dos excursionistas:

"BENGALA — Está depositada no Hotel Carranca, que o proprietario d'esta casa entregará a quem provar pertencer-lhe, obrigando-se o dono da referida bengala a pagar a importancia d'este annuncio".

O jornal não revelava as simpatias políticas do abastado proprietário. Não sabemos se, com saúde, Joaquim Vaz Collaço teria comparecido ao comício no salão de Bernardino Padilha. Finou-se em Foz de Arouce no dia dos tumultos na Lousã. Foi a enterrar no dia seguinte, com mágoa da família e lucro dos pobres...

"O seu enterro, que se realisou no dia 12 pelas 5 e meia horas da tarde foi muito concorrido, o que bem attesta a grande sympathia de que gosava.

Acompanhava o feretro, alem da Irmandade do S. S.mo. e da *Philarmonica Fraternidade Poiarense*, — que exhibiu algumas sentidas e commoventes marchas fúnebres durante o trajecto, — um grande numero de amigos e parentes do finado, de Foz d'Arouce, Louzã e Poiares.

Director e administrador — Antonio Cruz Alves dos Santos

Proprietario — Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetição, 20 réis por linha. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

Annuncian-se gratuitamente todas as publicações offerecidas a este jornal

1.º anno — N.º 10 — Terça-feira, 8 de Junho de 1909

Commercio da Louzã

SEMANARIO QUE SE PUBLÍCA A'S TERÇAS-FEIRAS

— DO —

Condições de assignatura — Anno, 1$200 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400 réis; semestre, 1$200 réis

— PAGAMENTO ADIANTADO —

Numero avulso, 50 réis

BIBLIOTECA MUNICIPAL
LOUSÃ

Protecção aos operarios

Muito complexo é este assumpto, para que tenhamos a pretensão de tratá-lo num pequeno artigo que é mais um *memorandum*, do que a defeza demorada de qualquer these.

A velhice do operario não tem merecido até hoje a minima attenção da parte dos governos que ha sua febre de tudo reformarem para um pretendido renascimento da vitalidade do paiz — occupam-se em geral de coisas minimas espectaculosamente apresentadas, deixando no esquecimento as que teem valor real e que dariam consideraveis vantagens ás diversas classes sociaes.

O operario portuguez que chegue á velhice e fique inhabilitado, se não tem o amparo da familia, morre abandonado como um cão sem dono, porque os hospicios, os asylos de caridade official, comquanto sejam instituições verdadeiramente sympaticas, nem sempre abrem com facilidade as suas portas para uma permanencia effectiva aos que se apresentem desacompanhados de recommendações importantes.

De maneira que o cidadão que deu ao paiz natal a collaboração do seu braço nas industrias, nas artes, nas obras civilisadoras que affirmam com documentos o progresso dum povo, esse modesto elemento sem o qual as sociedades não poderiam viver, não descobre no seu futuro a minima garantia de relativo bem estar, tornando-se na velhice um filho espurio da sociedade que o explorou.

Esta é a verdade, dita rudemente, sinceramente, sem intuitos politicos de especie alguma, porque a verdade é uma e immutavel.

Mas perguntar-nos-hão como occorrer aos inconvenientes de ver o operario um pobre, que na velhice se tornará um miseravel.

E' bem simples: basta imitar o exemplo da Allemanha onde as classes trabalhadoras teem conquistado brilhantemente algumas reivindicações dos seus indiscutiveis direitos.

Ha naquelle paiz uma lei benemerita que garante aos operarios invalidos e aos velhos, a qualquer dos sexos que pertençam, uma pensão sufficiente para se manterem num passadio egual ou pouco inferior áquelle que tinham quando não lhes faltava o vigôr.

Porque não ha-de tentar-se em Portugal a applicação duma lei semelhante?

Pois não seria preferivel que uma parte dos dinheiros publicos — tão mal gastos em inutilidades e esbanjamentos — fosse destinada a accudir á miseria do operariado na velhice?

Não procurem os governos desculpar a sua ingratidão para com os operarios, pretendendo fazer crêr que a situação em que elles se encontram é risonha e desafogada.

Essa pretensão é a dos felizes, que assim desculpam a sua ociosidade e os seus desperdicios.

Hoje mais do que nunca, mercê da carestia da vida, o operario portuguez precisa da protecção do paiz como garantia de uma velhice relativamente tranquilla e a que tem todo o direito.

"A Epoca,,

No seu numero de 1 de Junho publicou o seguinte

AVISO

Em consequencia de reformas da empreza, mudança da installação de officinas e razões de ordem superior, *A Epoca* suspende a sua publicação durante o mez corrente.

Os seus escriptorios continuam funccionando, prestando-se n'elles todos os esclarecimentos e fazendo se todo o expediente das 10 ás 3 horas em todos os dias uteis.

Aguardando a reapparição de tão illustrado collega *A Epoca*, de que é director o nosso talentoso conterraneo sr. dr. Zeferino Candido, sentimos a sua suspensão por ser este jornal, sem duvida, um dos que comprehende a sua missão, pela independencia e honestidade com que trata todas as questões.

O Anno agricola

As informações que chegam das principaes regiões agricolas do paiz são unanimaes na affirmação de que o anno agricola se apresenta promettedor.

A respeito, especialmente da producção cerealifera, as noticias são muito favoraveis, parecendo que ficará preenchido, em grande parte, senão na totalidade, o *deficit* cerealifero, com que ha muitos annos temos demonstrado o atrazo no modo como em Portugal se cuida da cultura da terra

Os effeitos de melhor situação agricola reflectem-se, por multiplas fórmas na economia geral do paiz: é o agio do oiro que baixa; é a situação do mercado cambial que melhora; é o trafego dos caminhos de ferro que augmenta; é, emfim, o desenvolvimento dos recursos regionaes e geraes que se accentúa.

Tudo isto é proprio a levar alentos aos espiritos abatidos pela prolongada crise, de variadas faces, em que nos temos debatido, mas seguramente, vale mais a lição que se colhe do que o allivio que se experimenta.

Effectivamente, o que os factos presentes demonstram é que precisamos de contar absolutamente com os recursos proprios. Demonstram tambem que o nosso progresso agricola está intimamente ligado á nossa rehabilitação economica.

Bastou, na verdade, que um ramo da producção agricola nacional melhorasse sensivelmente, para que immediatamente essa melhoria se fizesse sentir na economia geral.

Porque não havemos, portanto, de cuidar de banir os processos rotineiros nas culturas da nossa terra; porque deixar sem prestimo tantos recursos perdidos por esse paiz além, recursos capazes de fazer prosperar e feliz uma população que soubesse utilisal-os convenientemente?

O que se tem feito é pouco; mas concludente. Não representa obra do acaso, ou simples acção dos agentes da natureza: representa, essencialmente, o resultado da adopção de alguns — bem poucos, por signal — dos enormes progressos que a agronomia moderna tem realisado.

Resta, portanto, proseguir na obra iniciada, cuja expansão se funda na *sciencia* e na *associação*: — na *sciencia*, pelo emprego das melhores praticas agricolas; na *associação*, pela conjugação de esforços, de modo a conseguir-se o que, isolada e individualmente, raras vezes é possivel alcançar.

Folhas a pagamento

Do nosso illustrado collega *Damião de Goes*, de Alemquer, transcrevemos a seguinte noticia:

«Na recebedoria d'este concelho estão a pagamento a folha da renda das casas das escolas officiaes, respeitante ao 1.º semestre de 1909 e a folha de despezas diversas e de expediente das escolas, respectiva ao mesmo semestre.

Ficam por esta fórma avisados os interessados para virem receber as respectivas importancias.»

Em Alemquer paga-se adeantadamente aos senhorios das casas em que funccionam as escolas, e outras despezas e expediente. Entre nós succede o contrario: — pagam-se as rendas das casas, 3 e 4 mezes depois do seu vencimento.

Ao proprietario da casa da escola de Villarinho ainda se lhe deve o 2.º semestre de 1905; e ao do predio em que funcciona a escola do sexo feminino d'esta villa, o qual arrendou por 30:000 reis annuaes até junho de 1907, que cedeu mais uma sala em que actualmente funcciona a escola, ficando a antecedente para habitação da professora, mas com a condição de lhe darem 41$500 reis por anno, desde então a esta data ainda não foi embolsado do augmento combinado entre o sr. sub-inspector e a camara municipal de 1907.

Em agosto de 1908 dirigiu-se ao sr. subinspector dizendo-lhe que, attendendo ao depreciamento que soffria a sua casa com o funccionamento da escola, não podia continuar a cede-la para esse fim por menos de 50$000 réis a principiar em 1909.

A esta proposta respondeu-o sr. subinspector com uma nota na folha do 2.º semestre de 1908: — «O proprietario da casa a que se refere esta folha será indemnisado do seu credito no proximo orçamento».

D'esta promessa, veremos o que sahe, e depois diremos de nossa justiça.

Camillo Castello Branco

Passou no dia 1 do corrente mez o 10.º anniversario da morte d'este inolvidavel escriptor, que poz termo á existencia.

Portugal viu desapparecer mais uma personalidade nas lettras, que ainda hoje recorda com saudade.

O BORLISTA

O *borlista*, segundo o dizer dos emprezarios, pertence á familia da Graça, ainda que não more para aquelles sitios, nem lá tenha parentes.

O *borlista* é um typo especial, uma entidade creada *á propos* para assombro do emprezario, para seu *cabrion*, para sua sombra constante.

O *borlista* não é escriptor, não é artista, nunca tomou parte em nenhuma empreza, não é amigo dos emprezarios, nem tem qualidade nenhuma que o recommende. E' apenas um sujeito que gosta de se divertir á custa alheia e de proporcionar por o mesmo preço á familia algumas horas de distracção.

E' em todo o caso a unica qualidade boa que tem, não é egoista para a familia, porque outro fosse elle que pedisse só para si, mas não senhor, elle pede para si e para os seus, tendo sempre em mira o rifão: — *do pão do nosso compadre...*

Mas julgam que o *borlista* é pobre e agradecido?... Isso sim!

O *borlista* é em todos os casos o sujeito mais difficil de contentar, o critico mais mordaz, que não poupa nem auctores nem artistas, nem o proprio emprezario, que no fim de contas-é quem lhe fornece o elemento para a sua má lingua.

Este emprezario não passa dum pobre diabo; diz no meio do salão, dando se áres de entendido e fazendo para com os seus amigos, a apreciação da peça. Não percebe nada d'isto. Que peça e que desempenho! E depois o scenario e o *mis en-scene!*... Que borracheira!... E queixam-se então de que perdem dinheiro?!... Patetas!...

N'isto o emprezario atravessa o salão e o *borlista*, destacando-se do grupo, vae ter com elle.

— Bonita peça na verdade, e depois está muito bem desempenhada e esplendidamente posta. Tenho gosto do muitissimo!... E' inegavel que o sr. naseeu de molde para estas coisas e tem gosto como nenhum. Desde já lhe quero dever um obsequio. A minha filha mais velha não veio hoje porque está constipada, mas para a semana desejo um outro camarote para a trazer ao theatro. E' uma apreciadora de alto lá com ella!

Ainda agora eu disse a minha mulher: — a Ignez hade gostar muito d'esta peça.

O *borlista* tem artes de apparecer sempre em toda a parte e em todas as occasiões, ainda as mais criticas.

Deixará de apparecer o publico, o dinheiro para a diaria, um individuo a quem se necessita fallar, um acto duma peça que o auctor ficou de trazer, o copista com os papeis da peça que ha de provar ámanhã, mas o *borlista* apparece sempre até mesmo a bater á porta do escriptorio, no momento em que o emprezario precisa estar a sós para resolver uma das coristas mais bonitas da companhia a não faltar aos ensaios.

O *borlista* chegou a tal apuro, que creio se convencem, de que os emprezarios não podem viver sem elle.

Pede sempre, pede muito, e até faz questão de logar. Se lhe derem em vez de uma cadeira uma superior, ou uma segunda ordem em logar de uma primeira, faz questão, amua, descompõe e não passa a vias de facto porque naturalmente receia receber o troco.

Se o sr. ministro da fazenda, querendo crear uma boa receita para o thesouro, lançasse uma contribuição a todos os *borlistas*, alliviando os emprezarios do pezo da decima de industria, então é que a dava em cheio. E os srs actores que lhe forneçam a lista dos que devem ser collectados. E' um exercito!...

E. Desforges.

Camara Municipal

Sessão de 5 de Junho

Presidente: Dr. João Augusto dos Santos.

Vereadores presentes: padre Antonio Lopes Cortez Froes, Cesar Henriques Lopes e Diamantino Sequeira Neves Barreto e Manuel das Neves.

Esteve presente o administrador do concelho, bacha-

Junho de 1909: A favor da protecção aos operários.

Administrador — Antonio Cruz Alves dos Santos

Redactor — Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetição, 20 réis por linha. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

Pertence-se gratuitamente todas as publicações offerecidas a este jornal.

1.º anno — N.º 11 — Terça-feira, 15 de Junho de 1909

Commercio da Louzã

SEMANARIO QUE SE PUBLÍCA A'S TERÇAS-FEIRAS

— DO — Condições de assignatura — Anno, 1$200 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400 réis; semestre, 1$200 réis
— DA — Pagamento adeantado — Numero avulso, 50 réis

LOUZÃ

BIBLIOTECA MUNICIPAL

O Convenio com o Transval

Por todo o paiz, o partido republicano está effectuando comicios e conferencias, no sentido de demonstrar, não só a inconstitucionalidade, mas ainda os resultados altamente ruinosos deste tratado.

Os proprios monarchicos, que se dizem coherentes e sinceros, de varios modos lhe manifestam a sua desapprovação.

E em tal conformidade, conveniente é que nós registemos tambem no *Commercio da Louzã*, em meia duzia de palavras algumas considerações, expostas, escusado seria dizelo, com a frieza e imparcialidade proprias de quem, total e inteiramente desligado de paixões partidarias, somente attende á integridade e honra do seu paiz.

Ponhamos pois a questão, resumida e syntheticamente e em ordem a ser entendida por toda a gente.

Existiam entre Moçambique e o Transval dois accordos ou *modus-vivendi* datados de 1875 e 1891 que, não sendo para nós bons, no sentido lato da palavra, eram comtudo muito acceitaveis quando cumpridos rigorosa e lealmente.

Ora succede que no anno transacto, sem que houvesse motivos imperiosos ou de força maior justificaveis e apenas convidados pelo Transval, e consequentemente pela Inglaterra, assenta-se em modificar esses contratos.

E querem agora os leitores saber, em duas palavras, no que ficamos?

1.º—Dentro de meia duzia d'annos, não teremos pretos em Moçambique, porque todos abalarão para as minas do Transval, onde se empregam aos milhares.

2.º—Mettemos a administrar o nosso caminho de ferro e porto de Lourenço Marques, que tantos rios de dinheiro nos tem custado, alguns estrangeiros.

Este é o quociente liquido, despresadas as fracções, como é vulgar dizer-se, do actual convenio com o Transval.

E se se quizerem considerar essas fracções temos: 1.º desprezo e ruina do commercio de Moçambique, pois os pretos ao voltar aqui podem trazer 60 kilos de miserias coisas que não pagarão direitos alfandegarios; 2.º passagem livre dos mesmos direitos, pelo nosso porto, de todas as mercadorias em transito para o Transval; 3.º sahida pelo nosso porto, do carvão das minas do Transval e em ordem a poder supportar a concorrencia que até aqui lhe faziam as minas do Natal; 4.º diminuição da percentagem do trafego ferro-viario que até aqui o Transval nos dava.

Mas, perguntará o leitor estupefacto, que regalias ficou Moçambique usufruindo, em face de tamanhas concessões?

Estas: 1.º introducção no Transval do seu milho e cana do assucar, mas que ali fica colocado em peores condições do que na propria metropole, visto como a Inglaterra, ali deseja colocar, em primeiro logar, o das suas colonias. 2.º o pagamento dum schilling, trimestralmente, por cada preto que ali se deixe ficar, que o mesmo é dizer que, se lá se deixarem ficar mil pretos, veem de lá quatro patacos.

Accresce ainda a circumstancia de que tudo isto se fez arbitrariamente, ilegal e inconstitucionalmente.

E fecha-se o parlamento e ameaça-se com uma dictadura, se porventura alguem pretender com justeza apreciar esta obra vergonhosa e insuportavel?

Não! Nós acreditamos que todo o portuguez, dotado dum pouco d'amor pela sua terra, possuidor d'algum civismo, contra ella se revoltará e indignará.

E, positivamente, se não quizermos que este povo de tão gloriosas tradicções historicas, de tão grandes recursos ainda, se afunde por completo na tutela estrangeira, vilipendiosa e miseravel, temos de reagir, ainda que por processos violentos, contra taes systemas de administração e governação publicas.

F. Duarte.

Alimentação publica

Se os homens de ha cinco ou seis seculos podessem vir em passeio, cá, até este mundo sub-lunar não ficariam menos espantados ao contemplarem os seus semelhantes rachiticos e enfezados, do que o phantastico Gouliver quando aportou á ilha de Leliput ao defrontar com um formigueiro humano de estatura quasi microscopica.

Se investigarmos a causa fundamental do depauperamento phisico das raças, além d'outras, encontra-la-emos na defficiencia da alimentação que além de insufficiente é, para as bolsas magras, de má qualidade e relativamente cara. Esta é na minha humilde opinião a causa immediata.

A causa remota está decerto na avareza e sovinice como é remunerado o proletariado que trabalha e produz, muito menos para si do que para os *zangãos* sociaes.

A tuberculose que, na opinião geral, ceifa mais vidas do que todas as guerras, epidemias e terramotos, todos dizem ter a sua causa primordial na fome.

A «Assistencia Nacional aos Tuberculosos», os sanatorios e todas essas sympathicas instituições com que a *Caridade* tem dotado o paiz são impotentes para debelarem o flagello.

Ordinariamente quando alguns desgraçados a quem a falta de recursos privou da assistencia medica e dos medicamentos que se não compram com padre-nossos, — quando esses desgraçados se chegam a valer dos beneficios dos sanatorios, já estes, as mais das vezes, lhe servem de pouco ou nada.

Depois do burro morto, cevada...

Os melhores sanatorios seriam as medidas do Governo tendentes ao embaratecimento do pão e todos os outros generos de primeira necessidade, se o consentissem os monopolistas que, explorando a situação miseravel do povo, assambarcam, graças ao poder da sua bolsa, todos os cereaes que aparecem nos mercados para os revenderem em condições usurarias e leoninas ás classes chamadas inferiores, mas sem as quaes não poderiam existir as superiores.

O resultado infallivel é a fome que mata lentamente os engeitados da patria descarooavel e madrasta

Escusado será affirmarmos que o proletariado e os pequenos funccionarios publicos, (aliás grandes pela qualidade e quantidade de serviços que prestam) — vivem na mais afflictiva e angustiosa miseria.

Um empregado publico que, ha cinco ou seis annos com egual ordenado ao actual, precisava de trazer o prumo na mão para viver parcamente, não lhe sobraudo nada para encelleirar, hoje, attenta a caresiia de todos os generos comestiveis, de mais de um terço, para viver honestamente, tem de limitar as despezas actuaes a dois terços das de então.

Em conclusão: A Fome com todo o seu cortejo lugubre de miserias já penetrou em muitos lares onde os abastados e felizões nem de leve põem a sua ideia. Mas não importa porque o egoismo feroz de que estão possuidos não lhes dá azo a pensarem nos seus irmãos famintos, para só pensarem nas suas respeitaveis barrigas sempre em constantes e difficeis funcções digestivas.

Não importa que os clamores dos que soffrem e ainda dos que sentem a desgraça alheia, feitos pela bocca da «Imprensa» lhe cheguem aos ouvidos calejados, porque esses clamores hão de voltar de recochete como se batessem nalguma muralha de granito, sem penetrarem nesses corações mais duros que o silex e mais frios que o gelo dos polos.

***

Mas não basta a lamuria, que de lamurias estão os *dirigentes* cheios: é necessario, é urgente e inadiavel que se acuda ao melhor elemento vital da nação — o povo, na actual conjunctura, embaratecendo lhe o pão e os demais gencros alimenticios de primeira necessidade. Como consegui-lo?

Impulsionando a «Agricultura» transformando-a de primitiva rotineira em uma arte consciente de experimentados; multiplicando as *escolas moveis agricolas* para que as praticas e ensinamentos dos profficientes venham fazer luz no cerebro obscuro do nosso camponez ignorante, teimoso e obstinado; cuidando as corporações administrativas, com o apoio e auxilio do Governo, com afinco, da arborisação e outros meios de fomentação agricola, o que seria um grande passo na resolução do importante problema economico-politico; explorando nascentes, abrindo canaes, etc. etc.

(Já não quero falar do derramamento da instrucção, alicerce sobre que deve assentar o edificio nacional, não só por ser assumpto alheio á indole d'este artigo como por ser campo muito vasto e reservado a outro artigo).

Tudo isto, que num futuro proximo viria a ser um grande factor de riqueza nacional, seria presentemente um grande meio de acudir á situação angustiosa do povo, minorando-lhe a desgraça, e ainda uma barreira ou um dique oppostos á corrente emigratoria que nos ronba annualmente muitos milhares de braços que podiam utilisar-se a rotear os nossos baldios e charnecas, e podiam produzir não só os 9:000 contos de trigo que importamos annualmente, com grave prejuizo do thesouro que se vai esgotando, mas ainda muito mais que por nossa vez poderiamos exportar ou pelo menos ter em abundancia para o nosso consumo.

Seria para desejar que os financeiros que ha tres ou quatro annos punham a sua palavra, a sua penna e o seu talento ao serviço dos proprietarios feridos nos seus interesses pela crise de abundancia, — bom seria que viessem agora á liça dizer alguma coisa a favor dos que soffrem as durissimas consequencias da fome.

Se o não fizerem provam que, quando advogaram a causa dos contribuintes attingidos pela crise d'então, não o fizeram em defeza de interesses collectivos mas sim pessoaes, não a bolsa dos contribuintes mas a propria bolsa.

15 de junho de 1909.

Alguem d'Algures.

BELISCANDO...

O alcool

Hontem — dia de Santo Antonio e domingo — o vinho teve largo consumo na cidade:—era preciso beber por dois—pelo Santo e pelo domingo.

Os taberneiros encheram a gaveta, os operarios esvasiaram a bolsa, as mulheres levaram pancada e os filhos teem deante de si mais uns dias de negra fome, de horrivel penuria.

O operario honesto — trabalhador incansavel e amigo da familia—aproveita os dias em que não trabalha para se embebedar miseravelmente na taberna, confraternisando com os vadios e larapios, tratando-os por amigos e aprendendo insensivelmente e inconscientemente os seus maus costumes e os seus criminosos vicios.

Deixa na taberna a honra, a felicidade, a saude e o pão dos filhos.

Entra para lá puro e honesto e sae manchado de vicios e deshonrado.

O vinho que elle bebe por uma só vez, rouba lhe a saude, a honra e a paz; dividido por toda a semana, bebido em pequenas doses, dar-lhe-ia vigor para o trabalho, alegria e portanto a paz domestica, a tranquillidade de consciencia, a felicidade e o pão.

Disse-o alguem antes de mim — julgo que o generoso Bernardino Machado—mas a sua auctorisada voz não foi ouvida e por isso não tenho esperança de que ouçam a minha humilde voz.

Mas não importa.

E' necessario que todos o digam, que todos o clamem e gritem, até que o povo, o humilde, o saiba e evite o perigo, se ainda fôr a tempo, ou procure corrigir-se, se ainda puder.

O professor, juntamente com as primeiras letras, deve ensinar aos seus discipulos o horror pelo vicio e os perigos do abuso do alcool; elle que é um martyr benemerito, um esfomeado sublime, deve mostrar ás creanças que educa, pelo exemplo e pela palavra auctorisada de mestre, que a sobriedade e a virtude dão a felicidade e a paz de consciencia.

O padre, do pulpito e do altar, deve ensinar aos desgraçados que não sabem ler que não troquem a alegria domestica e o pão dos filhos pelo asqueroso antro da taberna; elle, que a maior parte das vezes nada faz, que quasi sempre é sustentado com as migalhas dos pobres, tem obrigação, o indeclinavel dever de lhes dar alguma coisa em troca: —mostre-lhes mais os perigos d'este mundo e engane-os menos com os castigos e premios *do outro*.

Eu conheço um homem que foi honesto, que foi trabalhador e que foi feliz; um dia convidaram-no para entrar numa taberna e elle entrou, com repugnancia. Sahiu de lá *alegre*, falador; chegou a casa abraçou a mulher, beijou os filhos com uma alegria exuberante de doido.

Alta noite acordou afflicto e emporcalhou os lençoes com um nojento vomito de vinho, arrancado das entranhas em ancias mortaes.

A mulher chorou pela primeira vez depois de casada e o homem, no dia seguinte, faltou, pela primeira vez tambem, ao trabalho.

Entrou um bebado, aos bordos, pela porta e sahiu pela janella, chorando, a felicidade

Hoje esse homem é um vadio sem brio nem dignidade, que vive á custa do trabalho insano da mulher, gasta de mais para poder prostituir-se e amanhã venderá a filha ao primeiro malandro que lhe apareça, para viver á custa da sua prostituição.

Hontem — vi-o eu — chegou a casa á 1 hora da manhã, bateu na mulher e nos filhos, expulsou-os de casa e, numa furia de doido, despedaçou tudo quanto havia em casa.

A mulher, em fralda de camisa e os filhos, completamente nús, fugiram como um bando de pardaes e abrigaram se em casa d'uma visinha generosa.

Padres e professores, ensinae os ignorantes!

Coimbra, 14-VI-909.

João Ninguem.

NOTA ALEGRE

Entre saloios:

— O' visinho, eu queria abrir um poço lá na minha horta; mas ando a matutar numa aquella dos diabos: é que não sei onde hei de botar o raio da terra que tenho de tirar d'elle?

— Essa agora, é melhor! Que bicho de sete cabeças! Nem parece do visinho! Mande abrir outro poço e deite-lhe a terra para dentro!

Contra a fome que grassava em muitos lares.

Director e administrador — Antonio Cruz Alves dos Santos

Proprietario — Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha: repetição, 20 réis por linha. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações offerecidas a este jornal

1.º anno — N.º 13 — Terça-feira, 29 de Junho de 1909

Commercio da Louzã

SEMANARIO QUE SE PUBLÍCA A'S TERÇAS-FEIRAS

BIBLIOTECA MUNICIPAL — DO — CONCELHO — DA — LOUSÃ

Condições de assignatura — Anno, 500 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400 réis; semestre, 1$200 réis
— PAGAMENTO ADEANTADO —
Numero avulso, 50 réis

Melhoramentos locaes

Já por vezes temos abordado este assumpto, sem que até hoje tenhamos logrado ser ouvidos.

E' que a nossa humilde voz não consegue ecoar tão longe como a d'aquelles, que relacionados *lá pelo alto*, conseguem, antes de expandir publicamente a sua ideia, recommendá-la de forma que ao pronunciarem a primeira palavra p'ra sua pretensão, já está formada a *claque* para lhe render *hossanas*.

Isto é a verdade nua e crua. Não vá alguem vêr nestas nossas palavras, pretensões que não merecemos, nem queremos — ser importantes. Não.

Nós o que queremos é estabelecer entre os povos da comarca um principio de justiça a que todos temos direito.

Somos contribuintes, e queremos que os dinheiros que annualmente nos são arrancados, sirvam de mais alguma coisa, que sustentar opulentos luxos e favorecer afilhados, que já possuem meios de vida que envergonham aquelles que muitas vezes querem ganhar o pão quotidiano e não têm onde empregar a sua actividade, provindo todo este mal da má applicação dos nossos dinheiros.

Vimos pois expôr á nossa Camara estas simples, mas sinceras considerações, não para a censurar da sua falta de actividade, porque ainda é curta a sua gerencia, mas para lhe mostrar o quanto é urgente desenvolver entre nós um periodo de actividade: para isso é necessario que se comece desde já com as obras de maior necessidade, como é o calcetamento dos recintos que separam alguns predios da Avenida da Estação, que em tempos chuvosos se tornam uns charcos que nos envergonham aos olhos dos que por ali passam.

Além d'este melhoramento, que é de insignificante dispendio, outros ha que se impõem, não só pela utilidade publica que offerecem mas ainda pela pequena despeza que acarretam ao municipio, que é a abertura d'uma estrada que ligue a Estação ferro-viaria com a antiga estrada de Coimbra (hoje do Freixo), visto que um particular se offerece para fazer á sua custa, sob a fiscalisação da camara, essa obra, havendo apenas a tropeça-la a caturrice do proprietario do terreno que tem de ser atravessado, exigindo um grosso dinheiro por cada metro quadrado, sem se lembrar que essa estrada lhe ia dar o dobro do valor ao restante terreno.

Sem nos querermos inclinar em favor d'este ou d'aquelle individuo, apenas diremos á illustre vereação que tendo á sua frente um advogado que muito consideramos, mande estudar o assumpto e resolva como for de justiça, expropriando o terreno por utilidade publica, se a lei assim o permittir, sem olhar para os interesses particulares de qualquer das partes degladiantes.

Quanto á illuminação para aquelles sitios, já se fez orçamento da despeza a fazer, ha mais de 4 mezes, mas até hoje, não passa de mero palavriado.

Ha ainda a estrada da Serra, ha tanto anno principiada, sem apparecer um patricio nosso, que bem orientado, intercedesse perante os poderes publicos, para que seja acabada, porque alem de nos ligar com um dos primeiros centros fabris do paiz que attenuaria a crise que nos atormenta, a sua construcção viria minorar muito a miseria dos povos da Serra, que se têm nos ultimos annos, attendendo á carestia do milho, debatido com a fome.

Isto não é phantasia, é, infelizmente, a expressão da verdade. Que o digam os commerciantes de cereaes, que muitas vezes se veem obrigados a deshumanamente se negarem a vender-lhe o milho necessario ao seu mais rudimentar alimento, se não querem ser caloteados.

E isto por lhes não aproveitarem a actividade, porque o povo da Louzã é trabalhador, como o provam os interesses que todos os annos são auferidos do nosso primeiro estabelecimento industrial — a fabrica do Penedo, que comparativamente com outras congeneres, ha muito que não é supplantada. Será devido a sua boa administração. Não o contestamos; mas se o nosso operario fosse de condição indolente, esta seria mais difficil e os interesses muito menos.

E' á Ex.ma Camara que nos dirigimos ainda que respeitosamente, para que, acompanhada de toda a população que a elegeu, exija dos poderes publicos um pouco de benevolencia para o nosso trabalhador, que reclama, não uma misera codoa de bròa, pelo amôr de Deus, mas trabalho com que ganhe honradamente o necessario para mamatar a si e aos seus a fome que os definha.

Voltaremos ao assumpto.

FAVORITISMO

Da *Lucta* transcrevemos o echo que adeante segue, juntamente com as palavras de apreciação do nosso illustrado collega *Damião de Goes*, que fazemos nossas, por as acharmos justas e infelizmente verdadeiras:

« A proposito dos escandalos em que figuron o capitão francez de artilharia Marix, um grande explorador da industria do favoritismo está se produzindo em França um movimento curioso e em extremo sympathico. Assim a campanha contra o favoritismo já deu este resultado admiravel — os professores primarios do departamento do Meuse reuniram em congresso tomando o compromisso de honra de não pedir nem acceitar qualquer favor ou recommendação. Os professores dos outros departamentos vão tomar identica resolução.

Bravo! Esses homens modestos, que se sindicaram para defender os seus interesses agora reunem se para se dignificarem, dando a todas as classes um nobilissimo exemplo.

Os mestres-escolas de França possuem o que Poincaré define com tanta propriedade — « a consciencia da dignidade profissional ».

Aquelles homens praticam um grande acto de educação cumprindo honradamente o seu dever. Eis o que é ser demorata ».

E' realmente digno dos maiores applausos o compromisso tomado pelos professores primarios do Meuse.

Se entre nós se procedesse de egual fórma, se fosse possivel acabar com o favoritismo, estabelecer-se hia a moralidade, porque o mais importante elemento da immoralidade é, incontestavelmente, o favoritismo.

Mas é impossivel.

Ao favoritismo devem a sua posição todos os insignificantes, que são o maior numero.

Em Portugal impera descaradamente o favoritismo, não querendo dizer que nos outros paizes não succeda o mesmo com mais ou menos intensidade.

Exportação de fructas

Segundo informações na Australia houve este anno uma pequena producção de maçã. Sendo d'ali que se faz a maior exportação para a Inglaterra, é de crêr que a maçã para ali exportada de outros paizes obtenha bom preço nos mercados inglezes, estando n'este caso a fructa que de Portugal para ali costuma ser enviada em grande quantidade.

E' porém necessario que os exportadores tenham o maior cuidado no encaixotamento da fructa para que chegue aos mercados inglezes em boas condições e possa obter bons preços.

AS LEIS

E' notavel a verdade dos pensamentos do grande philosopho da Grecia, Platão, sobre as leis, especialmente se notarmos que elle viveu antes da vinda de Christo.

Ouçamol-o:

A equidade natural é o fundamento de todas as boas leis; por que é eterna e immutavel; ao passo que as leis e costumes dos homens modificam se diversamente, segundo a variedade dos tempos e as circumstancias das nações.

E' necessario que se prescrevam leis fixas e determinadas com auctoridade legitima, para que se entenda claramente a recta razão da lei, e ninguem d'ella duvide, nem a possam interpretar os malvados a seu bel-prazer.

A instituição de fazer leis é utilissima ao genero humano; e são dignos d'alto louvor os que têm protegido a sociedade humana com boas leis.

O costume é cousa de grande momento, e frequentes vezes tem força de lei; porém o costume de poucos não deve ter tamanha auctoridade, e só a merece o que adquirin o aturado consentimento dos bons que o praticaram.

E' optimo aquelle que nos preserva e nos defende contra o impeto das paixões, e que nos prepara para nos vermos no conflicto. A natureza do homem é um certo milagre divino ha n'ella razão sem paixões, e muitas paixões privadas de razão e d'aqui nasce aquella agitação e peleja de inclinação encontradas.

Quando a razão e a lei dominam a vida é um estado aureo e de felicidade; mas se, ao contrario, regem as paixões, a vida é um estado infelicissimo. A victoria sobre si mesmo é a maior e a mais illustre que pode conseguir o homem.

Não é possivel estabelecer uma lei simples e uniforme para todas as republicas; portanto será necessario fazer dizersas leis adaptadas ás circumstancias dos logares, das pessoas e dos tempos.

As leis que são demasiado severas e crueis, ou suaves e indulgentes em demasia, são egualmente viciosas, por que não mantêm meio termo.

As leis sobre matrimonios e educação dos filhos devem occupar o primeiro logar no codigo para a sociedade humana.

As leis devem ser claras e terminantes; e todos as devem observar exactamente; devem fazer-se com o livre consentimento dos representantes do povo, para que todos as cumpram voluntariamente.

Um poder infinito, sem limites, nem restricção inposta pelas leis, é a ruina certa de qualquer imperio, como o provam evidentemente tantos exemplos de monarchias e republicas extinctas, que a historia menciona. E certa tambem a ruina do estado, quando os magistrados dirigem as leis em vez de serem por ellas dirigidos; permanecerá porém aquelle onde a lei fôr a soberana dos magistrados, e estes os subditos da lei.

E' inutil a liberdade que concede imponentemente licença para obrar mal: ao contrario, é uma sujeição util, e verdadeiramente livre, obedecer a quem mandar devidamente e segundo a lei.

F. A. de Mattos.

Dr. Bernardino Machado

D'um discurso pronunciado por este illustre cidadão num comicio em Vizeu e em resposta a um orador, que fôra advogado accusatorio do nosso collega *A Beira*, que ali foi condemnado por discussão de materia religiosa, transcrevemos o seguinte:

« E' então que toma a palavra o nosso illustre correligionario sr. dr. Bernardino Machado:

Vem protestar a sua solidariedade para com os correligionarios que aqui tão valorosamente lutam pela liberdade contra a reacção.

Mas não vem encarniçar essas lutas. O partido republicano é hoje a unica força pacificadora da nação, porque é o unico partido que se apoia nos dictames da rasão publica, o unico que quer que a opinião governe, contendo e disciplinando todos os interesses e todas as paixões individuaes. Ha ahi mesmo criminosos entre os nossos adversarios? O nosso dever não é exterminal-os, é convertel-os. E temos para isso a principal arma, a persuasão. Os nossos adversarios tolhem nos os movimentos de propaganda, os rotativos furtam-se fraudulentamente á discussão, os franquistas subornam e brutalizam, os clericaes até um contra nós os odios fanaticos? Ah! já hoje somos tantos que é impossivel ao regime impedir o contagio irresistivel do nosso civismo. Succeda, porém, o que succeder, aos embustes, ás degradações, ás violencias e aos rancores dos monarchicos não responderemos com a pena de Talião. Se o fizessemos, seriamos tão maus como elles. Não! nós, republicanos, filiamos sempre a linguagem da verdade, e o mistério [illegible] não alentamos contra [illegible] de ninguem; obrigados a usar de força, procuramos desarmar, não ferir os nossos adversarios; e nem os maus odiamos; só temos odio ao mal. Aos proprios criminosos, a quem não podemos dar a nossa confiança, que reservamos exclusivamente para os bons, temos ainda no coração para lhes dar a nossa piedade.

Não vem sequer tomar partido pelo livre pensamento contra o catholicismo. Nós, na nossa propaganda republicana não somos contra o catholicismo nem contra o livre pensamento somos pela liberdade de todas as crenças. A nossa divisa: é tolerancia. Pretendemos encontrar um terreno legal em que todas as lutas religiosas se travem e derivem pacificamente. Não admittimos a opressão da igreja catholica sobre o livre pensamento, nem reciprocamente. A todos deve ser livre a critica da doutrina catolica. A carta constitucional diz que ninguem pode ser perseguido por motivo religioso. Por isso, os artigos do codigo penal que incriminam a critica e abjuração do catholicismo são anti constitucionaes, como taes teem caído em desuso e ao ministerio publico não é licito promover a sua applicação. A obrigação dos governos é, pelo contrario, promover a sua derogação immediata. Mas, assim como o franquismo no reinado transacto resuscitou a lei contra as greves, assim neste novo reinado o clericalismo vae resuscitando a legislação contra a livre critica religiosa. Ao clero deve ser igualmente livre a critica do livre pensamento. Nos Es-

Discurso de Bernardino Machado, proferido aquando da realização de um comício, em Viseu.

tados Unidos, tem se feito congressos de representantes das differentes religiões, e alternam-se na mesma tribuna para defender as suas diversas doutrinas religiosas, o bispo catholico e o universitario livre pensador. Tal é o nosso ideal.

Tão pouco queremos o despotismo dentro da propria igreja, e temos para nos inspirar nesta campanha, o exemplo do venerando bispo de Vizeu D. Antonio Martins, que em Roma votou contra o dogma das infalibilidades do papa, isto é, contra o arbitrio papal. Assim como combatemos as oligarchias politicantes que distribuem tanta vez autoridade por creaturas desqualificadas, as oligarchias plutocratas que repartem venalmente os rendimentos publicos pelos seus apaniguados, assim tambem condemnamos as oligarchias clericaes que dão muitos vicariatos, abadias, encommendações, cathedras do magisterio, não aos bons padres, olhando ás suas virtudes, mas aos sectarios mais combativos e odientos, quaesquer que sejam mesmo os seus vicios. E reclamamos conjunctamente pelo menos o restabelecimento de todas as leis politicas liberaes de Fontes, Barjona, Sampaio, etc., o proseguimento da tradição economica liberal que abolia os foraes, os morgados e os monopolios e a execução das leis de liberdade religiosa que dissolveram as congregações a começar na dos jesuitas.

Se nos repugna o despotismo dentro da igreja feito por congregações portuguesas, quanto mais nos não magôa e revolta quando o exercitam congregações estrangeiras! E é uma oligarchia clerical estrangeira que hoje manda descricionariamente na igreja nacional. A doutrina dessa intervenção estrangeira foi mesmo sustentada no pulpito de uma das nossas igrejas, de onde um ministro catholico pregou contra a lei do beneplacito regio. E emquanto aqui se castigam com prisão e multa dois homens que contestam que a confissão fosse instituida por Christo, esse padre que infringiu o codigo penal *negando os direitos da coroa acerca de materias ecclesiasticas*, para me servir da expressão do texto legal, não só não é punido mas é agraciado pela corôa com o bispado.

O novo reinado accrescentou á reacção politica do rotativismo e á reacção feudal do franquismo do ultimo reinado, a reacção clerical dos chamados nacionalistas. Os franquistas exploraram as dividas da casa real para governar pela liquidação dos *adeantamentos*; agora os clericaes exploram o terror do paço, para o governar pelo culto do rei. E esta tripice reacção, não só nos escravisará cá dentro mas ainda lá fóra. Sem força dentro da nação, associam-se para nos reprimir as reacções estrangeiras, ao mesmo tempo que se submettem humilhantemente á tutela dos governos das grandes potencias, que não se baixam a tratar com ellas confiantemente. Assim se explica a intervenção da Inglaterra em Portugal. Ha quatro annos que eu disse aqui, que a alliança ingleza não era uma alliança mas um protectorado. E o que se acaba de verificar com o tratado luso-transvaaliano, que é um acto de vassalagem á Inglaterra, pelo qual o regime entrega o governo de Lourenço Marques ao protectorado inglez.

Libertemo-nos de todas as reacções internas, affirmando-nos com um povo de cidadãos independentes, que logo nos libertaremos tambem de todas as reacções e de todas as tutelas externas, reconstituindo uma patria autonoma e honrada. Fazer com que em Portugal haja um povo livre e uma patria livre, eis a aspiração sagrada do Partido Republicano. Qual é o portuguez que não quereria ajudar nos?

O sr. Bernardino Machado, que foi delirantemente acclamado, quando se referiu á obra pacificadora do Partido Republicano, exemplificou com aquella mesma assembleia onde sob a bandeira republicana a todos era permittido expôr suas opiniões e crenças: e até aos monarchicos fôra permittido soltar vivas ao rei e a coberto da mais completa tolerancia em contraste com o que se succede fóra das assembleias republicanas onde os vivas á Republica são declarados subversivos e nem se quer ao povo é permittido saudar os seus representantes. Mais disse que a prova de que o tratado era deploravel é que foi necessario affastar do parlamento para elle passar como facto consummado os proprios deputados monarchicos como o dr. José Victorino e que nisso mesmo linha a queile deputado a resposta á sua defeza do adiamento parlamentar.

Terminando, o dr. Bernardino Machado pediu que lá fora mantivessem todos a mesma ordem que tinha reinado naquella assembleia, apezar do encontro de ideias tão differentes que para alli tinham entrado tão profundamente divididos de modo a não ficar da lembrança deste tenhuma outra magua senão a que devia ficar aos monarchicos por não poderem realizar comicios como aquelle.»

. . . . . .

De Coimbra a Miranda

No dia 11 do mez proximo, que é ao domingo, vem ao visinho concelho de Miranda do Corvo uma excursão de propaganda republicana, promovida pelo Centro Ramada Curto, de Coimbra.

Consta-nos que vai d'aqui grande numero de pessoas assistir ao comicio a Miranda, que deve ser imponente.

Com respeito a esta excursão diz o nosso collega da capital *O Mundo*, em correspondencia de Coimbra, o seguinte:

«Ha já grande enthusiasmo na população republicana de Coimbra, por causa da annunciada excursão de propaganda a Miranda do Corvo, promovida pelo Centro Republicano Ramada Curto, d'esta cidade. Bastantes familias de republicanos tomam parte na anunciada e, por certo, brilhante excursão, tendo, para isso, dirigido se ao centro promotor, a inscrever-se. Uma commissão de socios do Centro Ramada Curto, vai, a expensas suas, mandar imprimir duas mil *Cartilhas do Povo* para serem distribuidas pelos povos d'aquella uberrima região. É natural que a Commissão Distrital Republicana que vai ser eleita em 4 de Julho, aproveite o ensejo da excursão, para em Miranda do Corvo criar uma Commissão Municipal Republicana.

Assim, esta iniciativa do novel Centro Ramada Curto, terá tres fins uteis: — a propaganda do ideal democrata, a união e estima dos republicanos de Miranda e de Coimbra, e a organização das forças partidarias naquella florescente villa, talvez a mais formosa d'esta região bemdita.

A propaganda far-se-ha pela palavra fluente e sugestiva dos nossos correligionarios srs. drs. Fernandes Costa e Malva do Valle, Floro Henriques, Ramada Curto, José Cardoso, Mario Malheiros, etc., e pelo livro eloquente do grande morto José Falcão. A união, a estima e amisade que da excursão resultará, ha de fomentar-se na *merenda* ao ar livre, de todos os republicanos de Miranda e Coimbra. A organisação e disciplina das forças locaes, terá alli começo pela criação da Comissão Municipal, facil de eleger entre os valiosos correligionarios nossos que alli habitam.»

Para as victimas do Ribatejo

Promovida pelo nosso grande benemerito e conterraneo, commendador João Elisiario de Carvalho Montenegro, que se não cança em praticar o Bem, houve uma subscripção, em Espirito Santo do Pinhal (Brazil), onde se encontra ha muitos annos, da colonia portugueza domiciliada naquella cidade, para as victimas do terramoto do Ribatejo. São dignos de todo o elogio estes nossos compatriotas, que lá longe, ainda se lembram de dar lenitivo á desgraça no nosso Portugal, concorrendo com o seu obulo, com quantias avultadas, como se vê do nosso prezado collega o *Pinhalense*, que tem a lista dos dignos subscriptores, a qual não publicamos pela razão de ser muito extensa, limitando-nos unicamente a dizer que a subscripção rendeu 2:704$000 réis, quantia esta que foi entregue ao sr. consul de Portugal, a fim de ser remettida ao Governo Portuguez para lhe dar o devido destino. A commissão que tratou de angariar estas importancias agradece penhoradissima á população d'aquella cidade, tanto nacional como estrangeira.

Festas do S. João

Este anno houve, como noticiámos, fogueira que, não resta a menor duvida, foi muito regular.

O divertido santo Precursor portou-se como não esperavamos, á altura, fazendo, durante as noites da dança, irrequietar as raparigas no rodopio das walsas, que alegres desempenhavam com esmero e correcção.

O ensaiador foi feliz; a orchestra não estava má, auxiliada de vez em quando por dois musicos bons, que fizeram realçar com a sua ajuda, muito, o grupo de Foz d'Arouce, dirigido pelo sr. Ramos.

No dia do Santo á noite, houve um lindo fogo de ar, no hospital, abrilhantando-o a philarmonica Louzaguense, que se não fez ouvir bem, pela razão de, uma grande massa do povo, que invadia a linda Avenida onde se encontra o hospital, dançar em grupos, com acompanhamento de harmoniums, guitarras e ferrinhos, numa barulheira de ensurdecer.

Realisou-se tambem a feira annual do S. João, que foi bastante concorrida, não desmerecendo das que tem havido nos annos anteriores.

Hoje, dia de S. Pedro, um santo tambem com quem as raparigas vão muito á *bola*, ha dança no lindo pavilhão erecto no largo do Municipio, onde mais uma vez o *Rancho Popular* se exhibirá com as suas canções e fados, fazendo agradar ao publico o José Pinto Ferreira, que executa muito bem o fado, pelo que nos merece a nossa attenção e o nosso elogio.

Lá estamos hoje para vermos as raparigas alegres e descuidosas, dançando numa alegria franca as suas dançaas de roda, promettendo não fazer desfeita ao S. João, que, pela parte que nos *toca*, merece mais a nossa sympathia que o guarda-portão lá do *Infinito*.

Parabens ao *Rancho Popular*.

Estudantes

Obtiveram media no primeiro e segundo anno dos lyceus, os nossos prezados srs:

Alcino e Jayme Simões Lopes, João do Espirito Santo Costa, João Agostinho Simões, Cassiano Fernandes Carranca, José Rodrigues Mingachos, Eugenio e João Lucas Amaro.

A seus paes e aos estudiosos rapazes apresentamos os nossos parabens.

Lamentavel desastre

Hontem o menor de 9 annos, estremecido filho do nosso amigo Carlos Nobasco Pedro, considerado factor dos caminhos de ferro, que aqui está na estação da Louzã, estava brincando no quintal que confina com a linha, quando se procedia á manobra do fourgon, e vendo-o passar, correu para elle no intuito de saltar para o estribo, mas com tanta infelicidade o fez que, cahindo, lhe passou uma das rodas sobre a perna esquerda, cortando-lh'a pela tibia.

Após este doloroso acontecimento foi a infeliz creança conduzida em maca para o Hospital da Universidade, seguindo no comboio da 1,55, acompanhada de seu pae para aquella casa de saude onde ficou em tratamento, sendo lhe amputada a perna pelo joelho, pelo distincto professor e operador cirurgico sr. conselheiro dr. Costa Alemão.

Lamentamos o infeliz Ernestinho pelo desastre de que foi victima, e acompanhamos seus extremosos paes no desgosto que teem por verem assim o filho querido tão tristemente magnado.

Oxalá não mais se repitam casos d'estes, bem tristes, especialmente para quem fica inutilizado, obstando só a elles a expressa prohibição do consentimento de menores que frequentes vezes por alli andam mettidos.

Assassinato

José Cannas Junior, casado, arrematante do direito de portagem na ponte da Portella do Mondego assassinou no dia 26 do corrente pelas 8 horas da noite, com um tiro de revolver, Joaquim Baptista, do logar da Tapada, evadindo-se logo em seguida.

Segundo nos consta, o assassino estava embriagado, travando se em questão com a victima por imaginar que um rapazito passára a ponte sem pagar o imposto de **5 réis**, o que o morto affirmára ter visto no taboleiro que é costume estar alli para esse fim.

Informam-nos que o assassino se entregou á prisão.

*

Suppondo que o criminoso não pode mais ter contractos com o Estado, achamos excellente occasião para que os povos de Oliveira do Hospital, Arganil, Goes, Louzã e Poiares, se façam representar afim de que seja sustada a especulação, porque ha muito que as obras se pagaram.

---

12 FOLHETIM

ANDRÉ THEURIET

O PADRE DANIEL

III

Uma noite do mez de junho houve na sala grande de Templiers uma festa esplendida. Beauvais só muito tarde regressaria. O primo e Dionysia estavam sós ou pouco menos, porque Joanna estava tratando da barrella e Estorninho adormeceu sentado n'uma cadeira. Um ramo colhido de manhã estava sobre a meza e o candeeiro, coberto com um quebra-luz, illuminava-o moderadamente. Quando acabou a leitura da noite, o primo approximou de Dionysia o vaso, que foi voltando lentamente a fim de fazer admirar á sua discipula o ramo por todos os lados. Ao centro havia um esplendido nenuphar branco, ainda não de todo aberto e cheio de mysterio, em roda ligeiras gramineas tremiam, formando uma mobil renda com que se misturavam caprichosamente todas as especies de plantas silvestres colhidas na agua ou no bosque, ainda viçosas. Havia campainhas, papoulas, malmequeres, logares cheios de luz e profundas sombras. Uma pequenina aranha estava suspensa d'uma aspecula branca e pousou na rede formada pelas gramineas um ephemero de olhos de ouro; á medida que o primo voltava o vaso uma fina poeira espalhando-se de todos os estames formava como uma nuvem por cima do ramo, d'onde se exhalava um perfume penetrante. Dionysia soltou de repente um grito de admiração e cobriu o rosto com as mãos. Quando levantou a cabeça tinha os olhos cheios de lagrimas, mas lagrimas de alegria; o seu olhar tinha um brilho tal que impressionou o primo; a sua physionomia tinha uma expressão viva que a transfigurava, feita da animação das feições e da côr das faces. O padre, deslumbrado por esta belleza que se revelara de subito, estremeceu ao contemplal-a. A creança do hontem tornara-se uma mulher.

IV

Quando Dionysia completou dezeseis annos, tinha rebentado a guerra de Crimêa. Daniel, que fôra promovido a cabo de esquadra, no mesmo anno em que sentou praça escreveu ao primo, participando-lhe que partia para o Oriente. O padre correu immediatamente a Pressigny e mandou ao seu pupillo pelo correio um vale supplementar. Começou n'esse dia a falar-se de Daniel nas conversações da herdade. O primo, muito pobre para assignar um grande jornal, convencen Beauvais da necessidade de fazer uma assignatura.

— O rapaz sentou praça em cavalleria, já se vê! dizia Beauvais.

Foi elle quem trouxe para Templiers a carta do theatro de guerra «para offerecer ao meu primo, que acompanhava aquillo» O padre apoderou-se da carta, levou-a para o seu quarto, onde todos os dias seguia nas terras do Oriente a marcha do corpo do exercito de que o 49.º fazia parte.

O Oriente era pelo lado de traz das minas do castello de Etableaux. Algumas vezes de tarde, quando o sol tinha desapparecido no occaso, o primo, de pé deante da janella da torrinha, mergulhava o olhar inquieto no azul mais sombrio do levante, e quando fechava a janella:

— Que deus o proteja, exclamava elle.

Pelo meado do anno de 1855, Daniel foi nomeado sargento e o primo recebeu por esta occasião uma carta que, á sobremeza, leu a Beauvais emquanto Dionysia extendia roupa na horta. Esta carta tratava apenas do que dizia respeito á guerra. Daniel contava a vida do acampamento e fazia a historia d'um dia de batalha, quando, logo de madrugada, se despertava ao toque de alvorada e se começava immediatamente a ouvir as detonações do canhão.

— «Todos pegam na espingarda e na mochilla e avançam! Ainda se marcha de noite; ouvem-se vozes de commando, breves e accentuadas, que se repetem e correm nas fileiras; os ajudantes de campo vôam d'um regimento para outro; as tropas encaminham-se para os pontos que lhes foram indicados; os chefes dirigem-nos proclamações em termos energicos. Dentro em pouco ouve-se com mais frequencia o canhão, soam os clarins, os musicas fazem ouvir velhas arias nacionaes, que já se não ouvem a não ser nos dias de batalha, e que excitam o sangue dos mais medrosos, e os rufos dos tambores atravez do fumo, o cheiro de polvora enthusiasmam todo o regimento.

— Avança-se... Já não ha Pedro nem Paulo, nem Daniel: ha só a França de que cada um é uma parcella!... Olha se para o braço do commandante, que ninguem já ouve, com um olhar dá se os bons dias aos camaradas, avança-se. Isto dura ás vezes um dia inteiro. Caem uns, outros continuam a avançar. Algumas vezes sente se frio no coração; mas isso é passageiro. E continua-se até á noite que é quando, terminada a batalha, sabemos que a victoria foi nossa e que um de nós sahiu sargento. Porque, é bom que o saibam meus primos: sou sargento desde hontem. O que é triste, o que muito me desgosta, é que, ao voltar para a tenda, verificámos que o numero de camaradas diminuiu; mas conversa-se com os que ficaram e adormece se cançadissimo. Agora, meu primo, como tenho a vella a acabar-se, sou seu de todo o coração!»

Dionysia entrou quando o padre acabou a sua leitura.

Continua.

Comercio - Louzan

Director e administrador — Antonio Cruz Alves dos Santos

Proprietario — Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 50 réis por linha: repetição, 20 réis por linha. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 70 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações offerecidas a este jornal

1.º anno — N.º 15 — Sexta-feira, 16 de Julho de 1909

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLÍCA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200 réis; semestre, 630 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400 réis; semestre, 1$200 réis
PAGAMENTO ADIANTADO — Numero avulso, 50 réis

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO CONCELHO LOUZÃ

O COMICIO REPUBLICANO DE DOMINGO

Chegada dos excursionistas — A contra-manifestação — Apedrejamento á casa do sr. Padilha onde se realisou o comicio e aos comboios que conduziam para Coimbra os excursionistas — Tiros — Arrombamento pela madrugada do dia seguinte 12 do corrente — Outras noticias.

E' necessario que mais uma vez digamos aos nossos conterraneos que o nosso jornal nascido para tratar dos interesses da comarca, se não afastará do seu programma, apesar das ideias republicanas dos seus directores.

Emquanto puder viver será esta a sua linha de conducta, não podendo, morrerá no campo da honra.

A nossa intenção foi sempre unir todos os elementos importantes da nossa terra para que, junto com o nosso humilde esforço, alguma coisa se fizesse em beneficio dos opprimidos que se debatem com a miseria, como n'uma exposição sobre melhoramentos locaes que aqui fizémos no nosso penultimo numero, crêmos ter exprimido.

Pois ainda hoje, uma das occasiões mais criticas da nossa vida de republicanos, que por certo nos não deixará bem defendidos perante os nossos correligionarios, nós havemos de demonstrar a todos a nossa imparcialidade na narração dos ultimos acontecimentos, porque apenas nos limitaremos a narrá-los tal qual os presenceámos, deixando a sua critica a todos os nossos collegas da imprensa que aqui mandaram os seus *reporters*.

Chegada dos Excursionistas

A' uma hora e 55 minutos chegou o comboio especial com mais de 500 pessoas, que no meio de grande enthusiasmo acclamavam a Republica, que digamos de passagem, não lhe levariamos a bem se não soubessemos antecipadamente que os contra-manifestantes estavam cá fóra *dispostos a tudo*, contra aquelles que pela primeira vez nos visitaram e se não soubessemosainda que a sua entrada em Miranda do Corvo não fora da mesma fórma enthusiastica, e que lá tinham sido delicadamente recebidos.

Seguiram os excursionistas da estação do caminho de ferro para o Centro Republicano «Progresso» acompanhados da philarmonica de Abrunheira do Campo, entre vivas aos caudilhos do Partido Republicano e um ou outro viva á Republica, que era logo coberto com um desordenado berreiro de vivas á Monarchia, sendo a ultima palavra d'esta phrase, pronunciada pela maior parte d'essa pobre gente, sem a primeira syllaba, dando assim a ideia nitida da consciencia de quem levantava os vivas á Monarchia.

Entrados os oradores para o Centro começou a casa a encher-se de gente.

Cá fóra ficaram alguns a quem o procedimento dos desordeiros mais indignou. Principiou nesta altura o Comicio com a palavra auctorisada do nosso illustre conterraneo e talentoso advogado Dr. Fernandes Costa; quando no Centro era levantada a primeira salva de palmas ao orador, de cá de fóra apedrejavam as janellas, partindo muitos vidros, disparando-se alguns tiros de rewolver.

Foi nesta altura que nós vimos quanta preponderancia tem o Dr. Fernandes Costa no povo de Coimbra, que quiz evadir-se da casa em legitimo desforço e elle não o consentiu. Interrompendo a sua oração e vindo cá fóra, intimou um individuo dos mais bem vestidos, que viu á frente dos inconscientes, a que os mantivesse na ordem, porque se não o tornaria responsavel pelos resultados que do conflicto poderiam advir.

Os discursos continuaram pela ordem que estavam annunciados, fallando mais, entre outros oradores, o dr. Antonio Augusto, parocho de Villa Secca, e cujo discurso em seguida publicamos.

A desordem continuou pelas ruas, onde a cada chufa se respondia com uma inconveniencia.

Lamentando tão desastrado acontecimento que nos envergonha aos olhos das outras terras, que tão affectuosamente recebem os seus visitantes, apenas diremos que os desordeiros eram os mesmos que em 1901 trouxeram toda a Louzã inquieta com os seus disturbios e os seus desrespeitos ás auctoridades; com a differença de que então combatiam a eleição d'uma camara que sustou a venda dos baldios, que foram extorquidos ao livre disfructo dos pobres, recebendo o nosso municipio uma insignificancia por esses terrenos que hoje são propriedade dos abastados, e hoje promovem tumultos para que o pobre povo não oiça como são gastos os dinheiros que annualmente são arrancados á sua miseria, sem que com elles se trate de desenvolver as industrias, o commercio, a agricultura, a fim de evitar a enorme emigração para o Brazil e outros paizes.

Dito isto, convidamos qualquer dos senhores que mais parte activa tomaram no movimento, a que venham desmentir a narrativa que fazemos, dos acontecimentos.

Publicamos em seguida as palavras do brilhante orador Dr. Fernandes Costa, que o sr. Alfredo Filippe de Mattos, na ausencia justificada do Presidente do Centro, sr. Dr. Antonio Pires de Carvalho, propôs para presidir á sessão, o qual, por sua vez propôs para secretarios da mêsa os nossos illustrados correligionarios, srs. Carlos Villar e Filippe de Mattos.

* * *

Constituida a mêsa, o presidente disse: — que os republicanos de Coimbra haviam sido convidados para virem á Lousan tomar parte na inauguração solemne do Centro Republicano nesta villa e na installação das commissões municipal e parochiaes do concelho; que a Commissão districtal republicana se achava ali officialmente representada por elle orador, que, ao mesmo tempo acompanhava os seus valiosos correligionarios de Coimbra na legitima e pacifica excursão que acabava de se effectuar. Transmittia, pois, aos cidadãos republicanos do concelho as saudações de caloroso applauso que lhes enviava aquella commissão, assim como pessoalmente os saudava tambem. Safra de Coimbra com intima alegria por ir encontrar-se no meio dos habitantes do seu concelho e por ter occasião de lhes dirigir as suas saudações pessoaes, assim como á villa da Lousan, aos quaes o prendiam antigos e saudosos affectos; surprehendia-o, porém, a indigna manifestação hostil que se estava fazendo ás portas do edificio em que se encontravam; com magua constatava o facto, não o attribuindo, o que seria flagrante injustiça, ao povo honrado e serio, mas que provinha dum bando de desgraçados, sem instrucção nem educação, na sua maioria rapazes sem imputação, como pouco antes verificara.

Não era aquella malta o povo da Lousan; a este, sim, saudava-o com affecto, porque era justo separa-la da matulagem assalariada que assim estava deshonrando a villa da Lousan. (*Calorosos applausos*).

Ainda assim não se devia imputar a esse bando de dementados a responsabilidade das suas vis acções; devem ser imputadas áquelles que não se envergonhavam de promover e incitar aquella manifestação, que os deshonrava, (*vivos applausos*), comprando a dinheiro e vinho aquelles inconscientes e abusando, para mais uma vilêza, da sua cegueira espiritual (*muitos applausos*). Mas esses, conhece-os bem elle orador; são os politicantes de officio, que ha muitos annos veem explorando a ignorancia popular, e que estavam mostrando como facilmente esquecem o que homens de bem a si proprios devem (*redobram os applausos*). Esses, torna-os elle orador responsaveis pelo que se estava passando: quer aquelles que, cautelosamente, da sombra, tinham manobrado o repugnante movimento, quer aquelles que se não pejavam de andar envolvidos na turba-multa...

São esses os verdadeiros culpados; e se não existiam ainda as provas juridicas da sua torpêza, havia d'esta a certeza moral, mais do que sufficiente para elle orador dizer que esses chefes politicos acabavam de se deshonrar perante as pessoas de bem! (*Muitos applausos*)—Considerava-se elle orador por elles affrontado pessoalmente, pois tomava como offensa pessoal o aggravo que se estava fazendo aos republicanos de Coimbra.

A propaganda republicana é uma propaganda legitima, pacifica e justa; não levamos a parte alguma palavras d'odio, antes proclamamos principios de bondade e de affecto. Se, porém, na Lousan assim procediam os mandões locaes, faziam-no na defêsa pessoal dos seus interesses, ameaçados pela propaganda republicana, que a pouco e pouco lhes arrancará das mãos os pobres ignorantes, que são os instrumentos cegos de que elles se servem. Mas tempo virá, e bem proximo será, em que a ideia republicana ha de entrar n'esta villa triumphante e dominadora, quando o povo souber distinguir, para os defender, os seus direitos dos inconfessaveis interesses pessoaes a que os caciques da terra o trazem acorrentado. (*Muitos applausos*).

Não seria, porém, a indignidade destes chefes politicos, quer incitando, quer contribuindo pela sua indifferença propositada perante as arruaças que lá fóra iam, para o tumultuar dos arruaceiros, que tanto enxovalhava o nome e a hospitalidade da villa da Lousan, que havia de impedir que os republicanos ali reunidos deixem de cumprir o seu dever.

Iam entrar, pois, nos trabalhos da sessão, proclamando d'aquelle logar os nomes dos cidadãos republicanos, que haviam sido eleitos para a commissão municipal e para as parochiaes do concelho.

Commissão Municipal

EFFECTIVOS

Dr. Antonio Pires de Carvalho, medico
Carlos Julio Villar, proprietario
Bernardino Lopes Padilha com.te
Abel Baptista, commerciante
Alfredo Filippe de Mattos, prof. official

SUBSTITUTOS

Francisco José de Figueiredo Junior, capitalista
Julio Ribeiro dos Santos, industrial
Francisco Antunes, industrial
José Augusto Nunes Pereira, relojoeiro
Pompeu Coelho Henriques, com.te

Commissão Parochial da Louzã

EFFECTIVOS

Antonio Cruz Alves dos Santos, typographo
Arthur Figueiras Callisto, relojoeiro
José Maria Simões, typographo

SUBSTITUTOS

José Maria da S. Mattos, industrial

Os incidentes em torno do comício republicano de 11 de Julho demonstraram o extremar de posições no concelho.

Joaquim Gonçalves Guerra, empregado commercial
Abilio Luiz Carvalhinho, proprietario

Commissão Parochial de Foz d'Arouce

EFFECTIVOS

Agostinho Carvalho Coimbra com.te
Domingos Vaz Collaço, commerciante
Luiz Maria, commerciante

SUBSTITUTOS

Francisco de Mattos Laranjeira
Francisco de Carvalho Seixas, com.te
Diamantino de Carvalho Seixas, commerciante

Commissão Parochial de Casal d'Ermio

EFFECTIVOS

Fortunato Sequeira, proprietario
Antonio Gonçalves, commerciante
José Carvalho da Silva, commerciante

SUBSTITUTOS

Caetano Duarte, commerciante
José de Mattos commerciante
Jose dos Santos Henriques, com.te

Commissão Parochial de Villarinho

Jose Nunes, commerciante
Antonio da Costa, artista
Pedro da Costa, proprietario

(E leu estes nomes, sendo esta leitura sublinhada por uma vibrante salva de palmas depois da proclamação de cada commissão eleita).

Em seguida dirigiu as mais calorosas felicitações ao nosso valioso correligionario sr. Alfredo Filippe de Mattos, pela grande somma de trabalho e dedicação partidaria, que representava a eleição d'aquellas commissões e passou a dar a palavra successivamente aos oradores inscriptos.

* * *

Entretanto e durante aquelle discurso do presidente, a vozearia arruaceira continuava na rua, não se atrevendo, porem, a malta açulada a subir a escada. Augmentando de momento a momento as arruaças, no decorrer da sessão, em breve foi apedrejado o edificio, ficando as vidraças despedaçadas e entrando pelas janellas muitas e grandes pedras. E, comtudo, o sr. administrador do concelho passava pelas immediações! Não obstante a sessão ia decorrendo, animada e calorosa, fallando os oradores inscriptos, os srs.:

Padre Antonio Augusto

A Proclamação da Republica em Portugal vem trazer á Igreja uma epoca de prosperidade, separando-a do Estado. Esta separação representa a sua libertação da tutela do Estado que a explorava para fins politicos.

Os beneficios ecclesiasticos são dados [illegible] monarchicos como paga [illegible] eleitoraes, o que além de ser [illegible] carada simonia, tira ao clero o empenho em ser exemplar e apenas o vae colocar na dependencia dos caciques que o servilizam.

Separada a Igreja do Estado, os beneficios ecclesiasticos serão dados pela autoridade ecclesiastica, livremente que attenderá apenas aos merecimentos do concorrente e ás justas reclamações dos povos christãos, e os beneficiados ficarão devendo os seus beneficios apenas aos seus merecimentos, o que os constituirá uma nobre independencia.

O Estado interfere actualmente, difficultando e encarecendo, nas dispensas matrimoniaes, e noutros negocios ecclesiasticos, que, na separação, serão tratados unicamente entre os impetrantes e a auctoridade ecclesiastica.

A separação da Igreja do Estado em Portugal, livra ainda a igreja de um grande numero de inimigos que, indifferentistas em materia religiosa, só atacam o catholicismo por serem obrigados a pagar para a sustentação do culto catholico

Por isso o bom catholico deve ancear pela separação da egreja do Estado que só a Republica lhe poderá dar.

O clero com isso não morrerá de fome. A generosidade dos portuguezes, que tão brilhantemente se manifesta na colonia portugueza do Brazil, saberá compensar o que seria pago pelos não catholicos.

Mas ainda que a monarchia fizesse a separação, ainda nós catholicos, deviamos ser republicanos; porque por sermos catholicos não deixamos de ser homens e não deixamos de ser cidadãos portuguêses. Como homem, eu nunca poderia acceitar um regime absurdo que confia a chefia suprema da nação a um ser tirado á sorte do ventre de uma rainha. Se um grande proprietario, na impossibilidade de dirigir pessoalmente a sua casa, désse a direcção della ao primeiro homem ou mulher que passasse adeante da sua porta, teriamos o direito de lhe chamar doido. Pois fazem isso os monarchicos. Elles que não confiaram a direcção da sua casa a um homem sem lhe ter dado garantias de caracter, fazem isso quando se trata da patria. Como homem, não apodarei nunca tal regime, que por um privilegio odiosissimo, torna o chefe supremo uma só familia, despresando todas as outras. Como cidadão portuguez, não poderei nunca acceitar um regime que reduziu a minha patria ao estado em que a vemos. E os monarchicos ousam ainda falar no seu amor patrio! Os sinceros monarchicos!

E ainda neste ponto estamos dentro dos deveres christãos que se referem tambem á sociedade. E' profundamente christão o pensamento do grande orador francês:

« Amo mais a minha familia do que a mim mesmo, mas amo mais a minha patria do que a minha familia! »

Alfredo Filippe de Mattos

Como cidadão julgou-se sempre no dever de procurar bem servir a patria. Como professor pensou em o fazer, estudando todas as leis escolares relativas á instrucção primaria, desde o principio da monarchia, e concorrendo, na medida das suas forças, para o seu aperfeiçoamento

No estudo que fez neste sentido, e que reduziu a livro que viu a luz, verificou que a monarchia procura sempre impedir o progredimento da instrucção popular, porisso que aquella só da ignorancia do povo pode viver, visto que só o analphabeto obedece ao cacique vendendo a patria, com o voto, em troca de qualquer mesquinho favor.

Por outro lado viu sempre no Partido Republicano um acrisolado amor á instrucção popular, fundando escolas nos seus centros de propaganda e por todo o paiz.

E, como se isto não bastasse, outras coincidencias vieram auxiliar as conclusões do seu espirito. Quando estava prestes a terminar o seu livro, vieram a lume os latrocinios do regimen trazidos pelo proprio chefe do governo, pondo se em destaque por um lado a nossa grande divida publica que, só com a perda da nossa autonomia, a monarchia pode saldar; e por outro a affirmação de que milhares de contos foram dados de presente ou roubados dos cofres publicos a titulo de adeantamentos illegaes.

Finalmente, depois do saque a deshonra. O mesmo ministro da coróa, João Franco, disse a um jornalista estrangeiro, para justificar a dictadura desenfreada em que se lançára:

« Portugal é uma nação com um povo illustrado e sem tradições parlamentares. »

Deante de tantas razões e de tão inqualificavel affronta proclamou a incompatibilidade da monarchia com a boa administração do Estado; reconheceu e confessou — diz o orador — que só a Republica nos póde salvar. Declarou-se republicano e desafiou o regimen a que o demittisse, se algum governo ousasse julga-lo por isso incompativel com o exercicio do magisterio.

Não o quizeram fazer; preferem apedrejado e aos seus companheiros; mostrar a essas centenas, talvez milhares, de excursionistas que só a tiro, á pedrada e a cacete sabem ou podem combater os nossos argumentos—continua—, as doutrinas patrioticas e humanitarias, de paz e amor que o Partido Republicano intemeratamente vem proclamando.

Comparem, meus senhores Lá fóra está a monarchia com a ignorancia dos seus 75 p. c. de analphabetos, numa vozearia infernal promovendo a desordem para que o povo não ouça o que dizemos; aqui está o symbolo da Republica com a ordem, o civismo e a fraternidade proclamados pela sua imprensa e pelos seus oradores, ensiaados nos seus centros e nas suas escolas.

Meus senhores—exclama o orador—deante dos meus companheiros o digo. Que me relevem a franqueza. Isto é obra minha Commissões, Centro, etc., são da minha iniciativa. A propria vinda da excursão até a Louzã é-o tambem. Não me arrependo porque d'este desacato só resultou mal para a monarchia. Tenho trabalhado por amor á minha patria e á instrucção; os meus companheiros assim o entenderam e todos nós trabalhamos pela Republica para salvação da Patria. Não offendemos pessoa alguma. Mas já que fomos offendidos — continúa — tomo para mim o desacato, e em nome do Partido Republicano d'este concelho, a todos peço—senhores oradores e excursionistas, especialisando o Ex.mo Sr. Dr. Fernandes Costa e Centro Ramada Curto, promotor da excursão—que nos desculpeis a indelicadeza e a intolerancia com que fostes recebido pelos monarchicos da Louzã.

Esta intolerancia, porem, longe de nos desanimar, demonstra a necessidade dos nossos esforços; anima-nos a trabalhar ainda com mais ardor para a implantação do regimen de paz e amor que será, para monarchicos e republicanos, a Republica Portugueza.

Camara Municipal

Sessão de 3 de Julho

Presidente: Dr. João Augusto dos Santos.

Vereadores presentes: padre Antonio Lopes Cortez Froes, Cesar Henriques Lopes Diamantino Sequeira Neves Barreto e Manuel das Neves.

Esteve presente o administrador do concelho, bacharel Fortunato Gomes de Seiça.

Lida e approvada a acta da sessão extraordinaria anterior disseram o presidente e vereador Froes que não poderam comparecer á sessão ordinaria de 26 de junho ultimo por motivo de serviço official e o vereador Neves Barreto comquanto estivesse presente ás arrematações que se realisassem n'aquelle dia, não pode comtudo assistir e haver sessão, por ter recebido um telegramma que o obrigou a retirar immediatamente.

Officios

Um da commissão districtal, de 2 de julho approvando as percentagens a lançar sobre as contribuições dos empregados publicos, para o anno de 1940 e que a camara notou em sessão de 12 de junho ultimo.

A camara ficou inteirada.

—Uma circular do Director d'Obras Publicas de Coimbra de 1 do corrente, pedindo á camara que até ao dia 31 do corrente lhe envie um mappa de todas as estradas que constituem o plano da viação municipal deste concelho.

A Camara encarregou o seu presidente de responder.

—Um officio do sub-inspector primario acompanhado da folha de despesa das gratificações e subsidio aos vogaes do jury dos exames do 2.º grau, effectuados neste concelho, no anno proximo passado, e pedindo para que seja paga.

—Deliberou que fosse incluida em orçamento supplementar, que vae fazer-se visto a verba destinada para esse fim ter passado um saldo no orçamento do anno anterior.

Requerimentos:

Um de Alvaro Francisco Agostinho e Maximino Antunes, da Levada, pedindo licença para este anno fazerem com agua de regas na estrada que segue da Ponte do Areal á Reguenga, onde teem propriedades.

A camara encarregou o presidente de informar, cumprindo-se o artigo 98.º do Codigo de Posturas.

—Outro de Maria de Nazareth Ferreira, do logar da Favariça, pedindo licença para edificar uma casa junto da estrada publica no mesmo logar e bem assim para depositar uns materiaes na mesma estrada. A camara encarregou o vereador Henriques Lopes de informar.

—Outro de Guilherme Nunes Franqueira, medico municipal, juntando attestado medico, e pedindo 15 dias de licença para tratar da sua saude.

Concedida.

—Communicou o presidente que se tinham effectuado as arrematações dos subejos das aguas da Fonte do Cabo do Soito e dos chafarizes da Praça e largo da Graça, como consta dos respectivos autos. Não apparecendo quem arrematasse os subejos das fontes do Casal dos Rios e da Travessa nem a exploração das pedreiras da Lomba d'Alveite, deliberou a camara que voltem á praça no dia 24 do corrente pelas 9 e meia da manhã.

— O presidente apresentou uma nota d'algumas irregularidades encontradas nos livros da secretaria e que são: — no livro da conta corrente:

1.º — No encerramento das contas feito em 28 de fevereiro de 1904, faltam as assignaturas dos vereadores Villar, Henriques dos Santos e do thesoureiro.

---

14 FOLHETIM

ANDRÉ THEURIET

O PADRE DANIEL

IV

— Estás muito crescida, pequena, és uma senhora e eu faço-me velho. Não te quero para freira e vou tratar de te arranjar um marido.

E, como Dionysia, surprehendida por um momento, acabasse por dar uma gargalhada:

— O que te digo é muito sério, continuou elle, e desejo que te acostumes desde já á idea do casamento. Tenho um partido em vistas... d'aqui a dias conversaremos...

Fez se um grande silencio. Beaubais, que se via já separado da filha, levantou se e foi dar uma volta pela minha para occultar a commoção. Dionysia estava muito vermelha. O padre, pallido e embaraçado, balbuciou algumas palavras e desappareceu com o pretexto de que ia ler o seu breviario.

Quando entrou no quarto o desgraçado padre fechou se por dentro. Estava livido e o suor corria-lhe pelas faces magras. Olhou para o retrato de Daniel.

— Meu pobre amigo, digam os adeus aos nossos sonhos, disse elle em voz alta.

E começou a passeiar pelo quarto. Depois de alguns momentos de silencio:

— De modo que, continuou elle, Beauvais dará Dionysia ao primeiro que apparecer, e tudo está acabado! Por causa do terror que Beauvais me inspirara, fugi para o seminario, a debulhadora levou me um braço, eduquei esta creança como se fosse minha filha e em paga de tudo isto Beauvais dir-me-ha obrigado... e prompto! E faz bem! Afinal que direito tenho eu sobre ella? E os meus planos que a seu respeito tenho formado, tudo o que tenho pensado, não é proprio d'um padre! ... Sim, mas o meu coração despedaça-se quando penso n'esse casamento. Vão arrancar me esta segunda Dionysia, a quem só tornarei a ver ceremoniosamente; ha-de ir a casa de pessoas que não conheça e quando o meu pobre Daniel voltar, não poderei dar-lhe a esposa que para elle tinha escolhido; não se unirão estas duas creanças, estes dois corações que se tinham formado um para o outro. E tudo por causa talvez d'esta estupida timidez. Pois não podia ter falado francamente a Beauvais e declarar os meus projectos?... Ah! Beauvais!... Parece-me que estou a ouvir o riso ironico com que a minha proposta teria sido acolhida... Ao menos se Daniel fosse official?... mas um sargento... Beauvais nunca quereria!... Não, nem isso poderia ser... nós somos pobres e elle é rico. Nem posso dizer: elles são ricos!...

O primo nem se deitou, e logo de madrugada levantou-se para respirar ao ar livre. Quando, pelas oito horas, Dionysia subiu á torrinha, para regar as verbenas, viu que a cama não estava desmanchada e ficou pensativa...

Passados dois dias, logo pela manhã, Beauvais entrou no quarto do primo e despertou-o bruscamente:

— Ora venha cá, primo, não sabe?

— Não, respondeu o padre assustado.

— Pois vou dizer-lh'o, continuou Beauvais d'um modo confidencial; encontrei um marido para Dionysia. Advinhe lá quem?

N'este momento o padre devia parecer terrivel, tão grandes olhos abria.

— O senhor, continuou Beauvais, sempre com'os olhos e o espirito nos livros, não conhece ninguem n'este sitio... Mas talvez tivesse reparado para um rapaz com quem estive a conversar durante muito tempo, ao pé da ponte, quando fomos á feira de Pressigny?

— Um tal Delétang?

— E' filho d'um negociante de Angles. Falaram-me a seu respeito. E' rico, agricultor, e de boa vontade viria morar para Templiers... d'este modo Dionysia ficaria comnosco. O rapaz está n'este momento em Angers e não volta antes d'um mez.. havemos de tornar a falar n'isto, mas segredo!

E sahiu.

O padre levantou-se á pressa e novamente resolvido a luctar, disse:

— Nada de Delétang! E' preciso que, d'esta vez, Daniel se mostre!

E escreveu-lhe as linhas seguintes:

— « Pede immediatamente uma licença de tres mezes. Esperam-te aqui para caçar. Vem o mais depressa que possas! »

Agarrou n'uma nota de cem francos que tinha arrecadada, metteu-a na carta e foi correndo á repartição do correio de Ousigny.

Quando regressou, batia lhe o coração mais do que de costume Disse bruscamente para Beauvais, deante de Dionysia.

— Escrevi hoje ao meu pupillo para que venha caçar a Templiers. Temol-o ahi antes do fim do mez.

Continua.

"O bom catholico deve ancear pela separação da egreja do Estado que só a Republica lhe poderá dar" — defendia o Padre António Augusto, no comício realizado no salão de Bernardino Padilha.

3.º—Nas de 1906 encerradas em 25 de abril de 1907 faltam todas as assignaturas da camara, secretario e thesoureiro.

4.º—Nas de 1907 encerradas em 24 de setembro de 1908, faltam egualmente as assignaturas da camara, secretario e thesoureiro.

5.º—Nas contas de 1908 faltam muitas sommas e transportes no termo de encerramento.

6.º—No anno corrente não ha nada inscripto neste livro.

7.º—No livro Diario do actual anno não ha quasi deducções na receita dos decimos e terços para acções.

8.º—Não existem na secretaria as copias das contas nem dos orçamentos, fazendo faltas as dos annos de 1906 e 1907, para organisação do orçamento de 1910.

A camara encarregou o secretario interino de até á proxima sessão regularisar até á 7.ª irregularidade apontada emquanto á n.º 8 deliberou pedir á commissão districtal as copias ou os originaes para se tirarem lá.

O presidente disse que tinha sido citado e apresentou o duplicado d'uma ordinaria do coronel reformado Francisco Lopes Serra e esposa contra a camara allegando pertencer-lhe um terreno no sitio da Boteca limite de Fiscal onde esta camara por entender que o terreno é seu, mandou alagar o vallado que o mesmo lá tinha feito como consta da acta de 20 de março ultimo.

A camara deliberou constar-lhe a acção e auctorisou o presidente a passar procuração a advogado para tal fim.

— O Vice-presidente disse que achava de todo o interesse para os povos d'este concelho que nesta villa se criasse uma delegação da Caixa Economica, visto terem-se já creado algumas na provincia, por isso propunha que n'esse sentido se officiasse ao Administrador da Caixa Geral dos Depositos. Esta proposta foi approvada por unanimidade.

—Em virtude das informações dadas pelo vereador Henriques Lopes, concedeu licença a Pedro Dias Anastacio para fazer um muro de vedação na sua propriedade do Pinhalda Quinta, licença requerida em 12 de junho findo visto que do estudo do alinhamento que procedeu o dito vereador e que a camara approvou, não ha cedencia nem acquisição de terreno.

— Por informações do Presidente concedeu a licença pedida por Amaro Mendes, da Ribeira da Fornea, em 12 de junho ultimo, ficando o caminho de 2 metros e meio de larpura, segundo o estudo do alinhamento a que procedeu o dito presidente e que a camara approvou por não haver cedencia nem adquisição de terreno.

— Auctorisou os pagamentos das folhas dos empregados cantoneiros arrematante das ruas e praça da villa, despezas com a policia, caiação e lavagem das cadeias, caiação e lavagem dos Paços do Concelho, construcção da estrada de Foz d'Arouce á Ponte Velha, conservação das do Covão á Ponte de Serpins e concerto na fonte dos Mouros.

— A pedido do vereador Henriques Lopes deliberou a camara mandar ver o attestado da conservação da estrada de Cacilhas á Chã do Alhal.

— Compareceu Nicolau dos Santos Henriques, da Boiça, pedindo o serviço braçal dos povos de Ceira, Povoa e Cornaga para o caminho que segue da Ponte do Casal d'Ermio para Boiça.

Ficou para deliberar opportunamente.

— Compareceu Antonio Simões Ferreira, do Forcado, pedindo o serviço braçal dos logares do Forcado, Fonte Fria e Levegadas, para ser dado nos proprios logares.

Ficou para deliberar opportunamente.

— Auctorisou o presidente a representar ao respectivo ministro e a telegraphar-lhe já pedindo que a Estrada da Serra seja contemplada na divisão das verbas do orçamento do Estado.

Ainda o Comicio

Dizem por ahi ter ouvido ao proprietario deste jornal que o pessoal da fabrica do Penedo atirou pedras tambem: convidamos o infriguista a vir deante de nós affirmar o que levantou.

E' certo que tivemos uma pequena altercação com o mestre d'aquella casa, quando elle se ou ixava á auctoridade administrativa por um desrespeito que houve na estação á senhora d'um monarchico que berrava vivas á Monarchia que lamentámos, ao que aquelle senhor nos disse que eramos nós que tinhamos a culpa porque os tinhamos mandado vir de Coimbra; ao que respondemos, que com o mesmo direito que elle affirmava isso, nós lhe podiamos dizer que tambem elle teria assalariado os que tinham apedrejado a casa do sr. Padilha.

Não fallámos em pessoas ou empregos Faz muita differença, do que se diz.

*

A proposito do nosso collega o *Mundo* dizer que o sr. Padre Carranca tinha intervindo no movimento de domingo, e que o mesmo jornal já rectificou, temos a esclarecer que nem o sr. Padre Carranca cá esteve, nem em casa de seu pae se deu vinho a ninguem senão por dinheiro, como nós muito bem presenciámos. O seu a seu douo.

*

Naturalmente queriam referir-se a um padre que trouxe nos contra-manifestantes os seus creados e grande numero de visinhos, porque ao ler-se o *Mundo* a este *piedoso* cidadão lhe não repugnou o nome das outras pessoas implicadas na desordem, dizendo mais que se alguem fôr jurar falso que «então vae cacete».

Confiados na intelligencia do primeiro magistrado da comarca que muito bem conhece as intenções dos que se lhe apresentam a jurar, diremos que o tempo de jurar falso, já lá vae, para bem de nós todos.

*

Na segunda-feira, fomos informados de que alguns individuos que até quasi de manhã andaram dando vivas e morras a differentes pessoas se tinham dado ao *trabalho* de ir arrombar as portas da retaguarda da casa em que se realisou o comicio tendo o pobre do tanoeiro que ali dorme com sua familia, de fugirem d'ali a pedirem guarida á visinhança. Não acreditando que tal se desse, fomos ali informar-nos do caso e era realmente verdade a visinhança a ser alarmada com tal pouca-vergonha. Estes e outros factos são do dominio publico mas não nos consta que até agora nada se prevenisse para se evitar a sua continuação.

*

Começam as perseguições:—processos a esmo, ameaças a todos que tiveram a *ousadia* de ir ouvir os oradores.

Aos padeiros disseram na segunda feira que fossem vender o pão aos republicanos. Já se vê porque não deixaram comer no domingo a enorme quantidade de pão que tinham manipulado para os excursionistas.

Estamos mesmo a vêr que se se chega a proclamar a republica, muita gente por ahi se amua e não mais come; anda isso.

*

Muito mais poderiamos dizer a respeito dos acontecimentos se a imprensa diaria já melhor que nós os não tivesse exposto, não podendo deixar de nos referirmos á forma como o nosso collega de Coimbra «Defeza» os relata e tira a meta moral de todos os que tiveram intervenção n'elles.

Por tudo isto terminaremos a nossa explanação, lamentando do fundo do nosso coração, com a força que nos dá a nossa consciencia, que se na Louzã se pratiquem selvagerias como as que acabamos de presenciar, venha a sua causa de onde quer que venha.

Ninguem lucra com o mal dos outros.

*

A' chegada dos excursionistas que saudavam a Republica com as suas bandeiras verdes e vermelhas, algumas senhoras mandaram as creadas correspondel-hes das sacadas com pannos negros, que annunciavam o terror.

Não damos o nome porque ainda alcum respeito temos pelas ideias dos outros, mas passada a cortesia de todo para commosco, irá tudo.

Francisco Rodrigues Mingachos

Fez acto do 3.º anno medico este nosso illustre patricio, que tanto tem trabalhado para alcançar uma carreira nobre e humanitaria, sendo plenamente aprovado, o qual é subsidiado pela Santa Casa da Misericordia de Coimbra nos seus estudos.

Fazendo votos para que em breve o vejamos um medico completo, aqui lhe tributamos a nossa admiração pelo seu talento.

Licença

Pediu 15 dias de licença a professora de Casal d'Ermio, sr.ª D. Maria Amalia Pereira Monteiro.

Ayres Fonseca

Com boa classificação, completou na Universidade o seu curso de pharmacia este nosso conterraneo, filho do bemquisto pharmaceutico desta villa e secretario interino do nosso municipio.

Ao novel pharmaceutico os nossos parabens.

*

Antonio Ferreira Vaz

Este nosso patricio e amigo acaba de abrir na Figueira da Foz um bem montado estabelecimento de barbearia que, pelo habilitadissimo pessoal que na sua casa se encontra e pelo bello sortido de perfumarias que possue, o torna o primeiro no seu genero naquella formosa estancia balnear.

Se fôrmos até á Figueira lá iremos visitá-lo, não para nos *ir á lata* ou á *ganforina*, porque costumamos ir fóra das *barreiras* para não pagarmos os direitos de... luxo, mas sim para apreciar o fino gosto que elle tem e que dá na disposição dos utensilios da sua arte.

Áquelle nosso amigo os nossos parabens pela commodidade e asseio que tem sempre nas suas Barbearias, o que se torna indispensavel a bem da saude dos que frequentam estabelecimentos d'esta natureza com toda a hygiene.

Para as Caldas da Rainha

Partiu na segunda-feira para as Caldas da Rainha o nosso prezado amigo sr. Manuel Lopes Novo, que alli foi para aquellas thermas á busca de allivio para os seus padecimentos.

Oxalá elle se restabeleça por completo dos estragos que o maldito rheumatismo lhe causou, a fim de o podermos felicitar e abraçar com grande satisfação nossa, de que é digno pelas bellas qualidades que possue.

Dr. Ramada Curto

Por absoluta falta de espaço deixamos hoje de publicar o extracto do discurso d'este illustre caudilho do Partido Republicano de Coimbra, bem como o de outros illustres oradores que nos honraram com a sua presença e a sua palavra, o que iremos fazendo nos proximos numeros.

Samuel dos Santos

Veiu de Lisboa assistir ao comicio de domingo este nosso amigo e dedicado correligionario, de Serpins.

Joaquim Vaz Collaço

Na avançada idade de 93 annos falleceu no domingo em Foz d'Arouce, com um ataque cerebral, este honrado cidadão, que a attestar as bellas qualidades que possuia, vimos no seu funeral uma concorrencia pouco vulgar em actos d'aquella natureza, jámais numa freguezia pequena como é a de Foz d'Arouce.

As suas virtudes evidenceiam se bem na forma como quasi toda a sua vida negociou em grande escala, legando á familia um nome que todo o concelho respeita e de que ella é perfeita continuadora, é certo, mas que a sua modesta fórtuna não representa agiotagem no modo de negociar.

D'aqui foram muitas pessoas ao seu enterro e a apresentar á sua numerosa familia os pezames pela perda de tão generosa personalidade.

O *Commercio da Louzã*, mantendo com algumas pessoas da familia Collaço as melhores relações de cordealidade, aqui lhe deixa expresso o seu sentimento pelo golpe que a acaba de ferir.

Exame do 1.º grau

Pelo sr. João Pires da Silva, director do *Internato Escolar* de Coimbra, na rua dos Militares, onde estão internados muitos patricios nossos, que tão boa conta tem dado de si nos seus estudos, foi apresentado a exame do 1.º grau, ficando plenamente aprovado o menino José Falcão Ribeiro, filho do nosso amigo sr. dr. José Falcão Ribeiro, distincto professor e advogado nos auditorios da comarca de Coimbra.

A seus paes as nossas felicitações e ao seu professor os nossos louvores pelas suas qualidades de trabalho no desenvolvimento da Instrucção.

Padre Augusto Carranca

De visita a seus paes encontra-se nesta villa este nosso amigo e assignante, que é vigario na Granja do Ulmeiro. Cumprimentamo-lo.

Antonio Pedroso de Carvalho

Deu uma quéda desastrosa, na segunda feira passada, no logar da Povoa da Louzã, cahindo d'uma bicyclette, este nosso amigo, que se feriu bastante nas mãos e pernas, pelo que se acha em tratamento, vindo em serviço da Companhia «Singer» d'onde é inspector, logar para onde foi nomeado ha dias e que exe ce com muita proficiencia.

Desejamos lhe rapidas melhoras.

Deliberou a camara fazer a estiva dos preços dos generos de consumo de 1908 e que são os seguintes:

Trigo, 13,l-945	.....	540
Centeio	»	360
Cevada	»	240
Milho	»	400
Feijão branco 13,l-945	.....	550
Feijão pardo	»	400
Feijão frade	»	420
Fava	»	440
Castanha verde	»	240
Castanha secca	»	550
Azeite litro	.....	180
Frangãos	.....	140
Gallinhas	.....	400
Vinho, litro	.....	30
Batatas, kilo	.....	15
Laranja, cento	.....	200
Bolota, litro	.....	12
Pera e maçã o cento	.....	120
Pecego o cento	.....	40
Ameixas o cento	.....	5
Cerejas	.....	5
Cortiça	.....	5
Palha de trigo, carrada	.....	25000
Palha de cevada, carrada	....	18500
Palha de centeio carrada	....	18500
Palha de milho carrada	....	65000

JOSÉ AUGUSTO NUNES PEREIRA

Participa aos seus amigos e freguezes, que tenciona mudar o seu estabelecimento de relojoaria para a villa de Arganil, e porisso previne todos aquelles que tiverem relogios no seu estabelecimento os vão buscar, bem como os que lhe estão em debito lhes satisfaçam até ao dia 25 do corrente.

Louzã 16 de Julho de 1909.

Balanças

VENDEM-SE umas quasi novas, da força de 10 kilos.

Quem as pretender dirija-se a esta redacção.

ANNUNCIOS

BENGALA

Está depositada no Hotel Carranca, que o proprietario d'esta casa entregará a quem provar pertencer-lhe, obrigando-se o dono da referida bengala a pagar a importancia d'este annuncio.

Loja do Povo

Chegou a este acreditado estabelecimento uma grande remessa de lazendas brancas nacionaes e estrangeiras, para serem vendidas por preços baratissimos.

Aguas de Barreiro

(BEIRA ALTA)

Esta agua sem rival, estimula fortemente o appetite, cura radicalm e te a anemia, a clorose e o mal da pelle, purifica o sangue, e no periodo catamonial é infallivel reguladora das

funcções delicadas das senhoras

Vende-as na Louzã, Gabriel Sarmento

Arrematação

(1.º annuncio)

No dia 1 do proximo mez de agosto, a Junta do Tribunal Judicial desta comarca se hade arrematar em hasta publica o predio abaixo descripto, pertencente ao casal inventariado de Joaquim dos Santos Rosa, que foi do Valle Sancho o qual vae á praça no valor da avaliação, noventa mil réis, e será entregue a quem maior lanço offerecer sobre aquelle valor, sendo a contribuição de registo paga por inteiro pelo arrematante:—uma terra de cultura de secca com videiras no sitio da Cova, limite de Valle Sancho.

São citados os credores incertos.

Louzã, 6 de julho de 1909.

Verifiquei a exactidão.

Antonio de Moncada.

O escrivão.

Adelino Duarte de Carvalho.

Livraria Moderna

A. GONÇALVES CUNHA

23 — Marco da Feira — 25

Coimbra

Livros portuguêses e estrangeiros sobre todas as materias, novos e usados.

Revistas, Jornaes e Illustrações avulsas e por assignatura.

Musicas. Instrumentos musicaes e seus accessórios.

Papelaria. Encadernações. Gravuras. Postaes Illustrados. Perfumarias.

Compram-se todos os livros, portuguêses ou estrangeiros, antigos ou modernos, — DO — em grandes e pequenas quantidades

CONCELHO — DA — LOUZÃ

Responde-se pela volta do correio a toda a correspodencia

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Director e administrador — Antonio Cruz Alves dos Santos

Proprietario — Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha: repetição, 20 réis por linha. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 50 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações offerecidas a este jornal

1.º anno — N.º 16 — Sabbado, 24 de Julho de 1909

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

— Condições de assignatura — Anno, 1$200 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis: BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400 réis; semestre, 1$200 réis
CONTRACTO ADEANTADO — Numero avulso, 50 réis

BIBLIOTECA MUNICIPAL

JESUITAS

A actividade em que ultimamente tem entrado o elemento clerical reaccionario, para dominar no paiz e reconquistar o poderio, de absoluta supremacia que teve em eras passadas, pede um trabalho persistente e seguro de todos os liberaes, para conjurar o tenebroso perigo que ameaça a sociedade portugueza.

Uma recente publicação, *A Lanterna*, considera e bem, que para uma acção de luta contra esse perigo, contra o ultramontanismo, se torna necessario divulgar, tornar conhecida a organisação da tenebrosa seita. E dá n'esse capitulo, notas bem curiosas e que pelo muito interesse que teem, aqui archivamos em transcripção.

Ei-las:

Trindade Coelho, ao tratar da religião do Estado no seu *Manual do Cidadão Portuguez*, abordou o problema das ordens e congregações e diligenciou reunir a maior quantidade de elementos que o habilitassem á formula d'um juizo relativo á sua extensão e importancia. O mallogrado publicista teve, por certo, de arcar com muitos embaraços e despendeu fatigantes esforços para juntar o cabedal de informações que recolheu na sua obra. Não depurou nem systematisou, porém, essas notas, de maneira que quem não tiver outras luzes ácerca do assumpto, pode ser victima de confusões que resultam da duplicação dos informes com diversos rotulos. E, pois, conveniente, a par do inquerito sobre a vida religiosa e ecclesiastica portugueza, simplificar e corrigir a obra de Trindade Coelho n'este ponto, salientando o que, na verdade, merece a pena salientar-se.

Quaes as ordens e congregações masculinas que em Portugal exercem a sua acção? Ei-las:

A Ordem dos Frades Menores, ou de S. Francisco (*Associação Missionaria Portugueza*, conforme o decreto Hintze). Tem conventos em Brancanes, Setubal; S. Bernardino, Peniche; Santo Antonio de Varatojo, Torres Vedras; Montariol, Braga; em Leiria, uma residencia em Lisboa, etc. Constitue uma provincia da ordem.

Padres da Companhia de Jesus, ou jesuitas (*Associação Fé e Patria*, conforme o decreto Hintze). Tem grandes collegios de instrucção primaria e secundaria, em Campolide (Lisboa), S. Fiel (Louriçal do Campo, Castello Branco), institutos de formação religiosa em S. Francisco (Setubal), Guimarães, e Barro, (Torres Vedras), residencias (as principaes) em Lisboa (Quelhas, onde está o *provincial* quando não se encontra em Campolide, Porto, Braga, Covilhã, etc.

Congregação dos Padres do Espirito Santo (segundo o decreto Hintze, *Associação dos Missionarios do Espirito Santo*). Em Lisboa, séde da congregação, está a procuradoria geral das missões do Espirito Santo de Angola e Congo; tem grandes collegios de instrucção primaria e secundaria em Braga, Porto e Ponta Delgada, uma escola agricola-colonial em Cintra, um seminario em Vallongo, etc.

Congregação de S. Francisco de Salles, ou salesianos (*Pia Sociedade de S. Francisco de Salles*, consoante o decreto Hintze). Pertencem-lhe as Officinas de S. José, em Lisboa; um seminario proprio da congregação na quinta do Pinheiro, S. Sebastião da Pedreira, a direcção pedagogica do Collegio dos Orphãos de S. Caetano, Braga; a Officina de S. José, Vianna do Castello, etc.

Ordem de S. Bento, ou benedictinos (*Associação de S. Bento*, conforme o decreto Hintze), mosteiros em Couto de Cucujães, Oliveira de Azemeis, Singeverga, e Santo Thyrso.

Ordem dos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus, com um hospital de loucos em Telhal (Rio de Mouro, Cintra) e uma residencia em Lisboa.

Congregação dos Missionarios do Coração de Maria, com uma residencia recente em Lisboa, casa em Aldeia da Ponte (á sombra da qual parece ter-se sujeito ao decreto Hintze) e direcção pedagogica da Officina de S. José do Porto.

Padres Dominicanos Irlandezes do Corpo Santo (que, por estrangeiros e subditos do rei de Inglaterra, foram poupados, quando da execução do decreto que extinguiu as ordens religiosas em Portugal, 1834), convento e egreja no largo do Corpo Santo.

Padres de S. Vicente de Paulo, ou lazaristas, com residencia em S. Luiz, rei de França, Lisboa, e com collegios noutros pontos (capital e provincia).

Entre as congregações femininas que se consagram á catechese, ao ensino primario e secundario, á hospitalidade de velhos e de enfermos, ao serviço de hospitaes, sanatorios, dispensarios, cosinhas economicas e enfermos nos domicilios, ás missões do Ultramar, em Africa e no Extremo Oriente, contam-se:

Congregação (ou Associação) de *Santa Dorothéa* (ensino primario e secundario, lavores, catechese), com casas em Lisboa, Porto, Covilhã, Guarda, Guimarães, Evora, Villa Real, Villa do Conde, Gava, Povoa de Varzim, etc.

Congregação de S. José de Cluny, ou Associação das Irmãs do Padroado Ultramarino (ensino primario e secundario, serviço em hospitaes, e asylos, missões africanas), estabelecida nos seguintes pontos: Lisboa, Carnide, Coimbra, Vianna do Castello, Braga, Guimarães, Angra do Heroismo, Ponta Delgada, Loanda, Mossamedes, Lourenço Marques, Inhambane, Mocambique, Quelimane, em missões do interior de Africa, etc.

Congregação das Irmans Franciscanas Missionarias de Maria, ou Associação das Missionarias de Maria (ensino primario, secundario e profissional, serviço hospitalar, missões africanas, orphanato, asylo de velhos, leproseria) em Lisboa, Braga, Lagos, Funchal, Meliapor, etc.

Congregação (ou Associação) *das Irmansinhas dos Pobres* (asylos de velhos de ambos os sexos), em Lisboa (Campolide), Porto e Funchal.

Congregação (ou Associação) *das Irmans Hospitaleiras dos Pobres por amor de Deus*, ou Trinas (ensino, serviço hospitalar, cosinhas economicas, enfermagem no domicilio, com séde em Lisboa e applicando a sua actividade em muitos pontos do paiz.

Congregação (ou Associação) *do Bom Pastor* (ensino, preservação e regeneração de raparigas), Lisboa e Porto.

Congregação (ou Associação) *das Irmans Terceiras Dominicanas* (ensino primario e secundario, sanatorios, dispensarios), em Lisboa, Bemfica (residencia da superiora geral) Porto, Braga, Setubal e Lagos.

Congregação (ou Associação) *de Nossa Senhora da Immaculada Conceição* (ensino), em Lisboa e Campo Maior.

Congregação (ou Associação) *das Irmans de S. Vicente de Paulo* (ensino, serviço hospitalar), estabelecida em Lisboa e n'outros pontos.

Congregação (ou Associação) *de S. Francisco de Salles*, ou irmãs salesias (ensino), Lisboa e Porto.

Muitas das associações creadas ao abrigo do decreto de 18 de abril são desdobramentos, succursaes, ramificações das que ficam levemente referidas e encontram-se disseminadas por numerosas cidades e villas do continente e das ilhas. As congregações de que se faz menção, e quasi apenas essas, constituem a poderosa força feminina que, directa ou indirectamente, coopera na obra do proselitismo catholico, auxiliando na sua tarefa as ordens e congregações de homens.

A funcção de outras collectividades religiosas de mulheres, reunidas em recolhimentos sob a invocação tutelar de qualquer ministerio, santo ou santa, e representativas, por assim dizer, de communidades entre nós extinctas, é secundaria, quer por deficiencia de organisação e de recursos, quer por falta de patrocinio das corporações masculinas que, de ordinario, teem equivalentes nas congregações femininas supra indicadas. Assim aos jesuitas correspondem as dorothéas: aos padres do Espirito Santo, as irmãs de Cluny: aos frades menores e aos missionarios do Coração de Maria, talvez as irmãs franciscanas missionarias e as trinas: aos lazaristas, as irmãs de S. Vicente de Paulo, etc.

Resposta a um Anonymo

Acabo de receber um bilhete postal illustrado com o retrato do sr. D. Manuel, lançado no correio em Miranda do Corvo e com as seguintes palavras:

« E' a este a quem deve obrigações e o que ganha. Anonymo. »

A parte a redacção, que demonstra saber o « Anonymo » tanto de grammatica como de civismo, a calligraphia não é má e indica a mão de alguem que alguma illustração possue, embora de cebo que não de verniz, isto é, d'esta illustração que se obtem passando em exames por empenhos, lendo livros e jornaes pornographicos, de moralidade e civismo suspeitos.

Comquanto me repugne responder a *anonymos*, desejo demonstrar a este que está em erro, nas affirmações que faz.

Portugal, tem ainda hoje 75 por cento de analphabetos, percentagem esta que a Monarchia tem mantido de proposito para se sustentar, certo como está de que um povo illustrada a não tolera, mormente com os seus processos de governo dos ultimos 30 annos.

Se não vejamos.

O rei, como chefe do poder moderador, nomeia e demitte livremente os seus ministros, só tendo no poder quem melhor o serve; a camara dos pares é na maior parte, da sua nomeação; e a camara dos deputados é eleita da seguinte fórma:

Os cofres publicos, que sempre estão exhaustos quando se trata de assumptos de interesse do povo, abrem-se de par em par sempre que ha eleições renhidas. Cada governador civil recebe 20 ou 30 contos de réis, conforme as difficuldades que tem de vencer; reparte essa quantia pelos administradores de concelho e chefes politicos locaes, segundo o mesmo criterio, e sem esquecer que quem parte e reparte...; os administradores de concelho e os seus alliados, os caciques, informam se do que mais preciso em cada freguezia: uma estrada, uma ponte, uma escola, uma fonte, um emprego. Tudo o governo *faz* mediante a votação. A opposição offerece mais, mas o governo tem a faca e o queijo e por isso cobre o lanço, embora depois nada faça.

Os eleitores tambem ás vezes são exigentes: só dão o voto a quem lhes livrar um filho ou emprestar 150$000 réis. E os mais felizes são attendidos.

Quando acaba o dinheiro, vem a força armada; e se isso é preciso para o governo vencer, prendem-se os eleitores da opposição, privando-os de votar.

Se ha algum cidadão digno que se não presta a este infame papel, esse tem sempre um abysmo aberto, porque as suas garantias estão dependentes d'um denunciador calumnioso; todas as leis são sophismaveis e a vingança ha de exercer-se.

A uns vence-os a bolsa, a outros a espada, a outros o medo da vingança.

Quem resistirá a tanta pressão do governo?

Serão os analphabetos que ignorando para que serve o voto não iriam á urna se os não mandassem, e que, além d'isso não sabem quem governa bem nem quem governa mal?

Ou serão os cidadãos instruidos e civicamente educados que tiverem a noção perfeita de que um voto pode perder ou salvar a Patria, e que, portanto, sacrificarão até a propria vida para que o seu voto satisfaça a propria consciencia?

Evidentemente são os ultimos. A Monarchia sabe-o, e por isso evita-os, mantendo a todo o custo o analphabetismo.

Mas, sendo eleitos os deputados do governo, são eleitos os inimigos do povo, porque são eleitos homens que não são recommendados pela sua competencia, intelligencia ou saber, mas sim aquelles que ao governo prometteram mais completa obediencia.

E, assim, o pa lamento é o que o governo quer; em ultima analyse o que o rei quer; faz o que ambos querem, quer a nação queira, quer não.

E' um parlamento fingido; é um absolutismo mascarado.

D'aqui provéem todos os males da Patria. Os rendimentos publicos são absorvidos por adeantamentos e esbanjamentos de toda a especie; as leis são feitas por incompetentes, só interessam á facção politica dos governos que as fazem e por isso caem com estes; não temos exercito nem marinha; os problemas de agricultura, do commercio e da industria continuam sem solu-

Transcrição de um artigo publicado no jornal "A Lanterna", sobre os jesuítas. O "Commercio da Louzã" pedia "um trabalho persistente e seguro de todos os liberaes", para conjurar o perigo que em seu entender advinha da "tenebrosa seita".

Na rectaguarda do prestito seguia um grande numero de pobres a quem foi distribuida uma esmola".

O número 16, de 24 de Julho de 1909, abria com a transcrição de um artigo publicado no jornal "**A Lanterna**", e que tratava dos jesuítas (Nota 13). Eis a justificação do recurso à "**Lanterna**", e para este assunto específico:

"A actividade em que ultimamente tem entrado o elemento clerical reaccionario, para dominar no paiz e reconquistar o poderio, de absoluta supremacia que teve em eras passadas, pede um trabalho persistente e seguro de todos os liberaes, para conjurar o tenebroso perigo que ameaça a sociedade portugueza.

Uma recente publicação, *A Lanterna*, considera e bem, que para uma acção de luta contra esse perigo, contra o ultramontanismo, se torna necessario divulgar, tornar conhecida a organisação da tenebrosa seita. E dá n'esse capitulo, notas bem curiosas e que pelo muito interesse que teem, aqui archivamos em transcripção". (Nota 14)

ALFREDO Filippe de Mattos, colaborador do jornal, respondia a um "*anonymo*" que lhe enviara postal lançado no correio em Miranda do Corvo. O postal era ilustrado com o retrato de D. Manuel, e acompanhado de parcos dizeres: "*É a este a quem deve obrigações e o que ganha. Anonymo*".

Alfredo Mattos foi bem menos parco nos comentários que lhe suscitou a recepção de tal "*brinde*", mal escrito talvez propositadamente, pois a caligrafia até que nem era má. Fosse como fosse, o pretexto vinha a calhar para lembrar os setenta e cinco por cento de analfabetos ainda existentes em Portugal, "*percentagem esta que a Monarchia tem mantido de proposito para se sustentar, certo como está de que um povo illustrado a não tolera*".

O colaborador respondeu, neste número, apenas à primeira parte da frase manuscrita no postal — "*É a este a quem deve obrigações*".

A resposta ao vaticínio ganhador do monarca deixá-la-ia para a edição seguinte.

JORNAL DEVOLVIDO POR 9 ASSINANTES

POR mais imparcialidade tentada na descrição dos factos ocorridos a 11 de Julho, a verdade é que houve assinantes que reagiram mal. Alguns marcaram o seu protesto devolvendo o "**Commercio da Louzã**":

"Com a exposição que fizemos dos acontecimentos de 11 do corrente, foram-nos devolvidos 9 jornaes.

Achamos pouco, attendendo á má vontade com que foi recebido o nosso primeiro numero.

Para demonstrarmos o que ha de verdade a este respeito basta dizer se que apenas o escrivão do 1º officio nos tem dado para publicar os annuncios do seu cartorio.

E para se avaliar a imparcialidade com que os outros senhores estão procedendo para com o pobrantana do nosso semanario é passar a vista pelas

colleções dos jornaes da 'Louzã' e 'Louzanense' e lá verão annualmente 25 a 30 mil reis de annuncios, para ajudas de custo...

É que aquelles um era rotativo e outro franquista e o nosso, não designando a politica que segue, alcunham-no de republicano. Deixa-los falá-los..."

E ainda uma saborosa rectificação, concernente à reportagem do comício de 11 de Julho:

"No extracto que publicámos do discurso do sr. Alfredo Filippe de Mattos, professor no Freixo, na phrase que citou, do sr. João Franco: 'Portugal é uma nação com um povo illetrado e sem tradições parlamentares' — saiu illustrado em vez de illetrado. Aqui fica a rectificação".

"**Etraud**." parecia pegar na palavra a Filippe de Mattos, nas "Considerações Annalyticas" feitas na edição 17, sobre os "*tumultos da Louzã*". Pegar no analfabetismo das gentes portuguesas, mal maior contudo para a "*pessima educação*" dos governantes:

"O mal maior, causa de todos os outros, é a pessima educação dos lettrados que dirigem, e não a bruteza natural e primitiva dos dirigidos. O povo analphabeto é, em todo o Portugal, quem melhor cumpre os seus deveres para comsigo e com a Patria, sendo phisicamente forte, pagando os seus pesados impostos, trabalhando de sol a sol, respeitando docilmente a ordem, e emigrando para manter longe a supremacia da nossa lingua e da nossa raça!!

Mas o povo tem dado o seu voto aos caciques locaes e assim tem contribuido real e profundamente para prolongar a sua lamentavel mizeria".

Etraud citava aqui trechos de uma "*conferencia notabilissima*" que Agostinho de Campos, então director do "**Diário Ilustrado**", proferira nos idos de 1903.

"ACABAR COM O PRIVILEGIO DE SÓ AOS RICOS SER PERMITTIDO SABER LER"

A 1 de Agosto, a "*instrucção*" na Lousã ficava bem classificada, fosse no sector das crianças, fosse no dos mais crescidos, agora despertos e com condições de aprender as letras que seus pais não puderam mandar que lhas ensinassem...

"Na segunda feira teve logar na escola Conde Ferreira desta villa a conclusão dos exames do 1º grau deste concelho, que decorreram da seguinte forma:

Felismina Serrano Correia, optima
Laura da Conceição Baeta Pires Serra, optima
Antonio Henriques dos Santos, optimo
Ignacio Antonio Lopes, optimo.

Ás duas meninas, que foram habilitadas pela professora particular a exma. srª D. Elisa Augusta de Sá os nossos parabens.

Aos srs. Antonio Henriques e Ignacio Lopes que, attendendo ao enorme sacrificio que fazem para aprender agora o que seus paes lhe não poderam mandar ensinar, as nossas sinceras felicitações.

Estes dois cavalheiros foram leccionados pelo sr. Francisco Pereira Correia de Seixas que, diga-se em abono da verdade, é o professor a quem a Instrução mais serviços deve na Louzã porque foi elle quem acabou aqui com o privilegio de só aos ricos ser permittido saber ler...". (Nota 15)

CHEFE DA ESTAÇÃO TRANSFERIDO, POR TER VESTIDO UMA FILHA DE ENCARNADO

OS acontecimentos de 11 de Julho continuaram a merecer destaque na edição 18, de 9 de Agosto. A chamada ao assunto originada agora pela transferência compulsiva do chefe da estação do caminho de ferro da Lousã para os confins da Beira Baixa, e tudo porque o nome de Manuel Neves aparecera mencionado nas páginas do jornal "**O Portugal**" como tendo tomado parte no comício republicano (Nota 16). O que o "**Commercio da Louzã**" asseverava ser redonda mentira. O caso era outro — o chefe da estação em má hora se lembrara de vestir uma das suas filhas de encarnado, e de a mandar entregar um ramo de flores ao Centro Republicano:

"**Manuel das Neves** — Retirou da Louzã, este nosso amigo muito considerado chefe da estação do caminho de ferro, que aqui esteve alguns annos, contando nesta villa muitos amigos e admiradores do seu bello caracter como homem honradissimo e bom chefe de familia, pelo que era geralmente estimado.

Manuel das Neves foi victima do odio reaccionario, como está provado e toda a gente o sabe, pelo facto de elle vestir uma das suas meninas, de encarnado, e de lhe dar um *bouquet*, que ella offereceu ao Centro Republicano Ramada Curto, por occasião da vinda á Louzã dos excursionistas de Coimbra, a maior parte republicanos, que acompanharam a Direcção do referido Centro, que veio inaugurar o Centro Progresso, d'esta villa numa casa do sr. Bernardino Padilha, junto da estação ferro-viaria.

Parece mentira... Foi para a estação de Fratel, para a Beira Baixa, onde quasi sempre se anda de *borracha á cinta* e *contas na mão*".

Etraud desafiava o povo da Lousã a aprender a Liberdade, a pretexto da perseguição agora movida ao chefe da estação:

"E se acaso, para isso, temeres que te possa succeder o que agora aconteceu a Manuel das Neves, lembra-te de Jesus e dos martyres que mereceram a glorificação e adoração do mundo, por quebrarem as correntes da tyrannia e da opressão.

Lembra-te de que aquelles que concorreram para que Manuel das Neves agora exerça a sua actividade, no isolamento d'uma serra da Beira Baixa, poderão suppôr que elle, triste e acabrunhado, se tenha arrependido de haver enviado um ramo de flôres aos apostolos da Republica.

Mas quanto se enganam. A sua consciencia, clara e limpa, fa-lo-ha porventura acalentar o seu ideal com mais acrisolada fé e extremada dedicação, cumprindo os seus deveres.

Por isso, mais uma vez, aprende a ser livre, oh! povo da Louzã".

NESTE número iniciara-se a publicação de uma série de crónicas da autoria de "**Gilberto**", subordinadas ao tema "**Capital e Trabalho**", crónicas transcritas do jornal "**O Povo de Santa Clara**".

E reportava-se a realização de um comício republicano em S. Pedro d'Alva:

"Foram muitissimo acclamados os oradores que no dia 1 do corrente mez tomaram parte naquelle comicio, os srs.: drs. Antonio José d'Almeida, Fernandes Costa, Feio Terenas, Alfredo de Magalhães, e o academico sr. José Cardoso, lendo-se no alludido comicio muitos telegrammas de adhesão, dos seus correligionarios.

O *pae do vinagre*, que se manifesta sempre estupidamente, com especialidade na pobre gente que se presta a fazer desordem, sem saber para quê, ainda se salientou, fazendo com que os desordeiros com as gargantas avinhadas, dessem vivas ao sr. *Oliveira Mattos*, a *Jesus Christo*, á *Monarchia republicana*, etc., etc., e outras baboseiras de egual jaez; faltaram só dar vivas á viuva do padre Antonio Vieira...

Foram contidos pelas forças d'infanteria 23 e cavallaria acompanhadas do comissario de policia de Coimbra e tenente do exercito sr. Chrystovam Ayres.

Em S. Pedro d'Alva não houve pedradas; na Louzã houve..."

"LIBERDADE OU MORTE! ESCOLHEI!"

NO número 19, a primeira página preferia rechear de encómios a decisão da Câmara de Coimbra, de cobrir a cidade com uma rede de eléctricos. A "*política*" caía para a página três. O tom duro do manifesto recebido do Porto, e que "*da melhor vontade publicamos*" talvez justificasse a prudência de se não escancarar em página primeira.

Era dirigido "*aos homens livres*" e "*às pessoas de caracter*"; como qualquer manifesto que se preze, não havia por ali meios termos:

"Os derradeiros successos da politica — essa baixa, obscena e degradante politica portugueza — não podem senão determinar a mais agradavel emoção de contentamento no espirito de todos os homens livres de Portugal. Extremaram-se os campos, enfim, delimitaram-se as fronteiras.

Cahiram as mascaras, e os rostos surgiram nús e claros ante a luz vivificante do sol. A um lado, a Reacção — do outro, a Liberdade. A uma banda, o Retrocesso — da outra a estrada aberta ao Futuro".

A hora era de "*lucta implacavel*", e só havia duas trincheiras como opção:

"Ou ser por nós, ou ser contra nós. Ou ser pela Liberdade, pela Razão, pela Justiça, ou ser pela Rotina, pela Intolerancia, pela Escravidão. Ou ser pelo Livre Exame, ou ser pelo Dogma. Por Roma ou pelo Mundo. Pela Civilisação ou pela Barbarie".

O manifesto fechava de forma dramática:

"Os campos de lucta ei-los delimitados enfim, liberaes! A hora presente é a hora das resoluções supremas. Ou esmagamos ou nos esmagam a nós. Liberdade ou morte!

Escolhei!"

Mais acima na página, uns versos de Joaquim Gomes pareciam rir-se do tom inflamado do manifesto vindo do Porto:

"É que a Morte, mal a hora é decorrida, / Ceifa sem hesitar a nossa Vida / Assim passada atraz de vãos ideaes"...

POR CADA PEDRA, UMA BALA

AO virar das vinte edições, o "**Commercio da Louzã**" retornava aos acontecimentos de 11 de Julho, de novo com dignidade de primeira página. O articulista, assinando "*Um adversario vosso*", não era adversário do jornal, mas dos "*arruaceiros da Louzã e de Braga*". É que o exemplo da Lousã se repetira com excursionistas republicanos viajando entre Porto e Braga.

Os autores das pedradas eram, nesta crónica, apodados de "*audacia selvaginea*", e anatemizados de "*infames*".

E atenção, porque as pedras podiam começar a ricochetear em balas...

"Sempre vos digo, em remate d'este punhado de verdades, que d'ora avánte, na pratica de scenas identicas, não vos podeis admirar se a cada pedra vos responder uma bala. É mesmo do que precisaes, tanto como qualquer bandido".

Noutra página, os acontecimentos de Braga apareciam transcritos através de prosa publicada em "**O Debate**", órgão do partido regenerador. A conclusão ficava a cargo do "**Commercio da Louzã**":

"Vê-se por este artigo que a gente séria de Braga reprovou as selvagerias praticadas por alguns discolos daquella cidade, ao passo que os jornaes reaccionarios e alguns, que se dizem liberaes, exultaram com o apedrejamento do comboio e outras brutalidades, a que o illustre collega de Braga, muito justamente, chamou *Façanha Ingloria*".

A rubrica "**Capital e Trabalho**" ia no seu terceiro capítulo; "**João Ninguem**" regressava com a sua habitual crónica "**Beliscando**", beliscos desta feita a morderem jesuítas e frades. O cronista pedira ajuda ao reverendissimo Luiz Gaspar Alves Martins, autor do livro "**Liberalismo desenvolvido**", datado de 1823.

E, cumprida que fora a citação da obra, "**João Ninguém**" interpretava:

"Leram? Comprehenderam? Sabem agora o que Elles querem?

A Inquisição, para se refastelarem de monstruosos assados de carne humana; a forca, para emquanto arrotam e digerem o *pitéu*, se divertirem com as comicas caretas dos liberaes, pendurados pelo gasnete numa boa e solida corda de esparto".

E, para quem objectasse que os tempos eram outros, que 1823 já lá ia há quase 90 anos, "**João Ninguém**" tinha resposta pronta:

"Não me venham dizer que o que acima transcrevo foi escripto em 1823, porque os jesuitas e os frades são os mesmos ainda, com os seus estatutos, regras, fins, crenças, rancores, odios immutaveis".

Um autêntico libelo anticlerical, com brutais avisos e uma exortação a fechar:

"Mães! Os frades querem queimar vossos filhos, por crêrem no Deus do Amor e da Justiça e não no Deus (o d'elles) do Odio e da Ferocidade, ou por serem livres pensadores.

Paes! Os jesuitas querem enforcar vossos filhos, por terem amor pela Liberdade e pela Verdade e abominarem a Opressão e a Mentira. (...)

Se amaes os vossos filhos, exterminae, escorraçae o jesuita e o frade; não lhes deis poder para ellles estrangularem os vossos filhos, a carne da vossa carne, o sangue do vosso sangue, a materialisação do vosso amor".

A saga do 11 de Julho ainda não findara no "Commercio". Desta feita era o proprietário do jornal que vinha à liça contar escaramuça com o proprietário da Hospedaria da Avenida da Estação. Júlio Ribeiro dos Santos engalfinhara-se com o hoteleiro, por este ter afirmado que os prejuízos das pedradas de dia 11 deveriam ser pagos pelos *"canalhas que nós para cá mandámos vir"*.

Os ânimos exaltaram-se, os dois homens estiveram quase a entrar em vias de facto, mas foram apartados por amigos e familiares. Ribeiro dos Santos jurou nunca mais falar com Fernandes Carranca: "Se não pudéssemos aqui viver sem o seu auxilio, preferiamos mudar de terra a sujeitarmo-nos a taes *exemplos de civismo*".

De toda a questiúncula deu nota no jornal de sua propriedade.

A rubrica "**Capital e Trabalho**" continuava a debruçar-se sobre a divisão dos lucros, tendo ao lado os "**Versos d'um Operario**", proferidos *"pelo intelligente operario sr. Libanio da Silva, de Lisboa, na inauguração d'uma escola liberal, na Amadora"*:

"Nasce mais uma escola! Um baluarte mais
se eleva a combater a treva, a reacção.
Ao mal opondo o bem, ao erro a instrucção,
e aos dogmas sobrepondo humanos ideaes!

Ás almas a expandir das creanças do povo,
do grande productor que é tudo e não é nada,
fazer-lhes antever a fraterna alvorada
que acordará a terra ao som dum credo novo!"

A 24 de Setembro, a primeira página era dedicada à "**Viagem do Rei ao Estrangeiro**". Oportunidade para desancar no monarca, e nos jornais afectos ao regime, que da viagem tratavam com *"certo carinho e enthusiasmo"*:

"Não nos admira este singular modo de vêr, das hostes que hoje se esforçam por evitar a queda tragica e desastrosa, d'uma monarchia carcomida de vicios e degradações, e consequentemente o desapparecimento dos seus inconfessaveis interesses, na voragem duma tremenda derrocada".

O rei era considerado *"rapaz inexperiente, subtrahido ao conhecimento integral da vida social moderna, e sobre tudo total e inteiramente envolto num apertadissimo cerco de perniciosa influencia moral e civica"*; e a viagem parece que corria mal...

"Sabe-se apenas que a sua viagem tem sido um grande e vergonhoso desastre e que a sua pessoa tem sido amargamente discutida, de envolta com os seus conselheiros, cuja fama de pueris e imprevidentes vai correndo mundo com incrivel velocidade".

O "Commercio" não perdoava ao *"jeune roi"* as suas deambulações parisienses *"entregue a festas, passeios, caçadas, noites de theatro, metade distrahidas no camarote presidencial, metade passadas nos camarins das actrizes e nos boudoirs das bailarinas"*.

Director e administrador — Antonio Cruz Alves dos Santos

Proprietario — Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetição, 20 réis por linha. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

Annunciam-se gratuitamente todas as publicações offerecidas a este jornal

1.º anno — N.º 17 — Domingo, 1 de Agosto de 1909

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLÍCA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200 réis; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis: BRAZIL e AFRICA: anno, 2$500 réis; semestre, 1$200 réis
PAGAMENTO ADIANTADO — Numero avulso, 50 réis

BIBLIOTECA MUNICIPAL — DO — CONCELHO — LOUZÃ

Ainda os Tumultos da Louzã

CONSIDERAÇÕES ANNALYTICAS

Não é senão á custa de fadigas incessantes e duma persistencia de trabalho enorme, investigando, analysando, prescrutando, com razão clara e consciencia limpa, que se consegue muitas vezes alcançar o conhecimento perfeito da causa efficiente dos phenomenos sociaes.

Effectivamente, separando-os, dividindo-os, decompondo-os, obrigando-os a revelarem-se na persistencia dos seus effeitos e resultados, é que se pode conseguir vêr bem o que são e significam.

Desgraçadamente porém, nesta boa terra portugueza, ha muita gente que olha e não vê; ha tambem muita que vê e não observa; e ainda outra — e esta é aquella que sobremodo e essencialmente se torna nociva e prejudicial — que olha, vê e observa e systematicamente não quer *olhar, nem ver, nem observar.*

E é neste não querer ver, nem observar systematico, que teremos de fundamentar a razão originaria dos tumultos de 11 de julho.

E já agora, releve-se-nos a ousadia, façamos a demonstração desse fundamento com palavras duma das melhores intelligencias do partido regenerador-liberal, pois se, por um lado, deste modo nos tornaremos insuspeitos, por outro, calarão mais fundo, certamente, no animo dos politicos em evidencia da Louzã, essas verdades, se por ventura nos derem a suprema honra de as ler.

* * *

Em dezembro de 1903, realizou em Lisboa uma conferencia notabilissima, o dr. Agostinho de Campos, então intilligente director do *Diario Illustrado* e professor do lyceu e hoje conselheiro e Director Geral de Instrucção, conferencia subordinada ao thema: — *Analphabetismo e Educação.*

Tamanho poder de verdade nella divisei que não resisti á tentação de archivar o seu extracto. E em boa hora o fiz pois me serve hoje para demonstrar aos louzanenses a causa da agitação politica que, não só ha dias se manifestou nesta villa, mas que lavra fundo em todo o paiz.

Fala o sr. dr. Agostinho de Campos:

— « A parte pensante e dirigente do paiz é uma emanação das classes medias, geralmente politicos de profissão. Ora taes classes são solicitas na denuncia do argueiro que impede o povo de ver bem, mas incapazes de dar pela existencia da trave que lhes atravanca inteiramente os proprios olhos.

. . . . . .

O mal maior, causa de todos os outros, é a pessima educação dos lettrados que dirigem, e não a bruteza natural e primitiva dos dirigidos.

O povo analphabeto é, em todo o Portugal, quem melhor cumpre os seus deveres para comsigo e com a Patria, sendo phisicamente forte, pagando os seus pesados impostos, trabalhando de sol a sol, respeitando docilmente a ordem, e emigrando, para manter longe a supremacia da nossa lingua e da nossa raça!!

. . . . . .

Mas o povo tem dado o seu voto aos caciques locaes e assim tem contribuido real e profundamente para prolongar a sua lamentavel miseria.

E em quem havia elle de votar senão naquelles que conhece, ou nos que são conhecidos deste, e por elle recommendados? O povo cumpriu o seu dever, confiando; os outros, os lettrados enganaram-no e trahiram-no. E o mal não está em quem praticou a confiança, que é um aspecto de fé, e portanto uma virtude, não só cardial, mas social e politica; o mal está nos que, pervertidos por uma falsa educação, abusaram daquella confiança, em proveito dos seus sordidos interesses ou das suas vaidades imbecis.

E' certo que, se o não tivessem mantido na absoluta ignorancia, o povo não se teria deixado enganar tão facilmente. Mas a instrucção primaria que temos — e as actuaes classes medias são politicamente, financeiramente e pedagogicamente incapazes de a fornecer melhor — com a instrucção primaria que temos não se poderá abrir os olhos ás massas profundas da nação.

. . . . . .

Ora a origem da enorme differença (entre Portugal e outras nações) está em que, para que o povo possa ser devidamente instruido e sobretudo educado (para se não darem factos como os de 11 de Julho) é preciso que as classes medias e dirigentes, *politicos de profissão*, se habilitem primeiro a fornecer, em vez de parasitas desmoralisados e desmoralisadores, homens de saber, de acção e de caracter, homens de trabalho especialisado e de governo capazes, por um lado, de crearem sciencia e riqueza, e por outro, de utilisarem a riqueza fecundante e de propagarem a sciencia com sinceridade ».

Para que transcrever mais? A transcrição que ahi fica, basta-o é sufficiente para justificar e provar a origem e a causa por que se apedrejaram casas na Louzã e praticaram tantos outros actos selvagens.

E' a fundamental questão: ha gente que olha, vê e observa esystematicamente e criminosamente não quer olhar, nem ver, nem observar, visto como os republicanos de Coimbra iam á Louzã dizer aquillo que, tão solemne e honradamente havia dito já, entre outros, um grande vulto franquista.

Pobre povo inconsciente, mas bom, quanto te lastimo!

Politicos de má fé, criminosos tacitos, caciques passivos e imbecis, como vos abomeço!

Etraud.

Guerra ingloria

Lêem-se nas entrelinhas das noticias de Hespanha, relativas á guerra em que a nação visinha está empenhada no norte da Africa, noticias concisas a que a censura procura tirar todo o effeito desagradavel dos recontros sanguinolentos e desvantajosos para as armas hespanholas, quanto esta guerra é impopular e odiosa aos olhos do povo *hermano*, que de um dia para o outro se vê embarcado numa aventura de conquista, prenhe de riscos e desprovida por completo de imagens enganadoras de compensações futuras a tirar, mesmo no caso mais feliz de uma victoria final definitiva.

Inopinadamente surprehendido a meio do trabalho lento mas perseverante da reorganisação das suas forças economico-financeiras, mal apagadas as lagrimas e ainda hiantes as feridas recebidas na guerra hispano-americana, depois da recente perda total dos seus ricos dominios coloniaes, tem razão talvez o povo hespanhol em insurgir-se ao ver-se forçado a trocar pelos acampamentos de Mellila, as officinas e os campos, onde num labutar não menos glorioso procurava refazer-se dos desastres ultimos, tão dignamente supportados.

Ainda se ao menos houvesse uma razão de ordem moral, forte, poderosa, daquellas que fallam e se impõem á alma collectiva das multidões, um ultraje sangrento á honra nacional a vingar, uma *révanche* alimentada de odio de raça a tirar, interesses vitaes a defender..

Mas não, nada d'isto existe nem mesmo a divergencia de religiões suscita uma causa a esta guerra inoportuna, para a qual nem Christo nem Allah são chamados, podendo S. Tiago continuar com a espada na bainha a dormir o seu somno eterno, sem que o seu nome seja invocado agora nos barrancos de Mellila, como em outros tempos o foi na planicie árida de Alcacer-Kibir.

Batiam-se outr'ora os francezes pela gloria pura e simples, os portuguezes pela patria, e os hespanhoes cavalheiro amente por tudo o que fosse nobre e generoso; hoje batem-se por nada, por um erro de politica, por uma falta de ponderação, que talvez os arraste ingloriamente a um desastre identico ao que os italianos ha poucos annos levados por espirito de conquista e por uma politica de aventuras, encontraram em Adona, na Abyssinia.

E' talvez por isso que a guerra faz levantar gritos de protesto, que os soldados marchem a custo por entre a multidão que procura rebelos e que é nullo o enthusiasmo bellicoso dos que partem e vão expôr a vida sem bem saber por quem nem porquê, sem enthusiasmo, atacando e defendendo-se mechanicamente, por puro instincto de conservação.

Semi selvagens os riffenhos, rebeldes a todas as tentativas de civilisação, ou lhes seja imposta pelas armas ou lhes seja endereçada pela penetração pacifica, altivos na sua independencia feroz, destemidos e ousados, esses sabem bem por que se batem e por que causa afrontam a morte. Luctam pela liberdade que comprehendem a seu modo, defendem a sua terra abrasada que nem por isso amam menos combatem pelos seus costumes barbaros a que não querem renunciar, morrem pela sua patria invadida por aquelles mesmos que os expulsaram em idos tempos dessa peninsula rica e de dôce clima, que não mais pisarão.

E combater por ideias de tanta grandeza, por idiaes tão nobres, dá ás *mehalhas* riffenhas uma força moral irresistivel, a que o troço de exercito hespanhol terá que oppôr a superioridade de armamento, de disciplina e de moderna sciencia da guerra.

Quanto a enthusiasmo, esse brilhará pela ausencia nas fileiras, porque nellas se segredará que ali se morre defendendo apenas os interesses mercantis de uma mina qualquer em exploração...

C. C.

Um sujeito calvo acaba por enfadar uma creança da casa com os seus conselhos:

« Faze isto, faze aquillo, etc. »

A creança, passando a mão pelos cabellos.

— Pois bem! faze tu isto!

Rega das ruas

Já por mais d'uma vez nos temos occupado de tão importante assumpto, pedindo encarecidamente á Exma Camara para mandar regar as ruas da Villa, pois que sendo na sua maior parte macadamisadas e com o movimento de carros vindos da estação ferro-viaria, torna-se d'esta forma impossivel o transito, andando os transeuntes constantemente envolvidos em grossas nuvens de poeira.

Não sabemos qual a rasão que leva a nossa edilidade a tal procedimento. Mas se é para não dar importancia ás nossas reclamações, fazem mal, porque o resto dos munícipes em nada tem culpa do odio que os nossos camaristas, á excepção do sr. Presidente, botam ao nosso jornal.

Acima das questões pessoaes, devem estar sempre os interesses do publico; para nós nada pedimos, e pensamos assim:

— Quanto mais mal nos fizerem, menos favores lhes ficamos devendo, não deixando todavia os nossos creditos por mãos alheias.

Resposta a um Anonymo

Demonstrámos no nosso artigo anterior o erro grosseirissimo em que labora o anonymo que nos affirmou, referindo-se a D. Manuel: « E' a este a quem deve obrigações... »

Hoje vamos demonstrar, visto que assim o promettemos, que o mesmo anonymo labora ainda em erro mais grosseiro quando conclue: « ... e o que ganha. »

Com effeito, o dinheiro com que o Estado remunera o trabalho dos empregados publicos não provém generosamente das fontes auriferas que o Rei, porventura, possua; provém, sim, das contribuições que todos pagamos, por signal bem desproporcionalmente. O proprio Rei é, como nós, um empregado publico e, como tal, recebe a sua lista civil ou ordenado.

Como é, pois, que nós devemos ao Sr. D. Manuel o que ganhamos?

Chegamos a envergonhar-nos de ter dado alguma importancia a semelhantes dislates!

Não mereciam resposta, mas ella é precisa. Quando ha quem taes coisas diga, tendo alguma instrucção, como não hão de pensar os desgraçados a quem a ignorancia cega inteiramente o espirito? A quem de proposito não ensinaram a ler para taes mentiras acreditarem e manterem como dogmas?

Talvez a alguns d'esses infelizes a quem a Monarchia tornou inuteis para si e para a Patria tenham a sorte de vir a conhecer este pouco de luz e verdade.

Só esta esperança nos anima a proseguir.

O que os empregados publicos, pois, recebem desde o humilde can-

Os acontecimentos de 11 de Julho continuavam a merecer destaque de primeira página.

Director e administrador
Antonio Cruz Alves dos Santos
Proprietario
Julio Ribeiro dos Santos
Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ
PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.
Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

1.º anno — N.º 18 — Segunda-feira, 9 de Agosto de 1909

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLÍCA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis
— PAGAMENTO ADIANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL — DO — CONCELHO DA LOUSÃ

MANUEL DAS NEVES

Ex-chefe da estação da Louzã

E' minha convicção intima que, no espirito de alguns homens d'esta terra, *et peut-etre aussi, dans les de leur femmes*, existirá a estas horas, certa satisfação e contentamento fundamentado na saida d'esta villa, do ex-chefe da estação do caminho de ferro, Manoel das Neves.

E' tambem ainda minha convicção plena que, d'entre esse numero, alguns se arrogarão de espiritos cultos, possuidores de illustração e educação; ricos, poderosos, e quiçá felizes: outros, quem sabe? mas naturalmente desgraçados, gemendo mizerias e dôres, sob o peso esmagador d'um trabalho extenuante para adquirir o pão de cada dia, e... o bem estar e riqueza dos primeiros.

A todos estes, e somente para elles neste momento me dirijo, e permittam que lhes assevere que essa satisfação, esse contentamento, representa a ausencia completa e profunda dos mais simples sentimentos de humanidade, e denuncia-nos almas vis e mesquinhas, corações rancorosos e vingativos.

Em verdade a transferencia de Manuel das Neves, representa um castigo. E que fez elle para o merecer?

Não foi elle aqui sempre digno e bemquisto? Não exerceu elle porventura, sempre rigorosamente os seus deveres? Quem, com dignidade e honra, será capaz de o accusar de falta de zêlo pelos interesses da Companhia de que era e é funccionario, e os do publico?

Mas então de que foi accusado para merecer o castigo da transferencia?

De tomar parte no comicio republicano de 11 de julho ultimo? Mas isso não exacto. Toda a gente bem intencionada sabe como foi o seu procedimento nesse dia. Sua ex.ª o sr. Dr. Carlos Sacadura, d'esta villa, foi o proprio que, perante o Inspector geral da Companhia, sr. José Augusto Ferreira, se compromettêu a fazer o desmentido e rectificação de affirmações feitas em o *Portugal*, affirmações que o davam como culpado de determinados factos menos verdadeiros, — rectificação que já agora é bom accentuar — sua ex.ª ainda não fez.

Seria, então por acaso, o facto de mandar uma sua filha levar um ramo de flôres ao Centro Republicano?

Mas não tinha elle oito horas de folga fóra das suas attribuições officiaes, e não podia porventura durante esse tempo proceder consoante os dictames da sua consciencia, livre e independente?

Mas então não lhe assiste o mesmo direito que a outros assiste para serem franquistas, reaccionarios, livres pensadores, etc., direito que as nossas leis garantem?

Não é acaso politico o sr. conselheiro Vasconcellos Porto, que lhe infligiu o castigo, e como tal não tem tomado parte em centenares de manifestações politicas? Pois a sua ex.ª não consta que por isso lhe fossem impostos castigos se bem que sua ex.ª seja tambem empregado da mesma Companhia.

Ah! que eu só descortino aqui d'um lado, almas vis e mesquinhas, corações rancorosos e vingativos, tyrannia e oppressão, do outro a fraqueza espesinhada, mas aureolada de justiça.

E agora, oh! povo da Louzã, tu és religioso, não é verdade? Sim! Tu és religioso. Tens a noção simples, mas sã da sacrosanta doutrina de Jesus.

Has de certamente, ter ouvido junto dos altares as predicas dos teus pastores. Sabes por isso, os motivos que levaram esse doce Jesus da Galilêa, a ser crucificado como um vil criminoso no alto de uma montanha. Sabes tambem os martyrios que soffreram os continuadores da obra sublime d'esse crucificado. Os rios de sangue e de lagrimas derramados, os padecimentos e martyrios dos primeiros christãos.

Terás ouvido narrar que esses primeiros christãos eram lançados ás féras, queimados e enterrados vivos, martyrisados e vilipendiados, opprimidos e esmagados. E que elles, conscientes da pureza da doutrina do Mestre, tudo soffriam com resignação e amor, aspirando mesmo a gloria dos padecimentos, para sua maior dignificação.

Pois bem, se Jesus de Nazareth, foi o propulsor e iniciador da santa doutrina que torna os homens eguaes, condemnando a tyrannia e a oppressão, se os primeiros christãos foram os paladinos que, á custa do martyrio, levaram a toda a parte a difusão d'essa doutrina, base do amor da harmonia, da fraternidade, elles foram revolucionarios, elles foram essencialmente republicanos.

Se Jesus e os seus primitivos continuadores, combateram por meio da palavra os phariseus que opprimiam e esmagavam os fracos e os humildes, certamente hoje escorraçariam aquelles que, ricos e poderosos, não recuam calcar os direitos dos humildes filhos do povo, só para satisfazer seus caprichos e vaidades.

Lembra-te pois, oh! povo, de Jesus! Afasta-te dos tyrannos que elles, apenas pretendem a conservação da tua ignorancia origem da tua desgraça, para servem e utilisam, e te mostram por isso alguma affeição, amanhã te esmagarão se porventura os ferires ligeiramente nos seus interesses, ou nas suas vaidades.

E o que seriam elles sem ti? Nada. Aprende, pois a conhece-los, oh! povo!

E se acaso, para isso, temeres que te possa succeder o que agora aconteceu a Manuel das Neves, lembra-te de Jesus e dos martyres que mereceram a glorificação e adoração do mundo, por quebrarem as correntes da tyrannia e da oppressão.

Lembra-te de que aquelles que concorreram para que Manuel das Neves agora exerça a sua actividade, no isolamento d'uma serra da Beira Baixa, poderão suppôr que elle, triste e acabrunhado, se tenha arrependido de haver enviado um ramo de flôres aos apostolos da Republica.

Mas quanto se enganam. A sua consciencia, clara e limpa, fa-lo-ha porventura acalentar o seu ideal com mais acrisolada fé e extremada dedicação, cumprindo os seus deveres.

Por isso, mais uma vez, aprende a ser livre, oh! povo da Louzã

Etraud.

Dr. Guilherme Franquera

Se formos a ennumerar os desgostos que ultimamente têm assolado o lar d'este illustre cidadão, não podemos deixar de incommodar aquelles que de perto vivem com sua ex.ª, e que vêem nelle não só um medico distincto mas tambem um disvellado protector da pobreza.

Ha mais de quatro mezes que uma pertinaz doença causada naturalmente pela persistencia do seu trabalho o inhibe do convivio franco e leal com o povo e após a sua doença a de sua menina mais nova, que mais lhe redrobou o mal. Logo que se encontrou melhor a galante creança, sua ex.ª tratou immediatamente de ir consultar os seus collegas de Coimbra e Lisboa, que lhe aconselharam a sahida immediata para a Guarda.

Passadas tres semanas, na Guarda, crêmos que na melhor disposição, outro desgosto o faz regressar a sua casa: — uma doença grave atormentava a sua menina mais velha, que conta uns 15 annos.

Dizem-nos que a gentil menina experimentou algumas melhoras, não estando todavia ainda em via de restabelecimento.

Rememorando os conselhos de sua ex.ª para a educação de nossa familia, avaliamos bem o quanto elle é extremoso pela sua, e por isso o incommodo moral que elle ha de sentir.

Fazemos votos para que em breve veja toda a sua ex.ma familia na melhor disposição, para em breve tambem o vermos entre nós com o seu conselho amigo e benevolo.

"VANGUARDA"

E' hoje que termina a publicação d'este bem redigido jornal diario capital.

Marquez da Graciosa

No seu rico automovel

Commendador Montenegro

A fim de demonstrar aos nossos patricios quanto é venerado no Brazil, este nosso illustre conterraneo, transcrevemos do nosso bem redigido collega daquelle paiz *O Pinhalense* o bello artigo que segue.

UMA RELIQUIA

D'aqui a quatro dias temos as festas tradicionaes de São João, bondoso santo, que dá ensejo ás fogueiras aos fogos de vista, ás muitas lendas que o povo reliz, cada anno, naquellas interessantes predilecções ás moças casadoiras... E eu não devera preterir essa festa popular, que enche de alegria os corações, e nelles faz reviver a fé, se não fôra o desejo tão forte, que me não contenho, de narrar aqui uma pequena historia

Vae por 70 annos, aportou ao Brasil, um rapazola, cheio de vida e com o coração trasbordante de enthusiasmo e esperanças. Era portuguez e foi para o commercio. Com pouco se fez estimado, util, necessario e indispensavel aos negocios de seu patrão. Naquelle tempo em que o cuixeiro viajante, o «cometa», subia dentre os melhores e mais asseros, era o joven portuguez, recebido com festas e demonstrações de grande apreço pelos seus freguezes.

Fez capitaes e possuiu fortuna em curto prazo: mas a ave se emplumára, e era de alto vôo. Veio para Nova Louzã e transformou um esteril sapesiero, naquella esplendida e bellissima fazenda, que, nos tempos calamitosos de hoje, representa enorme fortuna. Ahi nessa obra de labor incalculavel, o joven fazendeiro foi abolicionista de acção: fundou «Nova Louzã», com trabalhadores mercenarios, quando no Brasil inteiro, a lavoura descançava no escravo.

O pendor que lhe emanava do coração generoso, aquelle grande amor á liberdade, que o tornára grande paladino da abolição, desbaratou-lhe tambem a riqueza.

Aqui nesta cidade, o atrevido libertador dos escravos, encontrou um campo aberto ás abundancias da sua alma: demonstrou um elevado espirito de paz e de concordia, e foi um factor preponderante no progresso e civilisação d'este povo.

E hoje quem o quizer vêr, a esse illustre extrangeiro, que se fez brazileiro pelas forças invenciveis do coração, do amor a esta terra, ha de o hir procurar ali pelos lados da Estação, no meio daquella outra cidade, cheia de encantos e de arte, que lhe retem e guardará, perennemente, o nome abençoado.

E ali está, na Villa Monte-Negro, o venerando ancião que a fundou, o decano da grande colonia portugueza, o amigo dedicadissimo desta terra, o bemleitor das nossas instituições, o pae da nossa pobreza, o exemplo dos cavalheiros, o modelo de virtudes, que é o sr. Commendador Monte Negro.

Evidentemente, o «Registro» commette um attentado contra a modestia e as maneiras singelas do sr. Commendador Monte-Negro, lembrando aos amigos de s. ex.ª, que o seu anniversario natalicio se passará a 24 deste mez. Releve s. ex.ª a falta, que a não dicta o calculo nem o prurido de biographar, mas o sentimento de apreço e estima, e que o não é menos de justiça.

Fazer annos, todos fazem: mesmo

Os acontecimentos de 11 de Julho faziam a primeira vítima. Manuel das Neves, chefe da estação de caminhos de ferro da Lousã, foi transferido compulsivamente para a Beira Baixa.

Philarmonica Louzanense

Hontem á noite fomos surpresos pelo estralejar dos foguetes á porta dos ensaios da nossa philarmonica. - Perguntámos qual o motivo e disseram-nos ser esta sympathica corporação que festejava o 12.º anniversario da sua fundação.

Achamos bem cabido o regosijo, porque uma sociedade d'esta natureza que vive num meio como o nosso, é dar prova de grande trabalho e sacrificio de alguem.

E' certo que a nossa musica tem alguns socios protectores que contribuem para as suas mais urgentes despezas, mas com as transformações politicas porque se tem passado por aqui, e em que uns tem cantado victoria e outros se têm *levado de todos os diabos*, a esta sociedade tem-lhe sido impossivel satisfazer a todos, como é facil de vêr em uma terra pequena, em que todos *sopram* quando o vento lhes é *favoravel*... mas que depois se esquecem dos compromissos que tomaram...

Dando os parabens á rapaziada, que assim tem sabido respeitar a pessoa que é ainda hoje a alma da nossa musica — o sr. José Augusto do Rego, damo-los tambem a toda a Louzã, que se préza de ter uma philarmonica como poucas terras como a nossa.

E já que fallamos da musica, vamos fazer ao seu habil regente sr. Arthur Pinto, um pedido que esperamos ser satisfeito, visto, nos parece, não entrar nelle *aquella mizona*... que tudo confunde e *escangalha*, que era nesta época, á boquinha da noite, posto que não ha outro attractivo, nos mimoseasse com um bocadinho de musica, aos domingos, em local onde melhor lhe aprouvesse (não fazemos questão), para nos tirar d'esta nostalgia, do aborrecimento produzido pelos acontecimentos que se estão desenrolando por este paiz em fóra...

Não o deitam em sacco rôto!...

Luiz Pinho

Está nesta villa, vindo hoje no comboio da manhã, o nosso amigo sr. Luiz Pinho, intelligente e muito activo empregado da casa commercial de Correia & Braga, de Villa Nova de Gaya.

Damos lhe as boas vindas.

Nascimento

Deu ha dias á luz um robusto menino a ex.ma sr.ª D. Etelvina da Piedade Baptista, dedicada esposa do nosso amigo e conceituado commerciante nesta praça, Abel Baptista.

Os nossos parabens.

Padre José Amaro Alves

Com boa approvação, concluiu na quarta-feira o 5.º anno dos lyceus este nosso patricio, que o anno passado se ordenou no seminario de Coimbra, e que se prepara para se matricular na Universidade.

Conhecedores da sua intellectualidade e da bella orientação que o acompanha passo a passo, não podemos deixar de lhe prever um futuro invejavel.

Ao sr. Padre Amaro, a seus paes e em especial a seu tio e padrinho o ex.mo sr. Conego José Francisco Pinto, as nossas sinceras felicitações.

Para Vizella

Acompanhado de sua tia a ex.ma sr.ª D. Adelaide Teixeira Sarmento, sahiu a fazer uso dos banhos d'aquellas caldas o sr. Athaide Sarmento.

Bom resultado, e excellentes viagens, é o que deveras lhes apetecemos.

Fallecimento

De quarta para quinta-feira, falleceu na sua casa das Poças a Ex.ma Sr.ª D. Maria José Cabral, irmã do Revd.º João Augusto Cabral.

Para attestar as virtudes da bondosa senhora, basta dizer-se que ella vivia fóra do convivio aristocratico da terra, estando perfeitamente á sua vontade, quando se achava rodeada dos humildes, a quem ella soccorria desveladamente, sendo por isso o seu funeral que se realisou na quinta-feira por as 6 horas da tarde, concorridissimo por pessoas de todas as classes.

A' familia enlutada, os nossos sentimentos.

OS SINOS

Atalaias do Tempo, em sua torre,
Como um alarme aos nossos desatinos,
A hora final, na hora que decorre,
Lembram-nos numa triste voz os sinos!

Mas sem eco essa voz de bronze morre,
Porque o homem segue em luta aos seus destinos,
Até que o Tempo que tão presles corre
Muda essa voz em lutuosos hynos:

E' que a Morte, mal a hora é decorrida,
Ceifa sem hesitar a nossa Vida
Assim passada atraz de vãos ideaes,

E então os sinos, num piedoso choro,
Rezam todos por nossa Alma em côro,
As rezas dos seus funebres sinaes!

Joaquim Gomes.

Para Entre-Rios

A fazer uso das aguas, sahiram na quinta feira para aquella famosa estancia a sr.ª D. Constança da Piedade Carranca, sr. dr. Diamantino Sequeira Neves e sua ex.ma esposa e os srs. Luiz de Lemos e Antonio Henriques dos Santos.

Que aos seus paderimentos encontrem o alivio que desejam é o que muito estimamos.

MANIFESTO

Recebemos do Porto o manifesto seguinte, que da melhor vontade publicamos.

Aos homens livres
A's pessoas de caracter

Os derradeiros successos da politica — essa baixa, obscena e degradante politica portugueza — não podem senão determinar a mais agradavel emoção de contentamento no espirito de todos os homens livres de Portugal. Extremaram-se os campos, enfim, delimitaram-se as fronteiras.

Cahiram as mascaras, e os rostos surgiram nús e claros ante a luz virticante do sol. A um lado, a Reacção — do outro, a Liberdade. A uma banda, o Retrocesso — da outra, a estrada aberta do Futuro. *Vae victis!* que a hora é de lucta implacavel — lucta que nos ha-de fazer retroceder aos tempos do maior obscurantismo religioso, ou encaminharmo-nos a uma epocha gloriosa de tolerancia, de paz, de liberdade. Em pleno parlamento, no decorrer d'este seculo illuminado, defende-se sem pudor o restabelecimento das congregações religiosas, compara-se a revolução franceza com suas ancias libertadoras, á inquisição com os seus horrores: os seus tratos de polé, os seus caldeiros d'azeite a ferver, os seus terros em braza, o seu supplicio da roda. Como resposta, o povo liberal de Lisboa alevanta-se e, representado por muitos milhares de cidadãos, reclama em altos gritos o aniquilamento da Reacção — da Reacção politica, moral e religiosa que nos assoberba — da Reacção que em todas as manifestações da vida social, no parlamento como na escola, nos costumes como nas leis nos atira os seus tenaculos descriatas pretendendo, contra o espirito da epocha e contra o estado actual dos conhecimentos scientificos, encerrar-nos no carcere estreito do seu Despotismo.

Os campos da lucta ei los delimitados, enfim. Ou ser por nós, ou ser contra nós. Ou ser pela Liberdade, pela Razão, pela Justiça, ou ser pela Rotina, pela Intolerancia, pela Escravidão. Ou ser pelo Livre-Exame, ou ser pelo Dogma. Por Roma ou pelo Mundo. Pela Civilisação ou pela ou pela Barbarie.

A hora presente é a hora das resoluções supremas em que se trata de triumphar a todo o custo ou de morrer. A' margem os pusillanimes. Ao largo os timidos. Liberdade ou Morte! eis o grito que mais uma vez resoa pela terra e abala a serenidade esphergica das montanhas. A toupeira do Jesuitismo — do Jesuitismo em suas modalidades politica, moral e religiosa — ei-la que abandonou os seus mendros de trevas e surgiu em plena luz. Esmaguemo-la, se não quizermos ser esmagada a obra do Futuro, o triumpho da Civilisação, o pão, a paz e a felicidade [illegible]

Lancemos na Historia a affirmação da nossa vontade soberana porque se appoia na unica soberania legitima e racional — a da Sciencia — inaugurando n'este canto da terra novas décadas de Liberdade, novos ciclos de Paz. O caminho progressivo da Evolução não pode ser assim impunemente atravancado pela vontade tyranica d'uma seita, pelo arbitrio despotico d'uma facção. Não se governam já os povos como quem governa um rebanho de lanigeros. Não se deitam leis do alto d'uma cathedra parlamentar como quem atira uma chicotada ao flanco roxo d'um escravo. Não se brinca com a Consciencia Publica como as creanças brincam com um titere. O Hyssope tem de ceder o passo á Enxada, a Cruz ao Arado, a Espada ao Martello. E vós, jesuitas de farda, de batina ou de casaca, tendes de contar comnosco, que somos os lidimos representantes da Liberdade e da Razão, pois tão só sobre os cadaveres de todos nós é que alcançareis reedificar o vosso edificio de Treva, o vosso palacio de Despotismo.

—

Os campos de lucta ei-los delimitados enfim, liberaes! A hora presente é a hora das resoluções supremas. Ou esmagamos ou nos esmagam a nós. Liberdade ou morte!

Escolhei.

CARTA

Damos em seguida a carta que nos foi dirigida pelo sr. parocho de Casal d'Ermio.

CASAL D'ERMIO, 7-8-909

Permitta-me v... que, em homenagem á verdade que deve ser prezáda acima de tudo, venha fazer algumas rectificações á correspondencia de Casal d'Ermio que publicou no ultimo numero do seu jornal. Ao lel-a perguntei ao seu signatario A. G. (Antonio Gonçalves) se fora elle que tinha escripto tudo aquillo, respondendo aquelle senhor que apenas tinha pedido *vocalmente* ao sr. Redactor para dizer no seu jornal alguma coisa a respeito da escola cuja conversão em mixta já ha muito tinha sido pedido sem que até agora nada se tivesse conseguido, e dissesse tambem alguma coisa sobre estrumeiras, fontes etc. Porem v..., arborando-se em inventor de coisas e loisas, teve a infelicidade de alterar completamente a veracidade dos factos.

Com respeito á Ponte sobre o Ceira acha-se actualmente em bom estado de conservação, não offerecendo absolutamente perigo nenhum dos que o sr. diz.

Emquanto a fontes, tenho a dizer lhe que possuimos neste logar de Casal d'Ermio (que comprehende a maior parte d'esta freguesia) uma fonte que abastece sobejamente todos os seus habitantes, não sendo porisso necessario utilisarmo-nos, para beber, das aguas do rio Ceira que segundo o senhor diz (provavelmente sem as ter provado) agora sabem a peixes mortos e ao lodo. Precisa é certo, d'uns reparos para os quaes já ha muito pedi o auxilio da ex.ma camara.

Referindo-me á escola, direi que ha cerca de dois annos requeri a sua conversão em mixta, ponderando que isto se tornava de absoluta necessidade, pois que sem a sua conversão, o sexo feminino permanece nesta freguesia em estado de grosseiro analphabetismo.

Porem até agora ainda nada se conseguiu.

A este respeito tenho a dizer ao sr. Redactor que a escola primaria actualmente aqui existente não foi pedida pelo fallecido Padre Antonio, como v... diz pois que fora creada por um decreto de dezembro de 1872 ao passo que o Padre Antonio viera para aqui apenas em 1882.

Já portanto vê o sr. Redactor que eu não sou indifferente para com os interesses e progressos materiaes da minha freguesia, como o sr. diz, mas sim tenho pugnado por elles, como ainda melhor lh'o podia provar; se pouco tenho conseguido a culpa não é minha.

E ficaremos hoje por aqui.

Agora, agradecendo a referencia de boa creatura, que faz á minha humilde pessoa, permitta-me que lhe dê um conselho d'amigo: Quando escrever mais alguma coisa, deve informar-se mais conscienciosamente para não dizer falsidades e tambem não ter o desgosto de ver desmentidas as suas affirmações.

Diga-se a verdade e peça-se o que é justo.

De v... a.mo att.º obrig.º

Caetano Lucas dos Reis.

O sr. padre Caetano parece não ter gostado de lhe chamarmos boa creatura, pelo conselho que em seguida a esta referencia nos dá, confundindo um engano com uma falsidade.

Quando engendrámos a correspondencia de Casal d'Ermio, houve da nossa parte má interpretação na parte referente á ponte sobre o Ceira que a camara da presidencia do ex.mo sr. dr. Diamantino Sequeira Neves mandára reparar, quando o nosso informador se referiu á ponte que dá ingresso para a fonte, que se acha em mau estado.

Já vê o sr. padre Caetano Lucas dos Reis que não houve da nossa parte a má intenção de falsear, mas um engano que não nos recusámos a rectificar.

Na parte referente á escola fica rectificada por s. ex.ª, e muito bem, não se podendo deixar no olvido os serviços que o seu antecessor como parocho e professor prestou á instrucção, se passarmos uma vista d'olhos por todos os individuos d'essa freguezia, que completaram a edade escolar durante a sua estada nessa freguezia, e veriamos que quasi todos sabem ler e escrever.

Ou fosse elle que os ensinasse ou os aconselhasse a aprender a ler, é certo que educou, e muito bem, fazendo então dos seus parochianos um povo laborioso, razão esta por que mereceu sempre o nosso elogio e a nossa admiração o honrado padre e muito intelligente professor que se chamou Antonio Homem de Carvalho.

A Redacção.

ARTE — 5.º ANNO

Director e Gravador Marques Abreu

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua de S. Lazaro, 310 — PORTO

Condicções de assignatura (pagamento adeantado)

PORTUGAL E COLONIAS (Um anno)		BRAZIL (moeda forte) (Um anno)	
Porto	1$440 réis	Pelo correio	1$700 réis
Provincias	1$560		
Avulso	1$80		

Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes

Assigna-se e vende-se na Redacção e nas principaes livrarias. Na redacção da «ARTE» vendem-se collecções completas do 1.º, 2.º e 3.º anno ao [illegible] 2$400

BIBLIOTECA MUNICIPAL COIMBRA

Os liberais consideravam os campos de luta bem delimitados. As opções eram radicais: "Ou esmagamos ou nos esmagam a nós. Liberdade ou morte!".

Director e administrador
Antonio Cruz Alves dos Santos
Proprietario
Julio Ribeiro dos Santos
Composição e impressão, redacção e administração
Rua do Alegria — LOUZÃ

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abattimento

1.º anno — N.º 20 — Quinta-feira, 26 de Agosto de 1909

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLÍCA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$000; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 30 réis — PAGAMENTO ADEANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL
CONCELHO
LOUSÃ

A proposito dos arruaceiros da Louzã e de Braga

Eu pasmo deante da audacia selvaginea que caracterisa certos individuos ao mesmo tempo que me ennojo com toda a repugnancia e os anathematiso — de infames. Está nesse caso essa alcatéa que apedrejou os comboios conduzindo excursionistas republicanos de Coimbra á Louzã e do Porto a Braga. Nada ha mais deprimente, mais digno de galés.

Abstrahindo do sentido politico, a excursão não é senão uma garantia da confraternisação d'um povo. E' por meio d'ella que se fortificam ideaes, que se consolidam amizades, que se educa o cerebro e o sentimento, que se recreia o espirito.

São ellas bem raras e pequenas, o que leva a não vêr transparecer um effeito immediato e absolutamente efficaz. Mas, por poucas e pequenas como são, não devem perder de sympathia a quem tem olhos que vejam e cerebro em que haja um rasgo lucido de percepção.

Consideradas politicamente, nem constroem nem destroem; e mesmo que construissem ou destruissem, esse resultado seria tão sómente para cubiçar, visto que quando se põe a razão em parallelo com o absurdo, esse absurdo tem de succumbir gangrenado de podridão, de perversidade, de ignorancia, de fraqueza. D'um lado pois a construcção d'um novo edificio com as condições hygienicas recommendadas pela nova hygiene, — o progresso; d'outro lado, esse edificio pesado, onde não ha nem esthetica nem engenho, mas só anachronismo, carunchos, infecção.

Seja como fôr considerado o seu effeito politico, nenhum direito assiste aos srs. monarchicos d'enxovalhar os republicanos sempre que se lhe approximem, e muito menos quando se trate d'uma excursão, onde a ideia politica se perde, dentro do valor social que representa.

Cada um que tem a sua ideia politica, use d'ella não como instrumento de perfidia, mas como expressão sincera d'uma convicção fundada na luz da razão e no poder da justiça; ou então como vós quereis, — figurada maioria! — como instrumento de interêsse proprio, beneficiando a bolsa e os estomagos.

Depois, convencei-vos que os ideaes politicos são livres por direito, e o direito é a lei. Os srs. monarchicos apedrejando os republicanos, apedrejam portanto a Lei, que é o mesmo que apedrejar a Patria. E a Patria, Ex.mos Senhores salteadores de comboios ou garotos de pedra, nem é o conjuncto das vossas opiniões, nem as dos vossos mandarins: a Patria é mais que tudo e primeiro que tudo, a massa humana que existe á superficie da Terra, ou, como vós quereis, seja para nós portuguezes, a que existe á superficie de Portugal.

Sempre vos digo, em remate d'este punhado de verdades, que d'ora ávante, na pratica de scenas identicas, não vos podeis admirar se a cada pedra vos responder uma bala. E' mesmo do que precisaes, tanto como qualquer bandido.

Um adversario vosso.

BELISCANDO...

O que ELLES querem

Muita gente ha que, ao ouvir fallar de jesuitas e frades, julga que elles se contentam com pescar almas e heranças chorudas, *para maior gloria de Deus* ou consôlo das suas (d'elles) bentas algibeiras, e outros haverá tambem que julguem que estas santas creaturas passam a vida a bater no peito e a prégar as admiraveis doutrinas do Christo, a paz, a bondade, a liberdade e o amor pela Humanidade, e que tudo quanto de mau d'elles se diz são infames e sacrilegas calumnias inventadas pelos seus herejes inimigos.

Pois meus amigos, enganam-se os que assim pensam. Enganam-se redondamente e são elles proprios que o dizem, pois não deixarem os seus *creditos* por mãos alheias.

Eu sou dos poucos que teem coragem para ler tudo quanto lhes cae debaixo dos olhos, bom ou mau alegre ou triste, religioso ou atheu, liberal ou reaccionario, conservador ou [illegible]. A minha curiosidade insaciavel levou-me a ler um indigesto livro, publicado no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1823, a que o seu auctor, o reverendissimo Luiz Gaspar Alves Martins, auctor do *Liberalismo descarolado*, abbade de Villar, prégador do Rei, chama singelamente *Dedicatoria apologetico-politica ao Muito alto, e Muito Poderoso Senhor D. João VI, Rei do Reino Unido de Portugal, Brazil, e Algarve a Quem Deos Guarde, e Felicite.*

Entre outros bocadinhos d'oiro, que eu ainda hei de transcrever, para regalo dos meus amigos, encontra-se este:

— « Qual he a razão, por que os *Soberanos da moda* (os liberaes de 1820) o primeiro uso, que fizerão da sua soberania, foi o supprimirem a Inquisição, e os seus carceres? Foi por filantropia? Foi para que ella não castigasse os outros? Nada d'isto; foi para que ella os não podesse castigar no caso que chegassem a decahir da sua soberania. Sim, elles bem sabião que no caso de se entortar o carro, e de tornarem as cousas aos seus eixos antigos era de suppôr que elles fossem para a Inquisição, e d'alli para a forca! Para a Inquisição, *por seus crimes religiosos*; para a forca, *por seus crimes politicos*. Para a Inquisição, *por blasfemarem de Deus*; para a forca, *por blasfemarem contra o Rei*. Para a Inquisição, *por serem atheos*; para a forca, *por serem Regicidas*. Para huma parte e para a outra, *por serem pedreiros livres*. »

Leram? Comprehenderam? Sabem agora o que Elles querem?

A Inquisição, para se refastelarem de monstruosos assados de carne humana; a forca, para emquanto arrotam e digerem o *pitéu*, se divertirem com as comicas caretas dos liberaes, pendurados pelo gasnete numa boa e solida corda de esparto.

Não me venham dizer que o que acima transcrevo foi escripto em 1823, porque os jesuitas e os frades são os mesmos ainda, com os seus estatutos, regras, fins, crenças, rancores, odios immutaveis.

Pescavam almas e heranças em 1823 e seculos antes e pescam-nas em 1909; torturavam e queimavam corpos de herejes, atheus e judeus nos tempos em que eram poderosos e torturá-los-iam, queimá-los-iam ainda hoje, se para isso lhes désemos licença, ou se pela nossa parva e criminosa indifferença lhes deixassemos recuperar o poder que perderam e que deve estar (nunca o esqueçam) perdido para sempre.

Elles, com palavras d'amor na bocca e com a peçonha do odio no coração, querem a forca e a fogueira.

Mães! Os vossos sentimentos religiosos, o vosso amor por Deus, levar-vos-ia a ouvir com indifferença os clamores angustiados de vossos filhos, agonisando nos horrores da fogueira?

Paes! A vossa paixão politica deixar-vos-ia assistir com alegria á medonha agonia, á pavorosa morte de vossos filhos liberaes, a pernear numa forca?

Mães! Os frades querem queimar vossos filhos, por crérem no Deus do Amor e da Justiça e não no Deus (o d'elles) do Odio e da Ferocidade, ou por serem livres pensadores.

Paes! Os jesuitas querem enforcar vossos filhos, por terem amor pela Liberdade e pela Verdade e abominarem a Oppressão e a Mentira.

Querem que o *carro se entorte*, que as *cousas voltem aos seus eixos antigos*, para readquirirem o poder de o fazer impunemente.

Se amaes os vossos filhos, exterminae, escorraçae o jesuita e o frade; não lhes deis poder para elles estrangularem os vossos filhos, a carne da vossa carne, o sangue do vosso sangue, a materialisação do vosso amor.

Coimbra, 24-VIII-909

João Ninguem.

Dr. José Maria Dias Ferrão

Deste nosso velho amigo, distincto advogado nos auditorios de Lisboa e actual governador civil de Villa Real recebemos um opusculo no qual é feita a critica a uma acção intentada pelo sr. Alvaro Montenegro, afim de provar a paternidade illegitima duns seus sobrinhos, acção esta que corre pelo tribunal de Penacova e que ainda se não acha concluida.

Conhecedores das qualidades de trabalho de sua ex.ª, agouramos um justo desfecho a esta pendencia

CAPITAL E TRABALHO

III

A divisão dos lucros

Antes de nos occuparmos da divisão dos lucros pelo capital, precisamos ainda ferir algumas considerações sobre a divisão dos lucros pelos operarios, para que quem nos leia não possa ter duvidas sobre o que avançamos ser pratico e vantajoso.

Cada fabrica comporta um limitado numero de obreiros, nem mais nem menos do que lhe é preciso para a producção calculada e pretendida; assim tambem não deve ter mais machinas do que as que lhe são necessarias dentro de determinados limites de actividade; de contrario a producção excederia o consumo, as despezas poderiam chegar a absorver os lucros ou immobilisar a producção, e em taes casos a gerencia não obedecia aos principios de boa administração economica.

Exposto isto e recordando o exemplo que démos de 40 °/₀ dos lucros de cinco contos de reis ou dois contos seriam divididos pelos operarios, poderia alguem á primeira vista suppôr-nos em erro nalguma das tres hipotheses que figuramos:

1.ª quando o pessoal da fabrica fosse tão numeroso que os dois contos de reis de lucros a dividir não chegasse para dar a cada operario 40 °/₀ sobre a féria recebida durante o anno industrial;

2.ª quando fôsse tão reduzido que dados os 40 °/₀ dos lucros por todos os operarios ainda excedesse muito dos lucros para repartir pelos operarios;

3.ª quando o pessoal operario fosse em numero tal que, divididos os 40 °/₀ de lucros, não faltasse nem crescesse importancia alguma dos dois contos de réis.

A primeira hypothese não é admissivel numa boa administrrção economica, e nunca se poderia dar porque o melhor regulador do interesse industrial está sempre em evitar dispendios improductivos e quando os operarios sejam interessados nos lucros da fabrica elles mesmos saberiam no interesse proprio evitar e não admittir excesso de pessoal na fabrica, porque quanto maior fôsse o divisôr menor seria o dividendo que teriam a receber. Assim em cada operario estava um fiscal ou um gerente tão interessado nos bons resultados industriaes como o proprio industrial capitalista.

Desnecessario é esclarecer, a 3.ª hypothese, em que o verdadeiro equilibrio satisfaz a todos e põe fóra da discussão toda a duvida apparente: passemos portanto a occupar-nos da 2.ª hypothese que propositadamente deixámos para o fim, aquella em que outra ordem de interes-

Balas como resposta às pedras, e uma exortação para escorraçar os jesuítas e os frades, na primeira página da edição de 26 de Agosto de 1909.

Director e administrador
Antonio Cruz Alves dos Santos
Proprietario
Julio Ribeiro dos Santos
Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ

1.º anno — N.º 22 — Sexta-feira, 10 de Setembro de 1909

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLÍCA SEMANALMENTE

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 30 por cento de abatimento

Assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADEANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL — DO — CONCELHO — DA — LOUSÃ

MADEIRA DERRETIDA

Apezar de vivermos num meio onde pouco se aprecia o progresso, não podemos furtar-nos á tentação de transcrever do nosso collega a *Vinha de Torres Vedras* o artigo que segue, cujo assumpto ainda que pareça que não, é de inteira importancia.

Já não é uma utopia, mas a realidade. Pode derreter-se a madeira, como se derrete o chumbo, o ferro, o ouro ou outro qualquer metal. Ainda não ha muito que se considerava uma impossibilidade derreter qualquer pedaço de pau, mas as cousas mudaram de face e se, presentemente, a madeira derretida é ainda uma simples curiosidade de laboratorio, em todo o caso não tardará que a industria lhe descubra variadas applicações praticas e do mais elevado interesse para a agricultura.

E dizemos do mais elevado interesse para a agricultura, porque, desde que a madeira entre como materia prima em qualquer nova industria importante, o seu valor augmentará vindo, portanto, a ser um factor de maior riqueza para as classes de maior riqueza para as classes agricolas, bem dignas de melhor sorte.

Embora a madeira seja verdadeiramente inflammavel, derrete a uma temperatura relativamente baixa, mas só quando é em absoluto subtrahida ao contacto do oxigenio, de modo a tornar impossivel a combustão. Comprehende-se isto facilmente. Libertada por meio do alcool, por exemplo dos elementos soluveis, a madeira, feita a analyse, dá acidos organicos, agua, essencias oleosas, selinatos, sulphatos, phosphatos, chloreto e hydrocarbonatos de potassa acido carbonico, hidrogenio carbonado, etc., isto é, unicamente corpos susceptiveis de serem evaporados ou dissolvidos, depois de terem cooperado por affinidades chimicas na formação de um corpo determinado.

Pode dizer-se que desde 1890 se estuda o problema da fusão da madeira, existindo actualmente depois de successivos trabalhos e estudos, uma technica operatoria por meio da qual se obteem excellentes resultados.

Não descrevemos o processo de derreter madeira, nem como a fusão se opera; para o leitor basta saber que o producto directo da operação é a massa compacta de um corpo solido, que é mais nem menos que madeira derretida.

Este producto é revestido de qualidades que lhes asseguram um futuro industrial certo, podendo adquirir um bello polido sendo ao mesmo tempo muito duro e resistente ás deteorisações produzidas por uso continuado. Toma facilmente a tinta tipographica e supporta lavagens repetidas com potassa, carbonato potassa, carbonato de soda e essencia de terebentina Lançado em moldes no estado liquido, solidifica-se, tomando as formas dos moldes a que foi submettido sem a menor discrepancia.

Com madeira derretida já se fabricam objectos de desenho de formas variadissimas, caracteres moveis para impressão, sobretudo esses caractéres de grandes dimensõ empregados nos cartazes.

Ha ainda uma outra circumstancia na madeira derretida, verdadeiramente interessante. Misturando-se-lhe substancias antisepticas, particularmente bichloreto de mercurio, a duração torna-se por assim dizer indefinida. As larvas dos insectos destruidores não a atacam.

Estas propriedades de madeira derretida são de tal ordem, offerecem taes vantagens, que tudo faz presumir que uma verdadeira revolução se operará em breve nos progressos da industria moderna e nas applicações do novo producto.

Presentemente, são taes os progressos realisados pelas sciencias, que nada parece impôr-se á admiração do homem. Ainda assim, essa admiração não pode deixar de ser estimulada, ao pensar-se nas faculdades creadoras e inventivas dos que se dedicam nos laboratorios a consultar a natureza e a tirar d'ella prodigios, que mais tarde hão de fatalmente contribuir para que a vida humana progrida em bem estar na mesma progressão dos grandes trabalhos scientificos.

Versos d'um Operario

Os versos que em seguida publicamos foram proferidos pelo intelligente operario sr. Libanio da Silva, de Lisboa, na inauguração d'uma escola liberal na Amadora.

Nasce mais uma escola! Um baluarte mais
se eleva a combater a treva, a creação
do mal opondo o bem, ao erro a instrucção,
e aos dogmas sobrepondo humanos ideaes!

A's almas a expandir das creanças do povo,
do grande productor que é tudo e não é nada,
fazer-lhes antever a fraterna alvorada
que acordará a terra ao som dum credo novo!

Instruir — não é só pôr a creança a lêr:
muito mais é mister, mais larga é a missão:
é preciso acordar-lhe o amor e um coração,
a força do direito a honra do dever!

Livrá-la da crendice e de erros aviltantes
que através gerações nos veem acorrentando,
e ir indo, pouco a pouco, o mesmo desbravando
p'ra que a charneca surja em cearas viçojantes!

. . . . . .

Salvé, Humanidade! A luz da nova aurora
p'lo puro azul lampeja em vivido clarão.
e na Historia a Bastilha e a Santa Inquisição
já podem attestar-lhe a força redemptora!

Era assim, estudando para saber, que nós desejavamos vêr o operario portuguez e principalmente o das aldeias, que ainda hoje se sujeita ás mais injuriosas affrontas dos *capatazes* sem educação nem humanidade.

Ainda os acontecimentos de 11 de julho

Ao lêrem a epigraphe com que encimamos estas simples palavras, hão de julgar os nossos leitores, pr'vamos fazer a historia completa dos acontecimentos d'aquelle dia. Não, senhores. Isso fica para depois, se a vida se nos não fôr cedo d'esta para melhor... Então daremos conta minuciosa dos informes que temos vindo colhendo, porque a historia assim o exige.

Por hoje apenas nos occuparemos d'um incidente que na terça feira ultima se deu entre quem escreve estas linhas e o sr. Fernandes Carranca, proprietario da Hospedaria da Avenida da Estação.

Narremos os factos:

Era quasi uma hora da tarde d'esse dia, entra-nos um amigo pela porta dentro e disse-nos: — Chegou agora neste comboio o sr. conselheiro Vasconcellos Porto com sua ex.ma familia isto é, senhora e filhos. —

E, como um pobre jornalista sertanejo anda sempre á mingua de assumpto para encher a gazeta, assoimamos á porta e vimos passar tres meninas ricamente vestidas acompanhadas d'um cavalheiro tambem ainda moço; suppozemos logo serem da familia de Sua Ex.ª, e como o não vissemos passar fomos em direcção a estação vêr o que havia ao certo, quando ao chegarmos em frente do Hospital de S. João deparámos com o sr. Vasconcellos Porto aguardando uma senhora, que seguindo nos parecen, pelo pezo dos seus annos lhe não appeteceu ir mais além. Passando rapidamente a disfarçar a nossa curiosidade, fomos até á Avenida da Estação, entrando, como de costume, na hospedaria do sr. Carranca e alli encontrámos o sr. Antonio Pereira, de Fradelm, freguez da nossa typographia que nos ia encommendar cartões de visita impressos, acercando-se de nós o sr. Antonio Guinadas, hospede d'aquella casa, que nos diz tambem estar cá o sr. Porto, ao que nós respondemos:

Naturalmente vem avaliar os prejuizos das pedradas de 11 de julho, para os fazer pagar; quando chega até nós o sr. Carranca, que nos diz que quem devia pagar os prejuizos das pedradas arremessadas ao comboio deviam ser os canalhas que nós para cá mandamos vir.

Não gostando nós do epitheto com que aquelle senhor alcunhava alguns nossos amigos retorquimos lhe que os que vieram não tinham quebrado vidros, e que entre todos os excursionistas vinha muita gente digna e honrada a quem não ficava bem o diploma que acabava de lhe passar, ao que sua esposa nos deu razão, mas elle quiz fazer-se reconhecido do sr. Vasconcellos Porto, que passava de volta para o Caminho de Ferro, desata num berreiro medonho contra nós, chamando-nos quantos nomes lhe vieram á mente, nomes que nós lhe temos devolvendo... mas cá fóra da porta... porque não se falla com um cidadão em sua casa.

Não lhe lembrando mais nada, até nos compareu com um calabrio que por ahi andou nos ultimos mezes, rompendo no excesso de nos querer espancar, ao que obstou a familia, quando elle com todo o seu rancor, vociferava alvarmente:

— «Deixem-me chuchar com esse garoto!...»

Nesta altura, para não prolongar mais a questão, e francamente, para não mais incommodar a familia, afastámo-nos de tal casa, para sempre, com a intenção de lhe devolvermos o diploma de garoto, porque lhe deve ficar melhor, visto que nós, apesar dos nossos 12 e elle dos seus 52 annos nos não servimos de *louça* alheia, e por isso ainda nos não *enfarruscámos*.

Dito isto, deixamos o direito ao sr. Carranca, de nos passar todos aquelles diplomas juntos, quando nos vir alguma vez mais entrar no seu estabelecimento ou casa onde elle tenha gerencia particular.

Se não pudessemos aqui viver sem o seu auxilio, preferiamos mudar de terra a sujeitarmos-nos a taes *exemplos* de *civismo*.

Os commentarios deixamo-los á vontade de quem nos ler.

Julio Ribeiro dos Santos.

CAPITAL E TRABALHO

IV

A divsão dos lucros

O capital industrial considerado como numerario em circulação commercial de compra de materias primas e venda de productos, é bem diverso do capital applicado como machinas de producção, que mais propriamente deveria ser comprehendido como um factor do *trabalho* por isso mesmo que produz tanto como um determinado numero de operarios; e bem diverso é ainda o capital-machinas, preço do seu custo primitivo e por isso considerá-lo-hemos como parcellla do custo da installação industrial, capital immobilisado.

Esta classificação é necessaria para as considerações que vamos fazer relativamente á divisão dos lucros por cada uma das cathegorias em que o capital figura na industria sem esquecer que ao capitalista-industrial por direito que lhe dá a sua iniciativa, pelos riscos que corre e a gerencia que tem no seu emprehendimento, por justiça lhe cabe na divisão dos lucros tambem percentagem exuberantemente compensadora.

Assim temos o capital industrial representado:

1.º capital de installação.
2.º capital materias primas.
3.º capital trabalho das machinas.
4.º capital gerencia industrial.

Todos quantos conhecem o viver intimo d'uma industria sabem que a materia prima para se converter em producto vendavel, é comprada ordinariamente a praso de 3, 6 e mais mezes; raras vezes o dinheiro de contado a não ser por circunstancias fortuitas e vantagens de occasião.

Todos sabem egualmente que os productos fabricados são vendidos ordinariamente tambem a praso de 3, 6 e mais mezes aos mercadores por grosso; portanto embora o valor d'estas operações seja grande, o capital desembolsado é insignificante, são operações a credito de que resulta uma differença, o ganho ou lucro, as mais das vezes sem desembolso de um real dentro do anno industrial, antes representa dinheiro recebido; não

O "11 de Julho" obrigara o proprietário do "Commercio da Louzã" a cortar relações com um hoteleiro local. Os versos do "intelligente operario" lisboeta Libânio da Silva chegavam à Lousã.

Director e administrador
Antonio Cruz Alves dos Santos
Proprietario
Julio Ribeiro dos Santos
Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e reclames, 40 réis por linha.
Aos srs. assignantes [illegible] 50 por cento de abatimento.

1.º anno — N.º 23 — Sexta-feira, 24 de Setembro de 1909

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

— DO —
CONCELHO
— DA —
LOUSÃ

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADEANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL

A Viagem do Rei ao Estrangeiro

Referem-se os jornaes monarchicos e reaccionarios á viagem do rei ao estrangeiro, com certo carinho e enthusiasmo, pondo mesmo nas entrelinhas d'essas referencias a ideia de que essa viagem trará ao throno os mais solidos elementos de amparo e defeza.

Não nos admira este singular modo de vêr, das hostes que hoje se esforçam por evitar a queda tragica e desastrosa, d'uma monarchia carcomida de vicios e degradações, e consequentemente o desapparecimento dos seus inconfessaveis interesses, na voragem duma tremenda derrocada.

Se porem, ao rei de Portugal, sem embargo de se nos manifestar, rapaz inexperiente, subtrahido ao conhecimento integral da vida social moderna, e sobre tudo total e inteiramente envolto num apertadissimo cerco de perniciosa influencia moral e civica, se porém, repetimos, lhe fosse dado ler na alma que tão descaradamente estrebuxam pela conservação do seu throno, certamente, e apesar de tudo, elle os arredaria de si como os mais perigosos e os mais nefastos.

E para isso apenas e somente lhe bastaria ler um pouco da historia do reinado de seu defunto pae.

Evidentemente encontraria nas paginas d'essa historia os nomes de mil traidores, de mil hypocritas, de mil ambiciosos damninhos, ora bajulando com torpe servilismo, ora espumando de raiva e despeito mal contidos. Ali, encobrindo descaradamente torpezas, aqui, vomitando a verdade, mas só quando ao banquete lhes não era dado tomar assento.

Em ordem a demonstrar estas verdades, vejamos o que referiam em 1895 os jornaes, orgãos dos partidos e entidades que hoje tantos encomios tecem á viagem do rei D. Manuel, acerca da viagem que nesse anno realisou ao estrangeiro o defunto rei Carlos.

Em 28 d'outubro de 1895, escrevia o *Correio da Noite*, orgão de quem hoje mais influencia tem no paço:

«Bordam-se mil hypotheses e já se rumoreja que o rei de Portugal fôra ao estrangeiro pedir auxilio e força para reprimir, em caso de necessidade, os protestos ou as manifestações porven[illegible]

. . . . . .

Não queremos ainda suppôr que o sr. D. Carlos se abalançasse a tão perigosa politica, indo combinar lá fóra o meio de esmagar as reclamações do seu povo, se porventura ellas viessem a incomoda-lo.

. . . . . .

Sabe-se apenas que a sua viagem tem sido um grande e vergonhoso desastre e que a sua pessoa tem sido amargamente discutida, de envolta com os seus conselheiros, cuja fama de pueris e imprevidentes vai correndo mundo com incrivel velocidade. Elle o *jeune roi*, titulo com que os jornais estrangeiros mais benevolos o condecoram e pelo qual pretendem desculpa-lo da sua leviandade em deixar o seu pais para correr as aventuras de serios rompimentos e desavenças com nações amigas, continua em Paris, entregue a festas, passeios, caçadas, noites de theatro, metade distrahidas no camarote presidencial, metade passadas nos camarins das actrizes e nos *boudoirs* das bailarinas».

Aqui porem, é possivel, é mesmo certo, que os actuaes defenres do throno e do altar, de voz em grita nos opponham: — D. Manuel II não vai como D. Carlos gosar. Vai á Inglaterra, tratar do seu casamento, é com isso procura servir a Nação.

Responder-lhes-hemos ainda com a letra dum manifesto dirigido ao paiz, no citado anno de 1895, por um serventuario da monarchia e vigoroso jornalista de Lisboa o sr. dr. Carneiro de Moura:

«A causa de todos os males do nosso pequeno mas nobre paiz, tem sido a Inglaterra e a monarchia: a Inglaterra e por causa da monarchia, e a monarchia pela imbecilidade, pela cobardia e pela falta de patriotismo da dynastia de Bragança. Ha mais de duzentos annos que estes dois grandes males nos affligem, atravessando a historia de mãos dadas, acarretando sobre nós afrontas, miserias e vilipendios, de tal arte que a isto chegámos: ser violentados pelo *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890, escarnecidos pelo convenio d'agosto e escravisados por dictaduras . . . . . .

De um lado o egoismo da Inglaterra; do outro a traição e a cobardia de Bragança. E' preciso que taes factos se não tor[illegible] e repetir[illegible] é historia se novas paginas de vergonhas e degradação . . . . . »

São poucas ainda somente duas opiniões.

Não será mau citar o *Jornal do Commercio* do sr. Burnay, em que este senhor, o mais acrisolado paladino da monarchia d'hoje, em tudo egual senão peor á monarchia d'hontem, dizia a proposito da mesma viagem do rei Carlos:

«Não, a opinião protesta, e é necessario que o rei o entenda, que o entenda bem, que se quer arrastar-se ao desconceito geral a que o conduzem os erros dos ministros e os seus proprios, o pais, não quer ir envolvido nessa onda desvairada, e altamente reclama contra estes processos de governo e diplomacia, em que a ilegalidade, a violencia, a leviandade e a patuscada a coberto da mais louca inconsciencia, se dão as mãos para nos aniquilar e deshonrar.»

Mas hoje, dir-me-hão ainda, as columnas da monarchia nova, o caso muda muito de figura. O rei vai fazer uma viagem para satisfazer ás conveniencias do Estado, etc. etc.

Sim. Effectivamente, deve ser de grande conveniencia para o Estado uma viagem em que do erario publico sahirão algumas centenas de contos, quando o orçamento do Estado nos apresenta um *deficit* de alguns milhares de contos, quando se falla em augmentar a divida publica com a emissão de titulos no valor de vinte e tantos mil contos, quando mais se accentua uma proxima derrocada financeira, quando emfim, para nós, armada, exercito, instrucção, viação publica, fomento agricola desenvolvimento colonial etc. etc., são coisas mortas. .

Mas . . que as leis da Historia se cumpram. E terminaremos este singelo artigo, com mais uma transcripção do jornal do sr. José Luciano, de 30 de outubro de 1896, por entendermos que não então, mas sim hoje é que teem verdadeira opportunidade as palavras do orgão do partido, cujo chefe mais ruinoso tem sido ao pais.

«*Isto vai ao fundo, isto não pode continuar assim.* E' a frase que se escuta a cada momento até aquelles que mais desadoram as alterações a ordem. E' a verdade. *Isto vai ao fundo, isto não pode continuar assim.* »

Anniversario d'«O MUNDO»

Entrou no 10.º anno de existencia o nosso valente collega *O Mundo*, jornal diario democrata, que tão bem se tem sabido manter no seu ideal, desvendando sempre os mais ignobeis escandalos da nossa politica que tão atroz tem sido para o bom povo do nosso paiz, o qual sobre-carregado em geral, pelo peso de contribuições e quantas alcavalas lhe põem em cima do lombo os nossos governos, não ousa, infelizmente, recalcitrar, como lhe é de justiça, quanto mais não seja a reagir contra o que se vai desenrolando dia a dia na politica monarchica de Portugal. E' ler meia duzia de verdades que o nosso editorial d'hoje publica e que outros nossos collegas da capital teem dito de ha muitos annos a esta parte, dos nossos governantes, e que é uma vergonha, num paiz civilisado.

O Mundo que se publica na capital, por exemplo, como tantos outros jornaes tem sido odiosamente olhado por ser republicano, por dizer as verdades, por estar sempre ao lado da Rasão, da Justiça, do povo portuguez que, paciente, vai aturando todo este sudario de coisas porcas, mas que um dia, farto já de tantos insultos e provocações, se desaffrontará, estamos certos d'isso, com a Republica que não sendo essa, com certeza a monarchia nada faz em proveito da Nação.

Felicitando *O Mundo*, e o seu director o sr. França Borges pelo seu anniversario, desejamos lhe um largo futuro cheio de prosperidades, para bem da causa democratica.

Dr. Joaquim Magalhães Mexia

Na segunda-feira tomou posse do logar de sub-delegado do Procurador Regio d'esta comarca este nosso presado conterraneo.

Os nossos parabens.

Grupo "OS MODESTOS,,

Offerecido pelo sr. dr. Santos Apostolo foi entregue a este grupo a sêda para a sua bandeira.

Bandeira é um symbolo, representa um ideal, desfraldada ao vento em tom festivo ou coberta de crepes, ella representa o sentir duma agremiação.

Esta offerta foi como era de esperar por todos os socios recebida com enthusiasmo, era uma necessidade, uma falta que se precisava supprir.

Sabemos porém que a direcção encontra difficuldades em que a baudeira seja bordada. Concordamos que seria uma honra, se alguma senhora da Louzã se prestasse a isso e teem os srs. directores justificado melindre em não quererem dirigir um tal pedido; seria, sem rasão, estabelecer uma preferencia por uma ou outra.

Temos nós um alvitre que passamos a expôr:

Sendo socio, e presidente d'«os Modestos» o sr. Correia muito digno inspector da casa «Singer» talvez elle pudesse conseguir que a bandeira fosse bordada n'esse conhecida casa de machinas de costura.

Não sabemos se na mão do sr. Correia está resolver tal assumpto mas no caso negativo poderiam talvez dirigir-se ao gerente da companhia. Estamos convencidos que aquella importante casa, não deixaria perder esta bella occasião de fazer réclame á perfeição dos seus bordados, justificando assim a propaganda, que os seus empregados fazem das suas machinas e dos seus respectivos trabalhos, e mais grangear a sympathia dos Louzanenses.

O "Commercio da Louzã,,

Em virtude da ausencia inesperada do director e administrador d'este jornal, não publicamos para a semana o Commercio da Louzã, de que pedimos desculpa aos nossos estimaveis assignantes ficando por este motivo, d'hoje em dean-

A viagem de D. Manuel II considerada "um grande e vergonhoso desastre". O jornal não perdoava ao "jeune roi" as suas deambulações parisienses "entregue a festas, passeios, caçadas, noites de theatro, metade distrahidas no camarote presidencial, metade passadas nos camarins das actrizes e nos boudoirs das bailarinas".
Espaço ainda para assinalar o décimo aniversário do "valente collega" O Mundo.

Como não tolerava os gastos efectuados, a expensas de orçamento de um país sem recursos:

"Effectivamente, deve ser de grande conveniencia para o Estado uma viagem em que do erario publico sahirão algumas centenas de contos, quando o orçamento do Estado nos apresenta um *deficit* de alguns milhares de contos, quando se falla em augmentar a divida publica com a emissão de titulos no valor de vinte e tantos mil contos, quando mais se accentua uma proxima derrocada financeira (...)".

O remate, convinha em tons catastrofistas:

"*Isto vai ao fundo, isto não pode continuar assim*. É a frase que se escuta a cada momento até aquelles que mais desadoram as alterações à ordem. É a verdade. *Isto vai ao fundo, isto não pode continuar assim*".

AO lado das vergastadas ao monarca, os encómios ao "**O Mundo**", "*jornal diário democrata*" que entrara no décimo ano de existência.

Jornal "*que tão bem se tem sabido manter no seu ideal, desvendando sempre os mais ignobeis escandalos da nossa politica que tão atroz tem sido para o bom povo do nosso paiz*".

O Mundo que era "*odiosamente olhado por ser republicano, por dizer as verdades, por estar sempre ao lado da Rasão, da Justiça, do povo portuguez que, paciente, vai aturando todo este sudario de coisas porcas, mas que um dia, farto já de tantos insultos e provocações, se desaffrontará, estamos certos d'isso, com a Republica, que não sendo essa, com certeza a monarchia nada faz em proveito da Nação*". (Notas 17 e 18)

NESTA fase, já todos percebemos que os directores republicanos do "**Commercio da Louzã**" haviam mandado às malvas o "Programma" com que se haviam comprometido perante os leitores, no número inaugural.

As cautelas iniciais foram-se esbatendo a pouco e pouco e, nem meio ano volvido sobre o seu aparecimento, o jornal lousanense já tomava partido às claras pelo movimento republicano, contra a monarquia. Mas, se tal transparecia em texto, nunca a feição republicana foi assumida editorialmente, até à implantação da República, e mesmo durante algum tempo depois.

Entretanto, ia-se dando conta da hostilidade que alguns manifestavam contra o periódico. Rematando uma notícia sobre a mais que demorada Estrada da Serra, "*que ha 30 annos se começou e ainda lhe faltam uns 10 kilometros*", lemos:

"Conhecedores da historia desta estrada não temos, de proposito, dito nada das causas que a tem detido em tão extraordinaria morosidade, mas acabado de provar o despreso que lhe votam aquelles que tomaram o compromisso da sua conclusão, então irá tudo, sem nos importar que o nosso jornal tenha de terminar, pela perseguição que já é bem visivel entre nós que certa gente lhe vae manifestando o que lhe podemos garantir é que não terminará sem *numero especial* em que nós então faremos ver aos nossos companheiros do infortunio quaes são os amigos da nossa terra e dos seus povos".

UM PADRE DEFENDENDO A LIBERDADE

NA edição 25, de 6 de Outubro de 1909, o nome de António Cruz Alves dos Santos aparecia pela última vez como director e administrador do jornal. No cabeçalho, Júlio Ribeiro dos Santos, que aparecia como proprietário, acumulava agora com as funções de director.

A um ano da implantação da República, o jornal ocupava grande parte da segunda página reproduzindo discursos de dois padres:

"**Discurso sensacional — Um padre defendendo a Liberdade**" — assim se chamava o apetite dos leitores para a primeira das prosas: "Desse discurso, que produziu magnifica impressão no auditorio, extrahimos os seguintes periodos que constituem uma soberba saudação á Liberdade — '*a noiva eterna das almas juvenis, o ideal sublime por que combatem todos*'".

Vinha depois o discurso do páraco de Vila Secca, com direito a chamada igualmente panegírica:

"N'uma brilhante conferencia, ha dias realisada em Santarem, o sr. dr. Antonio Augusto, parocho de Villa Secca, diz que o catolicismo e democracia não são inimigos, antes o bom catholico deve auxiliar a propaganda republicana".

OS acontecimentos além-fronteiras também serviam de motivo para o jornal gritar bem alto contras as inquidades dos regimes ditatorais. Assim aconteceu aquando da execução de Francisco Ferrer, pelo governo de Maura. As turbulências do país vizinho a merecerem destaque no jornal "**O Poiarense**", que o "**Commercio da Louzã**" respigava. Ferrer condenado à morte e executado, morria o Homem mas ficava o exemplo:

"Os homens desapparecem mas a Ideia não morre. Travada a lucta entre a reacção e a liberdade, entre as trevas e a luz, não ha duvidas sobre quem colherá os louros da victoria".

Os cantinhos de poesia desancavam nos poderosos:

"Ha muito quem faça mal,
N'estes reinos mal fadados.
E que até por signal,
Ficamos todos lograd os
Com certas coisas e tal
Bem levados dos diabos.

Tiram varias garantias,
Ao povo trabalhador
Que soffre todos os dias,
Da malandrice, o horror
Por causa das borguezias
Que passa muito *doutor*.

Eu acho bem entendido
No meu fraco entender;
Que um mortal nascido,
Tem direito a viver.
Sem que seja, opprimido,
Como está acontecer.

Só os ricos a meu ver
Têm direito ao mundo,
E o pobre ha-de viver,
Mais opprimido, no fundo,
E a um canto morrer,
Como qualquer vagabundo.

São bonitas theorias
Que muito dão que falar
A muitos lindos *rufias* ;
Que dizem sem descançar.
Deixa los ahi berrar.
São assim todos os dias.

A rubrica "**Capital e Trabalho**" chamava desta feita o industrial "*à realidade dos factos da vida social*", e isto para que, "*do seu estudo lhe accorde n'alma, mais hoje, mais amanhã, um pensamento humanitario que o faça entrar no caminho da justiça*".

A "*realidade social*" surgia aqui em forma de quadro continente da "**Lista de alguns dos chefes de Estados calculada a remuneração de 6 horas de trabalho diario**".

Ao quadro acediam os imperadores da Rússia, Áustria e Alemanha, os reis de Itália, Inglaterra, Espanha, Bélgica, Portugal e Dinamarca, e os presidentes da América e de França. O mais sortudo era o imperador russo, que "*ganhava*" 405 francos por minuto, 9.580 contos de réis por ano. O Presidente dos EUA vinha no fundo da tabela, com uns míseros dois francos por minuto, e 57 contos de réis ao ano. O monarca português ocupava o oitavo lugar deste curioso ranking, com 22 francos ao minuto e 525 réis ao ano.

"O quadro já vos mostrou quanto custa á industria de uma nação, em cada minuto, em cada hora, em cada dia e em cada anno de existencia, a *representação desnecessaria* de um homem para a felicidade dos povos, quando esse homem não trabalha, não produz, antes serve para explorar todas as classes sociaes e desnaturar em seu proveito todos os principios de justiça social, comstituindo e conservando em classes separadas os homens que deviam pela propria natureza estar unidos e solidariamente viverem na egualdade da paz e da ordem" — lia-se no texto assinado por "**Gilberto**".

A "*representação desnecessaria*", no caso português, já o "**Commercio da Louzã**" a epitetara de inculta, inimiga da instrução. Voltava ao tema

no artigo "**O Estado e a Instrucção**", primeira página do número 27, de 29 de Outubro de 1909:

"Quanto á segurança e solidez do throno tambem nada lucram com a instrucção, porque o throno, corroido como se acha pelo caruncho cortezão e hypocrita, assenta ainda sobre um pedestal que se chama Ignorancia. Desfeito esse pedestal, feito de ignorancia, a golpes de luz da Escola, o throno baqueará indubitàvelmente".

E em tom de poderosa mordacidade, anunciava-se programa que tornasse a monarquia indemne aos efeitos "*perniciosos*" da instrução:

"Artigo 1º – Fazer leis aparatosas para atirar ás bochechas do mundo civilisado e mostrar que cá tambem se pesca da regedoria.

Artº 2º – Conservar ás espeluncas o nome de escolas, para que lá fora, quem ouvir fallar em taes nomes julgue que se trata de edeficios apropriados, embora, não passem de cubiculos infectos.

Artº 3º – Continuar a fingir que o ensino é obrigatorio.

Artº 4º – Obrigar os professores a abdicar dos seus direitos civicos e perseguir a proposito de tudo o que tem o arrojo de pôr gravata vermelha.

Artº 5º – Continuar a pagar aos professores primarios o sufficiente para morrerem de fome afim de que elles descoroçoem e abandonem tal modo de vida ficando-se depois a viver uma nova vida de felicidade paradisiaca".

Resumindo o pensamento do autor do artigo, que assinava "**D.**", a monarquia gostaria de ver os cemitérios pejados de mestres-escola!

A primeira página desta edição incluía ainda os "*periodos essenciaes*" de um manifesto da "**Junta Liberal**", no qual se solicitava a adesão dos cidadãos portugueses a uma campanha de angariação de fundos para financiar o "*movimento contra a reacção clerical e politica*".

"Resolveu a Junta Liberal propor a todos os cidadãos portugueses sinceramente liberaes uma quotisação não inferior a 500 reis paga *por uma só vez*, mediante um 'bilhete de adhesão' numerado, marcado com o sinete da Junta e rubricado pelo presidente e dois outros membros da comissão executiva".

Um sacrifício por uma boa causa:

"Vale a pena supportar um sacrificio pecuniario para uma obra honrada e sincera de emancipação, quando tão pesados e dolorosos sacrificios se soffrem para a manutenção das varias tiranias a que está sujeito o povo português.

Quem não abre a bolsa á Liberdade, dentro dos limites dos recursos de que dispõe, embora com certo custo, embora com algum transtorno, não é capaz de nenhum sacrificio, por ella, não a ama sinceramente".

A Junta acreditava no "*civismo da parte pensante trabalhadora da nação*" que, "*apesar de todos os artificios e de todas as violencias, apesar de todos os sophismas e de todas as pressões, apesar de todas as misitificações e de todas as traições, claramente se mostra disposta a libertar-se para sempre da tyrania clerical, inseparavel da tyrania politica*".(Nota 19)

NA página dois, seleccionou-se texto de Guerra Junqueiro...

"O deus milhão não digere sem a guilhotina de sentinela. Os homens repartem o globo, como os abutres o carneiro. Maior abutre, maior quinhão. Homens que teem imperios, e homens que não teem lar".

APESAR das relações cortadas com o dono da hospedaria da estação, o jornal noticiava a estadia, ali, de um cirugião dentista:

"**Medecina dentaria** — Na hospedaria do sr. José Fernandes Carranca encontra-se ha dias o cirurgião dentista sr. dr. Oscar Leal".

A Lousã já se despovoara dos estudantes com bolsa paterna que suportava aulas fora de portas; no caminho, talvez se tivessem cruzado com os patrícios com bolsa que suportava veraneios na Figueira:

"**Estudantes** — Já seguiram para Coimbra e Figueira da Foz a continuarem os seus estudos, os estudantes nossos conterraneos.

Que no futuro julho, o nosso jornal tenha occasião de saudar pela assiduidade ao estudo, é o que sinceramente desejamos a todos aquelles que para alli vão adquirir o que tão preciso é a todo o cidadão: — **a Luz** — que tão bem guia as consciencias Sans".

"**Regressos** — Nos ultimos dias tem regressado muitas pessoas, que na Figueira da Foz se encontravam a banhos, entre as quaes nos lembra ver passar, aqui ao fundo do nosso quintal, (porque passa cá o comboio), as exmas. familias Simões Barata, Correia de Figueiredo e Pedro Dias Anastacio".

A 9 de Novembro publicava-se o número 28 do "**Commercio da Louzã**". O "11 de Julho" fora entretanto despromovido para as páginas interiores, e com espaço limitado a uma "*breve*":

"**Falta de respeito ...** — Na quinta feira passou para o poder judicial o *celebre* processo dos acontecimentos de 11 de Julho.

Dizem-nos que certo *fidalgo* se queixa de nenhum dos seus correligionarios mais engravatados o não acompanharem até ao tribunal, onde teve de ir depor, não obstante o terem-se lá encontrado alguns que são proprietarios importantes; não ficou satisfeito com a *graça*, naturalmente por não terem até hoje *empinhado* um chapeu alto, mais vélho que o... castello mourisco, nem envergado uma *maromba* rachada atraz.

São uns ingratos, pois não são?..."

O discurso promovido por Carlos Sacadura, no decorrer de uma festa escolar, motivou desconfianças na pena do repórter...

"Fallou depois o sr. dr. Carlos Sacadura, que produziu um brilhantissimo discurso, em que expoz a necessidade da assistencia escolar ás creanças pobres, de cuja sinceridade de palavras duvidámos, por acostumados que estamos ás promessas de sua ex^{a}. a favor das coisas da sua terra, e que *depois de servido*, imita muito bem o seu chefe, o sr. João Franco, no cumprimento das suas promessas. A nós deixou-nos a impressão de que falla muito bem, e nada mais".

LÁ de fora, continuavam a sobrelevar-se os exemplos de humanidade: "Foi publicado na Alemanha o projecto de reforma do codigo penal, de que uma commissão estava encarregada ha 10 annos.

Admitte circunstancias attenuantes em todos os casos e diminue as penalidades.

Por exemplo: pelo codigo actual uma pessoa que furta um pão para mattar a fome a um filho, é condemnada, emquanto que pelo novo codigo será absolvida.

Humanidade e justiça é o espirito da reforma".

"Marthinho" informava desde Coimbra que o "*academico sr. Homem Christo*" havia sido riscado da Universidade, "*que não poderá frequentar aquelle estabelecimento, durante dois annos. Consta-nos que elle já se encontra em Lisboa a frequentar o curso Superior de Letras*".

NO número 29, a crónica política volta à primeira página e, invariavelmente, para zurzir no governo da época, muito atreito na perseguição aos desafectos do regime:

"Reles comediagraphos e desastrados comediantes, reconhecendo afinal que eram incapazes de fazer coisa de geito, preferiram arrancar a mascara e entrar sem caracterisação, se bem que a meia luz, no tablado das perseguições contra tudo o que se oponha aos seus anachronicos e perniciosos projectos liberticidas. Acocorados a um canto, tremelicantes como meninos piegas com medo do papão, o seu espirito fraco, abrigando só projectos escuros, fez-lhe ver irromper por toda a parte cabeças da Hydra, com a mesma promiscuidade de tortulhos em terreno humido. E este governo de desastrados, sugestionados pelos reaccionarios e pelo seu conservantismo, parece ver em tudo um ataque ás instituições e na sua insania julgando evitar o perigo, cada vez o augmentam mais".

O pavor do governo pela subversão era de tal ordem, que até uma conferência sobre instrução havia sido proibida:

"Não tiveram duvidas em, sem explicação plausivel, prohibir que o grande orador Alexandre Braga, realisasse uma conferencia sobre instrucção, num theatro de Lisboa, e o seu descôco chega a tanto que até temem que as simples e meigas criancinhas podessem pregar com o throno de cambalhotas como aos seus castellos de cartas com que usam brincar, e prohibiram que nas escolas se entoassem canticos como a 'Sementeira'".

Para que não restassem dúvidas do absurdo desta proibição, o "**Commercio da Louzã**" reproduzia a letra da cantiga infantil:

Por ti a terra espera, ó semeador:
fecunda a com teu gesto omnipotente!
Não perderás sequer uma semente
nem teu labor.
A terra é má?... Pois ha de ser melhor
quando o trigo ceifares d'esta semente.
Não percas a coragem, semeador:
fecunda a com teu gesto omnipotente!

Ó Escolas, semeai...
P'la sementeira espera a cega Humanidade.
Ó Escolas, semeai!
O Amor, a Vida, a limpida Verdade,
Ó Escolas, semeai!

Seguia-se outra estrofe, e o comentário jocoso:

"Como vêem é de estarrecer. Estamos a ver que antes de pouco será proibido tocarem as philarmonicas, os realeijos, as tunas e nem uma pessoa poderá

Dois padres liberaes

Nas exequias do Dador

Discurso sensacional — Um padre defendendo a Liberdade

Desse discurso, que produziu magnifica impressão no auditorio, extrahimos os seguintes periodos que constituem uma soberba saudação á Liberdade — «a noiva eterna das almas juvenis, o ideal sublime por que combatem todos»:

«O senhor D. Pedro IV... Mas para quê? Este discurso não é nem pode ser já elogio funebre dum rei, porque sobre a urna onde repousa aquelle coração já passaram setenta e cinco annos e as lagrimas dos homens pouco duram. Aqui sob esta abobada, passando na penumbra eu vejo mil espetros que se agitam nos ares; são os heroes obscuros que morreram nas linhas, são os filhos do povo que a guerra devorou. O espetro do rei tambem saiu do feretro e veio mostrar-nos a sua voz severa gritou aos meus ouvidos: — Padre! lembra-te que acima de todas as miserias, de todos os fastigios levanta-se justiça que deve murmurar-te ha tanta heroicidade no aço das baionetas como nos punhos doirados das espadas! Evoca os meus soldados, aponta-os aos vindouros. — E vi então passar num tropel de gloria, os filhos da plebe, heroicos, sobre humanos saudando calorosos uma bandeira tão alva como a neve, brilhante como um sol — era a da Liberdade. Foi ella — a noiva eterna de juvenis — o canto sublime da sua adolescencia; foi ella que os armou no dia dos combates, a ella que invocaram na hora de morrer, e era ella ainda a branca sentinela que os guardava no longo sono dos fortes que morreram. Para os saudar a todos num mesmo grito, para os lembrar a todos eu tenho uma palavra que foi em vida a força dos seus braços e que é na morte o sublime epitafio dos seus tumulos. E' esta: Liberdade!

Alvorada radiosa que nos deslumbra, nome bemdito que electrisa e commove as multidões, a Liberdade é a doirada miragem por que todos anceiam e o ideal sublime por que combatem todos. E' sempre a mesma! Na Grecia morrendo a defender a patria com o sangue de Leonidas, e Roma combatendo a defender a plebe na intrepidez dos Gracchos e no civismo a rodimir os homens na morte de Cesar. Vive por vezes no escarceu da batalha, habita as barricadas, e ruge e desafoga como leôa ferida... Fantasma dos romanos e mãe dos oprimidos, assassinou Cesar e mata Robespierre, anima Chenier em frente á guilhotina, põe nos labios de Bailly a frase immorredoura, nas faces de Carlota Cordey o pejo de uma affronta sabe sonhar com Danton, de pé no cadafalso, uma gloria postuma e acerba implacavel na voz de Tallien, o tigre do poder.

«Mas a Liberdade não é só o sangue com que se escrevem nas paginas da historia o nome de um vencido na luta democratica ou o sangue com que se risca das paginas da vida o nome de um tirano. Liberdade não é a furia desgrenhada que ruge imprecações, que traz odio no olhar e na nos vestidos, que insulta um inimigo e cospe n'uma mulher. A Liberdade mata quando pode morrer, insulta quando a prendem — só cospe nos traidores. Quando atacam defende-se e vai entre viver na luz das revoluções, transforma em soldados os filhos do trabalho, e campo de batalha a paz das officinas e heroica e santa, expõe sobre as calçadas o peito nu e rosa aos golpes da metralha, ergue ao ar um martello como se fosse espada, transforma um alvião em lança, d'elle uma montanha e vae, descalça e côrta, a ouvir sem tremer a voz das espingardas — arrazar a Bastilha...

Achei a grandiosidade quando a vi combater opondo a força á força; curvei-me respeitoso quando a senti na historia sobre um rastro de sangue ao clarão de incendios para ver pousar em lobregas masmorras, morrer nas barricadas. Achei-a sempre bella quando a condemnei aqui nesta cidade contando com a alma ousada dos dados um poema de força temeraria; e commovei-me quando a vi formar irmãos os perigos dos povo que era rei... na heroicidade. Admirei-a na voz de Mirabeau, no gesto de Barnave... Vi-a na guerra, na tribuna, nas ruas, mas sempre ensanguentada, mas sempre a combater. Queria vel-a na paz egualando os homens, unindo-os no mesmo laço de fraternal amor; o padre e o ateu, o rei e o vassalo, o rico e o mendigo, o oiro e o trabalho. Queria ve-la sem odio lutando com palavras, respeitar a virtude no campo dos contrarios, curvar-se ante a desgraça que fere os inimigos cair como uma benção nas lutas fraticidas a semear a paz. Queria ve-la tão pura como a fronte rosada das creanças, tão dedicada como a ternura divinal das mães e tão austera como a rugosa face da velhice. Queria ve-la assim para gritar-lhe: Tu és do Eterno e sopro bemfazejo desceste sobre a terra a illuminar da vida a treva da injustiça, entraste nas mansardas e ascendeste aos tronos, afagaste a miseria nas convulsões da fome, ensinaste á opulencia o balsamo da esmola, pela crença venceste da morte o despotismo. E' a ti que contemplona a vastidão do mar unindo os continentes, a ti quem vejo nas vibrações da luz illuminando a terra, a ti quem sinto na paz dos cemiterios lançando sobre as campas a benção duma cruz! Acompanhas o espirito do Senhor como se fosses sombra; vejo-te em toda a parte onde elle habita. «Ubi autem Spiritus a Domini ibi libertas.»

N'uma brilhante conferencia, ha dias realisada em Santarem, o sr. dr. Antonio Augusto, parocho de Villa Secca, diz que o catholicismo e democracia não são inimigos, antes o bom catholico deve auxiliar a propaganda republicana

Santarem, 5.—C.—O sr. dr. Antonio Augusto, rev. parocho de Villa Secca, que aqui veiu fazer uma conferencia sobre «Republica e religião», no Centro Eleitoral Republicano, foi recebido na estação por delegados do referido centro e das commissões districtal, municipal e parochial.

Depois de um jantar no hotel Central, a que assistiram representantes de todas as commissões, dirigiu-se para o centro, cujo salão, vistosamente ornamentado, estava repleto, assim como os gabinetes contiguos, corredores e escada, sendo quasi metade do salão occupado por senhoras.

O conferente foi recebido com uma enorme ovação, sendo convidado para presidir o membro do directorio do partido republicano sr. José Relvas, a quem a assistencia recebe com calorosos applausos, e que, assumindo esse logar, faz o elogio do conferente, a quem presta justa homenagem, por, na sua qualidade de cidadão e de padre, vir arrostar com todos os preconceitos, a fim de prestar preito á verdade e á democracia.

Tomando a palavra, o sr. dr. Antonio Augusto começa por dizer que em Portugal muitas pessoas deixam de se filiar no partido republicano, por entenderem que isso vae contra as suas crenças catholicas. Não teem razão de ser taes escrupulos e se alguns deve haver é o de estarem ao lado da monarchia, que se finge amiga do catholicismo, mas na realidade é sua inimiga. Os oitenta annos de constitucionalismo que temos haviam de dar fatalmente o que deram — tristissima situação em que o paiz se encontra — e hão de conduzir nos fatalmente á ruina, se nós — o povo — deixar-mos continuar tal estado de coisas.

A religião christã adapta-se perfeitamente a todas as condições da vida social e individual e a todas as fórmas de governo; por isso, o que dizem que o padre que abraça o credo republicano é ou ateu ou é ignorantes ou hypocrita, mentindo conscientemente. Cita as opiniões de grandes theologos e até encyclicas do papa Leão XIII e do Pio X, que provam o que elle affirma. Não ha, pois, a menor incompatibilidade entre a republica e o catholicismo.

Cita factos pelos quaes se prova que os beneficios ecclesiasticos são dados, não a quem mais vale pela sua intelligencia e pelo seu saber, mas áquelles que mais se distinguem pelos seus serviços eleitoraes. Diz que o que muitos consideram como um mal, a separação da Egreja do Estado, será o unico meio pratico de libertar a Egreja em Portugal, de lhe restituir de dissertar largamente sobre os perigos que á Egreja adveem do Estado obrigar os cidadãos a pagarem para o sustento do culto, o que a muitos exaspera, e de se referir a alcavalas e fraudes commettidas, na nomeação das dignidades ecclesiasticas ao exaggero dos preços para qualquer acto de que necessitem, o orador diz que todo o bom catholico tem obrigação de auxiliar a propaganda republicana.

Durante o seu brilhante discurso, de que apenas podemos dar um ligeiro extracto, o conferente foi por vezes interrompido com grandes applausos, recebendo, ao terminar, uma calorosa ovação, cruzando-se os acordes da «Marselheza», executada pela tuna do centro, com os vivas á democracia, ao clero liberal, á patria, ao dr. Antonio Augusto, Jesé Relvas e outros.

A' conferencia assistiram os srs. drs. Francisco Nunes Godinho, Joaquim Guedes d'Amorim, Joaquim, Romão, Arthur d'Oliveira Santos, representantes das commissões municipaes de Almeirim e Villa Nova de Ourem.

Gostosamente transcrevemos as palavras do illustre sacerdote que nos honra com a sua amizade.

Dr. Antonio Pires de Carvalho

Afim de assistir ás vindimas, sahiu ha dias para o Minho, terra da naturalidade de sua ex.ma esposa, o nosso respeitabilissimo amigo Dr. Pires de Carvalho, o illustre medico que a Lourenço Marques foi substituir o malogrado dr. Jeronymo Silva, que tambem por sua vez tinha ido alli substituir o dedoado democrata dr. Antonio José d'Almeida.

Estes tres medicos que eram da mesma geração academica e que ha 20 annos vinham lutando pela causa da democracia, em tudo teem sido dignos uns dos outros, não se notando em nenhum d'elles, durante a sua vida politica a mais pequena transformação.

Ao illustre morto a nossa eterna saudade, aos dois vivos a nossa admiração pela firmesa do seu caracter.

Modestos

Alguns rapazes deste grupo continuam com os seus ensaios no nosso theatro, para em breve dar alli, um beneficio para a compra de instrumentos de corda que á sua tuna fasem muita falta. Lá estamos para ver o *aprumo* dos amadores.

— No dia em que o sr. João Coelho Busano, socio daquelle grupo, tirou o numero que o isentou do serviço activo do exercito, foi a tuna de que o mesmo sr. Coelho é executante cumprimental o, provando assim com a modestia do visado, o contrario do que por ahi dizem as *más linguas*, que lhe chamam os *papa-jantares*.

Este grupo tornou se muito simpatico pela fraternisação entre os seus associados, e tanto isto é verdade que ainda não ha muito o quiseram *empalmar* para um grupo monarchico, ou por outra, para um grupo de bajuladores de monarchicos; como porem não conseguissem os seus intentos, porque a isso se opoz a sensatez d'alguns socios, agora não são senhores de manifestarem o seu reconhecimento por qualquer beneficio prestado ao grupo, que não sejam logo apodados de comedores, por aquelles que nunca perdem occasião de depreciar os que lhe são, por qualquer coisa, superiores.

O *Commercio da Louzã* humilde, como humilde foi o seu appareciamento, já mais olvidará a prova de deferencia que aquelle grupo lhe dispensou, e não pode deixar de manifestar aqui a muita dedicação que por elle tem, desde que vimos alli 4 individuos que se opposeram a que lá entrasse a *tronga* que tanto desmoralisa, tenha ella a côr que tiver.

Apesar de termos sido dos condemnados á expulsão, pelas nossas ideias democraticas (cá fóra), estamos bem dentro da casa da sociedade com qualquer politico, desde que lá dentro, seja um socio com as mesmas regalias de qualquer outro.

Regresso

Com sua familia já regressou á sua casa desta villa o sr. José Julio Mendes que como nos outros annos, foi passar o verão á sua bella vivenda de Valle

Estrada da Serra

Em diversos jornaes temos lido as dotações com que o governo tem auxiliado a construcção e conservação de diversas estradas, mas por mais que tenhamos procurado ainda não vimos verba nenhuma destinada a dar qualquer impulso á construcção da nossa Estrada da Serra, que ha 30 annos se começou e ainda lhe faltam uns 10 kilometros para ligar no districto de Leiria com a que nos conduz ao centro pobril da Castanheira de Pera.

Os povos d'aquella região já ha mais de vinte annos que conseguiram das auctoridades de Leiria a conclusão da referida estrada, emquanto que a Louzã, sem se saber *porquê*, ainda não conseguiu que lhe concluissem a sua, que tanta falta faz ao seu desenvolvimento material, nem ao menos depois da conclusão da nossa linha ferrea, com o auxilio da Companhia do Mondego, que lucraria muitissimo, com o desembarque aqui das mercadorias para as fabricas da Castanheira; que nos conste ainda nada se fez, neste sentido.

Ha tempo constou-nos que o sr. presidente da camara alguma coisa, neste sentido, indicou ao sr. administrador do concelho, não sabendo até agora o que esta auctoridade tenha conseguido a tal respeito.

Conhecedores da historia desta estrada não temos, deproposito, dito nada das causas que a tem detido em tão extraordinaria morosidade, mas acabado de provar o despreso que lhe votam aquelles que tomaram o compromisso da sua conclusão, então irá tudo, sem nos importar que o nosso jornal tenha de terminar, pela perseguição que já é bem visivel entre nós que certa gente lhe vae manifestando o que lhe podemos garantir é que não terminará sem *numero especial* em que nós então faremos ver aos nossos companheiros do infortunio quaes são os amigos da nossa terra e dos seus povos.

DONA MINCIA

Romance historico

1.º

Dom Guthero de Monrai
Lança em punho a defender
De Santa Cruz a cidade,
Lá no cabo d'Aguer.

Dom Luiz, e Dona Mincia,
Sustem suspiros no peito;
Morrer por a Fé é gloria,
Não suspirar é preceito.

«Filhos=Dom Gothero diz=
«Os mouros tem grão poder,
«Os cristãos longe nos ficam...
«Captivos?!—Antes morrer.»

E bem dizes, Dom Gothero,
Bem falias d'exp'rimentado,
Morte não ha tão cruel
Que o viver do captivado

Não assim aprouve a Deus,
Captivos todos tres são,
Santa Cruz roja por terra,
Tremúla mouro pendão.

Nas ameias do castello
Nunca mais se torna a ver
Luzir a lança do luso,
Branco pendão desprender.

Os sinos da cathedral
Sempre callados são.
Já ronca voz lá na torre
Mouros chama á oração.

2.º

Mahamút, potente mouro,
Xarife de Tarudante,
Que nunca provára amores,
Louco se torna d'amante.

E quem pode ver a Mincia
Sem d'amor louco morrer?
Tigre que fôrs amáras
Se olhos houveras p'ra a ver.

Amor de mouro levou
Ao harem a portugueza,
Mais que nenhuma em senhora
Mais que nenhuma em riqueza.

Se o clero reaccionário era fortemente "vergastado" nas páginas do "Commercio da Louzã", já os padres que alinhavam pela democracia e liberdade tinham direito a grandes elogios, e reprodução dos seus discursos.

CAPITAL E TRABALHO

Direito dos lucros

Ousamos ser tão ingenuos que ousamos ser actualmente tempo perdido, prégar, no deserto das consciencias surdas ás vozes das colmeias, as nossas ideias contra a desegualdade e injustiça com que se remunera o trabalho operario em comparação com os lucros desproporcionados que auferem os capitaes empregados na industria.

Muito embora pareça inutil o nosso esforço para accordar quem dorme e não quer ser importunado, vamos cumprir o nosso dever, chamando o industrial á realidade dos factos da vida social para que do seu estudo lhe accorde n'alma, mais hoje, mais amanhã, um pensamento humanitario que o faça entrar no caminho da justiça.

Pomos-lhe hoje deante dos olhos *um quadro* tão vivo e tão expressivo, que elle, o proprio industrial, perguntará a si mesmo, porque é contribuinte, para que se ha de pagar tão cara a ociosidade e uma representação nacional tão inutil e desnecessaria?! Na verdade, nada ha na vida mais caro do que o desnecessario, e já em Portugal uma rainha disse:

«—Quem quer ter rainhas, paga-lhes bem!.. »

Pense agora o industrial capitalista que, custando tão caros os reis e os imperadores ás nações que os querem ter, que o operariado trabalhador e util porque produz e enriquece as nações, se lembra com razão de perguntar, porque havemos nós de pagar tão caro o capital? para que nos serve *a representação de um industrial* que nos absorve a maior parte do que produzimos?

Amigo industrial, damos-vos um conselho. Como tem de ser em *nossos dias* que a transformação social se ha de dar fatalmente, eu no vosso caso ia modificando já de *motu-proprio* o regimen industrial, *associando* o trabalho ao capital, isto é o operario que o mereça aos vossos interesses, sem esperar que seja ella, *a avallanche social*, que vos obrigue a seguir caminho menos rendoso. Os fundamentos deste conselho estão já considerados e estão na vossa consciencia de homens, só vos falta despir essa *toillete* de egoista para vos achardes no meio da egualdade, da justiça e do direito.

Lista civil de alguns chefes dos Estados calculada a remuneração de 6 horas de trabalho diario

	Por anno cont. de reis	Por dia reis	Por hora, rs	Por min rs.	Francos, por minuto
Imperador da Russia.....	9:580	26:2445000	4:3745000	725900	605
Imperador da Austria....	4:162	11:4045800	1:9005800	315680	176
Rei da Italia.....	2:454	6:9985400	1:1665400	195140	108
Imperador da Allemanha.	2:081	5:7025400	9505400	158840	88
Rei da Inglaterra.....	1:773	4:8605000	8105000	135500	75
Rei de Hespanha	1:702	4:6655600	7775600	129960	72
Rei da Belgica.....	567	1:5555200	2595200	43320	24
Rei de Portugal.....	525	1:4385356	2305726	38095	22
Rei da Dinamarca.....	425	1:1665400	1915400	31240	18
Presidente de França....	212	5835200	975200	16620	9
Prisidente da America...	57	1295600	215600	360	2

O quadro já vos mostrou quanto custa á industria de uma nação, em cada minuto, em cada hora, em cada dia e em cada anno de existencia, *a representação desnecessaria* de um homem para a felicidade dos povos, quando esse homem não trabalha, não produz, antes serve para explorar todas as classes sociaes e desnaturar em seu proveito todos os principios de justiça social, constituindo e conservando em classes separadas os homens que deviam pela propria natureza estar unidos e solidariamente viverem na egualdade da paz e da ordem.

Mas confrontemos este quadro de remuneração do trabalho dos chefes d'Estado com os ganhos diarios de muitas emprezas fabris, de muitos industriaes que ganham por dia centenas de mil reis, e alguns sei ou cujos ganhos com a producção do Cacau, explorando o trabalho dos negros, se não contentam com lucros de quinhentos contos de reis annuaes!

Mas a par d'isto, temos no paiz professores diplomados que bem felizes se achariam ganhando cinco e seis tostões por dia, medicos que nem mil reis fazem por dia; e se fôrmos vêr então quanto ganha por dia um typographo, muitos operarios de fabricas e de trabalhos agricolas, concluimos com verdade que elles são forçados a contentarem-se com 300 reis para se sustentarem a si, á mulher e aos filhos; mas se ainda olharmos ao ganho de uma mulher, então a injustiça é mais monstruosa (!), pelo mesmo tempo e trabalho que ella produz num dia de 10 horas de canceira ella receberá para o seu sustento e dos seus filhos, cem ou cento e vinte reis diarios.

O' justiça humana! . . .

Gilberto.

P. S. — Em 10 do corrente o sr. Briand, ministro da França, examinando a questão social, declarou que o governo «facilitará a participação dos trabalhadores no beneficio da industria.»

Registamos com satisfação este facto.

Simplesmente estupido

Hontem quando a força de infanteria 24 que tem estado em Serpins por causa da questão das mattas do Sobral tomava o comboio para Aveiro, o alferes da força prospegou uma tremenda bofetada num pobre soldado, a quem apenas ouvimos o lamento de que não era assim que se castigava o militar, ao que o arrogante official respondia com ameaça de o castigar em chegando ao quartel.

Ao sr. commandante do 24 cumpre syndicar das causas que deram motivo a tal desacato e castigar o seu subalterno, afim de evitar que tão publicamente se enxovalhe o soldado portuguez.

AINDA AS MATTAS DO SOBRAL

Hontem, quando tinhamos impressa a primeira pagina do nosso jornal, soubemos que os povos da freguezia de Serpins tinham ido, de noite, derrotar, na extensão de 4 hectares, o arvoredo que se achava limpo e tratado pelos trabalhadores que d'aqui e de Villarinho para alli tinham sido fallados pelos regentes florestaes.

O povo escondeu se na matta, esperando pelos trabalhadores para correrem com elles, o que effectuou, ferindo alguns, que vieram receber curativos ás pharmacias d'esta villa.

Uma testemunha presencial disse-nos que os trabalhadores quando chegaram ao sitio da Feira dos Bois, onde permanece o resto da força militar, se atiravam ao chão, de fatigados que vinham da refrega, quasi sem alento.

No comboio das 5 e meia foram presos na estação desta villa, José Maria Fernandes e João Simões (o Salta Paredes), d'aquella freguezia, quando tentavam embarcar para Lisboa.

Hoje, no comboio da manhã, chegou uma força de infanteria para acompanhar ás mattas a auctoridade administrativa.

Como se vê, esta questão ainda tem muito que dar; e por isso a auctoridade tem que estudar muito para lhe dar uma solução rasoavel, e não levar para lá individuos que, em vez de convencerem por palavras aquella pobre gente, a vá exaltar ainda mais com os seus ditos sarcasticos, como succedeu no dia 4, quando vinham escoltados pela força armada, os 16 individuos que para aqui vinham presos, com um dos seus agentes *encommendado*, que vinha atraz dos infelizes a parodia-los, de fouce ao hombro e com as cordas em volta de si, dizendo, em ares de mofa:—«Isto é nosso, isto é nosso...».

Este *heroe* decerto já se não lembra do mau bocado que passou debaixo da *cama do Amaro*.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, não publicamos hoje o nosso folhetim, o resumo das sessões da nossa camara e alguns escriptos de collaboradores que muito presamos.

Pedindo desculpa a estes, promettemos aos nossos leitores suprir esta falta no proximo numero.

Em Coimbra

Deu á luz uma robusta menina a sr.ª D. Palmira Gomes, esposa do nosso bom amigo sr. José da Conceição e Sousa, zeloso empregado da casa bancaria daquella cidade—Miguel Braga.

Com o desejo sincero pela felicidade da recemnascida, vão os nossos parabens aos paes.

Dr. Antonio Augusto

Lemos no *Mundo* o seguinte telegrama:

Coimbra, 5. — Este nosso illustre correligionario, estimadissimo parocho de Villa Seca, vae dentro em breve para o Brazil, de visita a um seu irmão.

No domingo despediu-se dos seus parochianos, a quem deixa muitas saudades.

O prelado desta diocese não lhe quiz dar a exoneração que havia pedido, mas sim uma licença especial e ilimitada E' uma prova de quanto aquelle nosso illustre correligionario se soube impôr pela sua inteireza de caracter.»

Está arranjadinho o illustre prelado! Vai ter á perna toda a clericalha reaccionaria que se ha de ver grego. Elles toleram lá que um Bispo tivesse referencias para com um padre liberal e demais a mais republicano?!

Pois não tolerâste.

João Erse de Figueiredo

De visita a sua familia, e afim de levar para a sua companhia a filhinho de seu irmão Eduardo, que vae frequentar o lyceu de Vizeu, vimos nesta villa o nosso illustre patricio sr. João Erse de Figueiredo digno director dos correios e telegraphos do districto de Vizeu.

Que se repitam amiúdadas vezes as suas vizitas ao seu berço natal, é o nosso empenho.

Concurso

Foi posto a concurso, com o ordenado annual de 240$000 reis o logar de secretario da camara deste concelho.

Vae sem commentarios, daremos depois os nomes dos concorrentes.

Fallecimentos

Na terça feira da semana passada falleceu nesta villa o sr. José do Rego Junior que ha muito vinha soffrendo da terrivel tuberculose.

A seu pae e nosso amigo sr. José Augusto do Rego, os nossos sentimentos.

— Na quarta feira da semana preterita tambem falleceu na sua casa do Penedo, desta freguezia a sr.ª D. Anna Busana, mãe do nosso prestante amigo e importante commerciante em Lisboa sr. Francisco José Erse, a quem por tal motivo apresentamos os nossos sentimentos.

— No mesmo dia tambem falleceu na sua casa da Boiça, na avançada edade de 90 e tal annos o arrojado pescador José Henriques (Mineiro), pae dos nossos amigos Nicolau, Agatão e Frederico Henriques dos Santos.

A toda a familia e em especial a estes dois seus filhos que se acham no Rio de Janeiro, (Brazil) envia o *Commercio da Louzã* o seu pezame sincero, pela perda da pessoa que elles tanto estremeciam.

Regressos

Nos ultimos dias tem regressado muitas pessoas, que na Figueira da Foz se encontravam a banhos, entre as quaes nos lembra ver passar, aqui ao fundo do nosso quintal, (porque passa cá o comboio) as ex.mas familias Simões Barata, Correia de Figueiredo e Pedro Dias Anastacio.

Assalto

Na noite de sabbado para domigo foi assaltada a casa do capitalista sr. Joaquim Henriques Lopes, do logar do Covão roubando-lhe todas as roupas de cama vestuario e um alfinete de brilhantes desconhecendo-se por em quanto os auctoraes do assalto.

As Amoreiras

Lembramos a todos os creadores do sirgo que estamos em outubro e que é esta a occasião propria para se dirigirem á Estação do Fomento Agricola de Mirandella a reclamarem a semente seleccionada, não esquecendo dizerem com quantas amoreiras contam para o alimento dos bichos da seda. E' tambem occasião dos proprietarios reclamarem da mesma estação as amoreiras que desejem para plantarem no tempo proprio.

Porque não tentam os nossos proprietarios a industria sericicola que pode tornar-se uma boa fonte de receita?

Arrematação

1.ª publicação

No dia 14 de novembro proximo pelas 11 horas da manhã á porta do tribunal judicial desta comarca, se hãode arrematar os predios abaixo mencionados penhorados na execução hypothecaria que Gaudencio d'Oliveira Magalhães move contra Manuel Reis Cardoso e sua mulher, todos do Rio de Vide, as quaes serão entregues a quem mais offerecer:

— Metade pro-indivisa dumas casas em ruinas com quintal pegado, situadas no logar de Rio de Vide avaliadas, em 55:000

Uma terra de cultura com oliveiras e mais arvores de fructo no sitio da Vallada avaliada em 70:000 reis.

— Uma terra de cultura de secca com oliveiras e mais arvores de fructo no stio da Vallada avaliada na quantia de 60:000 reis.

— Uma terra de cultura com um poço d'agua nativa, no sitio do Porto Santo, avaliada em 27:000 reis.

São citados os credores incertos.

Louzã, 12 de outubro de 1909.

Visto.

Antonio de Saldanha Moncada.

O escrivão do 1.º officio

Adelino Duarte de Carvalho.

BIBLIOTECA MUNICIPAL CONCELHO DA LOUSÃ

A rubrica "Capital e Trabalho" tentava demonstrar a 21 de Outubro de 1909, a inutilidade dos governantes para a felicidade dos povos.

Director e proprietario
Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
na rua Nova da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20
Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contrato especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha
As ass. assignantes teem 50 por cento de abatimento

1.º anno — N.º 27 — Sexta-feira, 29 de Outubro de 1909

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLÍCA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADIANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO CONCELHO DA LOUSÃ

O ESTADO E A INSTRUCÇÃO

O talento em Portugal vulgarisa-se por uma forma muito singular e engraçada.

«Duas fanfarronadas quixotescas, uns encomios da Imprensa cartazes etc., e está creado um homem d'estado á imagem e semelhança dos outros... estadistas.

Quando algum d'estes candidatos á governança publica se lembra de galgar os degraus carunchosos do poder, principia invariavelmente por traçar seu programma — um programma mirabolante em que não esquece a instrucção publica.

A instrucção é a isca de todas as armadilhas.

E porque não? Custará alguma coisa a estes farçantes que aspiram ao mando, rabiscar um programma extenso e faltar a elle por completo?

Onde estão os escrupulos?

O ponto é subir, e para subir até ás culminancias não é preciso, attestado de bom comportamento moral e civil. Basta ser levado pela mão da politica e ter uma carta de conselho que se vende baratinha.

O nosso paiz não tem grandes exigencias, mas ha com tudo qualidades para os concorrentes de que se não prescinde: — audacia e manha. Talento, competencia e honestidade, são coisas secundarias.

Mesmo para governar a nau do Estado á matroca como até aqui, não é preciso estar ao leme.

Basta saber cosinhar umas batatas com carneiro á moda do Perú e da Azambuja, — saber emfim manobrar as operações d'uma urna.

Quanto á instrucção não é preciso cumprir o programma nem ninguem disso lhes pede contas.

Quem se prende com essas ninharias?

Se alguma vez os professores primarios, — unicos empenhados na regeneração do paiz pela instrucção, — forem em romaria implorar justiça do alto, mandam-se, como fez o João, cavar batatas.

A respeito das espeluncas (na maior parte) onde se ministra o ensino e onde, pode dizer-se o professor faz prodigios, attenta a carencia de todos os elementos, nada se poderá fazer.

O orçamento, a peça mais mentirosa de todas as mentiras do Estado, não tem verba orçada para tantos luxos.

Aonde se iria buscar verba para as viajatas regias, para sustentar com decoro o exercito cujos officiaes teem um trabalhão insano commandando cada um á sua parte soldado e meio?

Como se pagaria á valente guarda Municipal que tem a humanitaria missão de acutilar o povo e mandar algum mais teimoso para a ilha da Pasmaceira?

Os dinheiros portuguezes não foram cunhados para superfluidades d'instrucção primaria, tanto mais que, segundo opiniões muito abalisadas já cá temos instrucção de mais, e a instrucção segundo rezam os *Benevenutos* e os *Lourenços* está sendo a maior inimiga do throno e do altar.

Elles lá o dizem e lá o entendem. Como pessoas mais ou menos instruidas que são, nunca decerto mandaram pregar um sermãosinho em acção de graças pelos beneficios recebidos do ceo; nunca mandaram rezar uma missa ás almas; nunca esfolaram os joelhos nos lagedos das irmidas, nunca vestiram camisas de mulher por cima do fato e finalmente nunca fizeram nada do que aconselham aos humildes e fieis analphabetos. Não admira.

Bem prega Fr. Thomaz.

Quanto á segurança e solidez do throno tambem nada lucram com a instrucção, porque o throno, corrido como se acha pelo caruncho cortezão e hypocrita, assenta ainda sobre um pedestal que se chama Ignorancia.

Desfeito esse pedestal, feito de ignorancia, a golpes de luz da Escola, o throno baqueará indubitavelmente.

Por isso o meio viavel de conservar o existente é:

Art.º 1.º Fazer leis aparatosas para atirar ás bochechas do mundo civilisado e mostrar que cá tambem se pesca da regedoria.

Art.º 2.º Conservar ás espeluncas o nome de escolas, para que lá fóra, quem ouvir fallar em taes nomes julgue que se trata de edeficios apropriados, embora, não passem de cubiculos infectos.

Art.º 3.º Continuar a fingir que o ensino é obrigatorio

Art.º 4.º Obrigar os professores a abdicar dos seus direitos civicos e perseguir a proposito de tudo o que tem o arrojo de pôr gravata vermelha.

Art.º 5.º Continuar a pagar aos professore primarios o sufficiente para morrerem de fome afim de que elles descoroçoem e abandonem tal modo de vida ficando-se depois a viver uma nova vida de felicidade paradisiaca.

D.

Dr. Pires de Carvalho

Já regressou das vindimas para onde tinha sahido ha dias este nosso prestantissimo amigo e distincto medico, que tão valiosos serviços prestou em Lourenço Marques, onde exerceu clinica largo tempo.

Apesar da sua constituição herculea, o rigor do clima d'aquella possessão abalou-lhe mais ou menos a saude, resolvendo por isso mesmo sua ex.ª vir residir para a sua bella vivenda do Sobral, em Casal d'Ermio, onde presta os seus serviços como medico, a quem o procurar.

MANIFESTO

Da Junta Liberal recebemos um manifesto que pela sua extensão não podemos publicar na integra, mas do qual recortamos os seguintes periodos essenciaes:

. . . . . .

A Junta Liberal considera o movimento contra a reacção clerical e politica bastante difficil e extenso e crê, portanto, que a sua organisação não pode conter-se dentro dos moldes vulgares Ella entende que não deve dispensar nem tempo, nem energias, nem dinheiro. Finalmente, ella entende que o exito da guerra contra a reacção depende de se ter ou não tido a intuição de acontecimentos futuros e de se estar ou não prevenido para se lhe fazer frente.

Como esta orientação resolveu a Junta Liberal propor a todos os cidadãos portugueses sinceramente liberaes uma quotisação não inferior a 500 reis *paga por uma só vez*, mediante de um «bilhete de adhesão» numerado, marcado com o sinete da Junta e rubricado pelo presidente e dois outros membros da commissão executiva. A Junta Liberal põe desde já á disposição do publico os «bilhetes de adhesão», independentemente de qualquer pagamento egualmente com dispensa de inscripção especial e nominal.

Aos «bilhetes de adhesão» correspondem a 500 reis (cartões verdes), 1$000 reis (cartões encarnados) 5$000 reis (cartões azues), 10$000 reis (cartões amarellos), 20$000 reis (cartões roxos) e 50$000 reis (cartões cinzentos). Cada Liberal poderá adquirir mais de um «bilhete de adhesão» mas um só bilhete basta para dar a qualidade «adherente», seja qual fôr a quota que elle representar.

Se os liberaes portuguezes não fossem capazes de distrair dos seus orçamentos mais ou menos largos, mais ou menos escassos, uma verba maior ou menor á defeza da liberdade, esta não seria em Portugal mais do que uma palavra abstracta e vã, sem nenhuma equivalencia no mundo das realidades

Vale a pena supportar um sacrificio pecuniario para uma obra honrada e sincera de emancipação, quando tão pesados e dolorosos sacrificios se soffrem para a manutenção das varias tiranias a que está sujeito o povo portugues.

Quem não abre a bolsa á Liberdade, dentro dos limites do recursos de que dispõe, embora com certo custo, embora com um transtorno, não é capaz de nenhum sacrificio, por ella, não a ama sinceramente.

A Junta Liberal confia em que a adhesão das 100$000 pessoas que no dia 2 de agosto a acompanharam ao parlamento e das centenas de colectividades que nesse dia memoravel lhe enviaram telegrammas de aplauso e incitamento, não tenha sido meramente platonica, restringindo se á incorporação numa manifestação de caracter legal e pacifico, ou limitando se a saudações mais ou menos calorosas.

Os portadores dos «bilhetes de adhesão» constituirão um nucleo unico em cada concelho, que se designará pelo nome de Junta Liberal, seguido do nome da localidade. Todos estes nucleos subordinarão a sua acção á Junta Liberal de Lisboa, a qual, pelas condicções especiaes da sua existencia, mais facil e proficuamente póde canalisar no sentido desejado todo o movimento nacional contra a reacção clerical e politica.

Logo que a Junta Liberal tenha concluido a sua organisação, o que, com a boa vontade de todos os liberaes, não será difficil nem demorada, irá a consciencia da nação, em parte, para a defesa da Liberdade de perigos iminentes, intra uma propaganda larga, rapida de que prospera tirar a força vel para voltar a bater ás portas dos poderes publicos em condicções de não ser novamente desatendida.

Eis o que a Junta Liberal julgou conveniente dizer neste momento ao paiz, confiada no civismo da parte pensante trabalhadora da nação, que, apesar de todos os artificios e de todas as violencias, que, apesar de todos os sophismas e de todas as pressões, quem, apesar de todas as mistificações e de todas as traições, e aramente se mostra disposta a libertar-se para sempre da tyrania clerical, inseparavel da tyrania politica.

A Junta Liberal

DONA MINCIA

Romance historico

(Continuado do n.º 25)

Mas riquezas não abalam
De Mincia a herdada Fé:
Já não é Xarife amante,
Cioso mouro já é.

Dona Mincia a negro carcer
De ordem do mouro é levada,
Que até no amar se mostra
Alma de mouro damnada.

Ceder d'um mouro a desejos,
De Christo a Fé renegar,
É isso muito!... oh Xarife
Não tens nada que esperar.

Raivoso o mouro se morde,
Não por Mincia o desprezar;
Porque rigores não podem
Um suspiro lhe arrancar.

3.º

«Os cem captivos que tenho
«Sem resgate eu t'os daria
«Qando Mincia a meus amores
«Ceder quizesse algum dia.

«Todo o dinheiro que trazes
«Para um só não chegaria,
«Dona Mincia não leváras
«Por tresdobro da quantia.» (1)

Desta sorte, dando costas,
Triste um frade despedia,
Que o resgate não fazendo
Captivo ficar pedia.

Na sepultura de Mincia
Este pedido echoou,
E por salvar cem captivos
Alma e vida captivou.

Nem promessas, nem rigores
Poderão Mincia mover·
Movem-lhe a alma suspiros,
Cem almas a padecer.

Lagrimas sustem os olhos,
Em jasmins se tornam rosas;
E as horas da renegada
São tristes, são amargosas.

4.º

Vestem-se galas de côrte,
Respira em tudo alegria:
Mahamú. Xarife audaz,
Mincia é tua!—quem diria?

Ella cedeu, mas tu cedes
Tambem a desejos seus.
Vestidos, usos concedes (2)
Por troca d'honra e de Deus.

Em alta meza comendo!
Costume esse é de christão!
Tanta mulher que estimavas
Onde foram, onde estão? (3)

Mas ah! que tuas delicias
Em breve se hão-de findar,
A hora de Dona Mincia
Não tarda, virá soar.

O fructo de tanto amor
Dona Mincia á luz ja dera,
Filho foi de grão pecado,
=Morreu—nem viver podéra.

Os escarvos, Dona Mincia,
Junto a si mandou chegar:
=«Eu morro=e antes da morte
«Quero-me a vós confessar.

A instrução escolar mereceu sempre grande destaque no jornal lousanense. Entretanto, A Junta Liberal abria subscrição para subsidiar o movimento contra "a reacção clerical e politica".

Director e proprietario

Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

1.º anno — N.º 29 — Segunda-feira, 15 de Novembro de 1909

Commercio da Louzã

BIBLIOTECA MUNICIPAL — DO — CONCELHO LOUSÃ

PERIODICO QUE SE PUBLÍCA SEMANALMENTE

Condições de Assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 30 réis — PAGAMENTO ADIANTADO —

Chronica Politica

Muita gente, desta que tudo vê côr de rosa, disse por vezes que a chamada questão reaccionaria era talvez apenas uma especulação politica por parte de alguns partidos. Mas hoje, depois das ultimas passagens politicas, devem estar convencidos de que o predominio da reacção sobre as coisas publicas do paiz é um facto e bem patente a todas as vistas.

Aqui ha tempos um jornal dos mais reaccionarios a *Palavra*, do Porto, annunciava, muito ancho e muito fresco, que o governo esperava somente pela sahida dum membro do ministerio e pela viajata de D. Manuel para entrar numa politica de energias, disposto a acabar com as transigencias com os grupos liberaes *perturbadores da ordem e da marcha das coisas politicas e economicas de* Portugal, (o sublinhado é nosso). Esta profecia vae confirmando-se. Effectivamente saiu um membro do ministerio, o nobre titular da pasta da justiça, por causa da questão com o Bispo de Beja, e a politica de energias, que em boa linguagem se traduz por violencias, atropellos e dentro em breve, quiçá, as maiores reprezalias, já começou audaciosamente a deitar os pausinhos ao sol, como que tenteando a resistencia que pudera oppor-se-lhe.

Para dar um pretexto a essa campanha de perseguições, que iram num crescendo despotico, tomou como cavallo de batalha, reles sendeiro afinal, o ridiculo caso do roubo do cartuchame; depois como isso, exprimido não deitava summo que valesse dez reis de mel coado, lançou mão do caso de Cascaes; o mesmo fiasco. Depois surgiu o caso das bombas, farça muito mal ensaiada e peor representada, o que fez com que a plateia, excepto a *claque* reaccionaria, está claro, rompesse numa pateada estrondosa.

Reles comediagraphos e desastrados comediantes, reconhecendo afinal que eram incapazes de fazer coisa de geito, preferiram arrancar a mascara e entrar sem caracterisação, se bem que a meia luz, no tablado das perseguições contra tudo o que se oponha aos seus anachronicos e perniciosos projectos liberticidas. Acocorados a um canto, tremelicantes como meninos piegas com medo do papão, o seu espirito fraco, abrigando só projectos escuros, fez-lhe ver irromper por toda a parte cabeças da Hydra, com a mesma promistrados, sugestionados pelos reaccionarios e pelo seu conservantismo, parece ver em tudo um ataque ás instituições e na sua insania julgando evitar o perigo, cada vez o augmentam mais.

Não tiveram duvidas em, sem explicação plausivel, prohibir que o grande orador Alexandre Braga, realisasse uma conferencia sobre instrucção, reparem bem, sobre instrucção, num theatro de Lisboa, e o seu descôco chega a tanto que até temem que as simples e meigas criancinhas podessem pregar com o throno de cambalhotas como aos seus castellos de cartas com que usam brincar, e prohibiram que nas escolas se entoassem canticos como a «Sementeira». Querem os nossos amigos leitores ver o *perigo revolucionario* desse canto? Ahi vão as estrophes mais incendiadas:

I

Por ti a terra espera, ó semeador:
fecunda a com teu gesto omnipotente!
Não perderás sequer uma semente
nem teu labor
A terra é má?... Pois ha de ser melhor
quando o trigo ceifares d'esta semente.
Não percas a coragem, semeador:
fecunda a com teu gesto omnipotente!

O' Escolas, semeai...
P'la sementeira espera a cega Humanidade.
O' Escolas, semeai!
O Amor, a Vida, a limpida Verdade,
ó Escolas, semeai!

II

E quando o sol tiver dourado o trigo,
alguem os bagos d'ouro ha de ceifar;
e voltarão da terra a germinar
no quente abrigo.
Quem ceifará?... Alguem que fôr comtigo
e p'ra quem estás agora a semear.
Não perdes, semeador, o louro trigo:
alguem os bagos d'ouro ha de ceifar!

O' Escolas, semeai...
A mesma ha de ceifal-a uma outra Humanidade.
O' Escolas, semeai...
O Amor, a Vida, a Luz, a limpida Verdade,
ó Escolas, semeai!

Como vêem é de estarrecer. Estamos a ver que antes de pouco será proibido tocarem as philarmonicas, os realeijos, as tunas e nem uma pessoa poderá dedilhar o bello fadinho na maviosa guitarra, nem se ouvirão pifaros, gaita de folles ou berimbaus... berimbau talvez, porque não é gaita: é instrumento real.

* * *

Dissemos atraz que esta campanha de perseguição seguiria num crescendo despotico; e na verdade é o que devemos esperar. Já tivemos o exemplo quando foi do ministerio franquista: primeiro prisões, prohibições de reuniões, de conferencias até chegar á dictadura e ao ponto das maiores violencias. Pois bem, não nos admiramos se antes de poucos mêses virmos tambem em dictadura o sr. Venceslau Banana Sachrista. E tudo succederá assim porque o povo portuguez em logar de sangue ser que, emfim depois de tão picado, tão escoraçado, tão esbolhado das suas regalias, accorde e, num gesto rude e violento, mas nobre e indispensavel, atire para bem longe com aquelles que teem abusado da sua paciencia, das suas canceiras, da sua ignorancia e até da sua miseria.

E ninguem poderá depois dizer que a monarquia foi morta; a monarquia ha-de suicidar-se mas coberta de oprobio talvez. A monarquia pelas mãos de muitos dos seus homens publicos caminha segamente para a beira dum precepicio e, quando ao ver a profundez do abysmo, queira recuar, ha de ser já tarde e irá arremediavelmente precepitar-se, despedaçar-se nas suas fauces horrendas. E a sua vida tem sido assignalada com actos taes, que ao desaparecer, terá como unica oração funebre as palavras: — devia ter sido ha mais tempo — acompanhadas dum suspiro d'allivio, como quando se accorda dum pezadello.

O estado a que chegou a politica, portugueza não admitte duas opiniões; as situações estão defenidas e não ha mais que o seguinte dilêma: ou nós reagimos, ou ficaremos aniquilados.

U. M.

A Louzã

São tão apreciaveis as suas bellezas naturaes no estrangeiro, que ao ver como o nosso illustre patricio sr. Augusto Gama as exprime nas impressões colhidas na viagem de estudo que fez a diversos paizes, não podemos deixar de transcrever as palavras com que as mimoseia no nosso collega de S. Paulo, «O Pinhalense»:

«Deixando, porem, de fallar em mais opulentas e lindas cidades, vamos fallar duma soberba e encantadora paizagem que existe nas proximidades da linda e antiquissima villa da Louzã, terra de nascimento do sr Gama.

Queremos referir-nos ao postal que representa a vista linda e pittoresca do *'Penhasco das Ermidas*, assim chamado (ou chrismado?...) pelo illustre Pinheiro Chagas. Este Penhasco está situado junto á serra que deu seu nome á referida villa, correndo junto á base, por entre penedias, o poetico *Arouce*, subindo para o alto do penhasco por varios lances de escadarias abertas na rocha. No alto do escarpado rochedo está collocada a terceira capellinha com a invocação de N. S. da Piedade, imagem muito venerada por aquelles povos, e que se acha cércada dum pequenino atrio, servindo-lhe de amparo um pequeno muro, ou para peito.

Em frente vê se o vetusto castello dos Arabes, ao qual estão ligadas tantas lendas populares.

Do alto do Penhasco das Ermidas goza-se dum poetico e encantador panorama».

Isto das Ermidas e castello, sem fallar dos outros arredores que são lindissimos.

A villa em si, tirado que seja o pardieiro, a que chamam torre, que no seu centro *abuzeiraram*, e posto que seja em pratica o plano do sr. presidente da Camara, dos seus esgotos, canalisação [illegible]

mesma villa, attendendo á enorme quéda que ha a aproveitar até Santo Antonio, onde poderá ser o deposito geral, tornar-se-ha muito mais aprazivel que muitas terras do nossopaiz, onde os homens de dinheiro vão passar a epocha do verão, com suas familias.

Mande a camara estudar o assumpto sem olhar para interesses particulares de ninguem, e assim levará por deante o melhor feito de quantas gerencias ha 30 annos teem passado pelas cadeiras do municipio.

A obra é arrojada, não ha duvida.

Mas a camara depois da cobrança de dividas que ha annos ninguem fez entrar no seu cofre, dá-nos a ideia da força moral necessaria para a sua execução.

Pela nossa parte não regatearemos louvores a quem quer que seja que trabalhe para tal fim.

As boas ou más impressões que os nossos visitantes levem da Louzã, não podem ser indifferentes ao seu progresso ou decadencia.

O Regimen florestal em Serpins

Continuando na tarefa a que nos propusemos de publicar tudo que sobre esta questão vá apparecendo na imprensa diaria, apresentamos em seguida dois artigos dos srs. Oliveira Carvalho, regente florestal, e dr. Adriano José de Carvalho, medico e professor de sciencias naturaes no lyceu de Coimbra.

Seguem os artigos:

A submissão ao regimen florestal é, algumas vezes, devido a interesses inconfessaveis, motivo para questões irritantes, que alarmam injustificadamente o espirito publico, promovendo como consequencia immediata a alteração da ordem. O que torna mais interessante estas questões, é que todos concordam com a arborisação do paiz, mas julgam sempre de maior necessidade que comece pelos terrenos das freguezias visinhas.

Succede o que acabamos de expôr com a imposição de policia florestal nas mattas de Serpins—Serra da Louzã — assumpto que tem suscitado ás mais extraordinarias allegações, dos que pretendem contrariar esta medida de capital interesse para aquella pittoresca região.

A Serra da Louzã faz parte do systema hydrographico, do rio Mondego, que é sem duvida alguma, aquelle onde mais violentamente se fazem sentir os effeitos do desnudamento. Os affluentes que em maior escala concorrem para o seu progressivo assoreamento são o Alva e o Ceira. Invocamos o testemunho que nos deixaram dois eminentes homens de sciencia, J. Rivoli em 1874 e Gerardo Augusto Pery em 1868.

A matta do Sobral, situada nas vertentes do rio Ceira, pertence desde 1859, salvo erro, á camara municipal da Louzã, que a herdou da extinta camara de Serpins, tendo estado transitoriamente uns poucos de annos na posse da junta da parochia desta freguezia. E' por tanto um predio municipal, de que a camara arrecadou as receitas provenientes da venda de cortiça, medronho, pedra, etc., pagando a respetiva contribuição predial e estando devidamente registada.

Julgamos estas indicações sufficientes para desttuir a propositada e irronia af[illegible] de «terrenos baldios».

E' [illegible]idade onde o municipio [illegible]ctos incontestaveis

Ulpiano Montenegro, regular colaborador do jornal, denunciava a proibição, nas escolas, do canto "A Sementeira".

dedilhar o bello fadinho na maviosa guitarra, nem se ouvirão pifaros, gaita de folles ou berimbaus... berimbau talvez, porque não é gaita: é instrumento real".

"OU NÓS REAGIMOS, OU FICAREMOS ANIQUILADOS"

"**U.M.**", que assinava a crónica, ansiava pelo despertar do povo, por enquanto adormecido por, em vez de sangue, lhe correr capilé nas veias:

"Mas tambem pode ser que, enfim depois de tão picado, tão escoraçado, tão esbolhado das suas regalias, accorde e, num gesto rude e violento, mas nobre e indispensavel, atire para bem longe com aquelles que teem abusado da sua paciencia, das suas canceiras, da sua ignorancia e até da sua miseria.

E ninguem poderá depois dizer que a monarquia foi morta; a monarquia ha-de suicidar-se mas coberta de oprobio talvez.

A monarquia pelas mãos de muitos dos seus homens publicos caminha segamente para a beira dum precepicio e, quando ao ver a profundez do abysmo, queira recuar, ha de ser já tarde e irá irremediavelmente precepitar-se, despedaçar-se nas suas fauces horrendas".

A concluir, o remate habitual para crónicas do género, e que se traduzia num desafio à acção, tendente ao derrube da monarquia:

"O estado a que chegou a politica portugueza não admitte duas opiniões; as situações estão defenidas e não ha mais que o seguinte dilêma: ou nós reagimos, ou ficaremos aniquilados".

A 2 de Dezembro retomava-se expediente por diversas vezes utilizado no "Commercio": o recurso a artigos de outros jornais. Mais uma vez, o lisboeta "**A Lucta**" servia de fonte inspiradora à primeira página do periódico lousanense. E desta feita, para trazer a lume a forma "*como em Inglaterra são tratadas as cousas publicas*".

A página três tinha metade do espaço ocupado por anúncio a letras garrafais, publicitando a futura criação da "**Associação Protectora das Escolas da Louzã**", e solicitando a inscrição de sócios na agremiação:

"Pede-se a todos aquelles que no Concelho da Louzã se interessem pelo futuro da instrucção nacional, que cada um faça sua esta Santa Cruzada, para que a ricos e a pobres não falte a Luz da Escola, unica fonte de riqueza e felicidade".

F. **Victor Duarte**, que acrescentava à assinatura a sua condição de "*Estudante da Universidade*", encarregava-se de manter, a negro, o quadro traçado por **U.M.**, duas edições antes. "**Escravidão ou Liberdade?!**" tratava do "*incerto e clamoroso estado da nossa vida nacional*":

"Efectivamente, cada vez mais se acastellam as nuvens negras e temerosas da tempestade que, irrecusavelmente, paira sobranceira sobre o solo desta patria".

Bordoada no rei, cuja "*mocidade bella e radiosa*" servia apenas para inspirar "*paixões a todas as meninas e matronas cloroticas e romanticas d'esta terra*"; bordoada nos "*flamulos da corte e do regime, de cuja existencia dependem os seus*

proprios estomagos"; bordoada nos elementos reaccionários do clero, porque "*arengar com orações e padrenossos*" não matava a fome aos pobres, nem lhes cobria a nudez.

O dia radioso haveria de chegar, mais tarde ou mais cedo, e não havia cronista que se prezasse que não deixasse em texto a esperança da borrasca prenunciadora do bom tempo:

"Não! Rei radioso e bello, reacção clerical, oligarchias monarchicas, tudo isso e mais alguma coisa, não será bastante, para impedir o estalar da tormenta".

Os pergaminhos de "*académico*" de **F. Victor Duarte** permitiam-lhe o recurso à então fascinante sociologia...

"Em Sociologia Geral, ou como prefere o nosso sapiente mestre Dr. Callisto, em Sociologia Fundamental, analysam-se estes momentos da vida social dos povos e das nacionalidades cognominado-se de *extases sociaes*, as quaes são sempre verdadeiras origens de temerosas perturbações.

É no meio de taes conflagrações que a frase de Hobes — Homo hominis lupus — tem acertada razão de ser.

De modo que, após a borrasca negra da tempestade, sob o ceo diaphano que a ella succede qual será a situação dos que alugam o bem estar e a felecidade da sua patria, dos seus vindouros?"

NA mesma edição, **Sousa Pinto** vinha dar uma ajuda aos que, presumimos, muito vergastassem o jornal lousanense pela sua cada vez mais assumida parcialidade, no que à luta política a nível nacional respeitava.

Para o articulista, mais do que tomar partido, o jornalista deveria constituir-se em cruzado do bem:

"Ser jornalista é banir do seio do povo os costumes, defeitos e vícios que concorrem poderosamente para a sua degenerescencia, combater a politica á luz da analise imparcial dos seus actos, mostrando-lhe o caminho recto que vae da Dignidade á Moral, fomentar nos seus mais largos surtus as artes, o commercio e as industrias como ligitimos factores do progresso, promover por toda a parte a semeadura da Instrução — germen fecundo do saber humano, evangelisar pela pratica e pelo exemplo o culto incomparavel do amor concretisado no civismo e na justiça, na Paz e no Trabalho — eis uma nobre profissão de fé para quem tem na vida de sacrificio e de labor inteiramente consagrada à causa do bem publico.

O jornalista compenetrado da gloriosa missão d'apostolo do Direito e da Verdade, — sabendo dignificar a sua inteligencia e o seu caracter — sem transigir ante a séde vingadora de nós e o odio negro doutros, é mais do que um Homem, na accepção desse termo — é um luctador de pulso forte revestido com a tunica inconsutil da virtude antiga".

NA página geralmente preenchida com publicidade, a quatro, aparecia pela primeira vez anúncio da publicação de um livro. Pertencia este à novel editora "**Bibliotheca de Educação Moderna**", intitulava-se "**A Egreja e a Liberdade**", e tratava, como não podia deixar de ser, da "*intolerancia clerical*".

O novo livro de Emilio Bossi, autor de "**Christo nunca existio**", era publicitado como "*obra formidavel, obra que é a historia documentada, intensa*

e commovente, da intolerancia clerical e das perseguições religiosas, sendo agora da mais flagrante actualidade":

"Nas suas paginas desenrola-se a tremenda e longa odysseia de uma religião que em dezanove seculos, causou maiores calamidades e derramou mais sangue do que em todas as outras seitas". (Notas 20 e 21)

A CAUSA DOS NOSSOS MALES NA FALTA DE INSTRUÇÃO

A 22 de Dezembro (Nota 22), a edição 32 do jornal trazia a abrir "**A causa dos nossos males**", extenso artigo enviado de Coimbra por **José Fernandes Martins**. A causa das nossas maleitas residia na falta de instrução do povo:

"Sim, bem sabemos que a causa legitima dos males que affligem a nossa nacionalidade, deriva da falta dum systema de instrucção racional e positiva, firmado na observação directa da indole da nossa raça, das influencias do nosso meio telurico (solo, clima, etc.) e ainda das aptidões e outras circumstancias regionaes".

NOTÍCIAS de Casal de Ermio, duma reunião ali realizada, e da qual saíra constituído o Centro Republicano Ermiense.

Naquela freguesia do concelho da Lousã realizara-se uma reunião convocada pelo Dr. António Pires de Carvalho, na qual se protestou vivamente contra o procedimento do pároco da freguesia, reverendo Caetano Lucas dos Reis. Segundo o jornal "**O Seculo**", citado pelo "**Commercio da Louzã**", aquele padre aproveitava-se "*indecorosamente das praticas á missa conventual para fazer propaganda de publicações reaccionarias, lendo as e comentando-as com os maiores improperios contra os republicanos e os livres pensadores, e chegando a soltar em plena egreja gritos de abaixo os liberaes e a lei do registo civil*". (Nota 23)

Nesta reunião foram ainda eleitos os corpos gerentes provisórios do Centro Republicano Ermiense. António Pires Carvalho foi escolhido para presidir à agremiação, tendo Francisco Henriques Simões como vice-presidente. A secretários, Constantino Carvalho e Alfredo Filippe de Matos. Manuel Maria ficou com as responsabilidades da tesouraria do novel centro.

A Alfredo Filippe de Matos coube a tarefa de apresentar as bases do novo centro republicano:

"Realisar, promover e auxiliar conferencias, sessões e quaesquer diversões que tenham por fim o desenvolvimento ou auxilio á instrucção e educação civica e partidaria, recreio e solidariedade; promover a vulgarisação dos jornaes e escriptos que pugnarem pelos principios republicanos; commemorar datas patrioticas e humanitarias; fomentar a união entre os povos d'este concelho e, principalmente desta freguesia, não só para os fins indicados, mas tambem para a realisação dos melhoramentos necessarios ao seu desenvolvimento".

Director e proprietario
Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e reclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abattimento

1.º anno — N.º 30 — Quinta-feira, 2 de Dezembro de 1909

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLÍCA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADIANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL
CONCELHO

Sobre coisas locaes:

Bem sabemos que não somos attendidos, por mais justas que sejam as nossas reclamações aos poderes publicos, mas nem por isso deixaremos de lembrar o que nos parecer de utilidade commum e de repisar no que já por vezes temos dito.

Todos ainda se lembram da campanha ingloria que levantamos contra a caristia do pão. Pois fiquem sabendo que se não estamos mais mal servidos, estamos na mesma, porque a ex.ma Camara limitou-se a fazer observar o artigo 35.º do seu codigo de posturas, deixando o n.º 3.º do artigo 34.º do mesmo codigo por cumprir.

Não queremos com isto dizer que todo o pão seja mal fabricado, porque temos ahi padeiros habilissimos no seu mister, mas o raio do costume de nos impingirem agua por trigo é que, sem o devido correctivo, não o perdem.

Parece-nos que os empregados a quem o municipio paga devem ter mais obrigações a cumprir dó que a de ir no fim do mez exigir do thesoureiro o seu ordenado.

—Pedimos o fornecimento das carnes por classes, e já sabemos que foi arrematado sem essa clausula.

Em occasião opportuna publicaremos o artigo 38.º das posturas para illucidar o publico sobre os deveres dos srs. marchantes para com elle.

Isto são as reclamações que temos feito á camara e que têm tido o andamento que apontámos tambem.

Agora vamos narrar tambem o que por sua iniciativa tem feito e projecta fazer, e de cujos resultados só a si cabem os louros ou responsabilidades:

Começou por uma administração exemplarissima, cobrando dividas que ha mais de seis annos não entravam no seu cofre; procedeu ao calcetamento da rua Francisco Vianna até á Cruz de Ferro, dando-nos a ideia de que a nossa villa em breve se ligará ao Casal dos Rios, em se procedendo alli, como se tem feito já em Fiscal, Cova do Lobo, etc., ao seu calcetamento.

Que nos perdoe a franqueza de lhe dizer-mos que por os logares já beneficiados habitam vereadores ou politicos de valor, não querendo dizer com isto que se não tenha feito bem em dotar estes logares com calçadas. Não, a nossa intenção é muito outra: desejariamos que o cofre municipal se abrisse por egual para todos os lados da villa, pois todos somos contribuintes.

Queremos referir-nos ao bairro novo do Fundo de Villa, onde já hoje se vêem as mais bellas edificações, e para o qual a ex.ma Camara parece ter declarado o maior dos desprezos.

Dirão que somos suspeitos por o pouco que possuimos ser neste bairro, mas os factos ahi estão a fallar melhor que ninguem.

Ha que tempos que se falla em metter na rède municipal a rua d'Alegria até á estação ferroviaria, mas até agora ainda continuamos a vêr esta estrada á mercê dos cantoneiros, que deixam passar mezes e mezes sem aqui darem uma enxadada; a abertura da estrada vélha do Freixo que o sr. Francisco José de Figueiredo Junior offereceu ligar com a Avenida da Estação, á sua custa, e debaixo da fiscalisação da camara, que daria a vida que agora pretendem tirar áquelle sitio com a **PARAGEM DOS COMBOIOS** que desejam estabelecer ao Largo da Graça, tambem não mereceu a devida attenção d'alguns vereadores, e por isso jaz no esquecimento; da rega das ruas, cuja falta mais se fazia aqui sentir, nem fallamos, por conhecida que está a attenção que ligaram ao nosso instante pedido. E emfim a illuminação, que chegados que sejamos á porta do sr. Antonio Simão de Carvalho, onde se encontra o celebre candieiro do theatro, que foi para alli por um voto, (1) segue-se até á estação ás escuras.

Na rua Commendador Montenegro não existe um unico candieiro, o que demonstra não so o menosprezo por esta parte da villa como a falta de respeito pelo venerando ancião que lhe deu o nome.

E ainda outras considerações apresentariamos que provariam melhor o desprezo que a este bairro botaram, mas guardamonos para quando tivermos de voltar ao assumpto.

(1) Este candieiro foi mudado em 1902, não fazendo parte dessa camara nenhum dos veradores actuaes. A Cesar o que é de Cesar...

Serões

O numero 51 da excellente revista illustrada que se publica em Lisboa, intitulada «Serões» insere um bello artigo scientifico sobre o Neo Luzitanismo, acompanhado de diversos retratos, entre elles um do nosso amigo sr. Anthero da Veiga, artista que o mesmo artigo considera de raro merito, promettendo ainda um mais largo extracto sobre as suas composições.

Aprás-nos registar este facto e tanto mais que ha muitos annos temos pelo illustre guitarrista e bom amigo a maior consideração.

Illustração Portugueza

Vem como sempre muito interessante a «Illustração Portugueza», no seu numero 195, que além dos diversos assumptos interessantes traz um magnifico artigo e retratos do General Dantas Baracho, assumpto este de verdadeira actualidade.

A «Illustração Portugueza» é toda impressa com a maior perfeição e nitidez.

Um discurso revolucionario

Com a epigraphe acima publicou ha dias "A Lucta,, um artigo que vamos transcrever a fim dos nossos leitores verem como em Inglaterra são tratadas as cousas publicas.

«Deixemos a multidão dos nossos grandes politicos e eminentes estadistas, entregue ás profundas locubrações da obra do grande Pacheco, pae espiritual de todas as notabilidades portuguezas, e demos um salto á Inglaterra onde os ministros deram em falar como revolucionarios.

Trata-se, naturalmente, de Lloyd Georges que em Portugal seria apontado ao juizo de instrucção como anarchista perigoso. Aquelle pobre diabo, filho de pobresinhos rendeiros, orphão aos dez annos, sustentado e amparado na sua carreira de estudante por um tio sapateiro—que dizeis a isto, oh! fidalguissimos estadistas de Portugal?—tem falado de maneira que, elle só, vale por uma legião de revolucionarios. Tem falado e procedido em harmonia com o que diz..

O orçamento inglez proposto por Lloyd Georges, abrange como se sabe, quatro questões fundamentaes: a contribuição territorial, a renovação de arrendamentos, «a undevelopeb land duty», que afecta os terrenos não utilisados, e o imposto de minas.

—E' um orçamento socialista gritam os «lords»: os ricos é que vão pagar tudo, é uma verdadeira expropriação! E como responde Lloyd Georges á gritaria dos grandes senhores da terra, aos aristocratas pódres de ricos? Responde-lhes com todas estas palavras, que extrahimos do seu discurso monumental pronunciado em New-Castle:

Os senhores duques

«Um duque, com todo o seu trem da vida, custa tanto a nação como dois «Dreadnoughts». Inspira terror com aquelles navios e com esta agravante — que a sua vida, infilizmente, é mais duradoura do que a dum barco de guerra.

Emquanto os duques se mantiveram no silencio, cheios de dignidade, que convem á sua situação e ás suas intelligencias, tudo foi bem. Mas, apenas organisamos o nosso orçamento, que é um orçamento de justiça, abandonaram a sua torre de marfim e começaram praguejando como cocheiros de praça, porque o dourado das suas carruagens pode soffrer algumas arranhaduras

O orçamento—clamam—ataca a industria e o commercio. Porem como o commercio e a industria estão na alta, resulta que somente os duques estão na baixa.

Conservadores e liberaes

A maioria dos que conquistam o pão com o suor do seu rosto pertence ao partido liberal. Quasi todos os que não trabalham agrupam se nas fileiras conservadoras. E nós queremos transformar em lei o eterno principio de que todos os homens devem contribuir para as necessidades do governo, na medida dos bens que Deus lhe deu.

Os impostos que estabelecemos este anno desenvolver-se-hão efficazmente. E graças a elles, será mais equitativa a distribuição da riqueza, a propriedade mudará mais frequentemente de mãos, e o Estado receberá mais amiudadamente o imposto de 20 por cento sobre as successões.

Os grandes proprietarios

Eu digo a todos os «lords», a todos os grandes proprietarios monopolisado do territorio britanico: Ha muito tempo que vos tendes escapado ás contribuições que os demais cidadãos pagam; chegou agora a vossa vez, e haveis de pagar.

Bem sei que elles se voltam contra mim, gritando me: — Ladrão! Homem desprezivel do paiz de Galles! Porque, n'este ultima qualificativo, resumem todas as injurias. Mas eu não me envergonho da minha nacionalidade. Sou do paiz de Galles, e se pudesse dizer que n'elle não nascera não o quereria dizer, porque tenho um grande orgulho da minha patria.

A esses que assim me combatem eu direi todavir —Hipocritas conservadores! Fariseos! Sou do paiz de Galles, sim, combato vos e hei de vencer vos! Pertenço á raça opprimida e em nome d'ella falo!

Que os «lords» pensem bem no que vão fazer. Querem, regeitando o orçamento, offender a Constituição da livre Inglaterra. Tenham cuidado, que descandeiam a revolução.

Se a desencandiais,—oh! argentarios —contra vós a dirigirá o povo.

Ha hoje problemas gravissimos que os «lords» não conhecem Furiosos, querem que o seu voto tenha força de lei Mas como ha de tel a? Pois 500 homens, 500 homens vulgares, sem mais talento sem mais cultura, sem mais valor real do que a maioria dos seus compatriotas, hão de oppor se aos propositos reflectidos e justos de milhões de cidadãos, que enriquecem o paiz com o seu trabalho honrado?

As reformas

Quem decretou que a Inglaterra seja patrimonio de umas quantas familias? Porque razão dez mil pessoas hão de possuir a totalidade do solo da Grã Bretanha, e os outros inglezes hão de viver como intrusos ou mendigos na sua patria?

Onde está a taboa de lei que tal impõe?

Que regimen de direito o sanciona?

São muito serias, muito graves, as questões de ordem social que existem na nossa patria. As soluções que daremos a esses problemas serão fructos refrigerantes para os tabios resequidos das multidões que nas edades negras vaguearam pelas estradas pedregosas, e agora fitam seus olhos na luz da egualdade.»

E' um ministro da Inglaterra, o homem que assim fala.

Oh! ministros de Portugal que todos os dias falais da liberdade ingleza, da politica ingleza, das leis inglezas, dos costumes inglezes, porque vos calais quando na Inglaterra falam assim os grandes homens de Estado, que são ao mesmo tempo, no actual momento, grandes homens de revolução?»

«OS MODESTOS»

Como promettemos no nosso ultimo numero, vimos hoje dar noticia mais circunstanciada, da festa desta agremiação, commemorando o 1.º anniversario da sua fundação.

Houve de manhã alvorada, percorrendo a parte executante deste grupo, a tuna, as ruas desta villa ao som de estridentes foguetes e morteiros, despertando assim todos os habitantes do seu somninho da madrugada, tão agradavel mormente nestas manhãs d'inverno tirando-os da sua pacatez habitual e intrigando-os por não saberem a que attribuiu tal surpreza. A' noite houve a annunciada recita, que decorreu na maior das alegrias, pela boa disposição e bem estar que se via em todos os presentes, mostrando a sua satisfação, por tão sympathica festa.

Sobe o pano e ve-se numa bôa e agradavel disposição a parte executante, e um pouco á frente uma pequena meza, tendo dum lado o sr. Alberto Fernandes Carranca, e do outro o sr. José Antonio Coelho, respectivamente secretario e thesoureiro da direcção do grupo.

A tuna executa o seu hymno, musica do ex.mo sr. Joaquim do Espirito Santo Ferreira Junior, digno escrivão de fazenda deste concelho, que bem mostra o seu fino gosto e elevado talento, pela arte.

Mais um respigo do jornal "A Lucta", para os leitores do jornal lousanense ficarem sabedores de "como em Inglaterra são tratadas as cousas publicas".

Regime florestal

(GAZETILHA)

Vae o diabo p'la serra.
Ninguem se pode entender!
Os baldios de Serpins
Vão a dar mui que fazer.

Quer a gente uma pareia
Já não a pode roçar...
Uma junta não pode ser,
Vão de por força acabar!

Vem de cahir o «regime,»
E talvez vá cahir mal...
Não ha nada mais p'rigoso
Que uma queda florestal!

Ouve-se grande alarido
Pela falta que a lenha faz
E o fino vai apertando
Por deante e por detraz...

Quero cartão, carvoeira.
..Senhora! Não o posso dar,
Que os baldios de Serpins
Ninguem os pode queimar!

Pois então, oh carvoeira,
Eu grito só nos redime:
Para que não falte o lume
Abaixo, Abaixo o «regime!»

Xavier.

Camara Municipal

Resumo das deliberações da Camara municipal da Louzã, tomadas em sessão de 30 de outubro de 1909

Presidente: Dr. João Augusto dos Santos.

Vereadores, P.e Antonio Lopes Cortez Froes, Cesar Henriques Lopes, effectivos, Manuel das Neves e José Alves de Faria, substitutos.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

— Informou favoravelmente uma petição de Maria da Encarnação, casada com Antonio Ferreira dos Santos, de Casal do Espirito Santo, freguesia de Villarinho, pedindo subsidio de lactação.

— Concedeu, provisoriamente, a licença pedida por Maximino Antunes, de Cacilhas, cedendo-lhe para alinhamento nove metros quadrados de terreno a 120 reis o metro quadrado, conforme o valor dado pelos peritos, obrigando-se o requerente a calçar a valeta da estrada em frente do muro e que esta deliberação suba a Ex.ma Comissão Distrital, para ser apreciada.

— Em virtude do requerimento de Francisco Lopes Serra, apresentado em 15 do corrente, deliberou mandar que o arrematante cumpra o que dispõe o Codigo das Posturas e deliberou mandar fazer fixas numeradas para serem fornecidas aos consumidores, á sua chegada ao talho para serem aviadas pela sua ordem.

—Deliberou mandar reparar a Ponte do Valle, onde se não deverá gastar quantia superior a 20:000 reis.

— Foi novamente o processo de José Fernandes Junior, de Quatro aguas conceção de licença para passagem d'aguas preparado nos termos das Instruções da Ex.ma Comissão Districtal, e com certidão de secretario, mostrando que durante o praso de vinte dias designados nos respetivos editaes não houve reclamação alguma contra a pretendida licença. A camara deliberou conceder a licença pedida, com a natureza de precaria e com as condições indicadas pelos peritos no seu termo de declarações, e que o requerente seja convidado a vir assignar termo de responsabilidade a perdas e damnos.

—Deliberou enviar ao illustre diretor d'Obras Publicas de Santarem, sr. Diocleciano Feio de Carvalho, uma copia da representação enviada no principio do corrente mez, ao Ex.mo Ministro d'obras Publicas, sobre a linha do caminho de ferro Thomar a Gouveia, pedindo-lhe para patrocinar a causa da Camara que é a causa e o interesse de todo o concelho.

Deliberou que se fisesse nova escriptura de aforamento a Vicente Martins, da Gandara visto estar nulla a que se lhe fez em 1905 visto não estar autenticada e faltar-lhe a assignatura duma testemunha conforme o indicado na sessão de 2 do corrente, pelo secretario interino deliberando auctorisar o Presidente a outorgar na escriptura.

— Deliberou que no dia 20 de novembro tivesse logar as arrematações das pedreiras d'Alveite, com a base de 15$000 reis = o lixo da feira de Serpins, sendo a base de 1$500 — e ainda a arrematação dos logares das feiras e mercados da Praça do Municipio, lixo, azeitona, bolota e castanha e casa da feira do Regueiro com a base de 45$000 reis.

— Auctorisou os seguintes pagamentos:—Dos ordenados dos empregados e cantoneiro municipal,—despeza com os trabalhos das calçadas de Fiscal, Cova de Lobo e concerto da estrada de Valle de Neira.—Importe de cinco fachas de seda,—importe de crivos para os tanques da Praça,—importe das fixas para o talho, e importancia dos capachos para os Paços do concelho.

Resumo das deliberações da Camara Municipal, da Louzã, tomadas em sessão de 6 de novembro de 1909.—Prsidencia, bacharel João Augusto dos Santos; — Vereadores, padre Antonio Lopes Cortez Froes e Cesar Henriques Lopes, effectivos, Manuel das Neves e José Alves de Faria Substitutos.

Foi lida e aprovada a acta da sessão anterior.

—Concedeu licença a José Antonio, das Fontainhas, para fazer um muro de vedação junto á estrada que da Senhora das Barraquinhas segue para as Fontainhas, sem prejuizo publico ou particular cedencia ou acquisição de terreno e conforme o alinhamento dado pelo presidente.

— Concedeu licença a José Joaquim Caetano, desta villa, para levantar um palheiro que possue na estrada da Fonte dos Mouros, abrir no mesmo duas janelas e uma porta no muro junto ao mesmo palheiro, e depositar na estrada materiaes, tudo sem prejuizo publico ou particular.

— Concedeu licença a Manuel da Costa, do logar dos Pégos, para fazer uma casa no dito logar, sem prejuiso publico ou particular, cedencia ou acquesição de terreno e conforme o alinhamento dado pelo vereador Alves de Faria.

— Auctorisou o presidente a passar procuração a advogado para a cobrança executiva d'alguns fóros vencidos e ainda não pagos, offereceu-se o presidente, como advogado, para demandar gratuitamente, metade dos devedores, auctorisando o vice-presidente a passar ao presidente como advogado as respectivas procurações.

— Deliberou officiar á Companhia Real, pedindo-lhe que seja estabelecida uma tarifa especial de bilhetes directos da Louzã a Figueira da Foz, em harmonia com a que existe com os tramways de Coimbra á mesma cidade.

— Deliberou officiar ao Director dos correios, de Coimbra, pedindo-lhe que sejam estabelecidas de manhã trez malas directas que possam levar a correspondencia que se lance na estação postal, desta villa, até ás seis horas da manhã, sendo uma mala para Lisboa, outra para Coimbra e a terceira para o Porto.

—Deliberou que se procedesse á abertura da serventia que liga o logar de Valle de Maceira, pela Senhora da Saude com a estrada Municipal da Louzã ao Marco de Cova do Lobo, serventia que tinha sido contada pela abertura da mesma estada.

—Tendo a ex.ma Commissão Districtal em 15 de setembro ultimo denegado approvação a deliberação desta Camara de 21 de agosto, em que estabelecia uma postura permittindo a caça ao coelho com furão, sem rede, deliberou a Camara ponderar á ex.ma Commissão Districtal, que não é a abundancia de coelhos que levou esta camara a organisar a referida postura, permittindo a caça ao coelho com furão, mas sim os grandes prejuizos que estão causando á agricultura, não se lhes podendo dar caça por ser o terreno, neste concelho, na sua maioria montanhoso, e na planicie haver innumeros canos e montes de pedras onde elles se

ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DAS ESCOLAS DA LOUZÃ

Na Festa do 1.º anniversario da fundação da **Caixa Economica Escolar Louzanense** foi apresentàda a ideia de se criar na **Louzã** uma **Associação Protectora das Escolas** destinàda a crear, construir e dotar novas escolas de instrucção primária, espalhando-as por todo o concelho, de modo que a todos utilise, e destinàda tambem a melhorar e dotar as actuaes escolas com EDIFICIOS PROPRIOS E CONVENIENTES.

A fim de se verificar até que ponto esta iniciativa merece o applauso e o apoio dos Louzanenses, está aberta a inscripção de Socios, por meio de listas patentes em todas as lojas e estabelecimentos publicos do Concelho. Recebidas que sejam, em 31 de dezembro essas listas, serão convocados os Socios, que se tiverem inscripto a fim de deliberarem sobre o futuro da Associação.

Pede-se a todos aquelles que no Concelho da Louzã se interessem pelo futuro da instrucção nacional, que cada um faça sua esta Santa Cruzada, para que a ricos e a pobres não falte a Luz da Escola, unica fonte de riqueza e felicidade.

A Commissão Provisoria,

João Augusto dos Santos
Carlos Sacadura Botte Pinto Mascarenhas
Francisco Pereira Correia de Seixas

Apelo à "Santa Cruzada" de uma escola para todos.

Director e proprietario

Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

1.º anno — N.º 31 — Sabbado, 11 de Dezembro de 1909

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE
— DO —
CONCELHO
Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADEANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL
LOUSÃ

Escravidão ou Liberdade?!

A *Historia* não tem principio nem fim. Os factos de que se compõe o movimento do mundo, apresentam tanta confusão e teem entre si affinidades tão obscuras, que não ha acontecimentos cuja causa primordial ou remate supremo, se possa marcar com certeza.

Eis o conceito que no actual momento historico temos de applicar ao incerto e clamoroso estado da nossa vida nacional.

Effectivamente, cada vez mais se acastellam as nuvens negras e temerosas da tempestade que, irrecusavelmente, paira sobranceira sobre o solo desta patria.

O grito de clamor, de medo e receio instinctivos é geral, na previsão de calamidades irreparaveis, em todos os lares, em todos os povoados do paiz, onde hajam consciencias sinceras e verdadeiramente portuguezas, iluminadas pela analyse perfeita e integral dos acontecimentos.

Que importa a mocidade bella e radiosa — consagre-se já agora a frase — dum rei, inspirador de paixões a todas as meninas e matronas cloroticas e romanticas d'esta terra; que importam as manifestações e *vivas adrede* encomendados e produzidos pelos famulos duma côrte e dum regime, de cuja existencia dependem os seus proprios estomagos; se a vida nacional é um cahos, ou melhor um profundo abismo?!

Que importa a reação esforçada de todas as cores e matizes arengar ao povo com orações e padrenossos, se não lhe mata a fome, nem cobre a nudez, nem se quer o arranca á cegueira mental que o impede de saber trabalhar e pensar para viver feliz?!

Que importam os *blocos* da monarchia que se não cançam em apregoar medidas de salvação publica, se o seu fito principal ou exclusivo é a mesquinha ambição do poder para garantir interesses e vaidades?!

Não! Rei radioso e bello, reacção clerical, oligarchias monarchicas, tudo isso e mais alguma coisa, não será bastante, para impedir o estalar da tormenta...

Aferrados á tradição do dogma; receando fitar o clarão deslumbrante da razão e da sciencia torcem-se e retorcem-se num esforço tenaz e temerario, procurando obstar ao esfacelamento dessas gargalheiras que tristemente nos acarretam ao passado. Insensatos. Como enganam ou illudem as proprias consciencias!...

Não querem ver os desalmados — que a vida de paralisação e incongruencias, a que sujeitam um povo que anciadamente pode e quer entrar na ampla estrada do progresso e da civilisação moderna, tem de acabar e extinguir-se.

Querem e pretendem, *os alonsos*, negar a evidencia dos principios basilares e fundamentaes que regem a existencia evolutiva das sociedades.

Será por isso maior e mais profundo o seu desengano, a sua desilusão, quando a evidencia e realidade dos factos se lhes mostrar bem patente.

Em Sociologia Geral, ou como prefere o nosso sapiente mestre Dr. Callisto, em Sociologia Fundamental, analysam-se estes momentos da vida social dos povos e das nacionalidades cognominando-se de *extases sociaes*, as quaes são sempre verdadeiras origens de temerosas perturbações.

E no meio de taes conflagrações que a frase de *Hobes-Homo hominis lupus* — tem acertada razão de ser.

De modo que, após a borrasca negra da tempestade, sob o ceo diaphano que a ella succede qual será a situação dos que alugam o bem estar e a felicidade da sua patria, dos seus vindouros?

Será por ventura a escravidão ou a liberdade?

A Historia não tem principio nem fim. Não ha acontecimento cujo remate supremo se possa marcar com certeza.

Mas, não obstante, a Historia assevera-nos que quando a genese das transformações sociaes tem a sua origem nos factores politicos e economicos que dominam a vida portugueza dos ultimos tempos, essas transformações vingam prevalecem e vencem.

F. Victor Duarte
Estudante da Universidade

SER JORNALISTA

Ser jornalista é banir do seio do povo os costumes, defeitos e vicios que concorrem poderosamente para sua degenerescencia combater a politica á luz da analise imparcial dos seus actos, mostrando lhe o caminho recto que vae da Dignidade á Moral, fomentar nos seus mais largos surtos as artes, o commercio e as industrias como ligitimos factores do progresso; promover por toda a parte a semeadora da Instrucção — germen fecundador do saber humano, evangelisar pela pratica e pelo exemplo o culto incomparavel do amor concretisado no civismo e na justiça, na Paz e no Trabalho — eis uma nobre profissão de fé para quem tem na vida de sacrificio e de labor inteiramente consagrada a causa do bem publico.

O jornalista compenetrado da gloriosa missão d'apostolo do Direito e da Verdade, — sabendo dignificar a sua inteligencia e o seu carater — sem transigir ante a séde vingadora de nós e o odio

O Regimen florestal em Serpins

O unico intuito que temos, ao tratar da arborisação da matta do Sobral: — Serra da Louzã, — é o de evitar uma perniciosa propaganda contra este importante assumpto e muito principalmente pelos effeitos que d'ella podem resultar no revestimento silvicola do paiz.

Amanhã, quando ao estado lhe cumprir o dever de arborisar uma serra em Traz os Montes ou no Algarve, não faltarão contradictores, apresentando os mesmos arrojados argumentos hypotheticos, tão faltos de circumspecção como de sinceridade.

O estudo topographico, parcellar e economico da matta do Sobral precedeu o respectivo diploma que decretou o plano de trabalhos e consequentemente as garantias dadas aos povos pela colheita de lenhas e mattos, concessões que aliás são inalienaveis. Ha seculos que ellas são mantidas no pinhal de Leiria e noutras mattas protegendo a agricultura valorisando a propriedade particular, no que o estado tem o maior interesse e a que deve votar grandes disvelos.

A matta do Sobral abrange 522 hectares dos quaes 222 estão incultos ou quando muito cobertos de matto muito rachitico; e esta superficie que o decreto diz que será semeada no praso de dez annos com pinheiros e «sobreiros».

A unica conclusão, que licitamente se pode adduzir, dadas as vantagens economicas do sobreiro é que a sementeira de pinheiro sendo a que technicamente se chama de «abrigo» o «transição», deve desapparecer o maximo aos vinte annos ficando o novo sobreiral, que com o actual arvoredo adulto e os chaparros (muitos d'estes provenientes de toiças verdes de arvores que foram cortadas) constituem um massiço «puro».

O pinheiro bravo em alto fuste e o sobreiro não se podem associar em povoamentos mixtos; para uma methodica explorabilidade.

A economia florestal nunca destinou ao medronheiro — que é um arbusto — o logar de por si só constituir mattas, como muito originalmente se diz. Affirma-se tambem que o medronheiro é uma essencia de uma «sombra», por desconhecimento ou desejo de confundir, e que não fornecerá, por o seu coberto «espesso» (sic) percentagem de mattos. A expressão technica das palavras «essencias de «sombra» ou «sombrias» quer dizer justamente o contrario. Da-se este nome ao vegetal lenhoso, que supporta o coberto de outras arvores.

Ora o medronheiro vive geralmente nestas condições e sempre associado com plantas de pequeno porte, como samouços, azevinhos, azereiros urzes, tojos, etc. — Serra do Gerez, mattas de Leiria e outras.

O papel que ao medronheiro compete desempenhar é o que os francezes chamam «sous bois» ou seja entre nós se chama o de «manta viva» auxiliando com o arvoredo de grande porte a segurança do solo das vertentes, evitando a corrosão, augmentando a percentagem do humus e mantendo uma relativa humidade tão benefica á vegetação herbacea para pastos.

O sobreiro é uma arvore de povoamentos claros nem mesmo o fim exploratorio a que se destina — a cortiça — permitte crear massiços densos, e nestas circumstancias a vegetação arbustiva dos mattos tem de forçosamente de existir e até de augmentar pelo revestimento desta arvore em todo o contra forte do Sobral, como augmentam as lenhas na razão directo do numero das arvores.

outras serras pertencentes ao regimen. A melhor resposta é a portaria no dia 18 do corrente no «Diario do Governo» e até resumidamente noticiada no verso da pagina e columna d'um jornal onde vem um artigo de contradicta ao regimen florestal. Nessa portaria nomeia-se uma commissão para estudar a applicação dos productos lenhosos provenientes das limpezas e desbastes dos arvoredos creados pelo estado no perimetro de Manteigas, por ser a «sua producção superior ás necessidades do consumo local». Isto quer dizer: Os serviços florestaes, na Serra da Estrella iniciados em em 1888, e onde por um decreto se davam as mesmas garantias aos povos — das lenhas pastos e mattos — apesar da crise de 1891 a 1897, que paralysou os trabalhos, conseguiram no praso de vinte annos fornecer aquelles products em quantidade superior ás exigencias da villa de Manteigas com 3600 habitantes.

Somos dos que entendem que as leis se fizeram para serem cumpridas e que quando ellas forem de fomento não podem haver condescendencias individuaes e muito principalmente quando essas individualidades por uma má compreensão e dispondo de latitude muito restricta, só queiram impor.

A matta do Sobral é uma propriedade de camararia pela lei submettida ao regimen florestal e está na bacia hydrographica d'um affluente do Mondego, o rio onde os trabalhos de consolidação são mais urgentes. O estado executando serviços identicos na Serra da Estrella, no Choupal em Coimbra, no Cabo dello na Figueira da Foz e agora na Louzã, começa a desenvolver um vasto plano, que ha muito se impõe.

Pretende-se ensinuar o animo popular que é prejudicialissima, como funcção economica regional, a inclusão no regimen da matta do Sobral, cujo nome é tão symbolico pois que é matta porque tem povoamentos florestaes e Sobral porque possue sobreiros!

Para que é esta opposição? Será porque o regimen importa a policia da propriedade...

Acceita-se como benefica a arborisação no resto do paiz, e o que é mais até nas proprias montanhas da lua, mas só a matta do Sobral é que tem excepção pelos taes phenomenos physicos, prerogativas geologicas, isenções meteorologicas e previlegios botanicos!

Leis scientificas conhecidas em todo o mundo nomes de profissionaes eminentes obras publicadas, factos precisos e localisados, estatisticas que relacionam e concretisam elementos indiscutiveis, tudo isto se menciona, mas nada tem applicação á matta do Sobral!

Scismaticamente, n'ella tudo é differente, anomalo e extraordinario, e quem sabe mesmo se ainda ouviremos dizer que não faz parte do systema da gravitação planetaria!

Oliveira Carvalho,
Regente florestal

A matta do Sobral não é, nem nunca foi, pertença da camara da Louzã

N'uma das minhas cartas falei do estado em que o Sobral já esteve e d'aquelle em que se encontra hoje, explicando as causas d'essa mudança; nunca, porem defendi, nem defendo, a forma como estava sendo explorado, porque a economia local importa deveras aproveitar aquella serra, cujos terrenos, geralmente ferteis, são logradouro dos moradores de parochia.

N'este sentido tenho defendido a sua divisão pelos vezinhos que a desejam e até já requereram, facto que assegura aos povos da freguesia de Serpins a posse dos seus baldios que saberão valorisar, e ao municipio e á fazenda publica

Duras críticas ao rei, na pena de F. Victor Duarte.

ÁRTE

5.º ANNO

Director

Marques Abreu

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua de S. Lazaro, 340 — PORTO

Condicções de assignatura (pagamento adeantado)

PORTUGAL E COLONIAS (Um anno)		BRAZIL (moeda forte) (Um anno)	
Porto	1$440 réis	Pelo correio	1$700 réis
Provincias	1$560 »	Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes	
Avulso	120 »		

Assigna-se e vende-se na redacção e nas principaes livrarias. Na redacção da "ARTE" vendem-se collecções completas do 1.º, 2.º e 3.º anno ao preço de 2$160 réis.

AO PUBLICO!

ARMAZEM DE VINHOS E AGUARDENTES

Por junto e a retalho annexo á Casa de Pasto

A LUSITANA

Rua Adelino Veiga (antiga rua das Solas) 60 a 66 — COIMBRA — (Telephone 206)

O proprietario d'esta casa, tendo effectuado alguns contractos importantes de compras de VINHOS MADUROS e VERDES, vem expôl-os á venda por preços bastante reduzidos.

PREÇOS DOS VINHOS:

Vinhos claretes de meza, qualidades garantidas, desde um litro, a 30 réis!!!

Vinho verde de Mondim de Basto, a 70 réis o litro; de 10 litros para cima, a 60 réis.

Azeitona cordoveza, a 120 réis o kilo; de 10 kilos para cima, a 100 réis.

Aos revendedores, contracto especial.

ATTENÇÃO. — Todo o freguez póde pedir amostras de vinhos, para o que basta mandar um cartão com o nome e morada.

Todas as vendas nesta casa, de 10 litros para cima, teem a conducção gratuita aos domicilios dentro dos limites da cidade.

A Casa de pasto A LUSITANA recebe commensaes a preços modicos.

Acceita encommendas para fóra, e fornece almoços e jantares onde se encontram sempre variados e saborosos petiscos e sobretudo magnificos vinhos.

O Proprietario — Cesar Cabral.

RESTAURANT DA MOCIDADE

DE

JOSÉ LOPES

Rua do Rosario, 56 — SANTOS

Completo e variado sortimento de bebidas finas, conservas de todas as qualidades nacionaes e estrangeiras. Especialidades em vinhos portuguezes, recebidos directamente das melhores procedencias de Portugal.

Comida a todas as horas. Fornecem-se para pensionistas aos domicilios.

Aguas de Barreiro

(BEIRA ALTA)

Esta agua sem rival, estimula fortemente o appetite, cura radicalmente a anemia, a clorose e o mal da pelle, purifica o sangue, e no periodo catamonial é infallivel reguladora das funcções delicadas das senhoras

Vende-as na Louzã, Gabriel Sarmento

Aguas de S. Vicente

ENTRE-OS-RIOS

O estabelecimento d'estas aguas abriu no dia 30 do proximo passado mez de Maio.

DEPOSITO: Pharmacia Cunha — Miranda do Corvo.

Abel Baptista

Largo da Travessa — LOUZÃ

FAZENDAS MAIS BARATAS

para dar logar a um enorme sortido de fazendas para estação de Inverno

PECHINCHAS

Um saldo de 40 peças de boas chitas a **50** réis o metro

Um saldo de armures em côres — eram de maiores preços — liquidam-se cada metro a **100** réis

Um saldo de bons guardanapos a **15** réis

Um saldo de toalhas a **70** réis

Um saldo de boas flanellas a **60** réis o metro

Um saldo de colchas em fostão, brancas e de côr muito baratas

Um saldo de cobertores muito baratos

Um saldo de sabonetes a **5** réis

Um saldo de chavenas e pires a **60** réis.

Um saldo de tijellas para marmellada a **40** réis.

Serviços de louça para jantar, com 90 peças, muito baratos.

Pratos de Sacavem a **35** réis.

Um saldo de sapatos de trança a **100** réis

Um saldo de flanellas para saiotes com barras o seu preço era de 180 e agora cada metro custa **100** réis

Um saldo de chapeus de palha, para creança

MAIS RETALHOS de flanellas, riscados, gorgorinhas, chitas, cotins, e de pannos crús

PREÇOS BARATISSIMOS

Bibliotheca de Educação Moderna

A EGREJA E A LIBERDADE

Novo Livro de Emilio Bossi

Auctor do CHRISTO NUNCA EXISTIO

Trata-se de mais uma obra formidavel de Emilio Bossi obra que é a historia documentada, intensa e commovente da intolerancia clerical e das perseguições religiosas, sendo agora da mais flagrante actualidade. Nas suas paginas desenrola-se a tremenda e longa odysseia de uma religião que em dezenove seculos causou maiores calamidades e derramou mais sangue do que em todas as outras seitas.

Com este livro *A Egreja e a Liberdade*, iniciou a sua publicação em Lisboa, sob a direcção de Ribeiro de Carvalho, uma nova bibliotheca, a *Bibliotheca da Educação Moderna*, destinada a traduzir para a lingua portugueza todas as obras mais sensacionaes que forem apparecendo no estrangeiro

Preço do livro: brochado, 200 reis; magnificamente encadernado em percalina, 300 reis. Remette-se, pelo correio para todas as terras da provincia, do Brazil e das Colonias. Os pedidos devem ser feito á *Livraria Internacional*, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 44 — Lisboa.

A' venda no estabelecimento do sr. Bernardino Lopes Padilha — Louzã

A 11 de Dezembro de 1909, o "Commercio da Louzã" fazia pela primeira vez publicidade a um livro.

Director e proprietario
Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e reclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

1.º anno — N.º 32 — Louzã, 22 de Dezembro de 1909

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLÍCA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADEANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL — DO — CONCELHO — DA — LOUZÃ

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes a quem foram presentes os recibos de cobrança, e que por qualquer motivo os não satisfizeram, pedimos a fineza de nos enviarem a respectiva importancia, deduzindo o necessario para a sua remessa.

Egualmeute pedimos aos que se encontram pelo estrangeiro, onde não é facil a cobrança, o favor de nos enviarem, nas mesmas condições, a importancia das suas assignaturas.

A causa dos nossos males

Que somos um povo falho das mais rudimentares noções de trabalho pratico e utilitario, attesta-o sobremodo a falta absoluta do espirito associativo nas populações ruraes, onde aliás elle é tão necessario, quando se trata de colher e aproveitar os productos e elementos que a Natureza — sempre prodiga e generosa, offerece á nossa actividade.

E, se bem que todos afirmem e ninguem conteste, que o nosso solo é fertil, que o futuro da patria está na agricultura e outras coisas neste gosto, porventura verdadeiras, por desgraça nossa, são minimos ou nulos os esforços envidados no sentido de incutir no espirito das populações ruraes, os ensinamentos precisos para que com menor esforço de trabalho e dispendio, se possa tirar o maior proveito e utilidade.

Bem sabemos nós, infelizmente, donde diriva a causa unica deste mal e que do mesmo modo se reflecte em todas as manifestações da vida economica portugueza.

Sim, bem sabemos que a causa legitima dos males que affligem a nossa nacionalidade, deriva da falta dum systema de instrucção racional e positiva, firmado na observação directa da indole da nossa raça, das influencias do nosso meio telurico (solo, clima etc.) e ainda das aptidões e outras circumstancias regionaes.

Sendo evidente que, emquanto a legislação portugueza, em materia de instrução, contiver apenas conceitos abstractos em ordem a nada produzir de utilitario e pratico, o mal em vez de sanar-se, agravar-se-ha pelo contrario mais intensamente ainda.

No entanto porem, vamos nós, os que algum amor da patria possuam, procurando incutir, ainda que lentamente, e radicar no animo das populações zes, ou pelo menos, recompensadas do seu amargurado trabalho.

E porque são hoje em Portugal, as populações ruraes, aquellas que mais mourejam e mais soffrem, derijamo-nos para ellas, por intermedio da imprensa local, hoje mais do que nunca absolutamente necessaria, e cuja missão enobrece, justamente, quem a mantem e sustenta.

* * *

Está hoje fundamentalmente provado que pelo principio da união, pelo principio associativo tudo se consegue e alcança, ainda mesmo aquellas coisas que nos parecem insuperaveis ou invenciveis.

Nos paizes cultos e que marcham na vanguarda da civilisação, esses principios são hoje a mola real, a alavanca potente e dominadora de todos os interesses da sua vitalidade, revelando-se em todas as manifestações das suas actividades.

E sendo assim, porque tambem entre nós, se não hão de proclamar a integração e realisação pratica de taes principios?

Porque não hão de os povos das aldeias unir-se e associar-se para melhor realisarem os seus interesses communs?

Vejamos, por exemplo, a demonstração pratica desses principios, exemplos que tiramos do que vemos praticar lá fora.

Em determinadas regiões da França, os habitantes dum, dois ou mais povoados ou aldeias procedem, em harmonia com o principio associativo, da forma seguinte:

Todos os que teem gado para apascentar combinam entre si ter um pastor commum. E assim a uma certa hora da manhã todos conduzem a um dado ponto os seus gados dos quaes toma conta esse pastor que á noite, no mesmo local, espera que de novo lhes venham tomar conta dos rebanhos.

Todos os lavradores em commum compram alambiques, machinas e alfaias agricolas, que não podendo ser compradas só por um, o podem ser facilmente por todos.

Do mesmo modo em commum procedem em relação á acquisição de sementes, adubos e mil outras coisas.

A mais typica é a que se passa no Jura referentemente ao aproveitamento e manufactura do leite e queijos.

Agricultores ha que não possuem senão uma ou duas cabras, vaccas etc. cujo leite por ser em pouca quantidade, alem do uso domestico, pouco mais delle poderiam fazer.

E assim é que, para que tudo possam aproveitar com utilidade, reuniram-se e associaram-se, comprando os aparelhos proprios e perfeitos para fazer os queijos. Dois ou tres homens encarregam-se da sua administração.

De modo que, todo o individuo associado, tenha elle dois, cinco ou cem litros de leite, entrega-o na quijaria após o que se lhe passa recibo dessa quantidade.

Uma vez fabricado o queijo, a direcção da queijaria encarrega-se da sua exportação. E os associados recebem por quinzenas a quota parte em dinheiro correspondente, não já ao leite entregado, mas ao queijo vendido, que aliás é muito maior.

Por aqui se podem avaliar as altissimas vantagens da união agricola.

Porque não hão de pois, os nossos pequenos agricultores proceder de identica maneira?

Que todos os que alguma coisa veem, repetimos, se esforcem por difundir estas ideias.

Quinta das Lages (Coimbra) 14-XII-909

José Fernandes Martins

Palavras justas

«Nada mais funesto para os costumes do que ensinar ás mulheres que ha instituições especiaes para o serviço de Deus, para da conquista do céo, para a remissão da culpa. O posto digno da mulher christã é em casa, ao pé dos seus filhos. Os exercicios espirituaes e as contemplações mysticas escurecem a alegria domestica, alvoraçam a virtude, perturbam a consciencia. Na sociedade actual a mulher pertence integralmente, com toda a responsabilidade do seu destino, á missão sublime da regeneração do homem pela attracção do lar. Desviar sobre qualquer pretexto que seja, a attenção da mulher dos interesses da familia é commetter para com a moral um sacrilegio. A casa conjugal tambem é um templo, e a maternidade uma religião.»

Ramalho Ortigão.

O que dirá o padre Mattos a estas palavras? O que dirá o proprio sr. Ramalho, actual collaborador de folhas reacionarias, a estas justissimas palavras que em tempo escreveu, quando a sua intelligencia era certamente mais clara e a sua razão guiada por mais nobres sentimentos e por um mais elevado espirito de justiça!

E' capaz de se arrepender de as ter escripto.

Interesses publicos

Como estamos prestes a entrar no novo anno, em que terão principio os novos contractos com a camara do nosso concelho, damos em seguida alguns artigos das nossas posturas para conhecimento dos interessados, e para evitar duvidas entre o publico e os diverssos arrematantes.

Talho e Matadoiro

Art.º 37.º

A venda de carne [illegible] poderá

Art.º 38.º

Em qualquer das hypotheses, serão os fornecedores obrigados:

1.º—A não abater outros animaes que não sejam: bois, vaccas, vitellos ou vitellas, carneiros e chibos capados, e gado suino.

2.º—A abater as rezes unica exclusivamente no matadoiro municipal, depois de examinadas e approvadas previamente, quaesquer que ellas sejam, pela auctoridade competente.

3.º—A abater as rezes no proprio dia em que a carne tiver de ser exposta á venda, mas sempre duas horas pelo menos antes d'esta principiar; excepto desde o primeiro de outubro até 31 de março, em que poderão as rezes ser abatidas na tarde da vespera, se a auctoridade competente assim o permitir.

4.º A não abater as rezes sem que esteja presente o empregado pela camara encarregado da fiscalisação do matadoiro e talho.

5.º—A remover immediatamente para **fóra da villa**, logo depois das rezes esfolladas e abertas, as pelles e os intestinos que não tenham de ser expostos á venda, conduzindo-os em reservatorio ou carro fechado, e convenientemente limpo.

6.º—A fazer a lavagem e limpeza do matadoiro logo em seguida ao abatimento da ultima rez.

7.º—A conservar com o maximo acceio o matadoiro e casa do talho, e bem assim os utensilios necessarios para abater as rezes, partir e vender a carne; taes como: ferramentas, cepo, mostrador, pannos balanças, pesos, etc.

8.º—A expor á venda a carne, desde o 1.º de outubro até 31 de março, das 7 horas da manhã ás quatro da tarde, e nos restantes mezes, desde as 6 da manhã ás 5 da tarde; podendo em qualquer epocha do anno, continuar a venda no dia seguinte até ás 10 da manhã.

9.º—A não partir ossos grandes senão com serrote.

10.º—A não dar mais da quarta parte de osso no peso da carne

11.º—A não fazer comprehender no peso total da carne nem as esquirolas osseas nem tão pouco o cébo, cabeça, pés e visceras dos animaes, salvo consentimento do consumidor.

12.º—A lançar na balança a carne sempre antes que o peso, procedendo se entre pezagem e pezagem á limpeza do respectivo prato.

13.º—A ter sempre na casa do talho balanças e pesos em duplicado para os consumidores poderem, querendo, verificar pelo repezo a boa pezagem.

E quando por esta verificação se conhecer que ha falta de pezo, será o fornecedor obrigado a completal-o com carne boa e sem osso.

14.º—A cortar a carne em cepos apropriados e sempre á vista do publico.

15.º—A aviar os consumidores pela ordem em que se apresentarem no talho, sem preferencia alguma, quer na ordem da chegada, quer na qualidade da carne, [illegible] correncia de consumidores de dentro e fóra do concelho, serão aviados aquelles em primeiro logar.

Art.º 39.º

A infracção do numero 1.º do artigo antecedente, será punida com a multa de 5$000 a 10$000 reis; a do numero 2.º com a de 10$000 reis por cada boi ou vacca, 5$000 reis por cada vitello ou vitella e 2$000 reis por cada carneiro, capado ou animal suino; além de ficar prohibida expressamente a venda da carne das rezes abatidas. A transgressão de qualquer dos restantes numeros do mesmo artigo será punida com a multa de 1$000 a 2$000 reis.

Illuminação publica

Foi adjudicado ao sr. Luiz Correia, [illegible]

A causa dos nossos males na rejeição do associativismo.

ções, alem das anteriores, accesos os candieiros, de rço das 5 horas da tarde rugada, de abril a setem-3.

ação apenas concorreu o im Caetano, desta villa, fornecimento da luz por es (!), naturalmente ate- um dito que nós ouvi- arrematação: — «quem o vae a carradas...».

e em occasião opportu- as condições do contra- com o arrematante da il-

Padilha

em do Porto, onde foi que se prendem com estabelecimento, este nsiderado commercian-

ctor das obras publicas pedimos para que ordene rdinados para que olhem co mais de attenção para o adante em que se encontra a e da rua da Paz, desta villa, até a estação do caminho de ferro, se encontra em sitios transformada m verdadeiro lago.

Temporal

Durante toda a noite choveu torrencialmente, apparecendo-nos de manhã todos os campos marginaes do Arouce inundados, e vendo-se passar enormes pinhos na corrente, que a forte ventania prostrou por terra. Por outras povoações tambem se encontram cahidas muitas arvores.

Porem á hora a que escrevemos parou um pouco o vento. O pobre trabalhador do campo atravessa uma crise damninha, pois á mais de 3 semanas que tem ganha o pão quotidiano, por causa do mau tempo.

Incendio

Hoje pelas 5 horas da madrugada declarou-se um incendio na cosinha da casa que habita o nosso amigo sr. Baptista, queimando-se todo o soalho e alguns barrotes do dito compartimento.

O incendio não tomou maior incremento devido ao prompto soccorro do visinho—sempre solicito a acudir ás desgraças dos visinhos—pois apesar da violenta tempestade que soprava violentamente alguns dos nossos conterraneos não hesitaram-se arrojadamente nas immediações do incendio com cantaros de agua, combatendo-o de forma a impedir a sua communicação a outros pavimentos do mesmo predio.

Honra lhes seja.

Não nos consta que apparecesse a bomba de incendios, da terra.

Os prejuisos causados com o incendio não são calculados em mais de 20$000 reis.

O predio estava seguro na companhia «Previdencia».

Club Louzanense

Vão muito adeantadas as obras para a nova installação do Club Louzanense, que deve ser inaugurada no dia de S. Silvestre (ultimo do anno) com uma brilhante soirée, em que se reunirá a nossa primeira sociedade. Depois de prompta deve ficar uma das primeiras casas de reunião da Louzã. Para a illuminação lavatorios e todos os outros utensilios, foi procurado o que havia de mais moderno e aperfeiçoado.

[illegible] os que alguma coisa possuam, procurando incutir, ainda que lentamente, e radicar no animo das populações

Por Cazal d'Ermio

Do «Seculo» do dia 14, transcrevemos o seguinte:

Freixo (Louzã), 13.—C. - Convocada pelo sr. dr. Antonio Pires de Carvalho, considerado vulto republicano deste concelho, realisou-se hontem, na freguezia de Cazal d'Ermio, uma importante reunião a que compareceu grande parte da população e cujo fim era o de protestar contra o procedimento do respectivo parocho, o rev. Caetano Lucas dos Reis, que se aproveita indecorosamente das praticas á missa conventual para fazer propaganda de publicações reaccionarias, lendo as e commentando-as com os maiores improperios contra os republicanos e os livres pensadores, e chegando a soltar em plena egreja gritos de *abaixo* os liberaes e a lei do registo civil.

Estas explicações foram dadas pelo sr. dr. Antonio Pires de Carvalho, que, ao abrir a sessão, explicou o motivo por que convocára aquella reunião, e o qual era o de ter sido convidado por um numeroso grupo dos seus conterraneos. A população de Cazal d'Ermio, diz, sendo como é accentuadamente liberal, já de ha muito vinha assistindo com desgosto áquella irritante attitude do seu parocho, que até em algumas das suas praticas, attribuia os recentes tremores de terra a castigo de Deus e applaudia calorosamente a execução de Ferrer, insultando este propagandista com os mais baixos e grosseiros epithetos. Como tal situação não podia de forma alguma prolongar-se o orador resolveu acceder ao convite que lhe fora feito, e folga por que a reunião fosse coroada, como foi, do melhor exito.

A assembleia manifestou-se com uma grande salva de palmas, applaudindo tambem os srs. Francisco Henriques Simões, Alfredo Filippe de Mattos, secretario do Gremio Progresso, e José Sequeira Junior, que em seguida assumiram, respectivamente, os logares de presidente e secretarios da sessão.

A convite da presidencia, o sr. dr. Pires de Carvalho proferiu ainda um magnifico discurso, em que difiniu a orientação do partido republicano perante a egreja e condemnou a intolerancia reaccionaria lembrando como exemplo os apedrejamentos da Louzã, promovidos por padres, e tantos outros abusos e violencias que elles praticam nas egrejas e na imprensa.

Ao terminar o seu discurso, o orador, que accentua a absoluta ausencia de partidarismo politico naquella reunião, foi novamente muito applaudido.

Em seguida usou da palavra o sr. Alfredo Filippe de Mattos, que perfilhou as opiniões do orador antecedente, terminando por apresentar as bases do centro republicano Ermiense, cujos fins são:

Realisar, promover e auxiliar conferencias, sessões e quaesquer diversões que tenham por fim o desenvolvimento ou auxilio á instrucção e educação civica e partidaria, recreio e solidariedade; promover a vulgarisação dos jornaes e escriptos que pugnarem pelos principios republicanos; commemorar datas patrioticas e humanitarias; fomentar a união entre os povos d'este concelho e, principalmente desta freguesia, não só para os fins indicados, mas tambem para a realisação dos melhoramentos necessarios ao seu desenvolvimento.

Approvadas estas bases por unanimidade, procedeu se immediatamente á inscripção de socios fundadores e á eleição dos corpos gerentes provisorios, que ficaram assim constituidos:

Presidente, dr. Antonio Pires de Carvalho; vice-presidente, Francisco Henriques Simões; secretarios, Constantino Carvalho e Alfredo Filippe de Mattos, e thesoureiro, Manuel Maria.

•

Saber esperar é muito bom.

Surpreendeu-nos, ha mezes a forma como o sr. padre Lucas repudiou [illegible] «bem creatura» que [illegible] e agora

E assim é que, [illegible] possam aproveitar com utilida-

Camara Municipal

Resumo das deliberações da Camara municipal da Louzã, tomadas em sessão de 27 de novembro de 1909

Presidente: Dr. João Augusto dos Santos.

Vereadores, P.e Antonio Lopes Cortez Froes, Cesar Henriques Lopes, e Manuel das Neves.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

— Em virtude da appprovação da alteração dos impostos indirectos, deliberou a camara, no proximo anno fazer a cobrança por sua conta propria.

— Concedeu licença a Antonio Godinho de Carvalho, das Almas de Serpins, para abrir uma porta na sua casa de residencia e regularisar a via publica sem lhe alterar o pavimento, sem prejuizo publico ou particular e debaixo da fiscalisação do vereador Manuel das Neves.

— Em virtude de informações e alinhamento dado pelo vereador Manuel das Neves, concedeu licença a Fernando de Mattos, da Tapada de Serpins para fazer um muro de vedação na sua propriedade do mesmo logar e abrir no mesmo um portão, sem prejuizo publico ou particular, cedencia ou acquisição de terreno.

— Concedeu licença a José Francisco de Mattos, da Gandara para deitar algum cascalho numas covas da estrada do mesmo logar, sem prejuizo publico ou particular e sob a fiscalisação do vice-presidente.

— A camara declarando a sua deliberação de 6 do corrente, relativamente a cobrança de foros em divida, auctorisou o presidente, como advogado, a propor as respectivas acções, para o que se offereceu gratuitamente, auctorisando o vice-presidente a passar os respectivos mandados das importancias necessarias para as mesmas acções visto terem de correr pelo poder judicial.

— Auctorisou o presidente a registar na respectiva conservatoria quaesquer bens pertencentes ao municipio quando por quaesquer circunstancia o julgue necessario.

— Deliberou que as suas sessões ordinarias no mez de dezembro proximo tenham logar ás sextas feiras pelas 12 horas do dia, e que esta alteração fosse annunciada por editaes.

— Auctorisou os seguintes pagamentos:—Dos ordenados dos empregados que vencem pelo cofre do municipio, de cantoneiro do municipio do corrente mez; dos diversos trabalhos executados na segunda quinzena de novembro, e bem assim 86$ reis de impressos para o recenseamento eleitoral, e a quantia necessaria para prepiros e honorarios no recurso interposto por Francisco Lopes Coelho.

— Por proposta do presidente, que foi approvada, deliberou que de futuro só serão apresentados e discutidos em cada sessão os documentos ou requerimentos, que sejam entregues na secretaria até uma hora antes da sessão, excepto os que forem apresentados pelos senhores vereadores que o poderão fazer em qualquer altura da sessão.

— Por ultimo foi apresentado o orçamento ordinario para 1910, que visto ter terminado o prazo para a sua exposição e não ter havido sobre elle reclamação alguma, foi approvado definitivamente.

Resumo das deliberações da Camara Municipal da Louzã, tomadas em sessão de 3 de dezembro de 1909.

Presidente:—Dr. João Augusto dos Santos.

Vereadores:—Padre Antonio Lopes Cor[illegible] Froes, Cesar Henriques Lopes [illegible] de Faria substi-

A venda [illegible]

furão sem rede, até ao fim da epocha da caça ou seja até 31 do proximo mez de janeiro.

— Informou favoravelmente um processo pedindo subsidio de latação, de Maria da Nazareth casada com José Rodrigues, do logar de Mingachos, freguezia de Foz d'Arouce.

— Por proposta do Presidente, approvada por unanimidade, resolveu adherir á proposta apresentada pelo senhor Consiglieri Pedroso na Sociedade de Geographia, tendente a facilitar as relações entre Portugal e Brazil.

Resumo das deliberações da Camara Municipal da Louzã, tomadas em sessão de 10 de dezembro de 1909.

Presidente:—Dr. João Augusto dos Santos.

Vereadores:—Padre Antonio Lopes Cortez Froes e Manuel das Neves.

Foi presente o administrador do concelho, dr. Fortunato Gomes de Seiça.

Deliberou que o pagamento ás amas dos expostos relativo ao trimestre de julho e setembro, tenha logar no dia 14 do corrente pelas 11 horas da manhã.

— Concedeu licença a Vicente Martins, da Gandara, para explorar 10 carros de pedra na pedreira do Ribeiro de Villarinho, pagando 30 reis por cada carro.

— Em resultado de escrutinio secreto a que procedeu, attestou que Ignacio Antonio Lopes, tinha muito bom comportamento.

— Sendo presente um requerimento do secretario interino da Camara pedindo para ser provido no logar de secretario cujo concurso se acha aberto, juntando 19 documentos comprovativos das suas habilitações e aptidões, as quaes pela sua ordem são indicados na acta, deliberou a Camara que o requerimento e documentos se juntassem ao respectivo processo de concurso.

— Auctorisou os seguintes pagamentos: — Renda da casa da conservatoria relativa ao segundo semestre do corrente anno; da despeza com a illuminação publica no quarto trimestre; da despeza feita com a extincção de cães vadios; despeza devida pela revisão de orçamento para 1910 e outras despezas d'expediente; expediente da administração do concelho; despeza com a limpeza das cadeias, latrinas e poços do concelho no segundo semestre; limpeza com o matadouro; despeza com a conservação do relogio municipal; pagamento do segundo semestre, ao encarregado da conservação das estradas da Louzã ao Castello e de Cacilhas a Chã do Alhal; Gratificação ao subdelegado de saude; expediente da subdelegacia de saude; gratificação ao encarregado da bibliotheca municipal.

— Approvou a arrematação do fornecimento da illiminação publica, feita no dia 5 do corrente.

Administração de mattas

Por decreto ultimamente publicado no «Diario do Governo», passa para o Estado a administração das mattas pretencentes á camara municipal da Louzã.

A publicação que continuamos fazendo, de escriptos controversos, sobre as mattas de Serpins, Louzã obedece ao intuito de como orientação ou elucidação dos nossos leitores, offerecer-lhe apreciação das opiniões «pró e contra» na contenda.

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje mais um artigo do sr. dr. Adriano José de Carvalho, o que faremos no proximo numero.

Moedas de 200 reis

Em Casal de Ermio fundava-se o Centro Republicano Ermiense.

"Bem vindo sejas novo anno, e tragas
Melhorado teus dias mais propicios
Á minha pobre, malfadada patria
E a meus fieis amigos"

OS versos de Almeida Garret inauguravam as edições do "**Commercio da Louzã**", do ano de 1910, o ano da implantação da República. As agremiações filiadas no Partido Republicano Português ascendiam a 167, o ano novo ia ser bem vindo, e prometia melhorar os dias da malfadada pátria.

O tempo, pela Lousã, até que não estava de feição, mas aos rigores invernios haveria de suceder o SOL, lá para Outubro.

"**Geada** — Nas noites passadas téem caido grandes camadas de geada. Geada na lama, chuva na cama.

É dictado que costuma sair certo, mas que bom será que outra vez saia errado, porque fartos de chuva estamos todos nós".

As últimas reuniões camarárias de 1909 haviam tratado de assuntos diversos. José Francisco de Mattos, da Gandara, conseguira a almejada licença *"para deitar algum cascalho numas covas da estrada do mesmo logar, sem prejuizo publico ou particular e sob a fiscalisação do vice-presidente"*.

Por proposta do presidente, *"que foi approvada, de futuro só serão apresentados e discutidos em cada sessão os documentos ou requerimentos que sejam entregues na secretaria até uma hora antes da sessão, excepto os que forem apresentados pelos senhores vereadores que o poderão fazer em qualquer altura da sessão"*.

Outra proposta do presidente João Augusto dos Santos ia de encontro aos desejos do republicano Consiglieri Pedroso:

"A Câmara Municipal da Lousã resolveu adherir á proposta apresentada pelo senhor Consiglieri Pedroso na Sociedade de Geographia, tendente a facilitar as relações entre Portugal e Brazil". Esta proposta foi aprovada por unanimidade. (Nota 24)

CÂMARA ADQUIRE RETRATO DE EL-REI D. MANUEL

Atestara-se que *"Ignacio Antonio Lopes tinha muito bom comportamento"*; oficiara-se *"ao exmo. Governador Civil pedindo-lhe algumas informações para organisar um regulamento de cães"*; e, por proposta do vereador Henriques Lopes, *"que foi approvada por unanimidade, deliberou adquirir o retrato de S. M. El-Rei D. Manuel, para ser collocado na salla das sessões"*.

O retrato não levaria um ano para ser apeado.

As melhores famílias da terra esqueceram, na passagem do ano, as turbações da política lusa, e cumpriram animado réveillon:

"**Soiree** — Como noticiámos, teve logar na nova casa do *Club Louzanense*, na ultima noite do anno uma brilhante *soiree* em que se reuniram as principaes familias da Louzã.

Dizem-nos, que a principio o baile correu com animação, mas que depois da meia noite a maior parte dos cavalheiros sahiram da casa do baile para a sala de jogo do mesmo club.

No entanto, de domingo para a segunda, lá se tornou a realisar outro baile que durou até de manhã.

Que lhes preste".

Ao deixarem o "**Club Louzanense**", os foliões foram ajudados no caminho rumo a casa por uma rede de iluminação alargada:

"A nossa Camara, além da illuminação toda a noite, com que dotou a villa, do 1º de janeiro em diante, mandou collocar mais 4 candieiros em differentes pontos onde elles de ha muito eram reclamados".

PARA 23 de Janeiro anunciava-se a segunda operação de recenseamento de veículos e solípedes (cavallos, eguas e muares 'macho ou mulla').

O recenseamento dos mancebos já se fizera, mas alguns preferiram não responder à chamada ao quartel:

"Na comarca da Louzã, cartorio do segundo officio correm editos de 60 dias, a contar do segundo annuncio, citando o mancebo refractario Manuel Ferreira, filho de António Ferreira e de Biatriz de Jesus, do logar do Freixo, para nos 10 dias subsequentes, pagar reis 225$000 como dispõe o artº 173 do decreto de 24 de Dezembro de 1901, ou nomear bens á penhora na execução que lhe move o Ministério Público".

O anúncio repetia-se para outro Manuel, este do logar das Cannas. A este, a fuga à tropa saía-lhe por 300$000 reis, com base no mesmo artigo do mesmo decreto. Manuel Ferreira e Manuel talvez estivessem já bem longe, por terras de Santos talvez, que a Lousã muitos filhos deu aos brasis...

JÚLIO de Vilhena havia resignado a chefia do partido regenerador. O "Commercio" dava conta da resignação de um homem "*de comprovada intelligencia e probidade*":

"O sr. Julio de Vilhena tomou esta resolução em vista da attitude da monarchia, que, assim se pode dizer, coligada com o *Immaculado* e com a reacção, já por varias vezes o desconsiderou na qualidade de chefe dum grande partido e que demais a mais depois que foi collado nesse logar, apoz a morte de Hintze Ribeiro, ainda não fora chamado a constituir ministerio".

Do vizinho "**O Poiarense**", extraíra-se artigo apologético das associações de socorros mútuos.

A edição seguinte já dava conta da substituição de Júlio de Vilhena por Teixeira de Sousa:

"A escolha deste chefe não agrada a todo o partido, de forma que alguns antigos partidarios se retiram da politica, outros vão enfileirar-se sob a chefia do sr. Campos Henriques, outros manteem uma situação de independencia, e ainda outros ficam fieis ao sr. Julio de Vilhena". (Nota 25)

A rubrica "**Á Lareira**" trazia-nos uns "**Serões do Povo**". Tema da charla: as associações de socorros mútuos.

"– Ó sr. Antonio, começou o Antonio Pedro, olhe que estou derramado por saber como é que a gente se pode prevenir, no caso de dar uma doença com uma pessoa, em que o sr. um dia destes nos fallou.

– E é esse o assumpto do nosso serão de hoje, como vos prometti. Ali o Joaquim das Rodas que já andou em tempos por Lisboa deve ter ouvido fallar por lá numas Associações de Socorros Mutuos.

– Ah! bem sei, disse o Joaquim das Rodas; ha tambem quem lhe chame Monte-pios. (...)"

DO "**Diario Illustrado**" respigavam-se as "**Notas dum lisboeta**", expostas em forma de "*annuncios e avisos*". "*Publicidade*" paga pelo "*Club Athletico Taxeirista*", "*Irmandade de Nossa Senhora Não-Te-Rales*" e "*Atelier Vilhenista*", entre outros.

O aviso "*pago*" pelo "*Club Athletico Taxeirista*", considerado "*o verdadeiro partido regenerador*", anunciava "*sarau desportivo*":

"São avisados os Exmos. Socios e suas familias de que no proximo dia 16 se realisará um deslumbrante sarau athletico em que haverá um sensacional *match* de lucta grego... transmontana, em que se disputará o titulo de campeão do Partido.

O luctador Teixeira de Sousa, que estenderá ao *devoloppé* os dois alteres da Administração das Alfandegas e do governo do Banco Ultramarino, offerece dez libras em ouro a quem o conseguir vencer em duas horas e meia. (O sarau durará duas horas).

A entrada é por bilhetes... por causa das duvidas".

A "**Bibliotheca de Educação Moderna**" apresentava agora ao público a obra "**Socialismo e Anarquismo**", de Hamon, "*um estudo completo e claro acêrca destas duas doutrinas sociaes*".

Os compradores ficariam a conhecer as origens do socialismo e do anarquismo, os seus diversos sistemas e doutrinas, "*o que querem os socialistas, a sociedade futura, a supressão da miséria, a substituição dos exercitos e dos regimens penitenciarios, o casamento sem auctorisação paterna e sem a intervenção da Egreja ou do Estado, o que será a sociedade no dia seguinte ao da Revolução Social*", etc, etc.

Num país com setenta e cinco por cento de analfabetos, anunciavam-se livros, perorava-se abundantemente pela falta de instrução, desconhecimento dos direitos de cada um também. A rubrica "**Capital e Trabalho**" mantinha a "*linha melódica*" de edições anteriores:

"(...) Demonstrado fica tambem que se o industrial não associa aos seus interesses o operario que trabalha e lhe vende o seu sangue e a sua vida *por um prato de lentilhas*, é porque a classe operaria desconhece os seus direitos e se não sabe impôr como uma força que, bem dirigida, se havia de fazer respeitar".

"TENHO OUVIDO DIZER QUE HA LÁ POR LISBOA MENINO QUE TEM DOIS TRES E MAIS EMPREGOS"

DA Lousã faltaria assunto político para tratar, daí o predomínio das crónicas, também dos artigos importados doutras publicações.

O "*sr. Antonio*" continuava postado junto à sua pedagógica lareira, ensinando o povo que assumia hoje os nomes de Francisco Caseiro, João da Rosa, Joaquim da Peneda:

"Ó sr. Antonio, começou o Francisco Caseiro, tenho ouvido dizer que ha lá por Lisboa menino que tem dois tres e mais empregos, que de todos ganha e que a maior parte das vezes não faz nada! Será verdade?

— É verdade e mais que verdade, respondeu o sr. Antonio. Disse vocemecê, sr. Francisco, dois e tres empregos. ha menino que abicha cinco e seis! Olhe não vamos mais longe: o ministro do reino, que agora está no Poder, tem a bagatella de seis empregos e ainda anda para apanhar mais um.

— Ena pai, exclamou o Joaquim da Peneda.

— Então, disse o sr. João da Rosa, se tem seis empregos é para cada dia da semana seu, e pelo visto ainda quer outro para domingo (...)".

JOÃO Baptista Loureiro enviava de Montemor-o-Velho texto "**Contra a gula, temperança**", manifesto contra o luxo, considerado "*nova causa de miseria social*", contra os prazeres da mesa, contra "*o sentimento exagerado de vestir caro e o desejo irreprimivel de possuir mulheres*".

Alfredo Fillipe de Mattos demitira-se do lugar de 2º secretário e de sócio do Centro Republicano Ermiense, recentemente fundado. A notícia vinha respigada do "**Seculo**", e nela o colaborador do "**Commercio da Louzã**" descansava correligionários e adversários também: "*encontrar-me-ão sempre no meu posto de republicano convicto e leal*".

JORNAL DO POVO E PARA O POVO

A 7 de Fevereiro de 1910, o jornal lembrava o 31 de Janeiro de 1891, e o 1º de Fevereiro de 1908. As referências a tais datas históricas pretextavam sublinhado da colocação de um jornal "*do povo e para o povo*". Como que uma redefinição do programa do número inaugural:

"Jornal de provincia, periodico destinado à defeza dos interesses locaes desta região, com um desejo ardente e sincero de ver progredir esta villa, o 'Commercio da Louzã', ocupa-se contudo, hoje, em primeiro logar, destes dois acontecimentos historicos com o intuito de delles deduzir considerações com vista à orientação politica que domina ainda nesta terra e concelho.

E bom será da nossa parte accentuar que, jornal do povo e para o povo, humilde e fraco como êlle, taes considerações ainda e só a elle — ao povo trabalhador e honesto — são destinadas, visto como antecipadamente reconhecemos que, aquelles que entre nós maior influencia ainda exercem, material, moral e politicamente, ellas merecerão porventura, somente expressos e significativos sorrisos de desdém.

No entanto, os desdens resvalaram sempre na couraça com que ha muito revestimos o nosso peito; e a nossa alma é forte e temperada na lucta pela existencia.

De resto, bom é friza-lo, as classes populares portuguezas não são já hoje, aquelle agente passivo, besta de carga soffredora e calada, em que se alicerceava importancia e poderio de certas e extremadas castas de senhores feudaes de via reduzida.

Sim. Maugrado seu, taes senhores, com bastante pesar o confessam, veem tremer e aluir o edificio gigante e secular do seu poder, porque o povo honesto e trabalhador, iniciou a sua maioridade civica, alcançando ver claro a consciencia da sua força dominadora, o descalabro e desaproveitamento das suas energias productoras, a razão de ser dos profundos males que o affligem.

Por isso, ainda que só para esse povo nos tenhamos de dirigir, contentes e com profunda satisfação o faremos".

CURIOSO o facto de, mais adiante no artigo, o jornal se assumir como de "*independentes*"!

"Quer ser monarchico? Que o seja muito embora, porque nós, na nossa qualidade de independentes, com isso nada temos".

A primeira página da edição 37, de 18 de Fevereiro, preenchia-se às custas do jornal "**A Patria**", com a reprodução de artigo de **Marinha de Campos**, ali publicado. Intitulava-se "**A paz interna**", e usava de expediente narrativo para colocar os poderosos a falar, prometendo programa agradável para os contestatários do regime, tudo em benefício da "*paz interna*", sem dúvida melhor de suportar que dias de existência "*numa inutil expiação infernal*".

O retrato do poder era contundente quanto baste:

"Accresce que as instituições que nos regem, sendo servidas de preferencia por individuos sem ideaes e sem escrupulos politicos, não se amoldam, não se adaptam, não evolucionam, não progridem; não cedem nem concedem.

Está o governo do paiz monopolisado por uma grande oligarchia politica de que é centro um velho paralytico com mais de meio seculo de vida publica e que já subiu o mais alto que é possivel pela escada politica do regimen, não sendo rei porque nasceu plebeu, ou antes, não o sendo de direito, por não descender de reis, mas sendo-o de facto, por ser elle quem, no reinado de D. Manuel, manda no Paço, apesar de ter sido delle enxotado nos dois ultimos annos do reinado de D. Carlos".

O número 38, de 25 de Fevereiro, voltava a recorrer a outro jornal para preencher a primeira página. Os leitores do "**Commercio da Louzã**" já se haviam familiarizado com os respigos do lisboeta "**O Mundo**", de onde se extraíam agora "*as palavras que o illustre deputado progressista dissidente proferiu numa conferencia no Atheneu Comercial, acerca da representação proporcional nas eleições*".

Curiosa a entrada feita ao texto, da responsabilidade do "Commercio":

"Fazer uma apreciação ao documento a que hoje damos o logar de honra não está no acanhado limite dos nossos conhecimentos literarios, mas tão bem nos soam as ideias nelle expressas, que mesmo que o conferente fosse para nós um

...noca, ...
...Rodeira.
— E' um completo desleixo em tudo.
— Em tudo e por tudo. A' bibliotheca, por mais que se falle, não regressam alguns ricos volumes que lá foram buscar.
— Isto já vai sendo demais, em verdade.
— E afinal, grande maganão, sempre conseguiste os teus fins.
— Isso sabia eu. Em lhe tocando na corda sensivel, vocemecê não resiste.
— O' menino, pois a gente nem que queira não pode calar-se.
— E como não dizemos coisas que não sejam verdadeiras...
— E ainda nós não dizemos nem de cem partes uma.
— Está claro.
— Agora se te parece vai pôr lá esta conversa no *canudo*.
— Inda ó diz.
— Ah! maroto!...

Paulino-Junior

Notas dum lisboeta

ANNUNCIOS E AVISOS

Club Athletico Taxeirista

(*O verdadeiro partido regenerador*)

São avisados os Ex.mos Socios e suas familias de que no proximo dia 16 se realisará um deslumbrante sarau athletico em que haverá um sensacional *match* de lucta grego .. transmontana, em que se disputará o titulo de campeão do Partido.

O luctador Teixeira de Sousa, que estenderá ao *devoloppé* os dois alteres da Administração das Alfandegas e do governo do flanco Ultramarino, offerece dez libras em ouro a quem o conseguir vencer em duas horas e meia. (O saráu durará duas horas.)

A entrada é por bilhetes... por causa das duvidas.

5—Rua do Norte—5

Ao Jardim Henriquista

(*O verdadeiro partido regenerador*)

A todo o respeitavel publico se previne que no proximo dia 16 se realisa uma formosissima exposição de plantas... raras neste lindo jardim.

Entrada livre... digo-lhes mais: entrada liberrima.

A todos os Ex.mos visitantes será offerecido um delicado brinde.

O Ex.mo chefe, do Partido Progressista fará-se-lha representar.

Rua do Alecrim

Irmandade de Nossa Senhora Não-Te-Rales

A todos os fieis devotos se avisa de que na parochial egrejinha da rua do Norte, se celebra no proximo dia 16 um *Te-Deum* em acção de graças por se ter visto livre da estupada da chefia o nosso irmão Antonio d'Azevedo, que no fim da ceremonia pregará um sermão sobre o thema: *as massadas estão prohibidas*, procedendo em seguida ao competente *Ablativo de viagem* que será feito com toda a pompa.

5—Rua do Norte—5

Atelier Vilhenista

(*Inauguração no dia 16 de janeiro*)

dirigido por

Julio de Vilhena

(ex contra-mestre do Partido Regenerador)

Neste atelier se precisam de correligionarios... com pratica.

Rua de S. Bento

Ha por ahi alguns ossos... ou trapos... ou cebo... que queiram vender?...

Hotel Bragança

Grupo dissidente progressista

Offerece-se. Não se importa de ir para Ex.a. Na rua Nova da Trindade, se dá.

Anselmo

(*O Diario Illustrado*)

De visita

De visita a seu irmão e nosso amigo sr. Antonio Furtado, vimos nesta villa a ex.ma sr.a D. Isidora Correia Furtado, acompanhada de seu marido—o conceituado [illegible]

VI

A divisão dos lucros

Provâmos, com elequencia dos numeros, como, actualmente, no periodo transitorio de bonançosa evolução social, se póde e convem organisar a associação do capital e trabalho, retribuindo um e outro de modo que, sem risco, antes com vantagem do primeiro, se remunerasse mais equitativamente o *principal* factor de qualquer industria—o trabalho.

Nem essa demonstração devia ser necessaria a qualquer industrial que ponha a sua razão e a sua consciencia ao serviço da industria, sem esquecer os deveres da humanidade: vamos contudo lembrar ainda, que se os fabricantes podem marcar o preço às suas fazendas, vendidas a credito aos mercadores ou revendedores por grosso, com descontos de 30 ou 40% e a prasos de 3, 6 e mais mezes, augmentando tanto quanto querem e combinam o custo da mercadoria para dar aos intermediarios uma larga margem de lucros sem que elles fabricantes fiquem lesados *na parte de leão*, o que tudo é supportado pelo consumidor, demonstrado fica tambem que se o industrial não associa aos seus interesses o operario que trabalha e lhe vende o seu sangue e a sua vida *por um prato de lentilhas*, é porque a classe operaria desconhece os seus direitos e se não sabe impôr como uma força que, bem dirigida, se havia de fazer respeitar.

Este estado mantem-se emquanto o operariado se não resolver a pôr cobro a toda e qualquer especulação e expoliação de que é victima, e emquanto se limita a protestar por meio de *gréves* contraproducentes para reclamar augmento de salario!

A sua triste situação social não se resolve por meio de *gréves* que em nada melhoram as condicções de vida do operario, antes aggravam a sua economia; e tambem se não deve resolver por meios violentos emquanto houver forma de obrigar o capital a associar-se ao trabalho, e esta forma resiste, basta pôl-a em pratica.

A sociedade é um pacto entre dois ou mais individuos; seja escripto ou verbal, esse pacto é um contracto de que resultam obrigações e direitos reciprocos e eguaes ou analogos.

O preço do trabalho é de ajuste previo entre o operario e o industrial, mas ao operario compete marcar o preço do seu trabalho tendo em attenção não só a quantidade mas a qualidade de serviço; deixar ao industrial esse arbitrio é desconhecer o seu proprio direito e o valor do que produz e é desconhecer que a livre concorrencia do trabalho é nociva à classe operaria, pondo nas mãos do industrial a arma da especulação e espoliação, ella tem um meio facil de desarmar o impenitente.

A organisação social do capital e trabalho está apenas dependente da associação do operariado *em gremios de classe*, sumptos que se relacionam com a vida operaria.

Quando um gremio de classe resolve não admittir entre os seus associados que o dia de trabalho exceda 8 horas e que nenhum associado transgrida este pacto, é claro que a industria, para que trabalham os operarios agremiados, não pode exigir 9, 10 ou mais horas de trabalho aos operarios, porque não encontra quem transgrida este pacto.

Do mesmo modo quanto ao preço de trabalho, se o operariado reunido em gremios de classe, entre si estabelecesse o salario minimo, medio e maximo. preço que a industria devia pagar aos seus operarios, deixava de existir tanta injustiça e tanta miseria, porque desappacia o melhor regulador do preço de trabalho *a livre concorrencia*, ao arbitrio de quem o explora.

Gilberto

Incendio

No dia 7 do corrente pelas 10 horas da noite foi esta villa alarmada pela sinistra voz de fogo que a esta hora já tinha tomado proporções assustadoras, numa casa, ainda em construcção que o sr. Adelino Antunes, dos Ramalhaes, pessue no sitio da Carvalha, que ardeu quasi por completo, salvando-se apenas duas traves do primeiro pavimento, e isto devido á coragem com que se collocou junto da casa completamente em chamas, o sr. João Bernardo Malta, que vendo que nada mais se podia salvar, pegou numa agulheta da bomba dos voluntarios daqui, e as foi resguardando quanto lhe foi possivel; notando-se a falta de agua, por se não conhecer por alli o sitio dos poços.

Sobre a proveniencia do fogo, correm diversas versões, mas a mais certa, é de ter ido á casa já de noite, um rapazito buscaa um molho de palha, e ter naturalmente deixado lá qualquer coisa a arder, porque havia lá alem da enorme rima de palha, muitas fitas de carpinteiro.

A casa não estava segura, e os prejuisos causados pelo fogo são calculados em mais de 400$000 reis.

A obra de carpinteiro, que estava João Ferreira dos Santos, que tambem soffreu alem da perda de toda a sua ferramenta que ficou no incendio, um grande abatimento que fez já mão d'obra, em vista do dono da casa ser tambem um operario, e de até hoje se não apurar, ao certo, a causa do incendio.

Ao alquilador desta villa sr. José Maria Polaco morreu o unico filhinho que tinha, na quinta feira ultima. Sentimos muito o seu desgosto.

FALLECIMENTO

Victimada por uma terrivel pneumonia dupla, após um curto periodo de nove dias falleceu no dia 7 do corrente a senhora Maria Amalia, esposa do nosso amigo e conterraneo sr. Abel Ferreira de Carvalho, regedor desta freguezia.

Esposa dedicada e mãe carinhosa, a sua falta constitue uma verdadeira desgraça naquelle lar onde deixa muitos filhos. alguns de tenra edade.

O seu enterro que foi bastante concorrido teve logar no dia 8 do corrente

Como costumamos prestar homenagem, em taes conjuncturas. a ricos e a pobres, sem distincção de classes ou castas, pois temos por norma a Egualdade, — não podiamos deixar de patentear á familia enlutada a nossa expressão de condolencia, acompanhando-a, como o fez toda a visinhança e ainda pessoas de fora, na sua grande dôr.

Em nome do nosso amigo e a seu pedido, enviamos a todas as pessoas que compartilharam na sua dôr, o nosso eterno agradecimento.

Foz d'Arouce 12-1-1910

A. D. V.

Theatro

E' no proximo domingo 23 de corrente que sobe á scena, no nosso elegante theatro, as comedias — Medico mania, Quem tem medo..., e Por causa dum clarinete, — os papeis serão desempenhados por amadores

Este espectaculo é dado em beneficio do cofre do theatro.

Joaquim Antonio

CASTRADOR

Acaba de fazer o seu exame para legalmente poder castrar porcos, porcas, carneiros e vitellos, no Instituto de Agronomia e Veterenaria, em Lisboa, sendo-lhe conferido o diploma n.º 1591, com a classificação de «bastantemente apto» para aquelle serviço, o sr. Joaquim Antonio, de Pombal, freguezia de Abiul.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO MODERNA

"SOCIALISMO E ANARQUISMO,,

Traducção de Ribeiro de Carvalho

A «Bibliotheca de Educação Moderna», que iniciou a sua publicação com o livro **A Egreja e a Liberdade**, de Emilio Bossi, o famoso auctor do «Christo nunca existiu», acaba de pôr á venda um novo livro, notabilissimo tambem, intitulado **Socialismo e Anarquismo**, devido á pena do grande pensador Hamon.

E' um estudo, completo e claro, acêrca destas duas doutrinas sociaes. Poderiamos dar-lhe os seguintes sub-titulos, porque todos estes assumptos são tratados no livro:

O *que é o socialismo* — A sua origem, os seus diversos systemas e doutrinas — O que querem os socialistas — A sociedade futura — A suppressão da miséria — A substituição dos exercitos e dos regimens penitenciarios — O casamento sem auctorisação paterna e sem a intervenção da Egreja ou do Estado — O amor livre — Como se pode pôr em pratica o socialismo — O socialismo e a religião — A marcha incessante para a revolução — A união de todos os revolucionarios — A propriedade e o trabalho — A constituição da familia e do ensino — O que é o Colectivismo — O que é o Communismo — O que será a sociedade no dia seguinte ao da Revolução Social — O socialismo catholico é uma burla — Os progressos do syndicalismo.

O que é o anarquismo — A sua origem e os seus diversos systemas — O que querem os anarquistas — Opiniões dos seus maiores escriptores — A liberdade integral, aspiração dos verdadeiros revolucionarios — O internacionalismo ou união de todos os povos — A evolução da ideia de patria — Os martyres do Anarquismo — Os socialistas-anarquistas portuguezes — A Anarquia é o complemento do Socialismo.

Como se vê, o **Socialismo e Anarquismo**, segundo volume da «Bibliotheca de Educação Moderna», é uma obra que estuda e esclarece aquellas duas doutrinas, tornando-se indispensavel a todas as pessoas que desejam instruir-se e que se interessam pelas modernas questões sociaes.

CONCELHO DA LOUSÃ

Preço do volume: brochado 200 reis. Magnificamente encadernado em percalina, 300 reis.

A' venda em todas as livrarias. [illegible]

A publicidade aos livros também parecia servir o ideal propugnado pelo "Commercio da Louzã".

Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADEANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOUZÃ

A ARBORISAÇÃO NA SERRA

O Regimen Florestal

Em conformidade com o nosso compromisso, assumido em o ultimo numero deste jornal, continuamos hoje a occupar-nos deste assumpto e continuaremos ainda, até que bem visivel e claramente o tenhamos demonstrado.

A missão do jornalismo moderno não deve ser, e nem é já nos meios cultos, uma obra apenas de doutrinal dogmatismo; a sua obra é de demonstração, de orientação e viabilidade praticas em ordem a poder ver-se nella o maximo de conclusões certas e seguras, sobre quaesquer ramos de actividade humana. E, evidentemente, só assim a acção dum jornal é proveitosa e utilitaria e consequentemente acatada e efficaz.

Nesta ordem de ideias, vejamos pois, para que todos o intendam, o que é o *regimen florestal*.

Sirvamo-nos da difinição que o Decreto de 24 de dezembro de 1901 consigna no art.º 25.º, secção 1.ª, capitulo IV, titulo II.

— «O regimen florestal comprehende o conjunto de disposições destinadas a assegurar, não só a creação, exploração e conservação da riqueza silvicola, sob o ponto de vista da economia nacional, mas tambem o *revestimento florestal dos terrenos cuja arborisação seja de utilidade publica, e conveniente ou necessaria para o bom regimen das aguas e defeza das varzeas*, para a valorisação das planicies aridas e beneficio do clima, ou para a fixação e conservação do solo nas montanhas e de areias no litoral maritimo».

Como se deprehende desta doutrina e do seu espirito, o legislador, simples reproductor da vontade geral, teve em vista prover de remedio casos identicos áquelles que temos apontado e verificados, por demais, nas faldas da nossa serra.

E uma vez fixado o conceito que deve ter-se á cerca do regimen florestal continuemos a ver a quem cumpre pô-lo em pratica e qual o modo de assegurar o seu fomento e conservação.

Para abreviar considerações, recorramos já á citada lei.

Diz ella: art. 26.º — «O Regimen Florestal sendo essencialmente de utilidade publica, incumbe por sua natureza ao Estado; pode, no entanto, sob a tutella deste ser desempenhado auxiliar ou parcialmente, pelas corporações administrativas, pelas associações, ou pelos particulares individualmente».

E colocando a referida lei em primeiro logar — n.º 1 do art.º 2.º — na organisação e constituição dos serviços florestaes, á *arborisação das serras*, resa assim, no art.º 41.º.

— «O governo poderá auxiliar os proprietarios, gremios, associações, *corporações administrativas* e estabelecimentos pios, *na arborisação dos terrenos*, e exploração de mattas sujeitas ao regimen florestal, *fornecendo-lhes sementes e plantas dos viveiros do Estado e pessoal para dirigir os respectivos trabalhos*».

Ora em face destas disposições legislativas, o que cumpre fazer á corporação que se encontra á frente da administração dos interesses publicos dos municipes da Louzã, sabendo-se de mais a mais — e é preciso accentua-lo bem — a orientação que adoptou a tal respeito nas mattas de Serpins.

Evidentemente cumpre-me, até moralmente mesmo, chamar para o caso a attentação do Estado, solicitando-lhe a sua coadjuvação e auxilio; e por seu proprio lado, e antes de mais nada, estudar o problema partindo das seguintes bases, as quaes se nos afiguram primordiaes.

Primeira: — Delimitação e demarcação das zonas de terreno a arborisar.

Segunda: — Verificação da parte de terreno pertencente a particulares englobada nessas zonas.

Terceira: — Verificação dos melhores processos a adptar na submissão desses terrenos ao regimen, interferencia directa e total do Estado — interferencia conjuncta do Estado e da Camara — interfencia conjuncta entre Estado, Camara e particulares por aforamento, arrendamentos etc. etc.

E uma vez posto o problema em equação, a sua solução é viavel senão segura. Depende apenas de mais ou menos trabalho; mas se este é aquelle elemento que tudo vence e domina quando dirigido por uma vontade tenaz!

Mas... continuaremos.

Victor Duarte

A' Lareira

SERÕES DO POVO

IV

O' sr. Antonio, começou o Francisco Caseiro, tenho ouvido dizer que ha lá por Lisboa menino que tem dois tres e mais empregos, que de todos ganha e que a maior parte das vezes não faz nada! Será verdade?

— E' verdade e mais que verdade, respondeu o sr. Antonio. Disse vocemecê, sr. Francisco, dois e tres empregos, ha menino que abicha cinco e seis! Olhe não vamos mais longe: o ministro do reino, que agora está no Poder, tem a bagatella de seis empregos e ainda anda para apanhar mais um.

— Ena pai, exclamou o Joaquim da Peneda.

— Então, disse o sr. João da Rosa, se tem seis empregos é para cada dia da semana seu, e pelo visto ainda quer outro para o domingo.

Diz bem, meu tio. Ora calculem meus amigos, que se n'este paiz se governasse bem não estaria aquelle amigo a receber o pão de cinco individuos, pois que seria dado cada um dos seus empregos a cada individuo competente. Além disso como não pode desempenhar se de todos, tem de ter forçosamente outros empregados que lhe façam o serviço, e a quem o estado, e por tanto nós temos de pagar. Mas bem nos iria a coisa se este caso fosse unico, mas ha tantos individuos com uma porção de empregos!... E é nestas e noutras que se consome o nosso dinheiro, o dinheiro que nós ganhamos á custa de tanto trabalho, entupido sangue nas mãos callejadas, regando com o nosso suor os campos dos ricos.

— E para pagarmos as nossas contribuições, quantas vezes não rouba a gente o necessario ao sustento das nossas familias!

— Diz bem, sr. Affonso. Só o nosso exercito e a marinha consomem por anno uns doze ou treze mil contos de reis. E afinal não temos marinha, assim se pode dizer, porque os nossos navios de guerra são uns chavecos que para nada servem, a não ser para estarem a gastar todos os dias dinheiro em reparações. O nosso exercito, cujos soldados são os nossos filhos, o sangue do nosso sangue, e a quem nós sustentamos sabe para o que serve principalmente? Para guardar as costas á familia real e a quantos magnates ha lá pelo alto. Serve para fuzilar o povo, como ainda aconteceu a ultima vez o anno passado no dia das ultimas eleições, em que foram mortos em Lisboa 14 pessoas, que não tinham commettido a mais leve sombra de crime. Quando o Povo pede o que de justiça lhe é devido, quando o Povo quer usar dos seus direitos, quando o Povo não quer deixar esfolar-se, quando o Povo quer, por meios licitos, protestar contra qualquer injustiça, sabe o que lhe acontece? Ser furado pelas balas dos revolveres da policia, ou pelas espingardas dos militares, ser pizado pela cavallaria, atravessado pelos sabres.

E quem são esses soldados? São os filhos do povo! Elles, coitados, não são os culpados, não. O soldado é pouco mais que uma maquina, que trabalha á ordem do commandante. Quantas vezes não poderá o soldado atirar contra o seu pai, o seu filho, a sua mulher a sua irmã, a seu amigo, a seu vizinho!

— Mas ó sr. Antonio, elle sempre é preciso haver quem guarde a nossa terra, o nosso Portugal.

— Pois está visto que sim. E lá nesse ponto o exercito portuguez é o mais valente e o mais destemido do mundo. Tem alcançado grandes victorias que honra o nosso paiz. Mas podia haver um exercito maior e muito maior e quasi sem se fazer despeza a não ser no armamento. E não sabem como? Como na Suissa. Ali todo o cidadão em chegando á edade competente, e depois de ter feito as suas provas de saude, é obrigado, quer seja rico quer seja pobre, que lá não ha remissões a dinheiro, a ir um tanto tempo a aprender o exercicio e a saber pegar numa arma. Passado esse tempo, que será duns dois ou trez mezes, o individuo vem para sua casa, e lá de tempos a tempos, aos domingos volta no seu concelho a fazer exercicio para não esquecer o que aprendeu.

— Pois isso assim é bom.

— Bom!... Optimo, digo eu. Tem muitissimas vantagens: E' um exercito que se compõe de tantos homens, quantos são os que estão em edade para isso; faz uma pequena despeza; os soldados não fazem falta para agricultar a terra, porque pouco tempo estão auzentes da sua casa. Porque, meus amigos, imaginem vocemeces, quanta riqueza não haveria por anno se todos os braços que estão em todos os regimentos de Portugal se empregassem a trabalhar na agricultura, no commercio e na industria! Sommem agora a isso o que se gasta com elles, e digam-me se isso já não dava um grande empurrão ás finanças do nosso paiz.

— Sim isso é verdade.

— Porque devemos notar: o exercito tem um enorme numero de inviduos que consomem e nada produzem de util para a riqueza publica, ao passo que se fosse como na Suissa, teriamos como já disse um exercito muitissimo maior, pouca despeza com elle se faria, e havia muitos mais braços para o trabalho.

— Quem não le, quem não estuda, quem nunca sai da sua vida, disse o João da Peneda, pode-se dizer que é como os porcos, que só vêem um palmo adiante do nariz.

— Pois meus caros, trate cada um de se instruir tanto quanto possa, lendo, aquelles, que o souberem, conversando uns com os outros, e para o que eu lhes prestar estou sempre ás vossas ordens.

— Pois muito obrigado, bem sabemos isso, que o sr. está sempre prompto a aturar nos

— O que se precisa é de muita instrucção no nosso paiz, mas isso é que os governantes não querem, porque lhes não convem. Se todo o Povo soubesse ler estaria com os olhos mais abertos e não se callaria tão facilmente a todas as maroteiras. Nós, apezar de pagarmos um dinheirão, não temos as escolas necessarias: aos pobres não são fornecidos livros para os seus filhos estudarem, outros ficam tão longe da escola que não podem lá ir, etc. etc. etc. E tudo isto para quê? Para que o povo seja ignorante, para que desconheça os seus direitos, para que não tenham conhecimento das explorações que lhe fazem. Quando se pedem escolas, quando se pedem estradas, caminhos de ferro, pontes, outras commodidades necessarias e indispensaveis aos povos, respondem que não ha dinheiro.

— Mas ha-o para fazer adeantamentos á familia real, para festas e viajatas, para luxos e banquetes, para favores a afilhados, e para tudo o mais que elles quizerem, disse o sr. João da Rosa.

— Pois é, continuou o sr. Antonio; elles repartem o nosso dinheiro como se seu fosse, e até sem nos darem contas nem satisfações.

— Que pouca-vergonha.

— E ficaremos hoje por aqui.

Paulino

«O Poiarense»

Com o n.º 52 terminou o seu primeiro anno de publicação este nosso presado collega, cuja direcção, tão bem tem sabido desempenhar-se do programma que traçon — punir pelos interesses do seu concelho e do seu paiz — sem olhar para qualquer interesse politico ou particular.

O «Commercio da Louzã», mantendo com este collega as melhores relações de camaradagem e solidariedade, empenhando-se, como elle, pelos progressos do

Coronel Lopes Serra

Tem exprimentado algumas melhoras o ex.mo sr. coronel Francisco Lopes Serra.

Oxalá em breve o vejamos completamente restabelecido!

Feira dos 24

Esteve muito concorrida de gado bovino e suino, notando-se a falta de compradores.

A carne de porco regulá entre 3:800 e 4:000 reis, cada 15 kilos de carne limpa. Tempo pois para grande [illegible]

A rubrica "À Lareira" dedicava-se nesta edição aos "tachos" da classe política, e às despesas exageradas das forças armadas.

Director e proprietario

Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclamos, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

1.º anno — N.º 36 — Louzã, 7 de Fevereiro de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADEANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO CONCELHO

DATAS HISTORICAS

Encerra a semana que findou datas memoraveis da historia politica de Portugal.

O 31 de Janeiro! O 1.º de Fevereiro!!

Jornal de provincia, periodico destinado á defeza dos interesses locaes desta região, com um desejo ardente e sincero de ver progredir esta villa, o «Commercio da Louzã», occupa-se contudo, hoje, em primeiro logar, destes dois acontecimentos historicos com o intuito de delles deduzir considerações com vista á orientação politica que domina ainda nesta terra e concelho.

E bom será da nossa parte accentuar que, jornal do povo e para o povo, humilde e fraco como elle, taes considerações ainda e só a elle — ao povo trabalhador e honesto — são destinadas, visto como antecipadamente reconhecemos que, aquelles que entre nós maior influencia ainda exercem, material, moral e politicamente, ellas merecerão porventura, somente expressos e significativos sorrisos de desdem.

No entanto, os desdens resvalaram sempre na couraça com que ha muito revestimos o nosso peito; e a nossa alma é forte e temperada na lucta pela existencia.

De resto, bom é friza-lo, as classes populares portuguezas não são já hoje, aquelle agente passivo, besta de carga soffredora e calada, em que se alicerceava importancia e poderio de certas e extremadas castas de senhores feudaes de via reduzida.

Sim. Mau grado seu, taes senhores, com bastante pesar o confessam, veem tremer e aluir o edificio gigante e secular do seu poder, porque o povo honesto e trabalhador, iniciou a sua maioridade civica, alcançando ver claro a consciencia da sua força dominadora, o descalabro e desaproveitamento das suas energias productoras, a razão de ser dos profundos males que o affligem.

Por isso, ainda que só para esse povo nos tenhamos de dirigir, contentes e com profunda satisfação o faremos.

***

Afinal quem é o povo trabalhador e honesto? Quem? Aquelle que sol a sol moureja arroteando a terra, regando-a com o seu suor abençoado; o artista zeloso no cumprimento da sua profissão; o commerciante honesto que com trabalho e intelligencia desenvolve a sua actividade; o professor, o advogado, o burocrata, todo o homem emfim que, vive pelo seu esforço que representam a directa exploração economica e moral dos seus semelhantes.

Mas... o 31 de janeiro! o 1.º de fevereiro!

Que identidade, que ponto de correlação veem por ventura a ter com o que temos dito e ainda em ordem a tirar-lhes conclusões politicas, de mais sob o ponto de vista local?

E' que o 31 de janeiro de 1891, representa uma affirmação grandiosa, um protesto violento e armado desse povo honesto e trabalhador contra uma malta de gafados exploradores, politicos inertes e imbecis em cujas almas dominava apenas o bandoleirismo dos seus interesses pessoaes. O *ultimatum* ingles tinha sido o producto desse bandoleirismo. E o povo portugues, após este acontecimento tragico, teria morrido moralmente perante o mundo se não houvesse feito o 31 de janeiro. Assim, viu-se que ainda nas veias deste povo vibrava o sangue de heroes. E de então para cá o mesmo sangue tem vibrado revolto, cada vez mais indomavel. Os mil episodios de repressão, os actos de tyrannia mal contidos, os esforços desmoralisadores, a violencia a mais audaz e cruel, não teem conseguido demove-lo da lucta.

E quereis a prova? Reflecti na data — 1.º de fevereiro de 1908.

***

As conclusões politicas que destas datas memoraveis podemos tirar sob o ponto de vista da orientação politica que o povo desta região d'ora avante deve seguir é obvia.

Quer ser monarchico? Que o seja muito embora, porque nós, na nossa qualidade de independentes, com isso nada temos.

Contudo, que sirva uma monarchia que não seja o exemplo vivo duma exploração descarada, e nos acarrete por cima a mais vergonhosa banca rota.

Que o povo desta região sirva a monarchia mas não de modo algum a uma monarchia identica á do sr. D. Manuel II que só em dois annos applicando as receitas provenientes de inumeros e pesadissimos impostos que nos levam coiro e cabello, nos mimosiou com os seguintes factos, por demais expressivos:

— Contraiu o emprestimo de 2:500 contos, ao qual foi consignado o rendimento da concessão do monopolio dos phosphoros; o de 4:000 contos caucionado pelas 72:000 obrigações da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, que estavam na posse da Fazenda Nacional; o de 4:800 contos garantidos pelas receitas que restavam livres dos caminhos de ferro do Estado; o de 5:000 contos representado por uma, levantado dos cofres da Companhia dos Tabacos.

Em fim, uma monarchia que em 2 annos nos empenha em 16:300 contos!

Fallecimento

Hoje pelas onze e meia da manhã, falleceu na sua casa do Largo da Travessa, desta villa, a sr.ª Luiza de Jesus, viuva do saudoso commerciente que foi desta praça—João Caetano da Piedade.

Conhecedores de quanto a pobre senhora era estremosa por toda a familia, e ainda da estima que ella dedicava a todas as pessoas que d'ella se acercavam aqui patenteamos o nosso sentir pelo seu fallecimento, quando ella se via rodeada dos carinhos de todos os filhos, que a adoravam, vendo nella uma pessoa a quem não faltavam predicados de boa esposa, boa mãe e excellente dona de casa.

Se não era uma senhora illustrada, porque os seus principios lh'o não permittiram, nem por isso deixava de possuir virtudes que a impossessem ao nosso respeito e consideração.

A toda a familia enlutada, a expressão sincera do nosso pesar.

Dr. José Libertador

Pelos jornaes de Lisboa vimos que este nosso amigo foi convidado para juiz auxiliar do juizo de Instrucção criminal.

Conhecedores do espirito liberal de s. ex.ª, não nos parece que acceite tão odioso cargo.

A' Lareira

SERÕES DO POVO

V

Estavam vocemecês para ai a fallar em politica quando eu entrei. A politica em Portugal, meus amigos, é das coisas mais mesquinhas que eu conheço.

Julgam que esses individuos que se mettem em politica, em geral, que é por amor da patria, para contribuirem com os seus esforços para bem de nós todos, para tornar o nosso paiz forte, rico e independente? Pois não é para nada disso; é para tratar da barriga, para medrar; para alcançar bons empregos, boas concessões, para fundarem grandes companhias que explorem a magra bolsa do contribuinte.

—Sim se calhar, é isso, disse o João da Quelha.

— Devemos fazer excepção dos verdadeiros liberaes, daquelles que querem melhorar as condicções tanto politicas como financeiras da nação, porque esses tudo sacrificaram a bem do Povo: sacrificam dinheiro, saude, descanço, tudo emfim... Se elles quisessem comer á tripa forra, se elles quisessem alcançar bôas pastas, far-se-hiam monarquicos como os outros: progressistas ou regeneradores, nacionalistas, tallassas, dessidentes, em summa, toda essa esfrangalhada que andam agora em guerra uns contra os outros, para logo se abraçarem, conforme mais convem aos seus interesses, á sua ambição de subirem ao Poleiro, para se encherem e aos seus mil afilhados.

Os socialistas e os republicanos trabalham sem descanso para que a nossa situação melhore, para que o povo tenha liberdade, para que vivamos desafogados. E apezar da causa que defendem ser uma causa santa, esses homens são perseguidos, são ás vezes presos, são insultados. E porque? Porque em elles conseguindo os seus fins, já os grandes mandões não vem á grande, sem nada fazerem, teem depois de trabalhar se quizerem comer.

— Pois que trabalhem, que nós tambem trabalhamos disse o Manuel Caseiro.

— E ainda por cima os sustentamos, retrucou o Domingos Moleiro.

— Decerto dizem muito bem. Mas continuamos: Um sujeito propõe-se deputado. Julgam que é para ir ás cortes defender os nossos interesses? Poucos são os que o fazem. E' mas é para mais cedo ou mais tarde arranjar qualquer posto churudo. Para isso andam lá pelas secretarias dos ministros lambendo as botas a todo o bicho-careta que disponha de certa importancia. Approvam todas as leis que os governos quizerem, quer sejam boas ou más. Que importa que essas leis sejam prejudiciaes para os interesses da agricultura, do commercio, das industrias, ou contra as nossas poucas liberdades? O que é preciso é fazer a bôca doce aos ministros e aos maioraes, portanto da-se-lhe o voto.

Olhem as maroteiras que nos fazem a Companhia dos Tabacos, a Companhia dos Phosphoros, a Companhia dos Electricos em Lisboa, e muitas outras. E porque fazem elles tudo quanto querem? Porque teem lá gente que são trunfos grandes, e que dizem aos governos: «E' para aqui!» e é porque ha-de ser.

— E o *Zé-pagante* que pague, exclamou o sr. João da Rosa.

— Está claro. Isto meus amigos, está mesmo a pedir uma reforma por completo e nós podemos dizer que estamos no começo do fim. A monarquia comparo-a com uma casa que tem os vigamentos podres. Quando se lhe deita um remendo dum lado apparecem logo dois ou tres buracos doutro; vai-se a tapar aquelles, apparece meia duzia delles. Os partidos da corôa anda mesmo a esfrangalhar-se por completo. O partido regenerador, que era um dos mais fortes, está hoje dividido em seis grupos. O partido progressista em dois. E qualquer dia, em morrendo o seu chefe, o José Luciano, ainda ha de ser pior, porque são muitos a quererem o pennacho. De maneira que isto, está mesmo a ver-se; qualquer dia menos dia vai tudo pelo pó do gato. Os tais vigamentos de que fallei estão pódres de todo: teem só uma casquinha por fóra, por dentro é tudo carunjo. Qualquer dia sopra algum ventito mais forte, a casa abana, vem abaixo viga mestra, as madeiras desfazem-se em carunjo, e as paredes ficam reduzidas a montão de pedras desfeitas e barro.

Depois nada mais temos a fazer que construir uma casa nova, grande, bem arejada, cheia de luz, alegre por fora e por dentro em que possamos viver á vontade, em liberdade e felizes, em substituição do antigo pardieiro, de frente negra e carrancuda, de poucas janellas e essas gradeadas de ferro, onde a gente mal respira, onde anda sempre a tremer, não nos fiquem aqui prezas as pernas num alçapão, não nos caia alem um pouco de telhado.

Para edificar a nova casa, é dever de todos nós, que amemos a nossa patria, que queiramos o bem estar da nossa familia e dos nossos visinhos trabalhar-mos tanto quanto podermos.

Outro dia vos explicarei como nós podemos ir trabalhando para conseguir esse fim.

Paulino

Festa de S. Braz

Apesar do mau tempo realisou-se em em Serpins, no dia 3 a tradicional festa annual de S. Braz, e com bastante concorrencia, tanto deste concelho, como dos concelhos limitrophes.

Apezar das providencias da auctoridade administrativa, ainda se encontrava lá grande numero de pedintes a importunar os forasteiros.

Anthero da Veiga

Acompanhado do seu amigo sr. Thomaz d'Alvim, tivemos o prazer de abra-

Evocação da revolta de 31 de Janeiro de 1891, e do regicídio de 1 de Fevereiro de 1908.

Director e proprietario
Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contrato especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.
Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento.

1.º anno — N.º 37 — Louzã, 18 de Fevereiro de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADIANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO CONCELHO DA LOUZÃ

A paz interna

Quem a não comprehende, quem a não aprecia, quem della não precisa, quem a não deseja, quem a não quer — a paz interna, que adoça os costumes, desperta a alegria, fecunda o trabalho e produz a riqueza?

Quem trocará o socego do seu espirito, a tranquilidade do seu lar, o bem-estar da sua familia, a normalidade da sua vida, a mutua consideração entre as pessoas, o reciproco respeito de todos os direitos, pela inquietação exgotante de todos os momentos, pelas ameaças esterilisantes de todas as horas, pelos perigos atormentadores de todos os dias, transformando assim a existencia numa inutil expiação infernal?

Pois haverá alguem que seja tão lamentavelmente louco, ou tão requintadamente perverso, que arrisque a sua liberdade e o seu pão e, mais do que isto, o presente e o futuro dos que lhe são queridos e do seu braço vivem, só para entregar-se a uma obra de perturbação geral, sem a menor vantagem pessoal de qualquer natureza?

Evidentemente todos amam a paz; ninguem anceia pela guerra. Todavia, ha homens dotados dum egoismo tão exigente, que para o satisfazerem, preterem interesses materiaes e moraes absolutamente legitimos, que não tardam a organisar a sua natural defeza. Comtudo ha, leis e instituições d'uma tão flagrante incompatibilidade com as necessidades e aspirações sociaes e individuaes, que a sua transformação ou substituição se impõe, tendo de effectuar-se pelo direito da força, quando se não realise pela força do direito.

Ora em Portugal existem desses homens e dessas instituições, e o que é peor ainda, é que são estas exactamente o instrumento precioso das desmedidas ambições daquelles. Nestas condições, as victimas da soffreguidão e da vaidade dos homens e as victimas dos defeitos e lacunas das instituições uniram-se tambem na mesma adversidade e ligaram os seus esforços, uns para a conquista do pão, que lhes escasseia e outros para a de direitos, que lhes faltam.

Organisados, pois, os interesses illegitimos e identificados com as instituições vigentes e organisados tambem os legitimos interesses e identificados com uma nova ordem de coisas, não querendo ceder os primeiros nem devendo capitular os segundos, a paz interna tornou-se insustentavel em Portugal e baldadamente se procurará restabelecê-la, emquanto não fôr encontrado um campo neutro, dentro do qual se consiga liquidar unavelmente o conflicto, sem que a transição do actual estado para outro melhor se opere sem lagrimas e sem sangue.

Será já tarde para procurar esse chão de concordia? Ha quem generosamente diga que não, mas parece realmente que sim, que é muito tarde já para uma reconciliação sincera e efficaz. Parece tardissimo, porque os homens mais ambiciosos são tambem os maios vazios de cerebro e os mais pelludos de coração, e com creaturas gananciosas, estupidas e ruins não é possivel a realisação dum accordo serio.

Accresce que as instituições que nos regem, sendo servidas de preferencia por individuos sem ideaes e sem escrupulos politicos, não se amoldam, não se adaptam, não evolucionam, não progridem; não cedem nem concedem.

Está o governo do paiz monopolisado por uma grande oligarchia politica de que é centro um velho paralytico com mais de meio seculo de vida publica e que já subiu o mais alto que é possivel pela escada politica do regimen, não sendo rei porque nasceu plebeu, ou antes, não o sendo de direito, por não descender de reis, mas sendo-o de facto, por ser elle quem, no reinado de D. Manuel, manda no Paço, apesar de ter sido delle exxotado nos dois ultimos annos do reinado de D. Carlos. Se se perguntar por que são os membros dessa oligarchia politica quem governa o paiz e porque não são os destinos da nação confiados a outras mãos, ninguem saberá responder. Ascenderam elles ás culminancias do poder por serem mais intelligentes, mais instruidos, mais honestos, mais competentes, do que grande parte dos cidadãos que supportam a propria rejeição? Pode jurar-se que não. Elles mandam nas regedorias, nos concelhos, nos districtos, nos ministerios, nas duas casas do parlamento, na sala do conselho do Estado, elles dão e tiram empregos, concedem e recusam auctorisações, fazem e desfazem leis, prendem e soltam cidadãos, alargam e cerceiam liberdades, augmentam e diminuem impostos, poem e dispoem de tudo e de todos, unica e exclusivamente por estarem filiados na poderosa oligarchia que substituiu, no actual reinado, as duas outras que dominaram no reinado anterior.

Embora, pois sejam esses homens os governantes e os restantes governados; sejam elles os dirigentes e os outros os dirigidos. Não se discuta sobre o que elles são e o que elles valem, nem se inquira d'onde veem e como chegaram, nem se pergunte por que razão e com que direito mandam elles e não são antes mandados, não se investigue que ideia encarnam, que principio symbolisam.

Mas já que são elles quem no paiz presentemente, disfructa as venturas derivadas da posse dos empregos publicos, das honrarias e do poder e são elles quem, em defeza das suas venturas, reclamam a paz interna e verberam e perseguem os que elles accusam de perturba-la, estabeleçam elles as bases dum amisticio demorado, que de futuro não justifique nem explique a existencia das sociedades secretas de intuitos revolucionarios, no sentido que a palavra revolução teve na Inglaterra, em 1648, quando foi decapitado Carlos I, e no sentido que ella teve em França, em 1793, quando foi guilhotinado Luiz XVI, e no sentido que ella teve ainda em Portugal, em 1908, quando foi morto a tiro o pae do actual monarcha.

«Vamos, gritem os poderosos deste paiz, basta de adquirir armas, basta de roubar cartuchos, basta de manipular explosivos, basta de conspirar na sombra, basta de alterar a paz interna, que nós nos compromettemos tambem a concorrer para a tranquillidade geral, não renunciando á nossa situação appetecida, mas fornecendo-vos, nós proprios, instrumentos de combate mais nobres, mais perfeitos e mais humanos. Dar-vos-hemos a propaganda livre e a urna inviolavel; e para que não possaes dizer que vivemos da ignorancia do povo que não sabe ler nem escrever, e para que não possaes por outro lado embriagar a alma popular com a vossa rethorica vistosa mas vazia, diminuiremos por inuteis as despezas que fazemos com a guarda municipal e com a policia e augmentaremos as despezas relativas á instrucção primaria. Vós fareis a vossa propaganda e nós a nossa. Vós organisareis as vossas forças eleitoraes e nós as nossas. De tres em tres annos a urna dirá se o paiz está comvosco ou continua comnosco, porque recolherá a vontade de todos os interessados no resultado do inquerito feito com absoluta verdade e inteira lealdade. No parlamento entraremos nós e vós, uns e outros na justa proporção dos votos alcançados sem subornos, sem fraudes, sem violencias, sem pressões de nenhuma especie.

«Vamos, bradem bem alto os grandes senhores desta terra, vós sois pobres e não podeis sobrecarregar-vos com o custeio dos milhares de escolas de que o paiz carece: nós, com os largos recursos de que melhor pode dispor o Estado, do que os particulares, abriremos e manteremos tantas escolas para creanças e adultos, que nellas caibam os quatro milhões de portuguezes analphabetos. Nós mandaremos policias aos vossos comicios, não para estorvar a vossa propaganda, mas para impedir que os arruaceiros arregimentados a perturbem com chinfrins e á pedrada como vos succedeu na Anadia, na Louzã, em Thomar e em Torres Vedras. Nós collocaremos soldados perto das armas, não para vos fuzilarem como vos aconteceu em Lisboa, nas assembleias eleitoraes de Alcantara e de Santa Justa, no dia 5 d'abril de 1908, mas para que não sejam offendidos os direitos dos eleitores e fique garantida a inviolabilidade da urna. A escola será neutra em materia de politica e de religião. Pregando, semeareis, e votando colhereis. E assim no dia em que vos fôr assegurada uma maioria parlamentar, sem violencias, sem derramamento de sangue, mudareis as instituições do paiz, votando muito simplesmente a proclamação da Republica».

Ah! tivessem os homens do regimen abnegação ao menos para isto, que, afinal, não é mais do que elles a toda a hora promettem e que é muito menos do que é licito exigir-lhes! Então, sim, seria verdadeiramente injustificavel e inexplicavel esta perturbação da paz interna, que tanto os afflige e irrita, não pelo paiz mas elles proprios, pelos seus previlegios e pelas suas ambições insaciaveis.

Afinal são elles, os governantes, os perturbadores da paz interna e os governados que elles accusam, censuram, injuriam e perseguem atrozmente, são quem se sacrifica pelo restabelecimento da tranquilidade social em bases mais solidas e mais duradouras.

D'*A Patria*

MARINHA DE CAMPOS.

A ordem é rica...

Lá passaram definitivamente para a posse do Estado os edificios e respectivos pertences dos sanatorios da Madeira.

Já se vê que essa posse custa ao paiz a bagatela de 1:160 contos pagos, como indemnisação, ao concessionario de taes sanatorios, que viriam a ser uma estancia de jogos d'azar, ao aventureiro allemão principe de Hohenloe

Negocios e operações com resultados desta natureza a sangrarem fundo o thesouro publico, contam os governos do regimen em barda.

Coronel Lopes Serra

Continua bastante doente este brioso militar e nosso estimado conterraneo.

Oxalá que em breve possamos noticiar o seu restabelecimento.

Taxas postaes

Na presente semana vigoram as seguintes taxas de conversão de vales postaes internacionaes:

Franco, 195 reis; corôa, 207 reis; marco, 244 reis; peseta, 190 reis; dolar, 1$050 reis; sterlino. 4$ 85 1/2.

Transcrição de artigo do jornal "A Patria", assinado por Marinha de Campos.

desconhecido não deixariamos de o fazer, quanto mais depois de sabermos que sua ex[a] foi sempre um denodado combatente de tudo que represente **injustiça**.

Poderiamos neste ponto demonstrar a parte activa que sua ex[a] tomou na defesa dum nosso prestante amigo, quando perseguido por uma auctoridade nefasta que passou pelas cadeiras do nosso tribunal, mas como '*aguas passadas não movem moinhos*', limitar-nos-hemos a patentear-lhe aqui a nossa admiração por tão valioso documento, principalmente na parte que se refere ao voto *secreto*, com o que todo o eleitor se veria livre da indecente perseguição dos caciques locaes".

A transcrição da conferência ocupava as duas primeiras páginas. Esta edição dava conta ainda do início da publicação "**Alma Nacional**", dirigida "*pelo grande tribuno e intemerato caudilho sr. dr. Antonio José d'Almeida*". E transcrevia partes da "*saudação*" do director aos leitores:

"Se faltar agua, encalho e recomeço o combate em terra firme; se faltar a guarnição, queimo o ultimo cartucho e metto o barco no fundo, alcançando a costa a nado. Porque, amigos, a consciencia ainda é uma grande boia para a gente se não afogar...".

ADMINISTRADOR DO CONCELHO EXONERADO

E o 11 de Julho voltava à berlinda. Fizera uma vítima, o administrador do concelho:

"Foi exonerado do logar de administrador deste concelho o sr. dr. Fortunato Gomes de Seiça, que como cavalheiro aqui adquiriu muitas sympatias, mas que como politico leva atraz de si os acontecimentos de 11 de Julho, que elle, com um pouco mais de energia poderia ter obstado a que tomassem as proporções que tomaram e que iam dando funestas consequencias, se o nosso illustre patricio dr. Fernandes Costa, não fizesse conter os excursionistas de Coimbra.

Para o substituir vem o nosso amigo sr. dr. Manuel Marques Pereira que tem estado em Coimbra exercendo o mesmo cargo, e que com o governo do sr. Ferreira do Amaral aqui serviu com bastante zelo".

O COMETA QUE METIA "CAGASSO"

OS "**Serões do Povo**" misturavam desta feita a "*política pura*" com a astronomia. A primeira ocupava-se com "*os emprestimos que nos ultimos 58 annos teem feito os nossos governantes para satisfazer as innumeras despezas motivadas por uma pessima administração da riqueza publica*".

A astronomia desta feita chamada a página para explicar ao António Russo, ao João do Oiteiro, ao Joaquim Coxo, leia-se ao "*zé povo*", que a passagem próxima de um cometa não significaria o fim do mundo. No final da charla, Manuel Caseiro pôde ir dormir mais descansado:

"Olhe, sr. Antonio, fez bem em nos fallar assim, porque nós, eu cá por mim pelo menos, embora não quizesse lá muito crer nisso, em todo o caso andava ainda assim com o meu cagasso"...

"**O Aveirense**" encarregava-se do artigo principal da primeira página do número 39 do "Commercio", datado de 7 de Março. Andava "*tudo desordenado, tudo confuso, perante o cahos immenso das coisas da nossa patria*". Desorientação que puxava a pessimismo:

"Portugal tem insomnias, anda acorrentado à dôr, antevê negruras no seu futuro e revolta-se justificadamente contra a desgraça que outros lhe provocaram".

Portugal era "*um leão decrépito*".

Mas mandava o decálogo dos editoriais anti-regime que o negro nunca viajasse sózinho pelas páginas dos jornais. O verde da esperança haveria sempre de acompanhá-lo:

"Portugal é um leão decrepito. Querem manietá-lo para mais depressa o fazer succumbir. Cuidado com elle. Se o fustigarem, procurando abrir-lhe chagas, para o fazerem morrer de gangrena ou se o alvejarem cobardemente com uma traição, não estranhem depois que elle se levante, a respirar odio, estraçoando tudo".

NA página dois, as despesas do diagnóstico pátrio corriam por conta da "**Alma Nacional**", de António José de Almeida. O artigo intitulava-se "**A patria**".

Entretanto, já tomara posse o novo administrador do concelho.

"**Dr. Manuel Marques Pereira** — Na quarta feira tomou posse do logar de administrador do concelho, o sr. dr. Manuel Marques Pereira, que logo ao outro dia se ausentou para Coimbra.

Consta-nos que alguma imprensa lhe tem feito referencias desagradaveis acerca da sua fé política, por sua ex^{a}. ter servido aqui e em Coimbra com todos os governos, desde o do sr. Ferreira do Amaral até ao governo do sr. Beirão, (nada menos de *cinco!...*)

Não é caso para censurar sua ex^{a}., por não ser caso unico no genero.

Pois se nós conhecemos alguns titulares que appoiam aos dois e tres partidos nas mesmas eleições, isto é, aqui os regeneradores, acolá os progressistas, etc.

Para nós, todos servem desde que respeitem, pelo menos, a justiça que a todos os municipes deve ser ministrada, e o sr. Marques Pereira, a não serem as suas longas ausencias do concelho, não nos parece que sirva peor o concelho que os seus antecessores. De fucturo iremos dizendo de nossa justiça, o que a seu respeito formos colhendo".

MANUEL das Neves Fonseca, o infeliz chefe de estação transferido da Lousã por mor dos acontecimentos de 11 de Julho terminava os seus dias de desterro nos confins da Beira Baixa. O "**Commercio da Louzã**" noticiava com gáudio que Fonseca havia passado a exercer funções no Carregado.

Teixeira de Sousa passara por Coimbra, a 19 de Março, o "Commercio" dava conta do facto e não evitava comentário:

"Esteve em Coimbra no passado dia 19, este estadista que alli veio fazer, no palacio do sr. conde do Ameal, uma conferencia politica.

Dizem-nos dali que s. ex^{a}. foi prodigo em palavras sonorosas, apregoativas dos seus singulares elixires de salvação publica.

O peor é se, á semelhança do *granadeiro*, para sempre submerso no mar da politica portugueza se deixa arrebatar em lindas promessas, para um dia, dado que para isso tenha ensejo, dar com tudo em aguas de bacalhau".

Lá de fora citava-se Gustavo de Roszkowski, membro do parlamento austríaco, e uma conferência deste a propósito da "União internacional dos Estados quanto aos negocios concernentes á Instrucção publica".

UMA LIGA PARA CADA PERNA...

CÁ por dentro, a Liga Monárquica bifurcava-se...

"**Um par de ligas** — A 'Liga monarchica' dividiu-se em duas. Foi bem entendido, porque francamente, uma só liga para a monarchia de nada servia. Assim agora um par já é outra coisa. Sempre é uma para cada perna.

Mas o peor é o augmento de despeza que esta bifurcação lhe vae custar. Havia alli uma porção de empregados que consumiu em pouco tempo 1:500$000 e em sellos postaes 989$000 reis.

Esta conta de sellos parecerá a algumas pessoas um tanto exaggerada, mas não ha motivos para isso, porque aqui ha alguns annos, não nos ocorre em que ministerio, se gastou um conto de reis em obreias para fechar officios, o que sempre é bem mais barato que os sellos postaes".

NA Lousã, os franquistas mexiam...

"Os franquistas daqui testemunharam ao seu *Vilhena* a sua incondicional adhesão partidaria. — Foi a moção de confiança que as *maiorias* costumam votar aos governos em vesperas da queda. Quem o havia de dizer: ainda agarrados a um bocado duma coisa que parecia indivisivel!

A Louzã pouco terá a perder com estes *excessos* de lealdade ao franquismo, visto que com dois annos de governo deste partido ella nada lucrou, como todos sabemos".

No número 42, de 2 de Abril, voltava a dedicar-se espaço nobre a uma data histórica: o homenageado era hoje Alexandre Herculano, cem anos haviam passado do seu nascimento.

O Marquês da Graciosa passara pela Lousã "*recostado no seu luxuoso automovel*", e o jornal pedia a sua excelência "*para que, quando voltar, analyse detidamente as casas da escola que existem defronte do seu solar de Foz d'Arouce, porque antes das necessarias reparações naquelles estabelecimentos escolares, com que seu pae beneficiou aquella importante povoação, não tem auctoridade nenhuma para pedir votos numa terra que lhe não deve ainda o mais pequeno beneficio*".

O marquês não era o único a levar "*reguada impressa*". Os apaniguados de Vasconcellos Porto também comiam por programarem comer...

"**Politica e barriga** — Esta politica portugueza é admiravel! Ao menos, do mal o menos, serve á maravilha as artes culinarias e o consumo dos productos alimentares.

Ha pouco ainda, foi o sr. Teixeira de Souza que em Coimbra, após discursos inflamados, se reune com os seus amigos em grande banquete.

Agora fervilham por ahi as cartas rogatorias para assistir a uma não menos pantagruelica comesaina que os amigos do sr. Vasconcellos Porto se propõem offertar-lhe naquella mesma cidade. E digam agora que a nossa politica não é de barriga..."

UMA ANO A CONCORRER PARA O "PROGRESSO MATERIAL E MENTAL" DA LOUSÃ

E um ano se passara na vida do "**Commercio da Louzã**". Tempo de balanço, de reflexão sobre o jornalismo, arte nova de poucas décadas no concelho. Um ano em que o jornal procurara "*concorrer para o progresso material e mental desta boa terra da Louzã*"; uma vela que se soprava com o fôlego de quem escrevia sobretudo por amor ao concelho e às suas gentes, numa redução dos objectivos pressentidos nas maior parte dos 42 números já publicados, redução bairrista que no entanto soava bem em tempo de aniversário:

"O *Commercio da Louzã*, na sua limitada e restricta esphera d'acção, comprehendendo comtudo, e bem nitidamente, o objecto e fins do jornalismo, consoante os principios expostos, tem procurado e procurará sempre exercer uma função que, mais uma vez, e hoje aqui solemnemente traduziremos na formula: **ser util á Louzã concorrendo para os seus interesses materiaes e moraes**".

É que, terra que chamasse progresso, não o chamaria agora sem a ajuda da imprensa:

"É hoje axiomatica, a influencia capital e decisiva que a imprensa tem no systema complicado e especialisado de orgãos e funcções da vida social dos povos cultos.

Evidentemente, o jornalismo moderno, baseado na observação experimental das necessidades sociaes, tem-se manifestado e actuado na discussão e resolução dos problemas politicos e economicos, em volta dos quaes gravitam todos os outros problemas da actividade humana, como força diretris e orientadora de poderosa acção positiva.

E na sua função educativa, egual deverá ter sido e venha a ser ainda essa mesma poderosa acção.

Quem o não reconhecerá, em face duma conscienciosa analyse historica e comparativa?

Quem como a imprensa e o jornalismo haverà vulgarisado e radicado, no espirito dos povos, os sacratissimos sentimentos da equidade e justiça humanas, sentimentos que, antes d'esse abalo social, conhecido na Historia, pelo nome de Revolução Francesa, eram conhecidos apenas por meia duzia de philosophos?

E todavia, triste é dize-lo, espiritos ha ainda que, ou acorrentados a um insustentavel e archaico idealismo, ou arrastado pelas paixões enoculadas por uma educação eivada de erro e mentira, negam ao jornalismo a sua fé, e numa propositada e systematica cegueira apoucam e deprimem a sua acção profundamente benefica e civilisadora".

Director e proprietario

Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, preços especiaes. Communicados e réclames, 40 réis por linha.
Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

1.º anno — N.º 39 — Louzã, 7 de Março de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADIANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL — DO — CONCELHO — DA — LOUSÃ

Elevae os corações

Anda tudo desordenado, tudo confuso, perante o cahos immenso das coisas da nossa patria. E' impossivel encontrar o fio do dedalo. Uns foram invadidos pelo indifferentismo e assistem ao desenrolar da scena com uma frieza marmorea; outros, procuram agarrar-se ás ultimas taboas da jangada, desfeita contra os baixios da injustiça, da inclemencia e da prodigalidade. Aquelles dormem sempre á espera de melhores auroras; estes blasphemam e esconjuram. São quasi inimigos ou inimigos irreconciliaveis, mas tacitamente. Mas ha outros inimigos e estes ligadaes que trabalham denodadamente para que nasçam dias esplendorosos para esta nação d'escravos. Constituem uma avalanche humana que, de tudo esquecendo-se, sobem o calvario da vida, com um novo credo prégando doutrinas da redempção, abrindo em todos os peitos um grito de espanto, esmagando pela altivez da sua conducta, seduzindo pela força da justiça, hypnotisando pela enorme força do direito de bem pensar.

Ha alguns annos ainda, Portugal cantava lyrismos na sua gondola de esperança e assim diluia a magua immensa de que trasbordava o seu coração.

Hoje, depois que na politica se operou um intenso movimento, evolutivo, Portugal tem insomnias, anda acorrentado á dôr, antevê negruras no seu futuro e revolta-se justificadamente contra a desgraça que outros lhe provocaram.

Portugal é um leão decrepito. Querem manietá-lo para mais depressa o fazer succumbir. Cuidado com elle. Se o fustigarem, procurando abrir-lhe chagas, para o fazem morrer de gangrena ou se o alvejarem cobardemente com uma traição, não estranhem depois que elle se levante, a respirar odio, estraçoando tudo.

Bem hajam os que trabalharam pela patria.

Um tanto longe vão já os tempos em que o povo, na sua rudez e na sua imbecilidade, confinava cegamente nos decretos da Providencia e com elles condescendia.

Hoje em que todos comprehendem que todo o mal e bem são consequencias das acções humanas, não podem soffrer de animo leve que haja torturas inacreditaveis, repressões violentas e vinganças despoticas a saciar o temperamento de fera de quem devia ser completamente humano.

—Homem

o desempenho da missão que lhe foi incumbida, demittem-se; homens selvagens, domesticam-se; homens tyrannos, exilam-se; homens loucos, internam-se n'um manicomio. Tal amalgama não pode ser consentida á face actual da civilisação, porque degrada e é um perigo para a sanidade moral.

D'O Aveirense

Enfermo illustre

Na quarta feira esteve nesta villa o illustre ornamento da faculdade de medicina sr. dr. Daniel de Mattos.

Foi chamado pela ex.ma familia do denodado coronel sr. Francisco Lopes Serra, que durante muitos annos honrou o nosso exercito nas possessões ultramarinas, e que ha 2 mezes se encontra gravemente doente.

S. ex.ª ha 13 annos aposentado, tem por vezes exercido entre nós, os mais elevados cargos, como presidente do municipio e administrador do concelho, de cujos cargos se houve com muito zelo e isenção, como o provam as obras com que dotou a sua terra.

Para nós tem sua ex.ª um acto, de nosso perfeito conhecimento, que bem basta para o impor á nossa admiração, como caracter limpo que é, que foi o seu affastamento da politica quando viu que alguns ambiciosos pretendiam desprestigiá-lo, sem olhar para a sua idade, para a pauta de serviços ao seu paiz, para a sua honestidade.

Fez bem, deixa-los subir, porque depois a queda, mais desastrada havia de ser...

Que em breve o vejamos nos seus habituaes passeios até ás suas propriedades, é o nosso mais ardente desejo.

Nossa Senhora da Piedade

Consta nos que no dia 20 de fevereiro reuniu a Irmandade de Nossa Senhora da Piedade e resolveu que o dia da festa fosse mudado para o domingo immediato ao de quinta feira d'Ascenção. Já ha annos que alguns dos membros da Irmandade manifestavam desejo do dia da festa ser mudado, allegando que essa mudança traria maior concorrencia de forasteiros a assistir á festa e a admirar as bellezas naturaes da ermida de Nossa Senhora.

Diz se por ahi, mas vagamente, que ha vontade de desdobrar a festa que ha annos se faz a Nossa Senhora, da seguinte forma:—No dia de quinta feira d'Ascenção, haver festa na igreja matriz com missa solemne e sermão, de manhã, e de tarde novena e procissão percorrendo as ruas do costume, recolhendo á igreja. Na vespera á noite o costumado fogo, e no domingo seguinte levar Nossa Senhora em procissão para a sua ermida e, lá haver de manhã missa cantada e sermão, e de tarde novena e musica como é costume nos annos anteriores.

Parece nos que este desdobramento da festa será de agrado da maior parte dos habitantes da nossa terra e, bem assim, dos membros da Irmandade, mas, como esta vive apenas dos annuaes dos irmãos e esmolas que os mordomos recolhem, andando de porta em porta; aonde ha de a meza administrativa da Irmandade ir buscar a differença para mais que se hade fazer com o desdobramento da festa? Com um pouco mais de energia da administração da Irmandade, dos membros da mesma, e dos habitantes da villa parece-nos que se poderá levar a effeito o que é por emquanto um simples projecto.

Dr. Fernandes Costa

Em serviço forense, esteve na ultima quinta feira nesta villa, este nosso illustre conterraneo, chefe do partido republicano em Coimbra.

A VALSA

Estava o horisonte recamado de vividos luzeiros d'estrellas, tremulantes como o iris das borboletas...

Lucina espargia os seus argentinos raios, cujo fulgor divino deliciava as aves noctivagas, em luxuriante vegetação, cantavam...

A noite era duma serenidade religiosa e mystica...

Casaes de pombas da brancura dos arminhos, beijavam-se num arrulhar de desejos ensufregaveis.

Alem, por sobre o pratear d'areia, se espreguiçavam espumantes vagas numa toada gemente, num marulhar incessante.

D'ali vinha Aldina a meu lado, sorrindo com jubilo;

Em plena irradiação da sua graça transcendente e juvenil. Não sei que castidade, que halo imponderavel de etherea poesia a rodeiam em luminosos nimbos desplendor deslumbrante.

Da sua garganta sabe soltar eunhonias sedilluas, melancolicas volatas, canticos dolentes, fazer luzir a esperança e bailar no ambiente o regosijo de idyllio; assim aconteceu ao recitar mellifluamente esta apreciavel quadra:

Nossos corações, alliados,
Viverão n'um céu d'amôres,
Qual pár de mariposas
Amando-se entre flôres.

Esta estrophe gravára-se neste amago, como a sua formosissima imagem! E' morena como as mais bonitas mulheres de Jerusulem.

Dezoito primaveras sómente — quadra risonha da vida, feixe de florinhas viçosas, verduras orvalhadas

Duma estatura regular, tem cabellos ruivos, a cahirem-lhe toscamente pelos hombros esbeltos.

Todo o seu busto de linhas puras e sãs, explende d'encanto.

A semelhar uma fada das lendas antigas, terna visão essa me despertou um arroubamento indefinivel, na epocha florescente mais feliz da minha existencia, hoje de amarguras imnensas.

Os seus olhos azulejantes que tanto me seduzem pela virgindade da côr, brilham como soes.

Os seus dentes são pequenitas perolas recobertas por labios carminados... frescos, que parecem feitos do sangue das romãs novas.

Quando se abrem, deixam sahir uma voz mui fagueira, acompanhada sempre dum sorriso quasi divino.

As suas mãos pequenas, mimosas obedecem á vontade de traçar graciosamente sobre o papel ou no setim flôres perfeitissimas...

Ao despedir-me d'ella, ao cimo da escadaria sumptuosa de marmores raros, guarnecida por magnificas balaustradas, viera a pedido descerrar os vitraes duma janella ogival, com columnatas caprichosas esculpidas de faunos e magnolias, a creada, que debruçando-se no peitoril lavrado, deixára cahir nas minhas mãos um ramito de violetas. Derramavam na sua angustia halitos dum aroma candido.

O *bouquet* era de Aldina — flôr humana, por mim amada ha tanto tempo.

E logo a aragem sussurrante tronxe de perto da praia, coalhada de coraes, os sons melodiosos d'um violino e as modulações duma trova em cadencia artistica.

Se me despresasses querida,
Ai triste da minha sorte!
Porque para a mim a vida,
Sem teu amor era morte!

Depois que o apaixonado ciciou a mencionada canção, revelando nesta a grandeza do seu candido affecto, pensei em destinos tristes, e passados momentos, eu disse este sentimental verso:

Nossos corações, alliados,
.....
.....

Nasceram dahi os primeiros compassos d'essa valsa, que é uma saudade — um martyrio, e que foi uma esperança!

Presentemente, a melancholia toma tambem posse do meu ser.

Como eu soffro mais, ao recordar esse resplendente dia em que alegre, esperançoso, lha offertei.

E depois, em tarde banhada pelos infimos raios do sol, pallido, agonisante... ouvindo-se o trinar dos passarinhos pousados nos ramos frageis annunciando a vinda do crepusculo... entregou-me a musica, Aldina, a chorar, dizendo: — «A ultima coisa que de ti me restava, eil-a, restituo-t'a!»

Mas os seus dedos não se desacostumam de a tocar; continuo a ouvil a no seu piano, talvez porque por si fôra comprehendido esse pedaço da minh'alma.

Agora entro nessa aldeia florida, a remomerar os dourados sonhos vaporosos...

Passo pela sua porta... choro dolentemente, consternadamente, motivo de ouvir a minha valsa. E tenho saudades, muitas saudades, daquella antiga noite de luar, que meigamente beijava a ramaria duma espessa carvalheira, na qual gemia a rola silvestre uma ballada erotica, prenhe de um sentimentalismo enexcedivel.

***

No ennegrecido telhado da tua maravilhosa habitação, a solitaria cotovia gorgeia a tristissima elegia do Destino, despertando o enlevo enebriante d'alma, na misantropia enternecedora da mystica saudade!

Dôr, profunda como os Abysmos, confusa como as Trevas, faz verter copiosas lagrimas — lagrimas que as mais das vezes, se me congelam nas faces recequidas pelo amargurar da Angustia, a esturgir cá dentro, quaes ondas enfurecidas batendo se de encontro ás rochas numa convulsão monstruosa, desesperadora!...

Os soluços convulcionantes agitam este enfraquecido peito macerado pelo soffrimento.

Para allivio desta incommensuravel Magoa, feita de suspiros, puz me a cantar um dia e chorei.

Maguas d'amor jamais serenam; feridas de paixão não seriam nunca; mel de caricias fica sempre no seio como o perfume da ambrosia dos deuses.

Só tu morena darieis consolo a esta vida chorada, onde loucas illusões floriram

Sois minha unica aduração, Aldina. Quem ama do fundo d'alma, perdida a alegria tem.

Como o unico fim ao meu desgosto, a esta infelicidade tão dura e cruel, invoco a morte.

Jovenera

Promoção

O sr. dr. Egas Moniz, lente substituto da faculdade de medicina, acaba de ser promovido á cathegoria de cathedratico que de direito lhe pertencia.

A promoção resulta da vaga deixada pelo fallecimento do sr. dr. Lopes Vieira.

As nossas felicitações ao novo Cathedratico.

Dr. Fortunato de Seiça

Para a sua casa de S. João do Campo, sahiu na quinta feira o ex-administrador deste concelho dr. Fortunato Gomes de Seiça, indo á estação despedir-se de s. ex.ª as auctoridades superiores da comarca, e grande numero dos seus amigos.

Linha da Louzã

A linha ferrea de Coimbra á Louzã renden, desde janeiro a 18 de fevereiro (7 semanas), 2:104$000 reis, sendo:

Passageiros, 1:437$000 reis;
Recovagens, 144$000 reis;
Mercadorias, 523$000 reis.

Menos 1:139$000 reis que em igual periodo do anno anterior.

E a Companhia nem á vista deste grande prejuiso, se apressa para nos res-

De "O Aveirense" vinha um diagnóstico cáustico da situação: andava "tudo desordenado, tudo confuso, perante o cahos immenso das coisas da nossa patria".

A patria

Nesta época em que tantos renegam o sentimento da patria e o consideram mesquinho e anti-humano, é bom verifica-lo e pensa-lo de novo, e a elle renunciar, se effectivamente dentro dessa palavra que nos pede sacrificio, não esteja senão pó vetusto e antiga illusão.

Amar a nossa patria é querermos que ella sirva da maneira mais intensa e mais alta a causa da humanidade. As patrias, servem a humanidade, applicando nessa obra humana os seus esforços, os seus desejos, as suas crenças, como os orgãos do nosso corpo applicam na obra synergica da vida as suas energias especiaes. E dir-se-hia que era egoismo da parte das células nervosas quererem servir o interesse da vida, como células nervosas, e que da parte das do tecido muscular houvesse perversão, por serem musculos, e não serem nervos?

Não ha a *illusão da patria*. Nós sentimos a patria no nosso ser e sanccionamos esse sentimento com a nossa razão, quando pezamos na consciencia a offerta real que ao mundo deu a Raça portugueza, até ficar pobre, miseravel, aniquilada e exangue, desse trabalho exhaustivo que descobriu e conquistou a Terra... como certos insectos que depois de se terem elevado ás nuvens no vôo nupcial, morrem pelo cansaço do acto fecundo, e caem pelo esforço da genése creadora. E' quando pensamos que a nossa patria se dedicou, se offereceu, e augmentou o patrimonio de todas as patrias, que nós nos sentimos verdadeiramente patriotas.

Como renegar um *motivo de acção* que, sendo *poderoso*, porque é profundo, é tão magnificamente *efficaz*, e só nos pede que sejamos mais justos, mais activos, mais desejosos da felicidade de todos?

O nosso dever consiste em amar a Vida em todas as suas apparencias e augmentar o seu valor em todas as suas formas.

Não façamos distincções: nem altruismo, nem egoismo — tudo é o mesmo; nem deveres para comnosco, nem deveres para com os outros — tudo é o mesmo. Não façamos differenciações de deveres, porque na essencia tudo é o mesmo dever. Não ha deveres para com estes, deveres para com aquelles e deveres para comnosco mesmos. O que ha, muito simplesmente, é — deveres para com a vida.

Ora este nosso *unico* e essencial dever não se prejudica, antes se cumpre de alma mais affectiva, se nós amarmos com um amor mais commovido, com uma ternura mais familiar e mais quente, aquelles que a communidade da Raça faz que *amem* da mesma forma e os que a communidade da lingua faz que confessem o *amor* com as mesmas palavras.

Os homens, como Guilherme de Allemanha que, para um imaginado triumpho da sua terra, querem esmagar as outras nações, não são patriotas; e se o são, extranho patriotismo esse que faz odiosas as patrias!

O nosso patriotismo é aquelle que faz a nossa Patria, ante os olhos das outras Patrias, o mais admiravel que possa ser, o diremos—a mais digna de ser amada. Não é o patriotismo paleozoico dessa alma secca e severa de Catão, que clamava: *delenda est Carthago!* Carthago deve ser destruida! A ideia da Patria evoluiu, e tornou-se nobre e humana, e de destruidora fez-se construtiva. E quem hoje quizer passar por patriota, deve sel-o como Pasteur que, depois da guerra de 70, sentia o cerebro em ebulição para enobrecer a terra da patria—criando, derramando o seu affecto pelo mundo, de maneira que se pudesse dizer que pelo amor da França se salvava a humanidade.

E' ignobil o patriotismo militarista dos Guilhermes e dos que, lá da Espanha tenebrosa, apontam os bacamartes das suas odiosas esperanças sobre a nossa amada e enfraquecida Patria...

Esse patriotismo é uma aberração teratologica que causa horror. E' tanto o verdadeiro patriotismo, como um monstro é o verdadeiro homem.

Não! Não é nos campos de batalha que as Patrias vencem. Não é pelas mortes que fizeram, mas pelas vidas mais largas que produziram, que o seu triumphos das armas. Mas uma patria onde ainda hoje se gosam, com um espectaculo monstruosamente sádico, os espectaculos das touradas de morte, não é preciso ser vencida pelas armas e importa pouco que seja vencedora—ella já tem em si mesma a sua humilhante derrota.

Uma patria moderna só vence na proporção em que os seus esforços se applicam á obra da paz e collaboram mais fervorosamente na realisação da concordia humana. Concordia que não quer dizer unificação de doutrinas e de crenças, nem a destruição de fronteiras ou laços nacionaes, mas a convergencia no mais alto desejo—e a fraternidade pela causa humana.

Nós não somos *pela* nossa patria *contra* a patria dos outros. Nós somos *pela* nossa patria e *por* todas as patrias. E somos pela nossa, porque a sentimos mais perto e a trazemos no ser—é a seiva que nos percorre o corpo, que nos liga á terra, com um sentimento mais intimo, com um estimulo mais directo.

•

Não estão na verdade os que proclamam a inutilidade do patriotismo, porque tudo quanto seja converter uma formula abstracta num principio *sentido*, numa doutrina que não só se comprehenda pela Razão, mas se *sinta* no cerebro, nos nervos, no coração, é um grande e prodigioso bem. E' preciso que a alma, por uma série de experiencias amorosas, se inspire dum affecto mais vibrante e dum interesse mais limitado, para que suba á summa generalisação do amor humano—do culto supremo da Vida, e á concepção do interesse universal.

Foi através dessas experiencias, cada vez mais dilatadas, que o homem concebeu a humanidade. O amor foi como uma caricia que se fizesse na agua de um lago. Espalhou se por ondas concentricas, e cada vez abrangeu superficies mais distantes. Começou pela familia, achou as tribus, criou a nação, e descobriu a humanidade. E num ultimo esforço, tirou de todas essas experiencias successivas a religião maxima da Vida, sentindo em si mesmo essa Vida poderosa que está *sobre todas as cousas* e que trabalha para uma *super-humanidade* futura, no meio de todas as torturas, através de todas as lagrimas—e que entre chóros e maldições, por todo e apesar de tudo, vae subindo e crescendo de valor.

Cada um de nós deve seguir esse caminho das experiencias successivas: só o amor do limitado nos pode dar o amor do universal. Commovamo-nos primeiro com o amor da nossa terra, e a humanidade aproveitará a commoção sagrada.

Não ha antinomia entre patriotismo e humanitarismo, como não ha antinomia entre egoismo e altruismo.

Por altruismo deves ser egoista. Para que nos sirvas queremos que te sirvas a ti. Queremos-te forte, energico, saudavel, sem carencias hostis que te entristeçam ou deprimam. Só assim poderás ser um servidor bem util. Porque se vens doente, fraco, miseravel, em andrajos rotos, como ha de ser bem pouco fecundo o teu altruismo, meu pobre altruista!

Por egoismo deves ser altruista. Porque, como sentirás tu todo o prazer da existencia, se não amas, se não crias, se não espalhas a alma pelo nosso mundo! Dá o mais que puder ser da tua alma ao mundo que te rodeia—e verás como isso te fortalece e te redime! Amar os outros é ainda a melhor maneira de nos amarmos a nós mesmos.

Estas palavras applicadas ao egoismo, poderiam ser applicadas ao patriotismo. Devemos amar a patria, quere la independente, livre, humana, generosa, ter o grato e bemdito egoismo de querer que ella sirva, melhor do que todo o mundo, o interesse do mundo, mas amala com convicção, com serenidade, sem *chauvinismos* ridiculos nem paixões obcecantes. Tudo o que nos degrada degrada a nossa patria; tudo o que nos fizer menos generosos e menos humanos offende a terra porque agimos. Isto é que é patriotismo. Nós só enobrecemos a nossa patria quando somos calmos e reflectidos; e se a amamos com raiva, com frenesi ipileptico, com loucura de maniaco, como engrandecemos a nossa patria, como a tornamos melhor dentro de nós? Pois se ella fosse um ser independente não se orgulharia de que não é preciso ser cego para a amar? Dar as razões do nosso amor e pol as fóra da paixão, é elevar o objecto amado.

que hoje perturba a Europa e a traz neste horror de paz armada (neste pesadelo da guerra), é preciso que se forme muito acima desse instincto barbaro de espoliação e de rapina, uma *emulação* para o bem, uma *concorrencia* prodigiosa de actividade sacrificadora, de energia que se dê, num afan novo de melhor servir o mundo, numa pressa nova de se sacrificar.

Dizem os imbuidos de espirito militarista que é uma prova de patriotismo descobrirmo-nos ante a bandeira que passa. Mas nós só nos sentimos verdadeiramente patriotas quando afastamos do pensamento todas as torturas, que o povo português poderia ter produzido nas suas conquistas á mão armada, e nos compenetramos apenas da obra d'amor que elle fez.

Toda a historia dos nossos descobrimentos maritimos aclama e apotheosa o sentimento da patria. Poderia escrever-se esse capitulo fundamental da nossa historia, onde ha mais que uma narrativa emocionante, sob este titulo suggestivo: *Sancção da ideia da Patria*.

Um povo, cuja historia sancciona o patriotismo ante a Causa Humana, torna-se credor de todo o respeito humano.

(Da *Alma Nacional*)

Baptisado

Hontem teve logar na egreja matriz desta freguezia o baptismo duma filhinha do nosso bom amigo sr. José Fernandes Carranca Junior, a quem deram o nome de Alexandrina, sendo padrinhos o sr. José da Costa Almeida e sua irmã Alexandrina.

A assistir á festa reuniu o nosso amigo em sua casa, as duas familias, sua e de sua esposa, respectivamente, da Louzã e Valle de Vaz.

A' neophyta desejamos todas as felicidades.

Estadas

Vimos nesta villa, durante a semana finda, os nossos presados assignantes srs. Manuel Pereira Batalhão, José Firmino da Cunha, Manuel Fernandes Cosme e José Dias Moita, de Miranda do Corvo; e de Coimbra os empregados commerciaes João Caetano da Piedade e José Maria dos Santos Junior.

Da terra das bananas

Já depois de terem seccado as arvores das patacas.

Meu Caro Julio

Que grande pandego que tu me sahiste!

Que tu eras um prosa, com boa piada, compunhas versos a cegos, sabia eu. Mas o que nunca podia suppor é que tivesses o arrojo de te fazer jornalista!

Bravo! Bravo seu Julio! Gosto disso... Continua que dás esperanças...

(A'parte) Hó qui sáfado... Ora o diabo do fedelho...

Ha muito tempo que me constava que na minha terra (Lonzã) se publicava um periodico. Ancioso por saber a verdade, dirigi-me a varios amigos que ao tempo eram já assignantes e tiveram a amabilidade de me fornecer alguns numeros que li com soffreguidão.

Não calculas como fiquei enthusiasmado! Fiz um protesto solemne de te escrever logo, a fim de transmittir-te num rijo abraço, os meus sinceros parabens pelo teu arrojo!...

A'vante meu rapaz.

Já que te sahiste, não desanimes: «quem quiz, sempre poude» dizia um velho liberal d'ahi que já está na terra da verdade.

Calculo quantas contrariedades e obstaculos terás encontrado no caminho por onde enveredas-te, porque sei de quanto sám capazes alguns patricios nossos que não podem admittir que outro faça, o que elles não são capazes de fazer.

Um dos numeros que me chegou ás mãos é o numero 28 em que fazes a apreciação da festa escolar.

Que bom! E's damnado!

Ainda devias ter pizado mais um pouco o rabo dum macacão mas... muito fazes tu.

Não quero tomar-te mais tempo, por isso vou terminar esta, juntando uma nota de nomes de varios amigos, nossos patricios para quem enviarás com pontualidade o jornal, tomando eu a responsabilidade pelas *massas*.

Não deixes *morrer* esse canudo

A' Lareira

SERÕES DO POVO

VIII

Não era hoje minha tenção, principiou o ar. Antonio, fallar-vos de coisas que de longe se quer, se relacionassem com a politica, mas sim occupar-me doutro assumpto mais limpo. Ouvi, porem, depois uma conversa, que fez com que aproveite a occasião para lhes fazer umas certas considerações.

A conversa não era para mim, nem o momento se proporcionou a que eu pudesse metter o bedelho, como bastante me apeteceu.

Era o caso de certo empregado publico estar a dizer para outro sujeito que apezar de professar certas edeias liberaes não podia contudo declara-lo abertamente devido a ser um empregado publico, um empregado do governo, dizia elle, e portanto que linha de se calar. Pois, meus amigos, digo-lhes que o tal homem estava redondamente enganado. Pode professar as ideias politicas ou mesmo religiosas que quizer, que o governo, em boa verdade, nada tem com isso, porque o governo não é senhor da consciencia de cada um. Quem paga aos empregados publicos é o Estado, e por isso um empregado publico é um empregado do Estado e não do governo. E o que é o Estado? Somos todos. Quem paga aos escrivães de fazenda, aos recebedores, aos juizes, aos professores, aos militares, etc. e até aos proprios ministros? O Estado, que vem a ser nós todos. Recebem os empregados os seus ordenados do thesoiro, mas o que forma o thesoiro são as nossas contribuições. O proprio administrador, o governador civil, embora sejam empregados da confiança do goveno, são pagos pelo povo. Mas ainda que estes individuos fossem empregados do governo, o que é um disparate considerar tal, nem mesmo assim estavam livres para seguir estas ou aquellas ideias, conforme mais lhe agradassem. Porque o ordenado que recebem é para lhe pagar os trabalhos prestados e não para lhe comprar a sua consciencia, a sua maneira de pensar. Um sujeito tem um criado. Paga-lhe a sua soldada. Mas para que? Para lhe recompensar os serviços que elle lhe presta e nada tem ou deve ter que elle seja franquista ou nacionalista, monarquico ou republicano, beato ou livre pensador. Cumpra com as suas obrigações o resto é com elle.

Cada um está no direito de procurar que os outros acceitem as suas ideias politicas ou religiosas, por predicas, por conselhos, por propaganda, por discussão, mas não se pode obrigar ninguem a pensar tal qual como nós quisermos ou pensarmos. Mesmo é coisa que se não pode obter. Poderia alguem, por força de circunstancias obrigar-me a calar o meu modo de pensar, mas obrigar-me a mudar delle é que não, por que cá interiormente eu pensava como muito bem quizesse.

Por tudo isto vêem bem vocemecês que um empregado publico tem todo o direito, todo, a seguir as ideias politicas que quizer, não é certo?

--Sem duvida, responderam todos os presentes.

—Então eu agora, por exemplo, sou republicano ou socialista, mas amanhã por qualquer circunstancia venho a ser um empregado publico Por esse facto heide mudar de ideias e passar a ser monarquico e progressista? Por qualquer coisa cai ogoverno progressista e vai, supponha mos, um governo regenerador. Ou hei de sahir ou passar de progressista para regenerador. Depois a esse governo seguia-se um franquista, e zas! anda, Antonio, passa a franquista, depois a nacionalista e ao diabo que os carregue?! Andava uma pessoa a mudar de opiniões, de ideias, tal e qual como todas as semanas se muda de roupa branca! Não era mal apanhado. Elle sempre ha cada disparate que é mesmo um louvar a Deus! Sim. porque se um empregado publico é, como certos sujeitos dizem, empregado do governo não devia estar com progressistas sendo regenerador, ou vice-versa. Ou então é obrigado a ser monarquico pelo facto da primeira auctoridade da nação ser um monarca, um rei?! O rei é que é como um nosso empregado, e não os outros delle. O povo é que está no seu direito de o querer ou não á frente dos negocios publicos do paiz. Ora essa. O povo é soberano. A soberania, quer dizer, o maior poder reside no povo, porque o povo é que forma a Nação, o Estado, e portanto

Artigo extraído da "Alma Nacional", de António José de Almeida.

Director e proprietario
— Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis; Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contrato especial. Communicados e reclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 30 por cento de abatimento

2.º anno — N.º 43 — Louzã, 12 de Abril de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADIANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO CONCELHO DA LOUSÃ

O nosso primeiro anniversario

Volvido é um anno que o nosso modesto semanario viu a luz da publicidade.

Modesto como tem sido e haverá de ser, e não coramos de o accentuar, a sua sustentação representa para nós, no entanto, um producto de esforço e sacrificios de que aliaz nos orgulhamos e damos por bem empregados, em face do reconhecimento intimo, accusado pela consciencia propria, de, d'algum modo havermos procurado concorrer para o progresso material e mental desta boa terra da Louzã.

E' hoje axiomatica, a influencia capital e decisiva que a imprensa, tem no systema complicado e especialisado de orgãos e funcções da vida social dos povos cultos.

Evidentemente, o jornalismo moderno, baseado na observação experimental das necessidades sociaes, tem-se manifestado e actuado na discussão e resolução dos problemas politicos e economicos, em volta dos quaes gravitam todos os outros problemas da actividade humana, como força directris e orientadora de poderosa acção positiva.

E na sua funcção educativa, egual deverá ter sido e venha a ser ainda essa mesma poderosa acção.

Quem o não reconhecerá, em face duma conscenciosa analyse historica e comparativa?!

Quem como a imprensa e o jornalismo haverá vulgarisado e radicado, no espirito dos povos, os sacratissimos sentimentos da equidade e justiça humanas, sentimentos que, antes d'esse formidavel abalo social, conhecido na Historia, pelo nome de Revolução Franceza, eram conhecidos apenas por meia duzia de philosophos?!

E todavia, triste é dize-lo, espiritos ha ainda que, ou acorrentados a um insustentavel e archaico idealismo, ou arrastado pelas paixões enoculadas por uma educação eivada de erro e mentira, negam ao jornalismo a sua fé, e numa propositada e systematica cegueira apoucam e deprimem a sua acção profundamente benefica e civilisadora.

* * *

O *Commercio da Louzã*, na sua limitada e restricta esphera d'acção, comprehendendo comtudo, e bem nitidamente, o objecto e fins do jornalismo, consoante os principios expostos, tem procurado e procurará sempre exercer uma funcção que, mais uma vez, e hoje aqui solemnemente traduziremos na formula: ser util á Louzã concorrendo para os seus interesses materiaes e moraes.

Poderá, porventura o seu esforço bem pouco representar, para que as necessidades desta terra, e bastantes e legitimas são ellas, sejam satisfeitas, em ordem a fazer progredir esses justos interesses.

Esse pouco, no emtanto, nos fará possuir de justo orgulho, regosijo e satisfação intimas, reconhecendo accaso a sua concretisação.

E assim, se a data de hoje é para nós representativa, dum anno de labuta vencido, ella o será pois, do mesmo modo, de legitimo contentamento.

Quem sabe porem, se neste meio, nesta terra á qual votamos leal, e sincera dedicação, em geral nos será reconhecida a legitimidade deste contentamento.

Seja porém, como fôr, a nossa intenção foi e será sempre a de accertar, procurando concorrer para os interesses geraes, e proclamar e enaltecer os principios de justiça e liberdade, inherentes á personalidade humana.

Insignificante ou nullo é o nosso prestigio, e bem diminuto o nosso valimento intellectual. Fracos são ainda os nossos recursos economicos.

Todavia, iremos até onde possivel seja ir. E se neste anno volvido, recebemos de amigos extremosos, dedicada colaboração, nesta empreza que nos propuzemos effectuar, neste momento nos apraz registar, perante os nossos leitores, que d'hoje para o futuro nos é promettida, por forma bem assente e definida, assidua e proveitosa colaboração que fará do nosso modesto jornal, um elemento capaz de ser util a esta terra, como é nosso intimo e extremado anceio, porque sómente por isso e para isso vive e haverá de viver.

J. R. dos Santos

Diolinda Dias

Continua bastante doente esta gentil menina, filha do nosso amigo sr. Pedro Dias Anastacio, indo por tal motivo para Lisboa, acompanhada de seus paes, afim de consultar o sr. dr. Egas Moniz, distincto especialista de doenças nervosas.

Arte

Saiu o n.º 63 desta magnifica publicação. O presente numero insere as fotogravuras do projecto do novo theatro lyrico do Porto, acompanhado dum artigo sobre o mesmo projecto, alem de varias outras gravuras e artigos.

A *Arte* é uma publicação mensal destinada a arquivar todas as manifestações artisticas, mas de preferencia as obras primas, nacionaes e estranjeiras, da Escultura, Pintura, Arquitetura Fotografia. E' um orgam profissional destinado a acompanhar os progressos dos varios processos de reproducção pela gravura em todos os seus ramos, e de composição e impressão typografica em Portugal.

Chamamos a attenção para o annuncio respectivo.



Francisco Victor Duarte

Como homenagem á melhor cooperação que o *Commercio da Louzã* tem encontrado no decorrer da sua curta, mas espinhosa existencia, damos hoje o retrato de Francisco Victor Duarte.

Ao completar o seu primeiro anno, faltariamos ao mais sagrado dever, se não apresentassemos aos leitores do *Commercio*, a figura do auctor da maior parte dos artigos que aqui se tem publicado, e que elle tão bem sabe adequar ao nosso meio. E' que Victor Duarte, alem de possuir um espirito envestigador, que o põe a par das mais insignicantes questiunculas caseiras, é tambem como nós um aldeão, e por isso conhece muito bem [illegible] acção da politi[illegible] ras pequenas, como a Louzã.

Como nós filho do povo, razão porque o ama com devotado carinho, é dotado duma alma plena de bondade e de dicação, e uma vontade que não verga perante obstaculos de qualquer natureza.

Foi assim que á custa do seu proprio esforço, numa lucta tenaz e constante, de todos os dias e de todos os momentos, lucta que para elle se tem evidenciado em todos os campos, elle comtudo tem vencido e hoje bem podemos dizer que venceu definitivamente, pois a sua situação actual é já sobremaneira invejavel.

Com effeito, hoje alumno da Universidade, onde é justamente considerado como alumno distincto, Victor Duarte, dentro de poucos annos, avidenciar-se ha no fôro português, um advogado como aquelles que se prezam de possuir tão nobre e alevantada missão.

E nem só neste campo elle se nos revelará um espirito possuidor de bellas qualidades de talento e dos modernos conceitos que á sciencia merecem as noções do direito, da justiça e da liberdade.

O seu pujante e systematico espirito de trabalho, o anceio e devoção com que abraça o estudo de todas as questões sociaes, o devotamento que dedica á defesa dos interesses justos e legitimos do povo de cujas camadas saiu, levam-nos á conclusão de que um bello e nobre futuro lhe está certamente reservado.

Victor Duarte, possue uma pessoa de familia, um tio por afenidade, o sr. Antonio Henriques Filippe, que, residente em Catagnazes, no estado de Minas da grande republica brazileira, representa para elle um seguro ponto de apoio na lucta travada para a sua formatura.

Varias vezes lhe temos ouvido manifestar, em palavras de extremada sinceridade, os mais profundos sentimentos duma gratidão affectuosa.

—E' a pessoa a quem hoje mais venero, nos diz; e considero-o como o homem mais leal e devotadamente amigo da familia.

E se mencionamos este episodio, ao traçar estas desataviadas linhas, que certamente, affirmamo-lo, vão ferir a grande modestia que orna a alma de Victor Duarte, queremos accentuar apenas que o apoio e coadjuvação que o sr. A. Henriques Filippe presta ao nosso amigo, é daquelles que teem o significado duma grande obra de bem, e acarretam a mais lidima satisfação intima, não só pelo nobre fim para que concorrem, como ainda pela pessoa em que se empregam.

Creia o sr. Filippe, não terá nunca razão de se arrepender de ter praticado

lo, conhecedores como estamos das qualidades de trabalho do seu protegido.

Terminamos esta noticia com os votos sinceros de vêl-o em breve um senhor doutor!

Senhora da Piedade

Conforme noticiámos, teve logar no domingo a procissão conduzindo da sua ermida para a egreja matriz, a padroeira da Louzã:—Nossa Senhora da Piedade.

O povo destes arredores manifestando a devoção que tem por esta santa, occorre sempre em grande massa ás suas festas e concorre sempre da melhor vontade para tudo que represente um progresso, um melhoramento na sua ermida, que devido ao zelo e actividade do juiz da sua confraria, é hoje uma das mais aprazeveis do nosso paiz. Isto experimenta-o qualquer pessoa que, uma vez tirado do labor da sua officina, ou da *prisão* do balcão do seu estabelecimento, vá até lá.

Ali, a vida é outra, o ar fortalece-nos os pulmões, a luz que se disfructa lançando a vista pelos vastos campos da Louzã, Miranda, Semide, Foz d'Arouce, Poiares e Casal d'Ermio, suavisa-nos o espirito atrofiado entre as quatro paredes em que cada um exerce o seu mister.

Na procissão que vinha organisada na melhor ordem, encorporou-se a irmandade de Nossa Senhora da Piedade, a do Santissimo, a nossa philarmonica e muito povo.

Quando recolheu á egreja, pronunciou ali um bem elaborado discurso o intelligente estudante sr. padre José Amaro Alves, que nos dizem sahiram plenamente o numeroso auditorio, pelo que sinceramente o felicitamos.

A imagem ficou exposta á veneração dos fieis, até 30 de abril, dia em que começa a novena, ás 5 horas da tarde, pela nova orchestra da philarmonica louzanense.

O "Commercio da Louzã" festejava o seu primeiro aniversário.

NA edição seguinte agradeciam-se "*as phrases que alguma imprensa nos dirigiu pelo nosso primeiro anniversario*", e publicava-se carta de um amigo. José Joaquim de Barros não se poupava em encómios à coragem dos que faziam o "**Commercio da Louzã**":

"É necessario possuir a alma forte dos spartanos para soffrer com altivez o embate brutal da onda esverdeada do odio que por vezes se ergue, ameaçando derribar o bravo luctador que não curva a espinha em bajulações de podengos.

Quando o jornalista prostitue a pena, o caminho é facil e os *benéses* chorudos; mas quando a sua alma é incorruptivel e essa pena, embora modesta, é tagante justiceira que fustiga a carne apodrecida *chatinagem* que pensa com o estomago, não ha dijectos estagnados nos corações mesquinhos que não se agitem e procurem o atingir o homem honrado que os despresa e segue ávante a coberto de todas as infamias.

Continue o amigo nessa crusada abençoada sem se importar com os latidos roucos dos rafeiros esfaimados".

A "INFERNAL" E "MERCANTIL" COMPANHIA DOS JESUÍTAS

HERCULANO já havia sido homenageado nas páginas do "**Commercio da Louzã**", o jornal voltava a lembrá-lo, agora a propósito de uma alegada campanha de descrédito ao nome e obra do escritor, campanha essa a cargo dos jesuítas. A ajuda vinha do jornal "**Província do Algarve**", o artigo intitulava-se "**Os jesuitas e Herculano**", as mossas adornavam à uma para cima dos frades:

"Essa infernal companhia, mercantil e de exploração de todas as riquezas, só trabalha para uma obra de destruição. Não pensa mais do que em bestificar os povos com superstições de lucro, não ha arcas que cheguem para enthesourar as riquezas que saca dos povos por ella fanatisados e explorados.

Foi essa companhia exploradora, interesseira e ambiciosa de poder que se encarregou de vir a Portugal extinguir o sentimento nacional e patriotico afim de se formar na peninsula Iberica um grande imperio catholico contra o movimento da Reforma, que alastrava no centro e norte da Europa".

DO Algarve para Aveiro, para novo respigo vindo d' "**O Aveirense**", tratando do sangue vermelho e do sangue azul, "*as duas especies de sangue que antigamente, pelas convenções sociaes, distinguiam a humanidade. Um submisso e trabalhador; outro arrogante e ocioso*":

"O primeiro consumia-se no trabalho e na miseria; o segundo vivificava-se á sombra agradavel das commodidades, respirava a odio e luxuria, dominando tudo.

O plebeu curvava-se perante o nobre. O nobre desdenhava do plebeu. Uma pura antithese que só o atraso mental justificava".

Os tempos mudaram entretanto, "*foram abrindo as palpebras*" e agora já todos haviam compreendido "*que eram eguaes*":

"Hoje, o nobre dorme em digestão de giboia, o odio lupanar que o devora. O plebeu, embalado nas suas esperanças, conquista um somno tranquilo, reparador, inebriante.

Enquanto a féra dorme, o caçador carrega a arma".

Pela Lousã, um plebeu com alguns estudos procurava trabalho:

"**Aos escritorios ou fabricas** — Pessoa habilitada offerece-se com boa calligraphia e desembaraçado; ordenado, à vista do trabalho".

"INSOFRIDA CASTA DE QUADRILHEIROS"

A 30 de Abril, edição 45, **V. Duarte** gritava "**Revolta!**" em forma de título (Nota 26). Revolta, "*a palavra que aflora aos nossos labios, em face de esmagamento brutal que um povo tem soffrido e soffre ainda, produzido por um regimen que nenhum homem de bem deixarà de qualificar, na sua consciencia, de cruel de depravado*".

Revolta que se bebia "*em face das ultimas revelações parlamentares*", da "*insofrida casta de quadrilheiros*", dos caprichos "*duma camarilha indecorosa*".

Os últimos sucessos parlamentares levavam o articulista à conclusão de que, "*enquanto perdurar o regimen politico vigente, esta nacionalidade jamais deixará de ser uma feitoria de escravos*".

AO lado, demorado elogio fúnebre a Luiz Cardoso, à conta de J. de Barros, ao qual se acrescentava nota igualmente panegírica de Júlio Ribeiro dos Santos, proprietário e director do "**Commercio da Louzã**", que havia sido empregado do falecido.

Cardoso era, na pena de J. de Barros, um lutador. Havia estado na revolta abortada do 31 de Janeiro no Porto, e dirigira o jornal "**Sargento**":

"No *Sargento*, jornal de propaganda que ao tempo dirigia, elle era como que a sentinella que adivinhava na sombra vultos de traidores miseraveis que entregavam a honra duma nacionalidade ao estrangeiro ladravaz e insultador. A sua pena transformada em clava, retalhava a golpes certeiros a carne lazarenta dos corruptos, quer elles tivessem sobre os ombros o manto d'arminhos, ou fossem apenas nojenta flamulagem com logares honrosos nas cavallariças reaes. Em cada palavra lançada no periodico que havia de ir purificar o ambiente saturado da caserna, lia-se o desespero cruciante que escachoava formidavel naquella alma de patriota, percebia-se a dôr profunda que lhe amarfanhava o coração.

Ás armas! Ás armas! era o grito constante da vedeta heroica e vigilante, que na madrugada de 31 de janeiro, abandonando a barricada menos arriscada da imprensa, vinha para a rua, o cabello em desalinho e as faces retalhadas por um sorriso de triumpho, soltar o primeiro viva a Republica...". (Nota 27)

O jornal publicava ainda na edição 45 "As cartas DO SR. D. FERNANDO DE SERPA", correspondência particular bastante comprometedora, espelho dos compadrios, corrupção e jogos de influências que reinavam pela capital. As cartas já haviam antes sido escancaradas por Lisboa.

"COM franqueza, a noosa situação presente é melindrosa, e mais do que isso, periga, porque as circunstancias recentes, em que se encontra o regimen politico e governativo do nosso paiz, derivadas dum atrophiamento moral, nos arrasta a um cáhos de miseria e de descredito" . Mais um diagnóstico negro da situação política, desta feita assinado por **E. Gordilho**, e dado à estampa no número 46, de 10 de Maio.

A bolsa de adjectivos cáusticos exauria-se de tanta solicitação por parte de quem cumpria a tarefa de denunciar a podridão da vida política ao tempo:

"Que meio ha que se escolha, pense e imagine, para se levantar do lodo infetido uma patria outr'ora florescente, e sobre todas, a mais refulgente nos factos da historia e da civilisação, e hoje humilhada ante os criterios mais estupidos, suggestionados pelo commodismo e afilhadismo politiqueiro?" — perguntava o articulista, que mais adiante se haveria de lamentar por não sermos capazes de seguir exemplos bons vindos de fora:

"Que bellos exemplos estão dando ao mundo inteiro os dois paizes differentes em instituições e regimens, mais modernos do que o nosso, Suissa e Inglaterra! Num ou noutro, tudo se congrega para o bem comum, emquanto que entre nós os esphacelamentos partidarios nos espalha um futuro negro e funesto se a tempo o não evitarmos com toda a nossa leal alma de patriotas, amando em comum a patria, que formará com este amor a alma nacional, que é o que falta, pois sem ella onde iremos parar?"

JORNAIS QUERELADOS

DA capital vinham novas de perseguições aos jornais que não caíam no goto do poder instituído. O "**Commercio da Louzã**" dava conta das querelas, e programava para si cautelas e caldos de galinha. A bolsa do proprietário não se permitia a luxos de multas, "*não que o dinheiro é sangue*":

"Foram querellados os seguintes jornaes:— o nº 8 e 12 da 'Alma Nacional', o 'Suplemento do Seculo', o 'Paiz', o 'Povo de Santa Clara' e o 'Xuão' que acaba de ser julgado e condemnado o seu director em 60:000 reis de multa. Safa que o governo do sr. Beirão está com vontade á *má imprensa*...

Nós vendo as barbas dos collegas árder, não nos adeantaremos em conversas com estes senhores da governança; o sr. Beirão não, mas o seu chefe já cá encontrou um jornal que lhe offendeu a sua *honestidade*.

Pois nós, a quem falta o tempo para *tratar da nossa vida*, (como ha pouco affirmava um titular nosso conhecido) não nos metteremos mordomos *sem* devoção. Publicámos as cartas do sr. Fernando de Serpa, que poseram o Paiz ao facto da moralidade que vae pelo alto, mas a respeito dos milhares de contos de desfalque na companhia do credito predial, nem mais uma palavra...

Não que o dinheiro é sangue.

Vamo-nos por cá entretendo com as coisas da terra, que chegam bem para encher a *Lamparina* e deixamos o resto ao nosso denodado collega 'O Mundo' que chega bem para os incommodar".

Pragmático quanto baste, Júlio Ribeiro dos Santos...

UM LARGO PARA ALEXANDRE HERCULANO E UMA AVENIDA PARA D. CARLOS I

A Câmara Municipal da Lousã decidira entretanto homenagear Alexandre Herculano, "*oferecendo-lhe*" uma rua. À cautela, os caldos de galinha serviram-se através de um empate toponímico: D. Carlos também passou a figurar no mapa das ruas lousanenses:

"23 de Abril de 1910 — Em reunião, a Câmara Municipal, *commemorando o centenario de Alexandre Herculano, deliberou dar ao Largo da Graça, a denominação de Largo Alexandre Herculano*".

"Por proposta do vereador Henriques Lopes deliberou dar á Rua da Estação a denominação de Rua D. Carlos 1º, attendendo a que, segundo consta, foi o unico rei que veio á Louzã".

Uma "*egualdade*" que "*estava certa*", no comentário do "**Commercio da Louzã**"...

"**Egualdade e ...** — A nossa camara propoz, e foi aceite por unanimidade, que fosse posto ao Largo da Graça o nome de Alexandre Herculano, e á Avenida da Estação, o de D. Carlos I.

Está certo".

"O PARTIDO REPUBLICANO É HOJE UM EXÉRCITO COLOSSAL"

A 27 de Maio, **J. de Barros** tratava d' "**A situação**". E esta situava-se no juiz Antunes, afadigado na vil tarefa de "*prender cidadãos humildes sob a accusação de fazerem parte de associações secretas onde — elles o proclama — se conspira contra a existencia do regime e não sabemos que mais*".

Depois de lembrar possíveis remorsos do magistrado, por ter "*trahido a maçonaria de que era irmão*"; depois de passar pelo polícia "Sota da Praça", "*boçal e tarado, mixto de homem e podengo*", amarava na monarquia — "*dispõe das nossas vidas como dispoz da nossa bolsa*":

"Depois da pilhagem a carnificina, está no limite da logica dos grandes crimes".

Barros tratava de desmistificar os pressupostos da paz social, desejada pelos tementes da revolta, pelos que se assustavam com a possibilidade de dias incertos, reboliços da turba multa, o poder na rua.

Em suma, contra a acalmação proposta pelo jovem monarca:

"Sempre preferimos a agitação com todas as suas naturaes consequencias á accalmação mascarada, porque, para que haja reacção é necessario que a acção se produza".

E que os da situação se deixassem da vã esperança de derrotar o partido republicano:

"Derrotar o partido republicano?!...

Mas isso é tão possivel como procurar nuns olhos doentes as cataratas do Nyagara!

O partido republicano é hoje um exercito collossal que avança a passos largos para o futuro que já se avisinha. É a nação que accordou do somno lethargico de tantos annos, sacudida pelas doutrinas sãs dos incansaveis peoneiros do Ideal.

Como impedir-lhe a marcha disciplinada e rapida?

Director e proprietario
Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua do Alegria — LOUZA

Annuncios — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Descontos permanentes em ds publicação demorada, contrato especial. Concessões a réclames, 40 réis por linha.
Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

2.º anno — N.º 44 — Louzã, 20 de Abril de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADEANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO CONCELHO DA LOUZÃ

Os jesuitas e Herculano

Cá os temos, mais uma vez, em guerra aberta contra a memoria de outro portuguez illustre, contra Herculano, que trabalhou pelo engrandecimento e gloria da sua patria! Ainda no seculo actual os jesuitas manifestam-se taes e quaes foram no principio do poderio e nos tempos da sua funesta introdução em Portuga! Jámais cessaram de procurar extinguir na nossa raça o sentimento nacional. Para isso exclusivamente cá vieram.

Essa infernal companhia, mercantil e de exploração de todas as riquezas, só trabalha para uma obra de destruição. Não pensa mais do que em bestificar os povos com superstições de lucro, não ha arcas que cheguem para enthesourar as riquezas que saca dos povos por ella fanatisados e explorados.

Foi essa companhia exploradora, interesseira e ambiciosa de poder e riquezas, que se encarregou de vir a Portugal extinguir o sentimento nacional e patriotico afim de se formar na peninsula Iberica um grande imperio catholico contra o movimento da Reforma, que alastrava no centro e norte da Europa.

A elle o beato e imbecil rei D. João III encarregou a ignobil e anti-patriotica missão de vir trabalhar para a obra dos reis *Catholicos*, ou para a eliminação do reino de Portugal, unindo-o a Castella, como pretendiam os papas e o partido ultramontano.

E esses inimigos eternos da patria portugueza empregaram todos os meios diabolicos, para conseguirem seus fins. Entregando-se nas mãos delles os destinos de Portugal, apoderaram-se de todas as escolas e da Universidade de Coimbra. Com o seu ensino sophistico, com doutrinas perniciosas e atrophiadoras da intelligencia e com maximas morais as mais sordidas e grosseiras, em pouco tempo obtiveram a degeneração da nossa raça!

Em vez de navegadores e de emprehendedores de obras uteis a bem da sciencia, das lettras, das bellas artes, do commercio e da navegação, crearam gerações de fanaticos e supersticiosos, que vestiram habitos monásticos, para cuidarem sómente na salvação da alma.

Logo na primeira geração por elles creada, morreu o amor patrio! Todos os fidalgos, fanatisados pelos jesuitas, abandonaram as suas terras, as suas familias, as suas riquezas, para se irem encerrar nos conventos, para se irem fazer frades!

Para esses discipulos dos jesuitas a religião catholica estava acima da Patria, acima de tudo. Cegos e obsecados pelo ensino jesuitico, deixaram-se cahir no laço traiçoeiro que lhes armou a seita negra, partindo enthusiasmados em defeza da fé e da egreja para Alcacerquibir, onde os guardava a morte certa!

Desde que esses eternos inimigos se introduziram em Portugal, começaram a mover guerra sem quartel contra todos os portuguezes que manifestassem sentimentos patrioticos. Quizeram exterminal'os a todos. Por influencias e intrigas delles morreu desgraçado num hospital Camões, o immortal cantor das grandezas e glorias de Portugal!

Esse infeliz poeta appareceu exactamente no momento em que se conspirava em Portugal, para o fazer eliminar do rol das nações. A sua epopeia emmorredoura vinha contrariar fortemente a politica ultramontana iniciada pelo beato D. João III.

Camões não podia deixar de ter a sorte de expirar num hospital, pobre e desgraçado, ou de ser victima do seu ardente patriotismo, tão contrario á obra dos poderosos jesuitas, que não conhecem patria, nem nacionalidades.

A morte de Camões symbolisa admiravelmente a morte do seu paiz, para o qual trabalhou com afinco e constancia a seita negra, que propositadamente o levou a Alcacerquibir, como levou o infeliz poeta a um hospital, onde expirou como o mais vil e despresivel dos vassalos!

Igual sorte deram os jesuitas a Affonso d'Albuquerque o fundador do imperio portuguez!

Desde então até hoje não teem cessado de mostrar o seu odio a todos os portuguezes que teem querido engrandecer o seu paiz. Vemol-os sempre apresentarem-se na frente delles, para os embaraçarem e obstarem a todos os seus passos! E vão mais longe, procurando denegrir e difamar a memoria delles depois de mortos! São tão constantes e firmes nesta infame campanha de descredito, como o foram na guerra que lhes moveram em vida!

O maior inimigo dos jesuitas é o marquez de Pombal, uma grande gloria nacional, e cujo nome bastaria para nos merecer a admiração de todo o mundo, como o de Camões! Guerrearam esse eminente estadista, um dos primeiros da Europa, por ter introduzido em Portugal as sciencias modernas e havel'o levantado da decadencia e degradação a que elles o tinham levado com o seu dominio e ensino do monumento, a que se teem opposto sempre.

Guerra sem treguas a esse portuguez illustre, que levantou o prestigio do seu paiz, e soube collocal'o entre as nações mais respeitadas da Europa! Isso é contrario á obra por elles realisada em Alcacerquibir.

Pretendem actualmente os portuguezes honrar a memoria de outro seu compatriota, que é mais uma gloria nacional; eis os jesuitas em activa campanha, para obstarem á realisação desse pensamento patriotico! Estão fazendo guerra á celebração do primeiro centenario de Herculano, como hostilisaram o monumento que lhe foi erigido em Belem e como teem hostilisado o monumento ao marquez de Pombal.

Persistem ainda hoje na anniquilação da patria portugueza que iniciaram nos nefandos reinados de D. João III, D. Sebastião e do rei tonsurado!

Não lhes convem que uma das suas eternas victimas desperte, prospere e se emancipe delles, que tiram lucros collossaes da sua ignorancia e abatimento nacional.

Herculano foi um dos que em nossos dias mais contribuiram para o proseguimento patriotico da obra do grande marquez de Pombal. Seu nome foi escripto no livro negro da negra seita!

(Da *Provincia do Algarve*)

O nosso anniversario

Agradecendo muito sinceramente as phrases que alguma imprensa nos dirigiu pelo nosso primeiro anniversario, damos tambempublicidade á carta que o nosso amigo sr. José Joaquim de Barros nos enviou.

Parecerá a alguns vaidade da nossa parte, mas não nos importa, por isso que o nosso amigo, tão bem comprehendeu as nossas intenções ao pôr em circulação o «Commercio da Louzã».

Não temos os conhecimentos necessarios para um jornalista; todos o sabem; mas possuimos uma consciencia que nos não deixa mentir.

Poderemos, por prudencia, callar alguma verdade que menos falta faça á Justiça, confessamo-lo, mas quando omitimos a nossa opinião nunca a sophismamos.

Segue a carta:

Meu caro amigo:

Felicito-o pelo anniversario do seu jornal que com tanto brilhantismo tem defendido a causa sacrosanta da Liberdade e da Justiça.

Com justa rasão deve o amigo sentir-se desvanecido por ver os seus esforços coroados de melhor exito. Para os que desconhecem o quanto tem de ardua e ingrata a tarefa jornalistica, o anniversario d'«O Commercio da Louzã» poderá passar quasi despercebido, mas para aquelles que, como eu, soffreram os mais traiçoeiros golpes e os mais rudes desalguns amigos muito queridos, é necessario possuir a alma forte dos spartamos para soffrer com altivez o embate bruptal da onda esverdeada do odio que por vezes se ergue, ameaçando derribar o bravo luctador que não curva a espinha em bajulações de podengo.

Quando o jornalista prostitue a pena, o caminho é facil e os *benéses* chorudos; mas quando a sua alma é incorruptivel e essa pena, embora modesta, é tagante justiceira que fustiga a carne apodrecidada *chatinagem* que pensa com o estomago, não ha dijectos estagnados nos corações mesquinhos que não se agitem e procurem attingir o homem honrado que os despresa e segue ávante a coberto de todas as infamias.

Continue o amigo nessa crusada abençoada sem se importar com os latidos roucos dos rafeiros esfaimados.

Confie num futuro melhor e creia na sinceridade do que é

Amigo affectuoso

José Joaquim de Barros

A VERDADE

A natureza é a mentira evoluindo para a Verdade, o mal evulcionando para o Bem.

Quem marcha para a verdade realiza o fim ultimo da vida; caminha para Deus.

Todas as batalhas de Napoleão não valem um gesto de Picquart.

As victorias enroladas ás columnas de Vendome chegam, quando muito, a cem metros de altura — aos pés de bronze de um quadrilheiro hyperbolico.

A victoria de Picquart victoria da justiça, chega mais alto do que as estrellas, porque vae até Deus

Contra a Verdade não ha razões de Estado, nem razões sociaes, pois que a unica razão da vida é a verdade em si.

Dizer que deve esconder-se a Verdade, quando proclamando-a resulta a guerra, equivale a dizer que a Verdade é um flangelo e Deus é o mal.

Os homens de Estado, vivendo no momento, são Pilatos, contra Jesus, os homens de ideal, existindo na Eternidade são pela Justiça e pelo Bem succeda o que succeder contra tudo e contra todos.

Se a absolvição de Dreyfus, innocente, desencadeasse a guerra civil, a guerra estrangeira enchendo duas Patrias de luto e de ruinas, eu juiz tranquillo, absolveria a Innocencia.

Se a absolvição de Dreyfus, innocente, innundasse o globo inteiro de vagalhões de sangue e rios de lagrimas, eu juiz sem hesitar, absolveria a innocencia.

Por isso eu não verteria uma lagrima deante do espectaculo sublime do universo inteiro, martyrisado em nome do ideal, sangrando pela Justia e rugindo de dôr por causa da Verdade.

Guerra Junqueiro.

PERGAMINHOS

Sangue vermelho e sangue azul. As duas especies de sangue que antigamente, pelas convenções sociaes, distinguiam a humanidade. Um submisso e trabalhador; outro arrogante e ocioso

O primeiro consumia-se no trabalho e na miseria; o segundo vivificava-se á sombra agradavel das commodidades, respirava a odio e luxuria, dominando tudo.

Recurso ao jornal "Provincia do Algarve", para reprodução de texto no qual os jesuítas eram uma vez mais fortemente criticados.

Director e proprietario
Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contrato especial. Communicados e reclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

2.º anno — N.º 45 — Louzã, 30 de Abril de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 30 réis — PAGAMENTO ADEANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL — DO — C... — DA —

Revolta!

E a palavra que aflora aos nossos labios, em face do esmagamento brutal que um povo tem soffrido e soffre ainda, produzido por um regimen que nenhum homem de bem deixará de qualificar, na sua consciencia, de cruel e depravado.

Sim. Que português haverá ahi, que digno deste nome, não sinta vibrar toda a sua alma, em profundos fremitos de revolta e indignação, em face das ultimas revelações parlamentares!

Corações endurecidos pelo mais degradante civismo, ou insensiveis pela mais tacanha e propositada inconsciencia, serão aquelles que se não indignem, se não confranjam, vendo um povo luctar, dia a dia, hora a hora, nas agruras da fome e da miseria, de mil formas vexado e opprimido, para sustentar os enormes interesses, a riqueza e os caprichos duma insofrida casta de quadrilheiros!

Almas falhas de sentimento e civismo, sim, serão aquellas que não sintam a mais legitima, a mais justa indignação ao ver por forma tão clarividente, que todas as manifestações da actividade dum povo, economicas, politicas e sociaes, se subordinam aos mais descarados e interesseiros caprichos duma *camarilha* indocorosa.

Homens vis serão ainda, todos aquelles que sustentem a possibilidade de viver, honesta e honradamente num paiz, onde as sinceras e legitimas aspirações de bem servir a causa publica, onde o talento, o merito, o valor civico, a dignidade, a honra, a dedicação, a propria sciencia, são systematicamente arredadas, vexadas e inutilisadas, pelos interesses duma *alta roda* de criminosos.

Ah! como eu desejára immensamente penetrar na alma deste povo, desde aquella mulher, pobre e faminta que, deixando marido e filhos, vergados ao peso dum trabalho estenuante, privados dum pouco de pão negro e amargurado, conduz no entanto pontualmente, envolta nas pontas dum debotado lenço de chita que tantas lagrimas porventura ha enxugado, a sua contribuição ao thesouro publico; desde esta mulher até ao lavrador, ao commerciante a todos emfim que nesta terra mal dão coalhado para impostos, como eu quizera que todos soubessem como e em que são empregues os seus penosos sacrificios, os crimes e as orgias que á custa do seu suor se realisam e praticam!

Ah! sim, como eu desejara illuminados os espiritos dos... trabalham, dos que soffrem, explorados e espoliados nos seus sacratissimos direitos, e até nas suas mais justas e legitimas iniciativas.

* * *

Os ultimos successos parlamentares, vieram colocar sob a luz clara da evidencia um facto que nos leva á conclusão irrefragavel de que, emquanto perdurar o regimen politico vigente, esta nacionalidade jamais deixará de ser uma feitoria de escravos.

Poderão todas as classes deste povo, gemer sem remedio, sob o peso das mais comesinhas e imperiosas necessidades publicas; poderão as localidades, em vão solicitar aquelles melhoramentos a que teem incontestado direito e para cuja satisfação de sobra e por demais contribuem; porque os dinheiros arrancados ao suor do contribuinte serão sempre e em primeiro logar destinados a satisfazer os interesses directos e immediatos duma *claque* parasitaria.

Prestigio e valor politicos, intelligencia, boas vontades e boas intenções, necessidades ingentes e imprescindiveis, tudo, tudo esbarrará d'encontro a esse parasitismo, dominador dos detentores do poder supremo.

E se não é ver: «Escrevi hoje ao Paço por causa da verba necessaria para se terminar a estrada da minha quinta, e pedia-lhe que resolvesse sem demora os nossos negocios.»

Mas em face de tão triste e dolorosa conclusão, qual será o homem de bem, em cujo cerebro, em cujo coração exista uma parcella d'amor pela sua patria, pela terra que o viu nascer, pelas tradições heroicas dos seus antepassados, pelo anceio dum melhor bem estar de seus filhos e de seus vindouros, que não sinta estremecimentos de revolta contra a existencia dum tal systema governativo, dum tão imoral regimen?!

Eu quero crer que nenhum.

E em tal conformidade o momento de tornar effectivos e concretisados esses sentimentos de revolta, não pode protelar-se por mais tempo, por que longo de mais tem sido já, o periodo de vexames e degradações.

V. Duarte

Coronel Lopes Serra

Aggravaram-se ultimamente os padecimentos deste nosso respeitavel amigo, por cujo motivo foi no domingo chamado, telegraphicamente, o illustre clinico de Coimbra dr. José Rodrigues.

Que o sr. dr. José Rodrigues, que tão notavel se tem tornado na medicina, principalmente depois da morte do grande medico dr. Refoios, viesse trazer os allivios de que aquelle nosso amigo tan-

LUIZ CARDOSO

COIMBRA, 28-4-910

Lá o deixamos hontem sepultado no modesto cemiterio dos acatholicos este grande amigo, um dos mais fervorosos e audases soldados do Ideal que é tambem o nosso.

De ha muito que um soffrimento lhe vinha depauperando a existencia até que, na manhã de 27, a morte implacavel e brutal veio arrebatar-nos o mestre querido e o correligionario sincero, por quem nesta hora amarga todos nós choramos o pranto mais sentido.

Luiz Cardoso era, por aquelle que estas linhas traça, olhado com respeito e admiração. E' que a nossa alma de revoltado era bem gemea da sua, parece que ambas fundidas dum mesmo jacto e aquecidas ao mesmo fogo abrazador e calcinante.

Elle luctou pela libertação da Patria com uma herocidade sublime e grande. Por occasião do *Ultimatum*, luiz Cardoso foi um dos que correram persuasos a depôr o seu destino no regaço dessa mesma Patria ultrajada, em contraste flagrantissimo com o procedimento de muitos portuguezes abastardados que não tiveram um gesto de indignação.

No *Sargento*, jornal de propaganda que ao tempo dirigia, elle era como que uma sentinella que advinhava na sombra vultos de traidores miseraveis que entregavam a honra duma nacionalidade ao estrangeiro ladravaz e insultador. A sua penna transformada em clava, retalhava a golpes certeiros a carne lazarenta dos corruptos, quer elles tivessem sobre os hombros o manto d'arminhos, ou fossem apenas nojenta flamulagem com logares honrosos nas cavallariças reaes. Em cada palavra lançada no periodico que havia de ir purificar o ambiente saturado da caserna, lia-se o desespero cruciante que escachoava formidavel naquella alma de patriota, percebia-se a dôr profunda que lhe amarfanhava o coração.

A's armas! A's armas! era o grito constante da vedeta heroica e vigilante, que na madrugada de 31 de janeiro, abandonando a barricada menos arriscada da imprensa, vinha para a rua, o cabello em desalinho e as faces retalhadas por um sorriso de triumpho, soltar o primeiro viva a Republica...

Estalára emfim no Porto o movimento revolucionario, a bandeira vermelha da revolução fôra hasteada no Alcaçar municipal e nas baionetas dos regimentos sublevados faiscavam os raios brilhantes do Astro Novo e bemdito que principiava a illuminar as terras de Portugal.

Mas ai!... para que hei de eu descrever a maior dôr?!...

Não ha por ahi alguem, orphão já de pae e mãe que tivesse recebido dos lábios trementes e pállidos da noiva querida o derradeiro adeus?

— Como eu soffri!... Ia cegando de tantas lagrimas que chorei, lá fóra, longe da Terra portugueza, comendo o pão negro do exilio!...

Quantas vezes que elle nos disse isto com os olhos affogados em pranto!

.....

Cinco horas e meia da tarde. O feretro conduzido pelos amigos mais intimos do finado é deposto sobre uma cárreta coberta de sanefas. Ha lagrimas em todos os olhos, quasi se sente as palpitações apressadas de todos os corações; qualquer coisa extranha nos opprime! E' que vae a sepultar-se aquelle que foi um dos mais bravos luctadores e um dos camaradas mais leaes e nobres. Organisa-se o cortejo que se alonga pela rua Tenente Valadim até á Avenida Sá da Bandeira, cortejo enorme composto dumas quinhentas pessoas talvez, e em breves minutos, tempo sufficiente para cobrir com a bandeira do centro republicano dr. *Fernandes Costa* o modesto ataúde, tudo segue ávante a caminho do cemiterio, onde o amigo desditoso vae repousar á sombra dos cyprestes esguios que apontam o firmamento azulado daquella tarde de primavera.

Tres quartos d'hora de caminho e eis-nos chegados á morada dos mortos. A tristeza evade-nos e não podemos reprimir as lagrimas. E' que em breve a Terra-Mãe acalentará no seu seio mais um coração, onde pulsou o amor por esta Patria tão bella quão infeliz.

Já perto do coval, vão despedir-se do morto querido alguns amigos e correligionarios. Falla em primeiro logar o operario Antonio Carneiro que num discurso modesto e em que palpita a sinceridade, tem palavras sentidas para a memoria do finado, que foi um dos melhores amigos do proletariado. Segue-se Ramada Curto, que diz representar alli os estudantes republicanos; tem rasgos de oratoria que arrebatam, e por fim, incita todos os revolucionarios a seguir o exemplo austéro, que nos legou aquelle que alli jazia inanimado, porque, diz, a Patria não succumbirá. José Gomes, tambem academico, falla da obra de Luiz Cardoso que aprecia em breves palavras e por fim José Pereira da Cruz, um caracter impoluto que o povo de Coimbra tanto respeita. Foi um dos maiores amigos do morto, por isso as suas palavras são entrecortadas pela comoção mais profunda.

Estava tudo acabado; fecharam-se as tampas do caixão e o coveiro com a tristeza estampada nas faces engelhadas principiou a encher de terra a sepultura estreita e funda.

Quando sahiamos a porta do cemiterio, já o sol se afogava no poente, tocando as franças dos cyprestes duma luz muito leve, côr de sangue.

— Sol! se o podesses reanimar com o teu calor forte e abençoado!...

J. de Barros

Ao abrir-mos a carta que nos enviou o sr. Barros, estavamos muito longe de deparar com a noticia da morte do amigo mais dedicado e sincero que tivemos em Coimbra:—Luiz Cardozo.

Ha bons 22 annos que nós desgostosos por intrigas tecidas por quem nós não conhecia, ou fingia não conhecer, tomámos a firme resolução de voltar para a Louzã, sem officio nem beneficio. Pois Luiz Cardozo, assim que teve conhecimento do que se tinha passado, vem ao nosso encontro (lembra-nos bem) ao Largo da Portagem, e depois de convincente conversa, diz nos: «pois então vá, mas olhe que você arrepende-se, e depois o seu patrão não o acceita mais, ficando depois sem casa onde possa continuar a sua aprendizagem. Conhecemos a sinceridade das suas palavras, e promettemos voltar á officina. Principiou d'ahi a nossa amisade, sem ficticios nem interesses, —nós respeitando-o como mestre na arte que ocupamos e elle estimando-nos como discipulo humilde e respeitador.

Era um bom artista, e não receiava, como outros, a nossa concorrencia.

As almas grandes sempre deram excellentes conta de si.

Mais tarde fomos trabalhar por sua conta e elle sempre nos tratou como seu companheiro.

Temos de Luiz Cardoso as provas mais cabaes de que elle foi o artista completo do seu tempo, o trabalhador

A 30 de Abril de 1910, Francisco Victor Duarte gritava "Revolta!" — "a palavra que aflora aos nossos labios, em face de esmagamento brutal que um povo tem soffrido e soffre ainda, produzido por um regimen que nenhum homem de bem deixarà de qualificar, na sua consciencia, de cruel e depravado".

Casamento

Teve logar na egreja da Louzã o casamento matrimonial da sr.ª Ilda da Piedade Cunha, da Flor da Rosa, com o sr. Joaquim Netto, do Freixo, vindo assistir ao acto o nosso assignante e irmão da noiva sr. João da Piedade Cunha, empregado commercial em Coimbra.

Dando os parabens aos noivos, fazemos votos pelas suas prosperidades.

Victimas das innundações

Do fundo que o governo destinou para soccorrer as victimas das ultimas innundações, foi concedido o subsidio de 20:000 reis ao moleiro Joaquim Ignacio, de Villarinho que, em dezembro ultimo, ficou reduzido á miseria, por occasião das enormes enchentes que lhe levaram comsigo o moinho — que era o seu unico ganha-pão.

Parece que alguem já por cá influe para o bem da humanidade, emquanto que outros, apenas se occupam da propaganda de jornaes reaccionarios, desacreditando todos aquelles que não vão á sua missa...

Sempre assim foram, arrogantes em promessas, mas fracalhões na realisação do bem.

«São males que de longe vem...»

As cartas
DO SR. D. FERNANDO DE SERPA

22 de Abril, 1904.—Meu caro amigo: —Falei hoje na estação com Paçó e Peçanha a respeito de Hinton e Blandy e creio que hoje ou amanhã ficarão resolvidos esses assumptos.

Bom será pistonar sem descanço o vapor de pesca, que sem isso, receio nos possa fugir.

Envio a lettra

Hoje não posso ahi ir porque vou tahir com el-rei. Amanhã irei. Amigo sincero—*Fernando.*

Santo Amaro.—Azeitão, 26 de Julho de 1904. — Meu caro Machado — Estou anciozo por noticias das nossas coisas e por ver ao menos realisado um dos nossos negocios. Escrevi hoje ao Paçó, por causa da verba necessaria para se terminar a estrada da minha quinta e pedi-lhe que resolvesse sem demora os nossos negocios, com o que elle tanto tinha a lucrar.

Faria-me uma conta enorme arranjar com brevidade dinheiro para fazer uma sarrisa e poder plantar mais vinha no anno proximo e o tempo das surribas está a passar.

Calculo que B. deve estar a chegar. Os jornaes de hontem diziam que elle chegava no dia 29. Logo que saiba alguma boa noticia, não deixe de a dar por telegramma, porque estou em ancias por saber alguma coisa.

Hontem tive a boa noticia de ter ficado aprovado no exame do 5.º anno do Lyceu o meu filho Rodrigo. Venceu um barranco bem difficil.

Sempre teriam organisado a companhia em Londres? Que bom que era isso resolvido já ou então as farinhas. Tive carta de Hinton de 12 do corrente, dizendo que ia para Londres com demora de duas semanas e que regressava em setembro por Lisboa. Pede para na lei de meios o ministro da fazenda incluir a clausula da prohibição de matricula a novas fabricas. Estando em Londres, seria boa occasião de se lhe fazer um bom relatorio sobre Fernando Pó.

Quirino deve saber o aderesso em Londres. — Amigo do coração — *Fernando.*

Santo Amaro. — Azeitão, 5 de Setembro, 1904. — Meu caro Antonio Julio. — Acabo de receber a sua de hontem em papel da nossa Sociedade que me pareceu bem. Talvez um ponco grandes as lettras principaes.

Não posso ir amanhã a Lisboa porque tenho a visita das minhas cunhadas, operarios que mandei vir para umas obras e recepção de umas coisas que vem de Lisboa e quero eu mesmo empregar no caseiro. Calculo que na quarta feira irei si e se El-Rei embarcar já não embarcar porque a minha familia tenciona ir para Cascaes no dia 10 ou 12.

Acho extraordinario nada se saber de Londres. Se vejo esse negocio terminado ainda me parecerá um sonho. Não sei nada do negocio de Serpa? Vou escrever a Simão Arouca pedindo instantemente para dar o parecer sobre a questão das fabricas da Madeira, porque Hinton deve vir a Lisboa em meiados deste mez e confesso que tenho vergonha de o ver sem lhe termos arranjado o que elle deseja.

Deus encaminhe bem o negocio do caminho de ferro de Extremoz. Sempre foi ideia minha que Herbert com as suas relações seria o homem para fazer o negocio, por isso lhe fallei nelle de preferencia a Mosers, que tem o seu nome gasto. O unico inconveniente, visto ser convidada uma casa franceza é o malandrim Chapuy que se intervier talvez valha a pena Mattos e nós fazermos um sacrificio e dar lhe alguma coisa a roer.

Lembranças aos socios e um bom abraço do seu amigo sincero — *Fernando.*

25 de Dezembro de 1908.—D. Anna de Sousa Coutinho de Mendonça. — Meu caro Antonio Julio. — Hontem, por engano, deixei-lhe a antiga morada das minhas cunhadas em vez da actual, que é na rua de S. Filippe de Neri, n.º 144, onde deve mandar o João com os sellos.

Em vista do que hontem lhe contei a respeito do emprestimo, etc., parece-me que para o negocio F. seria convenientissimo você fallar a serio sobre o assumpto com Campos Henriques, que é agora *todo lo manda*, e no caso de elle estar disposto a fazer o que se deseja, ir então fallar a valer com E., pondo bem os pontos nos i i, pois sem isso creio que nada se fará e pelo contrario feito isso tudo se poderá fazer. Esta solução da crise agradou-me muito. Como você sabe não sou nem quero ser politico; mas de todos os nossos politicos o que mais me agrada é fóra de duvida o Campos Henriques, por quem tenho a maior estima e em quem reconheço qualidades de primeira ordem.

Elle está agora em posição de poder vir a ser um eminente vulto no reinado de D. Manuel II se souber manejar e manobrar. Com as qualidades que tem, se poder dominar o seu facciosismo e ser grande com os seus adversarios. Se quizer fazer governação e não fazer só politica.

Se conseguir fazer duas ou tres leis de cunho. Se fôr conciliador, mas ao mesmo tempo energico. Será um grande homem. Deus queira que elevando-se no ministerio do Reino e gostando tanto de mexericos politicos, não vá gastar todo o seu tempo nisso sem se importar com a verdadeira governação. Tem muito que fazer, mas duas ou tres coisas uteis para o paiz que faça, será a sua consagração e verá crescerem as hostes do seu partido. Quando poder tenciono falar lhe e dizer-lhe que tem todas as minhas simpatias e que o meu limitado prestimo está á sua disposição. Se pega na rabicha do arado com mão firme e bem orientada, grande será o sulco que abrirá no sólo e grande será a colheita no tempo proprio. Uma das suas tarefas tambem será o bem dispor os seus futuros adversarios e escolher com boa selecção os seus amigos. Se assim proceder, depois de todos se enaiparem, o seu jogo será seguro e ganhará pelos triumphos e pelo numero de cartas. De todo o ministerio a pasta que reputo mais fraca é a desgraçada pasta da marinha, que era bem digna de melhor sorte. Basta de politica meu caro Antonio Julio. Já o tenho massado muito Vamos aos nossos negocios.

Esta solução politica affigura-se-me ser a melhor possivel para a solução mais rapida da questão Hinton.

Segundo elle me disse, estará novamente em Lisboa nos primeiros dias de Janeiro. Se o negocio farinhas estivesse já estudado e cosinhado, acho que seria optima occasião de Hinton o mandar ao seu destino. O que se tem passado com os cambios e fundos e a solução politica, decerto influem para uma melhoria mais accentuada ainda, e sabendo-se isso na America, creio que seria optima occasião de lançar o nosso negocio, que bem apresentado como irá e em occasião de socego, mais facilmente attrairá os capitaes precisos. Não lhe parece isto? Eu tenho grande fé nesse negocio e estou quasi certo que se fará na America e não precisaremos de o tentar novamente na Europa. Feito elle estamos salvos e os nossos filhos bem governados. Palpita-me que o nosso bom momento chegou e que devemos aproveitar a aragem.

Não sei se Val-Flôr sempre irá a S. Thomé. Tambem será bom ouvir o Higino e ver se elle fôr, se levaria comsigo o homem que o grupo Francês lá quizesse mandar para fazer um relatorio. Estou certo pelo que ouço cá fóra que o Marquês gostaria de se alijar do encargo da administração das suas propriedades. Se V. conseguisse fallar com elle estou certo de que o homem tomaria resoluções mais rapidas. Acabo de saber que A. Cabral é o ministro da marinha. E' melhor do que o R. Curto e se não se deixar dominar demasiadamente por Dias Costa não será mau. Com a ajuda de Campos Henriques creio que poderemos obter a desejada prorogação de Cassinga. Mãos á obra emquanto estão frescos. O que acho são progressistas de mais e regeneradores de menos, mas talvez seja boa diplomacia de Campos Henriques Deus queira que você consiga melhorar dos seus incommodos e enrijar para a lucta. Veja meu caro Antonio Julio se consegue sacar-me do Pinto aquillo que me deve e que me está fazendo grande falta. Elle creio que tem feito negocios e já ha muito tempo que devia ter pago.

Se poder escreva-me para o Paço o que se fôr passando e o seguimento dos nossos negocios. Se os titulos da minha cunhada ficarem promptos amanhã pódem ser entregues ao Placido no mesmo dia, o que lhe facilitará a escripturação á cotação do dia. Emfim você la sabe como ha de fazer.

Para si e para todos os seus festas felizes e um bom anno novo. — Amigo certo — *Fernando.*

Santo Amaro —Azeitão, 3 de Setembro, 1904. — Meu caro Antonio Julio — Vejo que o nosso Mattos está de accordo no milhão de francos para elle e mais 500 mil para os intermediarios. Com a precipitação da minha sahida, esqueceu-me aclarar um ponto. Do milhão do Mattos não lemos nada para nós, ou temos uma parte alem dos 500 mil francos? Vim com a ideia que teriamos desse milhão uma parte nós dois e que dos 500 mil é que partilhariamos com Herbert. Acho que sa deve guardar o maior sigilio a respeito deste negocio. Se vem a publico estou certo que o malandro do Chapuy fará o possivel por desmanchar tudo como fez com o Valle do Vouga até o metterem de dentro como agora lizeram.

Tenho fé que conservando se tudo em silencio se fará esse bonito negocio. Estou em ancias por saber mais noticias do Girod e de ver isso feito. Parece-me que feito esse se seguirão outros, com egual exito. Tudo está em se fazer bem o primeiro.

Tenho pensado que se as minas de ferro cortadas pelo c. de f.º do Mattos não dão margem para uma exploração como diz Herbert, talvez se possam vender por uma vez embora não tenhamos percentagem pela exploração.

Tudo o que vier pela venda é melhor do que coisa nenhuma.

Penso ir no dia 7 ou 8 e ficarei de todo ou voltarei ainda aqui dois ou tres dias conforme El-Rei embarcar ou não ou conforme El-Rei fôr a Villa Viçosa a 10 ou no fim do mez.

Mando esta p.ª sua casa onde me parece que mais brevemente a receberá amanhã.

Qualquer coisa que venha do Girod peço me communique logo.—Amigo sincero.—*D. Fernando.*

Tenho tido conferencias, e que conferencias! Todos os dias com Quirino. Este fallou hoje a Penha Garcia, que vai fallar a Vilaça para este fallar a J. Luciano, Eduardo J. Coelho e Espregueira. Feito isto, e de acôrdo com J. Luciano, irá fallar a El rei QUE JÁ ESTÁ PREPARADO POR MIM Logo depois das eleições terá logar a conferencia final de Quirino com J. Luciano e em seguida esperamos se fará o decreto de desdobramento da C.ª

CHRONICA AGRICOLA

Os prados naturaes e sua fertilisação

A crise pecuaria—Necessidade de um inquerito

Atravessa o paiz, que é essencialmente agricola, como se diz, e podia de facto ser, uma grande crise pecuaria.

Dum lado uma crise, provocada pelo excesso, a crise vinicola, doutro lado, a crise pecuaria, que nos obriga a importar gado, o que representa uma sangria no regimen economico do paiz, por terem os productos importados de ser pagos em ouro.

Faz-se actualmente larga importação de gado bovino para o matadouro e já se pede para que a carne suba 20 reis em kilograma.

Não haverá, de facto, no paiz gado sufficiente para satisfazer as exigencias do consumo, ou será isto mais uma machiavelica mancommunação dos açambarcadores?

Porque se não faz um novo inquerito pecuario? O que ha é velho e por consequencia, pouco exato nas suas indicações. O tempo não chega para que o estado pense a serio nas questões transcendentes como esta.

A agricultura que se salve da crise como puder, e o publico que se governe; se não puder pagar mais cara a carne que não pague e não a coma, e está tudo resolvido.

Quantos são os lavradores que no nosso paiz se dedicam á creação de gado para consumo?

Alguns ha que são «ganaderos» afamados, o que não admira, somos um paiz de touros e moscas.

Ligada intimamente com a creação de gado está a praticultura.

Della já nos occupámos, falando acerca dos prados artificiaes; occuparnos-hemos hoje dos prados naturaes.

Quem ha, entre os lavradores, que tenha concebido, ainda que por um só momento, a utopia de obter colheitas abundantes se não estrumar e adubar, isto é, se não der ao solo os elementos que as plantas delle tiram?

Cremos que ninguem terá tido esta utopica ideia e, se vamos falar em praticultura, é isto devido a vermos o progresivo decrescimento da população pecuaria e que em Portugal pouco ou nada se pensa na praticultura.

Sem a existencia de ferteis e abundantes prados não pode subsistir a industria pecuaria.

E' necessario que o lavrador portuguez se compenetre bem da urgente necessidade de encarar, a serio, a solução do problema pecuario creando prados naturaes e artificiaes para desenvolver o referido ramo de exploração agricola.

E' sabido que o valor nutritivo de uma ração não depende do seu volume maior ou menor ou do seu peso, mas sim da proporção em que existam as substancias albuminoides, hydrocarbonadas e gordas e da relação quantitativa que ellas mantenham reciprocamente.

Numa exploração pratense deve attender-se mais á qualidade do que á quantidade.

Do exposto, é facil concluir-se o papel preponderante que os adubos representam na qualidade das hervagens.

A planta é um como que laboratorio em que a substancia mineral se organisa e se transforma em substancia vegetal, sendo o solo que proporciona uma parte dos elementos que hão de ser transformados—o azote, o acido phosphorico, a potassa, a cal, etc., etc., —e que são a base da acção fertilisadora dos adubos.

Adubar as culturas pratenses é darlhes as materias de que ellas carecem para sua elaboração e que ellas transformarão em gordura, albumina, saes, etc., substancias que constituem o valor nutritivo das hervagens e que são a parte verdadeiramente alimentar das plantas dadas em arreçoamento aos animaes.

Um feno de boas qualidades, deve, na sua maioria, ter leguminosas e gramineas; para conseguir isto não basta muitas vezes sómente semear boas plantas: é necessario fornecer-lhes um sólo onde ellas encontrem os elementos que lhe são precisos para um desenvolvimento normal.

Cremos ser facil manter sempre em bom equilibrio num prado as leguminosas e gramineas, desde que se tenha bem presente que as leguminosas são muito avidas de potassa e acido phosphorico e que gosam da propriedade de absorver azote do ar atmospherico.

As gramineas pedem fortes dóses de azote.

Geralmente, os prados pedem mui principalmente adubações phosphoricopotassicas; mas o uso consecutivo desta formula de adubação alteraria o equilibrio na producção de leguminosas e gramineas, devendo applicar-se de vez em quando uma dóse de nitrato de sódio em cobertura para restabelecer o equilibrio; ou proceder de modo inverso, quando sejam as gramineas que tendam tomar a preponderancia.

Cardoso Guedes

Agricultor pela Escola Nacional de Agricultura.

Publicação da correspondência comprometedora de Fernando de Serpa, um escândalo que agitou sobremaneira a capital do país.

Director e proprietario
Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Alameda Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contratam-se. Communicados e réclames, 40 réis por linha.
Aos que, assignantes forem, 50 por cento de abatimento

2.º anno — N.º 48 — Louzã, 27 de Maio de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 30 réis — PAGAMENTO ADEANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO CONCELHO DA LOUZÃ

A situação

Não pára o celebre juiz Antunes, de braço dado com o seu celeberrimo collega *Sota da Praça*, na faina de prender cidadãos humildes sob a accusação de fazerem parte de associações secretas onde—elles o proclamam—se conspira contra a existencia do regime e não sabemos que mais. Hoje um, amanhã outro, numa pachorrencia de *conta-gottas*, lá vão escorregando os *primos* de balandrau e punhal até ao ventre immundo das esquadras onde ficam de casa e pucarinho com toda a casta de parasitas e d'ali para o juiso de instrucção criminal — especie de antro de bestas féras — onde o juiz-bufo, carrancudo e despótico, lhe passa guia de marcha para a Boa-Hora onde será pronunciado e prestará fiança.

Ponhamos de parte o celebre juiz Antunes que a estas horas talvez esteja a contas com o remorço de ter trahido a *maçonaria* de que era irmão; esqueçamos o celeberrimo *Sota da Praça*, policia boçal e tarado, mixto de homem e podengo, afim de, com mais serenidade de espirito podermos dirigir das columnas deste semanario algumas verdades aos monarchicos imbecis que de contentamento esfregam as mãos, sonhando com a derrota eminente do partido republicano onde abunda a *canalha*, isto é, os desgraçados que moirejam sol a sol, mas onde certamente não se encontram *adeantados e adeantadores*, *Hintons*, *Hohenloes*, *Prediaes* e *quejandos* patifes por quem os miseros *vaganaus* de carteiras expiam as culpas, sob ferros d'El-Rei.

A monarchia, — é certo, — dispõe das nossas vidas como dispoz da nossa bolsa. Depois da pilhagem a carnificina, está no limite da logica dos grandes crimes, mas não seremos nós, — por Deus! — quem vá censurá-la por esse motivo.

Sempre preferimos a agitação com todas as suas naturaes consequencias á acalmação mascarada, porque, para que haja reacção é necessario que a acção se produza. Por outras palavras: O regime entrou definitivamente no caminho que nos agrada e que tambem parece agradar-lhe. Oxalá não se arrependa porque assim o fim approximar-se-ha mais rapidamente.

Estão sob a alçada da justiça, vinte, trinta, ou quarenta individuos? Mas isso é simplesmente nada, ó derreados esteios da monarchia! Multipliquem esse numero, cincoenta, cem, duzentos, trezentos, quantos mais facilidade as digestões. Depois, o regime sempre cobarde, ainda não teve a coragem precisa para mandar prender alguns *primos* que entram nas *choupanas* envergando por debaixo do *balandrau* ritual, a cara sobrecasaca, preferindo antes enterrar os colmilhos na carne *tenra* de outros *primos* mais humildes.

Derrotar o partido republicano?!...

Mas isso é tão possivel como procurar nuns olhos doentes as cataratas do Nyagára!

O partido republicano é hoje um exercito collossal que avança a passos largos para o futuro que já se avisinha. E' a nação que accordou do somno lethargico de tantos annos, sacudida pelas doutrinas sãs dos incansaveis peoneiros do Ideal.

Como impedir-lhe a marcha disciplinada e rapida?

Matando? Encarcerando?

Mas poderá a Ideia ser fuzilada ou encerrada numa prisão? Nunca!

Já alguem percebeu que a Terra se abalasse com o zurrar dum asno, ou que o coice da alimaria viciosa esmurrasse as ventas ao Sol?! Jámais!

Como são ridiculos e estupidos os defensores assalariados do regime!

Todos os esforços que se empreguem no sentido de salvar a monarchia resultarão nullos. A morte é inevitavel, romperam-se todos os balões de oxigenio. A verdade estrangulou a mentira e a onda de vasa accumulada em oitenta annos de constitucionalismo criminoso, sóbe mais e mais até sepultar uma dynastia tatuada.

A nação ergueu-se e solemnemente vae sentenciar.

Levantae-vos traidores, sinistros vendilhões da patria! Sobre as vossas cabeças, de réus confessos, não tardará que caia implacavel e vingadora a espada da Justiça.

J. de Barros.

Espirito mau...

Ali para os lados da Ponte do Areal, ha dias que se exibem umas sessões de espiritismo em que os que não caem de joelhos aos pés da *Santinha* são alvejados pela mesma, com toda a casta de grosserias e indecencias.

Ao sr. administrador do concelho recommendamos a *alma penada*. Uns diasinhos na cadeia á tal *santinha* em quem a *alma entrou* seria remedio efficaz, e assim ficaria o vendeiro Zé Padeiro, livre de lhe tornarem a *despedaçar os copos* e de lhe *abrirem a torneira á pipa*, e toda a visinhança de ser perturbada no somno reparador das fadigas do dia.

Informe se s. ex.ª do alarme que vae por esses logares por causa da tal intrujisse, e verá a necessidade do serviço que reclamamos.

Ccorrespondencia do

NOTAS A LAPIS

A' VOLTA DUM BATUQUE FRANQUISTA

Eu e o Gualberto rabiámos por toda a cidade durante umas tres horas bem puxadas á cata d'algum correligionario de Vasconcellos Porto, que nos podesse dar alguns informes ácerca da festança em holocausto ao novo chefe do grupelho. Já o sol nos queimava a epiderme a ponto de fazer repuxar o suor por todos os póros quando resolvemos, desanimados, ir descançar para o *Central*, onde, á hora a que chegavamos, o *tercetto* atacava uma partitura da *Cavallaria Rusticana*.

Era demais!... Puff!... Nem um franquista que comnosco tivesse relações pessoaes apparecia para nos estrangular a curiosidade que desde pela manhã cêdo nos impelia de Herodes para Pilatos!

Que maldita partida, hein?!...

— Tomas *cerveja* ou *salsa*?...

E o Gualberto piscando os olhos encarniçados abriu desmesuradamente as mandibulas num assomo de enfado e respondeu gaguejando, ao mesmo tempo que deixava cahir mollemente os braços sobre o marmore raiado da mesa:

— Prefiro a *salsa*, sempre é boa para espancar o somno.

Bati as palmas que echoaram por toda a sala. O creado correu solicito ao palmeado e inquiriu á pressa, fitando nos com um sorriso a anavalhar-lhe os labios:

— Desejam café, não é assim?...

— O quê?...

— Café...

— Nada disso rapaz! Carrega para cá com uma *cerveja* e uma *salsa*, mas isso num *ápice* porque trazemos os intestinos em brasa.

O meu companheiro escarranchado na cadeira, que gemia doloridamente a cada movimento, cabeceava já, e no auge da calma atirára para o chão, coberto de uma espessa camada de poeira, a capa desbotada e quasi no fio.

— Uma *cerveja* e uma *salsa*, annunciou o creado, dobrando o tronco numa cortezia de servo humilde e respeitador que espera gorgêta.

E num tratamento de V. Ex.ª, que me ia collocando de cocóras, perguntou se desejava mais alguma coisa, emquanto distrahidamente sacudia com as pontas do guardanapo a flanella preta das calças bem talhadas. A um signal negativo affastou-se lesto, bamboleando o corpo infesado, trauteando o final da *Cavallaria* que o *tercetto* executára com geral agrado. Os musicos agradeciam com vénias bridoadas as felicitações dos amadores da arte de *Santa Cecilia* que se agglomeravam em volta do estrado, discutindo a belleza da harmonia.

— Eh lá dorminhôco, vamos a isto que está a pejar-se de microbios!...

O Gualberto ergueu a cabeça ainda somnolenta e respondeu num bocejo:

— E' boa!... Sonhava que estava a ser chamado a *latim*!... E esta?!... Olha um *estiquête*!... Raio de maçada!...

Sorvemos dum trago os refrescos e combinou-se... conspirar!

Iria o Gualberto assistir á pagodeira. Os homens, enthusiasmados até á medula nem por elle dariam. Com umas pitadinhas de audacia e astucia tudo se conseguiria. Entretanto eu ficaria esperando...

— Que te parece o plano?

— Acceitavel...

— Bem, então tudo combinado?...

— Combinado...

Apertamos effusivamente as mãos e quasi nos iamos atirando um ao outro num atracão formidavel, se a prudencia não exigisse pouco espalhafato naquelle lance.

— Então até logo...

Um *snob* olhava-me de esguelha, media-me surrateiramente de alto a baixo e, quando me approximei, poz-se a assobiar a *Cavallaria*.

Os musicos afinavam pachorrentamente os instrumentos e o regente, homensinho anafado e côr de vermelhão, passava e repassava pela calva em concha, a espirrar banha, um lenço muito claro ensopado em essencia de violeta.

... Lá vae a *Alma de Dios*, com mil diabos, rouquejei desnorteado com os primeiros accordes da rebecca.

Aquella musica dolente punha-me molanqueirices no corpo e tonturas no cerebro. Enfiei a vista por uma janella, que se escancarava para a rua ampla e alagada de sol onde a petizada ensaiava um côro de palavrões obscenos, e parecia que as casas andavam numa sarabanda doida de bailadeiras ébrias.

Não havia que duvidar, estava a contas com uma terrivel crise de nervos!

Uma consequencia da *Alma de Dios*!...

E o Gualberto demorava-se concerteza! Verdade, verdade, não se escala assim com facilidade uma jaula onde as féras sentem no estomago upas de fôme!

Consultei o relogio que pulsava pancadinhas breves e abri a bocca num ah! prolongado d'enfado.

Tres e meia!... Já esperava havia duas compridas horas, olhando constantemente as portas largas e envidraçadas do *Café* onde os fedelhos vádios espreitavam a assistencia, fincando muito de encontro aos vidros os narizes sujos que se abatatavam, manchando-os de gordura e halito.

Dispunha-me a sahir. Era intoleravel aquillo: a atmosphera saturada e a musica já muito *sorrada*! Saudei um *mirone* conhecido que abancára a uma mesa encravada ao canto da sala, quasi mergulhada na mais tristonha escuridão e esgueirei-me ao encontro do creado que servia chavenas de chocolate tépido a umas damas formosas, de alentado *patriotismo*.

— Pague-se da despesa. E atirei-lhe uma moeda de prata. Póde guardar as sóbras.

Ainda o creado ficava a resmungar um agradecimento que nunca se gastava, apesar de servir para toda a gente, e já eu empurrava a porta que chiou um queixume irritante de ferro riscado.

Lá fóra, na Praça Velha, o sol cahia a pique; não havia nem uma fatia de sombra, e as môscas aos cardumes pegavam-se as paredes quentes, ou banqueteavam-se nas especturações repugnantes, emquanto os gatos bem tratados se estendiam ao longo das valetas numa modôrra doentia.

Dahi a instantes atravessava o passeio um desses entes miseraveis, de cerebro prostituido, que farejam a cada canto carne humana para engordar o ventre das prisões, arrastando os sapatôrros brochados que arrancavam gritos ás pédras duras e ponteagudas do asphalto, olhando-me de soslaio e piscando os olhos pequeninos e brilhantes, de rato de esgotos feridos pela luz forte do sol.

Surgiu emfim, ao tôpo da Praça, a figura miudinha do Gualberto.—Então?... gritei cá de longe. E elle disparando uma gargalhada estrondosa, recitou alto estes versos, da sublime obra de Camões, emquanto chegava até mim:

«Cantando espalharei por toda a parte
se a tanto me ajudar engenho e arte.»

—Que tal?... Assististes a alguma coisa?...

—Assisti... assisti... Imagina que o chefe nem decorar o discurso soube! Gaguejava, avançava, tornava atraz, fazia-se vermelho, agarrava com furia os botões do collete, puxava as guias do bigode, e os correligionarios attonitos cocavam os toiticos!

J. de Barros preferia a agitação à acalmação mascarada.

Matando? Encarcerando?

Mas poderá a Ideia ser fuzilada ou encerrada numa prisão?

Nunca!"

A monarquia tinha os dias contados, "*todos os esforços que se empreguem no sentido de a salvar resultarão nullos*"; a morte era inevitável, "*romperam-se todos os balões de oxigenio*".

E como competia a um eficaz texto panfletário, o remate em forma de dramática exortação:

"Levantae-vos traidores, sinistros vendilhões da patria! Sobre as vossas cabeças, de réus confessos, não tardará que caia implacavel e vingadora a espada da Justiça".

JOSÉ de Barros assinaria outro longo artigo nesta edição, desta feita em torno do repasto de homenagem a Vasconcellos Porto, que se realizara em Coimbra, uma "*festança em holocausto ao novo chefe do grupelho*" franquista.

D' "**A Patria**" respigara-se artigo de **Marinha de Campos** sobre o "**Congresso Nacional**" que funcionava na Sociedade de Geografia.

E, pelo burgo, as coisas mexiam finalmente, de modo a justificarem a atenção de Ribeiro dos Santos. Apesar do largo número de textos políticos publicados no periódico lousanense, das opiniões desassombradas e corajosas ali expendidas, o proprietário do jornal, em intróito à volta pelos sucessos da terra, dizia não ter sido nunca "*intuito nosso preocupar-nos de politica*". E com uma curiosa justificação de natureza pessoal:

"Não foi nunca intuito nosso preocupar-nos de politica, não só por que não podemos andar ao par do que de mais interessante se passa nas altas regiões onde ella se manobra descaradamente, como ainda tambem pela falta de competencia em taes assumptos; porque diga-se a verdade, não são os estudos que mais nos attrahem; jamais depois dos factos corruptos que ultimamente tem vindo a lume, e em que os que *todo lo tem mandado* são os seus principaes factores, mas ainda porque os nossos affazeres não nos permittem tal *carreira*".

Mas pela Lousã a política parecia fervilhar. O médico António da Silva Alegria aderira ao partido republicano. Depois, a vinda inesperada do ex-chefe da estação para responder no tribunal, na sequência dos acontecimentos de 11 de Julho do ano transacto.

Por último, a ida dos chefes franquistas da Lousã ao banquete de Vasconcellos Porto, "*substituto do sr. João Franco, e que como deshumano é peor do que elle, como o affirmam os seus proprios correligionarios*".

"Em quasi todos os concelhos, os franquistas mudaram de ramo, mas aqui continuam agarradinhos ao que ainda resta..." — constatava o "Commercio".

NO número 49, de 2 de Junho, Marinha de Campos continuava o relato do "Congresso Nacional" realizado na Sociedade de Geografia. D. Fernando de Serpa, "*o homem das cartas*", fora reformado no posto de contra-almirante, com a pensão annual de 1:152$000 reis. A decisão competira ao ministro da Marinha, Azevedo Coutinho:

"Na segunda feira regressava do Porto esse ministro donde vinha de assistir á inauguração da escola de marinheiros, em Mattosinhos. A certa altura entrou no wagon-restaurante onde vinha o sr. Azevedo Coutinho, o sr. Marquez de Gouveia, irmão do sr. D. Fernando de Serpa e official-mor do rei. Quando o

sr. Coutinho, ao reparar naquelle titular, ia para cumprimental o, elle não só lhe não estendeu a mão como lhe respondeu com uma grosseria. O sr. Azevedo Coutinho, esqueceu-se que viajava officialmente como ministro, e como homem atirou-se ao outro, engolfinhando-se os dois".

Narração cumprida, seguia-se o competente comentário...

"Por aqui se vê que ideia os palatinos fazem da lei. Embora o ministro da marinha cumprisse estrictamente o regulamento, o sr. Marquez de Gouveia cortou relações com esse ministro!"

Caso para constatar o óbvio: "A lei é só para os humildes, para os pequenos, para os eternos escravisados. Para as altas personagens... é outra coisa. Isto segundo o criterio dessas altas personagens. Para elles egualdade, fraternidade e liberdade... tó carocho!"

A 9 de Junho, o "**Commercio da Louzã**" atingia a barreira das 50 edições. "**A situação**" era agora escalpelizada por "**Ulpiano**".

Portugal já nos surgira como "*leão decrépito*" nas páginas d'"**O Aveirense**" e respigadas pelo seu confrade da Lousã; Ulpiano mantinha Portugal "*leão*", mas "*moribundo*". Dava no mesmo, afinal de contas:

"A reação religiosa e a reação politica, arcades ambos, vão a pouco subvertendo este desgraçado Portugal — o leão moribundo do occidente.

Triste paiz que ao saltar para a arena se tem de defrontar com tantos inimigos e que pilotado por tãos ineptos e desmasellados timoneiros singra pelo mar da vida, desconhecendo ainda a maioria da tripulação a carta das aspirações modernas!"

A remate, cumprindo a rotina, "Urge reagir!"

"A VERGONHA, PARA POLITICOS, ANDA POR MESAS ALTISSIMAS"

PAULINO continuava "**Á Lareira**", animando os seus "**Serões do Povo**". Desta feita, a separação entre a Igreja e o Estado preenchia o tema da charla.

As coligações por interesse, a divisão dos "*tachos*" públicos levavam o "**Commercio da Louzã**" até aos colegas "**O Liberal**" e "**Defeza**":

"**Congraçados?** — Sob esta epigraphe diz o nosso denodado collega de Coimbra a "Defeza": 'Falla-se em que os srs. Teixeira de Sousa e Campos Henriques vão cair nos braços um do outro. Base de negociações: um logar no conselho de estado e duas pastas para os henriquistas.

Se assim fôr, provar-se-ha mais uma vez que a vergonha, para politicos, anda por mesas altissimas'.

Não se admire o collega porque "O Liberal" de 26 de Março mettia a ridiculo, o mais possivel, o chefe Teixeirista, d'aqui, dizendo lhe entre muitas coisas chistosas, que elle tinha sido eleito clandestinamente na sua adega pelos seus rendeiros, em dia de carnaval.

Pois, apesar disto, já se falla em alguns progressistas cá do sitio, passarem para o sr. Teixeira de Sousa.

Pela nossa parte, não metteremos para ahi prego nem estopa, porque a Louzã acostumada como está, a nada receber lá do alto, nem dará por tal passagem.

E como isto nos parece obra de acabar... Vá de roda, siga a róda..."

NA edição 51, de 16 de Junho, J. de Barros cumprimentava António Alegria pela sua adesão ao Partido Republicano. O médico mudara de camisola, mas então?

"Foi um monarchico? Bem o sabemos! Desinteressadamente serviu a monarchia, como sem interesse agora offereceu o seu esforço á causa nacional. Adentro as fronteiras da democracia acolhem-se com respeito todos os homens sinceros e honrados, venham elles donde vierem".

Na página 2, continuava-se o diagnóstico d' "A situação", desta feita sem assinatura aposta.

PORTUGAL tinha novo ministério, da presidência de Teixeira de Sousa (Nota 28), o "**Commercio da Louzã**" nº 53, de 6 de Julho, não deixava a novidade em claro, socorrendo-se para tal de luzida prosa da "**Alma Nacional**":

"O sr. Teixeira de Souza organisou ministerio, e a estas horas já os leitores sabem pela imprensa diaria qual o elenco da companhia que s. exª formou para ir evolucionar na pista governamental".

De um ministério com dotes circenses, para um rei a quem a actividade intelectual causaria indigestões...

"O rei pensou e tornou a pensar, e, para não morrer n'aquelle genero de occupação, o que seria um descredito grave para sua magestade, deliberou-se a chamar o sr. Teixeira de Souza, como sendo a reserva ultima a que era forçoso recorrer no extremo das circunstancias".

O novel presidente do ministério era depois comparado ao eterno pretendente de uma dama que, antes de casar com o dito, havia experimentado sedução por uma vintena de outras paixões. Esgotada a lista, a dama chamou o pretendente "*na reserva*".

Teixeira de Sousa há muito namoriscava presidir a um ministério, a noiva real resolvera agora utilizar o reservista!

"O sr. Teixeira de Sousa está nos mesmos casos. Se nas vesperas do dia em que foi chamado a formar ministerio, tivesse ido ao paço perguntar ao rei quando elle lhe dava o poder, o rei poder-lhe-ia ter dito: espere que ainda falta um para convidar. Esse um era o triste Vilhena, que da Parede veio num automovel real, para desferir, antes de morrer para a vida politica, o seu derradeiro canto de cysne. Mas o ultimo falhou, e então o sr. Teixeira de Souza lá foi, como noivo resignado, occupar o logar de que fôra durante tanto tempo a sentinella paciente e quasi desesperada".

AO lado, uma coluna preenchida para defender que a "*questão politica*" se não afundasse no sofisma de que só a "*questão economica interessava*":

"O analphabetismo da grande maioria do povo portuguez e a falta de illustração geral dos proprios individuos diplomados com cursos superiores e especiaes teem incitado os defensores do existente a propalar as mais indecorosas falsidades e as mais extraordinarias sandices.

Entre ellas avulta a seguinte, que tem sido largamente explorada no parlamento e na imprensa por muitos illustres paladinos das instituições vigentes: o paiz não deve preoccupar-se com a questão politica, deve attender exclusivamente á solução do seu problema economico (...)

Director e proprietario
Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Anuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contrato especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

2.º anno — N.º 50 — Louzã, 9 de Junho de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 30 réis — PAGAMENTO ADEANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL — DO — CONSELHO

A situação

Numa amalgama de casos varios e de variados aspectos, casos na sua totalidade mesquinhos, e aspectos turvos, se debate actualmente a politica portuguesa que está passando por uma phase de agitação em que vão fitos os olhos dos que ainda se interessam pelos destinos de um povo, outr'ora forte, mas que hoje jaz num aniquilamento, num servilismo, numa verdadeira dependencia d'escravos.

Casos mesquinhos e aspectos turvos, dissemos e é a verdade. Nenhuma das questões que têm surgido no nosso horisonte politico é d'aquellas que tendam a resolver os graves problemas da vida, quer economica, quer social, dum povo. Reles ninharias umas, simples vergonhas outras, umas e outras tudo lama.

O vergonhoso caso Hinton, que o govêrno solucionou... addiando o parlamento para fugir ás discussões e ás responsabilidades; o descredito do credito predial; o embate do poder temporal com o poder civil, que aquelle leva de empurrada por pusilanimidade deste; a comedia do regicidio, e tantos outros casos, como os successivos adiamentos das côrtes, os adeantamentos, só servem para desqualificar um regime, só servem para mostrar até que grau desceu o barometro moral dos dirigentes da nação. E todas essas questões seriam mortas ao nascer, ou nem sequer teriam nascido, se os nossos pseudo-estadistas tivessem essa sciencia de bem governar, de que tanto blasonam, se possessem acima da politiquice de campanario, de clientellas, os sagrados deveres do paiz.

E digam-nos aquelles que por alto ou esmiuçadamente teem seguido a marcha dos negocios publicos o que teem visto. Viram já que algum ministerio por si ou por commissões estudasse a sério e imparcialmente as crises diversas que assolam a nação?

Ainda agora, o que aliaz já se sabia, o Congresso Nacional, veio patentear, e por uma forma irrefutavel, que nenhuma das questões que alimentam e funestam a vida dos povos se acha entre nós com as mais rudimentares condições de vitalidade. A defeza nacional que sugo por anno quantias fabulosas, os problemas educativo, instructivo, internacional, colonial, financeiro, tributario, etc, não passam apenas duma peta; um reles arcaboiço, que a mais leve lufada de crise, de ataque lançará por terra como castello de cartas. Ainda que muito pese á rainha se atente no que dizemos resalta logo a [illegible]

E como tudo isto se procura uma solução para este estado de coisas que nos difficulta cada vez mais a já tão custosa vida, que nos avilta a olhos de estranhos, e, o que é peior, põe periclitante a nossa nacionalidade? Cavando mais fundo ainda o abysmo. E' sancionando todos os abusos, abafando todos os escandalos. E, para não haver quem mostre á nação o descalabro que n'ella vai, reprimindo a livre expansão da critica, dando novas forças á despotica instituição que se chama o Juizo de Instrucção Criminal.

Que importa se debata nas vascas d'agonia a agricultura nacional; que as colonias apresentem deficit e se vão sumindo nas mãos do estranjeiro; que o commercio, as industrias estrebujem numa grande crise economica, que dia a dia aumente assustadouramente a divida publica, que o povo continue ignorante e rotineiro, que a nacionalidade já sinta os primeiros abalos, que importa tudo isso? Nada!

O que importa é que esta ou aquella facção politica arranje maior numero de correligionarios(?), que o são na maioria por barriguismo puro, que se galopine muitos votos, que este partido guerreie aquelle. Enquanto houver por onde, lauta boda, grossa fatia ao afilhado, viva o festim!

E depois como tantos males não fossem suficientes e bastantes para, sob todas as formas, nos perder, ainda vem pairar sobre nós a reação religiosa que mais ainda vem aniquilar as pequenas forças de aquelles que se deixam ir na sua rede de ambições do oiro e do mando.

A reação religiosa e a reação politica, arcades ambos, vão a pouco subvertendo este desgraçado Portugal, — o leão moribundo do occidente.

Triste paiz que ao saltar para a arena se tem de defrontar com tantos inimigos e que pilotado por tão ineptos e desmasellados timoneiros singra pelo mar da vida, desconhecendo ainda a maioria da tripulação a carta das aspirações modernas!

Urge reagir.

ULPIANO

Coração de Jesus

Como noticiamos realisou-se na sexta-feira a festa ao S. Coração de Jesus, que o mau tempo prejudicou muito, tanto no fogo que teve de ser queimado quasi a seguir, como na procissão que teve de ser feita no domingo ás 5 horas.

Na procissão que se via organisada com muita ordem iam encorporados os meninos da communhão, muitos angitos, a irmandade do Santissimo, a de N. S. da Piedade e auctoridades.

Em todo o percurso da procissão viam-se lindas colgaduras nas janellas, notando-se que de todas cahiam abundantes flores naturaes, tudo amarrotar as artificiaes que a sr.ª D. Eufemia Sou[illegible]

Os mordomos foram incansaveis para que a festa em nada desmerecesse dos annos anteriores, porem o temoo é que em nado os favoreceu.

A nossa musica mais uma vez se fez ouvir em toda a festa com muita correcção.

A' LAREIRA

Serões do povo

Fiquei da ultima vez em explicar-vos, principiou o sr. Antonio, o que vinha a ser a separação da egreja do estado. Lá vamos a isso. Farei por me expressar de maneira que me faça compreender porque o assumpto é de si melindroso e emmaranhado.

Em muitos paises, como o nosso, a Espanha, a Inglaterra, e outros, o Estado segue uma religião, que é considerada a religião official do estado, a que o mesmo estado está ligado e é obrigado a defender e seguir.

Em Portugal e Espanha segue se a religião Catolica Apostolica Romana. Na Inglaterra é a religião Protestante e noutros ainda outras formas de religião.

Nos estados em que ha religião official os parochos, os bispos, os arcebispos, são nomeados pelo governo, e o povo é obrigado a pagar-lhe as congruas, os serviços por elles prestados e a respeitar os cultos dessa religião. O exercito é tambem obrigado a prestar honras ao clero superior. O clero por sua vez é obrigado a fazer os assentos de baptismo casamentos e obitos, a prestar outros serviços ao estado, e e embora receba ordens do papa, não pode cumpril-as sem que primeiramente seja auctorisado pelo governo do seu paiz.

Noutros estados, porem, como por exemplo na França e no Brazil o estado não tem religião official; isto é, está separado da egreja. Cada um segue a religião que muito bem quer. Os parochos e os prelados são sustentados por quem tem devoção para isso, mas sem ser obrigado como entre nós.

— Então nessas partes não ha congruas? preguntou o João do Outeiro.

— Não ha.

— Pelo que eu percebo, disse o Domingos Moleiro, quem tem devoção com a egreja, paga um tanto para a ajuda de sustentar o padre, quem não tem, não paga?

— Exactamente.

— Isso assim não é mau, respondeu o João Russo. Mas se em portugal a gente não quisesse pagar a congrua era obrigado a isso, pois não era?

— Decerto, porque a egreja está unida ao estado.

— Mas no Brazil ha muito padre? continuou o João Russo.

— Ha. E, até mesmo em proporção, talvez mais que em Portugal.

— E vivem bem.

— Melhor que aqui. Tanto que até alguns padres portuguezes vão para o Brazil. Não teem congrua obrigatoria, mas em certa parte reunem-se uns tantos catolicos, e quotejam-se entre si para dar uma certa quantia ao padre do seu agrado para elle poder viver decentemente e desalogadamente. Se o padre é bom sujeito, se se porta bem, está. Se pelo contrario não procede bem, os que lhe pagam deixam de lhe pagar e chamam outro com quem sympatisem. Por este modo o padre é obrigado a cumprir com todos os seus deveres. Não é como aqui, que se numa freguezia estiver um parocho com quem a povo embirre, que trate mal o povo, os freguezes tem de aguental-o pagar-lhe ainda em cima.

Nos paizes em que a egreja está sendo do estado, esse estado nada tem [illegible]

zamentos, ou mortes, porque esses registos são feitos pelo poder civil. Ali o registo civil é obrigatorio. Quem tem devoção de ir á egreja vae, mas primeiro ha de fazer o registo civil quem não tem não vai.

Por estas coisas já os meus amigos podem comprehender que ha muitas vantagens, tanto para o estado como propriamente para o clero, em a egreja estar separada do estado.

— Mas então, perguntou o sr. João da Rosa, porque é que muitos padres não querem essa separação?

— Simplesmente por questão politica que fazem dessa separação. Estando a egreja unida ao Estado mais facilmente elles conseguem e realisam os seus fins de ambição, porque em geral teem debaixo de mão os politicos os governos e principaes funccionarios publicos e até o proprio chefe da nação como actualmente está succedendo em Portugal. Elles pretendem isto ou aquillo, e embora não sejam coisas de religião, elles levam nas para esse lado, e como é obrigação do paiz defender a religião que segue officialmente, teem de os attender e mesmo tambem para não levantar conflitos com a Santa Se. Se a egreja estiver separada, já o caso muda muito de figura.

Mas isto, como logo lhes disse de principio, são coisas complicadas, e não para explicar assim duma vez só e para se compreender todo o alcance logo á primeira, por isso nas nossas reuniões seguintes, sempre que venha a proposito lhe erei explicando melhor.

Paulino

Congraçados?

Sob esta epigraphe diz o nosso denodado collega de Coimbra a «Defeza»:

«Falla-se em que os srs. Teixeira de Sousa e Campos Henriques vão cair nos braços um do outro. Base de negociações: um logar no conselho de estado e duas pastas para os henriquistas.

Se assim fôr, provar-se ha mais uma vez que a vergonha, para politicos, anda por mesas altissimas.»

Não se admire o collega porque «O Liberal» de 26 de março mettia a ridiculo, o mais possivel, o chefe Teixeirista, d'aqui, dizendo lhe entre muitas coisas chistosas, que elle tinha sido eleito clandestinamente na sua adega pelos seus rendeiros, em dia de carnaval.

Pois, apesar disto, já se falla em alguns progressistas cá do sitio, passarem para o sr. Teixeira de Sousa.

Pela nossa parte, não metteremos para ahi prego nem estopa, porque a Louzã acostumada como está, a nada receber lá do alto, nem dará por tal passagem.

E como isto nos parece obra de acabar... Vá de roda, siga a róda...

Doença

Tem passado ultimamente bastante doente a sr.ª D. Martha Lopes Serra, filha extremosa do nosso dedicado amigo e illustre coronel reformado sr. Francisco Lopes Serra, que ha meses vem soffrendo tambem de grave enfermidade.

A' gentil menina que tanto tem velado pelas melhoras de seu estremecido pae, desejamos o mais rapido restabelecimento.

Desculpa

Por nos ter chegado á mão depois de impresso o nosso ultimo numero, a correspondencia de Miranda, não póde ser publicada o que fazemos hoje.

Uma serie de correepondencias d'aquella linda e aprasivel villa, nossa estimada visinha, illustrará de futuro as pa[illegible]

Para Ulpiano, "a reação religiosa e a reação politica, arcades ambos, vão a pouco subvertendo este desgraçado Portugal — o leão moribundo do occidente".
A rubrica "À Lareira" tratava, desta feita, da separação entre a Igreja e o Estado.

Director e proprietario

Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZÃ

PUBLICAÇÕES — Anuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contrato especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

2.º anno — N.º 51 — Louzã, 16 de Junho de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADEANTADO —

DR. ANTONIO ALEGRIA

Medico considerado, caracter impoluto, alma de eleição, um homem emfim na mais elevada acepção da palavra. Modesto e bondoso, os pobres teem nelle o mais dedicado amigo, quasi o irmão que carinhosamente lhes minora os soffrimentos nos transes funestos em que a desgraça inclemente os tortura no viver humilde.

Elle, o novo soldado da Republica a quem saudamos pelo seu nobre e alevantado gesto, não tem decerto as qualidades dum revolucionario audaz, mas em compensação possue uma alma generosa de apostolo que dita aos homens os mais bellos exemplos de abnegação com a sua conducta irreprehensivelmente honesta.

Poderia o honrado cidadão acolher-se ao remanso do seu lar, no enfevo casto da familia que o estremece. Poderia remetter-sea o silencio, á inacção, como criminosamente fosem tantos outros — egoistas ou cobardes mas o infortunio da Patria abalou-lhe profundamente os sentimentos de patriota que jámais trepidou no caminho a seguir.

Foi um monarchico? Bem o sabemos! Desinteressadamente serviu a monarchia, como sem interesse, agora offereceu o seu esforço á causa nacional.

Adentro as fronteiras da democracia acolhem-se com respeito todos os homens sinceros e honrados, venham elles donde vierem.

Foi assim que o partido republicano recebeu o sr. dr. Alegria, sem inquirir da sua ulterior conducta politica. E' sempre opportuno arripiar caminho, nunca é tarde para fugir ao abysmo.

Affagar esperanças de melhores dias para a nação, com os olhos fitos nas marchas e contra-marchas de regeneradores e progressistas, que successivamente vão escalando o poder?

Esperem ou desesperem, visionarios ou velhacos!

Todos os grupos da monarchia não valem já um caracol, deshonraram-se, são como banqueiros fallidos que disputam damnadamente as ultimas migalhas da sua passada opulencia.

O que resta então?

Simplesmente acabar com este estado de coisas, purificar esta atmosphera que nos entoxica, que nos assassina lentamente, erguer com o nosso esforço, com a nossa dedicação uma Patria nova, onde todos os portuguezes se amem, unificados pelos laços robustos do trabalho.

Então, e só então Portugal será feliz!

Eis aqui resumidos os motivos que [illegible]

gria a filiar-se no partido republicano, á frente do qual estão homens da envergadura moral e intellectual de Theofilo Braga, Bazilio Telles e tantos outros.

Perdoe-nos illustre correligionario se mal o julgamos.

J. DE BARROS

Conselheiro Barjona de Freitas

Na companhia de seu sobrinho e nosso bom amigo sr. dr. Abilio de Magalhães Mexia vimos na segunda feira nesta villa, o sr. Conselheiro Alfredo Barjona de Freitas.

Consta que s. ex.ª veio informar-se sobre a possibilidade do estabelecimento dum comboio traway entre esta villa e Coimbra, com o que a Companhia Real só tem a ganhar, principalmente na epoca balnear em que vamos entrar.

Dr. Antonio de Magalhães

Em casa de seu genro e nosso bom amigo sr. dr. João Augusto dos Santos, digno presidente da camara, esteve sabbado e domingo o sr. dr. Antonio de Magalhães Mexia, acompanhado de sua ex.ma esposa D Emilia da Conceição Cardoso.

Os nossos respeitosos cumprimentos.

«Defesa»

Entrou no 3.º anno da sua publicação este bem redigido jornal de Coimbra, que tem como seu director o considerado advogado e distincto jornalista dr. Antonio Leitão, coadjuvado pelo não menos denodado jornalista José Pereira da Cruz.

A independencia com que este campeão da democracia portugueza tem tratado as questões mais melindrosas e de interesse para Coimbra, não é da nossa humilde penna que pode sahir o qualificativo que ella merece. Não.

Quem o tiver lido desde o seu primeiro numero terá feito o juizo completo da honestidade da sua collaboração.

Por isso, preciso como é na sociedade actual a propagação da verdade sem sophismas nem superstições, não podemos nós que tanto amamos a justiça, com todo o nosso ardor, deixar de fazer os mais sinceros votos para que a «Defesa» do Zé Cruz e do sr dr. Antonio Leitão, viva, custe o que custar.

Congresso Municipalista

Nos dias 18 a 23 do corrente mez, inaugura-se no Porto o Congresso Municipalista.

As theses a discutir são as seguintes:

Dia 18 — *Suppressão dos impostos de consumo municipaes*, relator, dr. Duarte Leite; *Viação publica*, relator Xavier Esteves.

Dia 19 — *Assistencia infantil*, relator, dr. Candido de Pinho; *Instrucção primaria e bibliothecas populares*, relator, dr. Correia Pacheco.

Dia 20 — *Infancia desvalida e mendicidade*, relator, dr. Correia Pacheco; *Acção municipal na questão de subsistencias*, relator o sr. Bernardino Vareta.

Dia 21 — *O referendum* popular, substituindo a tutela administrativa, relator, Miranda do Valle, *Municipalisação de serviços*, relator, dr. Nunes da Ponte.

Dia 22 — *Remodelação do contencioso administrativo*, relator, dr. Duarte Leite; *O codigo administrativo* de 1896 e as franquias municipaes, relator, dr. Jacintho Nunes.

O vice presidente da camara do Por-

A desarborisação em Portugal

II

Em sessão de 7 de março de 1899, da *Sociedade de Horticultura do Porto*, de que fui um dos fundadores e era então secretario geral, levantei grito de alarme contra o córte vandálico, que se começava a fazer nos pinhaes do norte do pais, com o fim de a madeira ser exportada, uma para as fabricas estrangeiras de preparo de massas destinadas a papel, e outra para escoramento das galerias das minas de carvão de Inglaterra.

Expuz que, a não se legislar de prompto e de fórma que os córtes de arvoredo fossem feitos methodicamente, poupando as arvores novas, e não se permittisse desbaste sem ser seguido de sementeira destinada a rapido repovoamento, em breve, os montes escalvados e as dunas desguarnecidas viriam aggravar as condições climatéricas do pais, já de si bastante irregulares, por diminuição do arvoredo de tão poderosos effeitos benéficos.

E li trechos de uma revista norte-americana que largamente apontava os prejuizos que os Estados Unidos estavam soffrendo em virtude da distruição brutal nas suas opulentas massas florestaes.

Discutindo demoradamente o assumpto, foi unanimemente resolvido representar se ao ministro das obras publicas, então o conselheiro Elvino de Brito, pedindo providencias para um mal de consequencias fataes para o futuro do pais, caso não se fosse attendido como era mistér.

Na representação, que foi entregue pessoalmente ao ministro pelo presidente da *Sociedade de Horticultura do Porto* o meu velho e querido amigo Bento Carqueja, frizavam-se os males da desarborisação e accentuava se muito em especial quanto o norte tinha a soffrer com o desapparecimento do seu arvoredo, pois, não sendo retidas as aguas das chuvas demoradas pelo poder da vegetação, viriam despenhar-se em destruidoras torrentes impetuosas nos rios, que trasbordariam rapido, causando prejuizos sem conta, impossiveis de prevenir de obstar e de remediar.

O ministro recebeu a representação, concordou com ella, prometteu providenciar, e... passado pouco tempo saia do governo sem nada ter feito, e, crêmos mesmo, sem nada ter pensado fazer.

E os pinhaes continuaram a ser desbastados, os montes a ficar nús e as condicções climatéricas do pais a peorarem de anno para anno...

Os temerosos estragos das innundações potentes do fim do anno passado e começo deste, causaram surpresa e pavor, porque nós os portuguezes temos o defeito terrivel de só nos lembrar-mos de Santa Barbara quando troveja.

Se attentássemos nos males da desarborisação, haviamos de ver que, desnudando os montes, isso haveria de redundar em uma perturbação no regime das aguas correntes, fazendo as quasi estancar no verão, e crescer rapida, inesperada e fortemente ante a demora de chuvas abundantes no inverno.

Se o Douro e Trás os-Montes tivessem a sua antiga arborisação, os prejuizos das cheias haviam de ser muito menores, pois as torrentes, os regatos e os rios não cresceriam de prompto e tão violentamente, como aconteceu em todo o Minho, região ainda felizmente de densa arborisação.

A cheia do rio Douro de 22 de dezembro de 1909, a maior de que ha conhecimento, não teria sido o que foi se as aguas encontrassem arvoredo denso a attenuar-lhe o resvalamento pelas encostas e a favorecer a necessaria absorpção do sólo.

Mas, no estado em que os nossos montes se encontram, calcule-se o que a cheia poderia ter sido [illegible]

fim do anno, tivessem vindo após nevadas intensas!

Juntamente com portos de abrigo e commercial em Leixões, com docas, e melhoramentos no rio Douro, deve-se reclamar o fomento rapido da arborisação dos nossos montes escalvados.

E' ali que está, em grande parte, a solução das temerosas e repentinas cheias dos nossos rios, um remedio indiscutivel para males que podem ser ainda mais violentos e prejudiciaes que os do triste fim do anno de 1909.

EDUARDO SEQUEIRA.

Sindicancia

Afim de sindicar os actos duns militares da força que está em Serpins e que ha dias ali maltrataram um pobre homem quando repreendia as malevolencias alguns que praticavam, chegou anteontem a esta villa o sr. Capitão Viegas de infanteria n.º 24.

Já aqui verberámos ácremente o procedimento dos militares ali estacionados, sem que nos conste que providencia nenhuma fosse tomada a tal respeito. Ahi está agora o resultado.

«Vera Cruz»

Pelo nosso illustre patricio sr. Commendador Montenegro, foi nos enviado o numero especial desta importante revista de S. Paulo (Brazil) que a illustrada Academia Brazileira dedicou ao grande historiador portuguez Alexandre Herculano.

Agradecendo a subida honra da offerta, mais uma vez manifestamos a nossa satisfação, por vermos que o nosso grande amigo, apesar dos seus proximos 86, ainda lhe não passam despercebidos os sentimentos de altruismo dos dois povos mãos, quando se trata de provar a gratidão por aquelles, que, como Herculano, com sacrificio nos traçou o caminho do Bem.

Os Modestos

E' esperado com anciedade o baile infantil com que este simpatico grupo projecta abrilhantar a kermesse que promoveu em beneficio do seu cofre para soccorros mutuos.

Entre as numerosas prendas que já possuem, figura uma de alto valor, offerecida por S. A. R. o Principe D. Affonso, e o importante donativo de 20$000 reis do nosso benemerito patricio sr. Commendador Montenegro, alma sempre aberta a tudo que represente beneficio para a terra que o viu nascer.

O thesoureiro deste grupo sr José Antonio Coelho, por ordem da direcção, foi immediatamente pôr na Caixa Economica Portugueza esta quantia que será, depois com outras, applicada ao que houver de mais urgente fazer-se para a boa continuação dos trabalhos encetados.

Ha neste grupo pessoas de toda a probidade, capazes de muito, mas que por si só não podem levar a cabo tão ardua quanto ingrata missão. No entanto nada de desanimar no caminho do Bem, porque os vindouros lhes farão justiça.

A ideia de fundar uma associação de soccorros mutuos, na Louzã, já não morre, jámais com um professor que possuimos como é o sr. Correia de Seixas, que tem, com a sua caixa economica escolar, incotido nos seus alumnos o amor pela associação, taes são os beneficios que a nascente instituição tem prestado já, não só aos seus associados, como, e muito principalmente, aos pobresinhos que procurem a escola, onde podem aprender a ser uteis a si e á sociedade.

Com uma educação escolar assim encontrará o grupo d'«Os Modestos», no futuro, esforços que o não deixarão mor-

A menos de quatro meses da implantação da República, festeja-se a adesão do médico António Alegria ao Partido Republicano.

Director e proprietario

Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

2.º anno — N.º 53 — Louzã, 6 de Julho de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

BIBLIOTECA MUNICIPAL — DO — CENTRO CULTURAL — DA — LOUSÃ

ASSIGNATURAS — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 30 réis — PAGAMENTO ADEANTADO —

O NOVO MINISTERIO

O sr. Teixeira de Souza organisou ministerio, e a estas horas já os leitores sabem pela imprensa diaria qual o elenco da companhia que s. ex.ª formou para ir evolucionar na pista governamental.

O rei pensou e tornou a pensar, e, para não morrer n'aquelle genero de occupação, o que seria um descredito grave para sua magestade, deliberou-se a chamar o sr. Teixeira de Souza, como sendo a reserva ultima a que era forçoso recorrer no extremo das circunstancias.

De uma certa dama se conta que tinha, desde os quinze annos, um namoro de que não gostava, mas que mantinha alli, firme e disciplinado, para o extremo doloroso em que ella, vendo passar o extremo limite de edade casadoira, não encontrasse quem a quizesse. Nas alturas dos trinta annos, perguntava o noivo paciente: quando nos casamos? Ao que a dama, que vinha de tentar o casamento com o penultimo dos seus vinte namoros exclamou: espera, porque ainda me falta um. Esse um era o vigessimo e falhou tambem. Chegou então a vez ao pretendente fiel, mas desprezado, que, ha longos annos, vinha esbogalhando os olhos desejosos para a dama dos seus amores. Casou, e a desforra que tirou de tamanhas e tão longas torturas foi continuar, apoz o casamento, o servilismo em que se resignara nos longos annos de... esperança.

O sr. Teixeira de Souza está nos mesmos casos. Se nas vesperas do dia em que foi chamado a formar ministerio, tivesse ido ao paço perguntar ao rei quando elle lhe dava o poder, o rei poder-lhe-hia ter dito: espere que ainda falta um para convidar. Esse um era o triste Vilhena, que da Parede veio num automovel real, para desferir, antes de morrer para a vida politica, o seu derradeiro canto de cysne. Mas o ultimo falhou, e então o sr. Teixeira de Souza lá foi, como o noivo resignado, occupar o logar de que fôra durante tanto tempo a sentinella paciente e quasi desesperada. E lá está, sendo para nós indubitavel que S. Ex.ª ha de continuar no poder, para com a corôa que o acceitou, com o mesmo servilismo que lhe dedicava intemeratamente nos tempos em que ella o despresava, conservando-o na posição humilhante de o ter á ordem para o caso de não haver mais ninguem.

Que vida terá este ministerio? Curta, muito curta. O regimen está legalmente liquidado. Elle resultado da vida material e mechanica. Espiritualmente está morto. Em Portugal ainda se não proclamou a republica, mas já se conseguiu uma coisa, que é um acto revolucionario de formidavel alcance, — já se conseguiu que a monarchia não governe.

Qual a tactica dos republicanos perante o ministerio? E' facil de determinar. Deve ser de guerra sem quartel, de ataque á cabeça. Bem entendido que nós não vamos mover guerra ao ministerio pelas coisas boas que elle fizer, se elle algumas fizer, o que não é natural.

Isso seria uma indignidade politica e uma má acção pessoal. Nunca o devemos fazer, sob pena de nos desacreditarmos moralmente, e hoje, na politica portugueza, a grande questão é de moralidade. Mas não devemos ter benevolencia nem perder tempo com tacticas provisorias, fazendo parada theorica das nossas forças. Em harmonia com as ideias que temos sustentado sempre, este ministerio tem de soffrer a sorte dos outros, isto é, tem de ser guerreado sem quartel, derrubando-o nós o mais cedo possivel. A nossa missão continua a ser, principalmente, a de complicar e perturbar a vida dos partidos monarchicos, lançando a confusão nos arraiaes do regimen. Só assim podemos triumphar da força material que as instituições tem pelo seu lado; só assim nós, que legalmente somos a minoria, embora de facto sejamos a maioria, podemos vencer esse encarniçado inimigo, que não olha a processos para nos mover uma guerra de exterminio.

Da «Alma Nacional»

Dr. Adriano de Carvalho

De visita a sua ex.ma mãe, que se acha gravemente doente, esteve no domingo, na sua casa da Quinta (Serpins) este nosso bom amigo e assignante.

Que em breve a veja restabelecida, é o nosso desejo.

Dr. Alfredo Rego

Tivemos-o gosto de abraçar na nossa redacção, no sabbado, este illustre advogado, de Coimbra, que veio aqui tratar duma constellação de doação do sr. Joaquim Simões da Cruz.

Das suas qualidades de trabalho e intelligencia é de esperar o bom caminho da causa que defende.

Junta militar

A junta que funcciona este anno no D. R. R. n.º 23, é composta dos srs. Antonio Fernando do Rego Chagas, tenente coronel, presidente; dr. José Affonso Baeta Neves, capitão medico; e dos officiaes de infanteria 23, srs. João dos

Questões politicas e economicas

O analphabetismo da grande maioria do povo portuguez e a falta de illustração geral dos proprios individuos diplomados com cursos superiores e especiaes teem incitado os defensores do existente a propalar as mais indecorosas falsidades e as mais extraordinarias sandices.

Entre ellas avulta a seguinte, que tem sido largamente explorada no parlamento e na imprensa por muitos illustres paladinos das instituições vigentes: o paiz não deve preoccupar-se com a questão politica, deve attender exclusivamente á solução do seu problema economico.

E affirmam isto — muito cathegoricamente e com uma grande insistencia — como quem affirma um facto, que se encontra devidamente comprovado e que não possa soffrer a menor confestação.

Pois não pode haver maior dispautterio nem maior mystificação do que essa pretendida divergencia entre questões politicas e questões economicas!

Ha trinta ou quarenta annos, quando todas as sciencias estacionavam na sua phase metaphisica, sem um methodo seguro de investigação, sem processos garantidos de analyse e comparação; ha trinta ou quarenta annos quando a sociologia não havia estabelecido a dependencia mutua e a correlação intima de todos os factores que constituem a vida duma nacionalidade — ainda se poderiam tolerar tamanha ignorancia e tamanha inconsciencia.

Hoje, não! Apenas por um requinte de má fé, por um proposito manifesto de burla se comprehende que esses parlamentares, jornalistas chefes de partidos e ministros da corôa procurem separar a questão politica da questão economica.

Por maior que seja a sua incultura intellectual não se pode por momento sequer admittir a hypothese de que elles continuem na persuasão ultra-idicta de que um paiz possa equilibrar as suas finanças, manter o seu credito, transformar a sua vida economica estimulando o desenvolvimento da riqueza publica e tornando menos revoltante as injustiças sociaes, sem que principie por moralisar a propria administração do Estado.

Os factos são a este respeito duma evidencia irrefragavel e de uma intuição immediata.

A organisação dos poderes constituidos, mais ou menos centralisadora e mais ou menos liberal, exerce uma influencia consideravel em todas as manifestações da actividade humana e a forma do regimen politico apenas *transitoriamente* teem deixado de ter uma acção dominante nos acontecimentos economicos naquellas monarchias, que mantendo aliás o principio absurdo da hereditariedade attenuam os seus inconvenientes por meio dum *verdadeiro* constitucionalismo.

Apenas nessas monarchias em que o privilegio politico se restringe, tanto quanto possivel á pessoa do chefe do Estado; em que certas classes não gosam dum predominio exclusivo na administração publica; em que os impostos são distribuidos equitativamente e principiam mesmo a influir na distribuição das riquezas com vantagem para as classes pobres, — apenas nessas monarchias tem sido possivel arredar para um segundo plano a questão politica, por isso mesmo que o regimen politico constitue um obstaculo insuperavel á realisação das reformas sociaes.

Mas numa monarchia onde nunca chegou a ser constituido o regimen que sempre permittiu todos os abusos do poder e todos os attentados da opinião; numa monarchia que garante a impunidade de todos os grandes larapios solidamente collocados, produzindo a conformação e o retrahimento dos capitaes, a sua collocação no estrangeiro e a emigração politica tem uma opportunidade commercial e uma [illegible]

A INTELLIGENCIA DAS CREANÇAS

Observações curiosas. — O desenvolvimento gradual da intelligencia das creanças. — As recem-nascidas.

Numa revista estrangeira o dr. Jaquet narra curiosas observações feitas sobre um filho seu.

Sobre o despertar das sensações, diz o dr. Jaquet, que em condições normaes, a creança recem-nascida revela a sua existencia por meio de gritos, e durante os momentos em que está accordada, os unicos movimentos apparentes parecem ser os da respiração nos primeiros dias.

Mas não tarda a ser visivel que a sensibilidade dos labios se desenvolve muito, assim como a da pelle do rosto.

Quando se colloca um dedo na palma da mão da creança, esta agarra-o com firmeza, apesar do pollegar ficar inerte.

O sentido do paladar tambem se desenvolve notavelmente no principio da vida; agua com assucar é absorvida com satisfação, ao passo que uma solução branda de quina ou sal dá logar a caretas.

Não é facil julgar do grau de desenvolvimento do sentido do olfato, mas é provavel que seja pouco importante ou quasi nullo.

No momento de nascer, os olhos são capazes unicamente de discernir a luz da escuridão.

Por outro lado, a creança recem nascida é completamente surda durante uns poucos de dias.

As creanças não dão signal de coordenação de movimentos antes do decimo dia.

O systema nervoso central dos recem nascidos trabalha na perfeição. o desenvolvimento do cerebro é o mais lento; mas, ao passo que os centros psychicos, permanecem rudimentares, é evidente que as regiões que governam a a circulação, a respiração, a digestão, etc., estám sufficienemente desenvolvidas para exercer a sua funcção.

A intelligencia

Depois descreve o dr. Jaquet o apparecimento dos signaes de actividade intellectual nos primeiros tempos.

Segundo elle diz é a vista que se desenvolve mais rapidamente; ao fim do primeiro mez, a creança experimenta impressões visuaes.

A attenção desperta e os objectos começam a ser reconhecidos. Seguem-se dahi a pouco, as impressões auditivas para completar as impressões visuaes, e juntam se a estas muitas outras impressões por meio do sentido do tacto.

A creança mostra o seu apreço pelo fato quente, gosta de sentir os seus membros no banho e toma consciencia da sua personalidade. Estas differentes sensações não permanecem isoladas.

Pouco a pouco a creança começa a comparar e a associa-las, e destas associações nascem as ideias, embora sejam ainda muito superficiaes as associações.

Só na altura do quarto mez, é que a creança aprende a dirigir os movimentos dos braços e das mãos no sentido dos objectos e a coordenar esses movimentos de maneira a poder agarrar os objectos que vê.

O sentido de imitação é, talvez, o traço caracteristico mais importante da mentalidade infantil com respeito ao seu desenvolvimento futuro, mas é difficil dizer quando a creança adquire esta faculdade.

A creança muito nova não tem nenhuma noção do tempo e do espaço e o sentido da distancia só accorda quando ella começa a andar.

Acrescenta o dr. Jaquet que são raras as creanças que antes de um mez ou mez e meio testemunham o seu contentamento por meio de riso, e que é tambem em geral por essa edade que ellas começam nos seus gritos ou nos seus guinchos a tomar differentes inflexões

O novo ministério, da presidência de Teixeira de Sousa, começara a "evolucionar na pista governamental", segundo prosa da "Alma Nacional".
Ao lado, uma coluna preenchida para defender que a "questão politica" se não afundasse no sofisma de que só a "questão economica interessava".

Director e proprietario

Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

2.º anno — N.º 54 — Louzã, 15 de Julho de 1910

Commercio da Louzã

BIBLIOTECA MUNICIPAL — DO — CONCELHO — LOUSÃ

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200

Numero avulso, 30 réis — PAGAMENTO ADEANTADO —

Portugal no estrangeiro

COMO A POLITICA PORTUGUEZA É APRECIADA NA INGLATERRA

As palavras que vão lêr-se pertencem á *The Saturday Review* que, a despeito ser uma revista conservadora, não póde occultar a logica critica que as manifestações do regimen provoca.

O artigo tem por titulo: «A ultima esperança de Portugal».

A ultima esperança parece que é o snr. Teixeira de Souza, compadre politico do snr. Alpoim, egualmente uma *ultima* esperança a experimentar... porque n'este paiz já não ha vergonha, nem noção das circumstancias e dos factos.

«A queda de um ministerio portuguez é noticia que os inglezes geralmente lêem sem grande emoção. Na verdade, essas crises teem-se tornado tão frequentes e infructiferas, que a parte dos nossos jornaes, incluindo o *Daily Telegraph*, não julgam que valha a pena gastar tempo e espaço com a sahida do sr. Beirão ou com a entrada do sr. Teixeira de Souza. Em cinco de cada seis casos, esta indifferença é justificada pelo facto de que, em geral, cada novo ministerio portuguez larga as pastas antes que os jornalistas inglezes tenham chegado a saber os nomes de suas excellencias. Todavia, a ultima crise é uma excepção que merece certo estudo.

No dia seguinte ao assassinio do rei Carlos, um inglez que conhece muito bem Portugal escreveu: «As balas de Buiça não acabaram só com as vidas do rei e do principe real; feriram tambem mortalmente o rotativismo, tão arreigado no moderno Portugal» Todas estas palavras eram verdadeiras. Mas, embora o rotativismo tenha na verdade recebido uma ferida mortal n'esse sangrento sabbado, tem levado um tempo inconcebivel a morrer, e só passados vinte e nove mezes de soffrimentos ingloriosos é que parece chegar ao fim.

Muitos dos inglezes que estavam em Portugal a quando da ascenção de D. Manuel, podem testemunhar que se manifestou em todo o povo, de alto a baixo, um grande desejo de acabar com facciosismos e de se reunirem, leal e cavalheirosamente, todos os patriotas em torno do joven rei. Os regeneradores e progressistas, que se alternavam dentro e fóra do poder na nóra do rotativismo, pareceram submetter-se com sinceridade ao ministerio de concentração monarchica, formado por ambos sobre a presidencia extra-partidaria do almirante Ferreira do Amaral.

A' primeira vista corria tudo muito bem. Adoptando como lema a palavra portugueza *acalmação*, imperfeitamente traduzida pelo nosso *appeasement* (1) os novos ministros estavam aparentemente resolvidos a dar á sua Patria um periodo de socego e reconstituição. Mas uma sinistra influencia *trabalhava em sentido* opposto. No seu quarto de doente, o sr. Luciano de Castro, o velho chefe progressista, em breve achou excessivo este estranho e desinteressado patriotismo. Dispondo de sufficiente força parlamentar para desfazer qualquer combinação tendente a exclui-lo ou a passar por elle sem ver, elle logo punha em acção o seu poder. O gabinete do almirante foi derrubado, e, com duração de cerca de seis mezes cada um, quatro outros ministerios foram derrubados pela mesma mão occulta. Ha quem se lembre disto cõm desgosto. A muitos homens em Portugal acudia o desejo de que a doença do sr. de Castro puzesse termo a isto.

Comtudo, no mez passado, uma sombra mais negra do que a da morte cahiu subitamente sobre a cabeça do velho combatente. Sabia-se que elle tinha occupado, durante um longo periodo antecedente, um alto posto chamado governo do Credito Predial, Mas não se sabia que elle tinha praticado furtos e burlas por meio de engenhosas fraudes, que excediam em muito o maximo de peculato e corrupção que em geral se toleram aos estadistas portuguezes. De repente, veio a lume toda a sordida verdade. Foi em vão que se prenderam empregados inferiores para servirem de *bodes expiatorios*. Os obrigacionistas e accionistas burlados não se déram por satisfeitos, e um d'elles já reclamou o auxilio da lei criminal contra o antigo primeiro ministro. Encontrar-se-ha provavelmente meio de salvar o culpado da prisão, ou mesmo da galé; entretanto, a sua carreira politica está terminada, e com ella o nefasto rotativismo que elle tão precariamente conservára vivo».

(1) Apaziguamento.

ADMINISTRADOR DO CONCELHO

Tomou ante-hontem posse do logar de administrador deste concelho o sr. dr. Joaquim de Magalhães Mexia.

A posse foi regularmente concorrida por pessoas desta villa, sem distincção de côr partidaria.

Succedeu sua ex.ª ao sr. dr. Manuel Marques Pereira, que desde o governo do sr. Ferreira do Amaral aqui tem servido, apenas com interrupção duns 14 mezes, tempo que foi administrador do concelho de Coimbra.

O sr. dr. Marques Pereira não servio, como outros, a contento dos maiores influentes da Louzã, e talvez fosse por isso, que fez sempre justiça a quem della carecia, sem favoritismos.

Nos tempos que correm é muito.

Oxalá possamos dizer o mesmo do sr. dr. Magalhães Mexia, quando deixar a administração da Louzã

A EDUCAÇÃO DAS POPULAÇÕES RURAES

A acção educativa da escola poderia ir dispondo as gerações novas a tornar mais intensa a cultura da terra, pela acção dos adubos, regularização dos pousios, pela abertura de pequenos canaes distribuidores das aguas, pela arborização das serras incultas. E poderia o professor primario fazer comprehender aos espiritos simples dos filhos dos trabalhadores dos campos a vantagem da associação para, por meio de quotas, criarem caixas economicas, que poderiam, como na Allemanha, transformar-se em bancos populares, de credito agricola. E assim haveria adubos com maior facilidade, evitar-se-hia a usura de bancos de exploração que infestam o norte do paiz, porque o capital-terra não pode utilizar o dinheiro a 10 por cento.

O professor primario educaria os filhos dos trabalhadores dos campos ensinando-lhes as vantagens da hygiene nas terras onde a agua corre em caudaes, e onde as crianças se não lavam, nem comprehendem as vantagens do banho. Criando prestigio, o professor primario faria o milagre de tornar rico o povo portuguez; insinuaria ás creanças a vantagem de se lavarem, de equilibrarem o trabalho com o descanso, de juntarem capital pela economia e pela associação de se alimentarem com sobriedade mas com sufficiencia. E tambem levaria á choupana do trabalhador do campo a convicção de que em Portugal está na agricultura a base da riqueza nacional. Ha no muu do *deficit* de alimentos; isso prova-se pelo facto de haver quem tenha fome, porque os ricos não jantam duas vezes e não escondem os viveres. Resta, portanto, aumentar a producção dos alimentos para que elles cheguem para a população humana. O mundo moderno tem andado entretido com a producção de automoveis, de chapeus modelos, de tecidos elegantes, de manufacturas, de pedra preciosa que invadem os povos europeus. Mas nada d'isto aumenta a producção dos alimentos, antes a diminue, porque retira braços que deveriam destinar-se a arrancar da terra o pão, de que a população humana carece.

Dr. Carneiro de Moura

CASTIGOS...

(De D. Virginia de Castro e Almeida)

Qual de nós pensa na injustiça, no mal que faz castigando com um murro a porta ou a meza onde a creança se magoou quando passou correndo e sem cuidado? Qual é o raciocinio elementar que se prende a um acto desta natureza? Pensemos nisso com serenidade e habituemo nos um pouco á ideia de que o nosso dever é ter um raciocinio mais desenvolvido e que vá mais longe do que o das creanças. A que impulso obedecemos procedendo assim? O nosso fim unico é distrahir a creança, mudar-lhe o rumo das ideias para que não pense no ponto que lhe doe; queremos que se cale, porque o seu choro nos faz soffrer ou nos incommoda O que fazemos é dizer-lhe: «A meza é má. Vamos castigal a. Consola-te porque agora tambem lhe doe a ella.» Noção de vingança instinctiva e cega;... lançar sobre a causa immediata do nosso mal o castigo injusto que apenas attinge o reflector e deixa impune o gerador da luz que incommoda. Mais tarde exigiremos do nosso filho o raciocinio; será por este processo e outros que lhe daremos as noções de justiça e de logica? Não seria mais productivo, acalmada a sua dôr, fazer-lhe ver que a culpa era sua, da sua inadvertencia, da sua falta de cuidado, e não de um objecto inerte sem vontade propria e sem acção? Adoptamos o murro, a vingança *injusta e brutal*, porque é um remedio mais rapido e mais facil, que nos toma menos tempo o nos dá menos trabalho.

Camara Municipal

Resumo das deliberações da Camara municipal da Louzã, tomadas em sessão de 2 de julho de 1910

Presidencia:—Dr. João Augusto dos Santos.

Vereadores:—Padre Antonio Lopes Cortez Froes, Cesar Henriques Lopes, e Manuel das Neves.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

—Concedeu licença a José Francisco, de Ceira dos Valles, para encimar um telheiro abrindo-lhe portas e janellas e depositar alguns materiaes na estrada, sem prejuizo publico ou particular e pagando a respectiva propina.

—Não tendo havido reclamação contra as mudanças de estradas requeridas por Alfredo Ribeiro, da Ponte Velha e Francisco de Jesus, do Porto da Pedra, deliberou a Camara encarregar o Presidente e vereador Alves de Faria de procederem ao estudo do alinhamento das novas estradas e darem informações.

—Nomeou para vogal da junta das congruas o vereador Padre Antonio Lopes Cortez Froes.

—Nomeou os informadores para o lançamento das congruas no corrente anno.

—Nomeou peritos para a licença requerida por Abilio Fernandes Serra, do Roguengo, a Francisco Baeta Pires Serra e Cesar Alves Baeta, proprietarios, do Covão, deliberando que para a referida licença se passassem os competentes editaes.

—Não tendo havido reclamação alguma contra o primeiro orçamento supplementar, deliberou a Camara approval-o definitivamente, enviando-o em seguida á estação tutolar para os devidos effeitos.

—Deliberou pedir á Ex.ma Commissão Districtal, a necessaria auctorisação para proceder ás reparações do pontão do Arinto, na estrada municipal, da Loüzã ao Marco de Cova do Lobo na importancia de 97$275 reis, com dispensa da hasta publica nos termos do n.º 5 § 1.º do art.º 427 do codigo administrativo.

—Tendo sido incluido na rede de viação municipal uma estrada da Avenida da Estação ao Casal do Espirito Santo, e existindo na secretaria os estudos do primeiro troço, da Avenida da Estação á antiga estrada da Louzã ao Freixo sitio da Calçada deliberou a camara envia los á Ex.ma Commissão Districtal para serem approvados.

—Deliberou mandar proceder ás reparações das ruas de Francisco Vianna e da Feira e de duas pequenas casas no Regueiro.

—Encarregou o conductor Gaspar de Mattos, de organisar orçamento das despezas a fazer com o concerto do caminho da Ponte de Serpins para o largo da Feira dos Bois.

—Deliberou convidar José Fernandes Carranca e mulher a legalisarem por meio de documento a venda de terreno que cedem em frente da sua casa, para construcção dum passeio na Avenida da Estação e mandar proceder ao levantamento da planta e orçamento para o referido passeio.

—Finalmente approvou o projecto de posturas para apascentamento de cabras no concelho, apresentado pelo vereador Eugenio Amaro, com as alterações, e emendas que constam do referido projecto, deliberando que logo que seja copiado e assignado se envie á estação tutelar para os devidos effeitos

FRANCISCO MINGACHOS

Acaba de fazer acto duma das cadeiras do quarto anno de medicina, obtendo distincção o nosso honesto patricio e querido amigo Francisco Rodrigues Mingachos.

Egual felicidade lhe ambicionamos nos actos que lhe restam.

A política portuguesa apreciada pelos ingleses, e de novo a instrução a ocupar as atenções do "Commercio da Louzã".

Pois não pode haver maior dispauterio nem maior mystificação do que essa pretendida divergencia entre questões politicas e questões economicas!"

Para se concluir, muitas linhas adiante que, "*numa monarchia que nunca chegou a ser constitucional porque sempre permittiu todos os abusos de poder e todos os attentados á constituição; numa monarchia que garante a impunidade de todos os grandes ladrões, altamente colocados, produzindo desta forma o retrahimento dos capitaes ou a sua collocação no estrangeiro — a questão politica tem uma opportunidade primacial e uma importancia decisiva*".

APESAR DE FRANQUISTA, AMÉRICO DE LEMOS ERA "RASGADAMENTE LIBERAL"

Espaço ainda para um panegírico a um filho da terra. Apesar de franquista, Américo de Lemos era "*rasgadamente liberal*", por tal merecia laudas...

"**Dr. Americo de Lemos** — No dia 27 de Junho concluiu a sua formatura em philosophia, continuando os seus estudos para Medicina, este nosso estimadissimo patricio, que allia ao bello caracter de que é dotado uma simpatia inexcedivel entre nós.

Americo de Lemos, é dos poucos Louzanenses, que, sendo franquista, é rasgadamente liberal, vendo as coisas por um prisma muito differente dalguns seus correligionarios, a quem a intelligencia não deixou ir mais alem.

Não desejamos ferir-lhe a sua modestia, mas conhecedores da lealdade com que trata todas as coisas em beneficio da sua terra, não podemos calar, de que vemos em s. ex^{a} o honrado orientador da nova geração Louzanense.

Acceite, pois, as nossas sinceras felicitações pelo seu brilhante acto, e permitta que lhe façamos o pedido de vellar pelo desenvolvimento associativo na Louzã, onde ainda a *Galhardia* da maior parte dos seus habitantes é serem valentes na frente do seu semelhante, sendo por isso de extrema necessidade o incutir-lhe o amor pelo estudo.

Da sua bem intencionada intelligencia ha muito a esperar neste sentido".

O principal artigo da primeira página do número 54, publicado a 15 de Julho, prometia informar-nos de "**Como a politica portugueza é apreciada na Inglaterra**". A apreciação corria por conta da "**The Saturday Revue**" que, a despeito "*ser uma revista conservadora, não póde occultar a logica critica que as manifestações do regimen provoca*".

Carneiro de Moura tratava, ainda na página primeira, da "**Educação das populações rurais**"...

" (...) O professor primario educaria os filhos dos trabalhadores dos campos ensinando-lhes as vantagens da hygiene nas terras onde a agua corre em caudaes, e onde as crianças se não lavam, nem comprehendem as vantagens do banho. Criando prestigio, o professor primario faria o milagre de tornar rico o povo portuguez; insinuaria ás creanças a vantagem de se lavarem, de equilibrarem o trabalho com o descanso, de juntarem capital pela economia e pela associação de se alimentarem com sobriedade mas com sufficiencia".

APROXIMAVA-SE entretanto o julgamento de Manuel das Neves Fonseca, o chefe da estação dos caminhos de ferro da Lousã:

"No dia 18 deve responder tambem neste tribunal o ex-chefe da estação do caminho de ferro desta villa, sr. Manuel das Neves Fonseca, pelo *horrivel crime*

de, a todo o custo, *espantar* com os desordeiros que em 11 de Julho do anno passado lhe envadiram a estação e grande parte da via ferrea, com o fim de aggredirem os excursionistas republicanos que pela primeira vez visitavam a Louzã; não nos constando até hoje que soffressem o mais pequeno incommodo os apedrejadores do comboio.

Neste processo é que nos parece andar caveira de burro..."

O tempo diria que andava mesmo. Até dia 18, viviam-se momentos de ansiedade:

"O julgamento é esperado com anciedade, tanto mais por constar que virá cá fazer a defesa do sr. Neves o sr. dr. Amilcar Ramada Curto. Assim deve ser, visto sua exª ser testemunha ocular da *simphatica* recepção que os creados dos liberalões cá do burgo fizeram aos nossos hospedes".

MANUEL DAS NEVES CONDENADO

18 de Junho chegou, para Manuel Neves ser... condenado! **V. Duarte**, segundanista da Universidade, encarregou-se da primeira página para, sob o título garrafal "**Um julgamento — Justiça!?**", comentar a decisão do juiz, considerada injusta.

"Sua exª condemnou uma pobre victima que inapreciaveis e relevantissimos serviços prestou a esta terra, nesse dia de negra memoria para a dignidade dos louzanenses".

O texto é parco em detalhes sobre o teor da acusação que levara Neves a sentar-se no banco dos réus. Percebe-se que o simpatizante republicano era acusado de ter agredido algum ou alguns dos apedrejadores de 11 de Julho...

"A causa determinante da accusação, V. Exª viu bem que ella consistia no facto de Manuel das Neves, haver segurado pela gola do casaco, um rapaz — e digo segurado porque, ainda mesmo que num momento de excitação pudesse exercer uma certa violencia, tal rapaz não appareceu com ferimento ou lesão de qualquer natureza, o que evidentemente aconteceria se se dessem os factos como as testemunhas de accusação referiram — do momento em que esse rapaz e outros atiravam pedras a uma carruagem que cheia de passageiros, seguia pela estrada".

Apesar do inesperado desenlace, duas consolações de permeio. A primeira residente no triste desempenho de duas das testemunhas de acusação. O juiz perguntara-lhes o significado da expressão "*Viva a Monarchia*" que abundantemente gritaram na "*recepção das pedras*"...

"Que provas mais poderosamente esmagadoras são precisas para justificar que os tristes acontecimentos dessa data, são devidos sómente a uma sucia de exploradores infames, alem dessa prova verificada no tribunal em que o nobre juiz inquirindo de dois louzanenses o que quer dizer: viva a *monarchia!* ouve por egual a ambos:

— Não sei, sr. Juiz!"

A outra consolação bebiam-na nas palavras do magistrado. Apesar de ter condenado o ex-chefe de estação, o juiz Moncada foi severo no intróito, para com os apedrejadores:

"Effectivamente, sua exª bem clara, bem nitidamente accentuou quanto era para lamentar que, casos essencial e verdadeiramente criminosos, praticados nesse malfadado dia 11 de Julho de 1909, evidentemente por habitantes da

Louzã, ficassem impunes, e que sómente para Manuel das Neves apparecessem testemunhas que a si proprio indignaram, tal a inconsciencia e malevolas intenções dos seus depoimentos".

NOBRE **Martins**, em prosa longa, debruçava-se também sobre o julgamento. O juiz passava quase incólume no teste do articulista:

"Condemnou por um erro de apreciação. Errou. Mas por ter errado não deixou de merecer a nossa consideração".

A revolta assentava noutros...

"O que nos revolta é que houvesse quem fosse para o tribunal affirmar sob juramento o que nunca existiu, que houvesse quem fosse ao tribunal attribuir a um homem honrado uma acção má que elle não praticou, e isso com manifesto intuito de servir a causa commum dos apedrejadores.

O que nos repugna é que não houvesse na Louzã, salvas rarissimas e honrosissimas excepções, um protesto forte contra a calumnia de que foi victima incauta um homem de bem.

É que Manuel das Neves é um perseguido politico. É que Manuel das Neves por ser republicano é que foi chamado aos tribunaes!!"

O jornal dava ainda conta de que, findo o julgamento, "*foram os srs. Neves, dr. Nobre Martins e Victor Duarte, convidados pelos republicanos da Louzã, para uma merenda que teve logar no hotel Sarmento, decorrendo enthusiasticamente, no meio de uma intimidade inexcedivel*".

Outros convivas se juntaram à "*festa*", encontrando-se entre eles o proprietário e director do "**Commercio da Louzã**", Júlio Ribeiro dos Santos:

"Em cada brinde que se levantava viam se novos laços de confraternisação entre os convivas, para a lucta commum a todos os homens de bem, que é a lucta pela santa causa da Liberdade".

CONDENADO POR HAVER FLORES EM JULHO...

E até o cronista de Miranda do Corvo, que assinava "**Zéphyro**", descansava desta feita da política do concelho vizinho, para deambular pela política nacional, com tempo ainda para também se debruçar sobre o julgamento de Manuel Neves. Aconselhava o juiz a não desancar de novo nas testemunhas da Lousã, acusando-as de mentirem descaradamente à justiça:

"Ah! Senhor juiz, senhor juiz, não diga muitas dessas porque se arrisca a ser corrido. É verdade que os tempos não vão bons de mais para os caciques que o cercam... mas...".

Certo, certo era ter Zéphiro saído enojado do tribunal...

"(...) sobretudo com dois depoimentos. O depoimento dum *espechinguinha*, que viu imaginariamente enforcado pelo chefe Neves entre as solipas, o queixoso, é tudo quanto ha de mais ridiculo e pasmoso". Do segundo depoimento esquecera-se a razão do nojo.

Inspirado, Zéphiro expendia curiosa tese: se Janeiro fosse o mês marcado para a excursão republicana, o julgamento do chefe Neves não teria tido lugar...

"Porque em janeiro não ha flores; e não as havendo, o sr. Neves não poderia ter commetido o crime de ter mandado uma sua filha offerecer a Ramada Curto,

seu amigo pessoal, um ramo de flores num dia de uma festa consagrada a este illustre e notavel academico já honra da oratoria portuguesa, que caminha a passos agigantados para a Luz".

"*É isto*" — asseverava o cronista de Miranda, "*o chefe Neves respondeu sómente por haver flores em julho, não foi por prender pela gola do casaco um garotola qualquer que dentro da linha perturbava a ordem e apanhava pedras para arremessar*".

A 30 de Julho, Júlio Ribeiro dos Santos denunciava com vigor amargurado intrigas de que era alvo:

"Existe aqui, como aliàs em todos os pequenos burgos, uma corte que estupidamente se compraz em malsinar, estropiar e confundir ideias, factos e pessoas, quando porventura divirjam ou discordem daquillo que em seus atrophiados bestuntos permanece, inoculado e inspirado nos felizes momentos de attenção que os seus mentores lhe dispensam".

"É ver como essa tropa estraga e inutilisa iniciativas, deturpa intenções, ocasiona o estacionamento e até mesmo o retrocesso de tudo o que não seja da sua *lavra*, que se caracterisa por tresandar a bolorento e archaico" — continuava Ribeiro dos Santos, triste por tais procedimentos de gente da terra amada, mas as fronteiras de um Homem não se limitavam já ao torrão que o vira nascer...

"Como porem a Patria se não encerra no limitado horisonte da terra em que nascemos, como a humanidade não é apenas constituida pelos vizinhos do burgo ou da cidade em que habitamos, assim a actividade dos homens se não restringe no meio onde vivem ou hajam de viver.

A Patria e a Humanidade vão tão longe que bem podemos dizer não conhecerem fronteiras. E a actividade humana pode exercer-se em longinqua esphera d'acção".

O director do "**Commercio da Louzã**" já se percebera não ser homem para parar à primeira adversidade. Dissera-o noutra ocasião, voltava a repeti-lo:

"Não estacionaremos comtudo. Parar é morrer. E por isso iremos sempre para a frente, com quanto isso lhes pese".

D. MANUEL NA LOUSÃ, EM EXCESSO DE VELOCIDADE

A passagem do Rei D. Manuel pela Lousã não ocupava mais de sete linhas! O motivo de tal sovinice em texto explicava-se na própria notícia:

"Na quinta feira, ás 7 horas da manhã, passou nesta villa, em automovel, com direcção á estrada de Góes, El Rei D. Manuel.

Acompanhavam-no duas senhoras que não poderam ser reconhecidas pela velocidade com que o auto aqui passou!"

PELA Lousã passara também, ou melhor, repassara o Marquês da Graciosa:

"**Outra vez** — Em conferencia com os chefes politicos cá do burgo, esteve na quinta-feira aqui o sr. Marquez da Graciosa.

Desta, segundo se diz, veio para fechar o acordo eleiçoeiro.

Vá que já é amisade cá á terra..."

Director e proprietario
Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

2.º anno — N.º 55 — Louzã, 23 de Julho de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200

CONCELHO — Numero avulso, 30 réis — PAGAMENTO ADIANTADO

LOUSÃ

Reflexos de 11 de Julho de 1909

Um julgamento—Justiça!?

No venerando tribunal d'esta villa, julgou-se e condemnou-se, segunda-feira ultima, Manuel das Neves Fonseca, o ex-chefe da estação de caminho de ferro desta villa.

Jamais poderemos traduzir o confrangimento moral, profundamente pungente e doloroso que a nossa alma sentiu, no decorrer deste julgamento.

E neste momento, não podemos deixar de exclamar:

Oh! justiça humana, o que es tu mais do que um producto falivel e contingente, porventura cruel e arbitrario, indeterminado e dogmatico do modo de ser particular dos homens?!

E, justiça suprema e ideal, como são felizes aquelles que jamais attingiram a concepção do que és, na tua essencia mais pura e sublime!

Como são felizes ainda aquelles outros, que confundindo-te com a lei, numa expressão formalista, dura e bruptal — *dura lex sed lex* — num puritanismo archaico, afastam a integração dos teus conceitos da totalidade da vida social e humana!

Felizes ainda aquelles, tantos, tantos, mentalmente cegos e escravisados, que nem ao menos sequer longiquamente te conceberam!

Porque todos elles permanecem isentos de soffrimento, quando impunemente te esmagam.

Mas... como dizia o poeta «vida positiva, realidade do mundo, se tu fosses uma realidade tangivel, uma realidade que sentisse, uma realidade real, quizera ver-te jazer ante mim, para te pôr um pó sobre os peitos e calcar-te e cuspir-te nas faces!

Sim, oh! vida e realidade sociaes, o que sereis vós, *ab iterno*, alem dum conjunto hybrido, repugnante e contraditorio, em que os homens jamais deixarão de ser lobos dos homens, *homo hominis lupus*.

***

Ao dar entrada na sala do tribunal, e defrontando-nos com a figura insinuante e aspecto venerando do juiz d'esta comarca, e ouvindo-o depois no decorrer do julgamento e sobre tudo e muito principalmente nas considerações justificativas do contheudo da sentença que ia proferir, arreigou-se no nosso espirito, mais profundamente ainda se era possivel, o conceito de honra, caracter e digna altivez, de que tradiccionalmente gosa a nobre familia Moncada.

Effectivamente, sua ex.ª bem clara, bem nitidamente accentúou quanto era para lamentar que, casos esssencial e verdadeiramente criminosos, praticados nesse malfadado dia 11 de julho de 1909, evidentemente por habitantes da Louzã, ficassem impunes, e que sómente para Manuel das Neves apparecessem testemunhas que a si proprio indignaram, tal a inconsciencia e malevolas intenções dos seus depoimentos.

E a convicção e sinceridade que poz nas suas palavras—palavras que accentuadamente constituiram um formidavel libelo de reprovação e condemnação de todos esses factos criminosos, premeditadamente insinuados por uns, dirigidos e praticados por outros—arreigou, repetimos, em o nosso espirito o conceito que de sua ex.ª formulavamos.

Comtudo sua ex.ª condemnou uma pobre victima que inapreciaveis e relevantissimos serviços prestou a esta terra, nesse dia de negra memoria para a dignidade dos louzanenses.

E por isso permitta-nos o sr. Doutor Moncada que, moral e juridicamente apreciemos a sua sentença condemnatoria.

Será evidentemente, arrojo audacioso da nossa parte—simples segundanista da Universidade, com quem a applicação concreta do direito está muito longe ainda de travar relações.

Mas animados das ideias insufladas pelo mestre de direito civil, que, ao passar pelo capitulo do direito civil subsidiario, nos integrou no espirito que a complexidade e multiplicidade das relações sociaes, a incessante transformação que nellas se opera, a infinita variedade de casos especificos submettidos á sua apreciação, deviam tornar um juiz, não o simples e rigido applicador da lei, mas, e muito principalmente, o julgador equitativo, o protector e o detentor da justiça, a isso somos arrastados.

***

Ora a base e o fundamento juridico da condemnação do accusado Manuel das Neves, assentou, segundo o criterio do sr. Juiz Moncada, no facto de tres testemunhas de accusação produzirem a asseveração do motivo de pronuncia, não produzindo as tres testemunhas de defesa, d'entre as quaes só uma era de vista, elementos que pudessem destruir ou contrapor-se ao depoimento daquellas.

Mas, sr. Doutor Juiz, cego seria quem não reconhecesse a grande, a enormissima distancia moral entre as testemunhas de accusação, e sómente a primeira de defesa.

Dum lado, a inconsciencia, a ignorancia, a estupidez crassas, alliadas a um espirito de maldade inveterada, do outro a consciencia sã, legitima, recta e verdadeira dentro da verdade simples e nua.

Dum lado o depoimento previamente preparado e estudado no *tasco* terreano, em convivio commum e estupido, de criminosos confessos e seus serventuarios, do outro as coisas taes como ellas são na sua realidade objectiva.

E por isso, sr. Doutor Juiz, se no espirito de V. Ex.ª, preva; lecia este juiso, porque nós não queremos deixar de acredita-lo, e se ao coração de todo o homem de bem, ao direito, á lei, á justiça, a tudo repugnam as affirmações maldosas, antecipadamente preconcebidas, o accusado jámais deveria ser condemnado pelos depoimentos das testemunhas da sua accusação.

V. Ex.ª certamente, na sua já longa carreira de magistrado, haverá dado por iniquas decisões de jurys.

Pois coisas mais iniquas do que os depoimentos de taes testemunhas, jamais nos foi dado ver.

Mas accresce ainda, a origem, a causa determinante da accusação. V. Ex.ª viu bem que ella consistia no facto de Manuel das Neves, haver segurado pela gola do casaco, um rapaz — e digo segurado porque, ainda mesmo que num momento de excitação pudesse exercer uma certa violencia, tal rapaz não appareceu com ferimento ou lesão de qualquer natureza, o que evidentemente aconteceria se se dessem os factos como as testemunhas de accusação referiram — do momento em que esse rapaz e outros atiravam pedras a uma carruagem que cheia de passageiros, seguia pela estrada.

E sendo assim, V. Ex.ª não desconhece as disposições de direito e os artigos do nosso codigo civil que não só justificam, mas impunham ao accusado o [illegible] de fazer o que fez.

[illegible] espirito da doutrina do [illegible]368.º encorporado na do [illegible]367.º o demonstra á evidencia. E não se diga que o accusado excedeu os limites consignados no art. 2369.º

Eis pois por que asseveramos que Manuel das Neves, em nosso entendimento, foi injustamente condemnado, sob o duplo aspeto, moral e juridico.

***

Fecharemos este singello e ligeiro artigo, comentando os depoimentos das testemunhas de acusação, ligitimos filhos da Louzã, tão ligitimos como certos que, com cara alvar e impudica, se comprazem em manifestar-se totalmente refractarios ao conhecimento e noções do bem, orgulhosos, vaidosamente orgolhosos, de se conservarem, cacerrados num circulo de viciosas incongruencias e estafados principios—se é que na chateza dos seus cerebros podem existir principios—.

E, visto como em toda esta questão, prodomina essencialmente o aspecto politico, frisaremos, fundamentando-nos numa pergunta do sr. Juiz Moncada ás duas ultimas testemunhas de accusação sobre o que entendiam pela expressão — *Viva a Monarchia*—o facto tristemente desolador de que, a selvatica inconsciencia, a degradante subserviencia, manifestada por taes desgraçados no tribunal, afere implicitamente com aquella de que elles e tantos outros estavam possuidos em 11 de julho de 1909.

Que provas mais poderosamente esmagadoras são precisas para justificar que os tristes acontecimentos dessa data, são devidos sómente a uma sucia de exploradores infames, alem dessa prova verificada no tribunal em que o nobre juiz inquirindo de dois louzanenses o que quer dizer: *viva a monarchia!* ouve por egual a ambos:

— Não sei, sr. Juiz!

Reste-nos pois, como motivo de regosijo intimo, a solemne e mais completa exautoração formal desses que pretendem, a todo o custo, fazer passar em toda a parte a Louzã, como irmã gemea da Hotentotia, onde exercem as funcções de empenados *regulos* e extravagantes *ficticheis*.

V. Duarte.

UMA CONDEMNAÇÃO

Manuel das Neves, o honrado chefe que foi da estação da Louzã, chamado aos tribunaes por um crime que não praticou, foi condemnado!!

Já não lhe bastava a perseguição co-

Um ano depois do comício republicano na Lousã, o assunto voltava a merecer grande destaque. O ex-chefe da estação de caminho de ferro fora condenado, contra todas as expectativas.

...barde e traiçoeira, movida pelo caciquismo ignobil da Louzã, cujo resultado immediato foi a transferencia injusta de Manuel das Neves para uma das peores senão a peor estação dos caminhos de ferro portuguezes.

O odio negro dessa cambada sem consciencia, precisava de mais alguma coisa. A sua furia selvagem, ainda não estava satisfeita.

Era preciso que Manuel das Neves respondesse, que se fosse assentar no banco infamante dos reus; era preciso que fosse condemnado! Era preciso... e tudo se fez!!

Não nos revolta o gesto do dr. Saldanha Moncada condemnando Manuel das Neves. Pelo contrario; o dr. Moncada pelo seu procedimento leal de uma correcção absoluta, pela forma como dirigiu o julgamento e pelas palavras que proferiu antes de ler a sentença condemnatoria merece a nossa admiração como homem de bem e como magistrado incorruptivel, embora, ligamo-lo de passagem, sob o ponto de vista juridico descordassemos da sentença proferida por sua ex.ª por motivos que ainda teremos occasião de manifestar na imprensa.

Sua ex.ª condemnou porque no seu espirito calaram os depoimentos das testemunhas de accusação, e não porque tivesse desejo de condemnar e não porque desejasse authenticar com a sua sentença a selvajeria dos apedrejadores e a cobardia dos que por ventura os mandaram apedrejar, e não finalmente porque tivesse medo de absolver.

Condemnou por um erro de apreciação. Errou. Mas por ter errado não deixou de merecer a nossa consideração.

O que nos revolta é que houvesse quem fosse para o tribual affirmar sob juramento o que nunca existiu, que houvesse quem fosse ao tribunal attribuir a um homem honrado uma acção má que elle não praticou, e isso com manifesto intuito de servir a causa commum dos apedrejadores.

O que nos repugna é que não houvesse na Louzã, salvas raríssimas e honrosissimas excepções, um protesto forte contra a calumnia de que foi victima incauta um homem de bem.

E' que Manuel das Neves é um perseguido politico. E' que Manuel das Neves por ser republicano e que foi chamado aos tribunaes!!

Fosse elle um sabujo franquista que em vez de o terem chamado a sentar se no banco dos reus, em vez de o transferirem, castigando o, para uma estação pessima, teria tido um voto de louvor e estaria hoje numa situação muito bem melhor.

Mas é tempo de perguntar nós: accaso o Manuel Neves sahiu vexado do tribunal pelo facto de ter sido condemnado?

Accaso os seus inimigos da Louzã poderão ufanar-se, deitar foguetes, pelo resultado do julgamento?

Absolutamente não!

As palavras do dr. Saldanha Moncada em pleno tribunal antes de ler a sentença foram um anathema cruel com que feriu os apedrejadores e calumniadores que vivem occultos na sombra, ferindo as victimas pelas costas, traiçoeiramente. As suas palavras de uma severidade justa protestando contra os acontecimentos que se deram por occasião da excursão republicana foram a meu ver a justificação absoluta de Manuel das Neves, que sahiu do tribunal de fronte erguida sem ter sido tocado na sua dignidade de homem.

Abraçando-o por isso mais uma vez, abraço mais uma victima da mentira, da calumnia e do odio dos mandões politiqueiros.

NOBRE MARTINS

Findo o julgamento foram os srs. Neves, dr. Nobre Martins e Victor Duarte, convidados pelos republicanos da Louzã, para uma merenda que teve logar no hotel Sarmento, decorrendo enthusiasticamente, no meio de uma intimidade inexcedivel.

Tomaram parte na festa, alem dos convidados, os srs. Domingos Vaz Collaço Alfredo Filippe de Mattos, Luiz Correa, José Pereira da Cruz, Julio Ribeiro dos Santos, Abel Baptista e Bernardino Lopes Padilha.

Em cada brinde que se levantava viam se novos laços de confraternisação entre os convivas, para a lucta commum a todos os homens de bem, que é a lucta pela santa causa da Liberdade.

Os republicanos da Louzã deram uma prova de que pensam de uma forma muito diff.rente dalguns dos seus conterraneos.

Carta de Miranda do Corvo

19-7-1910

Iamos falando sobre as vantagens que podem advir para este concelho com a subida dos teixeiristas ao poder.

Quaes?

Absolutamente nenhumas.

A apostasia politica que vae invadindo as diversas facções militantes—qualquer nome que estas tenham—leva os homens mais sisudos e criteriosos a descrer de tudo e de todos neste regime de surprezas incessantes.

Quando o sr. João Camillo abandonou a *liga* progressista regeneradora nas ultimas eleições camararias, e foi reforçar o *banho estavel* do franquismo chlorotico, que aquella liga combatia com a ajuda dos republicanos, partido que ficará no caso de victoria com dois vereadores na camara, os regeneradores vorifieravam o acto, afinal legitimo do sr. João Camillo, que se vá assim ligar com o franquismo detestado e sem vergonha.

O que elles disséram, santo Deus. Nem eu me quero lembrar disso.

E afinal, toda a sua indignação em que ficou?

Ficou na ampla barriga do sr. Gonçalves, onde foram cahir com toda a sua indignação, fazendo quer directa quer indirectamente o mesmo que o sr. João Camillo fez.

Ora com tal dignidade politica que podemos esperar?—Nada.

E nada porque a politica de Costa Lobo quando mesmo no apogeu da sua importancia—que hoje não póde com uma gata pelo rabo—nunca fez nada. E a politica do sr. Adolpho Guimarães, herdeiro e senhor dos cabidos baluartes de Costa Lobo, nenhum beneficio nos deu até hoje.

Pelo contrario, poz ahi as repartições num cahos, desmoralisou os costumes e semeou o odio no concelho. Foi sempre uma politica de caprichos, indecente.

Ora o partido regenerador existente, apesar de fraco, se fosse independente e valoroso pela qualidade e energia dos seus soldados, e se no alto houvesse tambem a moral necessaria, podia arranjar adeptos tornando se sympathico e exigindo serviços que ahi se impõem como necessidades inadiaveis. Mas assim agora, todos dentro da barriga do sr. Gonçalves, toda a gente sabe o que ha a esperar delles depois da digestão feita.

E' uma nova dictadura que nos governa disfarçada.

E assim, sob o dominio da mesma gente, nada temos a esperar:—Quartel general em Abrantes, tudo como dantes.

O que vale é que tudo isto não se aguenta, e desde já prophetisámos uma quéda estrondosa, antes do fim do anno, ao sr. Teixeira de Sousa, visto que o caminho que elle segue é sob todos os pontos de vista o mesmo dos outros seus antecessores, aggravado com as illusorias apparencias da sua entrada.

E' provavel que Teixeira de Sousa, se chegar a fazer as eleições, do que duvidámos, nas vesperas do acto eleitoral e de surpreza publique algumas medidas sympathicas á opinião liberal, dominadora e segura da victoria.

Mas isso será um truc vulgaris de Lyneu, muito mal aproveitado.

Emquanto os estadistas portuguezes se não decidirem a cumprir sem preoccupações os seus programmas, dando á sua acção a apparencia real da naturalidade e da sinceridade, nenhum—nenhum, affirmo!—vae avante.

Falta experimentar José d'Alpoim, mas este grande estadista—o maior da monarchia,—não é mais do que um ponto de interrogação no horisonte da politica portugueza.

Mas o que tem isto com os interesses de Miranda?

Tem tudo.

E por hoje passemos a outro assumpto.

***

Fomos assistir ao interesante julgamento em policia correcional do antigo e estimado chefe da estação do caminho de ferro da Louzã, Manuel das Neves.

O facto do julgamento é sobremaneira extranho, inacreditavel, e, válha a verdade o Meretissimo Juiz, dr. Moncada, deu uma excellente, mas não util, lição, em certa moral louzanense, que felizmente não affecta todos os seus habitantes. O Juiz disse que lamentava que tendo se dado factos de summa gravidade em 11 de julho de 1909, nas ruas e na estação da Louzã, sómente viesse responder por um facto de insignificancia vulgar, o chefe da estação, e só contra este appareceressem provas!

Isto quer dizer, nem mais nem menos que as testemunhas da Louzã, que foram inqueridas sobre os mesmos factos, mentiram descaradamente á justiça.

Ah! Senhor juiz, senhor juiz, não diga muitas dessas porque se arrisca a ser corrido. E' verdade que os tempos não vão bons de mais para os caciques que o cercam... mas...

O que é certo é que nós sahimos enojados do tribunal sobretudo com dois depoimentos. O depoimento dum *espechinguinha*, que viu imaginariamente enforcado pelo chefe Neves entre as solipas, o queixoso, e tudo quanto ha de mais ridiculo e pasmoso.

Que inconsciencia, que estupidez! E está a liberdade de cada um de nós na mão destes factotuns caciqueiros!

Emfim o sr. Juiz applicou ao reu a mais leve pena do codigo, a despeito da contradicção que encontramos na doutrina da sentença e no justo juizo feito desassombradamente pelo juiz quando proferiu as sobreditas palavras, que mais se enobreciam com uma absolvição. Dizemos isto porque não temos a logica como uma batata.

Admiradores do fallecido Visconde do Rio Sado, que foi juiz em Lisboa, com um notavel criterio juridico, magistrado que nunca separava a Lei da razão, nem a justiça da moralidade, lembra nos neste momento esse gigante da França — O Juiz Magnand — symbolo da bondade humana. Espirito e Luz dos tribunaes, que ainda hoje assombra o mundo com as suas sentenças purificadoras e sob todos os pontos de vista humanitarias.

Admiravel exemplo que raros seguem quando sabem ser superiores a qualquer errado conceito que os prenda ao restricto artigo do codigo, deixando em admiravel abandono a psichologia humana e a acção moralisadora dum equilibrio perfeito de justiça.

Bem sabemos todos que se a excursão republicana á Louzã se realisasse em janeiro, o julgamento do chefe Neves não teria logar, porque em janeiro não ha flores; e não as havendo, o sr. Neves não poderia ter commettido o crime de ter mandado uma sua filha offerecer a Ramada Curto, seu amigo pessoal, um ramo de flores num dia de uma festa consagrada a este illustre e notavel academico já honra da oratoria portugueza, que caminha a passos agigantados para a Luz, emquanto a Louzã se vae arrastando vagarosamente na treva, que só agora começa a ser cortada pelos ainda furtivos clarões da verdade.

E' isto: O chefe Neves respondeu sómente por haver flores em julho, não foi por prender pela gola do casaco um garotola qualquer que dentro da linha perturbava a ordem e apanhava pedras para arremessar.

Não lhe bastava a cruel e vilissima transferencia com que a proverbial estupidez de Vasconcellos Porto o brindou á ordem dos caciques.

Foi tambem preciso encarnar a justiça no estofo da testemunha *que viu elle querer enforcar moço nas solipas*...

E basta por hoje.

Termino saudando Tiroliro na sua rudeza franca de beirão amigo da verdade.

E descance que o futuro anteve-se deslumbrante.

Zéphyro.

Conego Manuel Correa de Figueiredo

De visita a sua ex.ma familia encontra se nesta villa este nosso illustre patricio e assignante que ha bastantes annos se encontra no Funchal.

Os nossos respeitosos cumprimentos.

FRANCISCO R. MINGACHOS

Já se encontra entre nós este nosso illustre patricio, que na Universidade completou o seu quarto anno de medicina, com distincção em 2 cadeiras.

Sinceramente o felicitamos.

JOSÉ SIMÕES CORTEZ

Tem estado gravemente doente este honrado chefe de familia, digno professor em Serpins.

Fazemos sinceros votos pelas suas melhoras.

VIDA ALHEIA...

—Ora viva o mestre L.

—E não me largas.

—Pois não largo, não.

—Porque não vais bater a outra porta de vez em quando?

—Porque não ha ninguem que o possa substituir.

—Isso não é tanto assim.

—E' o que lhe digo

—Tu dizes que eu tenho má lingua. Ora por esse lado parece-me que não sou só eu na Louzã.

—Lá quanto a isso tem por ai muitos e muitos parceiros.

—E tu és um delles.

—Não nego.

—Então, porque não atacas a outros tambem?

—Porque você tem má lingua, é certo, mas só diz as verdades...

—Ora ainda bem que me compreendes.

—Só diz as verdades, e a sua má-lingua poucas vezes lhe dá para entrar na vida particular de cada um; falla sim, mas é nas coisas publicas, e é isso o que me convém, e corta imparcialmente, ao passo que os outros, na maior parte... compreende-me?

—Não ponhas mais na carta. Uns fallam de tudo, quer tenham quer não razão, outros puxam a braza á sua sardinha e assim tudo neste gosto.

—Ora nem mais.

—E então por aqui ha cada club de má-lingua que é mesmo um louvar a Deus.

—E clubs que tu frequentas e onde não és dos parceiros que menos jogam no jogo de cortar na casaca.

—A's vezes... ás vezes...

—Mas olha, menino, em todas as terras pequenas se dá o mesmo caso.

—Concordo.

—E ha terrinhas bem peiores que a Louzã.

—Você hoje está outro. Parece que foi empenho que lhe metteram para não fallar do melhor que por ahi vae.

—Então do que queres tu que falle? Do julgamento do Neves, já tu me disseste que esses pandigorios de Coimbra punham a publico e raso o procedimento dos *férrinhas* e quejandos.

—Isso põem.

—Então vê lá tu no que se deve mexer. Naturalmente queres fallar da tua *rega das ruas*.

—Você é bruxo.

—Já te conheço.

—Ainda bem. Mas olhe que se não adeanta nada reclamar cá na *papeleta* como você lhe chama, pelos beneficios publicos.

—Não é tanto assim. Olha o pão já vem melhorsito.

—Ora ahi tem, é por não fallarmos delle. Se soubesse que com a rega das ruas succederia o mesmo, era *homem morto* em tal assumpto.

—Mas experimenta-se uma ou duas semanas.

—Está dito. Mas olhe que não merece a pena procurar lhe o geito.

—Porquê?

—Ora porque?... Porque é camarista o senhor presidente da junta de repartidores cá do concelho e embirra comigo, sem eu saber porquê.

—Olha que menino! Tu é que não sabes porquê... Alguma partida tu lhe fizeste.

—Creia que não. Antes pelo contrario. Elle é que toda a vez que me pode carregar na... é um louvar a Deus. Ainda esta semana eu devia depor num processo em que o Padilha reclama egualdade proporcional no lançamento de collectas, e elle teve a *amabilidade* de me dispensar de tal serviço.

—Foi para te não obrigar a perder tempo. Sabe que és pobre.

—Pois olhe que lhe agradeço a si tal lembrança, porque ainda não tinha dado por tal...

—Pois então calaciinho até vêr *comié*.

—Pois está dito. Mas depois tem que me aturar. Porque verdade, verdade, eu trago-lhe uma certa vontadita, por causa dos impressos terem vindo de Coimbra, e creio ser elle o principal culpado. E o diabo é principar... Ou havemos comer todos o pouco que ha, ou ha-de haver moralidade.

—Tu estás um refilãosito que me não convens cá em casa.

—Não sei porquê?

—Porque já te mettes em assumptos que eu nunca soppuz que te mettesses. E como a maior parte desses typos ain-

Director e proprietario

Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

OBLIGAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contrato especial. Communicados 3 vezes, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

2.º anno — N.º 56 — Louzã, 30 de Julho de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200

Numero avulso, 30 réis — PAGAMENTO ADIANTADO

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO CENTRO DE ESTUDOS DA LOUZÃ

O CANCRO DA INTRIGA

Foi sempre proprio dos pequenos meios o *fervilhar* da intriga, provocadora, irritante e sempre lesiva.

Todavia, como n'esta nossa terra, em parte alguma ella *fervilhará* com mais intensa indignidade, é isto porque em parte alguma como aqui se denuncia e exerce um sabujismo tão descarado, uma subserviencia tão mesquinha, tão relesmente pacovia.

Enfeudada á opinião dos chefes, a proposito de tudo e de todas as coisas, numa obediencia cega, de passivos, sem cultura mental ou pelo menos a mais rudimentar intuição para ver as coisas por um prisma geral e independente, existe aqui, como aliás em todos os pequenos burgos, uma cahorte que estupidamente se compraz em malsinar, estropiar e confundir ideias, factos e pessoas, quando porventura divirjam ou discordem daquillo que em seus atrophiados bestuntos permanece, inoculado e inspirado nos felizes momentos de attenção que os seus mentores lhe dispensam.

E assim é ver como taes enfatuados subservientes se regosijam em anavalhar a dignidade e até os proprios interesses daquelles que, não commungando com fé e devoção nas suas capellas e capellinhas, teem a hombridade precisa para os encarar com legitima altivez.

E' ver como essa tropa estraga e inutilisa iniciativas, deturpa intenções, occasiona o estacionamento e até mesmo o retrocesso de tudo o que não seja da sua *lavra*, que se caracterisa por tresandar a bolorento e archaico.

E depois, o que sobremodo irita, é o audacioso desplante do seu proceder, a sonoridade oca e vasia das suas sentenciosas affirmações, a indocorosa e impudica maneira do seu modo de intrigar e mentir.

Nem o sagrado direito que todos teem á vida, nem os mais justos e legitimos interesses individuaes ou collectivos, nem o amor de Deus nem do proximo, essencial fundamento da doutrina de Christo que elles hypocritamente dizem seguir, os inhibe e impede de proceder assim, tão criminosamente.

* * *

Como porem a Patria se não encerra no limitado horisonte da terra em que nascemos, como a humanidade não é apenas constituida pelos visinhos do burgo ou da cidade em que habitamos, assim a actividade dos homens se não restringe no meio onde vivem ou hajam de viver.

A Patria e a Humanidade vão tão longe que bem podemos dizer não conhecerem fronteiras. E a actividade humana pode exercer-se em longinqua esphera d'acção.

E sendo assim, capacitem-se os intriguistas lesivos desta terra de que jamais conseguirão, com as suas peculiares deturpações e malsinações, esmagar as energias daquelles que, desviando-se do caminho sinuoso e escuro em que passivamente elles estrebucham, enveredaram pela estrada ampla e luminosa que conduz á pratica e comprehensão da verdade e da justiça.

Emquanto elles, posto que bem aconchegados de estomago, se debaterão perpectuamente na atmosphera do mal, na inquietação dos seus odios e das suas vaidades insoffridas, na tacanhês da sua vida de quasi animalidade, estes caminharão com placidês e serenidade, numa faina laboriosa é certo, mas com a consciencia tranquilla de haver cumprido o seu dever.

O sacrificio dignifica e enobrece os homens, mormente quando elle se pratica em beneficio social e collectivo.

O nosso deriva de agirmos em harmonia com a nossa consciencia, numa lucta de principios, de lealdade, de sinceridade, sem animadeversões nem odios, somente num desejo ardente de progresso commum, dum extremado anceio de ver minorados os soffrimentos dos infortunados e dos que padecem sede de justiça.

Os obsecados espiritos dalguns magnates, porém, não o comprehendem assim, em virtude da sua obliquidade mental, procurando por isso lesar-nos por meio da intriga.

Não estacionaremos comtudo.

Parar é morrer. E por isso iremos sempre para a frente, com quanto isso lhes pese.

Francisco da Silveira Vianna

Este conceituado banqueiro, de Lisboa que se acha ligado a uma das mais importantes familias da Louzã, esteve esta semana de visita a seus cunhados srs. João e Luiz Vianna de Lemos.

Quando dizemos importante familia queremos referir-nos ao grande industrial que foi seu sogro, ex.mo sr. João Gonçalves de Lemos, o laborioso proprietario da fabrica de papel do Penedo, que elle soube já no seu tempo, tornar a mais importante do Paiz, legando por isso a seus ex.mos filhos, alem dum nome considerado, uma fortuna bastante avultada.

Depois da morte deste saudoso cidadão que tão bem soube aproveitar a actidade dos seus visinhos, passou a fabrica do Penedo por uma crise enorme, crise com que a Louzã muito se sentiu, tendo de ser dispensados do trabalho muitos operarios.

O sr. Silveira Vianna como representante mais velho da familia Lemos, foi quem, auxiliado pelo então administrador da fabrica, sr. dr Antonio Lemos minorou essa crise, introduzindo na fabrica os melhoran entos necessarios para a collocar a par das suas congeneres do paiz, que nessa epoca se aperfeiçoavam, á porfia em toda a parte.

Mais tarde, e depois da fabrica dotada com os machinismos condignos da epoca, foram ainda estes dois individuos que trabalharam com afinco e dedicação para a fabrica do Penedo se ligar á Companhia do Prado, de que é hoje director o sr. dr. Antonio de Lemos, que tão bem tem sabido continuar a obra de seu pae.

Estes beneficios do sr. Silveira Vianna, não os esquecem a Louzã, porque na terça feira á noite lá foi com a sua philarmonica cumprimenta-lo, indo depois tambem a direcção do grupo musical «Os Modestos», como prova de apreço em que teem o seu ex.mo sobrinho dr. Americo Lemos, seu digno consocio, apresentar se lhe, com a sua tuna, a cumprir egual dever de cortezia.

Comregdamos plenamente com a manifestação d'apreço a sua ex.ª, pelo que deixamos exposto, lamentando ao mesmo tempo que os senhores que a promoveram, não aproveitassem a occasião de lhes ponderarem a crise que atravessa a classe dos transportes entre nós, depois de posto á exploração o caminho de ferro de Coimbra á Louzã, e lhe fizessem o mais instante pedido para que se intercedesse pela term nação da Estrada da Serra, como unico meio de minorar a miseria que já hoje, infelizmente se nota nos pobres carreiros e alquiladores.

Sua ex.ª nada tem a lucrar com tal melhoramento, é certo, e por isso mais seria para agradecer a sua intervenção.

E sendo como foi sua ex.ª quem mais trabalhou para a conclusão da referida linha, que representa um grande melhoramento para as terras por onde passa, certamente sua ex.ª não deixará de, do mesmo modo procurar interceder, junto dos altos poderes publicos pela conclusão da decantada estrada.

Não vá sua ex.ª tomar estas despretenciosas palavras, como insinuação, que não é mas sim como pedido de filhos do povo e que por isso mesmo bem a pár estamos do seu soffrer.

Achamos pois bem cabida a manifestação, lamentando que, tanta vez que ahi vem, (pelo menos todos os annos) o dr. Antonio Gonçalves Vianna de Lemos, talvez o maior trabalhador para que o primeiro estabelecimento industrial da comarca seja o que hoje é; — um dos primeiros do paiz, no seu genero: — a fabrica do Penedo — não tivesse ainda ensejo de ver que a Louzã, nesses melhoramentos não visse mais que o interesse proprio.

Desenvolver uma industria numa localidade não representa só o interesse proprio, representa mais alguma coisa: — artisçar capitaes e proporcionar meios de vida aos povos que a compõem.

A fabrica do Penedo tem tido annos de trinta e quarenta contos de reis de lucros, não é só devido á boa administração, é, e muito principalmente devido ao aperfeiçoamento dos seus productos, para o que o sr. dr. Antonio de Lemos não tem sido avaro em para cá mandar os mais aperfeiçoados machinismos.

Sendo rico não é usurario que se revê no dinheiro, sem abranger de que elle pode ser util a mais alguem: — á sociedade — promovendo lhe novas fontes de receita com o aproveitamento de todas as actividades.

Oxalá que todos os endinheirados lhe seguissem o exemplo. Não haveria tanto parasita como ha no nosso paiz.

E' triste dize lo. Mas na Louzã dejxam de se desenvolver actividades por falta de empresas industriaes porque o seu povo é naturalmente trabalhador.

Por isso o que existe, é para agradecer aos seus promotores.

S. M. EL-REI

Na quinta feira, ás 7 horas da manhã, passou nesta villa, em automovel, com direcção á estrada de Góes, El Rei D. Manuel.

Acompanhavam-no duas senhoras que não poderam ser reconhecidas pela velocidade com que o *auto* aqui passou!

A' LAREIRA

Serões do povo

—Então, sr. Antoninho, começou o João Russo, vamos ter eleições brevemente?

—Dizem que sim. No dia 28 de agosto.

—Mas para que fazem elles eleições, se elles arranjam só os deputados que querem?!

Diz muito bem. As eleições no nosso paiz é sempre uma coisa vergonhosa. O Povo vai votar, mas na sua maior parte não sabe o que vai fazer. Vai ali pôr na urna um papelinho que um politico lhe deu. Nem sequer conhece quem é o deputado, nem vai por sua propria vontade. Vai com o sr Fulano porque lhe deve obrigações e porque como precisa delle, tem de lhe fazer a vontade quando não o sr Fulano vinga se. E depois dizem que os deputados sam os representantes do Povo, e eleitos por sua livre vontade.

—Até parece isso uma coisa de escarneo, disse o João do Oiteiro.

— E diz bem. Mas sobre eleições havemos de fallar mais devagar um outro dia. Hoje quero explicar umas coisas a proposito dumas perguntas que me fez agora ali fora o sr. Manuel Caseiro. Preguntou-me elle que já que se fallava tanto em Republica, se ella um dia vier se isto não ficará na mesma. Se os republicanos não farám o mesmo que fazem os outros. Se tambem não terám adiheiros a quem recompensar. Se não quererám tambem apanhar boas postas etc. etc. A tudo isso é facil responder. Primeiro que tudo os republicanos não teem compromissos. Quem é republicano não o é pela barriga. E' o pelo seu amor, pela sua dedicação pela patria. E pela vontade que teem de ver o nosso paiz bem governado, bem administrados os nossos dinheiros; que o commercio, a agricultura, as industrias vivam desafogadamente e enriqueçam a nação. Se quizessem apanhar boas postas, entám fezíam-se monarquicos, galopinavam votos, diziam bem da monarquia, defendiam os grandes e calcavam o povo. Se tal fizessem seriam bem recompensados. Comeriám á larga dos cofres publicos, que tanto vale dizer á custa do povo.

— Pois decerto, disse o João da Rosa, quem entra com o dinheiro somos nós.

—Ora os republicanos sómente se prejudicam. Gastam o seu tempo, a sua saude, e até o seu dinheiro, para proclamar ao povo quaes sám os seus direitos; a combaterem quanto podem as roubalheiras que fazem lá no alto; a procurarem para a sua patria melhores dias. E além desses sacrificios todos, ainda sám perseguidos, maltratados, insultados por aquelles a quem não convem que se saibam os processos de que usam para se arranjarem. Quando um dia o Republica fôr govêrno, não vám lá pedir empregos, porque, repito, sám desinteressados. Se quisessem viver á barba longa, não eram republicanos.

— Sim, nesse caso é bom de comprehender as coisas, disse o Domingos gos Moleiro.

— Além disso, como já aqui vos disse duma vez, se bem me recordo, um presidente da Republica é só elle a ganhar, e ganha menos num anno de que o rei num mês.

E na monarquia como agora em Portugal, ganha o rei, ganha o tio do rei, ganha a mãe, ganha avó Se o rei amanhã casar, nós é que fazemos as despezas do casamento, damos um dote á noiva e ella começa logo a ganhar. Apenas nasce o primeiro filho, logo tambem começa a vencer um tanto por dia.

– Então se um rei tiver muitos filhos é uma lastima, retrocou o João Russo.

Sem duvida, pois que todos ganham.

—Como pode pois o povo erguer a cabeça, comentou o Teotoneo Maneta.

Júlio Ribeiro dos Santos, indignado com todos os que se opunham ao jornal que dirigia e do qual era proprietário, prometia continuar, porque "parar é morrer".

"VAE O DIABO PELO PAIZ"

ZÉPHIRO, de Miranda do Corvo, olhava o todo nacional: "**Vae o diabo pelo paiz**". No concelho vizinho, a luta eleitoral prometia animação:

"Vae por cá muito renhida a lucta eleitoral andando no meio della um pobre comido que não chega a ser descomido. Delle fallaremos.

O que pedimos sinceramente aos eleitores do nosso concelho é que continuem a deixar-se enganar com promessas e que não tirem a albarda de cima do lombo.

Ah! povo, povo, porque não has de tu ter juizo e vêr?!

Pága, pága — e não bufes. Tens a fortuna na mão e não a enxergas!"

PELO país, a luta eleitoral surgia "*pavorosa*" na edição 57 do "**Commercio da Louzã**". Os caciques manobravam a preceito os eleitores, que o eram — eleitores — perante a lei, "*mas não passando de inconscientes, impudicamente arrebanhados, a eleger homens (?) a quem pessoal e socialmente desconhecem*".

A "Coligação Eleitoral" levava vergasta de pena:

"E senão é ver-se a audácia, o desplante como esse producto hybrido e incongruente, que reune na mesma amlgama, a mais reles politicagem portugueza, e que houve por bem baptisar-se com o nome de Colligação Eleitoral, fala e barafusta em toda a parte".

A remate, um lamento: "*um desespero enorme nos avassala: o reconhecimento bem profundo e intimo de que nesta terra como em tantas outras ainda, continuarà sabe Deus até quando, este triste estado de coisas; os eleitores a serem elementos passivos em que os caciques assentam e apoiam as suas audaciosas imoralidades politicas*".

"O POIARENSE" ADERIU À REPÚBLICA

NA segunda coluna da primeira página, gáudio pelo facto de "**O Poiarense**" se ter declarado abertamente republicano. Apesar de fazer "*nossas*" as palavras "*tão cheias de patriotismo*" do jornal vizinho, o "**Commercio da Louzã**" explicava aos leitores porque não se declarava também republicano. Uma explicação de certa forma enigmática, ao ancorar tal posicionamento na vontade de não entrar em choque com "*pessoa que desde tenra edade nos aconselhou*":

"E vem a proposito dizermos aos nossos conterraneos que tão generosamente teem protegido o nosso *Commercio*, a razão porque já de ha muito não trilhamos o caminho aberto agora pelo *Poiarense*: — Nunca desejamos pôr-nos em choque com pessoa que desde tenra eddade nos aconselhou e nos deu o exemplo do trabalho como unico caminho do progresso e bem social; e que apesar da sua elevada posição social nunca nos olhou com indifferença, como tantos outros que por ahi se consideram senhores e possuidores do torrão que os viu nascer.

É pois pelo que deixamos exposto que o Commercio da Louzã não tendo até hoje politica nenhuma, tem todavia dentro das forças do seu proprietario apenas combatido a iniquidade, seja qual fôr a sua proveniencia.

Vivendo assim, só tem procurado viver harmonicamente com todos os seus visinhos, não deixando de pensar que, no momento decisivo é preciso

mostrar com factos que sendo pela familia que se devem fazer todos os sacrificios, se lhe não deve legar uma patria viciada dos males de que ha tanto tempo enferma, como os escandalos ultimamente vindos a publico, o demonstram". (Nota 29)

Seguia-se a "*proclamação republicana*" do vizinho "**O Poiarense**", que finalmente declarara opção "*entre essas duas massas que se encontram prestes a chocar-se — uma, egoista, defendendo apenas a barriga, ē a outra procurando generosamente rasgar um novo horisonte de Egualdade e Fraternidade*".

Os jornalistas d' "**O Poiarense**", "*almas sedentas de liberdade, verdadeiros democratas — posto que humildes, — creaturas que amam a valer a sua terra, a sua Patria, e que por ella são capazes de dar o proprio sangue, a propria vida*", confessavam a voluntária mordaça que, durante muito tempo, congelara o "*grito que a toda a hora pretendia soltar-se-nos dos labios*":

"Recalcamos sempre — e sempre com o coração sangrando e a intelligencia a revoltar-se — esse grito libertador das nossas consciencias".

Haviam-no feito "*não por medo ou cobardia, mas porque suppunhamos ser isso de maior interesse para estas boas terras de Poiares*".

"Dezoito mêses de experiencias trouxeram-nos a demonstração de que erravamos o caminho, visto que nada se conseguia".

O tempo de soltar o grito chegara finalmente:

"Não podemos, nem devemos pois, supportar mais tempo esse peso enorme que tem tolhido muitos dos nossos movimentos, que tem aprisionado algumas vezes o nosso pensamento, que nos não tem deixado luctar tanto quanto deviamos pelo nosso ideal.

Quebramos, por isso, essas cadeias e, de olhos fitos na redempção duma patria que é nossa e á qual devemos todos os sacrificios, succeda o que succeder, reserve-nos o que reservar o dia d'amanhã, o nosso grito será d'oravante o grito redemptor de um povo:

— Pela Republica!"

UM VOTO E UMA SENHA PARA O "BACALHAU ALBARDADO"

O número 58, de 31 de Agosto, tratava das eleições realizadas no domingo anterior (Nota 30). O repórter destacado às urnas não trazia boa impressão do espectáculo:

"Lá estivemos no domingo a apreciar alguns bocaditos da *legalidade* com que são feitas as eleições cá pelo *burgo*.

A meza foi constituida ás 9 horas e 15 minutos; sendo lido pelos diversos influentes monarchicos os alfarrabios que deviam regular o acto eleitoral, accordaram em serem distribuidos á bocca da urna, as listas aos eleitores, que as recebiam fechadas e, sem verem o que continham, as passavam á mão do presidente que as lançava d'entro da urna, que havia de acusar o resultado final da eleição.

De maneira que os chefes, rodeados de grande quantidade de janizaros, lá estavam na *faina* do costume, de dizer aos eleitores: — este é meu, este é meu; e depois do eleitor resolver de *quem era*, lá recebia a lista na mão direita e na esquerda a senhasinha para o *bacalhau albardado* e respectiva murrassa com que regar o dito".

O espectáculo era, sem dúvida, pouco edificante. E muito diferente do que se passaria nas cidades, na convicção do jornalista:

"Emquanto nas grandes cidades, o eleitor illustrado vota pela salvação da patria, detestando os seus vendilhões, pelas aldeias onde a decima parte d'elles não sabem lêr, lá vão dar o seu voto ao primeiro intrujão que lhe aparece com promessas, que não cumpre, ameaças que seriam o sufficiente para os metter na cadeia se a lei, apesar do seu draconismo, fosse cumprida". (Nota 31)

Para o número seguinte, prometia-se "*nota das vinganças que alguns caciques teem praticado por aqui, pedindo aos senhorios para despedirem os que lhe não quizeram dar o voto*". (Nota 32)

Nota-denúncia, até porque "*o nosso jornal não veio á luz para bajular as classes previligiadas, mas sim para defender os oprimidos, tanto quanto, nas forças do seu proprietario caiba*". (Nota 33)

NA página dois cumprimentava-se pela eleição para deputado o lousanense Francisco José Fernandes Costa, pelo Partido Republicano, no círculo de Setúbal.

E do lisboeta "**O Mundo**", chegavam novas respeitantes ao vizinho "**O Poiarense**":

"No sabbado, o correspondente em Lisboa para o *Poiarense* enviou para aquelle periodico o seguinte telegramma:

Comicio republicano foi grandioso. Foi o mais concorrido dos que se tem realisado em Lisboa. Os candidatos republicanos extraordinariamente victoriados. O governador civil ordenou ao comandante da policia que recommende aos seus subordinados as listas governamentais. A galopinagem anda desenfreada.

Este telegramma não foi expedido, porque a censura o considerou subversivo. Evidentemente, a censura está feita com o blóco *predialista* para comprometer o governo. Só por essa maneira se explica que fosse sustada como subversiva a circulação de um telegramma mais que inofensivo".

O "**Commercio da Louzã**" rematava, sugerindo ao jornal lisboeta que se não admirasse tanto, pois "*num circulo onde o franquismo e prediaes desdobram não era boa tal noticia*".

"A MONARCHIA, DESABA!"

FALTAVAM 29 dias para a implantação da República. A 6 de Setembro saía o número 59 do "**Commercio da Louzã**", que manchetava "**A Monarchia, desaba!**"

Constatação tirada das eleições de 28 de Agosto, "*que vieram comprovar, decisiva e flagrantemente, que a nação portugueza abomina hoje mais do que nunca o regimen monarchico*":

"Effectivamente, um facto novo se mostrou, duma maneira formal, á nossa espectativa, no decorrer do acto eleitoral.

Nos mais reconditos e obscuros burgos do paiz, a urna provou-nos a existencia, resoluta e decidida, da ideia republicana, que é como dizer que a toda a parte chegou já a vontade e o desejo de eliminar o systema politico que se tem

Director e proprietario
Julio Ribeiro dos Santos
Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA
PUBLICAÇÕES — Anonymos, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes em 4ª publicação demorada, contrato especial. Communicados e reclames, 40 réis por linha
Aos srs. assignantes tem 50 por cento de abatimento

2.º anno — N.º 57 — Louzã, 23 de Julho de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$500; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADIANTADO —

BIBLIOTECA PÚBLICA — DO — CONCELHO — DA — LOUZÃ

Eleições

É pavorosa, bem podemos dizer, a lucta eleitoral que vae travada por esse paiz fóra!

Infelizmente, porem, nada ha, absolutamente nada, que possa compara-la ás luctas eleitoraes dos paizes cultos, como ha pouco ainda vimos na Inglaterra, em que os elementos exclusivos destas luctas, são apenas as ideias, os principios, a dignidade pessoal e politica dos estadistas, os mais altos interesses dos cidadãos, o mais amplo engrandecimento da patria.

Em verdade, emquanto lá, na propaganda dos partidos politicos, sómente são usados, como elementos de combate aquelles meios que, sem deixarem de ser poderosamente honestos, influem no animo dos cidadãos, decedindo-os pela opção e preferencia d'este ou d'aquelle homem publico, para o exercicio das altas funcções legislativas, aqui, taes elementos são as mais desenfreadas immoralidades, perseguições, subornos, ameaças, toda a casta emfim de torpezas politicas.

E senão é ver-se, a audacia, o desplante com esse producto hybrido e incongruente, que reune na mesma amalgama, a mais reles politicagem portugueza, e que houve por bem baptisar-se com o nome de Colligação eleitoral, fala e barafusta em toda a parte.

E' ver como encarniçadamente o caciquismo manobra, em toda a parte, onde veja ameaçados de ruina e esvasiamento o estomago e as intolerantes vaidades.

E se a malta politica da Colligação, chega a causar nauseas na sua linguagem e nos seus processos, é preciso accentuar que atraz lhe não fica o governo, este governo de ambiciosos, que não recuará na pratica das mais audaciosas imoralidades, para a conservação e segurança do poder e do mando, unicos objectivos das pequenas oligarchias do regime que ainda sobre nós pesa tão desalmadamente.

E se lançarmos um olhar retrospectivo para o que se passe e se exerce, não só na actual campanha eleitoral mas ainda para os que se hão feito, nesta pobre terra, desde a implantação entre nós do constitucionalismo, que mar immenso de miserias se nos depara!

Eleitores, perante a lei, mas não passando de inconscientes, impudicamente arrebanhados, a eleger (?) homens a quem pessoal e socialmente desconhecem e consequentemente desligados de compromissos, que um eleitorado illustrado e consciente, assim para que os interesses, direitos, locaes, regionaes e geraes, sejam garantidos e proporcionalmente attendidos.

Ao fazermos estas ligeiras e breves considerações, um desespero enorme nos avassala: o reconhecimento bem profundo e intimo de que nesta terra como em tantas outras ainda, continuará sabe Deus até quando, este triste estado de coisas; os eleitores a serem elementos passivos em que os caciques assentam e apoiam as suas audaciosas imoralidades politicas.

O "POIARENSE,,

Este nosso collega que se publica no visinho concelho de Poiares apresentou-se no seu n.º de 21 do corrente abertamente Republicano.

Como homenagem á verdade e para que os nossos leitores conheçam a indole deste nosso illustrado collega transcrevemos na integra o seu artigo de apresentação, cujas palavras, tão cheias de patriotismo, fazemos nossas.

E vem a proposito dizermos aos nossos conterraneos que tão generosamente teem protegido o nosso *Commercio*, a razão porque já de ha muito não trilhamos o caminho aberto agora pelo *Poiarense*: — Nunca desejamos pôr-nos em choque com pessoas que desde tenra edade nos aconselhou e nos deu o exemplo do trabalho como unico caminho do progresso e bem social; e que apesar da sua elevada posição social nunca nos olhou com indifferença, como tantos outros que por alli se consideram senhores e possuidores do torrão que nos viu nascer.

E' pois pelo que deixamos exposto que o *Commercio da Louzã* não tendo até hoje politica nenhuma, tem todavia dentro das forças do seu proprietario, apenas combatido a iniquidade, seja qual fôr a sua proveniencia.

Vivendo assim, só tem procurado viver harmonicamente com todos os seus visinhos, não deixando de pensar que, no momento decisivo é preciso mostrar com factos que sendo pela familia que se devem fazer todos os sacrificios, se lhe não deve legar uma patria viciada dos males de que ha tanto tempo enferma, como os escandalos ultimamente vindos a publico, o demostram.

Seguem as palavras do *Poiarense*:

«O momento é decisivo.

A população portugueza encontra-se dividida hoje só em dois agrupamentos politicos: — o monarchico, constituido quasi exclusivamente pelos que teem sido directa ou indirectamente conniventes nos grandes esbanjamentos que tem acarretado ao paiz a deploravel situação economica em que elle se encontra, e que são por isso strenuos defensores de todos os attentados contra os interesses da nação, partido republicano, que tem tão sómente em mira a salvação d'este querido torrão portuguez, derrubando um regime que nos tem conduzido á miseria, creando homens conscientes e não escravos, derramando a luz benefica da instrucção, e cuctando uma nova era de Paz, de Liberdade, de Progresso.

Entre essas duas massas que se encontram prestes a chocar-se — uma, egoista, defendendo apenas a barriga, e a outra procurando generosamente rasgar um novo horisonte de Egualdade e Fraternidade, — não podem os espiritos livres, verdadeiramente patriotas, hesitar.

Quem nos tem lido, deve ter verificado que adentro da redacção do nosso modesto semanario ha apenas almas sedentas de liberdade, verdadeiros democratas — posto que humildes, — creaturas que amam a valer a sua terra, a sua Patria, e que por ella são capazes de dar o proprio sangue, a propria vida.

Nunca, porem, erguemos abertamente, perante aquelles que nos lêem, o grito que a toda a hora pretendia soltar-se-nos dos labios.

Recalcamos sempre — e sempre com o coração sangrando e a intelligencia a revoltar-se — esse grito libertador das nossas consciencias.

E fizemol-o não por medo ou por cobardia, mas porque suppunhamos ser isso de maior interesse para estas boas terras de Poiares onde tinhamos tomado a peito a missão de congregarmos todos os elementos que a podessem fazer progredir. Fizemos, pois, aquelle sacrificio em prol da terra. Enganamo-nos porém.

Dezoito mêses de experiencias trouxeram-nos a demonstração de que erravamos o caminho, visto que nada se conseguia. Por insufficiencia de forças nossas? Não era razão bastante?.. O que é facto é que a desagregação continuou, augmentou mesmo.

Não podemos, nem devemos pois, supportar mais tempo esse peso enorme que tem tolhido muitos dos nossos movimentos, que tem aprisionado algumas vezes o nosso pensamento, que nos não tem deixado luctar tanto quanto deviamos pelo nosso ideal.

Quebramos, por isso, essas cadeias e, de olhos fitos na redempção duma patria que é nossa e á qual devemos todos os sacrificios, succeda o que succeder, reservo-nos o que reservar o dia d'amanhã, o nosso grito será d'oravante o grito redemptor de um povo:

— Pela Republica!»

Data historica

Fez na quarta-feira, 10 de agosto 118 annos que foi a tomada das Tulherias.

Foi a 10 de agosto de 1792, tres annos e um mez após a tomada da Bastilha, desse movimento grandioso que iniciára na rua, a grande Revolução francesa. Razão tinha quem, ao noticiar a Luiz XVI o feito de 14 de julho de 1789, rectificou a pergunta do rei dizendo-lhe que se não tratava duma revolta, mas de uma Revolução. Luiz XVI não acreditou. E a prova é que, depois de ter jurado, em 1790, fidelidade á Constituição, faltou como um rei ao seu juramento, conspirando com a mulher e com a côrte para restabelecer o absolutismo, para o que chegou elle, Maria Antonietta, ou os dois, e com elles a camarilha, a roubar dos dinheiros da nação, a fazer vir para Paris tropas estrangeiras, a fazer fugir para o estrangeiro os seus irmãos, a fazer vir para Paris, para o palacio das Tulherias, os seus amig

Director e proprietario

Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão,-redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

2.º anno — N.º 58 — Louzã, 31 de agosto de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 50 réis — PAGAMENTO ADIANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL
CONCELHO
— DA —
LOUSÃ

MORALIDADE MONARCHICA

A eleição de domingo

Lá estivemos no domingo a apreciar alguns bocaditos da *legalidade* com que são feitas as eleições cá pelo *burgo*.

A meza foi constituida ás 9 horas e 15 minutos; sendo lidos pelos diversos influentes monarchicos os alfarrabios que deviam regular o acto eleitoral, accordaram em serem distribuidas á bocca da urna, as listas aos eleitores, que as recebiam fechadas e, sem verem o que continham, as passavam á mão do presidente que as lançava d'entro da urna, que havia de acusar o resultado final da eleição.

De maneira que os chefes, rodeados de grande quantidade de janizaros, lá estavam na *faina* do costume, de dizer aos eleitores: — este é meu, este é meu; e depois do eleitor resolver de *quem era*, lá recebia a lista na mão direita e na esquerda a senhasinha para o *bacalhau albardado* e respectiva murrassa com que regar o dito.

Emquanto nas grandes cidades, e eleitor illustrado vota pela salvação da patria, detestando os seus vendilhões, pelas aldeias onde a decima parte d'elles não sabem lêr, lá vão dar o seu voto ao primeiro intrujão que lhe aparece com promessas, que não cumpre, ameaças que seriam o sufficiente para os metter na cadeia se a lei, apesar do seu draconismo, fosse cumprida.

Mas... já o disse aqui, o **grande Dine**: — a lei fez-se para os opprimidos e não para os oppressores.

E assim continuaremos, emquanto o eleitor se não emancipar, e disser ao galopim ou chefe politico, quando lhe for pedir o voto: dou-lhe o meu voto se me der o seu, porque tem o mesmo direito que qualquer desses cavalheiros; cada cidadão tem o direito de escolher a pessoa que, pelo menos lhe pareça mais capaz de velar pelos interesses do seu paiz, do seu districto, do seu concelho, da sua freguezia ou da povoação em que vive.

Na Louzã ha grandes exemplos com que se possa provar a falta de escrupulos com que se fizeram promessas que se não cumpriram, nem nunca se cumprirão emquanto nós num gesto de altivez não dissermos aos altos poderes, que somos contribuintes e por isso temos direito a reclamar os elementos de vida que a outros povos são distribuidos prodigamente.

Emquanto nas grandes cidades se abrem passeios e avenidas que offerecem aos seus habitantes todas as commodidades, [illegible] nos é possivel conseguir o mais insignificante melhoramento que nos soavise as condições da vida tormentosa que atravessamos.

Aqui pedem-se votos para eleger deputados que o eleitor não conhece e que nem nunca vieram á Louzã, — o que no dizer dos *entendidos* não é preciso. Sirvam elles os galopins, fazendo pôr em praça o ultimo torrão dos **baldios** para elles comprarem, por uma *lutaemeia* e depois tornarem em bellas propriedades, ou aranjem qualquer outra manigancia que lhes encha as algibeiras; que importa pois que vós, que os elevasteis com o vosso voto, ás culminancias que chegaram, morreis de fome, sem terdes onde empregar a vossa actividade, não tendo onde cortar um *graveto* com que aquecer, no inverno, os vossos filhos?...

Nada d'isso incomoda aquelle que no domingo vos offereceu o bacalhau, o vinho, o cigarro e até o carro com que aos aleijados conduziu á egreja para votar.

Nesse mesmo dia se viram alguns, que vieram de carro, mas que depois tiveram de ir para casa encostados aos visinhos.

Pois senhores, a culpa de toda esta corrupção, é toda vossa, emquanto não tiverdes a independencia de lhes dizer quando vos forem pedir o voto: — Sobre isso heide pensar, e lá irei votar por quem eu vir mais capaz de trabalhar pelo bem do meu concelho.

Emquanto vós não tiverdes a ousadia de, com toda a franqueza lhes dizer, como nós ouvimos a um pobre trabalhador que no domingo se recusava a votar, (dizendo-lhe o chefe politico que elle já se tinha vendido): — «Não admira que um pobre artista que o ganha de dia para comer á noite se venda, á vista do que em 1901 se passou com v. ex.ª e outros individuos, a quem eu ainda hoje, por sua causa, não tiro o chapeu, e v. ex.ª já se abraçam em fraternal convivio, não modaremos de vida.

Ha verdades amargas, e esta é uma dessas, que devia amargar ao politico.

No proximo numero darêmos nota das vinganças que alguns caciques teem praticado aqui, pedindo aos senhorios para despedirem os que lhe não quizeram dar o voto.

O nosso jornal não veio á luz para bajular as classes privilegiadas, mas sim para defender os oprimidos, tanto quanto, nas forças do seu proprietario [illegible]

Questão das carnes

Estamos debaixo do regimen dum só preço para toda a carne.

Aparentemente parceria um regimen de egualdade em que o pobre e o rico tinha as mesmas regalias. Pelo mesmo preço tão bôa carne teria o rico como o pobre.

Este era o ideal, esta era a theoria.

Mas a pratica veio mostrar com uma evidencia que todos nós podemos attestar, que apezár de termos egual direito, só recebemos carne má. A carne bôa toda a gente o diz e nós o repetimos, vae para os vereadores, vae para os empregados da repartição, para todos os que directa ou indirectamente podem ferir os interesses dos Marchantes.

Assim não pode continuar. Estabeleçam-se como em mais terras, preços para as differentes qualidades, e embora sejam os mesmos cavalheiros que fiquem com a bôa carne, que a paguem pelo seu justo preço.

A.

Regimen florestal de Serpins

Em virtude do relatorio da commissão que a Serpins veio por mandado do governo, estudar as reclamações da Junta de parochia daquella freguezia, com respeito ao regimen florestal, acaba de ser publicada uma portaria determinando que seja solicitada ao poder judicial a demarcação dos terrenos sujeitos ao referido regimen.

A portaria causou aqui grande surpreza por vir collocar tão importante questão nos seus devidos termos.

Segue a portaria:

Repartição dos Serviços Florestaes e Aquicola

Portaria de 24 de agosto, dissolvendo a commissão que fora incumbida de estudar as reclamações da Junta de Parochia de Serpins, sobre a inclusão de varias mattas ao rogime florestal, e estabelecendo o procedimento a haver em relação ao assumpto.

Tendo chegado ao conhecimento do Governo o relatorio da commissão que, por portaria de 20 de junho proximo findo, foi mandada estudar as reclamações da junta de parochia de Serpins sobre a inclusão no regime florestal das mattas do Sobral, Braçal e Cabeça Gorda, e na qual a mesma junta declara que a mesma Camara Municipal da Louzã submetteu áquelle regime terrenos baldios que lhe não pertenciam; e

Vistas as conclusões do mesmo relatorio, com as quaes o Governo se conforma:

Ha por bem Sua Magestade El-rei dissolver a referida commissão, que se desempenhou com zelo da missão que lhe foi confiada, e determinar que, pelas estações competentes e nos termos do § unico do artigo 43.º do regulamento para a execução do regime florestal, approvado por decreto de 24 de dezembro de 1903, seja solicitada ao poder judicial a demarcação dos referidos terrenos, e que sobreesteja na execução do plano da sua arborização, decretado em 27 de agosto de 1909, até que seja resolvida definitivamente a questão que se suscita, devendo limitar-se a acção dos serviços florestaes naquelles terrenos unicamente á sua policia, sem prejuizo da utelização dos mattos pelos povos que d'elles usufruiam anteriormente, por isso que, se forem reconhecidos alguns dos terrenos como pertencentes á junta de parochia, esta deverá ser consultada sobre qual dos processos de arborização mencionados no artigo 219.º do já citado regulamento adoptará para a sua inclusão no regime florestal, ordenada por decreto de 27 de agosto de 1909.

Paço, em 24 de agosto de 1910. — *José Gonçalves Pereira dos Santos*.

Pelo que se vê, não nos enganamos quando dissemos que o regimen flores[illegible] em Serpins foi mettido de [illegible]



Aos Caçadores

Conselhos hygienicos

Está a terminar o tempo defeso de caça no nosso concelho. E' na proxima quinta feira que, por esses montes e valles alem, se vão queimar os primeiros cartuchos.

Vem por isso a proposito umas recommendações sensatas deveras e portanto muito proveitosas que lemos no «Le Monde Médical» e que traduzimos para os leitores do «Poiarense» que se dedicam a esse sporte.

Todo o exercicio intermittente, como a caça, provoca rapidamente a apparição de phenomenos desagradaveis, dos quaes os mais importantes são a fadiga e uma sensação por vezes persistente de lassidão muscular. A que attribuir esses phenomenos? Ao cançaço physico e á falta de treno, de preparo.

O primeiro dever d'aquelle que quer tornar-se um dos mais enthusiastas discipulos do santo Humberto, é pois treinar-se.

*

Todo o treno physico, diz o Dr. Tissié, pode reunir-se nas proposições seguintes:

Executar todos os dias e progressivamente, *sem grande fadiga*, um esforço maior do que na vespera, até que se tenha atingido a *forma*, que é variavel e individual. — Poder e saber respirar bem. — Descançar apenas se seja atingido por uma leve fadiga. — Nunca forçar o coração, mas fazel-o funcionar na rasão da facilidade respiratoria. — Evitar todos os exercicios que congistionem por muito tempo, deter o exercio quando o pulso bate de 140 a 160 vezes por minuto. — Evitar todos os excessos de meza, de vigilia, de trbalho intellectual. — Observar uma justa continencia. — *Não beber alcool*. — *Não fumar*.

Não trenar-se em jejum, nem logo depois de ter comido, esperar duas horas após as duas principaes refeições. — Não trenar se nunca durante a noite.

O somno deve ser reparador. Não deve ser pesado, nem agitado ou difficil. E' necessario dormir, em geral, oito horas por noite. Regular o treino segundo a qualidade e quantidade do somno.

Todo o treino que suprime o apetite, augmenta a sede e agita o somno, é nocivo. E' preciso procurar attingir tão somente a pequena fadiga que é tonica e evitar a fadiga maxima que enerva e dissocia o eu.

Em resumo, «caminha-se com os musculos, corre se com os pulmões, galopa se com o coração, resiste-se com o estomago, attinge-se os fins com o cerebro» (Tissié).

Ficarão para outro numero umas ligeiras considerações a cerca do treino muscular, da educação respiratoria e da educação circulatoria. Hoje apontaremos apenas umas notas sobre a *alimentação do caçador*.

O caçador [illegible] absorver sobretudo [illegible] substancias [illegible] pazes, pela [illegible] mia [illegible] que [illegible] bustivel [illegible] desde permittir

O caciquismo dominara as eleições na Lousã.

assim aos musculos effectuar um trabalho prolongado efficaz. Sabe-se que a ração alimentar media de um homem bem conformado é de 120 grammas de albuminoides, de 380 grammas de hydrocarbonetos, e de 90 grammas de gorduras. Ora, as gorduras devem, tanto quanto possivel, ser banidas da alimentação do caçador. Não porque não desenvolvam grandes quantidades de calôr, mas por a sua digestão ser muito difficil, e provocarem muitas vezes variadas perturbações digestivas. A sua assimilação impõe ao fogado, — já fatigado pelo esforço que tem de fazer para neutralisar os toxicos mais abundantes e mais virulentos do que no estado ordinario, — um sormenage perigoso.

Os hydrocarbonetos são infinitamente menos toxicos. Por outro lado, alguns d'estes, particularmente os assucares, podem, como está demonstrado, desempenhar o papel de alimentos de doupança favorecer esforços musculares consideraveis. Poder-se-ha, pois, recorrer com vantagem aos hydratos de carbono. Todavia não ha duvida de que o verdadeiro alimento do caçador, são os albuminoides sob as suas diversas formas: carne, ovos, lacticinios, peixes.

São elles que dão ao organismo o seu vigor e a sua força de resistencia. E' graças a elles que o caçador pode, n'um dado momento, executar um esforço decisivo. E o ideal seria, por causa dos inconvenientes que pode acarretar um regimen carneo exclusivo, modificar-lhe o rigor pela absorção de alguns hydrocarbonados bem escolhidos, possuindo, sob um volume minimo, as maiores qualidades nutritivas: purés de legumes, compotas, massas alimentares.

Quanto ás *bebidas*, é difficil fornecer, pelo que diz respeito á sua quantidade, indicações exatas. Todos os que caçam sabem que n'um dado momento o desejo de beber se torna imperioso e que acaba por ser impossivel resistir-lhe. De resto, não ha vantagem em deixar o organismo deshydratar se. O caçador beberá, pois, conforme a sua sêde. Deverá sómente ter em vista não absorver senão aguas puras. Como qualidade, poderá recommendar-se agua com vinho, chá fraco, o mate. Deve abster-se por completo de aperitivos, xaropes cerveja, e leite.

D'*O Poiarense*

Censura tola

Do nosso presado collega o *Mundo* transcrevemos o seguinte:

«No sabbado, o correspondente em Lisboa para o *Poiarense* enviou para aquelle periodico o seguinte telegramma:

Comicio republicano foi grandioso. Foi o mais concorrido dos que se tem realisado em Lisboa. Os candidatos republicanos extraordinariamente victoriados. O governador civil ordenou ao comandante da policia que recommende aos seus subordinados as listas governamentais. A galopinagem anda desenfreada.

Este telegramma não foi expedido, porque a censura o considerou subversivo. Evidentemente, a censura está feita com o *blóco* predialista para comprometer o governo. Só por essa maneira se explica que fosse sustada como subversiva a circulação de um telegramma mais que inofensivo.»

Não se admire o collega, porque num circulo onde o franquismo e prediaes desdobram não era boa tal noticia.

Ao Ex.mo Sr. Presidente da Camara da Louzã

Em vista da attitude da Camara da sna presidencia para com o «Commercio da Louzã», despresando todas as suas reclamações, ainda as mais justas e faceis de attender, e por fornecimentos de artigos que tem feito de fora do concelho, com manifesto prejuiso de contribuintes ao municipio, não deve v. ex.ª levar a mal, que de futuro entre num outro caminho, verberando os actos da mesma camara, ainda que franca e lealmente.

E' necessario que se não vá com isto architectar uma ameaça com que v. ex.ª nada tem a perder, porque é apenas um rasgo de franqueza, para que v. ex.ª nos não apode de menos leal, em vista da amisade pessoal com que nos tem honrado, cuja amisade nos não pode continuar a deter silenciosos contra quem tanto odio semeia contra todos que não sejam da sua grei.

DR. FRANCISCO JOSÉ FERNANDES COSTA

O Partido Republicano portuguez acaba de eleger pelo laborioso circulo de Setubal este nosso illustre patricio e considerado advogado em Coimbra.

Com isso o Partido Republicano, apenas faz justiça ao seu aturado trabalho pela causa da Republica.

E' pois o sr. dr. Fernandes costa uma personalidade que sobremodo honra a terra que lhe foi berço, não só pelo seu grande talento, comprovado desde estudante, pois conseguiu a sua formatura á custa do seu esforço, mas ainda pela nobre attitude que desde então tem mantido perante o partido que o conta hoje como um dos seus principaes elementos de propaganda e pelo exemplo que tem dado, de trabalhador infatigavel pela causa da Justiça.

O *Commercio da Louzã*, apresenta ao illustre Deputado Republicano as suas respeitosas felicitações.

Camara Municipal

Resumo das deliberações da Camara Municipal da Louzã tomadas em sessão de 6 de agosto de 1910.

Presidencia:—Dr. João Augusto dos Santos.

Vereadores:—Padre Antonio Lopes Cortez Froes, Cesar Henriques Lopes.

(Continuado do numero anterior)

—Deliberou pedir auctorisação á ex.ma Commissão Districtal, para proceeer á construcção do lanço da estrada municipal compreendido entre o largo da estação do caminho de ferro e a estrada da Calçada, com dispensa de hasta publica, visto a despeza ser feita á custa do proprietario Francisco José de Figueiredo Junior, desta villa.

—Deliberou, logo que seja approvada a resolução, anterior, convidar o referido Figueiredo Junior a depositar a quantia orçada para a construcção do referido Lanço e fazer escriptura de caução do mais que se possa gastar.

—Auctorisou o pagamento do mobiliario para a escola do sexo feminino de Villarinho.

—Arbitrou uma gratificação aos empregados de fazenda e impostos que auxiliaram a camara na cobrança dos impostos indirectos.

Resumo das deliberações tomadas em sessão de 13 de agosto de 1910

Presidente: — Dr. João Augusto dos Santos.

Vereadores : — Cesar Henriques Lopes Manuel das Neves e José Alves de Faria.

Presente o administrador do concelho— Dr. Joaquim de Magalhães Mexia.

Concedeu licença a Antonio Fernandes, do logar do Espinheiro para encimar a parede dum pateo e abrir uma porta e janellas, no dito logar sem prejuizo publico ou particular.

—Concedeu licença a José Augusto do Rego, na qualidade de administrador do Hospital de S. João, desta villa, para levantar o mura que veda o terreiro do mesmo hospital, pelo lado do norte, sem projuizo publico ou particular.

—Concedeu licença com a natureza de precaria e em face do respectivo processo, a Abilio Fernandes Serra, do Reguengo de Prillhão para uma canalisação, d'aguas atravez da estrada municipal do Covão á Ponte de Serpins e para uma passagem d'aguas pela valleta da mesma estrada.

—Concedeu licença a Francisco de Jesus, de Porto da Pedra, para mudança duma estrada no sitio das Barreiras, visto terem se publicado editaes e não ter havido reclamação alguma.

—Deliberou mandar proceder á reparação da calçada entre a Rua Viscondessa do Espinhal e a Rua da Feira, desta villa

—Auctorisou o pagamento de diversos trabalhos e salarios referentes á primeira quinzena do mez.

—Auctorisou o Presidente a proceder no dia 14 ás arrematações de duas empreitadas de trabalhos annunciadas para aquelle dia.

Resumo das deliberações tomadas em sessão de 20 de agosto de 1910

Presidente—Dr. João Augusto dos Santos.

Vereadores—Padre Antonio Lopes Cortez Froes, Cesar Henriques Lopes, e Manuel das Neves.

Presente o administrador do concelho— Dr. Joaquim de Magalhães Mexia.

Foram lidas e approvadas as duas actas anteriores.

—Deliberou effectuar no dia 24 do corrente o pagamento ás amas dos expostos e mães subsidiadas dos seus vencimentos relativos ao trimestre de janeiro a março do corrente anno.

—Concedeu licença a Fernando Campos de Magalhães Mexia, desta villa, para levantar a parede duma pequena casa, no logar da Fornea, abrindo lhe uma porta e duas janellas e depositar materiaes na rua publica, sem impedimento de transito, projuizo publico ou particular.

—Attestou favoravelmente um processo de subsidio de lataçáo de Beatriz Perpetua, casada com Joaquim Fernandes Carrinho, da Tojeira, freguezia de Foz d'Arouce.

—Concedeu licença a Maria de Jesus, viuva, da Ribeira, para construir uma casa junto á estrada que daquelle logar conduz ás Fontainhas, sem projuizo publico ou particular e conforme o alinhamento que lhe foi dado pelo presidente.

—Approvou as arrematações feitas no dia 14 do corrente de duas empreitadas de trabalhos, na estrada municipal do Covão á Ponte de Serpins, e na margem direita do Ribeiro de Villarinho.

—Deliberou mudar a hora das suas sessões para as 9 horas da manhã, annunciando esta alteração por meio de editaes.

—Procedeu á assignatura e legalisação dos cadernos dos eleitores e actas para as assembleias primarias e eleitoraes, para as eleições de deputados a que vae proceder-se no dia 28 do corrente.

Exames

Em seguida damos o resultado dos exames do 2.º grau d'algumas escolas deste concelho:

(Sexo masculino de Villarinho)

Manuel Fernandes, Approvado; Manuel Tavares, Approvado.

(Sexo feminino da Louzã)

Adelina da Conceição, Distincto; Arminda da Conceição Carranca, Distincto; Cassiana Fernandes Carranca, Distincto; Felismina Eliza Serrano Correia, Distincto.

(Sexo feminino de Foz d'Arouce)

Izaura da Conceição Barata, Approvada; Maria Olivia Fernandes, Approvada.

Felecitando as creanças, seus paes e respectivos professores, não podemos deixar de especializar as duas professoras da Louzã e Foz d'Arouce pela assiduidade comprovada no brilhante resultado que obtiveram as suas alumnas, pois em nenhumas destas escolas, no tempo doutras professoras, que regeram as duas cadeiras, annos e annos, appareceu uma creança para exame.

Vê-se pois que estas duas senhoras não tomaram conta dos seus logares com o fim unico de, no fim do mez irem á Recebedoria buscar o ordenado que o Estado lhes paga, mas tambem como intuito de trabalhar pelo bem da humanidade, instruindo-a

BELISCANDO

— Ora viva sr. Antoino.

— Venha com Deus, sr. Manel.

— Ai, sr. Antoino, fui hontem a Coimbra e vim de lá banzado!

— E antão porquê?

— Agora é que eu digo que estamos no fim do mundo. . .

— Estaremos, estaremos. O diabo o jure que nanja eu.

— Isto quem não sabe é como quem não vê.

— Isso é certo

— E quem não sai da sua terra não conhece o que é mundo.

— Lá nisso diz muito bem.

— Fui a Coimbra ao S. Bartalameu e vi por lá coisas que é duma pessoa ficar a bater na testa.

— Ora essa!

— E' como lhe digo. Imagine vomecê que eu vi lá, por riba d'aquellas casas e pelas ruas, muitos fios, muitos fios, uns ao par dos oitros. Como não sabia p'ra que aquillo era. . .

— Haviam de ser os fios p'rós telegrammas. . .

— Tamem eu o pensei ao principio, mas não eram. Era p'ró. . . p'ró. . . ora que diabo! Tenho o nome debaixo da lingua. E' assim. . . ah! agora já me alembro: era p'ró. . . ora que zanga! Lá me tornou a esquecer. Vomecê que andou já por Lisboa deve saber: são umas coisas pra uma pessoa fallar com outra pelos fios.

— Ah! os tilifones.

— E' isso mesmo. tilifones. Ora veja lá vomecê, sr. Antonio ao que a gente chegou! Como aquelles caras do diabo arranjaram uma engenhoca para estarem a fallar uns com os oitros ainda que cada um esteja muito longe do oitro.

—E' verdade. Até ha um tilifone de Lisboa ao Porto.

—Ih! com raio! Mas ó que me faz cá especie é como as fallas podem passar pelos fios tão finos. Porque aquilo, cá na minha, com serteza que são ôcos por dentro.

—Não, sr. Aquillo é por artes inletricas.

—Ah! isso sim. Diga-me dessas. Tamem cá me estava a parecer. Mas veja lá sr. Antonio, como isto vai. Agora é que ninguem escapa que lhe fallem na pele.

—Porquê?

—Até aqui esta gente rica e que não tem que fazer, ajuntavam-se aos magotes em qualquer parte para estarem a creticar deste e daquelle. Agora, visto isso, lá na cedade, já não é preciso sair da casa, pois que se entreteem a fallar mesmo de casa! Ai! mundo, mundo, onde irás parar!

—Ainda vomecê não viu nada ali em Coimbra. Se vomecê fosse a Lisboa, antão é que ficava atolito.

— Deixe lá que ali já chega. Andavam lá tamem a prantar nas ruas umas calhas como as do camboio, e eu preguntei se o camboio ia agora andar pelo meio da cedade. O's pois é que me disseram que eram para uns carros, que andavam sem ser puxados por cavalos, nem por manicas como o camboio, nem tocados por manicas como os automoveles: é lá por uns fios inletricos.

—Bem sei; são os carros inletricos como ha em Lisboa.

—Mas ó sr. Antoino, isto, por mais que me digam, é coisa má. Não deve ser visto com bons olhos por Deus. Pois tanta coisa tanta coisa! Até já alguns tipos andam pelos ares em balão!!!

—E' verdade.

—Olhe: isto se calhar é mas é o fim do mundo.

—Isso quero eu crêr.

—Seja como for.

—Ora pró nobis.

—Tambem digo.

Pau-Lino

Jornal de Miranda do Corvo

28-8-910

Na minha ultima correspondencia, cometi o grande crime de muito delicadamente lembrar umas pequenas faltas, dentre as milhares dellas que se estão dando dia a dia nesta infeliz terra, de mesquinha politica, infame intriga e governo á pae Adão.

Não fazia alluzão directa se bem que pedia providencias ás respectivas auctoridades, pois de certo que não devia pedil-as ao *Manuel da Loja*, mas, como o numero dessas auctoridades estava in-

Entretanto, uma nota de júbilo: o lousanense Francisco Costa fora eleito deputado pelo círculo de Setúbal.

luida a do sr. dr. subdelegado de saude, homem inatingivel no parecer da gente de Miranda do Corvo, diz que deu brado a minha correspondencia e serviu de prato de meio a uns sabujos que antes do jornal ser lido por sua ex.ª já elles o tinham mal disposto com a intriga; infame vicio que tem aqui meia duzia de cobardes, cuja falta de caracter é tal que dignidade não conhecem, pois isso é qualidade nelles dificil de descortinar por serem reles de mais para a conhecerem.

Ha infelizmente homens honrados e dignos que dão ouvidos a essa reles escumalha, e procedem por simples dictos, sem primeiro procurarem provas.

O sr. dr. Clemente Falcão, que incontestavelmente é homem honrado, intelligente e sabedor, é todavia um homem fraco que se deixa levar por dictos desses pulhas que realmente invejavam as boas relações em que estive com s. ex.ª mas, o que nunca julguei, é que a sua fraqueza fosse tal que se aproveitasse duma inofensiva correspondencia para me declarar a sua inemisade, julguei sim que sua ex.ª m'a dissesse de cara a cara, evitando assim que eu o incomodasse, cumprimentando o quando o encontrava, tal é o remorso de que a consciencia me acusa em o ter ofendido, quer em publico quer na sombra.

Na sombra é falso, pois posso dar provas que não é esse o meu feitio e já que chegamos a este apuro, eu peço a sua ex.ª a que me diga quaes as ofenças de mim recebidas.

O facto de eu lembrar uma necessidade para bem da saude e hygiene publica não me parece uma ofença porque eu não dizia, nem mesmo tenho fundamento para dizer que s ex.ª é um desleixado; eu apenas reproduzi informações de alguns camaristas e do sr. secretario.

Das cartas sou a dizer a s. ex.ª que nada provam para aquillo a que me queria referir.

Eu não advinho nem tenho nada com as conversas particulares de cada um e se bem que s. ex.ª tenha clamado por melhoramentos, o que é certo é que eu não peço melhoramentos, mas sim atenção a necessidades.

Melhoramentos são obras que alem da utilidade requerem uma certa commodidade e aparato e o que eu pedi foi sôro antidipheterico, injector para o sôro, machina de desinfeção, desinfeção dos curraes e desinfeção das ruas, e isto se bem que represente melhoramentos para a saude publica são todavia coisas de primeira necessidade.

Creio tambem que como diz o sr. secretario, s. ex.ª tenha pedido providencias sobre o que diz respeito a hygiene, mas o que é certo é que na pratica, até agora ainda não vi coisa alguma, e depois que foi publicada a minha correspondencia já tive o gosto de ver lavar e desinfectar o matadoiro, de ser requesitado o injector Paux e consta-me que s. ex.ª já requesitou o sôro.

Porque é que antes de eu apontar esta falta não se fazia o que se fez agora?

V. ex.ª sr. dr. deve lembrar se que em tempo, mais que uma vez me disse que eu não devia meter-me a um canto, porque estava na edade de punir pelos interesse do povo (dos nossos interesses). Pois bem, chegou o momento e como eu não tenho, nem votos nem dinheiro, para me impor aos grandes politicos, lancei mão da pena para com ella apontar verdades fundamentaes que não ha quem possa desmentir, para com ella pouco a pouco mostrar ao povo qual o caminho a seguir para o bem, e para com ella defender esse povo e tratar dos seus interesses.

De vagar se vae ao longe. Veja v. ex.ª ou outra qualquer pessoa, se são capazes de dizer que é mentira encontrar se em estado lastimoso a canalisação da agua que abastece a fonte da villa.—*Regulamento geral dos serviços de saude e Beneficencia publica*. Art. 74.º § 17.º.

Se é mentira que o matadoiro é um cubiculo indecente, de onde foram depois da minha correspondencia, tiradas algumas carradas de lodo e esterco.—*Regulamento citado, art. 17.º § 20.º*

Se é mentira que quando havia algum caso de dipheteria, havia tambem a necessidade de ir a Coimbra ou á Louzã porque aqui não se encontravam recursos.—*Do mesmo regulamento art. 17.º § 12.º*

Se é mentira não se providenciar com a respectiva desinfecção alguns casos de tuberculose que tem havido.—*Do mesmo regulamento, art. 17.º § 6.º*

A quem lhe servir a carapuça que a vista, porque eu não sou mysterioso, eu sou leal, sou franco e assumo a responsabilidade do que digo e do que faço.

Até hoje ainda não houve pessoa de bem que me mostrasse cobardia, desleixo, hypocrisia ou deslealdade, apenas uns alcoolicos, que para a intriga são eximios, tratam de me indispor não só com o sr. dr. Clemente, mas com muitas outras pessoas.

Na minha pequenez julgo-me superior a esses maltrapilhos e desprêso essas intrigas, isto é, deixo que o tempo mostre pelas minhas acções que tudo são calumnias a meu respeito e vomitadas pela bocca de individuos que me chamam adventicio por invejarem a minha vida nesta terra, que não sendo a minha patria, é todavia aquella a que estou ligado pela familia e pelos interesses do meu trabalho.

Não sou eu como alguem que, com intimidade, hoje vive com v. ex.ª, e ainda não é passado muito tempo que alanzoava verdadeiras obscenidades em desabono de v. ex.ª.

Estes *gabirús* que na sombra palram e na presença lambem as botas, parece que são os queridos não só de v. ex.ª mas de muitos outros homens de bem que ha nesta terra.

Como já disse, sou pobre mas não sou bajulador e se defeito tenho, é o de ser franco e positivo, o que na epocha actual é mau, para quem como eu, necessita de ganhar pão.

V. ex.ª parece-me que se bem ler e analizar a minha correspondencia não vê nella offensa directa á sua pessoa, mas sim se alguem tinha que se escandalisar era a camara que é a mais visada, e essa por desleixo, pois passam-se 6 semanas e mais que na sessão comparece apenas o sr. Presidente.

Do sub-delegado de saude apenas chamo a sua attenção para que faça com que a camara cumpra com o regulamento de sanidade sobre faltas que apontei e de que s. ex.ª é unico fiscal no concelho.

Da sua carta de 4 de Agosto do corrente anno deduzo eu um dezafio de parte de v. ex.ª dizendo me que não o ponpe.

Pois bem, far-lhe-hei a vontade e garanto que não farei excepções.

Correspondencia com v. ex.ª entendo que não devo sustentar porque sei felizmente medir as distancias, v. ex.ª é incontestavelmente inteligente, frequentou o lyceu e a Universidade, tem um curso muito superior e é dotado não só duma grande capacidade intelectual como de muitos e vastos conhecimentos.

Eu sou um modesto pharmaceutico d'aldeia, uma nulidade da classe e muito mais da sociedade, todavia até onde chegarem as minhas poucas forças, cá estou sem me deixar cavalgar pelos bandalhos que a v. ex.ª adulam.

Tiroliro

Por ser longa esta, deixo para a proxima semana algumas notas cá da terra
O meu pseudonimo passará a ser

Um republicano de berço

ARREMATAÇÃO

No dia 4 de setembro proximo pelas 11 horas da manhã á porta do tribunal desta comarca da Louzã se hade arrematar em hasta publica metade proindivisa do predio abaixa descripto e confrontado pertencente ao Casal inventariado á morte de José Pedroso Gomes, que foi do Corvo, vae á praça pelo preço da avaliação, por deliberação do respectivo conselho de familia, para ser com o seu producto pagas as custas a cargo do ausente em parte incerta, José Pedro Gomes, a quem coube em partilha: —Uma terra de cultura de rega no sitio do Carapinho, limite do Corvo, avaliada em 87$000 reis. A metade vae á praça na quantia de 43$500 reis, sendo a contribuição de registo paga por inteiro pelo arrematante. São citados todos os credores incertos.

Verifiquei a exatidão
Correia de Seixas
O Escrivão
Adelino Duarte de Carvalho

Collegio Nacional
DE
COIMBRA

(Continuado do numero anterior)

Eis o quadro das disciplinas e sua distribuição por annos:

1.º ANNO	2.º ANNO	3.º ANNO
Português, Francês, Inglês e Allemão. (Exercicios simples de conversação e redação).	Português. (Pratica de redacção). Francês, Inglês, Allemão (Theoricos e Praticos).	Português, Francês, Inglês e Allemão — Conversação, redacção e correspondencia em todas estas linguas.
Arithmetica e calculo rapido.	Arithmetica. (Primeiras operações de commercio).	Arithmetica — Juros. Operações bancarias e de bolsa.
Geographia de Portugal e Colonias.	Areas e volumes.	Geographia Economica — Conhecimento de materias primas do commercio e industria.
Pratica	Chimica e Historia Natural elementares.	Economia — Principios geraes de legislação commercial e aduaneira.
Calligraphia.	Geographia Geral. (Cartographia).	**Pratica**
Dactylographia.	**Pratica**	Applicações reaes e ficticias dos conhecimentos adquiridos durante o curso.
Variadissimo formulario de escriptorio.	Calligraphia.	
	Dactylographia.	
	Desenho.	
	Escripturação — partidas simples e dobradas.	
	Correspondencias.	

Estas secções, alem da parte didascalica, comprehendem as seguintes instituições educativas:

1) *uma caixa economica escolar*, cujos fins são:

a) Promover o desenvolvimento intellectual e educativo dos seus associados por meio de excursões, passeios, visitas e conferencias escolares;

b) Adquirir livros e outros exemplares de estudo para o enriquecimento da bibliotheca escolar e gabinetes de trabalhos praticos;

c) Exercer a beneficencia escolar, protegendo, se os seus recursos o permittirem, alumnos pobres na compra de livros, custeio de ensino e propinas de exames.

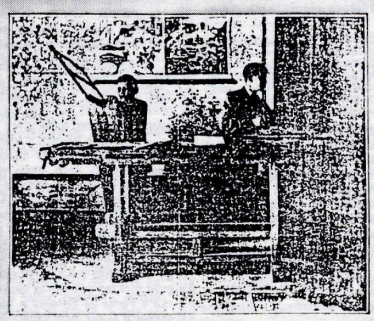
d) Promover tudo o que, a bem da instrucção e educação, se possa resolver em assembleia geral.

2) uma bibliotheca escolar;
3) um museu pedagogico;
4) gymnasio;
5) cursos praticos de hygiene e de agricultura;
6) officinas de modelagem, typographia, encadernação, carpinteria, marcenaria, photographia e varios jogos escolares e de esporte.

2) — Educação physica

O Collegio Nacional age em harmonia, rigorosa e integralmente, com a divisa que adoptou; *anima sana in corpore sano*.

Em verdade, está hoje profundamente demonstrado que todo o ensino deve aliar á assimilação das ideias, o esforço physico e muscular, por forma que, harmonica e parallelamente, se desenvolvam e aperfeiçoem as energias physicas e mentaes do individuo, mormente no periodo transicional da adolescencia.



OFFICINA DE CARPINTERIA — Cliché do C. Nacional

E' por isso, que o Collegio, fundamentado nestes principios, dispensa os mais disselados cuidados e attenções a este ramo de educação, obrigando os seus alumnos á pratica ordenada e systematica daquelles exercicios physicos mais proprios e aconselhados para o desenvolvimento e robustecimento normaes do organismo e ao cumprimento rigoroso das normas e preceitos da hygiene.

Assim, a educação physica realisa-se, no Collegio, pelos exercicios da gymnastica sueca, gradual e methodicamente ministrados, sob a direcção dum professor diplomado pelo Centro Nacional de Esgrima; pela execução de trabalhos manuaes nas officinas, sob a direcção de habeis profissionaes; pelos jogos escolares e de esporte — croquet, foot-ball, tennis etc; pela equitação, natação, velocipedia, passeios e excursões.

Como no passado anno lectivo, os alumnos recebem a instrucção de tiro reduzido com a carabina *Saunegarde*, fornecida pela União dos Atiradores Civis Portugueses, ministrada, por um official do exercito, em conformidade com as respectivas prescripções regulamentares.

Para o ensino da equitação e esgrima, o Collegio celebrou um contracto

NA TYPOGRAPHIA LOUZANENSE executam-se todos os trabalhos typographicos desde o simples cartão de visita, (para o que adquirio lindos typos) ao livro de maior formato.

A publicidade ao "Collegio Nacional" de Coimbra ocupava grandes espaços no "Commercio da Lousã", e prolongava-se por várias edições.

especial com a Escola de Educação Physica de Coimbra, que será frequentada por todos os alumnos que o desejem. Todos os exercicios physicos serão executados em harmonia com os respectivos boletins sanitarios dos alumnos, passados pelo medico do Collegio, nos quaes se prescrevem aquelles que ao alumno mais convem executar, e os que se lhe tornam inconvenientes.

3—Educação moral

Disciplina

A educação moral e social é proporcionada pelo ensino exemplificado das regras do dever, em conferencias illustradas com projecções luminosas, sempre que o assumpto o requeira, pelo exercicio, cuidadosamente suggestionado, de



EXERCICIOS DE GYMNASTICA

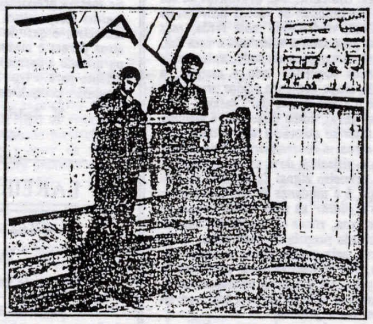
Cliché da Caixa Escolar

Exercicios de gymnastica sueca.—Photographia tirada 3 mêses depois da abertura do Collegio Nacional (Dezembro, 1908)

todos os actos que possam ser favoraveis a uma honesta e utilitaria solidariedade collegial, pela imputação das responsabilidades aos alumnos dirigentes das instituições escolares, criadas para a aprendizagem pratica, pelo exercicio, dos direitos e dos deveres dos cidadãos, etc.

A obra de educação moral e social que o Collegio Nacional subministra aos seus alumnos, é urdida em obediencia a este principio: a funcção faz ou, pelo menos, robustece o orgão.

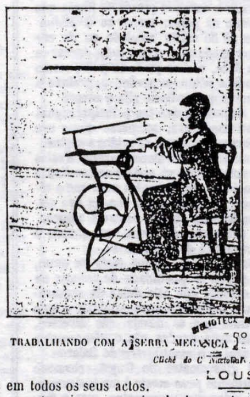
Tendo a obra educativa por finalidade preparar os individuos para a usufruição cons-



OFFICINA DE MARCENARIA

Cliché do C. Nacional

ciente dos direitos sociaes e correlativa cumprimento dos deveres, o melhor processo é naturalmente aquelle que tem de proporcionar, em instituições e colonias analogas ás instituições sociaes, os meios proprios para o exercicio das attribuições que mais tarde lhes hão de ser necessarias.



TRABALHANDO COM A SERRA MECANICA

Cliché do C. Nacional

D'este modo a transição da vida collegial para o meio social realiza-se suavemente encontrando-se o educando apto, tanto pela experiencia, como pela vontade, para uma mudança que lhe não será penosa, porque a escola é a propria vida para o aggregado social em que ha de viver.

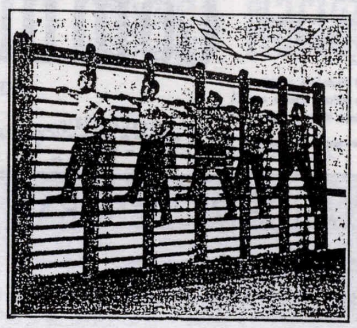
Os alumnos do Collegio convivem com os dirigentes e professores em todos os seus actos, por forma a receberem, a proposito de tudo, lições e exemplos, que lhes hão-de aproveitar na vida social.

Verdadeira imagem desta vida, o Collegio constitue tantas familias quantas são as classes em que se distribuem os educandos, consoante as idades destes, grau de ensino a que pertencem, carreira que seguem, etc.

Os mais novos são particularmente entregues aos cuidados das senhoras da familia do Director, as quaes, como os dirigentes, presidem ás suas refeições, recreios e estudos, superintendendo carinhosamente em todos os seus actos.

Dentro de cada classe haverá tudo quanto seja necessario, de harmonia com o methodo educativo do collegio, para que cada aggregado possa funccionar com independencia e autonomia no exercicio da sua actividade. Assim, desenvolver-se-ha no espirito dos alumnos o amor pela independencia propria e o respeito pelo esforço alheio; a consciencia do valor de cada um e das responsabilidades que lhe impendem como membro da sociedade; e, ao mesmo tempo, o reconhecimento das vantagens da cooperação e da solidariedade.

premiar os seus melhores educandos, pela entrega de medalhas ou quaesquer



GYMNASTICA SUECA — Exercicios no espaldeiro

Cliché do C. Nacional

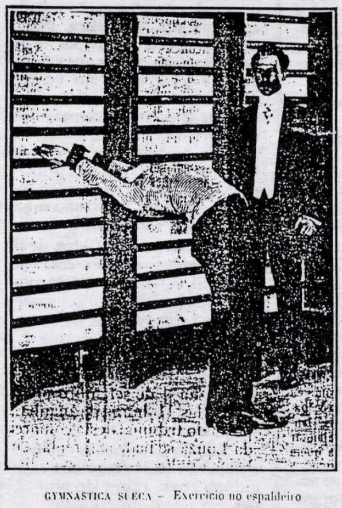
outros titulos de distincção, por julgar contraproducente e até immoral esta pratica.

O conferimento desses titulos de superioridade, tendendo a estabelecer uma elite dentro do aggregado escolar, não sómente representa um acto contraditorio com a feição caracteristicamente democratica da nossa civilização, mas ainda, por vezes, se soergue em factor poderoso de emulações e invejas entre os educandos, tendencias estas que, pela sua ruindade, devem ser energicamente combatidas.

Baseando-se todo o systema educativo do Collegio no principio dos estimulos, não se poderia desprezar, é claro, o das recompensas; mas é elle modelado pelo processo adoptado nas escolas inglêsas e norte-americanas, e seguido com exito nalgumas casas portuguêzas de educação, e que consiste em fomentar a producção do trabalho pelo estimulo das utilidades immediatamente delle derivadas.

Assim, os educandos que, pelas suas provas de applicação, de bom procedimento ou pelo trabalho proveitoso realizado, mereçam o applauso dos seus mestres e director, serão recompensados com uma determinada quantia, em moedas de aluminio denominadas *lusos*, a cada um dos quaes correspondem cinco *quinas*, com curso exclusivo do Collegio, graduada, segundo o valor do trabalho produzido, em tabellas prefixadas.

Os que, pelo contrario, tenham testemunhado falta de applicação ou de observancia das disposições disciplinares serão punidos com multas, descontadas no seu haver e calculadas segundo a importancia do delicto, alem doutras penalidades que vão desde a advertencia particular até á exclusão definitiva, em harmonia com o preceituado no regulamento interno do collegio.



GYMNASTICA SUECA — Exercicio no espaldeiro

Cliché do C. Nacional

O pagamento das recompensas e a applicação das multas será feito por um alumno do curso commercial, escolhido pelo director, o qual lançará na conta corrente de cada alumno o seu *deve* e *haver*, perante o boletim que semanalmente lhe é fornecido pela direcção.

Com esta moeda, *ganha* pelo esforço proprio, podem os alumnos comprar na loja do Collegio varios objectos para seu recreio, como carteiras, balas para exercicios de tiro ao alvo, piões, lapiseiras, postaes illustrados, chromos, livros, ou trocada em moeda corrente, para passeios, entrada em theatros e animatographos, etc.

A loja está a cargo de dois alumnos do curso commercial, um vendedor e um guarda livros, dirigidos pelo professor de escripturação, os quaes terão uma percentagem nas vendas como remuneração do seu trabalho. Ao guarda-livros da loja compete verificar, trimestralmente, pela escripturação do pagador, se os alumnos se aproveitaram dos seus ganhos, ou delles fizeram uso regular.

A moeda do Collegio só na loja deste tem curso, mas se todos ou a maioria dos alumnos de uma classe se quizerem quotizar para a compra de algum objecto, cuja utilidade seja reconhecida pelo director, será convertido em moeda corrente no pais o producto dessa quotização e effectuada depois a compra.

Com este processo de recompensas e de penalidades, não sómente se desenvolve nas creanças o estimulo pelo trabalho e se radica a noção do valor da moeda, como tambem se insinuam os habitos da economia e se inculcam as vantagens da associação, e tudo isto sem se ferir a dignidade e o brio dos educandos, nem se contribuir para o desenvolvimento de emulações ou invejas, que por todos os titulos devem ser evitadas.

Para os alumnos do curso commercial tem este processo a apreciavel van-

ABEL BAPTISTA — vende queijo muito fino
Largo da Travessa — Louzã

Director e proprietario

Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 30 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e reclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

2.º anno — N.º 59 — Louzã, 6 de agosto de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — Anno, 1$200; semestre, 600 réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 30 réis — PAGAMENTO ADIANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL — DO — CONCELHO DA LOUSÃ

A MONARCHIA, DESABA!

As eleições de 28 ultimo, vieram comprovar, decisiva e flagrantemente, que a nação portugueza, abomina hoje mais do que nunca o regimen monarchico.

E posto que isto pese áquelles que na monarchia teem usufruido de blandicias e immoralidades de toda a ordem e especie, o facto é por sua propria natureza, tão patente e palpavel que a sua realidade avassaladora, faz transigir e concordar com essa abominação aquelles que ainda hontem, acerca della, se manifestavam os mais discordantes e intransigentes.

Com effeito, na observação directa dos factos, na justa e ponderada apreciação das ideias dominantes, na opinião reflectida e independente das pessoas que teem olhos de ver, se encontra hoje a conclusão irredutivel de que o povo portuguez quer a todo o transe a republica, para a sua emancipação politica e social, e consequentemente, para a melhoria da sua situação economica.

E essa conclusão concretisou-se no dia 28 ultimo.

Effectivamente, um facto novo se mostrou, duma maneira formal, á nossa espectativa, no decorrer do acto eleitoral.

Nos mais reconditos e obscuros burgos do paiz, a urna provou-nos a existencia, resoluta e decidida, da ideia republicana, que é como dizer que a toda a parte chegou já a vontade e o desejo de eliminar o systema politico, que se tem comprazido exclusivamente, na manutenção e pratica dos mais ruinossos descalabros financeiros, das mais irritantes immoralidades na governação publica, das mais degradantes arbitrariedades sociaes, emfim.

E se assim, essa ideia se manifesta nesses pequenos burgos, nessas localidades em que a influencia da illustração e da sciencia das coisas publicas, é naturalmente diminuta, na população dos grandes centros, illustrada e civicamente educada, ella se tornou tão intensamente arreigada, que traz apavorados todos aquelles que, como elementos viciosos e essencialmente prejudiciaes, amanhã terão de ser fatalmente arredados da gerencia e governo do estado.

E que em verdade tem sido longo já, em demasia, o periodo de vergonhosas degradações, de profundas mizerias, de cruciante soffrer.

E o povo acorda por toda a parte, desde a capital do paiz até ao mais diminuto logarejo, para a obra da sua emancipação, para a lucta que fara extinguir o regimen de castas, regimen originario dosmales que tem conduzido uma nacionalidade á mais deploravel e penosa das situações.

Nessa lucta o povo, evidentemente triumpharà, por que a crença inabalavel nas ideias generosas e redemptoras que defende, arrasta-lo-ha, se preciso fôr, até á pratica dos maiores sacrificios.

Emquanto que a moribunda monarchia, sómente encontrará apoio e defeza na crassa estupidez de mercenarios, de nulo valor, por lhes faltar a fé e a consciencia daquillo que defendem.

Será a verificação experimental do facto concludente e suggestivo, commentado insuspeitamente pela imprensa deste governo que, quem sabe se será o ultimo desta secular monarchia,—de que mais valem 10 republicanos, decididos e firmes, integrados na abnegação e dedicação da sua fé politica, disciplinados e orientados por uma organisação superior que a tudo provê e occorre, do que centos de monarchicos, que o são apenas em o nome, inconscientes e desorientados, possuidos na maioria, apenas dum directo e ferós egoismo, que nos principaes e primeiros momentos tudo faz esquecer, limitando-se ao seu proprio comodismo.

E em face destes factos, de si tão evidentes, a monarchia em Portugal, estando ha muito condemnada, entrou na ultima agonia, para em breve já della nada existir.

Ha, com tudo, localidades para cujas populações esta verdade é, apesar de tudo, inadmissivel, tal é a cegueira de que tão possuidos.

Sim, ha populações em o dominio desse decantado *quismo* creou raizes tão pro das, em que o alheamento questões politicas é tão ab to, em que a sua sobservie sabujismo, ignorancia e a ria são tão desoladores que incapazes de manifestar a ma parcella de independenc proceder e pensar.

Como o *mandante* per estupidamente pensarão t os desgraçados *mandados*.

Ora a população da L afora poucas mas honroza cepções, entra no numer taes localidades e de taes *ge*

Fique porem, certa a p lação lousanense que, no sujeito, ainda que queira se narchica *per omnia secul culorum*, a republica succe brevemente á monarchia *omnia secula seculorum*.

VICTOR DUA

Quando se deve vindimar?

Não ha resposta absoluta, e que comprehenda todas as situações, para esta pergunta.

Em geral pode dizer-se que deve vindimar-se quando a uva estiver madura; mas a maturação da uva para a vindima póde entender-se no sentido physiologico ou no sentido industrial.

Physiologicamente a uva está madura quando a grainha adquiriu toda a perfeição para poder germinar e produzir um novo ser; commercialmente o estado da uva, para ser vindimada, e a epocha em que deve fazer-se a vindima variam com diversas causas.

Nos climas humidos e nos frios, onde é possivel e proveitosa a cultura da vinha, a maturação da uva é mais tardia de que nos climas sêccos e quentes, e todavia não é sempre nestes que a vindima se faz mais cêdo; no Douro vindima-se mais tarde que no Minho, porque a primeira destas regiões quer e pode produzir vinhos sacharinos, licorosos, emquanto que o Minho se contenta com os seus vinhos sêccos e acidos, isto por habito, que se tornou um gosto, e porque as chuvas muitas vezes obrigam a vindimar para não ver apodrecer a uva, embora alguns annos e em localidades melhor collocadas se possam fabricar e fabricam vinhos pouco acidos, entre-maduros, aromaticos e frescos.

Pelo contrario, nas provincias do sul poderiam produzir-se vinhos licorosos ou alcoolicos, vindimando mais tarde, mas não se propondo a viticultura a esse fim, deve vindimar-se mais cedo, antes que a uva tenha adquirido todo o assucar, e quando ainda contenha acidos proprios a tornar o vinho fresco para meza.

Em geral, como dissemos, a vindima deve fazer-se quando a uva estiver madura e com a determinação deste estado é que o viticultor deve preocupar-se.

O primeiro signal da maturação, que começa, é a mudança de côr dos bagos: desde o *pintar* as uvas tintas tornam-se côr de rosa, rôxas ou pretas até á maior intensidade propria de cada casta; e as brancas, pela mesma época e ainda primeiro, vão successivamente perdendo a côr verde, até ser mais ou menos loura, e tornam-se translucidas até deixarem algumas ver a grainha.

Outros signaes da maturação, que mais significam de que a mudança de côr, são: o despegar-se o bago facilmente do *pedcelleo* ou seu pésinho, ficando agarrado a este um pincel de fibras que entravam na polpa; tornar se o *pedunclo* ou pé do cacho atijolado ou da côr da vara madura; e sobre tudo tornar se a uva doce, não só junto da pelle, como em toda a pôlpa e perder a grainha a côr verde tornando-se rija e escura

A doçura da uva é o principal signal da sua madureza; ao passo que a uva amadurece diminuem os acidos e augmenta o assucar, e as percentagens destas duas substancias só podem ser avaliadas por meio de instrumentos para que o vinificador saiba se ainda ha na uva acidos sufficientes, como bastante assucar, para dar vinho de meza, ou quando o assucar deixa de produzir-se.

Os instrumentos que mais se usam, para provar a quantidade de assucar da uva, e saber que este deixa de augmentar ou é sufficiente para produzir o typo de vinho que se deseja, são diversos, mas os mais usados são o *gleucometro* de Guyot e o *mustimetro* de Saleron.

O gleucometro de Guyot, chamado vulgarmente *pesa-mosto* é um instrumento de vidro, um *areometro*, com a fórma de alcoometro, instrumento que todos conhecem e que marca o grau de força das aguardentes.

Na haste de gleucometro ha tres escalas ou columnas de numeros: uma indica a densidade de liquido em graus de Baumé, outras as percentagens, em peso, de assucar que o mósto contém, e a terceira mostra a percentagem em volume de alcool que o vinho ha de ter. O zero —0— da escala está no principio da haste do instrumento e os numeros crescem d'ahi para o bôjo de pesa-mósto; quanto mais denso fôr o mósto, isto é quanto mais assucar tiver, menos o instrumento mergulha e o ponto onde aflora dá o grau sacharino.

Para fazer o ensaio da uva, com o gleucometro, afim de fixar a occasião da vindima, procede-se assim:

Colhem-se cachos d'uma ou mais castas de maturação mediana e dominantes no vinhedo, expremem-se e côa-se o mósto para dentro de um vaso, onde o gleucometro possa oscilar livremente.

A expremedura da uva póde ser á mão ou por meio de uma prensa como é uso nos laboratorios.

O ensaio do mósto convém que seja feito a 15 graus de tamperatura, quando se quer determinar ao certo o grau de assucar, e para isso mette-se o vaso com o mósto dentro da agua do poço, ou em gelo, até que o thermometro centigrado accuse 15 graus de calor; mas se não póde conseguir se este fim, dispensa-se para este caso de saber se o assucar augmenta de uma para outra vez.

Em todo o caso, mettido o vaso com o mósto em agua, toma-se nota de temperatura e lê-se na escala do assucar o grau no ponto em que o gleucometro aflora no mósto. Passados tres ou mais dias, conforme o tempo que correr, fôr proprio a que o assucar se fórme em menos ou mais tempo, faz-se novo ensaio com uvas das mesmas castas, misturadas na mesma proporção, põe-se o mósto na mesma temperatura marcada pelo thermometro, e quando dois ensaios successivos derem o mesmo grau de assucar, ou quando a percentagem d'este fôr sufficiente para o typo do vinho que se quer produzir, procede-se á vindima.

M. Rodrigues de Moraes,
Agronomo.

A' LAREIRA

Serões do povo

XVIII

—Felizmente que já passaram, disse o João do Oiteiro.

—Já passaram o que? perguntou o sr. Antonio.

—As eleições. Apre! que a gente viase e desejava-se com tal ror de pedidos de votos! Era mesmo uma coisa por demais Era um de aqui, outro de acolá; uns pela manhã, outros á sesta, outros á noite. Afi

—Pois em Portugal as coisas passam-se assim. Os galopins eleitoraes, sem vergonha alguma, sem honra, sem brio, veem de aldeia em aldeia, de casa em casa, a pedir o voto, que tanto vale dizer—a consciencia de cada um. E se lho não prometem logo á primeira, pedem outra vez, rogam, humilham se, ameaçam, rogam outra vez, promettem empregos a uns, estradas e pontes a outros; a esles offerecem-se para lhe livrar o filho de soldado, áquelle offerecem-se para o livrar de algum processo de justiça e até dinheiro chegam a offerecer sem fazerem ideia de que o voto é livre, que o voto representa a nossa consciencia, a nossa vontade. E a nossa consciencia e a nossa vontade não se vendem na praça publica como uma canastra de sardinhas, ou não se mandam de presente como um cesto de fruta. Mas infelismente, neste nosso infeliz Portugal, assim mesmo é que se faz; tudo se vende, tudo se compra, com uma semcerimonia, com um descaramento que causa nojo áquelles que ainda tem na sua consciencia um altar erguido á honra e á dignidade.

Quando os galopins veem pedir o voto, com promessas ou com ameaças, o Povo devia-lhe responder:—Para traz, seus pulhas! A minha consciencia não se vende nem se troca por favores.

—O sr. Antonio falla muito bem

Faltavam 29 dias para a implantação da República. A monarquia pressentia-se a desabar.

meio. Presidente da Sociedadé de Geografia e da Liga Nacional de Instrução, director do Curso Superior de Letras, a sua influencia tem sido decisiva em tudo o que diz respeito á regeneração da nossa patria. A campanha em que anda, neste momento, empenhado, com respeito ao acôrdo luso-brasileiro prova sobejamente a sua larguesa de vistas. As suas memorias, apresentadas á Academia Real das Sciencias, os seus valiosos estudos historicos, colocam-no a par das personalidades mais illustres da Europa. E' com homens desta envergadura que o paiz se ha de erguer. E' com trabalhadores deste jaez que a republica se ha de fazer em Portugal. Atravessamos um periodo de transição, não ha duvida. Mas ha um Portugal novo, forte e fecundo, que resurge; um Portugal, emancipado das velhas e odiosas tutelas; do privilegio, em materia politica, do dogma, em materia religiosa; da plutocracia, em materia economica; um Portugal, emancipado das camarilhas devoradoras; um Portugal emancipado do cacique, do capitão mór, da galopinagem eleitoral, convertida em instituição nacional; um Portugal que quer reatar a sua tradição interrompida e continuar a sua historia que ninguem tem o direito de rasgar, sob pena de cometer um crime; um Portugal que se integra na civilização moderna.

E' este o nosso Portugal, o Portugal do futuro, o Portugal de Consiglieri Pedroso.

Magalhães Lima

VICTOR DUARTE

Em direcção á sua terra natal (Alvares) e outras passou hontem nesta vila este nosso presado amigo e considerado collaborador do nosso jornal.

O «Commarcio da Louzã», de quem o sr. Victor Duarte tem sido o melhor elemento, apresenta-lhe os seus cumprimentos.

REGA DAS RUAS

Continua a nossa camara na teimozia de não mandar regar as ruas.

Quem ao chegar dos comboios percorrer a villa até á estação do caminho de ferro, fará um triste juizo de tudo isto, e sabendo que todas as camaras, neste tempo, têm mandado regar as ruas não verá mais que um proposito malevolo da parte de quem tem o dever de velar pela hygiene e interesses publicos.

São teimosos e maus.

EXAMES

Habilitados pelo nosso amigo e considerado professor em Foz d'Arouce, sr. António Duarte Vaz, fizeram ha dias exame do 2.º grau, em Coimbra, obtendo distincção, os srs. Argemiro Duarte e Arnaldo David Serra.

Dando os parabens aos examinados e a seus paes, damo-los e muito cordeaes ao sr. Duarte Vaz, que mais uma vez provou o seu amor pelo ensino.

SELVAJARIA DUM COVEIRO

No domingo, quando se procedia em Villa Nova (Miranda do Corvo) ao enterramento da esposa do sr. Cesario Mauricio, o coveiro d'aquella freguezia, recusou-se a lançar o caixão á cova por lhe tirarem as azelhas de metal que é costume aparafusarem se aos caixões e tirarem se nos cemiterios, dizendo arrogantemente que não tinha lá com que pegar ao caixão.

Depois de acremente censurado pela assistencia, arrastou deshumanamente o caixão para a cova, saltando-lhe para cima de forma a poder partil-o, fazendo todo o resto do serviço, sem o mais pequeno sentimento de humanidade.

Ao digno parocho daquella freguezia recomendamos este seu empregado, como incapaz de continuar em tal logar, que conquanto seja mal remonerado, exige homens doutros sentimentos humanitarios.

CONSORCIO

No sabbado deve realisar-se em Foz d'Arence o casamento do nosso presado assignante sr. José Duarte Peneda, com a menina Marianna Collaço, sobrinha do Collaço, da Ribeira.

Aos noivos desejamos um futuro feliz.

CONGRESSO INTERNACIONAL SOCIALISTA

As mulheres na reunião

A estas horas já está funcionando o congresso internacional socialista de Copenhague, ao qual se atribue a mais extraordinaria importancia. Um jornalista francês foi expressamente a Dinamarca para verificar o socialismo feminista e assistir a algumas sessões do congresso das mulheres socialistas, como que preparatorio do grande congresso. Encontram-se ali russas, scandinavas, alemãs, americanas e inglesas. Nota-se, tambem a presença de cinco mulheres parlamentares, com assento na Dieta da Finlandia. A presidente é a prestigiosa socialista alemã Clara Zetkin. Entre ellas o silencio é quasi absoluto; as figuras que perpassam são dignas e energicamente atentas no que se passa. Ha rostos graciosos e toilettes elegantes, mas nada de frivolo ou excessivo. Trabalha se seriamente em coisas serias. Fala-se da paz, da protecção da mulher e da criança; fala se de socialismo, sobretudo. Uma inscripção que se lê ao fundo da sala traduz as aspirações das congressistas: *A emancipação das mulheres será realisada pelo socialismo*. O mesmo jornalista entrevistou uma dessas mulheres, uma finlandeza que parece dirigir a delegação do seu paiz. E' Mina Sillanpaa, *leader* da fracção socialista da Dieta da Finlandia; a sua figura é seductora e nobre. Deu ao socialismo a adesão de quasi todas as mulheres do seu paiz. Além disso fundou o o jornal *A Operaria*. Sabe se por ella que na Dieta finlandeza teem logar dezasete mulheres; nove conservadoras, duas liberais e seis socialistas. Clara Zetkin encerra o congresso pronunciando um vigoroso discurso, muito aplaudido

FESTA EM FOZ D'AROUCE

No proximo domingo, 11, terá logar a festa de Nossa Senhora da Pégada que ha 18 annos, sem interrupção, é feita expontaneamente pelas pessoas mais gradas da freguezia (e de fóra), constituidas em commissão, sempre com muito brilho e esplendor, tornando se por isso e pela amenidade do sitio muito attrahente e concorrida.

Na vespera queimar-se-á uma grande quantidade de fogo preso, feito pelo habil pyrotechnico Alfredo Ribeiro, e no dia terão logar as solemnidades do costume, na Egreja e na Capella, sahindo uma vistosa procissão ás 5 horas da tarde.

Abrilhantará a festa a Philarmonica Poiarense.

NASCIMENTOS

Ha dias teve uma menina a sr.ª Eugenia Carranca, esposa do sr. Ernesto Serra.

—Tambem na 5.ª feira deu á luz uma menina a esposa do considerado guarda fios desta villa sr. Ruy Caetano.

A todos desejamos as maiores felicidades.

DESPREZO PELO CASTIGO DOS HOMENS

Quando regressou á Lysbia Amada a famosa peregrinação ás aguas de Lourdes, surgiu na «Juventude Catholica» após uma sessão solemne, a idéa confortante de realizar á noite, num restaurante da Avenida da Liberdade, uma jantarada rija em honra dos peregrinos recem-chegados.

Apenas devorado o cucelente menú, deu-se inicio á serie dos brindes, qual d'elles mais pittoresco.

Um houve que fez vibrar tesamente o enthusiasmo dos convivas: — foi quando um dos oradores brindou os bispos da Guarda e de Beja, a quem chamou athletas, que apenas tomem o castigo de Deus e despresam o dos homens.

...E' justo e verdadeiro. Esses dois bispos voltam systematicamente as costas ao castigo dos homens.

DESPEDIDA

Arthur Pinto Figueiras Callisto na impossibilidade de pessoalmente se despedir de todas as pessoas das suas relações, vem fazel-a por este meio, offerecendo o seu insignificante prestimo em Grillo-Baião.

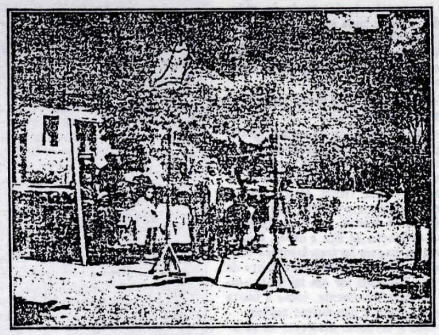
Collegio Nacional

DE

COIMBRA

(Continuado do numero anterior)

Resumindo, o Collegio procurará ministrar aos seus alumnos uma educação e instrucção integraes, tanto sob o ponto de vista physico, como intellectual e moral, esforçando se por conseguir relativamente a cada um delles, a realisação da maxima tam preconisada em pedagogia e que lhe serve de divisa — *anima sana in corpore sano*.



GYMNASTICA SUECA — Salto de vara

Clichê do C. Nacional

III

Regulamento interno e distribuição do tempo lectivo.

Sendo o collegio uma aprendizagem da vida social, todos os actos dos alumnos devem ser orientados nesse sentido.

Assim, a par duma regulamentação, que assegura a ordem interna e o normal funccionamento do collegio, tanto na parte relativa aos exercicios didaticos, como em relação a tudo o mais, estão estabelecidas e organisadas varias instituições, tendentes a resumir e a reproduzir aquella vida, e cuja direcção e administração pertence aos proprios educandos.

Deste modo os chefes da classe, os juizes, os monitores, os jurys dos jogos, etc., são nomeados no principio de cada mês, pelos alumnos do collegio, que tambem interferem, de modo directo, em todas as festas academicas, passeios e visitas que se organisam durante o anno lectivo.

A *caixa economica escolar*, para a qual o Director contribue com 50$000 reis annuaes o *gabinete de leitura*, a *bibliotheca*, a *redacção* e *administração* do jornal escolar «A Luz» de que este numero é um supplemento, e outros institutos do Collegio como a *National Foot-ball Association*, *etc.* funccionam egualmente sob a direcção dos educandos, auxiliados e esclarecidos pelos seus professores.

O tempo lectivo abrange dez mêses, comprehendidos entre o dia 1 de outubro a 31 de julho, e divide-se em tres epocas, separadas pelas ferias do Natal e da Paschoa.

O horario do inverno é o seguinte:

HORARIO DA 1.ª EPOCHA

Dias uteis	Horas	Domingos	Horas
Levantar, banho	6.30	Levantar, banho	7.30
Estudo	7	Missa	8.30
Almoço	8,30	Almoço	9,30
Recreio	9	Recreio	10
1.ª hora de aula	10	Estudo	11
2.ª » »	11	Lanche	12
Lanche e tempo livre	12	Conferencias, passeio ou jogos	1
3.ª hora de aula	1	Jantar	4,30
4.ª » »	2	Tempo livre, recreio	5
Recreio	3	Estudo	6,30
Musica, desenho, trabalhos manuaes nas officinas, gymnastica etc.	3,30	Ceia	8,30
Jantar	4,30	Deitar	9
Jogos escolares e de espórte	5		
Estudo	6	**Quintas-feiras**	
Tempo livre	8		
Estudo	8,15		
Ceia	9,30	Trabalhos manuaes, visitas a museus, fabricas, passeios, etc	1-4
Deitar	10		

Como se deprehende da organisação deste horario, o Collegio dedica uma hora em cada dia útil aos trabalhos manuaes nas officinas, laboratorios e museus, sendo mais longo o tempo destinado a estes exercicios nas quintas feiras. Esta disposição regulamentar resulta do convencimento, pela experiencia bem demonstrado, de que estes exercicios, quando habilmente combinados com os trabalhos litterarios e scientificos, são um subsidio valiosissimo da acção educativa.

Com effeito, pelos trabalhos manuaes não sómente se assegura com mais facilidade a observancia da disciplina collegial, mas ainda se desenvolvem as aptidões mecanicas dos alumnos, o que por vezes torna facil e judiciosa a escolha da

NA TYPOGRAPHIA LOUZANENSE executam-se todos os trabalhos typographicos desde o simples cartão de visita, (para o que adquirio lindos typos) ao livro de maior formato.

De lá de fora vinham novas de um congresso da Internacional Socialista.

mas, lá diz o outro, ha casos que mandam mais que as leis, disse o Joaquim Coxo.

—Que casos são esses?

—A gente precisa. A uns deve-se um dinheirito, outros teem os seus filhos para livrar de soldado, outros deram-nos de renda as suas casas ou as suas fazendas, emfim a gente anda debaixo delles e todos nós precisamos.

—O que todos nós precisamos é de saber quaes são os nossos direitos e não saber sómente quaes são os nossos deveres. Eu vou, por exemplo, pedir a um de vocemecês uma certa quantia a juros. Pago lhe esses juros, e no tempo combinado dou lho o capital. Cumpri o ajuste, mais nada lhe fico a dever. Os ricos teem os seus dinheiros, vivem dos seus rendimentos, e para isso precisam quem lhes tome o dinheiro a juros. Os agradecidos devem ser os credores, porque se não tivessem quem lhe tomasse o dinheiro, não teriam rendimentos e seriam obrigados a lançar mão doutro modo de vida. Quando se vae a uma loja comprar qualquer coisa quem é que agradece, é o freguez em o lojista lhe vender os generos, ou é o lojista em o freguez preferir o seu estabelecimento?

—E' o lojista, está claro, responderam muitas vozes.

—Pois o mesmo se dá com o individuo que empresta o seu dinheiro, com o que arrenda a sua casa ou a sua fazenda. O que elles precisam é de freguezes; é dos freguezes que vivem. Desde que se paguem os juros e o capital, desde que se paguem as rendas, fica-se quite e nenhuma abrigação se fica a dever. E mesmo favores pagam-se com favores e nunca com a consciencia ou com a honra de cada um. Devemos ter em tal conta o direito de votar livremente, como a honra da nossa familia e das nossas acções.

—Isso é verdade, disseram os assistentes, mas nós vivemos muito iludidos e elles servem se da nossa ignorancia.

—Pois vivem, vivem muito iludidos Pobre Povo! Como elles manteem e exploram a vossa ignorancia e a vossa miseria á sombra da qual medram e engrossam sem nada ou quasi nada fazerem, enquanto vós de sol a sol trabalhaes, ao vento, á chuva, ao frio, e andaes rotos e cheios de fome, e andaes cheios de fadiga, arruinando a vossa saude e a das vossas mulheres e a dos vossos filhos, a tirar da terra o sustento dos mandriões. Dos mandriões que ainda em cima vos escorraçam, vos corrompem a consciencia, vos roubam a honra das vossas filhas, vos sugam o sangue dos vossos filhos, a quem obrigam a pegar em armas, não para defender a patria, mas para abafar a voz daquelles que se erguem a proclamar e a defender os direitos do Povo deste bom povo portuguez!

Ah! como vós todos, se soubesseis os vossos direitos e conhecesseis a vossa força, vos juntarieis e erguerieis a vos, que retumbando de valle em valle, ecoando de serra em serra, tonante como o trovão, forte como o vento faria tremer toda essa alcateia que vos suga o sangue e que aterrados procurariam esconder-se nas profundezas das cavernas!

E então lhe bradarieis:—Aproximem-se cobardes! Não tenham receio que não vos fazemos mal porque nós não somos crueis e vingativos como vós. Só queremos que trabalhem juntamente comnosco, que todos sejamos eguaes, livres e vivamos como irmãos!

—Diz muito bem, bradaram em coro e enthusiasmados todos os presentes.

—Mas não é só palavras, amigos, que se querem O que de mais se precisa é de obras. Unamo nos todos os que vivemos escravisados, todos aquelles que são honestos e que teem amor da patria e da humanidade e façamos valer os nossos direitos Mas quanto mais cedo melhor, porque se demorar pode ser já tarde quando acordarmos.

Paulino

CONTRA A «IGNOBIL PORCARIA»

Os candidatos republicanos pelo Porto, torpemente espoliados dos seus direitos de legitimos representantes da capital do norte pelas chapeladas dos concelhos rurais, vão iniciar uma campanha contra a lei eleitoral, tendo por fim levar o governo a apresentar ao parlamento uma proposta decente pela qual se façam eleições a sério.

E' digno de todo o applauso o esforço que nesse sentido empregarem os illustres democratas.

Consiglieri Pedroso

O GRANDE SABIO E EDUCADOR DO POVO PORTUGUEZ

Victimado por uma infecção, consequencia de um antraz, falleceu no dia 3 do corrente ás dez e meia horas da noite, em Cintra, este illustre professor do Curso Superior de Letras e presidente da Sociedade de Geographia, antigo deputado e vereador municipal republicano, tendo sido eleito, em varios congressos, membro do Director do Partido Republicano Portuguez. Tinha pouco mais de 58 annos de idade, pois nascera em Lisboa, a 10 de março de 1852.

Como os meritos dum sabio, como foi o nosso querido morto, a quem o povo Portuguez, tanto deve como seu educador, só podem ser postos em relevo por quem de perto com elle viveu, damos em seguida o sensato artigo que o incansavel Obreiro do Bem, Magalhães Lima publicou, quando do accôrdo Luso-Brazileiro, para o que o illustre morto tanto trabalhou.

Com o respeito que nos merece a memoria do morto e o auctor do referido artigo, lá vae, com a devida venia:

Ha trinta e seis annos —em 1873— fundava eu em Coimbra com alves da Veiga e Alves de Moraes, a «Republica Portugueza», o primeiro jornal republicano academico, que viu a luz da publicidade em Portugal e que contou no numero dos seus collaboradores, entre outros, Albano Continho e Manuel de Arriaga. Quasi, pela mesma occasião, sahia em Lisboa um pequeno jornal diario — «A Republica»—de que era proprietario José Carrilho Videira e redactor principal Consiglieri Pedroso, então ainda estudante do Curso Superior de Letras. Data dahi a nossa intimidade que se tem mantido, firme e inalteravel, através os tempos e as circunstancias, e que—assim o espero, pelo menos!—limpida, como é, jámais poderá ser perturbada ou sequer interrompida.

Desde essa epoca, em que, bem se pó le dizer, ambos comemos o *pão negro de Sparta*, até hoje, tenho acompanhado a ideia republicana, na sua marcha triumfal, sem um desfalecimento, com inteira fé no futuro e seguro da victoria. Vi cahir na estacada muitos dos meus velhos camaradas; assisti a duros periodos de adversidade; a perseguições; ao explodir de odios; a injustiças; a ingratidões vis; a crueis luctas de familia. Mas, nada disso, logrou arrefecer no meu animo a absoluta convicção, em que sempre estive, numa inevitavel transformação do regime. Os primeiros tempos foram asperos. Os republicanos gozavam da mesma reputação de que gozam presentemente os anarchistas: gente doida, sem senso moral e capaz de tudo! Os costumes adocaram se, felizmente, e, hoje, o ser republicano é um facto corrente, normal, sendo até para admirar que alguem o não seja.

Quando, em 1875, concluida a minha formatura na Universidade, vim para Lisboa, os republicanos contavam-se a dedo. O nosso ponto de reunião era a Livraria Internacional, de José Carrilho Videira situada na rua do Arsenal! Ali apareciam, diariamente, Theophilo Braga, Consiglieri Pedroso, Teixeira Bastos, Reis Damaso, Xavier da Silva, Eduardo Maia, Augusto Fuzi, Augusto de Figueiredo, Constantino Villa Verde, e outros cujos nomes não nos ocorrem neste momento. Apesar de existirem apenas, dos centros em Lisboa, o Centro Republicano Federal de que era presidente Theophilo Braga, e o Centro Democratico de que era presidente Elias Garcia, a propaganda de principios era, todavia, intensa. E foi essa propaganda orientada por Theophilo Braga, nas noções da philosofia positiva, que deu logar á celebração do tricentenario de Camões em 10 de junho de 1880. Foi este o verdadeiro despertar do republicanismo em Portugal, a que chamaremos o periodo historico, porque, embora se possa affirmar que foi Henriques Nogueira o fundador do Partido Republicano, em 1851, com a publicação do seu libro sobre a *Reforma*, é certo que a organização das forças dispersas e já então valiosas, data do tricentenario de Camões. Até ahi, manifestara-se uma aspiração vaga e sentimental, como repercussão logica da revolução em Espanha e da proclamação da terceira republica francesa. Foi, porem, em 1880 que os diversos elementos, entre os quais se contavam alguns velhos socialistas, como Sousa Brandão, ainda impregnado dos principios que motivaram a explosão de 1848, se congregaram em partido politico.

A celebração do tricentenario de Camões assinalou um periodo de verdadeira reviviscencia nacional. Op ovo acordou do letargo em que jazia. Os centros republicanos multiplicaram-se. O «Trinta Diabos», folha excelentemente redigida por Cecilio de Sousa, era lido Com avidez. E, como a dar a coesão a tantas aspirações desconexas, surgiu o «Seculo» que conseguia imprimir unidade a todos os elementos dispersos. O «Seculo» apareceu no momento psicologico, porque o que se tornava, com efeito, necessario, era uniformisar os elementos republicanos existentes no paiz. O apparecimento de um orgão, na imprensa, aproximou-os, estabelecendo a convergencias de edeias, tão util como necessaria no ponto de vista dos resultados. A grande campanha, levantada contra o tratado de Lourenço Marques, em 1881, atraiu lhe as simpatias do publico. Milhares de adesões, recebidas de todo o ponto do paiz, o provaram. Foi um protesto formidavel que deu com o governo progressista em terra que tornou o Partido Republicano um verdadeiro partido nacional.

Com tão gloriosa tradição, o «Seculo» encarnou em si, pelo seu ardor patriotico, o ideal de uma patria nova. Ao seu chamamento acudiram todas as classes da sociedade portugueza. Foi este, sem duvida, o primeiro fructo da celebração do tri-centenario de Camões que dera ao povo a compreensão do seu destino historico.

A victoria do «Seculo» era a victoria das ideias republicanas em Portugal. A dinastia dos Braganças sofrera um golpe terrivel; a desconfiança estabeleceu se em todos os espiritos, e, tanto a realeza como os partidos rotativos, ficaram desde então fortemente abalados Havia por este tempo, varios candidatos republicanos, dois dos quaes se tornaram cronicos. Theophilo Braga e eu. Manuel de Arriaga, Elias Garcia e Consiglieri Pedroso foram mais felizes, porque conseguiram ser eleitos e entrar na Camara dos Deputdos, como legitimos representantes do povo.

Para se avaliar da seriedade que revestiu o acto eleitoral, darei a seguir a formula do mandato imperativo que me foi proposto, pelo Centro Republicano Federal e que foi discutido em varios comicios para esse fim convocados.

Posto que os eleitores republicanos do circulo 98, não poderam em duvida a seriedade e honradez do seu candidato, entendem dever formular o mandato imperativo e firmal-o como contracto com tantas garantias como um contracto civil.

Articulando as nossas aspirações e ideias que o candidato se compromete a defender, queremos o seguinte:

Nada de delegações ficticias;
Nada de irresponsabilidades.
Nada de alienação do poder;
Nada de hereditario;
Nada de irrevogavel.
Nada de secreto e mysterioso.

A opinião publica no exercicio permanente da sua soberania;

Egualdade perante a lei;

Responsabilidade perante a consciencia esclarecida;

Elegibilidade para todos os cargos;

A independencia e a boa administração dos municipios, isentando-os da tutela das juntas geraes do districto, isentando-os por isso mesmo da tutelo dos governos.

O estado reduzido as suas funções naturais, existindo como força dirigente, e não como força providencial.

A instrução obrigatoria e gratuita, descentralizada ao ultimo cidadão do paiz e ás povoações mais distantes.

O serviço militar obrigatorio, a extincão dos exercitos permanetes, organisação militar como a da Suissa.

A abolição do juramento, e portanto a liberdade na sua mais profunda e completa manifestação a liberdade de consciencia.

O desenvolvimento da industria e da agricultura por uma reforma ampla e radical das pautas aduaneiras.

O registo civil, sem restricções, e aplicado na sua generalidade a todos os actos da sociedade portugueza.

O governo do povo e pelo povo, e, como consequencia, o sufragio universal e a representação das minorias.

O direito ao trabalho, garantido nas nossas leis e nos nossos codigos.

Que a todo o direito desse correlativo um dever, e vice-versa, a todo o dever um direito.

Direito de associação, a grande força colectiva, como elemento de produção e de actividades criadoras, sem previa aprovação do governo.

A pratica efectiva e imediata da descentralização politica e administrativa.

Liberdade de ensino, independencia da ortodoxia, extincão das differenças dos diplomas de todo e qualquer pais, não fazendo do exame um fim ultimo.

Substituição da actual habilitação editorial por uma simples declaração ou termo de responsabilidade.

Extincão de qualquer imposto para todo o trabalho literario.

Separação completa da Igreja do Estado.

Liberdade de reunião sem aviso prévio á autoridade.

Mobilização de propriedade.

Regulamento do trabalho das mulheres e das creanças.

Extincão dos monopolios.

Em especial queremos:

1.º Independencia absoluta dos partidos monarchicos; voto fundamentada.

2.º Discussão das medidas legislativas segundo o criterio republicano.

3.º Apresentação de projectos de lei subordinados a um exame previo de uma commissão permanente constituida para esse fim pelos eleitores.

4.º Uma conta retrospectiva no fim de cada epoca de legislatura.

São estas as condições com que investiremos o candidato Sebastião de Magalhães Lima, com o mandato politico de representar este circulo no parlamento portuguez e aceite assinando ao nosso lado.

Desde então até ao presente, o movimento é mais ou menos conhecido. O partido republicano tem aumentado todos os dias em força e em prestigio. E' o unico partido nacional. A sua imprensa é a mais espalhada e a mais lida; os seus tribunos são os mais escutados e os mais aclamados; os seus deputados são os unicos que offerecem garantia ás aspirações do povo e ás revindicações dos trabalhadores; o seu directorio, as suas comissões distrietais, municipais e parpchiaes, além de demonstrarem uma organisação modelar, são os fieis interpretes das necessidades da nação e das reclamações publicas; a camara municipal republicana do primeiro municipio, pela sua administração honesta e escrupulosa, é uma prova prova da de que o partido está apto para governar. Por isso se poderá bem imaginar com legitimo orgulho, com que enternecimento vendo hoje saudar um velho camarada querido, que pelo prestigio do seu nome e pelo seu altissimo tacto politico, tanto contribuiu para o engrandecimento em que o partido republicano hoje se encontra. Constatemos com alegria que não foram baldados os seus esforços e que o semente lançada á terra fructificou.

Consiglieri Pedroso é um dos mais antigos deputados republicanos. Pertenceu a essa pleiade de democratas, que, pela sua rara illustração, pelo prestigio do seu nome e pelo seu civismo, tanto concorreram para erguer, no parlamento, o ideal republicano. Destaquemos os seus nomes, honrando-os como o nosso culto: Elias Garcia, Rodrigues de Freitas, Manuel de Arriaga, Jacinto Nunes, Eduardo Abreu, Teixeira de Queiroz e Gomes da Silva. Na camara dos pares, fulgurara, por esse mesmo tempo, o talento do Latino Coelho. Ninguem calcula e que representou a luta parlamentar de Consiglieri Pedroso luta de todos os dias, luta de cada hora, póde bem dizer se, com uma maioria facciosa e intransigente. Os seus numerosos projectos de lei foram a revelação de um espirito superior, norteado pelos modernos principios de direito e inspirados num alto criterio politico. Elle tomava parte em todas as discussões. As suas propostas, relativas á questão social, asseguraram-lhe na camara uma situação excepcional. E tão esgotante foi esse trabalho que se reflectiu na sua saude que, por algum tempo, periclitou sériamente. Quasi na mesma occasião; fez parte da Camara Municipal de Lisboa, com Elias Garcia, Teofilo Braga, Manuel de Arriaga, Teixeira de Queiroz e o autor destas linhas. E, como se tudo isto fosse pouco ainda, dirigiu uma publicação mensal, intitulada—«Propaganda democratica». Mais tarde, fundou «Os Debates», diario republicano.

Consiglieri Pedroso é hoje uma das mais rutilas figuras intelectuais do nosso

Elogio fúnebre ao republicano Consiglieri Pedroso.

comprazido exclusivamente na manutenção e pratica dos mais ruinosos descalabros financeiros, das mais irritantes immoralidades na governação publica, das mais degradantes arbitrariedades sociaes, emfim". (Nota 34)

Se as urnas haviam demonstrado, por esse país fora, que a ideia republicana já por ali pernoitava, pela Lousã vigorava excepção:

"Ha, com tudo, localidades para cujas populações esta verdade é, apesar de tudo, inadimissivel, tal é a cegueira de que estão possuidos.

Sim, ha populações em que o dominio desse decantado *caciquismo* creou raizes tão profundas, em que o alheamento das questões politicas é tão absoluto, em que a sua sobserviencia, sabujismo, ignorancia e a miseria são tão desoladores que são incapazes de manifestar a minima parcella de independencia de proceder e pensar.

Como o *mandante* pensar, estupidamente pensarão todos os desgraçados *mandados*.

Ora a população da Louzã, afora poucas mas honrozas escepções,entra no numero de taes localidades e de taes *gentes*" — constatava **Victor Duarte**, para concluir com um aviso em tom de profecia:

"Fique porem, certa a população lousanense que, no caso sujeito, ainda que queira ser monarchica *per omnia secula seculorum*, a republica succederá brevemente á monarchia, *per omnia secula seculorum*".

Faltavam 29 dias para a implantação da República.

NA página dois, um título "*contra a ignobil porcaria*":

"Os candidatos republicanos pelo Porto, torpemente espoliados dos seus direitos de legitimos representantes da capital do norte pelas chapeladas dos concelhos rurais, vão iniciar uma campanha contra a lei eleitoral, tendo por fim levar o governo a apresentar ao parlamento uma proposta decente pela qual se façam eleições a sério.

É digno de todo o applauso o esforço que nesse snetido empregarem os illustres democratas".

Ainda na página dois, longo e rasgado elogio fúnebre ao republicano Consiglieri Pedroso.

Folha virada, nota para a realização, em Copenhaga, do Congresso da Internacional Socialista. O enfoque dirigido nesta "*breve*" ao "*socialismo feminista*".

O número 60, de 14 de Setembro, tratava das "*luctas politicas e os melhoramentos locaes*", oportunidade para zurzir na actividade camarária, bordoada a que era poupado — de há muito tal acontecia com o jornal —, o presidente da edilidade. A restante vereação, o "*resto dos camaristas*" pertenciam "*á seita que na Louzã só teem tratado de si, e nada mais*".

Preparava-se o segundo Congresso Nacional, tempo para a comissão organizadora lembrar a necessidade de todas as colectividades nomearem com urgência os seus delegados.

Pela vez primeira, o ministério de Teixeira de Sousa gozava elogio nas páginas do "**Commercio da Louzã**", uma vez mais inspirado em "**O Mundo**". O governo anulara a pena de um mês de inactividade que o ministério anterior aplicara ao "*illustre Par do Reino e general Dantas Baracho*"; o jornal considerava tal medida "*um acto de justiça*".

Fernandes Costa, eleito deputado republicano por Setúbal estivera pelo concelho, não para tratar de política, mas para visitar sua mãe, bastante doente.

O "**Collegio Nacional de Coimbra**" continuava a publicar anúncios gigantes, profusamente ilustrados; a "**Bibliotheca d'Educação Nacional**" destacava o lançamento do livro "**Educação e Hereditariedade**", de M. Guyau. O "**Commercio da Louzã**" já havia incluído anúncios de "**Socialismo e Anarquismo**", de Hamon, e de "**A Egreja e a Liberdade**", de Bossi. Nesta edição, para além do destaque à novidade literária, publicava-se lista das obras já publicadas na colecção. Entre outras, "**A Psicologia das Multidões**", de Le Bon; "**O futuro da raça branca**", "**A Emancipação da Mulher**", "**Prisões, Policia e castigos**", "**Leis psychologicas da evolução dos povos**", "**Habitantes de outros mundos**", "**As Mentiras Convencionaes**"...

O número 61, datado de 23 de Setembro, haveria de ser o último "**Commercio da Louzã**" publicado no regime monárquico.

A primeira página não se despedia com política da monarquia. Comportava antes o elogio fúnebre do coronel Francisco Lopes Serra, que presidira à câmara lousanense, e fora também administrador do concelho. Não se tratava de política, de forma directa, mas ela lá estava, omnipresente, nas entrelinhas:

"O nosso saudoso amigo possuia um caracter sublime; apesar da sua elevada posição social, só junto dos humildes se encontrava bem. Dotado dum espirito altivo, não se amoldava a manigancias que, em terras como a Louzã, são tão vulgares, e d'ahi a sua dessidencia da politica que ha muito tinha despresado".

A mãe do deputado Fernandes Costa também falecera; Júlio Henriques lembrava o arreigado costume dos portugueses imitarem o que lá por fora se faz, neste caso ainda bem, que a imitação trouxera até nós o "*arbor day*", a festa da árvore.

Noticiava-se a detenção de 197 jogadores em quatro casas de batota lisboetas, perseguição a que os "*batoteiros*" lousanenses estariam imunes...

"Isto na capital. Pois se o illustre varão viesse até á Louzã veria como por aqui os *fidalgos de meia tigela* passam os seus serões.

Ainda não ha muito que ali para os lados de Serpins, e em casa dum padre, se jogou até de madrugada, e onde um que é incapaz de dar um vintem a um pobre, perdeu passou de vinte mil reis".

Os viciados na jogatana preferiam "*esta distracção a virem para as associações dizer ao operario, que está ainda educado a seu modo para as batotas eleitoraes, que do trabalho se adquire tudo que nobilita o homem*".

OUTROS, talvez com menos sorte ao jogo, ou os mesmos, porque não?, dedicavam-se a "*safar*" mancebos da tropa:

"Ha tres dias que funciona a junta de inspecção aos mancebos recenseados este anno neste concelho, que tem feito, como em todos os outros concelhos donde vem: apurar tudo quanto se possa aproveitar.

Bem hajam os ilustres militares, para assim acabarem com a desmoralisadora *empenhoca*.

BIBLIOTHECA DE EDUCAÇÃO MODERNA

"A VIDA NOS ASTROS,,

Traducção do Tenente Moraes Rosa

Se os outros mundos são habitados, como parece estar provado... Se outros planetas, que vagueiam no espaço, teem em si humanidades mais civilizadas talvez do que a nossa... Como será a vida nesses astros? Como poderemos chegar a corresponder-nos com os habitantes desses outros mundos?

Estes assumptos, sempre de palpitante actualidade, sempre de um interesse empolgante, são tratados no novo livro do grande astrónomo francez Camille Flamarion, *A Vida nos Astros* —livro agora traduzido em portuguez, constituindo o quinto volume da *Bibliotheca de Educação Moderna*, que se publica em Lisboa sob a direcção de Ribeiro de Carvalho, cujo exemplar offerecido agradecemos.

Sem duvida alguma, *A Vida nos Astros* é uma das obras mais sensacionaes, mais instructivas e curiosas dos ultimos tempos. Como será a vida nos astros planetas que vemos brilhar no Céo infinito? Como poderemos nós, um dia, communicar com as outras humanidades que certamente povoam o espaço? Estas duas questões estudou-as Flamarion com a sua proficiencia, dando-nos uma obra magnifica, não só de um enorme valor scientifico, mas tambem de leitura encantadora, altamente emocionante.

A mesma *Bibliotheca de Educação Moderna* já publicou mais quatro livros, verdadeiramente sensacionaes tambem primorosamente traduzidos para portuguez.

O primeiro intitula-se **A Egreja e a Liberdade** e é devido á penna de Emilio Bossi, o famoso auctor do *Christo nunca existiu*.

O segundo intitula-se **Socialismo e Anarquismo** e constitue um estudo, completo e claro, ácerca destas duas doutrinas sociaes, sendo seu auctor o grande sociologo Hamon.

O terceiro tem este titulo suggestivo: **Descendemos de Macaco?** Nelle se trata, com uma clareza maravilhosa, o problema da origem do homem, respondendo a estas perguntas, que preocupam todos os espiritos: De onde descendemos? Qual a nossa origem? Como appareceu sobre a terra o primeiro homem?

O quarto volume intitula-se: **Não creio em Deus**. E' a obra mais formidavel que em todos os paizes se tem publicado contra o fanatismo e contra a reacção religiosa.

Preço de cada livro d'esta bibliotheca: brochado, 200 reis; magnificamente encadernado em percalina, 300 reis. Remettem-se, pelo correio, para todas as terras da provincia, do Brazil e das colonias portuguezas. Pedidos á *Livraria Internacional*, Calçada do Sacramento, ao Chiado, 11 — Lisboa.

Na LOUZÃ. Vendem-se no estabelecimento do sr. Bernardino Lopes Padilha.

NOVIDADE LITTERARIA

EDUCAÇÃO E HEREDITARIEDADE

POR M. Guyau

Com este titulo acaba a **Empreza da Bibliotheca d'Educação Nacional** de enriquecer o mercado litterario com mais um bello livro de estudo sociologico, o **XIV** da sua soberba collecção.

A **Bibliotheca d'Educação Nacional** vem dia a dia consolidando os seus já bem firmados creditos, publicando livros de verdadeiro interesse social e educativo, por um preço extremamente modico, pois que cada volume de cerca de 200 paginas de leitura sã e intuitiva custa apenas 200 reis em brochura ou 300 reis cartonado em percalina, com chapa especial nas capas, formando assim uma magnifica collecção de livros dignos de figurarem em todas as estantes, ao mesmo tempo que, com a publicação de taes obras, se espalha a instrucção, contribuindo bastante para a diminuição do analphabetismo que é o dos que lêem sem comprehenderem o que lêem.

E' uma obra altamente sympathica e que revela um grande valor moral e patriotico esta iniciativa, devendo-se agradecer á **Bibliotheca d'Educação Nacional**. O seu director, o erudito professor e sociologo Ag. Ribeiro Pontes, tem sido insuperavel e felicissimo na escolha dos livros e é pela sua competencia no assumpto que esta Empreza tem publicado obras de incontestavel interesse para todas as camadas sociaes, como facilmente se poderá avaliar pela nomenclatura dos livros já publicados, e de que abaixo damos a lista completa.

Recommendando pois mais esta obra-prima — *A Educação e Hereditariedade* — de M. Guyau, julgamos cumprir um dever para com os nossos estimados leitores.

OBRAS DESTA BIBLIOTHECA JÁ PUBLICADAS

I	— Sociologia por *G. Palante* (2.ª edição)	1 vol.
II e III	— As Mentiras Convencionaes, por *Nordau*	2 vol.
IV	— A Psicologia das Multidões, por *Le Bom* (2.ª ed.)	1 vol.
V	— O futuro da raça branca, por *Novicow*	1 vol.
VI	— Habitantes dos outros mundos, por *Flamarion*	1 vol.
VII	— Christo nunca existiu, por *E. Bossi*. (2.ª edição)	1 vol.
VIII	— O que é o Socialismo, por *Georges Renard*	1 vol.
IX	— Economia Politica, por *Stanley Jevons*	1 vol.
X	— O Anarchismo, por *Dr. Elizbacher*	1 vol.
XI	— A Emancipação da Mulher, por *J. Novicow*	1 vol.
XII	— A Riqueza e a Felicidade, por *Adolph Coste* / A Lucta pela existencia, por *J. Lanessan*	1 vol.
XIII	— A Critica scientifica, por *Emilio Hennequin*	1 vol.
XIV	— Educação e Hereditariedade, por *M. Guyau*	1 vol.
No prelo.	Prisões, Policia e Castigos, por *E. Carpenter*	1 vol.
	Leis psychologicas da evolução dos povos, por *L. Bom*	1 vol.

Volume brochado 200 reis — Cartonado em percalina 300 reis

Remette-se para as provincias, Colonias e Brazil, pedidos á Séde da Empreza: Typographia de Francisco Luiz Gonçalves

80, R. do Alecrim, 82—LISBOA

PROVINCIA DO DOURO

Porto, Aveiro e Coimbra

MAPPA COROGRAPHICO DESTA PROVINCIA CUIDADOSAMENTE ELABORADO PELO CAPITÃO DO EXERCITO HESPANHOL D. Benito Chias y Carbó

E' mais obra pé feita e de absoluta necessidade para os que desejam conhecer esta provincia com os seus districtos, os quaes são impressos em lindas côres, com as suas vias de communicação, os seus rios, as suas montanhas, as suas povoações, tudo isto perfeitamente disposto e impresso a nove côres, permittindo encontrar-se com facilidade o logar procurado.

Este mappa é feito segundo o systema da Commissão de Serviços Geodesicos Portugueza.

E' dobrado, ficando reduzido a oitava parte do seu tamanho, e fechado com uma bella tella de linho, cujo involucro em forma de livro, o torna ao mesmo tempo uma elegante e primorosa edição.

Preço, 400 reis. Pelo correio, 420 reis.

A collecção das provincias do continente, ilhas dos Acores, colonias francezas e India, que se compõe de 12 livinhos, custa 4$800 reis. Pelo correio, 5$100 reis. Mappa de cada provincia, 400 reis. Pelo correio, 420 reis.

Do mesmo systema ha tambem o mappa geral que abrange Portugal e Hespanha, por 1$200 reis. Pelo correio, 1$250 reis.

Todos os pedidos, sempre comprehendidos da respectiva importancia, devem ser feitos a Eugenio Moreira—ARGANIL.

Casa de fazendas e miudezas, nacionaes e estrangeiras

LOJA DO PORTO de Antonio Carvalho Lima

Villa Nova de Poiares—(em frente ao mercado)

Especialidade em morins, pannos crús e de familia.

Completo sortido de merinos, armures, brilhantinas, gregorinas, setinetas, flanellas, zefires, riscados, cotins e chitas.

Lençaria de lã; seda e algodão. Chales sortidos. Cobertores simples e de phantasia; cobertas brancas. Casimiras, pannos pretos, cheviotes e baetas.

Collarinhos e gravatas; camisolas, meias para homem e mulher. Bonets e boinas.

SABONETES E MAIS PERFUMARIAS

DEPOSITO DE COROAS FUNEBRES

Da fabrica «A LÁ Ville de Paris — Porto

★ ★ ★ ★ ★ Forros e galões para caixões ★ ★ ★ ★ ★

Bilhetes postaes illustrados: — Completo e variadissimo sortimento de bilhetes postaes illustrados em todos os generos. Collecções completas, a retalho e por junto, com desconto, para revender.

Bilhetes com vistas de Poiares | Em todos os artigos preços rasoaveis

Tomam-se encommendas de trabalhos typographicos

As novidades literárias, a poucos dias do 5 de Outubro.

Porem os politicões é que não gostam da piada e vão dizendo aos seus protegidos: — ainda tens o numero que talvez te salve, depois os 50 mil reis ao meio anno de praça e se não tens dinheiro podes pedi-lo emprestado, ou eu t'o empresto com um fiador, e outras tantas introgisses congeneres, para quando o accaso os favorece, ainda comerem o seu presentéco".

CÔNGRUAS MAIS JUSTAS, COM OPOSIÇÃO DOS "MORALISTAS DE BARRIGA"

DE Miranda do Corvo, publicava-se lista em que se comprovava operação de correcção do pagamento das côngruas. Pobres de parco rendimento isentaram-se, abastados viram a prestação multiplicada:

"Dizei-me se é justo ou não que pague quem tem para aliviar aquelles pobres que a custo de muita fadiga mal ganham para comer uma triste codea.

Já lá vae o tempo em que o secretario das congruas era um home rico que fazia o serviço *ad libitum* mas sempre com cuidado de se poupar a si e aos seus e para deitar poeira aos olhos, poupava os mais grandes e obrigava o pobre Zé pequeno a entrar em cofre com as differenças.

Mesquinhos, que nem ao menos veem o falso caminho que estão calcando.

Moralistas de barriga que chegado o momento de beneficiar os pobres todos se levantam contra um trabalho serio e equitativo e digno de ser respeitado".

"DESCENDEMOS DE MACACO?"

PUBLICITAVA-SE de novo o livro "**Educação e Hereditariedade**", também "**A vida nos astros**"; ainda "**Descendemos de Macaco?**" e "**Não creio em Deus**".

O terceiro livro jurava tratar "*com uma clareza maravilhosa*", do problema da origem do homem, com respostas a perguntas que a todos deveriam atormentar: "De onde descendemos? Qual a nossa origem? Como appareceu sobre a terra o primeiro homem?".

Já a última obra se publicitava como "*a mais formidavel que em todos os paizes se tem publicado contra o fanatismo e contra a reação religiosa*".

A "**Loja do Porto**", frente ao mercado de Vila Nova de Poiares, botara na montra do seu anúncio "*completo sortido de merinos, armures, brilhantinas, gregorinas, setinetas, flanellas, sefires, riscados, cotins e chitas*". Por ali se vendiam tambem "*chales sortidos, casimiras, cheviotes e baetas, collarinhos e gravatas, bonets e boinas, sabonetes e mais perfumarias*".

Não toava com o resto do produto anunciado, mas a "**Loja do Porto**" também tinha depósito de "*coroas funebres, forros e galões para caixões*".

A monarquia ia a enterrar passados poucos dias, e o "**Commercio da Louzã**" não diria presente na hora que seria de júbilo para Júlio Ribeiro dos Santos e seus colaboradores:

"Com a installação da nova machina do 'Commercio', é provável que este não saia na proxima semana. Desculpem, pois".

Não voltaria na próxima, e na seguinte.

REGRESSOU a 14 de Outubro, nove dias volvidos sobre a desejada chegada da "*Luz*". O número 62, que avulso custava 30 réis, tinha uma só página impressa, debaixo da manchete "**Rejuvenescimento Nacional — Proclamação da Republica**".

A instalação da nova máquina (Nota 35), em má hora acertada, atrasara em demasia a notícia que todos já conheciam, mas que o "Commercio" quis mesmo assim repetir:

"Depois do heroico combate entre as tropas monarchicas e os revoltosos pela Republica em que se distinguiram, alem da nossa Marinha de guerra, os regimentos de infanteria 16 e artilheria 1, nas noites de 3 para 4 e de 4 para 5 do corrente, foi implantada a Republica no nosso paiz, no dia 5 ás 11 horas da manhã".

Seguia-se a lista dos membros do governo provisório, a indicação de que "*o nosso patricio e propugnador da Democracia Portugueza*" Francisco José Fernandes Costa havia sido nomeado governador civil do distrito de Coimbra; e relato da festa na Lousã:

"No dia 7 à noite foi entre nós aclamado o novo regimen com musica e foguetes, aclamação a que se todos não concorreram pelos seus principios monarchicos, tambem se não oposeram, antes disposeram tudo para que não houvesse nota nenhuma discordante".

A Lousã tinha agora novo administrador, José Pereira da Cruz, "*recebido na gare por um grupo de populares, com vivas á Republica, à Patria, e aos diversos vultos em evidencia, da republica*". Cruz substituiu no cargo o Dr. Magalhães Mexia.

PORTUGAL vivia agora sob o signo da República. O "Commercio da Louzã", que nascera a ano e meio da certidão de óbito da monarquia, que tanto sonhara com a "*Luz*", haveria de continuar a publicar-se por mais alguns anos, acompanhando num misto de gáudio e tristeza, os sucessos e as desventuras do turbulento período que se seguiu ao 5 de Outubro.

Director e proprietario

Julio Ribeiro dos Santos

Composição e impressão, redacção e administração
Rua da Alegria — LOUZA

PUBLICAÇÕES — Annuncios, 40 réis por linha; repetições, 20 réis. Annuncios permanentes ou de publicação demorada, contracto especial. Communicados e réclames, 40 réis por linha.

Os srs. assignantes teem 50 por cento de abatimento

2.º anno — N.º 62 — Louzã, 14 de Outubro de 1910

Commercio da Louzã

PERIODICO QUE SE PUBLICA SEMANALMENTE

Condições de assignatura — 1$200; semestre, réis; trimestre, 300 réis; BRAZIL e AFRICA: anno, 2$400; semestre, 1$200
Numero avulso, 30 réis — PAGAMENTO ADIANTADO —

BIBLIOTECA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOUSÃ

Rejuvenescimento Nacional - Proclamação da Republica

Depois do heroico combate entre as tropas monarchicas e os revoltosos pela Republica em que se distinguiram, alem da nossa Marinha de guerra, os regimentos de infanteria 16 e artilheria 1, nas noites de 3 para 4 e de 4 para 5 do corrente, foi implantada a Republica no nosso paiz, no dia 5 ás 11 horas da manhã.

O governo provisorio foi assim constituido: — Presidente, **Theophilo Braga**, Ministro do Interior, **Antonio José d'Almeida**; Justiça, **Affonso Costa**; Finanças, **Bazilio Telles**, que por motivo de doença foi substituido pelo sr. **José Relvas**; Obras Publicas, **Antonio Luiz Gomes**; Estrangeiros, **Bernardino Machado**; Marinha, **Azevedo Gomes**; Guerra, **Xavier Barreto**.

Constituida assim a Republica em Portugal, foi nomeado governador civil do districto de Coimbra o nosso illustre patricio e propugnador da Democracia Portugueza **Dr. Francisco José Fernandes Costa**, que pelo que vêmos e temos ouvido, não podia ser mais acertada. Correu a noticia até nós, e apesar das versões que a respeito da Louzã correram, podemos asseverar que tudo se fez aqui na melhor ordem.

No dia 6 todos os republicanos d'aqui correram a todos os comboios a saber ao certo o que haveria mais a respeito da Revolução, mas as noticias de Lisboa para as provincias eram muito difficientes. Na sexta-feira porem já se tinha por todo o paiz a certeza de que Portugal era administrado pela Republica; e á parte o combate da Capital que foi heroico, em todas as terras do paiz a noticia foi bem recebida, e as ordens do novo governo acatadas, e a prova está em que ninguem mais tentou oppor-se á organisação dos novos corpos administrativos.

No dia 7 á noite foi entre nós aclamado o novo regimen com musica e foguetes, aclamação a que se todos não concorreram pelos seus principios monarchicos, tambem se não oposeram, antes disposeram tudo para que não houvesse nota nenhuma discordante. E assim succedeu

Arvorou-se a bandeira que os republicanos d'aqui adquiriram, nos Paços do Concelho, com a assistencia da Philarmonica Louzanense, e no sabbado era-nos apresentada outra pelo enviado do governo, e de que era portador o nosso Patricio **Tenente Lemos** que á tarde, de harmonia com o presidente da Camara dr. João Augusto dos Santos, fez distribuir ao povo um convite para uma reunião nos Paços do Concelho, onde devia ser proclamada a Republica neste concelho, proclamação que se fez com enthusiasmo e ordem, fallando nesse acto diversos oradores, de cujas orações nos abstemos de fallar, pelo curto espaço de que hoje dispomos.

Foi em seguida a este acto substituida a bandeira que os republicanos tinham arvorado de vespera, pela bandeira official, que foi victoriada por todos os assistentes, com musica e foguetes. A esta festa tambem se associou o grupo d'*Os Modestos* que nos mimosearam com o hymno nacional *A Portugueza* que era saudado com enthusiasmo.

Novo administrador

No ultimo comboio de domingo chegou o novo administrador do concelho cidadão José Pereira da Cruz, que foi recebido na gare por um grupo de populares, com vivas á Republica, á Patria, e aos diversos vultos em evidencia, da republica.

Após esta manifestação foi acompanhado até á sua residencia, recebendo á sua despedida novas provas de consideração e simpathia.

A posse

Foi na segunda feira, cerca do meio dia, dando-a o administrador cessante, sr. dr. Magalhães Mexia.

Neste acto, o sr. Cruz evidenciou, em breves palavras, o seu jubilo pela victoria da revolução republicana, embora, disse, ella não sinthetisasse a sua inteira aspiração de ideal; mas revolucionario que sempre fôra, luctando na harmonia das suas forças em prol de principios emancipadores, comprehendia a necessidade, o dever, mesmo, de dar o seu modesto esforço, se necessario tivesse sido na hora de operar, á obra grandiosa a que sairam os heroes da memoravel jornada de Lisboa.

Algumas palavras mais de saudação á Republica, passou a referir-se á nomeação para o logar de que tomava posse, affirmando que procuraria prover á sua insufficiencia de merecimentos com a sua dedicação e boa vontade, disposto a ser firme dentro da lei, num principio de igualdade, perante a mesma lei nas suas relações officiaes com a população, sem usar nenhuma differença de acolhimento no exercicio das funcções que ia exercer.

Seguiu-se-lhe o sr. Alfredo Filippe de Mattos considerado professor primario official, que fez uma bella alocução, considerando como, em face do que vinha sendo a vida da monarchia a sua queda era inevitavel.

Num bom rasgo de eloquencia amrmou a sua grandão á memoria do reverendo Antonio Homem de Carvalho, que foi o seu educador, formando-lhe o espirito para a acceitação de tudo que representasse progresso e rejuvenescimento, bombridade e grandeza de caracter. Saudou em Bernardino Machado o advento da Republica e no novo administrador o legitimo representante della na Louzã.

Alvaro de Lemos, tenente de infanteria, numa evidencia impressionante de enthusiasmo falou demoradamente.

Seguir passo e passo o seu brilhante discurso é tarefa a que não dá ensejo a rapida resenha que vimos fazendo, mas não deixaremos de anotar que a sua oração foi bem uma conferencia valiosamente educativa, especialmente em referencias ao que de democraticamente progressivo viu e admirou em paizes estrangeiros, quer em relação á forma, aos systhemas de ministrar o ensino, quer a tudo o que se relaciona com a vida e a administração das sociedades mais cultas.

A sua palavra prendeu, subjugou e fez explodir em gritos enthusiasticos de jubilo quando, tendo saudado o novo administrador, affirmou a sua convicção arreigada de que a Republica conduziria este paiz ao nivelamento com as nações mais dignas da admiração.

Fallou por ultimo o sr. Julio Ribeiro dos Santos, que em breves palavras affirmou o seu immenso jubilo pela victoria da revolução, terminando por fazer referencias de encarecimento ao caracter e ao espirito renovador que reconheceu sempre no sr. José Pereira da Cruz.

O novo administrador agradeceu as referencias gratas que os oradores acabavam de fazer-lhe, terminando por testemunhar o seu reconhecimento pela grande deferencia que recebera de elevado numero de pessoas que á sua posse assistiram, assignando o respectivo auto.

ARREMATAÇÃO

No dia 6 do proximo mez de novembro pelas 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial desta comarca da Louzã, se hão de arrematar em hasta publica, os predios abaixo indicados penhorados na execução que Gaudencio d'Oliveira Magalhães e mulher, movem contra Manuel Luiz Cardoso e mulher Maria José, todos de Rio de Vide, os quaes serão entregues a quem maior lanço offerecer sobre aquelle porque vão á sitio das Leiras limite de Rio de Vide, avaliada na quantia de 150$000 reis.

2.º — Metade pro indivisa dumas casas em construcção sitas no logar de Rio de Vide, avaliadas na quantia de 90$000 reis.

3.º — Metade pro-indi dum terreno inculto com res de fructo, uma oliveir castanheiro, no sitio das zandras, limite de Rio de avaliado em 3$000 reis.

4.º — Metade pro-indi a dum terreno de matto com pi- e em lotes para serem arrematados por quem maior lanço offerecer acima dos seus respectivos valores as fazendas e mobiliario pertencentes á massa fallida existentes no alludido estabelecimento, e constantes do arrolamento junto aos autos, o qual se acha patente no cartorio do escrivão abaixo assignado.

São citados para assistirem á praça quaesquer credores incertos.

São citados os credores e comproprietarios desconhecidos.

Louzã, 6 de outubro de 1910.

Verifiquei a exactidão

Antonio de Moncada

O escrivão

Adelino Duarte de Carvalho

ANNUNCIO

No dia 23 do corrente ás 11 horas da manhã, pelos autos de fallencia de Manuel Ferreira

Louzã, 12 de outubro de 1910.

Visto

A República chegara finalmente. Mas o "Commercio da Louzã" só haveria de dar conta do acontecimento tão ansiado nove dias depois.

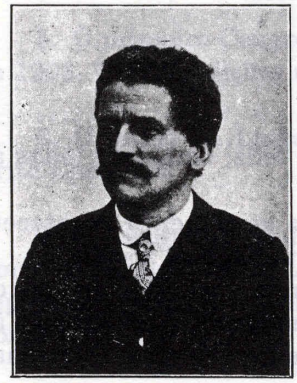
INDUSTRIA TIPOGRAFICA NA LOUZÃ



Frontaria da casa onde está instalada a Tipografia Louzanense

Esta tipografia que já hoje possue as melhores maquinas de impressão, encadernação e picotagem, que não é vulgar ver-se em qualquer vila do paiz, acha-se em condições de bem servir os seus freguezes, tanto em perfeição, como em modicidade de preços.

Obras literarias e scientificas, Ilustrações, Relatorios, Teses, Alegações, Minutas, Diplomas, Ações, Memoranduns, Mapas, Conhecimentos, Carimbos, Faturas, Envelopes, Circulares, Recibos, Papel timbrado, Impressões sobre pergaminho, seda, Papel Japão, a ouro, perpurina e a côres, Rotulos para farmacias, Bilhetes para estabelecimentos, Arrendamentos, Listas para eleições, Calendarios, Prospetos, Rotulos para garrafas, Notas de expedição para caminho de ferro, etc., etc.



Julio Ribeiro dos Santos
Proprietario—Impressor

Esta tipografia recomenda-se não só pelas suas modernas coleções de vinhetas mas ainda pelas excelentes maquinass d'impressão com distribuição cilindrica, em que se pode com nitidez, imprimir a mais fina gravura.

Retrato de Júlio Ribeiro dos Santos, e instalações da "Typographia Louzanense", onde era impresso o "Commercio da Louzã". Anúncio publicado na edição número 102, de 19 de Abril de 1912.

NOTAS

1. "A recusa de alinhamento partidário era comum nos programas de alguns jornais, já desde os finais da primeira metade do século XIX. Esta manifestação de independência em relação aos partidos era contrabalançada por outros casos, em que tal alinhamento se afirmava, logo nos primeiros números.

No primeiro caso — no qual encontramos semelhanças com o programa do jornal lousanense —, encontramos "O Azourrague", que iniciou a sua publicação em 1838. Na sua "Profissão de Fé", declara que "não tem cor política e não pertence a partidos, vibrando estocadas à direita e à esquerda apenas com o fito no bem do Povo".

Exemplo de alinhamento partidário logo à nascença, encontramo-lo em "O Republicano". No seu número 3, dizia:

"Proclamamos a liberdade, igualdade e fraternidade.
Queremos república, porque só ela nos pode salvar.
Queremos um governo de homens inteligentes e honrados.
Queremos recompensas para todos os que bem mereceram da pátria.
Queremos asilo para todos os pobres.
Queremos pão para todos os que têm fome.
Queremos dar instrução a todos os que a desejam.
Queremos que o trabalho seja recompensado.
Queremos, em suma, que não haja só uma classe que seja rica e feliz, enquanto todas as outras vivem na miséria".

José Tengarrinha nota aqui a tendência socializante que, como geralmente aconteceu, acompanhava o incipiente republicanismo na expressão das suas reivindicações sociais.

Mesmo sem nunca se ter declarado republicano, o tónus de grande parte dos artigos de cariz político insertos no "Commercio da Louzã" vão revelar esta tendência socializante, às vésperas da proclamação da República, tempo em que o ideal republicano já deveria estar, mas não estava, claramente definido.

À classificação de "republicanos", Tengarrinha prefere, para os casos dos jornais que se não afirmaram alinhados como tal, posicioná-los como "de extrema esquerda liberal". Tengarrinha, José. "História da Imprensa Periódica Portuguesa", Editorial Caminho, 1989, pág. 234 ss.

2. A 11 de Abril, dia em que o segundo número do jornal lousanense se publicava, Sebastião Teles sucedia a Campos Henriques na presidência do ministério. Henriques não aguentara quatro meses o cargo (tomara posse no dia de Natal de 1908), e Teles teria mandato bastante mais curto: seria substituído a 14 de Maio, ainda o número sete do "Commercio da Louzã" não chegara às bancas...

3. O ano de 1909 entrara com ministério da presidência do regenerador Campos Henriques, que tomara posse a 25 de Dezembro de 1908.

Segundo Damião Peres, o novo governo foi recebido como de reacção ao avanço da onda republicana, como um ministério de defesa monárquica.

A 2 de Fevereiro realizara-se a assembleia do partido regenerador, tendo faltado ao plenário alguns dos seus mais reputados "marechais".

A 10 de Fevereiro teve lugar, em Vila Viçosa, um encontro entre os reis de Portugal e de Espanha. Este encontro — e continuaremos a seguir Damião Peres —, levantou grande celeuma nos arraiais republicanos, alentando certas esperanças nalguns sectores monárquicos.

"A nova sessão legislativa anunciou-se, logo de entrada, tumultuosa. Uma proposta de lei do ministro Espregueira, para um empréstimo de quatro mil contos foi combatida com a maior violência.

As oposições tentaram conseguir a constituição duma comissão parlamentar de inquérito. A maioria recusou-a. Rebentou o tumulto. Um deputado munido duma pá de bater bifes, foi despedaçando várias carteiras, enquanto os outros repetiam em grita: — Inquérito! Inquérito!".

Campos Henriques demite-se, sendo substituído por Sebastião Teles, em ministério de duração fugaz, cumprindo apenas 27 dias de governação.

Peres, Damião. "História de Portugal", volume VII, Portucalense Editora, Barcelos, 1935, pág. 449 e 450.

4. Recorde-se que as Câmaras Municipais haviam sofrido rude golpe aquando do segundo governo de "ditadura" de João Franco. A 6 de Junho de 1907, este ordenara a dissolução da Câmara Municipal de Lisboa:

"Pretendia João Franco uma melhor articulação entre a administração local e o poder central, relativamente às verbas concedidas à primeira Câmara do país. Semelhante medida será tomada relativamente a outras instituições (Juntas Gerais, Comissões Distritais, Câmaras Municipais e Juntas de Paróquia), substituindo-as por Comissões Administrativas".

Entre 1900 e 1906, num total de sete anos e nove meses, as Câmaras mantiveram-se encerradas durante seis anos e três meses.

Vitorino, Francisco Manuel. "História de Portugal em Datas", vários autores, Círculo de Leitores, 1994, pág.250 e 256.

5. O primeiro Congresso Pedagógico de Instrução Primária e Popular realizara-se em Abril de 1908. Outras edições se repetiriam em 1912 e 1914.

6. O jornal "A Lucta" iniciara a sua actividade a 1 de Maio de 1907, sendo dirigido por Brito Camacho.

7. O Congresso do Partido Republicano Português realizara-se em Setúbal a 24 e 25 de Abril. O respigo de "A Lucta" aparecia no "Commercio" a 25 de Maio, exactamente um mês depois do plenário setubalense. F. M. Vitorino resume assim as principais conclusões do Congresso:

"O crescimento da facção que defendia a acção revolucionária era tal, que do congresso saiu um novo Directório a quem foi confiado o mandato imperativo de fazer a revolução. Eram seus membros efectivos Teófilo Braga, Basílio Teles, José Relvas, Eusébio Leão e Cupertino Ribeiro (...) Ao Directório foi cometida a tarefa de nomear um comité revolucionário, do qual faziam parte João Chagas, Afonso Costa, António José de Almeida e Cândido dos Reis".

Vitorino, Francisco Manuel. Obra citada, pág. 258 ss.

8. João de Meneses, deputado republicano, esteve na origem de outra polémica, a "questão religiosa" que haveria de atrapalhar bastante o governo de Venceslau Lima.

"Na Câmara dos Deputados servira de pretexto à batalha um artigo duma proposta de lei de casas baratas, que se supunha conter, numa faculdade ampla de edificação concedida a associações e corporações perpétuas, o meio legal de as congregações religiosas possuírem bens imóveis. O artigo foi, afinal, aprovado; mas a rua tomou conta da questão".

Peres, Damião. Obra citada, pág. 451.

9. O governo era agora presidido pelo regenerador dissidente Venceslau de Lima. Substituíra o progressita Sebastião Teles a 14 de Maio, e haveria de manter-se no cargo até 22 de Dezembro.

O convénio com o Transvaal perturbara bastante o periclitante ministério de Sebastião Teles. Damião Peres retrata assim a situação vivida entre Abril e Maio de 1909:

"Uma questão, levantada em volta dum convénio entre o Govêrno de Moçambique e o Transvaal àcêrca do fornecimento de mão de obra indígena para as minas do Rand, serviu para atribular a curta existência dêsse gabinete. O debate generalizou-se nas duas Câmaras com grande ruído. Na dos Pares, o Conde de Arnoso voltava a clamar por uma investigação rigorosa do regicídio.

À frente do Juízo de Instrução Criminal fôra colocado o magistrado de carreira, António Emílio de Almeida Azevedo, que intentava uma acção de certo vigor contra as sociedades secretas. Logo contra o Irmão Hoche (nome maçónico que o Juiz adoptara quando iniciado na Maçonaria) rompeu uma campanha acesa dos jornais de esquerda.

Não afrouxavam a propaganda nos quartéis nem as aliciações dos oficiais para a revolução republicana.

O govêrno Sebastião Teles, politicamente muito fraco, a-pesar de ter maioria de votos, não podia sustentar-se. Em vão apelou para a dissolução parlamentar. Teve, por isso, que demitir-se".

Peres, Damião. Obra citada, pág. 450 e 451.

10. A aproximação inevitável da revolução começava a presssentir-se. José Luciano de Castro, em carta ao rei, prevenia:

"O partido republicano avança a passos rápidos. Já tomou posse da Câmara Municipal e de grande maioria das juntas de paróquia de Lisboa, e fez eleger há dias o presidente da Sociedade de Geografia, derrotando um dos ministros, e, no dia 2 do corrente, sob pretexto de afirmação de princípios liberais, promoveu uma imponentíssima e extraordinária manifestação republicana que terminou por uma sessão tumultuosa na Câmara dos Deputados, em que alguns deputados deram vivas à República correspondidos por calorosas manifestações das galerias, onde só estavam republicanos. Nesse movimento estavam confundidos republicanos e dissidentes". E mais adiante: "Se não me engano, a revolução ameaça-nos de perto...".

Júlio de Vilhena, pessoalmente, fazia ao monarca avisos idênticos.

Efectivamente, a revolução caminhava a passos largos. O almirante Cândido dos Reis desenvolvia na Marinha uma acção muito intensa, aliciando numerosos oficiais. O novo Juiz de Instrução Criminal ia apanhando várias malhas da organização secreta Carbonária. Mas, justamente, os perigos e as ameaças aceleravam a preparação revolucionária. Os chefes mal podiam já conter os conjurados".

Peres, Damião. Obra citada, pág. 451.

11. D. Manuel II subira ao trono com apenas 18 anos, na sequência dos acontecimentos de 1 de Fevereiro de 1908 — assassinato de seu pai, o Rei D. Carlos, e de seu irmão, o príncipe herdeiro D. Luís Filipe.

12. "A eleição geral de deputados era um dos acontecimentos mais regulares e frequentes da vida política portuguesa. Entre Março de 1890 e Agosto de 1910, houve em Portugal 14 eleições gerais, ou uma média de uma eleição cada 17 meses. Nos 20 anos anteriores, entre 1870 e 1890, tinha havido 10 eleições, e entre 1850 e 1870 outras 10. Assim, um português nascido em 1840 teria, em 1910, assistido durante a sua vida adulta a cerca de 30 eleições gerais, ou uma em cada dois anos".

Ramos, Rui. "História de Portugal", direcção de José Mattoso, Círculo de Leitores, 1994, sexto volume, pág. 118.

13. "A Lanterna" era um opúsculo semanal de inquérito à vida religiosa e eclesiástica portuguesa, e tinha como director o jornalista Avelino de Almeida.

14. Registe-se, a título de curiosidade, que o tema religioso fora motivo de acesa polémica entre Raul Proença e Arthur Bivar, nos primeiros meses de 1909. O primeiro utilizava o jornal "Vanguarda", o segundo retrucava no "Portugal". A polémica, uma das que Raul Proença dedicou ao tema, iniciou-se com um artigo de sua autoria publicado a 27 de Janeiro, só vindo a encerrar

a 17 de Março. Em debate "Sciencia e Catholicismo". Para Proença, progresso e liberdade não rimavam com religião:

"É um erro — querer pôr de accordo o progresso e a religião.

É uma heresia — querer ser ao mesmo tempo pela liberdade e pela egreja (...)

Vejam se ha alguma coisa de mais antinomico com as conquistas da Sciencia e do Progresso. Segundo a Sciencia, parar é morrer, evoluir é viver. As ideias transformam-se, as nações progridem, os povos emancipam-se. Segundo a Religião, não se pensa o que se póde pensar, mas o que a Egreja quer que se pense. Segundo ella, o povo deve ficar na perpetua escravidão, escravo de reis e de tyrannos, porque, segundo Gregorio XVI, 'não tem o direito de fallar em reivindicações'!"

Pires, Daniel. "Raul Proença. Polémicas", Publicações D. Quixote, Lisboa, 1988, pág. 209 a 227.

15. "A propaganda republicana anterior a 1910 insistira na necessidade urgente de resolver o problema cultural do país" — lembra Oliveira Marques, que defende não terem sido os governos monárquicos pós 1820, insensíveis a esta questão:

"Reformas da instrução, criação de escolas e outros meios de cultura haviam estado na ordem do dia de várias situações políticas, por vezes com excelentes resultados. A taxa de analfabetismo para maiores de sete anos baixara 5,3% nos últimos onze anos do regime (1900--1911), facto bem digno de consideração".

Só que tais resultados eram considerados exíguos por muita gente:

"Sempre preocupados em comparar o País com as mais progressivas e as mais ricas nações do globo, os Portugueses de então sentiam o seu atraso cultural ante uma França, uma Bélgica ou uma Suiça. Na verdade, em 1911, Portugal contava 75,1% de analfabetos (taxa total). Além disso, os governos monárquicos tinham-se indiscutivelmente ocupado mais de caminhos-de-ferro, de comércio ou de finanças, de que da educação. Davam prioridade ao desenvolvimento material, relegando para segundo plano o desenvolvimento espiritual do País.

O programa republicano consistia precisamente no contrário, facto que tem de ser sublinhado se quisermos apreciar com rigor e compreender as realizações da República Democrática. Estudos e discussões sobre cultura, instrução e pedagogia interessavam a um grande público e preocupavam a maioria da élite ".

Marques, A. H. de Oliveira. "História de Portugal", volume III, Palas Editores, Lisboa, 1986, pág. 343 ss.

16. Segundo José Tengarrinha, o jornal "Portugal", na companhia de "A Liberdade", ambos em Lisboa, e de "A Palavra", no Porto, haviam sido criados em 1908 pelas forças católicas, que assim acrescentavam à poderosa influência junto da monarquia órgãos de propaganda necessários para contrabater os jornais que professavam o ideal republicano. "Os jornais Portugal e A Liberdade mantinham entre si estreita aliança. Com efeito, A Liberdade publica o último número em 30 de Setembro de 1910 pela "necessidade urgente de remodelar a actual empresa" e anuncia que, durante a interrupção, "será enviado o Portugal em substituição provisória de A Liberdade, a todos aqueles que não sejam já assinantes de ambos os jornais". Tengarrinha, José. Obra citada, pág. 240.

17. O jornal "O Mundo" iniciara a sua publicação a 16 de Setembro de 1900. Depois da instauração da República e na sequência das dissidências dentro do Partido Republicano, dará voz à facção afecta a Afonso Costa e Bernardino Machado.

O periódico lisboeta fora um dos jornais que sofrera perseguições várias, por parte dos governos que não lhe perdoavam a corrosiva verve. Um entre muitos, que as perseguições à imprensa haviam sido o pão nosso de cada edição, nos últimos anos:

"Começaram, em 22 de Maio [1907], a funcionar os gabinetes negros, instituídos pela lei contra a imprensa. Em Lisboa, logo foram promovidas centenas de querelas. E as suspensões choverão. [...]

No dia 21 [de Junho] o governo publicou um decreto que proibia a circulação, exposição ou qualquer outra forma de publicidade dos escritos, desenhos ou impressos atentatórios da ordem pública. E nenhum periódico poderia publicar-se sem autorização prévia. Era extinguir a Imprensa! [...]

Foi suspensa A Beira, por dois meses. Via-se bem, sem dúvida, que o nó vital da situação era a liquidação dos adiantamentos. No mesmo dia O Mundo e O País foram suspensos por trinta dias.

A maioria dos jornais é executada por sucessivas suspensões, jesuítica fórmula de supressão. França Borges, que se refugiara em Espanha, começa a publicar, em Badajoz, no dia 26, o Espectro do Mundo. [...]

O Correio da Noite e o Popular, órgãos dos partidos rotativos, são suspensos a 20 de Novembro...[...]".

Lopes de Oliveira, citado por Marques, A. H. de Oliveira. Obra citada, pág. 45 ss.

18. Nos primeiros anos da sua existência, O Mundo teria apenas 3000 leitores, segundo João Chagas. Depois de 4 de Maio de 1906, porém, "trinta, quarenta, cinquenta mil passam a lê-lo e a disputá-lo". De um dia para o outro "todos os vendedores de jornais de Lisboa correram para a rua das Gáveas [onde ficava, então, a sede de O Mundo] e enchem-na de um lado ao outro", sendo preciso até "organizar um serviço de polícia". No editorial de O Mundo de 16 de Setembro de 1906, França Borges manifestava a sua satisfação por ver, "desde meses, mantida a sua tiragem no máximo que até hoje atingiu entre nós um jornal de opiniões políticas abertamente definidas". Tengarrinha, José. Obra citada, pág. 239.

19. A separação entre o Estado e a Igreja consubstanciar-se-á em forma de lei, a 20 de Abril de 1911. O texto legal declara livres todos os cultos, proibindo o ensino do cristianismo nas escolas, nacionalizando os bens da Igreja e supervisando as manifestações de culto. Apesar do seu toque de tolerância e imparcialidade frente a quaisquer crenças religiosas, a Lei de Separação tinha um cunho profundamente revolucionário. Isto, sobretudo, no que diz respeito à tentativa de entregar o culto aos cidadãos, corporativamente organizados. A Igreja Católica ficava, assim, numa posição de subserviência em relação ao povo católico como jamais havia estado. Como resposta a esta lei, o Vaticano corta relações diplomáticas com Portugal, o mesmo acontecendo com os prelados portugueses em relação ao regime. Vitorino, Francisco Manuel. Obra citada, pág. 266.

20. O livro surgia no mês em que a Junta Liberal conseguira congregar mais de cem mil pessoas numa manifestação. A Junta era uma organização paramaçónica de propaganda liberal, fundada em 1900 com o objectivo de combater o clericalismo. Tendo à sua frente homens como Miguel Bombarda, António Aurélio da Costa Ferreira, Egas Moniz, Cândido dos Reis, etc., desenvolveu intensa actividade na propagação dos ideais republicanos, liberais e progressistas.

O anticlecarismo era uma das pedras de toque do movimento republicano. Em Abril de 1908 realizara-se em Lisboa o I Congresso Nacional do Livre Pensamento, grupo não católico que, à semelhança da Maçonaria, Associação Propagadora do Registo Civil e da já referida Junta Liberal, congregava à sua volta os que viam na "reação clerical" um dos mais fortes sustentáculos do regime.

Vitorino, Francisco Manuel. Obra citada, pág. 259.

21. José Hermano Saraiva coloca o anticlericalismo ao lado do patriotismo, considerando-os os dois elementos de base da propaganda republicana. Só que, ao contrário do patriotismo, o anticlericalismo "não atraía adeptos, diminuía-os":

"Prejudicava a aceitação do movimento na província, e entre as mulheres, fossem elas da província ou da cidade. Mas também tinha de ser assim. Por um lado, era a herança do jacobinismo de 1820, por outro era uma consequência da atitude filosófica dos mentores do movimento. O principal representante do positivismo em Portugal, Teófilo Braga, foi o presidente do do primeiro Governo republicano. E o anticlericalismo é o positivismo militante; os apóstolos do estado positivo viam nos representantes do estado metafísico, isto é, no clero, adversários perigosos".

Saraiva, José Hermano. "História concisa de Portugal", Publicações Europa-América, 7ª edição, 1981, pág. 342.

22. A 22 de Dezembro, os progressistas voltam de novo ao governo, com ministério da presidência de Veiga Beirão. O rei partira em Novembro para Espanha, dizendo-se que tinha

ido tratar do próprio casamento. A crise declarou-se no dia do seu regresso, precisamente 22 de Dezembro.

23. "É de primeira importância a acção desenvolvida pelos jornais no capítulo da propaganda doutrinária da República. Ao lado dos comícios públicos, era a Imprensa a tribuna mais incisiva e de mais profundo efeito, preparando os espíritos para o movimento que eclodiria vitoriosamente em 5 de Outubro. As forças reaccionárias têm consciência desse facto, e por isso, em fins de 1909, os padres, nas suas pregações, fazem propaganda dos jornais jesuíticos — a que chamam boa imprensa — e chegam a ameaçar de excomunhão os leitores dos outros jornais, especialmente os dos malvados republicanos". Tengarrinha, José. Obra citada, pág. 240.

24. A Sociedade de Geografia de Lisboa, importante instituição científica fundada em 1875, era presidida pelo republicano Consiglieri Pedroso desde Julho de 1909. O movimento republicano, para além de politicamente forte, tendia a dominar as mais importantes instituições de cultura.

25. A 16 de Janeiro de 1910, era eleito chefe do partido regenerador o antigo ministro Teixeira de Sousa. Mas, no mesmo dia, Campos Henriques era também eleito chefe da facção conservadora do mesmo partido!

Peres, Damião. Obra citada, pág. 452.

26. A 30 de Abril encerrava, no Porto, o Congresso do Partido Republicano, dominado que fora pelo receio de que Inglaterra não aceitasse a implantação da República em Portugal. Foi aí eleita uma comissão para sondar as potências europeias sobre a questão. Vitorino, Francisco Manuel. Obra citada, pág. 260.

27. "A REVOLTA MILITAR DO PORTO do dia 31 de Janeiro de 1891 entrou na história do Partido Republicano Português como a sua mais importante ousadia antes do 5 de Outubro de 1910. No seu manifesto, os exilados da revolta observaram muito orgulhosamente que tinha sido a primeira vez desde 1640 que houvera em Portugal uma revolta em nome do "simples direito natural e da mera soberania da nação" (Chagas e Coelho, História, p.413). Era verdade. Mas isto contribuiu para desvirtuar completamente o que se passou no Porto. A revolta foi, de facto, feita por gente que proclamou a República e mesmo por alguns republicanos. Mas não serviu o partido nem foi organizada por ele. Não foi, por outro lado, o início de nenhum processo revolucionário que fizesse dos anos entre 1891 e 1910 a fatal antecâmara da República". Ramos, Rui. Obra citada, pág. 187.

28. O regenerador António Teixeira de Sousa substituiu o progressista Veiga Beirão, que governara durante seis meses e alguns dias. Teixeira de Sousa ocupará a presidência do ministério até à implantação da República.

"A dissolução das câmaras foi concedida ao governo de Teixeira de Sousa. Nem outra coisa podia suceder. El-Rei tinha experimentado já cinco ministérios, o último nitidamente progressista, mas que se tornou inviável em virtude da rude campanha desenvolvida contra o Conselheiro José Luciano a propósito dos incidentes ocorridos no Crédito Predial, onde tinha tido uma intervenção digna de louvor, que mais tarde lhe foi tributado. Mas naquele momento, envenenado pelos seus rancorosos inimigos políticos, muitos correligionários do eminente estadista, interessados naquele Banco, repudiavam a sua chefia. Os quatro ministérios anteriores tinham sido organizados sob os auspícios do Conselheiro José Luciano a quem el-rei testemunhou excepcional deferência.

Mas estas considerações não foram atendidas, e uma vez constituído o ministério, legítimo representante do grande Partido Regenerador, imediatamente desabou sobre o país um violentíssimo temporal com a colaboração de todos os outros partidos, inclusivamente o franquista e nacionalista, que foram para as eleições com uma energia extraordinária, como se se tratasse de salvar o país de uma invasão de bárbaros". F. M. Costa Lobo, citado por Marques, A. H. de Oliveira. Obra citada, pág. 48.

29. O "Comercio da Louzã" passaria a "Jornal Républicano Democratico" a 19 de Abril de 1912, três anos e alguns dias volvidos sobre a edição inaugural. Cumpria-se então a edição 102, e a dupla consoante "m" havia já sido eliminada do nome.

Em nota de redacção bastante enxuta, o jornal justificava a mudança de atitude para assim se colocar ao lado do "unico senador democratico eleito por esta vila, dr. Pires de Carvalho":

"Justa homenagem — Ao tomar, este jornal, a orientação definitiva que deve guiar de futuro as suas colunas, não póde deixar de prestar, por este meio, homenagem ao unico senador democratico eleito por esta vila, dr. Pires de Carvalho.

Já por vêses aqui temos feito a justiça que lhe é devida, elogiando, sem favor, a atitude do defensor dos interesses louzanenses.

Por isso, não querendo repetir o que já antes dissémos, podemos afirmar que o Comercio da Louzã ao prestar homenagem, ainda que mesquinha mas sincera, ao distinto percursor dos ideais republicanos democraticos, se coloca inteiramente ao seu lado, pronto a entrar na brecha para defender, em tudo quanto fôr digno, principios creados pelo Povo, os unicos em que o Povo tem interferencia... os principios democraticos".

A fotografia do deputado ocupava quase metade da primeira página, que ainda reproduzia duas outras fotos, em tamanho bastante mais reduzido, de outros dois colaboradores e amigos do jornal.

Uma coluna era dedicada à passagem do terceiro aniversário do periódico, com duas notas de realce: a primeira, ao assumir-se que o jornal havia sido criado "para demonstrar que o seu proprietario possue na Louzã uma tipografia, capaz de satisfazer qualquer modesto trabalho, apezar de não o querem ver assim na Louzã algumas pessoas a quem o seu ... patriotismo leva a fornecerem-se noutros estabelecimentos (...)"; na segunda, destaque para a denúncia de perseguições dos franquistas ao periódico:

"Não o compreendeu assim a seita franquista, que desde o seu primeiro numero, não tem havido chufas e intrigas (na sombra), que não tenham movido contra o Comercio da Louzã e o seu proprietario, chegando a prejudical-o materialmente".

30. "As votações eram sempre a um domingo, numa igreja. Havia uma assembleia eleitoral para um mínimo de 1000 fogos e duas para mais de 2500. As assembleias abriam às 9 horas em todo o país e encerravam ao pôr do Sol. [...] Votar era pôr o fato de domingo e ir em romaria com todos os vizinhos até à igreja, onde estava a mesa eleitoral. [...]

Embora o voto fosse secreto, a participação não era. O Estado não fornecia boletins de voto. Cada candidato dava uma lista onde estava escrito o seu nome (e o dos outros candidatos do seu partido, caso o círculo elegesse mais de um deputado) àqueles que sabia irem votar nele e esperava que no dia da eleição o seu eleitor lhe aparecesse com a lista dobrada para deitar na urna. As listas tinham de ser em papel branco, sem marcas por fora, mas eram facilmente distinguíveis. Toda a gente sabia em quem cada um votava". Ramos, Rui. Obra citada, pág. 120.

31. Rui Ramos nota exagero nas crónicas da imprensa republicana:

"Quem hoje ler os pasquins republicanos ficará convencido de que as eleições em Portugal eram o reino da fraude, que os membros das mesas eleitorais já traziam no chapéu os votos que haviam de pôr na urna, que os cidadãos que não quisessem votar pelos maiorais da aldeia eram espancados e assassinados a torto e a direito e que só nos bairros de Lisboa onde os lojistas e farmacêuticos do Partido Republicano levavam os eleitores a deitar nas urnas a lista do partido havia honestidade e grande consciência política. Tudo isto é mais ou menos mitológico...[...]" — Ramos, Rui. Obra citada, pág. 121

32. "Chegadas as eleições, as pessoas importantes, o fidalgo, o administrador do concelho, o maior proprietário, o padre, o farmacêutico, saíam de casa e andavam pelas terras cortejando os eleitores, lembrando aos parentes, amigos, rendeiros e em geral a toda a gente que lhes devia alguma coisa em quem deviam votar. Era o que entre eles, sem sombra de pecado, chamavam 'galopinar'. [...]

A política não era um negócio de comícios, cartazes e anúncios. Era o cara-a-cara. O influente conhecia todos os seus eleitores e pastoreava-os ciosamente. Depois de anos de política, toda a gente sabia nas mãos de quem estavam os votos de certa aldeia. Dizia-se que fulano de tal valia 200 votos e aqueloutro 300". Ramos, Rui. Obra citada, pág. 119

33. Nas eleições para o parlamento, realizadas a 28 de Agosto, o Partido Republicano conseguira eleger 14 deputados, contra 89 governamentais e 41 "bloquistas".

34. "Nas eleições de 28 de Agosto a representação republicana duplicou. Em Lisboa, com a Câmara Municipal e juntas de freguesia republicanas, o partido republicano conquistara as maiorias nas listas de deputados.

O governo alcançara maioria pouco definida. O bloco de progressistas, nacionalistas, franquistas e regeneradores de Campos Henriques e Júlio de Vilhena fizera-lhe uma guerra cerrada. Para conquistar a aura popular, começava a remar ainda mais nitidamente para a esquerda, num inquérito rigoroso às congregações religiosas do país.

Mas tudo anunciava que, no parlamento a abrir no fim do ano, a sua vida ia ser difícil e certamente efémera.

A perspectiva duma situação das direitas e duma acção enérgica de defesa das instituições monárquicas, fez apressar a revolução. Os conspiradores impacientavam-se".

Peres, Damião. Obra citada, pág. 452

35. O número 63 só sairia um mês depois, a 14 de Novembro, assim se justificando a demorada ausência:

"Não se tem este semanario publicado ha 5 semanas, quando o assumpto mais tem abundado por todo o paiz, depois da jornada de 4 para 5 d'outubro; não foi portanto a falta de assumpto nem a nossa má vontade que occasionou tal interrupção, mas sim a falta duma machina onde está sendo impresso agora, que deviamos receber no fim de setembro, vinda da Allemanha, e que pelo facto da revolução esteve detida 15 dias naquelle paiz sendo só agora recebida".

BIBLIOGRAFIA

MARQUES, A. H. de Oliveira.
"História de Portugal", volume III, Palas Editores, Lisboa, 1986.

PERES, Damião.
"História de Portugal", volume VII, Portucalense Editora, Barcelos, 1935.

PIRES, Daniel.
"Raul Proença. Polémicas", Publicações D. Quixote, Lisboa, 1988.

RAMOS, Rui.
"História de Portugal", sexto volume, direcção de José Mattoso, Círculo de Leitores, 1994.

SARAIVA, José Hermano.
"História concisa de Portugal", Publicações Europa-América, 7ª edição, 1981.

TENGARRINHA, José.
"História da Imprensa Periódica Portuguesa", Editorial Caminho, 1989.

VITORINO, Francisco Manuel.
"História de Portugal em Datas", vários autores, Círculo de Leitores, 1994.

PROJECTO "LOUSÃ EM DATAS"

O Projecto "Lousã em Datas" é uma iniciativa da **Escola Profissional da Lousã**, através da qual se pretende dar a conhecer aos habitantes do concelho e ao público em geral factos da vida passada deste concelho, utilizando como material de pesquisa fundamental a imprensa aqui publicada desde os finais do século passado.

Ao assumir a responsabilidade do desenvolvimento desta iniciativa, pretendeu a **Escola Profissional da Lousã** contribuir para a recolha, sistematização e divulgação de materiais que ajudem a preservar a memória de um povo, o povo da Lousã, nos seus sucessos, nas suas desfeitas, nas efemérides gloriosas que todos assinalam, mas também no dia a dia de costumes, crenças e práticas que geralmente escapam à focalização dos investigadores.

O livro que agora se edita inaugura uma série de publicações e iniciativas que a EPL vai organizar ao longo do tempo, dando assim corpo a um projecto que julgamos de inestimável valia para a comunidade lousanense, servindo ainda de divulgação deste concelho no todo nacional.

O "**Commercio da Louzã**" começou a publicar-se a 4 de Abril de 1909, ano e meio antes da proclamação da República. Ao lançar o seu programa aos mares da crítica, anunciava-se arredio de partidários e partidos — "*um jornal sem política*", como antevia o colaborador "João Ninguém".

Mas a política foi tema que sempre esteve presente no periódico lousanense, neste longo prólogo da República que acompanhou. No seu programa, o t'arrenego à política talvez quisesse significar ausência de comprometimento declarado a um determinado partido. Mas os textos desmentem que o jornal evitasse o empenhamento político, no caso em defesa do ideal republicano.

Não se renegava a política, mas a "*má política*"; não se assumia oficialmente como republicano, apesar das confessadas "*ideias republicanas dos seus directores*".

O "**Commercio da Louzã**" fez cruzada pela chegada breve da "**LUZ**", que aqui significava o advento da República, por troca com um regime decrépito, que levara Portugal à condição de um "*leão moribundo*".

Páginas desfraldadas a favor da instrução popular, da aprendizagem da leitura a desaguar no leito sofrido dos pobres a quem os herdeiros da sorte e da fortuna desprezavam; páginas impressas com o vigor de quem clamava contra as injustiças do caciquismo local, do clero reaccionário e dos "*camaristas*" lousanenses que só tratavam de si.

Pela instrução popular, significava tomar partido contra um trono que assentava "*sobre um pedestal chamado Ignorância*", contra uma "*monarquia nova*" que esclerosava de velhos problemas.

Contra o clero conservador, porque sustentáculo de um trono agora com face de um "*jeune roi*" pelo jornal considerado incompetente, entre outros variados epítetos.

Contra a Rotina, a Intolerância e a Escravidão, porque o contraponto dava pelo nome de Liberdade, Razão e Justiça.

Querendo apurar dominâncias ideológicas pelo texto dos sessenta e poucos números cumpridos até ao dealbar da República, diremos que o "**Commercio da Louzã**" se fez no berço do ideário socialista.

O livro que a **Escola Profissional da Lousã** agora dá à estampa, pretende-se homenagem aos jornalistas que fizeram o "**Commercio da Louzã**", e nomeadamente ao seu proprietário e director **Júlio Ribeiro dos Santos.**

Homenagem que quisémos de conteúdo útil, trazendo ao final do século páginas memoráveis de uma publicação do concelho da Lousã, quando o século mal despira as fraldas. Vale também como documento — pela reprodução de alguns dos textos publicados naquele periódico; como registo que interessa carregar até ao presente, como convite ao conhecimento por parte das gerações mais jovens, de uma experiência de jornalismo assaz diferente da que se vive hodiernamente.

Valerá ainda como convite à leitura dos jornais de antanho, fascinantes mananciais de relatos e registos narrativos de um jornalismo que assumia uma causa. A República aqui também como pretexto para uma evocação, porque nunca será demais exortarmos o sagrado valor da Liberdade, tão bem definida nas páginas do "**Commercio da Louzã**" como "**a noiva eterna das almas juvenis, o ideal sublime por que combatem todos**".